



As Mentiras
de LOCKE
LAMORA

SCOTT LYNCH

As Mentiras
de LOCKE
LAMORA



O ARQUEIRO


GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



As Mentiras
de LOCKE
LAMORA

NOBRES
1
VIGARISTAS

SCOTT LYNCH



Título original: *The Lies of Locke Lamora*
Copyright © 2006 por Scott Lynch
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Gollancz, Londres.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Carolina Rodrigues e Hermínia Totti
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa e imagem de capa: © Benjamin Carré / Bragelonne 2007
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Lynch, Scott

As mentiras de Locke Lamora [recurso eletrônico]: uma aventura dos Nobres Vigaristas / Scott Lynch [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

recurso digital

L996m Tradução de: The lies of Locke Lamora
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-250-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

13-
08165

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Você encontra este e demais e-books na Livrarialivros.com

*Para Jenny, este mundinho abençoado
Pelas suas espiadelas por cima do meu ombro
enquanto ele ia tomando forma...
Com amor, sempre.*

PRÓLOGO

O menino que roubava demais

1

NO AUGE DO LONGO E úmido verão do Septuagésimo Sétimo Ano de Sendovani, o Aliciador de Camorr fez uma visita inesperada ao Sacerdote Cego no Templo de Perelandro, numa ávida tentativa de lhe vender o jovem Lamora.

– Tenho um negócio a lhe propor! – começou o Aliciador, talvez não da forma mais adequada.

– Outro negócio feito Calo e Galdo, talvez? – retrucou o Sacerdote Cego. – Estou tendo o maior trabalho para fazer aqueles idiotas que vivem rindo à toa desaprender todos os maus hábitos que pegaram de você e substituí-los pelos maus hábitos que eu necessito.

– Ah, Correntes, pare com isso. Quando fizemos o acordo, eu avisei que eles eram uns macaquinhos que viviam atirando cocô e, na época, você ficou bastante satis...

– Ou quem sabe outro negócio feito Sabeta? – O tom mais enérgico e grave do sacerdote levou o Aliciador a engolir na hora a objeção. – Com certeza você lembra ter me cobrado por ela os olhos da cara. Eu deveria ter lhe pagado em cobre para vê-lo romper um ligamento tentando carregar todo o peso.

– Aaahhh, mas Sabeta era especial e este menino aqui também é. Ele é tudo que você me pediu para procurar depois de lhe vender Calo e Galdo. Tudo que tanto apreciou em Sabeta! Ele é aqui de Camorr, mas é um vira-lata. Tem sangue terim e vadrã também. A ladroagem corre nas veias dele do mesmo jeito que o mar está cheio de mijo de peixe. E ele pode ser seu a um preço camarada.

O Sacerdote Cego passou um bom tempo refletindo sobre essas palavras.

– Com todo o respeito, a experiência me diz que a melhor reação para qualquer generosidade da sua parte seria pegar uma arma e não ficar de costas para você.

O Aliciador tentou transmitir honestidade, mas não foi muito convincente. Deu de ombros com uma casualidade fingida.

– O menino tem alguns, ahn, problemas, admito. Mas estão ligados unicamente às condições atuais. Se estivesse sob os seus cuidados, tenho certeza de que eles iriam, ahn... desaparecer.

– Ah, quer dizer que o seu menino é *mágico*. Por que não me disse antes? – O sacerdote coçou a testa por baixo da venda de seda branca que lhe cobria os olhos. – *Estupendo*. Vou plantá-lo na porra do chão e fazer crescer uma trepadeira até uma terra encantada acima das nuvens.

– Ahhh! Ha, ha, ha, Correntes, não é a primeira vez que ouço esse tipo de sarcasmo da sua boca. – O Aliciador fez uma medida com certa dificuldade. – Por que não diz logo que está interessado?

O Sacerdote Cego cuspiu.

– Suponhamos que fosse bom Calo, Galdo e Sabeta terem um novo companheiro de brincadeiras ou, pelo menos, um saco de pancadas. *Suponhamos* que eu esteja disposto a gastar mais ou menos 3 cobres e uma jarra de mijo por um menino misterioso que eu não solicitei. Qual é o problema com ele?

– Se eu não conseguir vendê-lo para você, serei obrigado a cortar a garganta dele e jogá-lo na baía
– respondeu o Aliciador. – E terei que fazer isso *hoje à noite*.

2

NA NOITE EM QUE O menino Lamora foi morar sob os cuidados do Aliciador, o velho cemitério no Morro das Sombras estava cheio de crianças em postura de silenciosa atenção esperando seus novos irmãos e irmãs serem conduzidos para dentro dos mausoléus.

Todos os pupilos do Aliciador seguravam velas; a luz fria e azul brilhava por trás das cortinas prateadas da bruma do rio, lembrando postes de rua reluzindo através de uma janela suja de fuligem. Essa fila de luz fantasmagórica foi descendo a encosta do morro, passou pelas lápides de pedra e pelos caminhos cerimoniais até chegar à larga ponte de vidro que cruzava o canal de Fumaça de Carvão, quase oculta pela névoa que subia dos ossos molhados de Camorr nas noites de verão.

– Venham, meus amores, minhas joias novas em folha, não percam o ritmo – sussurrava o Aliciador enquanto empurrava de leve os últimos dos cerca de trinta órfãos do Pegafogo pela ponte sobre o canal. – Estas luzes são só seus amigos que vieram guiar seu caminho até o alto do meu morro. Agora andem, meus tesouros. Estamos desperdiçando a escuridão e temos muito o que conversar.

Em raros momentos de enfatuada reflexão, o Aliciador se considerava um artista. Um escultor, para ser mais exato: o barro era os órfãos; o ateliê, o velho cemitério do Morro das Sombras.

Oitenta e oito mil pessoas produziam um volume constante de lixo, o que incluía um fluxo contínuo de crianças perdidas, inúteis e abandonadas. Os mercadores de escravos pegavam algumas delas e as transportavam para Tal Verarr ou Jerem. Teoricamente, a escravidão era proibida em Camorr, mas acabava sendo ignorada caso não houvesse sobrado ninguém para se responsabilizar pela vítima.

Assim, os mercadores ficavam com algumas crianças e a simples estupidez levava outras tantas. A fome e as moléstias por ela acarretadas também eram destinos corriqueiros daqueles desprovidos de coragem ou habilidade para ganhar a vida na cidade à sua volta. Já as que tinham coragem, mas não habilidade, muitas vezes eram enforcadas na Ponte Negra, em frente ao Palácio da Paciência. Os juízes do Duque davam cabo dos pequenos ladrões com a mesma corda usada para os grandes, embora tomassem o cuidado de jogar os menores da ponte com pesos amarrados aos tornozelos para ajudá-los a se enforcar direito.

Os órfãos que sobravam depois de se arriscar em todas essas variadas possibilidades eram

arrebanhados pelo grupo do Aliciador, atraídos um de cada vez ou em pequenos bandos por sua voz reconfortante e pela chance de uma refeição quente. Não demoravam a descobrir que tipo de vida os aguardava sob o cemitério que era o coração do seu reino, onde quase 150 crianças abandonadas prestavam obediência a um único velho corcunda.

– Rapidinho, meus lindos, meus novos filhos. Sigam as luzes e subam até o topo. Já estamos quase em casa, quase na hora de comer. Longe da chuva, da névoa e do calor sufocante.

Epidemias de peste eram oportunidades ímpares para o Aliciador, e os órfãos do Pegafogo haviam conseguido escapar do seu tipo favorito: o Sussurro Negro. A moléstia se abatera sobre o bairro do Pegafogo, vinda não se sabia de onde, e a quarentena entrara em vigor – morte por flechada para quem tentasse atravessar um canal ou fugir de barco – a tempo de salvar o resto da cidade de qualquer outro incômodo que não a preocupação e a paranoia. Aquela praga significava uma morte horrível para qualquer um com mais de 11 anos, até onde os galenos podiam compreender, pois ela nem sempre grassava segundo regras muito estritas. Os mais novos apenas ficavam alguns dias com olhos inchados e bochechas vermelhas.

No quinto dia da quarentena, os gritos e tentativas de cruzar o canal cessaram, poupando o Pegafogo do destino que lhe valera o apelido e tantas vezes já o acometera no passado em anos de pestilência. No décimo primeiro dia, a quarentena foi suspensa e os capangas do Duque entraram no bairro para avaliar os estragos: talvez cinquenta das quatrocentas crianças que antes moravam ali sobreviveram. Já reunidas em bandos para se proteger, também haviam aprendido a lidar com algumas das cruéis exigências da vida sem adultos.

O Aliciador estava à sua espera quando elas foram reunidas e conduzidas para longe do sinistro silêncio de seu antigo bairro.

Pagou um bom preço em prata pelas trinta melhores e pelo silêncio dos capangas e guardas que lhe entregaram as crianças. Então as conduziu, tontas, com o rosto encovado e um cheiro insuportável, para dentro da escuridão e da névoa da noite camorri, em direção ao velho cemitério do Morro das Sombras.

O jovem Lamora era o mais novo e o menor de todos: tinha 5 ou 6 anos e não passava de um monte de ossos pontudos sob uma pele coberta de sujeira e concavidades. O Aliciador não o escolhera; o menino simplesmente seguira os outros como se fizesse parte do grupo. O homem percebeu, é claro, mas tivera o tipo de vida no qual até mesmo um único órfão livre da peste era uma sorte a não ser ignorada.

Era o verão do Septuagésimo Sétimo Ano de Gandolo, Pai das Oportunidades, Senhor das Moedas e do Comércio. O Aliciador percorreu a noite enevoada conduzindo seu rebanho de crianças maltrapilhas.

Dali a apenas dois anos, estaria praticamente implorando ao Sacerdote Cego que o livrasse do jovem Lamora e afiando suas facas para caso o sacerdote o recusasse.

3

O SACERDOTE CEGO COFIOU os pelos grisalhos que lhe cobriam o pescoço.

– Está falando sério?

– Seríssimo. – O Aliciador meteu a mão na frente de um gibão para lá de puído e sacou uma bolsinha de couro fechada por um fino cordão do mesmo material, tingida com o mesmo tom vermelho-ferrugem de sangue seco. – Já falei com o chefe e pedi permissão. Vou cortar a garganta do menino de orelha a orelha e despachá-lo para aulas de odontologia.

– Pelo amor dos deuses. Então é história triste, no final das contas. – Os dedos com os quais ele cutucou o peito do Aliciador foram bem rápidos e certos para um Sacerdote Cego. – Pode ir procurar outro imbecil para aprisionar com os grilhões da sua consciência.

– Correntes, eu não estou nem aí para a consciência. Estou falando de avareza, tanto a sua quanto a minha. Não posso ficar com o menino e estou lhe oferecendo uma oportunidade única, uma verdadeira pechincha.

– Se o menino é indisciplinado demais, não pode fazê-lo se comportar melhor com uns sopapos e deixá-lo chegar a uma idade suficiente para ser vendido?

– Fora de cogitação, Correntes. Minhas alternativas são limitadas. Não vou dar uns tapas nesse garoto porque não posso deixar nenhum dos outros merdinhas saber o que ele, ahn... o que ele fez. Se algum deles tiver a mais leve inclinação para agir como ele agiu... Que os deuses me protejam! Eu nunca mais conseguiria controlá-los. Das duas, uma: ou eu o mato depressa ou o vendo mais depressa ainda. Lucro zero versus uma soma irrisória. Adivinhe o que eu preferiria?

– O menino fez alguma coisa que você não pode nem mencionar na frente dos outros? – Correntes massageou a testa e deu um suspiro. – Cacete! Deve ser algo interessante.

4

SEGUNDO UM ANTIGO DITADO CAMORRI, a única constância da alma humana é sua inconstância; toda e qualquer coisa pode sair de moda, mesmo algo tão utilitário quanto um morro recheado de cadáveres.

O Morro das Sombras foi o primeiro cemitério de qualidade da história de Camorr, idealmente situado de modo a manter os ossos dos finados ricos acima do alcance das águas salgadas do Mar de Ferro. Com o tempo, entretanto, o equilíbrio de poder se modificou nas famílias dos escultores de tumbas, embalsamadores de cadáveres e carregadores de caixão profissionais. Um número cada vez menor dos profissionais de ponta se interessava pelo Morro das Sombras, pois o Morro dos Sussurros ali perto tinha espaço para monumentos maiores e mais exuberantes, com suas comissões proporcionalmente mais polpudas. Guerras, pestes e intrigas fizeram com que o número de famílias vivas com jazigos a conservar no Morro das Sombras fosse caindo a um ritmo regular ao longo das décadas. Por fim, os únicos visitantes que sobraram foram os sacerdotes e sacerdotisas de Aza Guilla, que dormem em túmulos durante sua fase de aprendiz, e os órfãos sem-teto que buscavam proteção em meio à poeira e à escuridão das malconservadas criptas.

O Aliciador – que ainda não era conhecido dessa forma – tivera que dividir uma dessas criptas na pior época de sua vida, quando não passava de uma miserável excentricidade: um batedor de carteiras com nove dedos quebrados.

No início, sua relação com os órfãos do Morro das Sombras era um misto de intimidação e súplica; a necessidade residual de uma figura de autoridade os impedia de matá-lo enquanto dormia. Ele, por sua vez, começou, a contragosto, a lhes explicar alguns dos truques de seu ofício.

À medida que seus dedos melhoravam, mantendo ainda a aparência de gravetos retorcidos, o Aliciador começou a transmitir cada vez mais o seu perverso conhecimento às crianças sujas que se esquivavam com ele da chuva e dos guardas da cidade. Seu contingente cresceu, logo também a renda, e eles começaram a abrir mais espaço nas frias câmaras de pedra do velho cemitério.

Com o tempo, o punhuista de ossos frágeis se transformou no Aliciador, e o Morro das Sombras, no seu reino.

O jovem Lamora e os outros órfãos do Pegafogo adentraram esse reino cerca de vinte anos depois de sua fundação; o que viram nessa noite foi um cemitério tão raso quanto a terra amontoada por cima dos velhos túmulos. Uma imensa rede de túneis e galerias fora escavada entre as principais criptas, com paredes de terra socada sustentadas por escoras que pareciam as costelas de dragões de madeira havia muito já mortos. Os ocupantes anteriores tinham sido todos discretamente exumados e jogados na baía. O Morro das Sombras era agora um formigueiro de ladrões órfãos.

Os garotos do Pegafogo desceram pela boca negra do mais alto mausoléu e passaram por um túnel iluminado pelo fogo bruxuleante e prateado de frios globos alquímicos, com filamentos de bruma a se enroscar em seus tornozelos. Os órfãos do Morro das Sombras os observavam de cada nicho e toca com um olhar impassível, porém curioso. O ar viscoso do túnel estava saturado com um cheiro de terra escura e corpos mal-lavados, que os órfãos do Pegafogo logo intensificaram apenas por se encontrarem ali.

– Entrem! Entrem! – exclamava o Aliciador, esfregando as mãos. – Minha casa é sua, sejam bem-vindos! Nós aqui temos todos uma coisa em comum: ausência de mães e pais. É uma pena, mas vocês agora vão ter tantos irmãos quanto precisarem, e terra seca acima de suas cabeças! Um lar... uma família.

Uma fila de órfãos do Morro das Sombras desceu o túnel em seu encalço, soprando as velas azuis espectrais conforme avançavam até que apenas a luz prateada emitida pelas esferas nas paredes continuava a iluminar o caminho.

No centro do reino do Aliciador, havia um recinto quente e espaçoso, com chão de terra batida, um pé-direito equivalente a mais ou menos duas vezes a altura de um homem alto e trinta metros de largura e comprimento. Uma solitária cadeira de espaldar comprido feita de madeira-bruxa negra encerada ficava apoiada na parede dos fundos, onde se sentou o Aliciador com um suspiro satisfeito.

Dezenas de cobertores surrados dispostos pelo chão estavam repletos de comida: tigelas de frangos ossudos marinados em vinho de amêndoas vagabundo; macios rabos de cação envoltos em toucinho e embebidos em vinagre; pão preto aromatizado com gordura de linguiça. Havia também ervilhas e lentilhas temperadas com sal, além de tigelas de tomates e peras um pouco passados. Comida pobre, mas em quantidade e variedade que a maioria dos órfãos do Pegafogo jamais tinha visto. Eles avançaram de imediato, de maneira descoordenada, e o Aliciador sorriu, compreensivo.

– Não sou burro a ponto de me intrometer entre vocês e uma refeição decente, meus queridos.

Então comam até se saciar. Comam mais, até. Compensem o tempo perdido. Conversaremos depois.

Enquanto os órfãos do Pegafogo se empanturravam, os do Morro das Sombras os rodearam e puseram-se a observar em silêncio. O espaço logo ficou lotado e o ar, ainda mais rançoso. O banquete prosseguiu até não restar praticamente nada; os sobreviventes do Sussurro Negro lamberam dos dedos os últimos vestígios de vinagre e gordura, depois olharam desconfiados para o Aliciador e seus discípulos. Como quem aproveita uma deixa, o Aliciador ergueu três dedos tortos.

– Aos negócios! Três coisas importantes. Em primeiro lugar, vocês estão aqui porque eu *paguei* por vocês. Paguei mais ainda para ter acesso a vocês antes de *qualquer outra pessoa*. Posso garantir que todos os seus amiguinhos que eu não comprei acabaram nas mãos de mercadores de escravos. Órfãos não servem para mais nada. Não há lugar para abrigar vocês nem ninguém para acolhê-los. A guarda, meus queridos, vende crianças como vocês para comprar vinho. Os sargentos se esquecem de mencioná-los nos relatórios e os capitães dos turnos com certeza estão pouco se lixando. Além disso, agora que a quarentena do Pegafogo acabou, todos os mercadores de escravos e aspirantes de Camorr vão ficar muito animados e alertas. Vocês estão livres para se levantar e ir embora deste morro a qualquer momento que quiserem... com a minha garantia de que em breve estarão chupando paus ou acorrentados a um remo pelo resto da vida. Isso me leva ao segundo ponto importante: todos os meus amigos que estão vendo à sua volta... – ele indicou com um gesto os órfãos do Morro das Sombras enfileirados contra a parede – podem ir embora quando quiserem, e principalmente ir aonde quiserem, porque estão sob a minha proteção. Eu sei – acrescentou, com uma expressão solene – que, sozinho, não sou um indivíduo formidável. Mas tenho amigos poderosos, meus queridos. O que ofereço é segurança, graças a eles. Se um mercador de escravos, por exemplo, ousar encostar um dedo em um dos meus meninos do Morro das Sombras, bem, as consequências seriam imediatas e gratificantes de tão, ahn, *implacáveis*.

Como nenhum dos recém-chegados se mostrou adequadamente entusiasmado, o Aliciador pigarreou.

– Eu mandaria matar os putos. Entenderam?

Eles tinham entendido.

– Isso nos conduz ao terceiro ponto que interessa: todos vocês. Esta pequena família está sempre precisando de novos irmãos e talvez vocês se considerem convidados, até incentivados a, digamos... aceitar nos proporcionar o prazer de sua companhia íntima e permanente. Façam deste morro a sua casa, de mim o seu mestre, e destes preciosos meninos e meninas seus irmãos de confiança. Serão alimentados, abrigados e protegidos. Ou podem ir embora agora mesmo e acabar virando alvo de um puteiro de Jerem. Algum candidato?

Nenhum dos novatos se pronunciou.

– Eu sabia que podia contar com vocês, minhas queridas joias do Pegafogo. – O Aliciador abriu os braços e sorriu, revelando uma meia-lua de dentes marrons feito água de pântano. – Mas é claro que deve haver responsabilidades. Um toma lá dá cá, uma troca justa. A comida não brota do meu cu. Penicos não se esvaziam sozinhos. Entendem o que estou dizendo?

Cerca de metade dos órfãos do Pegafogo fez um aceno hesitante de cabeça, assentindo.

– As regras são simples! Vocês vão aprender todas elas no devido tempo. Por enquanto, é o seguinte: quem comer, trabalha; quem trabalhar, come. O que nos conduz ao quarto... Ah, puxa vida.

Crianças, crianças, façam a um velho desatento o favor de imaginar que ele ergueu quatro dedos. Bem, nós temos as nossas tarefas aqui no morro, mas também em outros lugares. Outros trabalhos... delicados, incomuns. Divertidos e interessantes. Por toda a cidade, durante o dia ou à noite. Eles vão exigir coragem, destreza e, ahn, discrição. Nós gostaríamos *muito* de contar com a ajuda de vocês nessas... tarefas especiais.

Ele apontou para o único menino pelo qual não havia pagado, o pequeno que se juntara aos outros e agora o fitava com um olhar duro e emburrado, a boca ainda lambuzada de polpa de tomate.

– Você aí, menino extra, trigésimo primeiro de trinta. O que me diz? É do tipo que sabe se mostrar útil? Está disposto a ajudar seus novos irmãos em seu interessante trabalho?

O menino pensou por alguns segundos.

– O senhor está dizendo que quer que nós roubemos coisas – respondeu, com uma vozinha aguda.

O velho passou um longo tempo encarando o garoto enquanto alguns órfãos do Morro das Sombras cobriam a boca, disfarçando risos.

– Sim – concordou o Aliciador, aquiescendo lentamente. – Talvez seja isso mesmo que eu tenha querido dizer, embora você tenha uma visão muito *dura* de certa demonstração de iniciativa pessoal que preferimos definir em termos mais rebuscados e vagos. Não que eu espere que essa definição signifique alguma coisa para você. Como se chama, menino?

– Lamora.

– Seus pais deviam ser dois sovinas para não lhe dar um nome. De que mais eles o chamavam?

O menino pareceu refletir bastante.

– Meu nome é Locke. Igual ao meu pai.

– Muito bem. Um nome que desliza fácil pela língua. Então, Locke-Igual-ao-Seu-Pai-Lamora, venha até aqui dar uma palavrinha comigo. Os outros podem ir. Seus irmãos vão lhe mostrar onde passarão a noite. E também onde despejar isto e onde colocar aquilo... As tarefas, se é que me entendem. Por enquanto, basta arrumar este recinto aqui, mas vocês terão outros serviços nos próximos dias. Prometo que tudo fará sentido quando descobrirem como eu sou chamado pelo mundo além deste nosso pequeno morro.

Locke se aproximou até se postar junto ao Aliciador sentado em seu trono de espaldar alto. O grupo de recém-chegados se levantou e ficou à espera, até que órfãos maiores e mais velhos começassem a pegá-los pelo cangote e dar instruções simples. Em pouco tempo, Locke e o mestre do Morro das Sombras ficaram a sós.

– Meu menino, estou acostumado a vencer certa reticência de meus novos filhos logo que eles chegam ao Morro das Sombras. Você sabe o que é *reticência*?

Locke fez que não com a cabeça, sua franja castanho-clara sebosa grudada acima do rosto redondo. O Aliciador passou delicadamente uma das mangas do casaco azul puído nas manchas de tomate ao redor da boca do menino, que haviam secado e ficado mais visíveis. Locke nem se mexeu.

– Reticência significa que eles aprenderam que roubar é uma coisa ruim, logo eu preciso me esforçar para superar isso até se acostumarem com a ideia, entende? Bem, você não parece sofrer desse tipo de problema, assim nós dois podemos nos dar bem. Já roubou antes, certo?

O menino assentiu.

– Mesmo antes da peste?

Nova aquiescência.

– Bem que eu achei. Meu querido, querido menino... você não, ahn, perdeu seus pais na peste, correto?

O menino olhou para os próprios pés e mal balançou a cabeça.

– Então já faz algum tempo que vem se virando sozinho. Veja bem, isso não é motivo para vergonha. Talvez eu até consiga um lugar de respeito para você aqui se puder ao menos arrumar um jeito de testá-lo...

A resposta de Locke foi levar a mão até debaixo dos farrapos que vestia e estender um objeto para o Aliciador. Duas bolsinhas de couro caíram na palma aberta do velho – vagabundas, endurecidas e manchadas, fechadas por cordões puídos.

– Onde arrumou isto?

– Com os guardas – sussurrou Locke. – Alguns guardas nos pegaram e nos carregaram.

O Aliciador recuou subitamente, como se uma víbora houvesse acabado de lhe picar a mão, e olhou para as bolsinhas com um ar incrédulo.

– Você roubou isto aqui da porra da guarda cidadina? Dos casacas-amarelas?

Locke anuiu, mais animado.

– Eles nos pegaram e nos *carregaram*.

– Que os deuses nos acudam – sussurrou o Aliciador. – Ah, meus deuses. Talvez você tenha fodido todos nós de forma grandiosa, Locke-Igual-ao-Seu-Pai Lamora.

5

– ELE VILOU A PAZ Secreta logo na primeira noite comigo, esse pilantrinha atrevido.

O Aliciador estava agora sentado mais confortavelmente no jardim situado no terraço do templo do Sacerdote Cego, segurando na mão uma caneca de vinho feita de couro alcatroado. Apesar de ser uma bebida de segunda mão das mais amargas, quase um vinagre, era mais um sinal da possibilidade de uma genuína negociação.

– Isso nunca tinha acontecido antes, nem tornou a acontecer.

– Alguém ensinou o menino a ter mão leve, mas esqueceu de lhe dizer que os casacas-amarelas são alvos proibidos. – Padre Correntes franziu os lábios. – Que coisa mais curiosa. Muito curiosa mesmo. Nosso caro Capa Barsavi adoraria conhecer uma pessoa assim.

– Nunca descobri quem foi. O menino afirma que aprendeu sozinho, mas isso é balela. Meninos de 5 anos brincam com peixes mortos e bosta de cavalo, Correntes. Não inventam os detalhes mais sutis da arte de apalpar e furtar assim, por capricho.

– O que você fez com as bolsinhas?

– Voltei voando para o posto no Pegafogo e pedi tantas desculpas que quase perdi a voz. Expliquei ao capitão dos guardas em questão que um dos recém-chegados não tinha entendido como as coisas funcionavam em Camorr, que estava devolvendo as bolsas de dinheiro com juros e suplicando seu magnânimo perdão e todos os graciosos et ceteras.

– E eles aceitaram?

– O dinheiro alegra o homem, Correntes. Eu recheei as tais bolsinhas de prata até quase fazê-las estourar. Depois dei a cada homem do esquadrão dinheiro para beber pelas próximas cinco ou seis noites e todos concordamos que eles fariam alguns brindes à saúde de Capa Barsavi, que com certeza não precisava ser... incomodado com algo tão inconsequente quanto o fato de seu leal Aliciador ter feito uma cagada e deixado um pirralho de 5 anos violar a droga da Paz.

– Quer dizer que essa foi só a primeira noite da sua relação com *meu* misterioso menino-pechincha, esse bem-vindo presente do acaso.

– Fico feliz que você esteja começando a ter uma inclinação possessiva em relação ao pirralho, Correntes, porque a história só faz melhorar. Não sei muito bem como explicar. Algumas das minhas crianças gostam de roubar. Algumas são indiferentes ao roubo e outras apenas o toleram porque sabem que não têm mais nada para fazer. Mas ninguém, digo e repito, *ninguém* nunca demonstrou tamanha avidez pelo ato de roubar quanto esse menino. Se ele estivesse com o pescoço cortado e um galeno estivesse tentando costurá-lo, Lamora roubaria a agulha e o fio e morreria rindo. Ele... ele *rouba demais*.

– “Rouba demais”... – ponderou o Sacerdote Cego. – “Rouba demais”. Era a última reclamação que eu esperava ouvir de alguém que ganha a vida treinando ladrõezinhos.

– Pode rir – retrucou o Aliciador. – Ainda não contei a melhor parte.

6

MESES SE PASSARAM. DEPOIS DE Partis veio Festal, em seguida Aurim, e o vento brumoso do verão cedeu lugar às chuvas mais fortes e violentas do inverno. O Septuagésimo Sétimo Ano de Gandolo se transformou no Septuagésimo Sétimo Ano de Morgante, Pai da Cidade, Senhor do Laço e da Pá.

Oito dos 31 órfãos do Pegafogo, os menos talentosos para as delicadas e interessantes tarefas do Aliciador, já estavam dependurados na Ponte Negra. Os sobreviventes estavam preocupados demais com suas próprias atividades para darem importância.

A sociedade do Morro das Sombras, como Locke não demorou a descobrir, era rigidamente dividida em duas tribos: Ruas e Janelas. A segunda era um grupo menor, mais exclusivo, que tirava o seu ganha-pão após o pôr do sol. Seus integrantes esgueiravam-se por telhados, desciam por chaminés, arrombavam fechaduras e passavam por entre as barras de portas e janelas para roubar todo tipo de coisa, de moedas e joias a blocos de banha em despensas mal vigiadas.

Os meninos e meninas do Ruas, por sua vez, passavam seus dias perambulando por becos, ruelas de pedras e pontes sobre canais, sempre em equipes. As crianças mais velhas e mais experientes (os pegadores) ocupavam-se dos bolsos, bolsas e bancadas de comerciantes e as mais jovens e menos capazes (os provocadores) providenciavam distrações: choravam por mães inexistentes, fingiam doenças ou corriam feito loucos de um lado para outro aos gritos de “Pega ladrão!” enquanto os pegadores fugiam com seus quinhões.

Ao voltar para o cemitério após qualquer visita ao exterior, cada órfão era revistado por uma criança mais velha ou mais robusta. Todos os objetos roubados ou recolhidos percorriam a cadeia

de comando de fortões e valentões até chegar ao Aliciador, que ia riscando nomes de uma lista mental bizarramente precisa à medida que os resultados do ganho diário iam chegando. Quem trabalhava podia comer; os outros tinham que dar duas vezes mais duro depois que o sol se punha.

Todas as noites, o Aliciador desfilava pelas tocas do Morro das Sombras carregado com bolsinhas de dinheiro, lenços de seda, colares, botões de metal para casacos e diversos outros pequenos objetos dignos de serem surrupiados. Seus aprendizes o atacavam, saltando de esconderijos ou fingindo acidentes; os que ele via ou pressentia eram punidos na hora. O Aliciador preferia não bater naqueles que se davam mal nessas brincadeiras de treinamento: eles eram forçados a beber de um frasco de óleo de gengibre puro enquanto os colegas reunidos em volta entoavam canções zombeteiras. O óleo de gengibre camorri é intragável, não muito diferente – como o próprio Aliciador costumava afirmar – de engolir cinzas ainda em brasa de Carvalho Venenoso.

Quem não abrisse a boca tinha o óleo despejado nas narinas enquanto era imobilizado por outras crianças. Ninguém caía duas vezes nesse erro.

Com o tempo, mesmo aqueles com a língua queimada e a garganta inchada por causa do gengibre aprendiam os rudimentos da arte de furtar na multidão e de “tomar emprestadas” as mercadorias de comerciantes descuidados. O Aliciador lhes ensinava com entusiasmo a arquitetura de gibões, coletes, sobrecasacas e bolsas presas a cintos, mantendo-se atualizado com todas as peças da moda que desembarcavam nas docas. Seus pupilos decoravam o que podia ser cortado, o que podia ser rasgado e o que precisava ser subtraído com dedos ágeis.

– A ideia, meus amores, não é se agarrar à perna da pessoa como um cão nem segurar sua mão como um bebê perdido. Meio segundo de contato efetivo com a pessoa geralmente é tempo demais. – O Aliciador imitou uma corda passando em volta do pescoço e deixou a língua pender para fora da boca. – Vocês irão viver ou morrer segundo três regras sagradas. Primeiro: certifiquem-se sempre de que a vítima esteja distraída, seja pelos seus provocadores ou por alguma bobagem oportuna aleatória, como uma briga ou um incêndio. Incêndios são *maravilhosos* para os nossos propósitos; valorizem-nos sempre. Segundo: minimizem, e não estou exagerando ao dizer isso, o contato com a vítima mesmo quando ela estiver desatenta. – Ele se libertou da força imaginária e deu um sorriso maroto. – Por último, depois de fazerem o que precisavam fazer, vão embora mesmo que a vítima seja um jumento. O que foi que eu lhes ensinei?

– Roube e corra – entoaram seus alunos. – Tente roubar mais e será enforcado.

Novos órfãos chegavam sozinhos e em duplas; crianças mais velhas pareciam deixar o morro de tantas em tantas semanas sem muita cerimônia. Locke supunha que isso fosse indício de alguma categoria disciplinar muito superior ao óleo de gengibre, mas nunca procurou saber, e seu lugar na cadeia alimentar do morro era baixo demais para arriscar a pergunta ou confiar nas respostas que iria receber.

Em relação ao seu próprio treinamento, Locke entrou para o Ruas no dia seguinte à sua chegada, sendo imediatamente incorporado aos provocadores – por punição, desconfiava. Ao fim do segundo mês, suas habilidades já haviam lhe garantido uma promoção à categoria dos pegadores. Embora isso fosse visto como uma elevação de status social, Lamora era o único do morro que parecia preferir trabalhar com os provocadores.

Dentro do morro, mostrava-se taciturno e antissocial, mas, nas ruas, ganhava vida como um

artista nato da provocação. Ele aperfeiçoou o uso de polpa de laranja mastigada para substituir vômito: enquanto outros provocadores só seguravam a barriga e gemiam, Locke incrementava sua performance cuspidando uma golfada de maçaroca aos pés de seu público-alvo e, se estivesse com uma disposição particularmente perversa, até nas bainhas de seus vestidos ou calças.

Outro de seus estratagemas preferidos era um graveto comprido e seco escondido em uma das pernas da calça curta e amarrado ao tornozelo. Ao se ajoelhar depressa, ele podia partir o graveto com um ruído audível, ao mesmo tempo que soltava um grito agudo. Era um jeito seguro de atrair atenção e simpatia, sobretudo se estivesse bem próximo à roda de uma carroça. Depois de distrair as pessoas por tempo suficiente, ele era resgatado por vários outros provocadores, que anunciavam em alto e bom som que iriam “levá-lo até sua mãe em casa” para que um galeno pudesse consultá-lo. Ele recuperava milagrosamente a capacidade de andar assim que era carregado até uma esquina.

Locke inventou tão depressa um repertório de truques elaborados que o Aliciador teve motivos para convocá-lo para uma segunda conversa reservada, depois de ele fazer com que uma moça se visse sem a saia e o corpete devido aos golpes precisos do canivete de Locke.

– Escute aqui, garoto. Desta vez não vai haver óleo de gengibre, garanto a você, mas eu preferiria *bem mais* que as suas provocações deixassem de ser divertidas e voltassem a ser práticas.

Locke só o encarou e arrastou os pés.

– Está bem, vou ser mais claro. Os outros provocadores estão indo às ruas para observar *você*, não para fazer a droga do seu trabalho. Não estou sustentando uma trupe de teatro. Faça o meu bando de alegres ladrõezinhos voltar às suas próprias provocações e pare de bancar a celebridade com as suas.

Por algum tempo, tudo correu sem problemas.

Porém, após seis meses de sua chegada ao morro, Locke por acidente tocou fogo na taberna Vinhas de Vidrantigo e provocou uma rebelião contra a peste que quase riscou os Estreitos do mapa de Camorr.

Os Estreitos eram um vale de tocas e choupanas no extremo norte da parte mal-afamada da cidade; em formato de feijão e parecido com um grande anfiteatro, o coração do lugar ficava quase 15 metros abaixo do nível de suas bordas. Fileiras inclinadas de cortiços e lojas sem janelas erguiam-se nos vários terraços desse grande e superpovoado recôncavo. Paredes desmoronavam umas contra as outras e becos prateados de névoa se entrelaçavam de modo que os Estreitos não podiam ser percorridos por mais de dois homens caminhando lado a lado.

A taberna Vinhas de Vidrantigo ficava encarapitada sobre as pedras do calçamento da rua que seguia para o oeste e ligava os Estreitos às profundezas verdes do Mara Camorrazza por uma ponte de pedra. Parecia um animal flácido, com seus três andares de madeira vergada pelo tempo e suas escadas mambembes internas e externas que aleijavam pelo menos um cliente por semana. Havia até mesmo um animado bolão para saber qual dos frequentadores habituais seria o próximo a quebrar a cabeça. O local era um antro de fumadores de cachimbo e viciados em Mira, que pingavam nos globos oculares as preciosas gotas de sua droga à vista de todos e ficavam caídos, estremecendo com alucinações, sendo roubados por desconhecidos ou usados como mesas.

O Septuagésimo Sétimo Ano de Morgante acabara de começar quando Locke irrompeu no salão

da taberna, soluçando e fungando com alarde, exibindo as bochechas muito vermelhas, os lábios rachados e sangrando e os olhos injetados característicos do Sussurro Negro.

– Senhor, por favor – sussurrou para um leão de chácara horrorizado enquanto os jogadores de dados, os atendentes do bar, as putas e os ladrões paravam para olhar. – Por favor. Minha mãe e meu pai estão doentes... Eu não sei o que eles têm. Sou o único que consigo andar... O senhor tem... snif... tem que me ajudar! Senhor, por favor...

Pelo menos era isso que teria sido ouvido caso o leão de chácara não tivesse provocado uma debandada em massa dos clientes da taberna gritando a plenos pulmões “Sussurro! Sussurro Negro!”. Nenhum menino do tamanho de Locke poderia ter sobrevivido ao subsequente caos de empurrões e pânico caso a marca da doença em seu rosto não houvesse funcionado melhor do que um escudo. Dados foram largados sobre as mesas e cartas flutuaram até o chão como folhas caídas; canecas de metal e jarros de cerveja de couro alcatroado derramaram bebidas baratas ao despencarem no chão. Mesas foram viradas, facas e porretes sacados para apressar a fuga dos outros, e viciados em Mira pisoteados à medida que a desabalada onda de pessoas emergia por todas as portas da taberna, menos por aquela diante da qual Locke implorava sem sucesso em meio aos gritos.

Depois de todos abandonarem a taberna – com exceção de alguns Mirantes que gemiam ou jaziam imóveis –, os companheiros de Locke entraram: dez dos mais rápidos provocadores e pegadores do Ruas, convidados por Lamora para aquela missão. Eles se espalharam entre as mesas caídas e atrás do balcão gasto e começaram a recolher freneticamente tudo o que tivesse algum valor: um punhado de moedas, uma faca em bom estado, um jogo de dados de osso de baleia cujos números eram pequeninas lascas de granada. Da despensa, cestas de pão duro mas ainda comestível, manteiga com sal envolta em papel impermeável, uma dúzia de garrafas de vinho. Locke só lhes deu meio minuto, contando de cabeça enquanto esfregava o rosto para tirar a maquiagem. Por fim, acenou para seus cúmplices tornarem a sair.

Os tambores de motim já rufavam para convocar os guardas e, com eles, ouviam-se também as primeiras débeis melodias das flautas, o som de gelar a espinha que convocava os capangas do Duque: a Guarda da Quarentena.

Os participantes da aventura de destruição e roubo orquestrada por Locke foram abrindo caminho pela multidão cada vez mais densa de moradores desorientados e assustados dos Estreitos e correram para casa pelo caminho mais comprido, passando pelo Mara Camorrazza ou pelo bairro Fumaça de Carvão.

Voltaram com o maior carregamento de objetos e comida que os órfãos do Morro das Sombras conseguiam recordar e uma pilha de meios-barões de cobre maior ainda do que Locke esperava. O garoto não sabia que jogadores de dados ou cartas mantinham seu dinheiro sobre a mesa, pois no Morro das Sombras esses jogos eram exclusividade dos órfãos mais velhos e prestigiosos e ele não se incluía nesse grupo.

Durante algumas horas, o Aliciador só conseguiu ficar assombrado.

Nessa noite, bêbados em pânico tocaram fogo na Vinhas de Vidrantigo e centenas de pessoas tentaram fugir dos Estreitos, pois a guarda cidadina não conseguiu localizar o menino que dera origem à confusão. Os tambores de motim tocaram até de madrugada, as pontes foram interditadas

e arqueiros do Duque Nicovante zarparam pelos canais ao redor dos Estreitos em barcos de fundo chato com flechas mais do que suficientes para durar a noite inteira.

Na manhã seguinte, o Aliciador teve mais uma conversa reservada com o menor de seus órfãos da peste.

– O seu problema, Locke-Lamora-de-Merda, é que você não é *circumspecto*. Sabe o que significa *circumspecto*?

Locke fez que não com a cabeça.

– Vou explicar. Aquela taberna tinha um dono, que trabalhava para Capa Barsavi, nosso chefe supremo, e, assim como eu, lhe pagava para evitar *acidentes*. Graças a você, ele teve um acidente e tanto, muito embora estivesse pagando o que devia e não esperasse nenhum imprevisto. Portanto, incitar um bando de animais embriagados a tocarem fogo na taberna por causa de um alarme falso de peste é exatamente o contrário de uma operação *circumspecta*. Agora você consegue adivinhar o que a palavra significa?

Locke sabia identificar um bom momento para aquiescer com vigor.

– Ao contrário da última vez que você tentou me mandar para a cova antes da hora, desta vez eu não vou conseguir me safar pagando, e graças aos deuses não vou precisar, porque o estrago foi enorme. Os casacas-amarelas espancaram duzentas pessoas ontem à noite antes de todo mundo entender que ninguém estava com o Sussurro. O Duque já tinha chamado seus capangas de costume e estava prestes a fazer uma bela faxina com óleo de fogo nos Estreitos. O único motivo pelo qual você não está dentro da barriga de um tubarão com uma expressão de surpresa estampada na cara é porque a taberna agora não passa de um amontoado de cinzas. Ninguém sabe que algo foi roubado de lá antes de ela ser queimada. Ninguém a não ser nós. Portanto, nós vamos *todos* combinar que ninguém neste morro sabe nada sobre o que aconteceu e você vai reaprender um pouco daquela reticência que eu mencionei assim que chegou aqui. Está lembrado da reticência, não está?

Locke anuiu.

– Eu só quero coisas pequenas de você, Lamora. Serviços bem-feitos e limpos. Uma bolsa aqui, uma linguiça ali. Quero que você engula sua ambição, que a cague como se fosse uma comida ruim e seja um provocadorzinho *circumspecto* pelos próximos milhões de anos. Consegue fazer isso por mim? Não roube mais nenhum casaca-amarela, não toque fogo em mais nenhuma taberna nem comece mais nenhuma porra de motim. Só finja que é um ladrãozinho meio burro igual aos seus irmãos. Entendeu?

Locke aquiesceu de novo, dando o melhor de si para parecer contrito.

– Ótimo. E agora vamos dar uma, ahn, *reforçada* nas minhas admoestações – disse o Aliciador, sacando o frasco de óleo de gengibre quase cheio.

E durante algum tempo após Locke recuperar a fala e conseguir respirar sem esforço, tudo correu com serenidade.

Mas o Septuagésimo Sétimo Ano de Morgante se transformou no Septuagésimo Sétimo Ano de Sendovani e, embora Locke tenha conseguido esconder seus atos do Aliciador por algum tempo, fracassou espetacularmente na tentativa de ser *circumspecto* em mais uma notável ocasião.

Quando o Aliciador percebeu o que o menino tinha feito, foi procurar o Capa de Camorr e obteve permissão para uma pequena morte. Só depois lhe ocorreu visitar o Sacerdote Cego, movido não

pela misericórdia, mas pela última chance de um magro lucro.

7

O VERMELHO SE ESVAÍA DO céu e nada mais restava do dia a não ser uma linha de ouro derretido que baixava a oeste no horizonte. Locke Lamora seguia a comprida sombra do Aliciador, que o conduzia ao Templo de Perelandro para ser vendido. Enfim o garoto havia descoberto para onde iam as crianças mais velhas que desapareciam.

Um imenso arco de vidro começava no sopé noroeste do Morro das Sombras e terminava na extremidade oriental do extenso e vasto Bairro dos Templos. No vão central dessa ponte, o Aliciador parou e olhou para o norte, para além das casas sem luz do Tranquilo, para além das águas envoltas em névoa do veloz Angevino, e fitou as chácaras sombreadas e os bulevares de pedra margeados de árvores das ilhas de Alcegrante, cuja opulência se espalhava aos pés das altíssimas Cinco Torres.

As Cinco eram as mais altas estruturas de Vidrantigo de uma cidade na qual esse misterioso material era onipresente; a menor e menos impressionante, Caçaurora, tinha apenas 25 metros de largura e 122 de altura. A verdadeira cor de cada uma das lisas torres se misturava agora com a luz alaranjada do poente, e a teia de cabos e estruturas de carga que interligava os topos das torres mal aparecia contra o céu carmim.

– Vamos esperar aqui um instante, garoto – ordenou o Aliciador com uma melancolia na voz que não era do seu feitio. – Aqui, na minha ponte. Tão poucas pessoas chegam ao Morro das Sombras por aqui que é como se ela de fato me pertencesse.

O Vento do Duque que havia soprado do Mar de Ferro durante o dia agora mudara de direção. A noite, como sempre, seria dominada pelo Vento do Carrasco que soprava da terra para o mar e trazia um forte cheiro de campos cultivados e pântanos em decomposição.

– Eu vou me livrar de você, sabia? – O Aliciador levou algum tempo antes de tornar a falar. – Não estou brincando. É adeus para sempre. É uma pena que falte alguma coisa em você... bom senso, talvez.

Locke permaneceu em silêncio, fitando as imensas torres de vidro enquanto o céu atrás deles ia perdendo a cor. As estrelas azul-esbranquiçadas ficaram mais brilhantes e os últimos raios do sol poente desapareceram como um grande olho que se fecha.

Na hora em que os primeiros sinais da verdadeira escuridão pareceram cair sobre a cidade, uma nova luz débil e bruxuleante surgiu para combatê-la, emanando do Vidrantigo das Cinco Torres e do vidro translúcido da ponte em que eles estavam. A cada segundo, a claridade aumentava e foi se intensificando até banhar a cidade com a meia-luz moribunda de um dia nublado.

A hora da Falsaluz havia chegado.

Do alto das Cinco Torres até a superfície lisa de obsidiana dos imensos quebra-mares de vidro e os recifes artificiais sob as ondas cor de ardósia, a Falsaluz emanava de cada superfície e de cada pedacinho de Vidrantigo em Camorr, de cada partícula do desconhecido material deixado tanto tempo antes pelas criaturas que tinham fundado a cidade. Todas as noites, quando o poente enfim

engolia o sol, as pontes de vidro se transformavam em fios fluorescentes de luz cintilante. Tudo o que era de vidro, torres, avenidas e esculturas de estranhos jardins, reluzia débil em tons de roxo, azul, laranja e branco perolado, e as luas e estrelas se desvaneciam em cinza.

Assim era o crepúsculo de Camorr: o fim da labuta para os últimos trabalhadores diurnos, o chamado das sentinelas noturnas, o fechamento dos portões que conduziam à terra firme; uma hora de claridade sobrenatural que logo daria lugar à verdadeira noite.

– Vamos cuidar dos nossos assuntos – falou o Aliciador, e os dois desceram da ponte rumo ao Bairro dos Templos, caminhando sob uma estranha luz suave.

8

A FALSALUZ ERA TRADICIONALMENTE A última hora de funcionamento dos templos de Camorr e o Sacerdote Cego da Casa de Perelandro não queria perder nenhum segundo do tempo que ainda restava para encher de cobre a cuia de esmolos à sua frente nos degraus de seu templo decrepito.

– Órfãos! – bradou com uma voz digna de um campo de batalha. – Todos nós não viramos órfãos mais cedo ou mais tarde? Infelizes aqueles que são arrancados do seio da mãe mal saídos da infância!

Dois meninos esbeltos, provavelmente órfãos, estavam sentados de cada lado da cuia vestidos com túnicas brancas de capuz. O brilho fantasmagórico da Falsaluz parecia incendiar seus olhos negros fixos a observar os homens e mulheres que cuidavam de seus afazeres nas praças e avenidas dos deuses.

– Infelizes aqueles que um destino cruel lança em um mundo perverso no qual eles não têm lugar, no qual não têm utilidade – prosseguiu o sacerdote. – Escravos, é isso que se tornam! Escravos ou, pior ainda, *brinquedos* à mercê da luxúria dos maus e dos infiéis que os forçam a levar arremedos de vida de inconcebível degradação, diante da qual a mera escravidão seria uma bênção!

Locke ficou maravilhado, pois nunca tinha visto um espetáculo nem ouvido um orador treinado. O desprezo na voz daquele homem era capaz de fazer borbulhar uma poça de água; essa veemência fez sua pulsação se acelerar com uma culpa fervorosa, ainda que ele próprio fosse órfão. Queria ouvir aquele padre berrar mais um pouco.

A fama de Padre Correntes, o Sacerdote Cego, era tal que mesmo Locke Lamora tinha ouvido falar nele: um homem já no fim da meia-idade, com o peito largo feito a mesa de um escrivão e uma barba que pendia do rosto vincado feito palha de aço. Uma grossa venda branca lhe cobria a testa e os olhos, uma túnica de algodão branco descia até os tornozelos e algemas de ferro negro lhe rodeavam os pulsos. Pesadas correntes de aço saíam delas, subiam os degraus do templo e desapareciam lá dentro pelas portas abertas. Quando o padre gesticulava para seus espectadores, Locke podia ver as correntes quase tesas. Ele estava chegando perto do limite de sua liberdade.

Durante treze anos, conforme rezava a lenda, Padre Correntes nunca havia se afastado dos degraus do templo. Como prova de devoção a Perelandro, Pai das Misericórdias, Senhor dos Enjeitados, ele se acorrentara às paredes do santuário com algemas de ferro sem fechadura e sem chave e pagara um galeno para lhe arrancar os olhos enquanto uma multidão assistia.

– O Senhor dos Enjeitados olha por cada filho dos mortos, isso eu lhes garanto! Abençoados a seus olhos aqueles que, sem a obrigação imposta pelos laços de sangue, levam auxílio e reconforto aos que não têm pai nem mãe...

Embora soubesse que, além de usar uma venda, o sacerdote também era cego, Locke poderia ter jurado que a cabeça de Padre Correntes havia se virado na sua direção quando ele e o Aliciador se aproximaram cruzando a praça.

– ... graças à bondade inegável de seus corações, eles alimentam e protegem os filhos de Camorr, não com a avareza das almas frias, mas com uma gentileza sem egoísmo! Abençoados realmente são os protetores dos bondosos e *necessitados* órfãos de Camorr – sibilou ele com fervor.

O Aliciador chegou aos degraus do templo e começou a subi-los, tomando cuidado para bater com os calcanhares nas pedras da escada a fim de anunciar sua presença.

– Alguém vem vindo – disse o sacerdote. – Dois alguéns, pelo menos é o que dizem meus ouvidos!
– Eu trouxe o menino sobre quem conversamos, padre – anunciou o Aliciador, alto o bastante para vários passantes ouvirem, caso estivessem prestando atenção. – Preparei-o da melhor forma que pude para os... ahn... para os testes do aprendizado e da iniciação.

O sacerdote cambaleou pelos degraus em direção a Locke, arrastando atrás de si as correntes que chacoalharam. Os meninos de capuz que vigiavam a cuia relancearam os olhos para ele, mas não falaram nada.

– Trouxe mesmo? – Padre Correntes esticou a mão com um gesto estranhamente certo e seus dedos calosos passearam pela testa, bochecha, nariz e queixo de Locke. – Um menino pequeno, ao que parece, bem pequeno. Embora não de todo desprovido de caráter, ousou afirmar pelas curvas desnutridas de seu triste rosto de órfão.

– O nome dele é Locke Lamora. E aposto que a Ordem de Perelandro poderá encontrar muita serventia para o seu grau... incomum de iniciativa pessoal.

– Melhor ainda será se ele for sincero, penitente, honesto e afeito à disciplina – resmungou o sacerdote. – Mas não tenho dúvidas de que esse tempo sob os seus afetuosos cuidados lhe instilaram essas qualidades pelo simples exemplo. – Ele bateu palmas três vezes. – Meninos, nosso trabalho por hoje acabou. Recolham as oferendas da bondosa gente de Camorr e vamos levar nosso potencial iniciado até o templo.

O Aliciador deu um rápido apertão no ombro de Locke, em seguida o empurrou com bastante entusiasmo escada acima em direção ao Sacerdote Cego. Enquanto os meninos de túnica branca passavam por ele carregando a chacoalhante cuia de cobre, o Aliciador jogou dentro dela uma bolsinha de couro, abriu bem os braços e fez uma reverência com a teatralidade fingida que lhe era habitual. A última imagem que Locke teve dele foi atravessando apressado o Bairro dos Templos com os braços tortos e os ombros ossudos a se sacudir alegremente: era o andar de um homem liberto.

parada; as tapeçarias carcomidas de bolor nas paredes já estavam quase reduzidas aos meros fios que as compunham. O lugar era iluminado apenas pela pálida claridade da Falsaluz e pelo débil esforço de um globo alquímico branco fosco precariamente instalado em um suporte logo acima da placa de aço que acorrentava o Sacerdote Cego à parede do presbitério. Locke viu na parede dos fundos uma porta fechada por uma cortina, e nada mais.

– Calo, Galdo, sejam bons meninos e cuidem das portas, sim? – pediu Padre Correntes.

Os dois meninos de túnica pousaram no chão a cuia de cobre e foram até uma das tapeçarias. Com gestos sincronizados, afastaram-na e acionaram um mecanismo oculto. Alguma imensa engrenagem rangeu dentro das paredes do santuário e a porta dupla que conduzia aos degraus do templo começou a se fechar para dentro. Quando as duas folhas terminaram de se juntar com um ruído de pedra roçando em pedra, a luz do globo alquímico de repente ficou mais intensa.

– Agora venha cá, Locke Lamora – disse o Sacerdote Cego, ajoelhando-se e fazendo um bom pedaço de corrente se amontoar em pequenas montanhas de aço à sua volta. – Vamos ver se você tem algum dos dons necessários para se tornar um iniciado deste templo.

Com o padre ajoelhado, Locke e ele ficavam praticamente cara a cara. Em resposta às mãos de Correntes que o chamavam, o menino chegou mais perto e aguardou. O sacerdote franziu o nariz.

– Estou vendo que seu antigo mestre continua bem pouco cuidadoso no que diz respeito ao mau cheiro de suas crianças. Mas isso pouco importa e logo será remediado. Por enquanto, apenas me dê suas mãos, assim. – Com um toque firme, porém delicado, Correntes guiou as mãozinhas de Locke até as palmas se pousarem sobre a venda de seus olhos. – Agora... apenas feche os olhos e concentre-se... concentre-se. Deixe todos os pensamentos virtuosos que carrega dentro de si borbulharem até a superfície... Deixe o calor de seu generoso espírito fluir por suas mãos inocentes... Ah, isso, assim...

Locke estava em parte alarmado, em parte achando graça, mas as rugas do rosto castigado pelo tempo de Padre Correntes se curvaram para baixo e sua boca logo se abriu com um assombro extasiado.

– Aaaahhh – sussurrou o sacerdote com uma voz embargada de emoção. – Sim, sim, você tem mesmo algum talento... algum poder... Estou sentindo... Talvez seja quase... um *milagre!*

Ao dizer isso, o padre jogou a cabeça para trás e Locke pulou na direção contrária. Fazendo chacoalhar as correntes, o homem levou as mãos algemadas até a venda e a arrancou com um floreio. Locke se encolheu, sem saber qual seria o aspecto de órbitas vazias, mas os olhos do sacerdote eram bastante normais. Correntes apertou os olhos agredidos pela claridade e os esfregou várias vezes, fazendo uma careta.

– Aaahhh! – exclamou, estendendo as mãos em direção a Locke. – Estou curado! Estou curado! POSSO VER OUTRA VEZ!

Locke o encarou, escancarando a boca feito um retardado pela segunda vez nessa noite, sem saber muito bem o que dizer. Atrás dele, os dois meninos de capuz começaram a rir e Locke franziu a testa, desconfiado.

– O senhor... não é cego de verdade.

– E você obviamente não é burro! – gritou Correntes, levantando-se com um pulo que fez seus joelhos estalarem. Acenou com as mãos algemadas como um pássaro tentando levantar voo. – Calo! Galdo! Tirem estas drogas dos meus pulsos para podermos contar nossas bênçãos de hoje!

Os dois meninos encapuzados foram até ele depressa e fizeram com as algemas algo que Locke não conseguiu acompanhar muito bem; elas se abriram e caíram no chão com um tilintar pesado. Correntes esfregou delicadamente a pele dos pulsos, que estava branca como a carne de um peixe fresco.

– O senhor... não é um sacerdote de verdade! – acrescentou Locke enquanto o homem esfregava os antebraços para lhes devolver um pouco de cor.

– Ah, não – disse Correntes. – Eu sou sacerdote. Só que não, hum, de Perelandro. Nem os meus iniciados são iniciados de Perelandro. E você tampouco será um. Locke Lamora, diga olá para Calo e Galdo Sanza.

Os meninos tiraram os capuzes e Locke viu que eram gêmeos, um ou dois anos mais velhos do que ele e com um aspecto bem mais robusto. Tinham a pele morena e os cabelos negros dos verdadeiros camorris; já os narizes idênticos, compridos e aduncos, eram uma espécie de anomalia. Sorridentes, eles deram as mãos e fizeram uma reverência ao mesmo tempo.

– Hum... Olá – cumprimentou Locke. – Quem é... quem é quem?

– Hoje eu sou Galdo – respondeu o que estava à esquerda de Locke.

– E amanhã eu provavelmente serei Galdo – emendou o outro.

– Ou talvez nós dois queiramos ser Calo – acrescentou o que falara primeiro.

– Com o tempo você vai aprender a distingui-los pelo número de marcas que meus chutes deixaram em seus traseiros – interrompeu Padre Correntes. – Não sei bem como, mas um sempre consegue se manter na frente do outro. – Ele foi se postar atrás de Locke e pousou em seus ombros as duas mãos grandes e pesadas. – Idiotas, este aqui é Locke Lamora. Como podem ver, acabei de comprá-lo de seu antigo benfeitor, o mestre do Morro das Sombras.

– Nós lembramos de você – comentou o suposto Galdo.

– Um órfão do Pegafogo – completou o suposto Calo.

– Padre Correntes nos comprou logo depois de você chegar – falaram os dois em uníssono, sorrindo.

– Parem de falar bobagem – ralhou Padre Correntes com uma voz que tinha um quê de régia. – Vocês dois acabaram de se candidatar a preparar o jantar. Peras e linguiça frita, porção dupla para o seu novo irmãozinho. Vão. Locke e eu cuidamos da cuia.

Com risadinhas zombeteiras e gestos grosseiros, os gêmeos saíram correndo em direção à porta fechada pela cortina e desapareceram atrás dela. Locke pôde ouvir seus passos se afastarem e descerem uma escada e o sacerdote então acenou para ele ir se sentar junto à cuia de dinheiro.

– Sente-se, menino. Vamos conversar um pouco sobre o que acontece aqui. – Correntes tornou a se sentar no chão úmido, cruzou as pernas e pousou sobre Locke uns olhos pensativos. – Seu antigo mestre disse que você sabia fazer contas simples. Sabe mesmo?

– Sei, sim, mestre.

– Não me chame de “mestre”. Ouvir isso faz meu saco murchar e meus dentes racharem. Me chame de Padre Correntes e pronto. Aproveitando que está sentado aí, esvazie essa cuia e conte o dinheiro que tem dentro.

Locke tentou puxar a cuia para um lado, fez força e viu por que Calo e Galdo preferiam dividir o peso. Correntes deu um empurrão na base do recipiente e o conteúdo enfim se esparramou pelo

chão ao lado de Locke.

– Sendo pesada assim, fica bem mais difícil de roubar – explicou Correntes.

– Como... como o senhor pode fingir ser sacerdote? – perguntou Locke enquanto separava as moedas de cobre e os pedacinhos cortados de cobre em pequenas pilhas. – Não tem medo dos deuses? Da ira de Perelandro?

– É claro que sim – respondeu Correntes, correndo os dedos pela barba arredondada e desgrenhada. – Tenho muito medo deles. Como eu disse, sou sacerdote, só não sou um sacerdote de Perelandro. Sou um servidor iniciado do Treze Sem Nome, o Vigia-Ladrões, o Guardião Torto, o Benfeitor, Pai dos Pretextos Necessários.

– Mas... só existem os Doze.

– Engraçado quantas pessoas estão tristemente mal-informadas a esse respeito, meu querido menino. Imagine, se quiser, que os Doze *por acaso* tenham um irmão caçula que é uma espécie de ovelha negra e cujo domínio exclusivo por acaso sejam os ladrões como você e eu. Embora os Doze não permitam que o Nome dele seja pronunciado ou ouvido, nutrem certo afeto residual por sua alegre modalidade de pilantragem. Isso serve para impedir velhos patifes fingidos como eu de serem atingidos por raios ou estraçalhados pelos corvos por ocuparem o templo de um deus mais respeitável como Perelandro.

– O senhor é um sacerdote desse tal de... Treze?

– Isso. Um sacerdote dos ladrões e um sacerdote-ladrão. Como Calo e Galdo serão algum dia e como você também será, contanto que faça jus até mesmo à pechincha que desembolsei para comprá-lo.

– Mas... – Locke estendeu a mão, separou da pilha de cobre a bolsinha de couro vermelho-ferrugem do Aliciador e a entregou a Correntes. – Se o senhor pagou por mim, por que meu antigo mestre deixou esta oferenda?

– Ah. Fique descansado, eu paguei por você, *sim*, você custou bem barato e isto aqui não é uma oferenda. – Correntes desamarrou a bolsinha e despejou o conteúdo na própria mão: era um dente branco de tubarão, um só, comprido como o polegar de Locke. O velho gesticulou para o menino com o objeto. – Já viu algo assim antes?

– Não... O que é?

– Uma marca da morte. O dente do tubarão-lobo é a marca pessoal de Capa Barsavi, chefe do seu antigo mestre. Meu chefe e seu também, aliás. Isto aqui significa que você é um menino tão teimoso, tão burro, e que fez uma cagada tão feia que o seu antigo mestre chegou ao ponto de pedir ao Capa permissão para matá-lo.

Correntes sorriu como se estivesse apenas contando uma piada divertida. Locke estremeceu.

– Isso o faz refletir, meu menino? Que bom. Olhe para este objeto, Locke, com atenção. Ele significa que a sua morte já está paga. Eu comprei isto do seu antigo mestre quando comprei você a preço de banana. Se o Duque Nicovante o adotasse amanhã e fizesse de você o seu herdeiro, mesmo assim eu poderia partir sua cabeça e pregar você em uma estaca e ninguém desta cidade levantaria um dedo sequer.

Com destreza, Correntes tornou a guardar o dente na bolsinha de couro vermelha e a pendurou no pescoço de Locke pelo cordão.

– Vai usar isso no pescoço até eu o julgar digno de tirar ou eu fazer uso do poder que o dente me confere e... tchá! – O velho cortou o ar com dois dedos em frente à garganta de Locke. – Esconda-o debaixo das roupas e carregue-o sempre encostado na pele, em todos os momentos, para se lembrar de como esteve perto, *muito* perto, de ter a garganta cortada hoje. Se o seu antigo mestre fosse um tiquinho menos ganancioso do que é vingativo, não duvido que você estivesse boiando na baía.

– Mas o que foi que eu fiz?

A forma como Correntes encarou Locke o fez se sentir menor pelo simples fato de ter tentado protestar. O menino se remexeu e levou os dedos à bolsinha que continha o sinal da morte.

– Menino, por favor. Não vamos começar com nenhum dos dois ofendendo a inteligência do outro. Só existem três tipos de pessoa na vida que não podemos enganar: os penhoristas, as putas e a nossa própria mãe. Como a sua mãe já morreu, eu assumi o lugar dela. Sendo assim, nem adianta tentar me enganar. – A voz de Correntes se fez séria. – Você sabe perfeitamente por que seu antigo mestre teria motivos para estar descontente com você.

– Ele me disse que eu não era... circunspecto.

– Circunspecto – repetiu Correntes. – Boa definição. E não, você não é circunspecto. Ele me contou tudo.

Locke ergueu os olhos arregalados e quase marejados.

– Tudo?

– Sim. Tudo mesmo. – Correntes passou um longo tempo encarando o menino, em seguida suspirou. – Quanto os honrados cidadãos de Camorr doaram à causa de Perelandro hoje?

– Vinte e sete barões de cobre, acho.

– Humm. Pouco mais de 4 sólons de prata. Um dia de pouco movimento. Mas é melhor do que qualquer outro tipo de roubo que eu conheça.

– O senhor rouba este dinheiro de Perelandro também?

– É claro que roubo, menino. Já falei que era ladrão, certo? Mas não do tipo com o qual você está acostumado. Um ladrão melhor. A cidade de Camorr está repleta de idiotas correndo por aí e sendo enforcados, tudo porque acham que roubar é algo que se faz *com as mãos*. – O padre cuspiu no chão.

– Ahn... com o que o senhor rouba, Padre Correntes?

O sacerdote barbado bateu com dois dedos na lateral da cabeça, abriu um largo sorriso e fez o mesmo nos dentes.

– Cérebro e boca grande, meu menino, cérebro e boca grande. Eu me estabeleci aqui treze anos atrás e, desde então, os bobalhões carolas de Camorr vêm me dando moedas. Além disso, sou conhecido de Emberlane a Tal Verrar, porém o que mais me atrai são mesmo as moedas.

– E não é desconfortável? – perguntou Locke, olhando em volta para as entranhas tristes do templo. – Viver aqui e não sair nunca?

– Esta coxia sem graça não representa a totalidade do meu reino, do mesmo jeito que a sua antiga casa não era realmente um cemitério. – Correntes deu uma risadinha. – Nós aqui somos ladrões de outro tipo, Lamora. A farsa e o engodo são as nossas ferramentas. Não acreditamos em trabalho árduo quando uma cara falsa e uma bobagem bem-bolada podem ser tão mais eficazes.

– Então... então vocês são como... os provocadores.

– Pode ser, da mesma forma que um barril de óleo de fogo é igual a uma pitada de pimenta vermelha. E foi por isso que eu paguei por você, meu menino, embora os deuses tenham lhe dado tanto bom senso quanto deram a uma cenoura. Você sabe mentir como ninguém. Tem o caráter mais torto do que a espinha de um contorcionista. Se eu decidisse que é digno da minha confiança, poderia aproveitá-lo.

Seus olhos observadores pousaram mais uma vez em Locke e o menino supôs que devesse dizer algo.

– Eu gostaria que isso acontecesse – sussurrou. – O que devo fazer?

– Pode começar falando. Quero que me conte o que você fez lá no Morro das Sombras, o golpe que deu para deixar seu antigo mestre tão zangado.

– Mas... mas o senhor disse que já sabia de tudo.

– E sei. Mas quero ouvir da sua boca, em alto e bom som, e quero que tudo saia direito logo da primeira vez, sem você ter que voltar atrás e sem deixar de lado nenhuma parte. Se tentar me esconder alguma coisa que eu sei que deveria dizer, não terei outra escolha a não ser considerá-lo um desperdício inútil da minha confiança... e você já está usando minha resposta em volta do pescoço.

– Por onde começo? – indagou Locke com a voz levemente entrecortada.

– Podemos começar com suas transgressões mais recentes. Existe uma lei que os irmãos do Morro das Sombras nunca devem violar, mas o seu antigo mestre me disse que você a burlou duas vezes e achou que fosse esperto o suficiente para conseguir se safar.

O rosto de Locke ficou bem avermelhado e ele baixou os olhos para os próprios dedos.

– Conte para mim, Locke. O Aliciador falou que você organizou o assassinato de dois outros meninos do Morro das Sombras e que ele só descobriu seu envolvimento quando o segundo já estava morto. – Correntes uniu as pontas dos dedos e encarou calmamente o menino. – Quero saber por que e como você os matou e quero ouvir da sua própria boca. *Agora.*

LIVRO I

AMBIÇÃO

*Ora, eu sei sorrir e matar sorrindo
E saudar “Viva” ao que me aflige o coração,
E molhar minhas faces com lágrimas fingidas,
E adaptar meu rosto a cada situação.*

SHAKESPEARE, *Henrique VIII*, Parte 3

CAPÍTULO UM

O golpe contra Dom Salvara

1

A REGRA DE LOCKE LAMORA era a seguinte: uma boa trapaça exigia três meses de preparação, três semanas de ensaio e três segundos para ganhar ou perder para sempre a confiança da vítima. Dessa vez, ele pretendia passar esses três segundos sendo esganado.

Ele estava de joelhos e Calo, em pé atrás dele, tinha enrolado três vezes uma corda de cânhamo em seu pescoço. A briga tinha um aspecto impressionante e deixaria a garganta de Locke com um tom de vermelho bem verossímil. Lamora sabia que nenhum assassino camorri que se prezava usaria qualquer outra coisa para fazer um garrote que não seda ou arame, para melhor seccionar a traqueia da vítima. Mas, se Dom Lorenzo Salvara conseguisse diferenciar um estrangulamento de mentira de um real em um piscar de olhos e a trinta passos de distância, eles tinham feito uma péssima avaliação do homem que planejavam roubar e a operação toda estaria arruinada de qualquer forma.

– Já está conseguindo vê-lo? Ou o sinal de Pulga? – Locke sibilou as perguntas o mais baixo que conseguiu, seguidas por alguns portentosos ruídos de gargarejo.

– Nada de sinal. Nada de Dom Salvara. Está conseguindo respirar?

– Estou, está tudo bem, mas me sacuda um pouco mais, me sacuda de verdade. É essa a parte que convence.

Os dois estavam no beco sem saída ao lado do velho Templo das Águas da Fortuna. Podia-se ouvir as cascatas de oração jorrarem em algum lugar atrás do alto muro de argamassa. Locke segurou outra vez a corda inofensiva em volta do pescoço e lançou um olhar para o cavalo que o encarava a poucos passos, vergado por uma carga de aspecto luxuoso composta por embrulhos de comerciante. O pobre e estúpido animal tinha sido neutralizado: não havia curiosidade nem medo por trás das esferas brancas leitosas de seus olhos que não piscavam. Ele não teria ligado a mínima nem se o estrangulamento fosse real.

Preciosos segundos se passaram; o sol forte pairava alto em um céu sem nuvens e a sujeira do beco aderida feito cimento úmido às pernas da calça de Locke. Ali perto, Jean Tannen estava caído no mesmo chão sujo enquanto Galdo fingia chutá-lo nas costelas. Já estava fazendo isso com alegria havia quase um minuto, pelo mesmo tempo em que seu irmão gêmeo vinha estrangulando Locke.

Dom Salvara iria passar pela entrada do beco a qualquer momento e idealmente correria para salvar Locke e Jean de seus “agressores”. Pelo andar da carruagem, acabaria salvando-os do tédio.

– Pelo amor dos deuses, onde esse maldito Salvara foi se meter? – sussurrou Calo, aproximando a

boca do ouvido de Locke como se sibilasse alguma ordem. – E onde está Pulga? Não podemos continuar assim o dia inteiro: *outras pessoas* também passam pela entrada deste beco!

– Continue a me esganar – murmurou Locke. – Pense em 20 mil coroas inteiras e continue a me esganar. Eu posso sufocar o dia inteiro se preciso for.

2

NOS PREPARATIVOS PARA O GOLPE em si, tudo corra à mil maravilhas naquela manhã, mesmo levando em conta o nervosismo natural de um jovem ladrão a quem finalmente haviam permitido participar de sua primeira grande operação.

– É claro que eu sei onde tenho que estar quando a ação começar, caramba – queixou-se Pulga. – Passei mais tempo trepado no terraço daquele templo do que dentro do maldito útero da minha mãe!

Jean Tannen deixou a mão direita mergulhar na água morna do canal, dando outra mordida na amarga maçã-do-brejo que segurava com a esquerda. A proa da embarcação de fundo chato era um ótimo lugar para relaxar à luz rosada do início da manhã, permitindo que todos os 100 quilos do garoto se esparramassem a contento: a barriga de barril, os braços gordos, as pernas tortas. A única outra pessoa a bordo da barca vazia, que estava fazendo todo o trabalho, era Pulga, um menino magrelo de 12 anos com um chumaço de cabelo, que estava de pé na popa segurando uma vara para conduzir a embarcação.

– Sua mãe estava com pressa para se livrar de você, Pulga. Isso é compreensível. – A voz de Jean era suave, regular e totalmente incongruente com seu aspecto físico: ele falava como um professor de música ou um copista de pergaminhos. – Nós, não. Então regale-me outra vez com provas da sua profunda compreensão do nosso golpe.

– Maldição – retrucou Pulga, dando mais um empurrão na barca contra a leve correnteza do canal que corria em direção ao mar. – Você, Locke, Calo e Galdo estão no beco entre as Águas da Fortuna e os jardins do Templo de Nara, certo? Eu estou no terraço do templo do outro lado da rua.

– Continue – incitou Jean com a boca cheia de maçã-do-brejo. – E Dom Salvara, onde está?

Outras barcas, abarrotadas com todo tipo de mercadoria, de barris de cerveja a vacas ruidosas, passavam por eles sobre as águas cor de argila do canal. Pulga os estava conduzindo rumo ao norte pelo principal curso de água comercial de Camorr, a Via Camorrazza, em direção ao Mercado Cambiante, enquanto a cidade acordava aos poucos à sua volta.

Os cinzentos e inclinados cortiços feitos de seixo rolado cuspiam seus moradores para a luz do dia e o calor crescente do verão. O mês era Partis, ou seja, o orvalho noturno que já se evaporava dos edifícios formando uma névoa densa deixaria forte saudade no momento em que chegasse o calor escaldante e sem nuvens do início da tarde.

– Ele está saindo do Templo das Águas da Fortuna, como faz por volta do meio-dia todo Dia da Penitência. Se tivermos sorte, estará com dois cavalos e acompanhado por um só homem.

– Curioso ritual – comentou Jean. – Por que ele faria uma coisa dessas?

– Uma promessa feita à mãe em seu leito de morte. – Pulga mergulhou a vara no canal, empurrou com força por alguns instantes e conseguiu projetá-los para a frente mais uma vez. – Depois de se casar com Dom Salvara, ela continuou devota da religião vadrã. Portanto, seu filho faz uma oferenda semanal no templo vadrã e volta para casa o mais rápido possível, para não atrair a atenção de ninguém. Caramba, Jean, eu já sei essa porra toda. Por que estaria aqui se vocês não confiassem em mim? E porque sou eu que tenho de empurrar esta porcaria de barca até o mercado?

– Ah, pode parar de empurrar a barca quando conseguir ganhar de mim na luta três vezes em uma série de cinco. – Jean sorriu, exibindo duas fileiras de dentes tortos de brigão em um rosto que pareciam ter posto em cima de uma bigorna e martelado para tentar lhe imprimir um formato mais agradável. – Além do mais, você é aprendiz de um ofício orgulhoso e possui os melhores e mais exigentes mestres que essa atividade tem a oferecer. Assumir todas as tarefas ingratas é excelente para sua educação moral.

– Vocês não me deram nenhuma educação moral.

– Sim. Bom, com certeza deve ser porque Locke e eu estamos há muitos anos nos esquivando da nossa própria. E estamos recapitulando o plano porque basta uma boa mancada para fazer o destino daqueles pobres infelizes parecer radiante em comparação ao que vai acontecer conosco.

Jean apontou para uma das carroças de lixo da cidade, parada em um bulevar à margem do canal para receber um longo rio escuro de sujeira noturna da janela superior de um bar. Elas eram conduzidas por pequenos infratores cujos crimes eram pífios demais para justificar um encarceramento prolongado no Palácio da Paciência; acorrentados às carroças e encolhidos sob a suposta proteção de compridos ponchos de couro, tinham permissão para sair da prisão toda manhã e aproveitar o sol que conseguissem quando não estavam amaldiçoando a precisão duvidosa com a qual vários milhares de camorris esvaziavam seus penicos.

– Eu não vou dar nenhuma mancada, Jean.

Pulga balançou a cabeça como se fosse uma bolsa de moedas vazia, desesperado para encontrar algo a dizer que o fizesse soar tão calmo e seguro quanto imaginava que Jean e os Nobres Vigaristas mais velhos sempre fossem, mas a língua da maioria dos meninos de 12 anos é bem mais ágil do que o seu raciocínio.

– Não vou mesmo. *Não vou*, caramba. Eu juro!

– Muito bem – falou Jean. – Estou contente por saber disso. Mas em relação a que exatamente você não vai dar mancada?

Pulga suspirou.

– Eu dou o sinal quando Salvara estiver saindo do Templo das Águas da Fortuna. Fico de olho para ver se mais alguém tenta passar pelo beco, em especial algum guarda cidadão. Caso isso aconteça, eu pulo do terraço do templo com uma espada na mão e corto a cabeça dele.

– Você o quê?!

– Eu disse que o distraio como puder. Está ficando surdo, Jean?

Uma fila de altas casas de contabilidade passou deslizando à sua esquerda, todas exibindo à beira d'água sua carpintaria laqueada, seus toldos de seda, suas fachadas de mármore e outros detalhes ostentatórios. A tradição de dinheiro e poder era bem grande naquela fileira de construções de três e quatro andares chamada Travessa dos Beija-Moedas, o mais antigo e mais rico distrito financeiro

do continente. Por lá circulavam tanta influência e rituais elaborados quanto nas alturas de vidro das Cinco Torres, onde o Duque e as Grandes Famílias se protegiam da cidade que governavam.

– Leve-nos até perto da margem logo debaixo das pontes, Pulga. – Jean fez um gesto vago com a mão. – Sua Excelência está esperando para embarcar.

Dois arcos de Vidrantigo cruzavam a Via Camorrazza bem no meio da Travessa dos Beija-Moedas: uma passarela alta e estreita para pedestres e outra mais baixa e mais larga para as carroças. A comparação mais próxima para o brilho sem emendas do vidro excêntrico era um diamante líquido delicadamente vergado pelas mãos de um gigante e deixado para endurecer sobre o canal. Na margem direita ficava Fauria, uma ilha superpovoada com edifícios residenciais de pedra de vários andares e jardins nos terraços. Rodas hidráulicas de madeira afixadas à margem de pedra do canal produziam uma espuma branca e conduziam a água por uma rede de canaletas e canos suspensos que se entrecruzava em todos os níveis acima das ruas de Fauria.

Pulga conduziu a barca até um frágil cais logo abaixo da passarela. De baixo da sombra fraca e delgada desse arco, um homem de calça de couro suja de óleo e camisa de algodão grosseiro, iguais às usadas por Pulga e Jean, pulou para o cais. Com um segundo salto casual, subiu na barca, que mal balançou com a sua chegada.

– Saudações, mestre Jean Tannen, e profusas congratulações pela pontualidade da sua aparição! – exclamou o recém-chegado.

– Congratulações ao senhor pela suprema graça de seu embarque em nossa mui humilde nave, mestre Lamora.

Jean lançou na boca os restos da maçã, com cabo e tudo, produzindo um ruído úmido de mastigação.

– Que coisa nojenta. – Locke Lamora pôs a língua para fora. – Você precisa mesmo fazer isso? Sabia que os alquimistas negros fazem veneno para peixe com a semente desses troços?

– Que sorte a minha não ser um peixe – respondeu Jean depois de engolir o último pedaço de polpa mascada.

Locke era um homem mediano sob todos os aspectos: estatura mediana, corpulência mediana, cabelos castanhos, nem claros nem escuros, cortados rente acima de um rosto nem bonito nem marcante. Tinha a aparência de um genuíno terim, embora talvez um pouco menos moreno e com as faces menos coradas do que Jean ou Pulga; sob uma luz diferente, poderia passar por um vadrã muito bronzeado. Apenas os olhos cinzentos e brilhantes se destacavam no conjunto. Locke era um homem que os deuses poderiam ter criado propositalmente para ser ignorado. Ele se acomodou junto à amurada esquerda e cruzou as pernas.

– Oi para você também, Pulga! Eu sabia que podíamos contar com sua ajuda para ter pena dos mais velhos e deixá-los lagartear ao sol enquanto você dá duro com a vara.

– Jean é um velho canalha preguiçoso, essa é a verdade – retrucou Pulga. – E se eu não conduzir a barca, ele arranca meus dentes fora.

– Jean é a alma mais bondosa de Camorr, e você vai magoá-lo com essas acusações – ralhou Locke. – Agora ele vai passar a noite inteira acordado chorando.

– Eu passaria a noite acordado de todo modo, chorando com a dor do reumatismo e acendendo velas para espantar os vapores maléficos – falou Jean.

– O que não quer dizer que nossos ossos não ranjam durante o dia, meu cruel aprendiz – disse Locke a Pulga, massageando os próprios joelhos. – Nós temos pelo menos o dobro da sua idade, um prodígio na nossa profissão.

– As Filhas de Aza Guilla tentaram me dar uma bênção de cadáver seis vezes esta semana – disse Jean. – Você tem sorte de Locke e eu ainda estarmos em condições de levar você conosco quando damos um golpe.

Para qualquer um no raio de alcance de suas vozes, Locke, Jean e Pulga poderiam ter passado pela tripulação de uma barca de aluguel avançando devagar em direção ao cruzamento da Via Camorrazza com o Angevino para coletar uma carga. Conforme Pulga os aproximava do Mercado Cambiante, a água ficava mais coalhada por barcas, além de frágeis botes pretos e lisos e embarcações surradas de todos os tipos, nem todas conseguindo se manter na superfície ou sob controle.

– Falando em golpe, como vai a compreensão de nosso jovem aprendiz quanto a seu papel nos procedimentos? – indagou Locke.

– Passei a manhã inteira recitando para Jean – respondeu Pulga.

– E a conclusão é...?

– Já sei tudo de cor e salteado!

Pulga empurrou a vara com toda a força, fazendo-os passar a poucos centímetros de dois jardins flutuantes de paredes altas. Um cheiro de jasmim e laranja desceu até eles quando a barca passou sob os galhos que se projetavam de um dos jardins; um funcionário desconfiado espiou por cima da parede do barco-jardim com um bastão na mão para afastá-los caso fosse necessário. As barcaças decerto transportavam mudas para o pomar de algum nobre rio acima.

– De cor e salteado e não vou fazer cagada nenhuma! Eu juro! Sei qual é o meu papel, sei quais são os sinais e não vou fazer cagada nenhuma!

3

CALO SACUDIA LOCKE COM UM vigor genuíno e a interpretação de Locke como sua vítima era digna de um virtuose, mas ainda assim o tempo se arrastava. Eles estavam todos presos naquela pantomima como personagens dos mirabolantes infernos da teologia terim: um par de ladrões fadado a passar a eternidade preso em um beco, assaltando vítimas que nunca perdiam os sentidos nem entregavam o dinheiro.

– Está tão alarmado quanto eu? – sussurrou Calo.

– Não saia do personagem – sibilou Locke. – Dá para rezar e esganar ao mesmo tempo.

Um grito agudo vindo da sua direita ecoou pelas pedras do calçamento e pelos muros do Bairro dos Templos. Logo soaram outros gritos e rangidos de homens correndo com armaduras de batalha, só que os ruídos estavam se afastando da entrada do beco, não se aproximando.

– Parecia Pulga – disse Locke.

– Espero que ele esteja só arrumando uma distração – falou Calo, soltando um pouco a corda por alguns instantes.

Nesse exato momento, uma forma escura passou depressa pelo pedacinho de céu entre os altos muros do beco, lançando momentaneamente sobre eles sua sombra trêmula.

– Que diabo foi isso agora? – questionou Calo.

À sua direita, alguém tornou a gritar.

4

PULGA HAVIA CONDUZIDO LOCKE, JEAN e ele próprio da Via Camorrazza até o Mercado Cambiante bem na hora marcada, quando o grande carrilhão de Vidrantigo em cima da torre Postoeste pôde capturar a brisa que soprava do mar e soar a décima primeira hora da manhã.

O Mercado Cambiante era um lago de águas relativamente tranquilas situado bem no centro de Camorr, com pouco menos de um quilômetro de circunferência, protegido da correnteza do Angevino e dos canais à sua volta por uma série de quebra-mares de pedra. Centenas de comerciantes flutuantes avançavam lenta e cautelosamente a bordo de seus barcos uns atrás dos outros, no sentido contrário ao do relógio, para disputar as melhores posições junto aos quebra-mares planos lotados de compradores e turistas a pé.

Guardas citadinos paramentados com seus tabardos amarelo-mostarda pilotavam lustrosos cúteres pretos cujos remos eram manejados por uma dúzia de prisioneiros acorrentados do Palácio da Paciência, e usavam varas compridas e palavras ríspidas para manter vários canais abertos no caos flutuante do mercado. Passavam ali os barcos de passeio dos nobres e barcaças de carga abarrotadas, ou vazias como aquela na qual viajavam os três Nobres Vigaristas, que apenas lançavam olhares de cobiça para as mercadorias enquanto atravessavam um verdadeiro mar de esperança e avareza.

Com alguns empurrões da vara de Pulga, passaram por uma família de vendedores de quinquilharias a bordo de botes marrons malconservados; por um vendedor de temperos com suas mercadorias dispostas sobre um suporte triangular no meio de uma estranha jangada circular do tipo conhecido como *vertola*; por uma Árvore do Canal que boiava e se balançava sobre o pontão feito de bexigas de couro que lhe sustentava as raízes, que absorviam o mijo e os eflúvios da cidade agitada. O toldo farfalhante de folhas verde-esmeralda lançou milhares de sombras recortadas sobre os Nobres Vigaristas quando eles passaram, além de um perfume de frutas cítricas. A árvore – um híbrido alquímico que dava limões verdes e amarelos – era mantida por uma mulher de meia-idade e três crianças pequenas que pulavam de galho em galho e atiravam frutos para atender aos pedidos das embarcações que passavam.

Acima dos barcos do Mercado Cambiante, erguia-se um mar de bandeiras, flâmulas e estandartes de seda ondulantes, todos competindo com suas cores e símbolos berrantes para transmitir sua mensagem a compradores atentos. Havia bandeiras enfeitadas com esboços grosseiros de peixes, aves ou ambos, com canecas de cerveja, garrafas de vinho e pães, botas, calças e agulhas de alfaiate com linha passada na ponta, frutas e utensílios de cozinha, ferramentas de carpintaria e uma centena de outras mercadorias e serviços. Aqui e ali, pequenos grupos de embarcações com bandeiras de frangos ou jangadas com bandeiras de sapatos travavam acirrados combates e seus proprietários bradavam a plenos pulmões a superioridade das respectivas mercadorias ou sugeriam

a ilegitimidade dos filhos uns dos outros, tudo isso enquanto os cúteres da guarda cidadina se mantinham a uma distância atenta para o caso de alguém afundar ou iniciar uma manobra de abordagem.

– Às vezes isso de fingir ser pobre é uma chatice.

Locke olhou em volta com um ar sonhador, do mesmo tipo que Pulga estaria exibindo caso não estivesse concentrado para evitar uma colisão. Uma barçaça abarrotada com dezenas de gatos domésticos miando dentro de gaiolas feitas de ripas de madeira atravessou sua esteira adornada com uma flâmula azul na qual o belo desenho de um camundongo morto sangrava brilhantes fios escarlates por um buraco aberto na garganta.

– É que esse lugar tem alguma coisa... Eu quase me convenço de que preciso com urgência comprar meio quilo de peixe, cordas para o arco, sapatos usados e uma pá nova.

– Felizmente para a nossa credibilidade, estamos chegando ao próximo marco importante no caminho que conduzirá a uma gorda fatia da fortuna de Dom Salvara – comentou Jean.

Ele apontou para além do quebra-mar nordeste do mercado, onde uma fileira de hospedarias e tabernas à beira-mar de aparência próspera separava o mercado e o Bairro dos Templos.

– Como sempre, Jean, você tem razão. Ganância em primeiro lugar, imaginação em segundo. Mantenha o nosso curso. – Locke apontou com entusiasmo na direção que Jean já indicava. – Pulga! Leve-nos para o rio, depois vire à direita. Um dos gêmeos vai estar nos esperando no Lar do Tombo, a terceira hospedaria da margem sul.

Pulga os conduziu rumo ao norte, fazendo força a cada impulsão para alcançar o fundo da bacia do mercado, que tinha pelo menos o dobro da profundidade dos canais em volta. Eles se esquivaram de insistentes fornecedores de grapefruit, pão com linguiça e bastões de luz alquímica e Locke e Jean se divertiram com uma de suas brincadeiras preferidas: tentar encontrar os pequenos batedores de carteira no meio da multidão que ocupava os quebra-mares. A desatenção das atarefadas massas de Camorr ainda bastava para alimentar o cambaleante e velho Aliciador em sua toca úmida sob o Morro das Sombras. Fazia quase vinte anos que Locke ou Jean haviam pisado lá pela última vez.

Quando eles conseguiram escapar do mercado e entraram no rio propriamente dito, Pulga e Jean trocaram de lugar em silêncio. Os músculos de Jean se adequavam melhor às águas velozes do Angevino e Pulga precisava descansar os braços para poder desempenhar seu papel no golpe por vir. Enquanto Pulga desabava no mesmo lugar da proa em que Jean estava antes, Locke atirou-lhe um limão-canela que parecia ter sido tacado do nada. Pulga devorou a fruta em seis mordidas, até mesmo a casca seca e oleosa, mastigando a polpa amarelo-avermelhada do jeito mais grotesco possível entre os dentes brilhantes mas tortos. Então abriu um sorriso.

– Ninguém faz veneno para peixe com isto aqui, faz?

– Não – respondeu Locke. – Só com as coisas que Jean come.

Jean deu um muxoxo.

– Um pouco de veneno para peixe aumenta a potência. A menos que você seja um peixe.

Jean os manteve quase rente à margem sul do Angevino, longe das profundezas que a vara não conseguia alcançar. Feixes de luz branca quente e perolada incidiam sobre eles quando a barca passava entre as pontes de Vidrantigo e o sol nascente. O rio tinha uns 200 metros de largura e sua

umidade permeava o ar com um cheiro de peixe e lodo.

Ao norte, a tremeluzir sob a névoa de calor, via-se as ordenadas encostas das ilhas de Alcegrante, onde vivia a nobreza minoritária na cidade. Uma região de jardins murados, rebuscadas esculturas de água e chácaras de pedra branca, totalmente fora do alcance de qualquer um vestido como Locke, Jean e Pulga. Com o sol quase no zênite, as imensas sombras das Cinco Torres haviam recuado para a Cidade Alta e agora não passavam de um brilho rosado de vitral que se derramava até pouco além da extremidade setentrional de Alcegrante.

– Pelos deuses, como eu gosto deste lugar – comentou Locke, tamborilando nas coxas. – Às vezes acho que esta cidade inteira só foi posta aqui porque os deuses devem adorar o crime. Trombadinhas roubam do populacho, comerciantes roubam de quem conseguem tapear, Capa Barsavi rouba dos ladrões e do populacho, os pequenos nobres roubam de quase todo mundo e o Duque Nicovante de vez em quando sai com seu exército para roubar até as calças de Tal Verrar ou Jerem, *sem falar* no que faz com seus próprios nobres e seu povo.

– Ou seja, nós somos os ladrões dos ladrões e fingimos ser ladrões que trabalham para um ladrão de outros ladrões – disse Pulga.

– Isso, nós meio que estragamos esse belo esquema, não é mesmo? – Locke refletiu por alguns segundos, fazendo estalar a língua na parte interna da bochecha. – Pode considerar o que fazemos como... uma espécie de taxa secreta cobrada dos nobres com mais dinheiro do que prudência. Opa! Chegamos.

Abaixo da hospedaria Lar do Tombo ficava um largo e bem-cuidado cais com meia dúzia de ancoradouros, nenhum deles ocupado no momento. Nesse trecho, a lisa e cinzenta margem do rio tinha 3 metros de altura; largos degraus de pedra conduziam ao nível da rua e uma rampa calçada de pedra era usada para cargas e cavalos. Calo Sanza os aguardava na beira do cais vestido apenas um pouco melhor do que os companheiros, com um cavalo neutralizado atrás de si. Locke acenou para ele.

– Quais as novidades? – gritou.

A condução de Jean foi hábil e graciosa: o cais chegou a 20 metros de distância, depois a 10, e então eles encostaram com um suave barulho de fricção.

– Galdo está com tudo guardado no quarto, a Suíte Gurupés, no primeiro andar – sussurrou Calo em resposta, curvando-se para Locke e Pulga e segurando a corda para amarrar a barçaça.

Calo tinha uma pele cor de aguardente escura e seus cabelos pareciam uma fatia negra da noite. A firmeza da pele em volta dos olhos escuros era interrompida apenas por uma fina malha de marcas de expressão – embora quem conhecesse os gêmeos Sanzas decerto as descreveria como marcas de travessura. Um nariz extremamente fino e adunco precedia a beleza de seu rosto qual uma adaga em riste.

Depois de prender a barçaça com segurança a um dos atracadouros, Calo jogou para Locke uma pesada chave de ferro presa a um comprido cordão trançado de seda vermelha e preta. Em uma hospedaria de qualidade como o Lar do Tombo, a porta de cada suíte privativa era protegida por um mecanismo de fechadura, removível apenas por meio de algum astuto expediente conhecido pelos proprietários, que podia ser trocado dentro de um nicho na porta. Cada quarto alugado recebia uma fechadura nova escolhida ao acaso e a respectiva chave. Com centenas de fechaduras

idênticas guardadas atrás do balcão encerado da recepção, a hospedaria podia praticamente garantir que copiar chaves para futuros arrombamentos era um desperdício de tempo para qualquer ladrão.

Essa cortesia também iria garantir a Locke e Jean privacidade para uma rápida transformação.
– Maravilha!

Locke pulou para o cais com a mesma agilidade que havia subido a bordo. Jean devolveu a vara a Pulga, depois fez a barca estremecer ao desembarcar.

– Vamos entrar e buscar nossos convidados de Emberlane – disse Lamora.

Enquanto Locke e Jean subiam os degraus em direção à hospedaria, Calo acenou para Pulga lhe dar uma ajuda com o cavalo. A criatura de olhos brancos era inteiramente desprovida de medo ou iniciativa pessoal, mas essa mesma falta de instinto de autopreservação poderia levá-la com muita facilidade a danificar a barça. Após alguns minutos de cuidadosos empurrões e puxões, os dois conseguiram posicionar o cavalo no centro da embarcação, tão calmo quanto uma estátua dotada de pulmões.

– Que criatura adorável – comentou Calo. – Eu o batizei de Impedimento. Daria para usá-lo como mesa. Ou como pilastra.

– Animais neutralizados me dão arrepios.

– Também a mim. Mas os delicados e os molengas preferem cavalos de carga neutralizados, logo servem bem ao nosso comerciante de Emberlane.

Um bom tempo se passou e Calo e Pulga se mantiveram em silêncio sob o sol inclemente, representando o papel de uma tripulação de barça normal que aguardava o embarque de um passageiro importante em frente à Lar do Tombo. A pessoa esperada não demorou muito a descer a escada e pigarreou duas vezes para chamar atenção.

Era Locke, claro, só que com outra roupa. Tinha alisado os cabelos para trás com óleo de rosas, os ossos de seu rosto pareciam projetar sombras que deixavam as bochechas um pouco mais encovadas e seus olhos estavam meio escondidos atrás de um par de ópticos de armação de madrepérola negra e prata que cintilava ao sol.

Ele agora usava um casaco preto todo abotoado ao estilo de Emberlane, bem justo dos ombros até as costelas e que depois se alargava bastante na cintura. Dois cintos de couro preto com fivelas de prata polidas circundavam sua barriga; três camadas de babados de lenços de pescoço pretos saíam de sua gola e flutuavam à brisa quente. Ele usava meias cinza bordadas e sapatos de pele de tubarão de salto grosso com línguas de cetim preto que se projetavam para fora de modo um tanto ridículo. O suor já brotava de sua testa como pequenos diamantes – o verão de Camorr não era misericordioso com modas vindas de um clima setentrional.

– Meu nome é *Lukas Fehrwight* – anunciou Locke de forma bem articulada, sem suas inflexões naturais, combinando um leve sotaque vadrã rascante com uma tênue distorção de seu dialeto camorri natal, como se preparasse um coquetel. – Estou usando roupas que daqui a minutos estarão encharcadas de suor. Sou burro o suficiente para andar por Camorr sem qualquer tipo de arma branca. Isso sem contar o fato de que sou inteiramente fictício – arrematou, com uma pitada de intenso pesar.

– Lamento muito ouvir isso, mestre Fehrwight, mas pelo menos aqui estão seu barco e seu cavalo

prontos para sua grande excursão – disse Calo.

Locke avançou com cuidado até a borda da barca, oscilando feito um homem que acaba de saltar de um navio e ainda não se acostumou com superfícies que não balançam. Tinha as costas muito eretas e movimento quase afetados: os maneirismos de Lukas Fehrwight lhe caíam como um conjunto de roupas invisíveis.

– Meu ajudante vai chegar a qualquer momento – avisou Locke/Fehrwight, embarcando. – Ele se chama Graumann e também é um tanto imaginário.

– Que os deuses sejam misericordiosos! Esse negócio deve ser contagioso.

Jean veio descendo a rampa calçada de pedras, caminhando pesadamente sob o fardo de 55 quilos de arreios de cavalo que rangiam, os alforjes de couro bordado abarrotados de mercadorias. Ele usava agora uma camisa de seda branca, bem esticada sobre a barriga e já translúcida em alguns pontos devido ao suor, por baixo de um colete preto aberto e de um lenço de pescoço branco. Tinha os cabelos repartidos ao meio e fixados por algum óleo preto viscoso; a cabeleira que nunca tinha sido graciosa nesse momento parecia duas bolas de lã arqueadas por cima da testa feito o telhado de um cortiço.

– Estamos atrasados, Graumann. – Locke uniu as mãos nas costas. – Ande logo e deixe o pobre cavalo fazer seu trabalho.

Jean depositou a carga que trazia sobre o lombo do animal, que não esboçou a menor reação, depois se curvou e afivelou o arreio com firmeza sob o ventre dele. Pulga passou a vara da barca para Calo, em seguida soltou a corda que a prendia ao atracadouro e eles tornaram a partir.

– Não seria uma tremenda sorte se Dom Salvara escolhesse o dia de hoje para se esquivar de seu pequeno ritual? – indagou Calo.

– Não se preocupe – retrucou Locke, deixando de lado por um instante a voz, mas não a postura de Lukas Fehrwight. – Ele é muito dedicado à memória da mãe. Quando se trata de honrar certos compromissos, a consciência pode ter a mesma precisão de um relógio de água.

– Que os deuses o escutem. – Calo manejava a vara com alegre desenvoltura. – E se não for o caso não será problema meu. É você que está usando um casaco de feltro preto de quase 5 quilos em pleno mês de Partis.

Eles subiram o Angevino até se aproximar da extremidade ocidental do Bairro dos Templos à direita, passando sob um grande arco de vidro. Em pé no meio dessa ponte, uns 15 metros acima da água, estava parado um homem magro de cabelos escuros com a aparência idêntica à de Calo.

Enquanto Calo fazia a barça passar debaixo do arco, Galdo Sanza deixou escapar das mãos uma maçã vermelha já mordida. A fruta mergulhou na água com um leve barulho bem perto de seu irmão.

– Salvara está no templo! – exclamou Pulga.

– Excelente. – Locke espalmou as mãos e sorriu. – Não falei que ele tinha uma devoção impecável à mãe?

– Que bom que você só escolhe vítimas da mais alta estirpe moral – comentou Calo. – Um tipo errado poderia dar mau exemplo a Pulga.

Em um cais público que saía da margem noroeste do Bairro dos Templos, logo abaixo da imponente e grandiosa nova Casa de Iono – Pai das Tormentas, Senhor das Águas Revoltas –, Jean

os fez atracar em tempo recorde e desembarcar Impedimento, perfeitamente caracterizado como besta de carga de um comerciante rico.

Locke saltou em seguida, exibindo sem comedimento a dignidade nervosa de Fehrwight; toda a sua exuberância estava agora contida como brasas sob o fogo. Pulga correu para o meio da multidão, ansioso para assumir seu posto de vigia acima do cruzamento do beco no qual as ambições de Dom Salvara logo seriam postas à prova. Nesse exato instante, Calo viu Galdo descer da ponte de vidro e foi em sua direção. Sem perceber, os dois gêmeos tocavam as armas escondidas dentro das camisas frouxas.

Quando os irmãos Sanzas se encontraram e se puseram a caminho do ponto de encontro no Templo das Águas da Fortuna, Locke e Jean já estavam a um quarteirão dali. O golpe tinha começado.

Pela quarta vez, os Nobres Vigaristas miravam um dos homens mais poderosos da cidade de Camorr. Estavam marcando um encontro que poderia vir a privar Dom Lorenzo Salvara de quase metade da sua fortuna, e agora cabia ao Dom ser pontual.

5

PULGA ESTAVA EM POSIÇÃO IDEAL para detectar a patrulha pedestre reforçada antes de qualquer um, algo previsto no plano. De certo modo, a própria patrulha fazia parte do plano: significava que tudo iria por água abaixo.

– Pulga, você vai ser o vigia. – Locke já tinha explicado a missão várias vezes e Jean a reforçara com arguições exaustivas. – Nós optamos por travar o primeiro contato com Salvara na rua mais deserta do Bairro dos Templos. Um observador no nível do chão seria visível a mais de um quilômetro de distância, mas um menino a dois andares de altura é outra história.

– Em que devo ficar de olho?

– Em qualquer coisa que aparecer. O Duque Nicovante e a Companhia Vidronoite. O Rei dos Sete Tutanos. Uma velhota em uma carroça de esterco. Se alguém aparecer, dê o sinal e pronto. Talvez você consiga distrair um transeunte. Já se for a guarda, bom, aí podemos bancar os inocentes ou sair correndo feito loucos.

E eis que surgem seis homens de tabardo amarelo-mostarda e armaduras de batalha bem engraxadas, com porretes e armas brancas tilintando ameaçadoramente contra os cintos duplos, vindos do sul e a poucos passos do Templo das Águas da Fortuna. Seu trajeto os faria passar bem em frente à entrada do beco tão importante. Mesmo que Pulga conseguisse avisar os outros a tempo para que escondessem a corda de Calo, Locke e Jean continuariam cobertos de lama e os gêmeos permaneceriam vestidos como bandidos caricatos, com lenços no rosto e tudo. Não havia a menor chance de fingir inocência. Se Pulga desse o sinal, o jeito seria correr feito loucos.

O menino raciocinou mais depressa do que jamais raciocinara na vida, o coração martelando no peito. Teve de fazer força para manter a calma, continuar a observar e procurar uma brecha. Catalogar! Precisava catalogar suas alternativas.

Suas alternativas eram péssimas. Doze anos de idade, agachado a 6 metros de altura na periferia de

um malcuidado jardim no terraço de um templo desativado, sem nenhuma arma de longo alcance ou qualquer outra distração possível. Dom Salvara ainda prestava sua homenagem aos deuses da mãe no Templo das Águas da Fortuna; as únicas pessoas que ele podia ver eram seus comparsas, os Nobres Vigaristas, e a patrulha ensopada de suor prestes a estragar seu dia.

Mas espere um pouco.

Lá embaixo e quase 2 metros à direita de Pulga, junto à parede da construção em ruínas sobre a qual ele estava agachado, havia uma pilha de lixo. Parecia um monte de sacos de aniagem mofados e uma variada coleção de imundície marrom.

O mais prudente seria fazer o sinal para os outros e deixá-los fugir: Calo e Galdo tinham muita experiência em conseguir escapar dos casacas-amarelas e eles poderiam simplesmente voltar e tentar o golpe outra vez na semana seguinte. Talvez. Ou talvez um golpe fracassado nesse dia fosse alertar alguém e trazer mais patrulhas pedestres nas semanas seguintes. Talvez se espalhasse o boato de que o Bairro dos Templos não era tão tranquilo quanto deveria ser. Quem sabe Capa Barsavi se interessasse por aquela perturbação não autorizada e mexesse os próprios pauzinhos. E, nesse caso, o dinheiro de Salvara poderia ficar fora do alcance dos Nobres Vigaristas.

Não, ser prudente não era uma alternativa. Pulga precisava *vencer*. Aquela pilha de lixo bem ali tornava possível uma grande e gloriosa estupidez.

Antes de qualquer outro pensamento lhe passar pela cabeça, ele já havia pulado. De braços estendidos, caiu de costas com os olhos pregados no céu quente de quase meio-dia e a firme certeza do alto de seus 12 anos de que a morte e os ferimentos eram coisas reservadas apenas para quem não era Pulga. Ele gritou ao cair, com toda a vontade, só para ter certeza de atrair a atenção da patrulha.

No último segundo da queda, viu de relance uma grande forma escura atravessar o céu logo acima do Templo das Águas da Fortuna. Seria um pássaro? Algum tipo de gaivota? Não havia mais nenhuma ave daquele tamanho em Camorr, com certeza nenhum que se movesse como as flechas de uma balestra, e...

O impacto com a superfície parcialmente maleável da pilha de lixo expulsou o ar de seus pulmões com um ruído úmido e fez sua cabeça dar um tranco para a frente. O queixo pontudo bateu no peito magro, os dentes abriram buracos na língua que verteram sangue e encheram sua boca com um gosto morno e salgado. Ele gritou outra vez, por reflexo, e cuspiu sangue. O céu girou primeiro para a esquerda, depois para a direita, como se o mundo estivesse apresentando estranhos novos ângulos para ele aprovar.

Pés calçados com botas correram pelas pedras do chão, as armas embainhadas rangeram e tilintaram. Um rosto de meia-idade afogueado com um bigode de pontas caídas reluzente de suor surgiu entre Pulga e o céu.

– Menino, pelos bagos de Perelandro! – O guarda parecia tão surpreso quanto preocupado. – Que diabo você estava aprontando lá em cima? Teve sorte de cair onde caiu.

O esquadrão de casacas-amarelas reunido em volta do primeiro homem concordou com murmúrios entusiasmados. Pulga pôde sentir o cheiro de seu suor e da cera de suas armaduras, bem como o odor do lixo que havia aparado sua queda. Bom, quem pulava em cima de uma pilha qualquer de imundície marrom em Camorr sabia desde o início que o aroma não seria de água de

rosas. Pulga balançou a cabeça para apagar as faíscas brancas que dançavam nas retinas e mexeu as pernas para ter certeza de que voltariam a funcionar. Graças aos deuses, nada parecia quebrado. Quando tudo aquilo terminasse, ele iria reavaliar a opinião que tinha da própria imortalidade.

– Sargento, sargento... – falou Pulga com um sibilo pastoso, deixando mais sangue escorrer pelos lábios (caramba, sua língua estava doendo muito).

– O que houve, menino? – respondeu o homem com os olhos cada vez mais arregalados. – Você consegue mexer os braços e as pernas? O que está sentindo?

Pulga estendeu as mãos para cima casualmente, não de todo fingindo o tremor que as acometia, e segurou a armadura do sargento como se quisesse se equilibrar. Alguns segundos depois, tornou a falar:

– Sargento, a sua bolsa está muito mais leve do que deveria. Foi às putas ontem à noite, é?

Ele sacudiu a bolsinha de couro logo abaixo do bigode preto do sargento e a porção larápia de sua alma – a mais importante, sejamos honestos – se animou diante da expressão de total desconcerto que brotou nos olhos do homem. Por uma fração de segundo, a dor da aterrissagem imperfeita de Pulga sobre a pilha de lixo foi esquecida. Sua outra mão então se ergueu, como por magia, e o seu Truque de Órfão atingiu o sargento bem no meio dos olhos.

Um Truque de Órfão, ou “segredinho vermelho”, era um pequeno saco lastreado, como um porrete em miniatura, que se guardava escondido nas roupas, mas nunca em contato com a pele. Era tradicionalmente recheado com lascas moídas de uma dezena das pimentas picantes mais apreciadas de Camorr, além de alguns refugos para lá de insalubres de certos ateliês de alquimia negra. Não adiantava nada contra uma ameaça de verdade, mas era perfeito para usar contra outro menino de rua. Ou contra certo tipo de adulto com a mão boba.

Ou contra um rosto desprotegido ao alcance de uma cusparada.

Pulga já estava rolando o corpo para a esquerda, de modo que o espirro de fino pó cor de ferrugem que saiu do seu Truque não o atingiu por poucos centímetros. O sargento não teve a mesma sorte: o tiro foi certo e o pó muito picante entrou por seu nariz, pela boca e bem lá dentro em seus olhos. Ele soltou uma fieira de uivos de dor realmente fenomenais e caiu para trás arranhando as próprias faces. Pulga, já de pé, movia-se com a elasticidade trôpega da juventude; até sua língua machucada foi esquecida por um tempo em meio à avassaladora necessidade de correr feito um louco.

Agora ele com certeza conseguira atrair a atenção total da patrulha. Os guardas gritavam e o perseguiam enquanto seus pequenos pés batiam nas pedras do calçamento e ele sorvia grandes e ardidas golfadas de ar úmido, obrigando os representantes do Duque a cumprirem seu exercício vespertino. Tinha feito a sua parte para salvar o golpe, que poderia prosseguir sem a sua participação.

Um guarda de raciocínio particularmente rápido enfiou o apito na boca e produziu um som entrecortado sem parar de correr: três silvos longos, uma pausa, depois mais três. *Guarda atingido*. Ah, merda! Aquilo iria fazer os casacas-amarelas de metade da cidade acorrerem às pressas, com as armas em riste. Aquilo traria *balestras*. De repente, passou a ser importantíssimo que Pulga escapasse do esquadrão em seu encalço antes de outros esquadrões começarem a mandar observadores subirem nos telhados. Sua expectativa de uma animada perseguição desapareceu: com

sorte, ele tinha um minuto para chegar a um de seus esconderijos habituais e desaparecer.

De repente, sua língua começou a doer bastante.

6

DOM LORENZO SALVARA EMERGIU DO pórtico do templo e saiu para a úmida e ofuscante claridade do meio-dia camorri sem nem desconfiar da lição que certo menino-ladrão estava recebendo logo do outro lado daquele mesmo bairro sobre o conceito de *tentar ser esperto demais*. Era possível escutar os silvos débeis dos apitos dos guardas. Salvara estreitou os olhos e observou com alguma curiosidade a silhueta distante de um solitário guarda citadino a cambalear pelo chão calçado de pedras, ricocheteando nos muros das casas enquanto segurava a cabeça como se temesse que ela fosse sair flutuando de seu pescoço e se perder no céu.

– Dá para acreditar, milorde? – Conté já tinha trazido os cavalos de trás do templo, onde ficava a discreta gruta que servia de estábulo. – Bêbado feito um gambá, e nem passou de meio-dia. Esses novos guardas são mesmo uns molengas inúteis.

Conté era um homem de meia-idade com a pele enrugada de sol, cintura de bailarino e braços de remador. O serviço que ele prestava ao jovem Dom era óbvio mesmo sem olhar para o par de adagas compridas feito sua coxa que pendiam dos cintos de couro cruzados.

– Sem comparação com os seus padrões de antigamente, não é?

O Dom, por sua vez, era um rapaz bem-apeesoado de sangue camorri tradicional, com cabelos negros e pele cor de mel escuro. Tinha um rosto grande e suave, bastante anguloso, embora o corpo fosse esguio; apenas os olhos davam indícios de que não se tratava de um bem-educado aluno do colégio fazendo-se passar por nobre. Por trás dos ópticos sem armação na última moda, o olhar do Dom parecia o de um arqueiro impaciente ávido por alvos. Conté deu um muxoxo.

– Na minha época, pelo menos nós sabíamos que encher a cara era um passatempo para se praticar dentro de casa.

Conté passou para o Dom as rédeas de sua montaria, uma lustrosa égua cinza pouco mais alta que um pônei, bem treinada, mas de forma alguma neutralizada. Era a montaria perfeita para trotes curtos por uma cidade ainda mais prática para barcos – ou acrobatas, como reclamava com frequência Dona Salvara – do que para cavalos. O guarda cambaleante desapareceu pela curva de uma esquina distante mais ou menos na mesma direção dos apitos urgentes. Como os ruídos não pareciam estar se aproximando, Salvara achou que não mereciam importância e conduziu a égua até a rua.

Ali, ele teve a segunda surpresa do dia. Quando o Dom e seu homem dobraram à direita, puderam ter uma visão completa do beco de muros altos contíguo ao Templo das Águas da Fortuna, onde dois homens bem-vestidos estavam sendo atacados por um par de meliantes.

Salvara estacou e encarou a cena, assombrado. Malfeitores mascarados no Bairro dos Templos e, ainda por cima, esganando um homem todo vestido de preto ao estilo justo, pesado e totalmente inadequado de um *vadrã*? Pela misericórdia dos Doze. Um cavalo de carga neutralizado apenas

assistia a tudo, sem se mexer.

Depois de alguns segundos de total espanto, o Dom soltou as rédeas de sua égua e correu em direção à entrada do beco. Não precisou olhar para o lado para saber que Conté estava apenas um passo atrás, já com as adagas na mão.

– Ei, vocês aí! – Sua voz soou um tanto confiante, embora alterada e aguda. – Larguem esses homens e afastem-se!

O ladrão que estava mais próximo virou a cabeça na sua direção. Seus olhos escuros se arregalaram acima da máscara improvisada ao ver o Dom e Conté se aproximarem. O bandido mudou a posição da vítima de rosto afogueado de modo a interpor seu corpo entre si mesmo e os potenciais interventores.

– Não precisa se preocupar com este assunto, *milorde* – garantiu o ladrão. – É só uma pequena desavença. Assunto particular.

– Então talvez os senhores devessem tê-lo conduzido em algum lugar menos público.

O ladrão mostrou-se exasperado.

– Por acaso o Duque lhe deu este beco para ser sua propriedade? Se der mais um passo, eu quebro o pescoço deste pobre coitado.

– Pode quebrar. – Dom Salvara pousou a mão sugestivamente no cabo em forma de meia-esfera do florete. – Parece que eu e meu homem controlamos a única saída deste beco. Tenho certeza de que o senhor continuará bem satisfeito por ter matado esse homem quando estiver com um metro de aço enfiado na própria garganta.

O primeiro ladrão não soltou a corda enrolada que prendia sua vítima quase inconsciente, mas começou a recuar com cautela em direção ao fundo do beco, arrastando consigo de forma desajeitada o homem vestido de preto. O segundo bandido se afastou do homem caído que antes chutava com selvageria. Os dois malfeitores mascarados trocaram um olhar cúmplice.

– Amigos, não sejam estúpidos.

Salvara sacou metade do florete para fora da bainha; o sol se refletiu muito branco no aço camorri da melhor qualidade. Conté ficou de cócoras e assumiu a postura agressiva de um lutador nato e muito bem-treinado no manejo de armas brancas.

Sem mais nenhuma palavra, o primeiro ladrão jogou a vítima bem em cima de Conté e do Dom. Enquanto o infeliz de preto arquejava e tentava se agarrar a seus salvadores, os dois malfeitores mascarados correram em direção ao muro no fundo do beco. Conté se esquivou do vadrã ofegante e trêmulo e saiu correndo atrás deles, mas os agressores, além de astutos, eram também ágeis. Uma fina corda quase invisível dotada de nós a intervalos regulares pendia do muro. Os dois malfeitores subiram por ela e praticamente mergulharam para o outro lado do muro. Conté e suas adagas chegaram dois segundos atrasados. A outra ponta da corda, que estava lastreada, voou por cima do muro e aterrissou com um ruído molhado na crosta de lama que cobria o chão a seus pés.

– Seus canalhas, vagabundos de merda!

O guarda-costas do Dom tornou a embainhar as adagas com facilidade e curvou-se junto ao homem corpulento que jazia imóvel em meio à lama do beco. O sinistro olhar branco do cavalo de carga neutralizado pareceu segui-lo quando ele levou os dedos ao pescoço do gordo em busca de pulsação.

– Guardas cambaleando bêbados em plena luz do dia e, enquanto eles se divertem, vejam só o que acontece no maldito *Bairro dos Templos*...

– Ah, graças aos Tutanos – conseguiu dizer o homem de preto, desenrolando a corda do próprio pescoço e jogando-a no chão.

Dom Salvara pôde então ver que, apesar de estarem sujas de lama e de serem pesadas demais para a estação, eram roupas muito elegantes: corte excelente, feitas sob medida e adornadas com elementos caros e sutis em vez de opulentos e exagerados.

– Graças ao Salgado e graças ao Doce. Graças às Mãos Sob as Águas por esses patifes terem nos atacado bem ao lado deste edifício de poder até o qual as correntezas os trouxeram para nos acudir.

Apesar do forte sotaque, seu terim era bem articulado e sua voz estava rouca, o que não era de espantar. Ele massageou a garganta ferida, piscou e começou a apalpar a lama ao seu redor com a mão livre como se procurasse algo.

– Acho que posso ajudá-lo outra vez – disse Dom Salvara em seu melhor vadrã, tão preciso e tão carregado quanto o terim do desconhecido.

Ele recolheu da lama um par de ópticos de armação de madrepérola, notando a leveza e a construção sólida – de fato, muito refinados e caros. Limpou-os na manga do próprio casaco vermelho e folgado antes de entregá-los ao homem.

– E o senhor fala vadrã! – exclamou o desconhecido em seu próprio idioma com uma fluência que, aos ouvidos de Salvara, soou perfeita. Ele tornou a pôr os ópticos e piscou para seu salvador. – O milagre agora está completo e é bem maior do que tenho o direito de pedir em qualquer oração. Ah! Graumann!

O vadrã de preto se levantou com dificuldade e cambaleou até o companheiro. Conté havia conseguido fazer rolar pelo chão de lama o corpulento estrangeiro, que agora estava deitado de costas, e seu imenso peito sujo de lama subia e descia em ritmo regular.

– Está vivo, é claro. – Conté correu as mãos pelo peito e pela barriga do pobre coitado. – Não acho que tenha quebrado ou rompido alguma coisa, mas é provável que fique verde por muitas semanas de tantos hematomas. Verde como água de lago, depois negro como a noite, posso lhes garantir.

O esbelto e bem-vestido vadrã soltou um longo suspiro de alívio.

– Os Tutanos são muito generosos. Graumann é meu criado, meu secretário, meu zeloso braço direito. Infelizmente não tem habilidade nenhuma com armas, mas eu mesmo confesso absoluta incompetência nesse quesito. – O desconhecido voltara a falar terim e virou-se para encarar Dom Salvara com olhos arregalados. – Assim como estou lhe fazendo uma total descortesia, pois o senhor deve ser um Dom de Camorr.

Ele fez uma profunda reverência, mais profunda até do que a etiqueta poderia exigir de um estrangeiro rico para cumprimentar um nobre do Sereno Ducado de Camorr, quase se arriscando a desabar para a frente de cara no chão.

– Meu nome é Lukas Fehrwight e eu trabalho para a Casa de bel Auster, do Cantão de Emberlane, no Reino dos Sete Tutanos. Estou inteiramente ao seu dispor e não posso expressar minha gratidão pelo que fez por mim hoje.

– O meu é Lorenzo, Dom Salvara, e este é meu guarda-costas Conté. Somos nós quem estamos

inteiramente ao seu dispor, sem qualquer obrigação. – O Dom se curvou no ângulo correto, com a mão direita estendida convidando a um cumprimento. – Em certo sentido, sou responsável pela hospitalidade de Camorr e o que lhe aconteceu aqui não foi de bom-tom. Minha honra exigia que eu viesse ajudá-lo.

Fehrwight segurou o braço estendido do Dom logo acima do pulso e o sacudiu enquanto o outro segurava o seu no mesmo ponto. O aperto do vadrã foi fraco e Salvara se dispôs caridosamente a atribuir tal fato a seu quase estrangulamento. Fehrwight baixou a testa até ela tocar com delicadeza as costas da mão do Dom e isso encerrou suas cortesias físicas.

– Permita-me discordar: o senhor tem ao seu lado um servidor jurado e bastante competente, ao que parece. Poderia ter feito o que exigia a honra mandando-o nos ajudar, mas o senhor mesmo veio, pronto para o combate. De onde eu estava, pareceu-me que ele teve de correr para acompanhá-lo. Posso lhe garantir que meu ponto de vista na ocasião era desconfortável, mas excelente.

O Dom deu um leve aceno, como se palavras pudessem ser dissipadas do ar.

– Lamento apenas eles terem escapado, mestre Fehrwight. É improvável que eu consiga fazer justiça de verdade ao senhor. E por isso Camorr também pede desculpas.

Fehrwight se ajoelhou ao lado de Graumann e afastou da testa os cabelos escuros molhados de suor do grandalhão.

– Justiça? Eu tenho sorte de estar vivo. Fui abençoado com uma viagem segura até aqui e, graças à sua ajuda, estou vivo para continuar minha missão, e isso para mim basta como justiça. – O homem esbelto tornou a erguer os olhos para Salvara. – O senhor por acaso não é Dom Salvara, dos Vinhedos Nacozza? Sua esposa não é Dona Sofia, a famosa botânica alquimista?

– Tenho essa honra e esse prazer – respondeu o Dom. – E o senhor por acaso não trabalha para a Casa de bel Auster? Por acaso não vende, ahn...

– Sim, ah, sim, é justamente para essa Casa de bel Auster que eu trabalho. Eu vendo e transporto a substância em que o senhor está pensando. Curioso, muito curioso. Os Tutanos devem estar de brincadeira comigo. As Mãos Sob as Águas devem querer que eu morra de puro assombro. O fato de o senhor salvar minha vida aqui hoje, de saber falar vadrã, de termos um interesse profissional em comum... É tudo muito estranho.

– Também acho isso tudo extraordinário, mas de modo algum desagradável. – Dom Salvara olhou para o beco em volta, pensativo. – Minha mãe era vadrã e é por isso que eu falo o idioma com entusiasmo, ainda que mal. O senhor foi seguido até aqui? Aquela corda por cima do muro indica premeditação e o Bairro dos Templos... bem, esta região em geral é tão segura quanto a sala de leitura do próprio Duque.

– Chegamos hoje de manhã. Depois de ocuparmos nossos aposentos na hospedaria Lar do Tombo, que o senhor decerto conhece, viemos direto para cá agradecer e fazer as oferendas por nossa viagem segura desde Emberlane. Não vi de onde aqueles homens saíram. – Fehrwight refletiu por um tempo. – Mas acho que um deles lançou aquela corda por cima do muro após derrubar Graumann. Eles foram cuidadosos, mas não estavam de tocaia à nossa espera.

Salvara deu um grunhido e voltou sua atenção para o olhar alvo do cavalo neutralizado.

– Que curioso. O senhor sempre traz cavalos e mercadorias para o templo quando faz suas

oferendas? Se esses alforjes estiverem tão cheios quanto parece, entendo por que os malfeitores ficaram tentados.

– Em geral essas coisas estariam todas trancadas em nossa hospedaria. – Fehrwight deu dois tapinhas amigáveis no ombro de Graumann e tornou a se levantar. – Mas, no caso desta carga e desta missão, infelizmente não posso me separar delas. E acho que isso fez de nós um alvo fácil. – Fehrwight coçou o queixo várias vezes, devagar. – Dom Lorenzo, eu já tenho uma dívida com o senhor e hesito em solicitar sua ajuda mais uma vez. Mas o que vou pedir tem relação com a missão que me foi confiada para esta minha estadia em Camorr. Como o senhor é um Dom, por acaso conhece um certo Dom Jacobo?

Os olhos de Dom Salvara se fixaram com firmeza em Fehrwight; um dos cantos de sua boca se virou para baixo de maneira quase imperceptível.

– Conheço – respondeu, após um longo silêncio.

– Esse Dom Jacobo... Dizem que ele é um homem muito rico. Extremamente rico, até mesmo para um Dom.

– É... é verdade.

– Falam que ele é aventureiro. Ousado, até. Que... como posso dizer, tem faro para oportunidades estranhas. Uma tolerância ao risco.

– Talvez essa seja uma descrição possível do seu caráter.

Fehrwight passou a língua pelos lábios.

– Dom Lorenzo... é importante... se esse fatos forem mesmo verdadeiros, será que o senhor aceitaria, será que poderia usar sua condição de nobre de Camorr para me ajudar a conseguir uma audiência com Dom Jacobo? Tenho vergonha de pedir, mas teria mais vergonha ainda de renunciar à minha missão para a Casa de bel Auster.

Dom Salvara sorriu sem qualquer vestígio de humor e virou a cabeça, como se olhando Graumann, ainda caído na lama sem dizer nada. Conté havia se levantado e tinha os olhos arregalados e pregados no Dom.

– Mestre Fehrwight, o senhor não sabe que Paleri Jacobo talvez seja o meu maior inimigo vivo? – questionou Salvara por fim. – Não sabe que nós dois travamos lutas sangüinárias duas vezes e que só por ordens pessoais do Duque Nicovante não resolvemos nossa contenda de uma vez por todas?

– Ah – fez Fehrwight com o tom e a expressão facial de alguém que acabou de deixar cair uma tocha acesa dentro de um barril de óleo de fogo. – Que constrangimento. Que estupidez a minha. Já fiz negócios em Camorr várias vezes, mas eu não... Eu o ofendi. Pedi demais.

– De forma alguma. – O tom de voz de Salvara se fez amigável outra vez e ele começou a tamborilar no cabo da espada com a mão direita. – Mas o senhor veio aqui cumprir uma missão para a Casa de bel Auster. Está transportando uma carga que se recusa a perder de vista. Está claro que o seu plano já inclui Dom Jacobo de alguma forma... mas o senhor ainda precisa conseguir uma audiência formal com ele. Em suma, ele não sabe que o senhor está aqui nem que planeja procurá-lo, certo?

– Eu... quero dizer... tenho medo de revelar demais sobre os meus negócios...

– Mas os seus negócios aqui são claros – replicou Salvara, agora animado. – E o senhor não disse e repetiu que tem uma dívida comigo, mestre Fehrwight? Apesar das minhas garantias do contrário,

o senhor não as recusou? Vai retirar sua promessa de obrigação *agora*?

– Eu... com a melhor boa-fé do mundo, milorde... maldição. – Fehrwight começou a tremer. – Que vergonha, Dom Lorenzo. Agora devo escolher entre trair minha dívida para com o homem que me salvou a vida ou trair minha promessa à Casa de bel Auster de manter o maior sigilo possível em relação aos seus negócios.

– Não precisa fazer nenhuma dessas duas coisas e talvez eu possa ajudá-lo na condução dos negócios de seu patrão. Será que não entende? Se Dom Jacobo desconhece a sua presença aqui, que dívida o senhor tem para com ele? Evidentemente está aqui a negócios. Um plano, um esquema, uma proposta de algum tipo. O senhor veio aqui *iniciar* alguma coisa, senão os seus contatos já estariam estabelecidos. Não se zangue consigo mesmo: tudo isso é simples lógica. Não é verdade?

Fehrwight abaixou a cabeça e, com relutância, assentiu.

– Então pronto! Embora eu não seja tão rico quanto Dom Jacobo, disponho de uma fortuna significativa. E nossos ramos de negócios são complementares, não são? Venha me encontrar amanhã a bordo do meu barco nos Festejos Cambiantes. Faça sua proposta *a mim*. Vamos discuti-la em detalhes. – Os olhos de Dom Salvara exibiam um brilho malévolos visível mesmo sob a forte luz do sol. – Já que o senhor tem uma dívida comigo, pague-a aceitando meu convite. Livre de qualquer obrigação, podemos discutir negócios que trarão vantagens a nós dois. Não entende que eu tenho um interesse velado em privar Dom Jacobo de qualquer oportunidade que o senhor possa lhe apresentar, mesmo que ele nunca fique sabendo? *Principalmente* se ele nunca ficar sabendo, assim ele jamais precisará se zangar com o senhor? Será que não sou ousado o bastante para o seu gosto? Posso jurar que o seu rosto está ficando mais sério a cada segundo como por magia. Qual é o problema?

– Não é o senhor, Dom Lorenzo. É que as Mãos Sob as Águas de repente estão demonstrando outra vez uma generosidade infalível. Nós temos um ditado: a boa sorte imerecida esconde sempre uma armadilha.

– Não se preocupe, mestre Fehrwight. Se é mesmo sobre negócios que o senhor quer falar, não duvide que trabalho árduo e graves problemas nos aguardam mais adiante. Estamos combinados, então? O senhor almoçará comigo amanhã de manhã, irá aos Festejos Cambiantes e discutirá comigo a sua proposta?

Fehrwight engoliu em seco, encarou Dom Salvara e aquiesceu com firmeza.

– Há grande bom senso na sua proposta. E talvez grande oportunidade para nós dois. Aceitarei sua hospitalidade e lhe contarei tudo. Amanhã, então. Para mim, quanto mais cedo melhor.

– Foi um prazer conhecê-lo, mestre Fehrwight. – Dom Salvara inclinou a cabeça na sua direção. – Podemos ajudar seu amigo a se levantar da lama e acompanhá-los até sua hospedaria para garantir que não tenham mais nenhum contratempo?

– Sua companhia será muito bem-vinda se o senhor puder esperar aqui e cuidar do pobre Graumann e de nossa carga enquanto eu termino minha oferenda no templo. – Locke pegou um pequeno embrulho de couro no meio da profusão de mercadorias e recipientes sobre o lombo do cavalo. – A oferenda vai ser maior do que eu havia planejado. Mas os meus patrões entendem que orações de agradecimento são uma despesa inevitável no nosso ramo.

O TRAJETO DE VOLTA ATÉ o Lar do Tombo foi lento e Jean proporcionou um belo espetáculo de dor, tontura e confusão. Se a visão de dois forasteiros enlameados e vestidos com exagero e três cavalos escoltados por um Dom pareceu estranha a algum passante, ninguém comentou nada, só olhando tudo aquilo pelas costas de Dom Salvara. Pelo caminho, eles passaram por Calo, que agora caminhava casualmente pela rua nos trajes simples de um agricultor. Ele agitou as mãos em gestos rápidos e sutis. Como não havia sinal de Pulga, iria assumir a posição em um de seus pontos de encontro combinados. E iria rezar para que tudo desse certo.

– Lukas! Não pode ser! Lukas Fehrwight!

Enquanto Calo desaparecia no meio dos passantes, Galdo apareceu da mesma forma repentina, trajando as sedas e algodões brilhantes de um próspero comerciante camorri; só o seu casaco fendido e cheio de babados devia valer tanto quanto a barcaça na qual os Nobres Vigaristas haviam subido o rio naquela manhã. Nada nele poderia lembrar ao Dom ou a seu guarda-costas os malfeitores do beco: sem máscara, com os cabelos penteados para trás sob uma pequena boina redonda, Galdo era um retrato de respeitabilidade física e financeira. Girando uma bengalinha laqueada, aproximou-se do estranho grupo de Lorenzo com um largo sorriso no rosto.

– Ora... Evante! – Locke-disfarçado-de-Fehrwight parou e encarou o amigo com um espanto fingido, em seguida estendeu a mão para um vigoroso cumprimento. – Mas... mas que surpresa agradável!

– Muito agradável, Lukas, muito mesmo... Mas o que aconteceu com você? E com você, Graumann? Os dois parecem que acabaram de perder uma briga!

– Ah, e perdemos mesmo. – Locke olhou para baixo e esfregou os olhos. – Evante, a manhã de hoje foi muito estranha. Talvez Grau e eu nem estivéssemos vivos não fosse este nosso extraordinário guia aqui. – Locke puxou Galdo na sua direção e estendeu uma das mãos em direção ao Dom. – Milorde Salvara, permita-me apresentar Evante Eccari, advogado do bairro de Razona. Evante, este é Lorenzo Salvara. Dos Vinhedos Nacoza, se é que você ainda se interessa por essas propriedades.

– Pelos Doze! – Galdo tirou o chapéu e fez uma profunda reverência. – Um Dom! Eu deveria ter reconhecido o senhor na hora, milorde. Mil perdões. Evante Eccari, ao seu inteiro dispor.

– Encantado, mestre Eccari. – Dom Salvara fez uma mesura correta, porém casual, e se adiantou para apertar a mão do recém-chegado: isso assinalava sua permissão para dispensar a conversa de quaisquer outras formalidades supérfluas. – Quer dizer que o senhor, ahn, conhece mestre Fehrwight?

– Lukas e eu nos conhecemos há tempos, milorde. – Sem virar as costas para Dom Salvara, ele esfregou com exagero os ombros do casaco preto de Locke para remover um pouco de lama seca. – Eu trabalho principalmente para a Meraggio, cuidando de assuntos de alfândega e prestando serviços para os nossos amigos do Norte. Lukas é um dos melhores e mais inteligentes funcionários da Casa de bel Auster.

– Até parece. – Locke tossiu e deu um sorriso tímido. – Evante pega as leis e os regulamentos mais interessantes do seu ducado e os traduz em bom terim. Ele já me salvou em várias ocasiões. Eu pareço ter um talento especial para topar com armadilhas em Camorr e encontrar camorris de boa

índole para me tirar delas.

– Poucos clientes descreveriam o meu trabalho em termos tão generosos. Mas que lama é essa e esses hematomas? Você mencionou uma briga?

– Sim. Sua cidade tem ladrões muito, ahn, empreendedores. Dom Salvara e seu guarda-costas acabaram de espantar dois deles. Acho que infelizmente eu e Graumann estávamos levando a pior.

Galdo se aproximou de Jean e lhe deu um tapinha amigável nas costas; a careta do outro foi uma joia da atuação.

– Pelos Doze! Meus parabéns, milorde. Lukas é o que se pode chamar de uma boa safra, mesmo que não seja sensato o bastante para se livrar dessas ridículas lãs de inverno. Tenho uma dívida com o senhor pelo que fez e...

– Nada disso, meu senhor, nada disso. – Dom Salvara ergueu uma das mãos com a palma para a frente e enganchou a outra na cinta da espada. – Eu fiz o que a minha posição exigia, nada mais. E já ouvi promessas demais de dívida na tarde de hoje.

Dom Lorenzo e “Mestre Eccari” trocaram gentilezas por mais algum tempo. Galdo parou com aquilo ao ouvir a versão mais educada possível de “Obrigado, mas não encha mais o meu saco”.

– Bem – disse ele por fim. – Foi uma surpresa maravilhosa, mas infelizmente tenho um cliente à minha espera e é óbvio, milorde Salvara, que o senhor e Lukas precisam cuidar de negócios nos quais eu não deveria me intrometer. Com sua licença...?

– Claro, claro. Foi um prazer, mestre Eccari.

– O prazer foi todo meu, milorde, posso lhe garantir. Lukas, se tiver uma horinha sobrando, você sabe onde me encontrar. E se os meus reles talentos puderem ter alguma serventia para os seus negócios, você sabe que eu virei correndo...

– É claro, Evante. – Locke segurou a mão direita de Galdo com as suas duas e a sacudiu entusiasmado. – Desconfio que precisaremos de você mais cedo do que pensa.

Ele levou um dedo à lateral do nariz; Galdo aquiesceu e houve uma troca generalizada de mesuras, apertos de mão e outras cortesias de despedida. Afastando-se apressado, Galdo fez alguns sinais com a mão para trás, disfarçados de ajustes ao chapéu, que significavam “Não sei nada sobre Pulga. Vou olhar por aí”.

Salvara passou alguns segundos observando a sua partida, pensativo, então se virou novamente para Locke enquanto o grupo recomeçava seu trajeto em direção ao Lar do Tombo. Ficaram conversando amenidades por um tempo. Locke, na pele de Fehrwight, não teve muitos problemas para deixar se esvaír o prazer proporcionado pelo encontro com “Eccari”: logo exibia uma disposição bem tristonha, que atribuiu a um princípio de dor de cabeça causado pela tentativa de estrangulamento. Os dois Nobres Vigaristas desceram em frente aos jardins de árvores cítricas que ficavam diante da Lar do Tombo, recebendo recomendações para descansar bastante à noite e deixar todos os negócios para o dia seguinte.

Assim que se viram sozinhos na segurança de seu quarto – com os alforjes cheios de mercadorias “preciosas” carregados nos ombros de Jean –, Locke e Jean tiraram depressa as roupas elegantes sujas de lama e vestiram novos disfarces para poderem acorrer a seus próprios pontos de encontro e lá aguardar notícias de Pulga, se é que haveria alguma.

Dessa vez, a forma escura e veloz que foi passando em silêncio de telhado em telhado no seu

encalço passou despercebida.

8

A FALSALUZ ESTAVA DIMINUINDO DE intensidade. O Vento do Carrasco e a névoa dos pântanos faziam as roupas aderirem à pele e logo condensava a fumaça do tabaco de Calo e Galdo à sua volta até quase envolvê-los em uma catarata cinza. Encapuzados e suados, os gêmeos estavam sentados em frente à porta trancada de uma casa de penhores relativamente bem-conservada na extremidade norte do bairro da Antiga Cidadela, protegida por venezianas e barras de ferro. Dois andares acima, a família do penhorista bebia algo que causava grande alarde.

– Foi um bom primeiro round – comentou Calo.

– Foi mesmo, não foi?

– O melhor que já tivemos. Mas foi difícil usar todos esses disfarces, bonitos como somos.

– Confesso que não sabia que compartilhávamos essa complicação.

– Ora, ora, não seja tão duro consigo mesmo. Em termos físicos, você não fica a me dever nada. O que lhe falta são meus dotes eruditos. E minha coragem nata. E meu talento com as mulheres.

– Se está se referindo à facilidade com que distribui moedas quando está correndo atrás de boceta, tem razão. Para as putas de Camorr você é um verdadeiro baile de caridade.

– Esse comentário não foi nem um pouco gentil – disse Calo.

– Tem razão. – Os gêmeos passaram algum tempo fumando sem dizer nada. – Me desculpe. Hoje tudo perdeu um pouco da graça. Estou preocupadíssimo com o menino. Você viu...

– Patrulhas extras percorrendo a cidade a pé. Vi, sim. Além disso, os soldados estavam agitados. Eu ouvi os apitos. Estou muito curioso para saber o que ele fez e por quê.

– Ele deve ter tido lá os seus motivos. Se nós tivemos um bom primeiro round, foi graças a ele. Espero que o moleque esteja bem o bastante para podermos lhe dar uma surra.

Formas desgarradas passavam depressa pela bruma retroiluminada: como havia muito pouco Vidrantigo na ilha da Antiga Cidadela, a maior parte do brilho era reflexo de lugares distantes. O barulho dos cascos de um cavalo no chão de pedra se fez ouvir vindo da direção sul e foi chegando cada vez mais perto.

Nessa hora, Locke sem dúvida estaria espreitando próximo ao Palácio da Paciência, examinando as patrulhas que entravam e saíam pela Ponte Negra para se certificar de que não estavam carregando nenhum pequeno e familiar prisioneiro. Ou nenhum pequeno e familiar cadáver. Jean devia estar em outro ponto de encontro, andando de um lado para outro e estalando os dedos. Pulga não voltaria direto para o Templo de Perelandro e tampouco chegaria perto da hospedaria. Os Nobres Vigaristas mais velhos ficariam de vigília à sua procura na cidade e no meio da névoa.

Rodas de madeira chacoalharam e um animal irritado relinchou. O ruído da carroça puxada por cavalos estacou com alguns rangidos a cerca de 5 metros dos irmãos Sanzas envoltos na bruma.

– Avendendo? – O nome foi dito por uma voz alta, mas hesitante.

Calo e Galdo se levantaram na mesma hora: “Avendendo” era sua palavra secreta particular para um encontro não planejado.

– Aqui! – gritou Calo, deixando cair no chão o cigarro fino e esquecendo de pisar em cima.

Um homem se materializou da bruma, careca e barbado, com braços fortes de artesão e o ventre arredondado da relativa prosperidade.

– Não sei exatamente como isso funciona, mas, ahn... se um de vocês for Avendendo, me garantiram que eu receberia 10 sólons se entregasse este barril aqui – ele indicou com o polegar a carroça atrás de si – nesta... nesta porta.

– Barril. Sim, claro. – Com o coração aos pulos, Galdo pegou uma bolsa de moedas. – O que tem aí dentro desse barril?

– Vinho é que não é. Nem um menino muito educado. Mas ele me prometeu 10 moedas de prata.

– Claro. – Galdo contou depressa e fez estalar os discos prateados brilhantes na mão espalmada do homem. – Dez pelo barril. E mais um para esquecer essa história toda, ok?

– Caramba, minha memória deve estar com defeito: eu nem lembro por que o senhor está me pagando.

– Bom sujeito.

Galdo tornou a guardar a bolsinha sob a capa e correu para ajudar Calo, que já havia subido na carroça e estava em pé sobre um barril de madeira de tamanho moderado. A rolha que normalmente fechava a parte superior não estava no lugar, deixando um pequeno buraco escuro para respirar. Calo deu três batidas decididas no tonel; três batidas débeis responderam na hora. Com sorrisos no rosto, os gêmeos retiraram o recipiente da carroça e se despediram do condutor com um aceno de cabeça. O homem tornou a subir na sua condução e logo sumiu assobiando noite adentro, com mais de vinte vezes o valor do barril vazio a tilintar dentro dos bolsos.

– Bom, esta safra provavelmente ainda está um pouco nova e amarga demais para ser decantada – comentou Calo depois de ele e o irmão rolarem o barril para o abrigo de seu vão de porta.

– E se a deixarmos na adega por cinquenta ou sessenta anos?

– Estava pensando que poderíamos despejar no rio e pronto.

– É mesmo? – Galdo tamborilou no barril. – E o que o rio fez para merecer uma coisa dessas?

Uma série de ruídos se fez ouvir lá dentro, lembrando vagamente um protesto. Calo e Galdo se inclinaram ao mesmo tempo até junto do buraco.

– Escute aqui, Pulga, você com certeza tem uma explicação muito boa para estar aí dentro e nós aqui fora, mortos de aflição por sua causa – falou Calo.

– Uma explicação incrível, para falar a verdade. – A voz de Pulga soou rouca e com um pouco de eco. – Vocês vão adorar. Mas primeiro me digam como correu o golpe.

– Às mil maravilhas – respondeu Galdo.

– Daqui a três semanas, no máximo, tudo que o Dom tem vai ser nosso, até a última roupa íntima de seda da sua esposa – acrescentou Calo.

Pulga grunhiu com evidente alívio.

– Ótimo. Bom, ahn, o que aconteceu foi que havia dois casacas-amarelas indo bem na sua direção. O que eu fiz os deixou bem bravos, então eu saí correndo para a oficina de um toneleiro da Antiga Cidadela conhecido meu. Ele abastece algumas adegas mais acima no rio, logo tem um pátio inteiro cheio de barris vazios. Bom, eu meio que me convidei a entrar lá, pulei dentro de um tonel e disse a ele que, se pudesse ficar ali até ele me trazer para cá depois da Falsaluz, ele ganharia 8 sólons.

– Oito? – Calo coçou o queixo. – O atrevido acabou de cobrar 10 e levou 11.

– Ah, tudo bem. – Pulga tossiu. – Eu fiquei entediado sentado lá no pátio dos barris, então roubei a bolsa dele. Ele tinha lá dentro o equivalente a uns 2 sólons em cobre. Logo, deu para recuperar o prejuízo.

– Eu ia fazer um comentário compreensivo sobre você ter passado metade do dia escondido dentro de um barril, mas esse roubo foi uma coisa bem idiota de se fazer – repreendeu Galdo.

– Por quê?! – Pulga parecia genuinamente magoado. – Para ele eu passei o tempo inteiro dentro do barril, então por que iria desconfiar de mim? E você acabou de dar um dinheirão a ele, então por que iria desconfiar de você? É tudo perfeito! Locke teria apreciado.

– Pulga, Locke é nosso irmão e nosso amor por ele não tem limites – falou Calo. – Mas as três palavras mais fatais de toda a língua terem são “Locke teria apreciado”.

– Comparáveis apenas a: “Locke me ensinou um truque novo” – emendou Galdo.

– A única pessoa que se safou com os golpes de Locke Lamora...

– ... é Locke Lamora...

– ... porque nós achamos que os deuses o estão poupando para uma morte realmente grandiosa. Algo com facas e ferros incandescentes...

– ... e cinquenta mil espectadores aplaudindo.

Os irmãos pigarrearam ao mesmo tempo.

– Bom, eu fiz isso e consegui me safar – retrucou Pulga. – Podemos ir para casa agora?

– Para casa – repetiu Calo. – Claro. Locke e Jean vão soluçar feito duas vovozinhas quando souberem que você está vivo. Não vamos deixá-los esperando.

– Não precisa sair; suas pernas devem estar dormentes – falou Galdo.

– Estão mesmo! – guinchou Pulga. – Mas vocês dois não precisam me carregar o caminho todo...

– Pulga, você nunca esteve tão certo em toda a sua vida!

Galdo se posicionou de um dos lados do barril e aquiesceu para Calo. Assobiando, os irmãos começaram a rolar o tonel pelo chão calçado de pedra na direção do Bairro dos Templos, não necessariamente pelo caminho mais rápido ou mais liso.

INTERLÚDIO

A explicação de Locke

– FOI UM ACIDENTE – afirmou Locke. – Nas duas vezes, foram acidentes.

– Como é? Não devo ter escutado direito. – Os olhos de Padre Correntes se estreitaram sob a débil luz vermelha da diminuta lamparina de cerâmica de Locke. – Poderia jurar que você acabou de dizer “Pode me jogar pelo parapeito, eu não passo de um menino inútil sem serventia e estou pronto para morrer agora mesmo”.

Correntes o levara para conversar no terraço do templo, onde os dois estavam sentados confortavelmente junto a altos parapeitos que deveriam estar entrelaçados com plantas decorativas. Os jardins suspensos há muito perdidos da Casa de Perelandro eram um aspecto pequeno, porém

importante, da tragédia sacrificial do Sacerdote Cego – mais uma pequena encenação para atrair uma simpatia medida em moedas.

As nuvens que haviam se adensado no céu refletiam palidamente o brilho multicolorido da Camorr noturna e escondiam as luas e as estrelas. O Vento do Carrasco era pouco mais de uma pressão úmida que movia o ar preguiçoso em volta de Correntes e Locke enquanto o menino se esforçava para se explicar.

– Não! Não, eu queria machucar os dois. Mas só isso. Machucar. Não sabia... não sabia que aquelas coisas iriam acontecer com eles.

– Bem, nisso eu *quase* consigo acreditar. – Correntes bateu com o indicador da mão direita na palma da esquerda, o gesto típico dos mercadores camorris para *Vamos logo com isso*. – Então me conte tudo até o fim. Esse “quase” é um problema e tanto para você. Me faça entender, a começar pelo primeiro menino.

– Veslin – sussurrou Locke. – E Gregor, mas primeiro Veslin.

– Veslin – concordou Correntes. – Isso mesmo, Veslin. Coitadinho dele, ganhou um orifício extra aberto no pescoço por ninguém menos do que o seu antigo mestre. O Aliciador teve que comprar um daqueles lindos dentes de tubarão do Capa e dessa vez o dente foi *usado*. Então... por quê?

– Lá no morro, alguns dos meninos e meninas mais velhos pararam de sair para trabalhar. – Locke entrelaçou os dedos com firmeza e os encarou como se dali pudessem brotar respostas. – Eles pegavam as coisas quando voltávamos no fim do dia. Tiravam de nós. Faziam nossos relatórios para o mestre e às vezes omitiam objetos.

Correntes aquiesceu.

– São os privilégios da idade, do tamanho e do puxa-saquismo. Se você sobreviver a esta conversa, vai descobrir que é assim na maioria das grandes gangues. *Na maioria*.

– E havia um menino em especial, Veslin, que não parava por aí. Ele nos chutava, nos socava, pegava nossas roupas, nos obrigava a fazer coisas. Várias vezes ele mentia para o mestre sobre o que tínhamos trazido. Dava algumas das nossas coisas para as meninas mais velhas do Janelas e todos nós do Ruas recebíamos menos comida, principalmente os provocadores. – Enquanto ele falava, suas mãos se separaram e foram se fechando devagar. – E se nós tentássemos falar com o mestre ele ria, só ria, como se soubesse e achasse aquilo engraçado! E depois de contarmos, Veslin ficava... ele só piorava!

Chains assentiu e bateu de novo com o indicador na palma da mão.

– Eu pensei no assunto, pensei muito – continuou Locke. – Nenhum de nós conseguia brigar com ele porque ele era grande demais. Nenhum de nós tinha um amigo grande lá no morro. E se nos juntássemos contra Veslin, os amigos grandes dele viriam todos atrás de nós. Todos os dias, Veslin saía com alguns de seus amigos. Nós os víamos enquanto estávamos trabalhando. Eles não se metiam no nosso trabalho, mas ficavam nos olhando, sabe? E Veslin dizia coisas. – Em um menino menos sujo e menos encovado, o irônico sorriso de lábios finos de Locke teria sido cômico; nele, o fez parecer uma esguia gárgula preparando-se para um bote. – Quando nós voltávamos, ele dizia coisas: que éramos desajeitados ou preguiçosos, que não trazíamos o suficiente. E nos empurrava, batia e roubava ainda mais. Eu pensei, pensei, pensei muito no que fazer.

– E a ideia fatídica? – indagou Correntes. – Foi toda sua?

– Foi. – O menino anuiu com vigor. – Toda minha. Eu estava sozinho quando a tive. Vi uns casacas-amarelas patrulhando a cidade e pensei... pensei... nos porretes que eles carregam, nas espadas... E se *eles* espancassem Veslin? E se *eles* tivessem algum motivo para não gostar dele? – Locke fez uma pausa para respirar. – E eu pensei mais ainda, só que não consegui encontrar uma solução. Não sabia como. Então pensei: e se não fossem eles que ficassem bravos com Veslin? E se eu os usasse como desculpa para deixar o *mestre* bravo com Veslin?

Correntes aquiesceu com um ar grave.

– E onde você arrumou a moeda de ferro branco?

Locke deu um suspiro.

– No Ruas. Todo mundo que não gostava de Veslin começou a roubar a mais. Nós observávamos, pegávamos, dávamos duro mesmo. Levou semanas. Levou uma eternidade! Eu queria ferro branco. Acabei conseguindo a moeda de um gordo todo vestido de preto. De lã preta. Uns casacos e gravatas esquisitos.

– Um vadrã. – Correntes parecia estupefato. – Devia ser um comerciante que veio fazer algum negócio. Orgulhoso demais para se vestir de acordo com o clima no começo e talvez pão-duro demais para procurar um alfaiate aqui. Então você conseguiu sua moeda branca. Uma coroa inteira.

– Todo mundo quis ver e tocar a moeda. Eu deixei, depois os mandei ficar de bico calado. Mandei prometerem não falar sobre o assunto. Disse a eles que era assim que iríamos pegar Veslin.

– E o que você fez com essa moeda?

– Pus dentro de uma bolsinha de couro. daquelas que todo mundo carrega. E escondi na cidade para que ninguém nos roubasse. Em um lugar que conhecíamos onde ninguém grande podia entrar. Me certifiquei de que Veslin e seus amigos estivessem fora do morro, peguei a moeda e um dia bem cedo voltei para lá. Distribuí moedas de cobre e pão para as meninas mais velhas da porta, mas a coroa estava no meu sapato. – Nesse ponto, Locke parou de falar e mexeu na pequena lamparina, fazendo o brilho vermelho tremeluzir em seu rosto. – Coloquei a moeda no quarto de Veslin, onde ele e Gregor dormiam, um dos túmulos secos e quentinhos. Bem no centro do morro. Encontrei uma pedra solta e escondi a bolsinha ali e, quando tive certeza de que ninguém tinha me visto, pedi para falar com o mestre. Disse que alguns de nós viram Veslin em uma das casernas dos casacas-amarelas nos Estreitos. Fortes, estações. O senhor sabe. E que ele roubara dinheiro deles. Que tinha mostrado para nós e dito que, se abrissemos a boca, iria nos vender para os casacas-amarelas.

– Incrível. – Correntes cofiou a barba. – Sabe que você nem balbucia e gagueja tanto ao contar como fodeu a vida de outra pessoa?

Locke piscou, levantou o queixo e encarou Correntes com intensidade. O sacerdote riu.

– Não foi uma crítica, filho. Longe de mim querer interromper o fluxo da história. Pode continuar. Como você sabia que o seu antigo mestre se zangaria por causa disso? Os casacas-amarelas algum dia já ofereceram dinheiro a você ou seus amigos?

– Não. Não, mas eu sabia que o mestre dava dinheiro *para eles*. Em troca de favores, de informações. Nós às vezes o víamos pôr moedas em bolsinhas. Então pensei: quem sabe eu consigo fazer isso funcionar ao contrário?

– Ah.

Correntes levou a mão até dentro das dobras da túnica e pegou uma carteira de couro plana que, à

luz da lamparina de Locke, parecia ter a mesma cor de tijolos cozidos. Tirou dela um pedacinho de papel sobre o qual despejou um pó preto de outro compartimento da carteira. Dobrou rapidamente o papel até formar um cilindro apertado e, com graciosidade, acendeu uma das pontas segurando-o junto à chama da lamparina. O papel logo começou a soltar espectrais arabescos de fumaça que foram se juntar às espectrais nuvens cinzentas; a substância tinha cheiro de alcatrão queimado.

– Me perdoe – disse Correntes, virando-se para a direita para que a fumaça não fosse direto em cima do garoto. – Dois por noite, é tudo que me permito fumar: um mais forte antes do jantar e um mais fraco depois. Melhora o sabor da comida.

– Quer dizer que eu vou jantar aqui?

– Ah, meu oportunistazinho atrevido. Digamos que a situação permanece indefinida. Vamos, termine sua história. Você disse ao seu antigo mestre que Veslin estava trabalhando como membro adjunto da temida corporação de guardas citadinos de Camorr. Ele deve ter dado um chique e tanto.

– Ele disse que me mataria se eu estivesse mentindo. – Locke se deslocou para a direita, afastando-se ainda mais da fumaça. – Mas eu falei que ele tinha escondido a moeda no quarto dele. No quarto que ele dividia com Gregor. O mestre mandou revirar o quarto. Eu tinha ocultado a moeda muito bem, mas ele encontrou. Era esse o plano.

– Hum. E o que você achou que fosse acontecer?

– Eu não sabia que eles seriam mortos! – Correntes não conseguiu escutar nenhuma tristeza genuína naquela vozinha suave e arrebatada, mas o menino parecia estar de fato confuso e aborrecido. – Queria que ele desse uma surra em Veslin. Pensei que ele fosse fazer isso na frente de todo mundo. Nós comíamos juntos quase todas as noites. O morro inteiro. Quem fazia bobagem tinha que pagar prendas, servir e limpar tudo, ou era imobilizado para apanhar com a vara. Beber óleo de gengibre. Imaginei que ele fosse ter que fazer uma dessas coisas. Talvez todas.

– Bem...

Correntes prendeu uma lufada de fumaça por um intervalo particularmente longo, como se o tabaco fosse lhe proporcionar compreensão e desviou os olhos de Locke. Expirou em pequenas baforadas, formando meias-luas trêmulas que flutuaram por alguns metros antes de se fundir à névoa circundante. Pigarreou e tornou a se virar para o menino.

– Bem, você com certeza aprendeu o valor das boas intenções, não é? Apanhar de vara. Servir e limpar. Pff. O pobre Veslin teve que servir e limpar mesmo. Como seu antigo mestre fez?

– Ele saiu por algumas horas e, na volta, ficou esperando. No quarto de Veslin. Quando Veslin e Gregor retornaram nessa noite, havia meninos mais velhos por perto. Logo, eles não puderam fugir. Então... o mestre os matou. Os dois. Cortou o pescoço de Veslin e... segundo alguns dos outros, olhou para Gregor por um tempo sem dizer nada e depois... – Locke fez o mesmo gesto incisivo com dois dedos à frente do pescoço, que Correntes fizera para ele mais cedo. – Ele matou Gregor também.

– É claro que matou! Pobre Gregor. Gregor Foss, não era? Um dos órfãos sortudos o bastante para se lembrar do sobrenome, assim como você. É claro que o seu antigo mestre o matou também. Ele e Veslin eram melhores amigos, certo? Duas doses da mesma garrafa. Era elementar concluir que um

deles sabia que o outro estava escondendo uma fortuna debaixo de uma pedra. – Correntes suspirou e esfregou os olhos. – Elementar. Então, agora que me contou sua versão, quer que eu lhe diga em que momento você fodeu tudo? Quer que lhe explique por que a maioria dos seus amiguinhos do Ruas que o ajudaram a surrupiar essa moeda de ferro branco vão estar mortos antes de o dia amanhecer?

CAPÍTULO DOIS

Segundo round no Espetáculo dos Dentes

1

ERA A DÉCIMA PRIMEIRA HORA da manhã do Dia do Ocioso nos Festejos Cambiantes. O sol, de um branco ofuscante, irradiando um arco de luz no céu vazio e um calor de rachar. Com as roupas e os trejeitos de Lukas Fehrwight, em pé sob o toldo de seda do barco de lazer de Salvara, Locke observava os Festejos cada vez mais animados.

Uma trupe de bailarinos estava encarapitada em uma embarcação-plataforma à sua esquerda; eram quatro, dispostos em uma formação de losango a uns 5 metros um do outro. Cada um parecia manejar quatro ou cinco longos pedaços de fita de seda em cores brilhantes, que se estendiam entre eles e se enrolavam em seus braços, peitos e pescoços. As fitas formavam entre os dançarinos uma cama de gato que não parava de se mexer, onde estavam suspensos vários objetos pequenos por meio de astutos nós: espadas, facas, sobretudos, botas, estatuetas de vidro, bugigangas reluzentes. Todos eles se moviam de forma lenta, porém gradual, em variadas direções enquanto os bailarinos entrelaçavam os braços e moviam os quadris, desfazendo antigos nós e formando outros ainda mais apertados com gestos inacreditavelmente fluidos.

A apresentação era uma pequena maravilha em meio a um rol do qual fazia parte o barco de Dom e Dona Salvara. Ao contrário de muitos nobres, que viviam pondo e tirando árvores de seus pomares aquáticos, os anfitriões de Locke deram um passo além e transformaram seu barco de lazer num eterno pomar flutuante em miniatura. Com cerca de 50 passos de comprimento e 20 de largura, tratava-se de um retângulo de madeira de casco duplo cheio de terra que sustentava uma dezena de carvalhos e oliveiras. Os troncos eram negros como a noite e as farfalhantes cascatas de folhas tinham um tom inacreditável de verde-esmeralda lustroso feito verniz – evidência da sutil ciência da botânica alquímica.

Largas escadas circulares recortadas por trechos de sombra lançados pelas folhas subiam por várias dessas árvores até o camarote de observação do Dom, coberto por um toldo de seda e confortavelmente aninhado entre os galhos para proporcionar aos ocupantes uma vista livre à frente. De ambos os lados dessa nesga de floresta flutuante exibicionista, havia vinte remadores contratados sentados em estruturas parecidas com escoras que impediam a pesada parte central do barco de virar.

O camarote comportava vinte pessoas com folga; nessa manhã, só estavam ali Locke e Jean, os Salvaras e o sempre atento Conté, que nesse momento mexia num armário de bebidas tão rebuscado que poderia facilmente ser confundido com o laboratório de um boticário. Locke voltou a olhar

para os dançarinos com as fitas e sentiu uma estranha proximidade deles. Eles não eram os únicos a dispor de farta oportunidade para estragar um delicado espetáculo público naquela manhã.

– Mestre Fehrwight, que roupas são essas? – Dona Sofia Salvara estava ao seu lado na amurada da frente do camarote, com as mãos a poucos centímetros das suas. – Em um inverno de Emberlane, o senhor estaria muito elegante, mas por que suportar essa tortura no nosso verão? Vai suar tanto que ficará vermelho feito uma rosa! Não quer tirar alguma peça?

– Eu... senhora, eu lhe garanto que estou... bem à vontade.

Pelos treze deuses, ela estava *flertando* com ele. E o leve sorriso que surgiu no rosto do marido deixou claro para Locke que os Salvaras haviam planejado aquilo. Um pouco de atenção feminina para deixar encabulado o comerciante: encenação perfeita e muito comum. Um golpe antes do golpe, por assim dizer.

– Sinto que qualquer desconforto que estas roupas me causem neste seu clima muito... interessante só serve para... me estimular. A me concentrar. Elas me mantêm alerta, entende? Me ajudam a ser um, ahn, homem de negócios melhor.

Em pé alguns passos atrás deles, Jean mordeu a língua. Jogar louras para tentar fisgar Locke era mais ou menos como jogar alfices para tubarões. E Dona Sofia era *muito* loura: uma daquelas beldades terins muito raras, com a pele do mesmo tom de âmbar queimado e cabelos cor de manteiga de amêndoas. Tinha um olhar profundo e firme e curvas astutamente não disfarçadas por um vestido sem mangas laranja-escuro com uma combinação creme que mal aparecia na bainha. Bem, era muita falta de sorte dos Salvaras deparar com o ladrão que possuía o mais singular gosto em relação a mulheres. Jean podia admirar Dona Sofia por ambos: seu papel limitado nesse dia – e seus “ferimentos” – lhe proporcionaria pouco mais a fazer.

– Nosso mestre Fehrwight tem uma robustez incomum, querida.

Dom Lorenzo estava encostado em um canto afastado da balaustrada dianteira, trajando roupas de seda branca esvoaçante e um colete laranja que combinava com o vestido da mulher. Os lenços brancos do pescoço pendiam de forma estilosa e apenas o gancho inferior do colete estava fechado.

– Levou uma surra das boas ontem e hoje está usando lã suficiente para cinco homens e desafiando o sol a agredi-lo. Devo dizer que estou cada vez mais contente comigo mesmo por ter mantido o senhor longe de Jacobo, Lukas.

Locke recompensou o Dom sorridente com um leve meneio de cabeça e um sorriso agradavelmente encabulado.

– Pelo menos aceite algo para beber, mestre Fehrwight.

A mão de Dona Sofia repousou sobre a de Locke por um curto instante, tempo suficiente para ele sentir os calos e queimaduras que manicure nenhuma era capaz de esconder. Então ela era mesmo uma botânica alquimista: além de ser um projeto de sua lavra, aquela embarcação era também produto direto de suas mãos. Um talento formidável, que denotava uma mulher calculista. Estava claro que Lorenzo era a metade mais impulsiva do casal e, se ele tivesse juízo, pediria a opinião da esposa antes de concordar com qualquer proposta de Lukas Fehrwight. Locke, portanto, a presenteou com um sorriso tímido e um pigarro encabulado; ela que pensasse que o estava afetando.

– Seria muito agradável – ponderou. – Mas temo que isso não vá tranquilizá-la em relação à minha

condição, bondosa Dona Sofia. Já fiz muitos negócios na sua cidade e sei como os homens e as mulheres daqui bebem quando falam de negócios.

– “A manhã é para suar e a noite, para se arrepender” – disse Dom Salvara, afastando-se da balaustrada e chamando o criado com um gesto. – Conté, acho que mestre Fehrwight acabou de pedir nada menos do que um Gengibre Escaldante.

Conté foi prontamente providenciar o pedido. Primeiro, escolheu uma taça de vinho alta de cristal na qual serviu dois dedos do mais puro óleo de gengibre camorri, que tinha a mesma cor da canela queimada. Acrescentou uma dose generosa de conhaque de pera leitoso, depois um licor viscoso e transparente chamado *ajento*, na realidade um vinho de cozinha temperado com rabanetes. Uma vez preparada a bebida, enrolou uma toalha molhada nos dedos da mão esquerda e levou-a a um braseiro coberto que estava aceso junto ao armário de bebidas. Dali retirou uma fina haste de metal com a ponta incandescente e a mergulhou na bebida; um silvo audível foi seguido de uma pequena nuvem de vapor aromatizado. Com a haste já apagada, Conté mexeu depressa a mistura por três vezes e a serviu a Locke sobre uma fina salva de prata.

Locke havia praticado aquele ritual muitas vezes ao longo dos anos, a queimação fria do Gengibre Escaldante atingindo seus lábios, preenchendo cada fina rachadura com um calor ardente e realçando cada espaço entre os dentes e as gengivas com uma deliciosa dor antes mesmo de começar a surtir efeito na língua e na garganta. Porém ele nunca conseguia reprimir por completo as lembranças do Morro das Sombras, dos castigos do Aliciador e do fogo líquido que parecia subir por suas narinas e incendiar o fundo de seus olhos até fazê-lo querer arrancá-los. Expressar desconforto com o primeiro gole da bebida foi bem mais fácil do que fingir interesse por Dona Sofia.

– Incomparável – elogiou ele com um tossido, e com movimentos rápidos e entrecortados, afrouxou só um pouco os lenços pretos do pescoço. Os Salvaras abriram um encantador sorriso de ironia. – Agora estou lembrado outra vez por que tenho tamanho sucesso na venda de bebidas mais suaves para os seus conterrâneos.

2

UMA VEZ POR MÊS, NINGUÉM negociava nada no Mercado Cambiante. Todo quarto Dia do Ocioso, os comerciantes mantinham distância do grande círculo anexo ao rio Angevino protegido pelos quebra-mares e ficavam boiando ou ancorados ali por perto enquanto metade da cidade acorria para assistir aos Festejos Cambiantes.

Camorr jamais tivera um grande anfiteatro de pedra ou Vidrantigo e adquirira o curioso costume de reconstruir do zero, a cada edição dos Festejos, um círculo para abrigar os espectadores. Imensas barças de observação com vários andares eram rebocadas e ancoradas com firmeza nos quebra-mares de pedra que rodeavam o Mercado Cambiante; pareciam fatias flutuantes cortadas de um grande estádio. Cada embarcação era operada por uma família ou consórcio de comerciantes rival e enfeitada com decorações feitas sob medida. A competição por assentos era acirrada e não raras as brigas entre os fregueses das barças mais procuradas.

Quando adequadamente enfileiradas, essas naus formavam um arco em metade da circunferência do Mercado Cambiante. Um canal era mantido livre para as embarcações que entravam e saíam do meio das águas calmas e o restante do perímetro era reservado para os barcos de lazer da nobreza. Cada edição dos Festejos contava com uma boa centena deles e o dobro disso nos festivais mais importantes como aquele, pois faltavam poucas semanas para o auge do verão e o Dia das Transformações.

Antes mesmo de iniciadas as diversões, os Festejos Flutuantes eram um espetáculo em si, uma grande maré de ricos e pobres, a bordo de barcos ou a pé, competindo por um lugar no tradicional concurso muito apreciado por sua falta de regras. Os casacas-amarelas sempre compareciam em peso, embora mais para impedir bate-bocas e brigas de fugirem ao controle do que para evitar de todo as perturbações. Os Festejos eram uma diversão da cidade inteira, um serviço público tumultuado que o Duque tinha prazer em pagar do próprio bolso. Poucas coisas surtiam o mesmo efeito de uma bela edição dos Festejos quando era preciso sufocar qualquer tumulto antes de ela se intensificar.

Locke e seus anfitriões, que podiam sentir a proximidade do fogo do meio-dia apesar do toldo de seda que lhes cobria a cabeça, remediavam a situação com Gengibres Escaldantes e observavam, em meio ao mormaço, os milhares de camorris que abarrotavam as barcaças dos plebeus. Conté havia preparado para seu patrão e patroa bebidas idênticas – ainda que talvez com um pouco menos de óleo de gengibre –, que “Graumann” servira como ditava a etiqueta camorri para essas ocasiões. O copo de Locke já estava pela metade; a bebida alcoólica era uma esfera de calor que não parava de se expandir em seu estômago e uma vívida lembrança em sua garganta.

– Aos negócios – disse ele por fim. – Vocês dois foram tão... tão gentis com Grau e comigo. Eu concordei em retribuir essa gentileza revelando os negócios que me trouxeram a Camorr. Então vamos falar sobre eles, se for do seu agrado.

– Mestre Fehrwight, não poderia haver plateia mais ávida pelas suas palavras.

Os remadores contratados pelo Dom agora os conduziam aos Festejos propriamente ditos e eles estavam se aproximando de dúzias de barcos de lazer mais tradicionais, alguns abarrotados com dezenas ou centenas de convidados. O Dom tinha os olhos acesos e sequiosos de curiosidade.

– Pode falar.

– O Reino dos Sete Tutanos está desmoronando. – Locke deu um suspiro. – Isso não é nenhum segredo.

Casuais, os Salvaras bebericaram seus drinques e não fizeram nenhum comentário.

– O Cantão de Emberlane está situado na periferia do principal conflito. Apesar disso, o Graf de Emberlane e a Mesa Negra estão ambos trabalhando em diferentes... direções para expô-lo a consideráveis perigos.

– Mesa Negra? – estranhou o Dom.

– Queira me desculpar. – Locke sorveu um golinho bem pequeno de sua bebida e sentiu uma brasa escorrer pela língua. – A Mesa Negra é como nós chamamos o conselho dos comerciantes mais poderosos de Emberlane. Os meus patrões da Casa de bel Auster fazem parte dela. São eles quem controlam o Cantão de Emberlane, exceto do ponto de vista militar e fiscal. E eles estão fartos do Graf e das Guildas de Comércio nos outros seis cantões dos Tutanos. Cansados das limitações.

Emberlane está enriquecendo com as novas formas de especulação e empreendedorismo. A Mesa Negra considera as antigas Guildas um fardo.

– Curioso o senhor dizer “eles”, e não “nós” – comentou Dona Sofia. – Isso tem algum significado?

– Até certo ponto. – Mais um gole da bebida; um segundo de nervosismo fingido. – A Casa de bel Auster concorda que as Guildas já não têm mais serventia, que as práticas comerciais dos séculos passados não deveriam ser controladas pelas suas leis. Mas nós *não* concordamos necessariamente... – ele deu outro gole na bebida e coçou a parte de trás da cabeça – ... que o... Graf de Emberlane deva ser deposto enquanto estiver ausente do cantão com a maior parte de seu exército, empunhando sua bandeira em nome de seus primos de Parlay e Somnay.

– Santos Doze! – Dom Salvara balançou a cabeça como se quisesse apagar o que acabara de escutar. – Eles não podem estar falando sério. Emberlane é... é menor do que Camorr! E está exposta ao mar por dois lados. É indefensável.

– Mesmo assim, os preparativos já começaram. Os bancos e casas comerciais de Emberlane representam *quatro vezes* o faturamento anual do segundo cantão mais rico dos Tutanos. A Mesa Negra está obcecada com isso. O ouro com certeza deveria ser considerado um poder em potencial, mas a Mesa Negra está errada ao supor que representa por si só um poder direto. – Ele terminou sua bebida com um gole longo e exagerado. – De toda forma, daqui a dois meses a guerra civil já vai ter estourado mesmo. A sucessão está um caos. Os Stradas e os Dvorims, os Razuls e os Strigs... eles estão todos afiando facas e desfilando soldados. Enquanto conversamos aqui, os comerciantes de Emberlane estão se preparando para prender os membros da nobreza que ficaram durante a ausência do Graf. Eles pretendem assumir o controle da marinha. Reunir um exército de “cidadãos livres”. Contratar mercenários. Em suma, vão tentar se separar dos Tutanos. É inevitável.

– E qual é a relação disso com a sua vinda aqui?

Dona Sofia segurava com força sua taça de vinho, os nós dos dedos brancos: ela compreendia perfeitamente o que significava a história de Fehrwight. Um combate como não se via há séculos, uma guerra civil no norte aliada a um possível desastre econômico.

– Segundo meus patrões da Casa de bel Auster, os ratos no porão têm poucas chances de assumir o leme de um navio prestes a afundar. Mas esses mesmos ratos podem, com facilidade, *abandonar o navio*.

3

NO CENTRO DOS FESTEJOS CAMBIANTES, várias gaiolas de ferro altas foram afundadas na água. Algumas serviam de suporte para pranchas de madeira sobre as quais artistas, vítimas, lutadores e criados podiam andar; outras, particularmente pesadas, continham formas escuras que giravam ameaçadoras sob a água cinza translúcida. Embarcações-plataforma avançavam em ritmo regular, impulsionadas por remadores, e sobre elas se apresentavam dançarinos com fitas, atiradores de facas, acrobatas, malabaristas, homenzarrões musculosos e outras excentricidades. Os gritos exaltados de pregoeiros com seus alto-falantes na forma de compridas trombetas de bronze reverberavam na superfície da água.

A primeira atração de qualquer Festejo era os Combates da Penitência, nos quais pequenos delatores do Palácio da Paciência podiam se candidatar a lutas desiguais em troca de reduções de pena ou discretas melhorias nas suas condições de vida. Nesse momento, o desafiante era um incrivelmente musculoso *nichavezzo* (“mão que punia”), um dos guardas da casa do próprio Duque. Ele usava uma armadura de couro preto com peitoral de aço reluzente e um capacete de aço encimado pela barbatana recém-cortada de um peixe-voador gigante. Escamas e espinhas cintilavam quando ele avançava e recuava sob o sol forte, disparando golpes aparentemente aleatórios com um porrete de ponta de ferro.

O *nichavezzo* estava em pé sobre uma plataforma pequena, porém estável como uma rocha, rodeada por uma série de pranchas de madeira circulares separadas por uma braçada de água. Sobre essas plataformas bambas e instáveis havia pouco mais de vinte prisioneiros magros e imundos, cada qual armado com um pequeno porrete de madeira. Um ataque coletivo talvez conseguisse derrotar o adversário de armadura, mas aqueles homens não pareciam inclinados à cooperação. Eles partiam para cima do *nichavezzo* sozinhos ou em pequenos grupos e caíam uns depois dos outros com golpes que lhes faziam chacoalhar a cabeça. Pequenos barcos rodeavam a plataforma para pescar os prisioneiros inconscientes antes que sumissem para sempre debaixo d’água. O Duque, em sua misericórdia, não permitia que os Combates da Penitência fossem deliberadamente mortais.

– Humm.

Locke estendeu por apenas um segundo sua taça de vinho vazia; Conté a removeu de seus dedos com a mesma graça de um espadachim que desarma o adversário. Quando o criado do Dom se aproximou do armário de bebidas, Locke pigarreou.

– Não precisa tornar a enchê-lo ainda, Conté. Muito gentil, muito gentil. Mas com a sua permissão, milorde e milady Salvara, eu gostaria de lhes oferecer dois presentes. Um por retribuição a sua hospitalidade. O outro como... Bem, vocês vão ver. Graumann?

Locke estalou os dedos e Jean aquiesceu. O grandalhão caminhou até uma mesa de madeira bem ao lado do armário de bebidas e pegou duas pesadas bolsas de couro, ambas com os cantos reforçados e pequenas trancas de ferro costuradas na aba. Pousou-as em um lugar bem visível para os Salvaras, recuou alguns passos para Locke poder abri-las com uma delicada chave de marfim esculpido. Da primeira ele retirou um tonel de madeira clara e aromática, com cerca de 30 centímetros de altura e 15 de diâmetro, que estendeu para o Dom poder examinar. Uma marca preta sem ornamentos na superfície do barril informava:

BRANDVIN AUSTERSHALIN 502

Dom Lorenzo expirou com um silvo entre os dentes; talvez tenha até inflado as narinas, mas ainda assim Locke manteve o semblante de Lukas Fehrwight educadamente neutro.

– Pelos Doze, um 502! Lukas, se eu dei a impressão de o ter repreendido mais cedo por não querer se separar das suas mercadorias, queira por favor aceitar minhas mais profundas...

– Ah, não precisa, não precisa. – Locke ergueu uma das mãos e imitou o gesto do Dom para espantar as palavras. – Pela sua ousada intervenção a meu favor, Dom Salvara, e pela sua excelente hospitalidade esta manhã, graciosa Dona, queiram aceitar esse pequeno enfeite para suas adegas.

– Pequeno! – O Dom pegou o pequeno barril e o embalou como se fosse um bebê nascido menos

de cinco minutos antes. – Eu... eu tenho um 506 e dois 504. Não conheço ninguém em Camorr que tenha um 502, a não ser decerto o Duque.

– Bem, desde que correu o boato de que essa safra era particularmente boa, meus patrões guardaram alguns barris. Nós os usamos para... quebrar o gelo em questões de grave importância profissional.

Na verdade, aquele barril representava um investimento de quase 800 coroas inteiras e uma viagem pelo litoral até Ashmira, onde Locke e Jean haviam conseguido ganhá-lo de um excêntrico membro da pequena nobreza em um jogo de cartas marcadas. A maior parte do dinheiro fora usada para driblar ou subornar os assassinos que o velho despachara depois para recuperar o que lhe pertencia; a safra 502 se tornara quase preciosa demais para se beber.

– Que gesto grandioso, mestre Fehrwight! – Dona Sofia deu o braço ao marido e lhe abriu um sorriso possessivo. – Lorenzo, meu amor, você deveria tentar resgatar estrangeiros de Emberlane com mais frequência. Que encanto eles são!

Locke tossiu e arrastou os pés no chão.

– Ah, minha senhora, imagine. Mas, Dom Salvara...

– Por favor, me chame de Lorenzo.

– Dom Lorenzo, o que vou lhe dar agora tem relação direta com o meu motivo para estar aqui.

Da segunda bolsa ele retirou um tonel parecido, mas dessa vez marcado apenas com um “A” estilizado dentro de um círculo de videiras.

– Isto aqui é uma amostra da destilação do ano passado. O 559.

Dom Salvara deixou cair o barril de 502.

Com uma agilidade juvenil, Dona Sofia esticou o pé direito para interceptar o barril ainda no ar e fazê-lo pousar no convés com um leve baque, e não com um estrondo que o faria rachar. Desequilibrada, acabou derramando seu Gengibre Escaldante; a taça desapareceu por cima da amurada e logo mergulhou na água, 5 metros abaixo. Os Salvaras ajudaram um ao outro a se estabilizar e Lorenzo tornou a pegar seu barril de 502 com as mãos trêmulas.

– Lukas, o senhor... com certeza o senhor deve estar *brincando*.

4

LOCKE NÃO ACHOU PARTICULARMENTE FÁCIL almoçar vendo uma dezena de homens que nadavam ser estraçalhada por um polvo jereshti, mas concluiu que o comerciante de Emberlane decerto já tinha visto coisa pior em suas muitas viagens imaginárias por mar e não deixou seus verdadeiros sentimentos transparecerem no semblante.

Já passava bastante do meio-dia; os Combates da Penitência haviam terminado e os organizadores dos Festejos haviam passado às Dispensas Judiciais. Tratava-se de um jeito educado de dizer que os homens dentro d’água eram assassinos, estupradores, traficantes de escravos, incendiários e assim por diante, escolhidos para serem executados com brutalidade de modo a divertir o público. Tecnicamente falando, estavam armados e teriam suas penas atenuadas caso conseguissem de alguma forma dar cabo de qualquer fera que tivessem de enfrentar, mas elas eram sempre tão cruéis

quanto suas armas eram risíveis, logo a maioria deles morria.

Os tentáculos do polvo tinham 4 metros, mesmo comprimento de seu corpo listrado de cinza e preto. A criatura ficava confinada dentro de um círculo de 20 metros de gaiolas e plataformas com alguns homens que gritavam, se debatiam e tentavam nadar – a maioria logo deixava as pequenas e finas adagas caírem na água. Guardas nervosos armados com balestras e lanças patrulhavam as plataformas, empurrando os prisioneiros de volta para a água caso eles tentassem sair. De vez em quando, o polvo rolava nas águas revoltas e vermelhas e Locke tinha um vislumbre de seu olho negro sem pálpebra do tamanho de uma tigela de sopa não muito diferente da que ele agora segurava.

– Quer mais, mestre Fehrwight?

Conté aguardava por perto segurando a sopeira de prata com seu líquido frio; camarões de carne branca do Mar de Ferro boiavam em uma pesada base de tomate vermelha temperada com pimentas e cebolas. Os Salvaras eram mesmo um casal excêntrico.

– Não, Conté, é muita gentileza sua, mas por ora estou bastante satisfeito.

Locke pousou a tigela ao lado do barril aberto de “559” – na verdade, uma garrafa de reles 550 de 50 coroas misturada com o rum mais forte e mais caro que Jean conseguira comprar – e pegou seu copinho para tomar um gole da bebida cor de âmbar. Mesmo sendo uma falsificação, estava uma delícia. Graumann, atento, se achava de pé atrás dos anfitriões sentados em frente a Locke em volta da aconchegante mesa de madeira-prata encerada. Dona Sofia brincava distraidamente com gomos de laranja gelificados, cortados finos como papel e dispostos em círculo para formar botões de tulipa comestíveis. Ainda de olhos arregalados, Dom Lorenzo encarava o copinho de conhaque que tinha nas mãos.

– É que isso parece quase... um sacrilégio!

Apesar de pensar assim, o Dom sorveu um grande gole da bebida e a satisfação ficou evidente em seu rosto. Atrás dele, ao longe, algo que poderia ser um tronco humano cortado ao meio saiu voando pelo ar e tornou a cair na água com um mergulho; a multidão aprovou com um rugido.

O conhaque de Austershalin era famoso por envelhecer durante um mínimo de sete anos após a destilação e a mistura, por isso era impossível para qualquer forasteiro pôr as mãos em um barril antes disso. Os fabricantes da Casa de bel Auster eram proibidos até mesmo de falar sobre as safras ainda não comercializadas; os locais onde o conhaque passava pelo processo era um segredo que se mantinha à custa até de assassinato, segundo se dizia. Dom Lorenzo tinha ficado embasbacado ao ser presenteado com um barril de 559. Quando, casualmente, Lamora rompeu o lacre e sugeriu que o tomassem no almoço, quase vomitara.

– E é. – Locke deu uma risadinha. – O conhaque é *mesmo* a religião da minha casa: nós o tratamos com muito respeito. – Sem sorrir, correu rapidamente o dedo pela própria garganta. – É possível que sejamos as únicas pessoas a terem provado uma amostra não envelhecida acompanhada por uma sopa no almoço. Achei que os senhores pudessem apreciar.

– Estou apreciando mesmo! – O Dom girou o líquido no copo e o encarou com atenção, parecendo hipnotizado por seu aspecto translúcido e seu suave tom caramelo. – E estou morrendo de curiosidade para saber que tipo de esquema o senhor está tramando, Lukas.

– Bem. – Com um gesto teatral, Locke girou a própria bebida. – Nos últimos 250 anos, Emberlane

sofreu três invasões. Sejamos francos: os ritos de sucessão do Reino dos Tutanos muitas vezes incluem exércitos e sangue bem antes de incluir bênçãos e banquetes. Quando os Grafs brigam, as montanhas de Austershalin constituem nossa única barreira terrestre e lá se travam intensas batalhas, que inevitavelmente se espalham pelas encostas orientais, atravessando os vinhedos da Casa de bel Auster. Dessa vez não vai ser diferente. A Mesa Negra está avançando na nossa direção! Milhares de homens e cavalos vão atravessar os desfiladeiros, pisotear os vinhedos, saquear tudo em volta. Talvez seja até pior, agora que temos óleo de fogo. Daqui a seis meses, nossos vinhedos podem estar reduzidos a cinzas.

– Os senhores não podem embalar seus vinhedos e levá-los consigo caso... caso abandonem o navio – disse Lorenzo.

– Não. – Locke deu um suspiro. – Um dos responsáveis pelo conhaque de Austershalin é o solo local. Se perdermos os vinhedos, acontecerá o mesmo que antes: uma interrupção do cultivo e da destilação. Por dez, vinte, talvez até trinta anos. Ou mais. E não é só isso. Nossa posição é terrível. O Graf não pode abrir mão dos portos e dos lucros de Emberlane caso os Tutanos entrem em guerra civil. Ele e seus aliados vão atacar o palácio o mais depressa possível. Provavelmente vão matar todos os integrantes da Mesa Negra, sequestrar seus bens e propriedades, confiscar seu dinheiro. A Casa de bel Auster não será poupada. Por enquanto, a Mesa Negra está agindo com discrição, porém com firmeza. Grau e eu zarpamos cinco dias atrás, apenas doze horas antes do horário em que sabíamos que o porto seria interditado. Nenhum navio com bandeira de Emberlane está autorizado a sair: todos têm que permanecer atracados e lacrados para “reparos” ou “quarentena”. Os nobres ainda leais ao Graf estão por ora sob prisão domiciliar e seus guardas foram desarmados. O dinheiro que temos em várias casas de empréstimo de Emberlane foi temporariamente congelado. Todas as casas de comércio da Mesa Negra aceitaram fazer isso umas com as outras, como uma demonstração de “boas intenções”. Isso impossibilita a fuga coletiva de qualquer casa levando seu ouro e suas mercadorias. Atualmente, Grau e eu estamos operando com a conta que temos aqui, aberta na Meraggio anos atrás. Minha casa... Bem, nós não guardávamos nosso dinheiro fora de Emberlane. Só um pouquinho aqui e ali para emergências.

Locke observava os Salvaras com muita atenção para avaliar como iriam reagir. As notícias que ele trazia de Emberlane eram o mais frescas e específicas possível, mas podia ser que o Dom tivesse fontes de informação que os Nobres Vigaristas não houvessem conseguido identificar durante as muitas semanas de observação e preparação. As partes relacionadas à Mesa Negra e à guerra civil iminente eram especulações sólidas e embasadas; a parte sobre um súbito fechamento do porto e prisões domiciliares era pura invenção. Pelas estimativas de Locke, o verdadeiro caos em Emberlane só começaria dali a alguns meses. Se o Dom descobrisse isso, talvez Conté tentasse cravá-lo à mesa com suas adagas em poucos segundos. Jean então sacaria as machadinhas que trouxera escondidas nas costas do colete e todos os integrantes daquele pequeno grupo sob o toldo de seda iriam ficar muito, muito desconfortáveis – um golpe desmascarado nunca era algo bonito de se ver.

Mas os Salvaras nada fizeram: apenas continuaram a encará-lo com olhares que lhe pediam claramente que continuasse. Encorajado, ele prosseguiu:

– A situação está insustentável. Não queremos ser reféns de algo que mal defendemos nem vítimas da vingança do Graf quando ele retornar. Assim, optamos por uma... alternativa um pouco mais

arriscada. Que necessitaria uma ajuda considerável de um nobre de Camorr. O senhor, Dom Salvara, se tiver condições para tal.

O Dom e sua esposa haviam dado as mãos por baixo da mesa; com a mão livre, ele acenou animadamente para Locke, que continuou:

– Podemos abrir mão de nosso dinheiro. Se não tomarmos nenhuma providência para protegê-lo, podemos conseguir mais tempo para agir. E estamos bastante confiantes de que a recuperação dessa quantia será apenas uma questão de tempo e esforço. Podemos até abandonar nossos vinhedos. – Locke cerrou os dentes. – Nós mesmos os queimaremos de modo a não deixar nada para mais ninguém. Afinal de contas, somos nós quem melhoramos o solo alquimicamente. O solo natural é só um começo. E o segredo dessa melhoria é guardado apenas no coração de nossos Mestres Plantadores.

– A Fórmula de Austershalin – murmurou Sofia, traída pela própria e crescente animação.

– É claro que os senhores já ouviram falar nela. Bem, há apenas três Mestres Plantadores por vez. E a fórmula é complexa o suficiente para não ser detectada por um exame do solo, mesmo no caso de alguém com os seus talentos, milady. Muitas das substâncias usadas por nossos alquímicos são inertes e sua função é apenas confundir. De modo que essa parte está resolvida. A única coisa que nós *não podemos* abandonar é nosso estoque de conhaques que estão envelhecendo: os seis últimos anos, acondicionados em barris. Além de algumas safras raras e experimentos especiais. Nós guardamos o Austershalin em barris de 150 litros; temos quase seis mil deles. Precisamos tirá-los de Emberlane. Temos que fazer isso nas próximas semanas, antes de a Mesa Negra impor medidas de controle mais severas e o Graf começar a sitiar seu cantão. Mas os nossos navios agora estão vigiados e não temos acesso a nenhuma parte de nosso dinheiro.

– Os senhores querem... tirar todos esses barris de Emberlane? Todos? – O Dom chegou a engolir em seco.

– Tantos quantos pudermos – respondeu Locke.

– E qual seria o nosso envolvimento nisso? – Dona Sofia se remexeu na cadeira.

– Navios com bandeira de Emberlane não podem mais zarpar do porto nem entrar lá se quiserem tornar a sair. Mas uma pequena flotilha com bandeira de *Camorr*, tripulação camorri, financiada por um nobre camorri... – Locke pousou seu copo de conhaque e abriu os dois braços.

– O senhor quer que eu monte... uma expedição naval?

– Dois ou três de seus galeões maiores devem dar conta do recado. Estamos falando de um carregamento de mil toneladas, contando os barris e o conhaque. Uma tripulação mínima, digamos cinquenta ou sessenta homens por navio. Podemos ir ao cais escolher capitães abstêmios e confiáveis. Seis ou sete dias de viagem rumo ao norte, mais o que for preciso para reunir as tripulações e preparar os barcos. Calculo talvez uma semana. Os senhores concordam?

– Uma semana... sim, mas... o senhor está me pedindo para *financiar* tudo isso?

– Em troca de uma bela recompensa, posso lhe garantir.

– Contanto que tudo corra bem, sim, e vamos falar sobre a questão da recompensa daqui a um instante. Mas somente a rápida aquisição de dois galeões, bons capitães e tripulações muito confiáveis...

– Além de alguma coisa barata para transportar no compartimento de carga durante a viagem até

o norte – completou Locke. – Cereais baratos, queijo seco, frutas frescas de baixa qualidade. Nada especial. Mas Emberlane logo estará sitiada; a Mesa Negra ficará contente com o descarregamento de um estoque de víveres sobressalentes. A posição de Emberlane está frágil demais para deixar de respeitar a soberania de Camorr: é com isso que meus patrões estão contando para fazer as embarcações entrarem e saírem de lá. Mas uma garantia a mais não fará mal nenhum.

– Sim – concordou Dom Lorenzo, mordiscando o lábio inferior. – Dois galeões, tripulações, oficiais, carga barata. Uma pequena tripulação de mercenários, dez ou doze por navio. Há sempre alguns desocupados nesta época do ano. Seria bom ter um núcleo de homens armados em cada navio para desencorajar... complicações.

Locke aquiesceu.

– E como vamos conseguir... tirar os barris de onde estão envelhecendo e transportá-los até as docas?

– Um stratagema muito simples – respondeu Locke. – Nós temos várias fábricas e depósitos para cerveja de baixo teor alcoólico. É uma atividade secundária, uma espécie de hobby para alguns de nossos Mestres Fabricantes. Nossa cerveja fica estocada em barris e a localização desses armazéns é pública e notória. Aos poucos, com cuidado, enquanto Grau e eu navegávamos rumo ao sul, meus mestres vêm transportando barris de conhaque de Austershalin para os armazéns de cerveja e trocando os rótulos. Vão continuar a fazer isso ao mesmo tempo que nos preparamos aqui e até nossos navios aparecerem no porto de Emberlane.

– Quer dizer que vocês não vão ter de carregar conhaque nos navios em segredo. – Dona Sofia bateu palmas. – Todos vão pensar que estão carregando cerveja às claras!

– Exato, milady. Mesmo uma grande exportação de cerveja não será nem de longe tão suspeita quanto uma movimentação de conhaque não envelhecido. As pessoas vão achar que é um golpe comercial. Seremos os primeiros a burlar a proibição dos navios com bandeira de Emberlane e vamos levar um carregamento de víveres para o cerco iminente e sair com um belo lucro aparente. Então, quando tivermos carregado todo o conhaque, zarparemos com sessenta ou setenta parentes e funcionários da família Bel Auster a bordo para formar o núcleo de nossa nova operação comercial em Camorr. Depois disso, pouco importa se nos descobrirem.

– E toda a operação precisa ser organizada em bem pouco tempo. – Lorenzo estava muito entretido em pensamentos. – Eu diria que custará 15 mil coroas. Talvez 20.

– Concordo, milorde. Devemos contar mais umas 5 mil para subornos e outras eventualidades. – Locke deu de ombros. – Alguns homens vão ter que fazer vista grossa se quisermos executar nosso trabalho em Emberlane, independentemente do stratagema do armazém.

– Então, 25 mil coroas. Pelos deuses. – Lorenzo bebeu o resto de conhaque, pousou o copo e uniu as mãos sobre a mesa à sua frente. – Está me pedindo mais da metade da minha fortuna. Eu gosto do senhor, Lukas, mas agora chegou a hora de abordar o outro lado da proposta.

– É claro.

Lukas parou para oferecer ao Dom mais uma dose do conhaque “não envelhecido”. Lorenzo começou a fazer que não com a mão, mas suas papilas gustativas falaram mais alto que o seu juízo e ele estendeu o copo. Dona Sofia fez o mesmo e Jean se apressou em passar seu copo para Locke. Após servir o casal, Locke despejou uma quantidade generosa em seu próprio copo.

– Primeiro, os senhores precisam entender o que a Casa de bel Auster está e não está oferecendo. A Fórmula de Austershalin não faz parte do acordo; continuará a ser transmitida verbalmente e apenas dentro da própria casa. Não podemos lhes propor nenhum bem como garantia ou pagamento: decerto teremos que abandoná-los ao fugir de Emberlane. Recuperar os vinhedos no futuro é problema nosso. Qualquer tentativa da sua parte para descobrir a Fórmula de Austershalin ou subornar alguém leal a Bel Auster será considerada uma total quebra de confiança. – Locke tomou um gole de conhaque. – Não faço ideia de que penalidades específicas poderíamos colocar em prática para expressar nosso desagrado. Mas ele *seria* expressado de forma plena. Fui instruído a ser totalmente claro em relação a esse aspecto.

– E está sendo. – Dona Sofia levou a mão ao ombro esquerdo do marido. – Mas essas limitações ainda não constituem uma oferta.

– Perdoe-me, graciosa Dona Sofia, por lhe falar deste modo. Mas a senhora precisa entender... esta é a ação mais importante que a Casa de bel Auster já cogitou realizar. Grau e eu temos o futuro da associação em nossas mãos um tanto vulneráveis. Eu, neste momento, *não posso* lhe falar apenas como Lukas Fehrwight. Eu sou a Casa de bel Auster. A senhora precisa entender que algumas coisas não estão na mesa, nem mesmo pela mais remota implicação.

Os Salvaras aquiesceram, Sofia um pouco mais devagar do que Lorenzo.

– Muito bem. Considerem a situação. Emberlane está à beira de uma guerra. Nossos vinhedos e propriedades estão praticamente perdidos. Como eu já disse, sem eles, a produção de Austershalin vai parar até sabe-se lá quando. Dez anos? Uma geração? Mesmo ao conseguirmos recuperar os vinhedos, o solo precisará de anos para se recompor. Já aconteceu isso três vezes. Durante muitos e muitos anos, o único Austershalin novo que estará disponível virá de qualquer parcela daqueles seis mil barris que nós conseguirmos contrabandear de Emberlane durante a noite. Imaginem só *a demanda*. A escalada nos preços.

Enquanto calculava, Lorenzo movia os lábios sem perceber. Dona Sofia, com a testa franzida, tinha os olhos perdidos ao longe. O conhaque de Austershalin era a bebida mais refinada e cobiçada de que se tinha notícia; nem mesmo os vinhos alquímicos de Tal Verrar, com suas cem fascinantes variações, eram tão caros. Uma única garrafa de 2 litros do mais jovem Austershalin disponível valia 30 coroas inteiras no varejo e, conforme a bebida envelhecia, seu preço aumentava muito. Imaginem uma escassez repentina, com estoque fixo e sem nenhuma safra nova de uvas de Austershalin à vista?

– Puta merda! – exclamou Conté, totalmente incapaz de se controlar ao perder as contas. – Peço-lhe perdão, Dona Sofia.

– Acho bom pedir mesmo. – Ela esvaziou o copo com um gole rápido e pouco elegante. – Você errou no cálculo. Isso merece pelo menos um triplo “puta merda”.

– A Casa de bel Auster deseja firmar uma parceria com os senhores, baseada em Camorr, para estocar e comercializar o conhaque de Austershalin durante nosso... interregno – prosseguiu Locke. – Em troca da sua ajuda para transportar a mercadoria de Emberlane nesta hora de extrema necessidade, estamos preparados a lhes oferecer cinquenta por cento dos lucros de tudo que transportarem para nós. Mais uma vez, pensem na situação e no preço do Austershalin durante uma carestia. Os senhores poderiam recuperar dez vezes seu investimento inicial no primeiro ano.

Imaginem em cinco ou dez...

– Sim. – Lorenzo mexeu nos ópticos. – Mas, Lukas, me perdoe. Não sei por quê, mas ao vê-lo aqui sentado debatendo a possível destruição da sua casa e a mudança para uma cidade quase 2 mil quilômetros ao sul, o senhor não me parece... de todo insatisfeito.

Locke exibiu um sorriso irônico e encantador que já passara semanas praticando diante do espelho.

– Quando meus patrões entenderam em que consistia sua atual situação, alguns deles sugeriram que deveríamos ter inventado uma escassez anos atrás. Neste caso de agora, estamos decididos a transformar um doloroso revés em um glorioso retorno. Se aqueles seis mil barris forem vendidos a preços de carestia durante alguns anos... nós poderíamos voltar a Emberlane com uma fortuna muito superior a qualquer uma que tivermos deixado para trás. Quanto à sua situação...

– Não estamos falando de centenas ou milhares de coroas. – Dona Sofia despertou de seu transe pensativo. – Estamos falando de milhões. Mesmo divididos entre nós.

– Muito possivelmente, meus patrões também estão dispostos a conceder mais uma compensação após voltarem para Emberlane e restabelecerem os vinhedos de Austershalin – prosseguiu Locke. – Nós ofereceremos à sua família uma participação permanente nas operações da Bel Auster dali em diante. Nada próximo de uma porcentagem que lhes dê algum controle, mas algo de respeito. Uma participação de dez a quinze por cento. Os senhores seriam os primeiros e, assim esperamos, os únicos estrangeiros a receberem uma oferta de participação desse tipo.

Fez-se uma pausa.

– É uma... uma proposta muito atraente – comentou Dom Salvara. – E pensar que tudo isso iria cair no colo de Jacobo. Pelos deuses, Lukas, se nós algum dia tornamos a cruzar com aqueles ladrões, eu vou lhes agradecer por terem possibilitado o nosso encontro!

– Bem, eu, por minha parte, posso enterrar essa história – respondeu Locke com uma risadinha. – Graumann talvez não pense a mesma coisa. E não podemos esquecer, embora eu sinta que em breve estaremos apertando as mãos para selar um acordo, que ainda temos de reunir nossas embarcações, navegar rumo ao norte até Emberlane e buscar nosso prêmio. A situação atual é feita uma corda de carga podre que está se desfazendo até restar apenas um fio. – Ele ergueu seu copo de conhaque em um brinde aos Salvaras. – E a corda *vai* se romper.

Na água, o polvo foi vitorioso e os guardas o recompensaram crivando-o com as flechas envenenadas de suas balestras. Ganchos e correntes foram usados para içar a carcaça do meio dos Festejos Cambiantes; não havia como tornar a guardar uma criatura daquelas na caixinha depois de ela servir a seu propósito. O sangue vermelho do monstro se misturou ao das vítimas e foi formando aos poucos uma mancha larga e escura. Até mesmo ele tinha um papel específico no que viria a seguir.

músculos no corpo do que qualquer touro e um couro abrasivo pintado com inúmeras cores, do esverdeado do cobre envelhecido ao negro das nuvens de tormenta. Já qualquer um que de fato trabalhasse no cais de Camorr ou no litoral próximo diria que os tubarões-lobo são animais cruéis, grandes e agressivos que gostam de pular.

Enjaulados com cuidado, privados de comida e enlouquecidos por sangue, os tubarões-lobo são a chave da costumeira atração principal dos Festejos Cambiantes. Outras cidades têm lutas de gladiadores ou promovem combates entre homens e animais. Mas apenas em Camorr se pode ver uma gladiadora especialmente armada, uma *contrarequialla*, lutar contra um tubarão vivo dando saltos. Sim, uma gladiadora, pois em Camorr só as mulheres podem, por tradição, participar.

É o Espetáculo dos Dentes.

6

LOCKE NÃO SABERIA DIZER SE as quatro mulheres eram de fato lindas, mas sem dúvida eram vistosas: camorris de pele escura, com músculos dignos de quem trabalhava no campo, imponentes mesmo vistos de longe, e não vestiam praticamente nada – camisetas justas de algodão preto na parte de cima, um calção de lutador e finas luvas de couro. Tinham os cabelos negros presos sob as bandanas vermelhas tradicionais e entremeados por enfeites de bronze e prata que capturavam a luz em sequências de clarões brancos. O objetivo desses ornamentos era controverso. Alguns afirmavam que eles confundiam a visão deficiente dos tubarões, mas outros tantos alegavam que seu brilho ajudava os monstros a visualizarem melhor a presa.

Cada *contrarequialla* trazia duas armas, um dardo curto e um machado especial, que tinha o cabo rodeado por proteções inteiriças, o que o tornava difícil de perder. Além disso, o fio era duplo: de um lado a esperada lâmina curva, de outro uma picareta comprida e grossa. As combatentes mais hábeis em geral tentavam decepar as barbatanas e o rabo do tubarão antes de matá-lo; somente as melhores conseguiam matá-lo com outra arma que não a picareta. A pele de um tubarão-lobo podia ser grossa como a casca de uma árvore.

Locke encarou as mulheres de semblante fechado e experimentou sua habitual admiração tingida de melancolia. Aos seus olhos, elas eram tão loucas quanto corajosas.

– Sei que aquela mais à esquerda é Cicilia de Ricura. – Dom Lorenzo apontava as mulheres para Lukas Fehrwight, fazendo uma pausa em mais de uma hora de rápidas negociações. – É uma lutadora razoável. A que está ao seu lado é Aganesse, que sempre carrega o dardo, mas nunca o usa. As outras duas devem ser novas. Pelo menos novas nos Festejos.

– É uma pena as Irmãs Berangias não estarem aqui hoje para o senhor ver, mestre Fehrwight – disse Dona Sofia. – Elas são as melhores.

– Provavelmente as melhores que já houve. – Salvara apertou os olhos para evitar uma parcela da luz que subia da água e tentou calcular o tamanho dos tubarões, sombras quase invisíveis dentro das gaiolas. – Ou que jamais haverá. Mas elas não participam do Festejo há alguns meses.

Locke aquiesceu e mordeu o interior das bochechas. Como Lamora, *garrista* dos Nobres Vigaristas e respeitável ladrão sorrateiro, ele conhecia as gêmeas Berangias pessoalmente e sabia onde elas

havam passado os últimos meses.

Na água, a primeira lutadora estava assumindo sua posição. As *contrarequiallas* combatiam sobre uma série de plataformas, cada qual com cerca de meio metro de largura e erguida a uns 15 centímetros da água, dispostas em um padrão de grade quadrada, separadas por mais ou menos 1,5 metro, o que deixava espaço de sobra para os tubarões nadarem entre uma e outra. As mulheres tinham que pular por elas em ritmo acelerado para golpear os animais ao mesmo tempo que tentavam se esquivar de seus saltos. Se escorregassem para dentro d'água, em geral era o fim do combate.

As gaiolas dos tubarões eram abertas por meio de correntes em polias conectadas a uma barça ancorada bem depois do limite de qualquer atividade possível dos animais. Além do círculo de jaulas, ficava uma pequena embarcação tripulada por remadores voluntários extremamente bem-pagos e pelos três espectadores tradicionais de qualquer Espetáculo dos Dentes. O primeiro era um sacerdote de Iono, com sua túnica verde-mar debruada de prata. Ao seu lado, trajando uma túnica preta, havia uma sacerdotisa de Aza Guilla, Senhora do Longo Silêncio, a Deusa da Morte. O terceiro era um galeno, cuja presença sempre parecera a Locke um gesto de extremo otimismo.

– Camorr!

A jovem, aparentemente Cicilia de Ricura, ergueu as armas acima da cabeça. O murmúrio alto da plateia diminuiu e restou apenas o barulho da água batendo nos cascos das embarcações e nos quebra-mares. Quinze mil espectadores prenderam a respiração ao mesmo tempo.

– Eu dedico esta morte ao Duque Nicovante, nosso lorde e patrono! – Essa era a saudação tradicional das *contrarequiallas*: “esta morte” podia se referir a qualquer participante do combate.

Ao som de um grande ribombar de trombetas e dos vivas da multidão, os marinheiros soltaram o primeiro tubarão da tarde. O peixe de 3 metros, já sedento de sangue, saiu em disparada de sua prisão e começou a rodear as plataformas; sua ameaçadora barbatana cinza cortava a água e deixava um rastro de espuma. Cicilia se equilibrou em um pé só e se abaixou para bater na água com o calcanhar do outro, gritando xingamentos e palavras de desafio. O tubarão mordeu a isca: em poucos segundos, estava entre as plataformas e seu corpo parrudo rabeava para lá e para cá feito um pêndulo dentado.

– Esse daí não gosta de perder tempo! – Salvara estava torcendo as próprias mãos. – Aposto que é um saltador precoce.

Essas palavras mal haviam lhe saído da boca quando o tubarão irrompeu da superfície com um chafariz de espuma prateada e brilhante, atirando-se sobre a lutadora agachada. O salto não foi alto e Cicilia se esquivou pulando para a direita até a plataforma contígua. No meio do salto, largou o dardo com um golpe das costas da mão; a haste se enterrou no flanco do tubarão e estremeceu ali por uma fração de segundo antes de a massa de músculos mergulhar outra vez. A reação da plateia foi mista: o golpe demonstrara sua notável agilidade, mas uma potência mínima. O tubarão de Cicilia decerto só ficara mais raivoso ainda e o dardo fora desperdiçado.

– Ah, que má decisão – lamentou Sofia. – Essa moça precisa aprender a ser paciente. Vamos ver se o seu novo amigo vai lhe dar essa chance.

Debatendo-se e projetando água e espuma rosada para ambos os lados, o tubarão se moveu para um segundo ataque, perseguindo a sombra de Cicilia, que pulava com agilidade de uma plataforma

para outra, com o machado invertido de modo a deixar a picareta apontando para a frente.

– Mestre Fehrwight. – Dom Lorenzo tirou os ópticos e brincou com eles, observando a luta; não parecia precisar de auxílio para ver de longe. – Eu posso aceitar seus termos, mas o senhor precisa entender que a minha parcela de risco inicial é bem pesada, sobretudo em comparação com o capital total de que disponho. Peço, portanto, que a divisão das rendas com nossas vendas de Austershalin sejam ajustadas para 55 e 45 por cento, a meu favor.

Locke fingiu refletir enquanto a ávida barbatana cinza cortava a água logo atrás dos pés de Cicilia, que pulara para salvar a própria vida.

– Estou autorizado a fazer essa concessão em nome de meus patrões. Em troca... eu estabeleceria a participação da sua família nos vinhedos de Austershalin, quando eles forem recuperados, em cinco por cento.

– Fechado! – O Dom sorriu. – Providenciarei dois galeões grandes com tripulações e oficiais, os subornos e arranjos necessários e um carregamento para levarmos até o norte. Ficarei responsável por um dos galeões e o senhor, pelo outro. Grupos de mercenários escolhidos por mim serão postos a bordo de cada navio para reforçar a segurança. Conté irá com o senhor e Graumann pode ficar comigo. Quaisquer despesas que façam nosso orçamento ultrapassar 25 mil coroas camorris serão feitas segundo o meu critério exclusivo.

O tubarão saltou e tornou a errar; Cicilia virou de ponta-cabeça, apoiando-se com apenas uma das mãos na plataforma e brandindo o machado. A plateia urrou enquanto o tubarão rolava graciosamente na água e voltava para mais uma investida.

– Combinado – disse Locke. – Cópias assinadas e idênticas de nosso contrato serão conservadas por cada um de nós. Uma terceira cópia, em terem, será mantida por um advogado neutro escolhido de comum acordo, a ser aberta e examinada por ele antes que se complete um mês caso um de nós sofra algum... acidente ao buscar os barris. Uma cópia adicional em vadrã será assinada e confiada aos cuidados de um agente conhecido meu para ser entregue a meus patrões. Precisaré de um escrevente juramentado na hospedaria esta noite e de uma nota promissória no valor de 5 mil coroas a ser compensada amanhã na Meraggio para poder dar início imediato ao trabalho.

– Só isso?

– Acho que só.

O Dom passou vários segundos em silêncio.

– Que seja, então. Concordo. Vamos apertar as mãos e ver o que a sorte nos reserva.

Cicilia parou e ergueu o machado, preparando um golpe enquanto o tubarão se aproximava de sua plataforma pela direita, ondulando, movendo-se devagar demais para um pulo alto. Bem na hora em que a lutadora moveu o corpo para desferir a picareta, a criatura se dobrou na água ao seu lado, encolhendo o próprio corpo no formato de “U” e mergulhando. Essa manobra fez seu rabo se projetar no ar e atingir a *contrarequialla* logo abaixo dos joelhos. Com um grito mais de choque que de dor, Cicilia caiu de costas na água.

Depois disso, tudo acabou em poucos segundos; o tubarão já subiu abocanhando e deve ter pegado a jovem por uma perna ou por ambas. Eles rodopiaram na água algumas vezes e Locke viu de relance a forma frenética da moça alternada ao couro escuro e grosso do tubarão: branco e cinza, branco e cinza. Em instantes, a espuma rosada ficou vermelho-escura outra vez e as duas

sombras engalfinhadas afundaram rumo às profundezas sob as plataformas. Metade da plateia rugiu uma ávida aprovação e o restante baixou a cabeça em um silêncio respeitoso que iria perdurar até a jovem seguinte adentrar o anel de água rubra.

– Pelos deuses! – Dona Sofia encarava a mancha que ia aumentando dentro d’água; as lutadoras sobreviventes mantinham a cabeça baixa enquanto os sacerdotes gesticulavam algum tipo de bênção. – Inacreditável! Ceifada tão depressa, com um truque tão simples. Bem, meu pai costumava dizer que um segundo de má avaliação nos Festejos equivalia a dez em qualquer outra ocasião.

Locke lhe fez uma profunda reverência, tomou uma de suas mãos e a beijou.

– Não duvido das palavras dele, Dona Sofia. Nem um pouco.

Com um sorriso agradável, ele lhe fez outra mesura, em seguida se virou para apertar a mão do marido.

INTERLÚDIO

Locke fica para jantar

1

– O QUÊ? – LOCKE quase ficou de pé com um pulo. – Que história é essa?

– Meu menino, meu menino que pode ser tão inteligente, como são estreitos os horizontes do seu mundo – falou Correntes. – Você tem clareza suficiente para pregar uma peça, mas *não consegue* ver além disso, além das consequências imediatas. Até aprender a prever as repercussões, estará pondo em risco a si próprio e todos ao seu redor. Você não tem culpa de ser jovem, mas já está na hora de deixar de ser burro. Então ouça com atenção. Seu primeiro erro foi o seguinte: roubar dinheiro da guarda não é uma ofensa punida com surra. É uma ofensa punida com *morte*. Ficou claro? Aqui em Camorr é a guarda que rouba o nosso dinheiro, nunca o contrário. Essa é uma regra imutável, sem exceções, seja você que tipo de ladrão for ou sejam quais forem as suas intenções. É a morte. Cortam a garganta, dão de comida para um tubarão e a pessoa encontra com os deuses, está claro?

Locke assentiu.

– Quando você armou seu golpe para cima de Veslin, armou *de verdade*. Mas incrementou o erro ao usar uma moeda de ferro branco. Sabe quanto vale exatamente uma coroa inteira?

– Muito.

– “Muito” não é exato. Você não fala terim ou não sabe mesmo?

– Acho que não sei mesmo.

– Bem, se tudo estivesse em ordem e ninguém tivesse raspado a moeda, aquele pedacinho de ferro branco brilhante valia 40 sólons de prata. Está vendo? Duzentos e quarenta cobs. Seus olhos estão arregalados. Isso significa que você consegue pensar grande assim, que compreende?

– Sim. Caramba.

– É, caramba mesmo. Deixe-me fazer uma comparação. Um casaca-amarela, um dos altruístas e infinitamente obedientes guardas citadinos, pode ganhar essa quantia por dois meses de trabalho diário. Os guardas são bem-pagos para um cidadão comum, mas com toda certeza *não* são pagos em ferro branco.

– Ah.

– Portanto, Veslin não só estava roubando, mas roubando dinheiro demais. Uma coroa inteira! Morgante deve ter chorado. Por muito menos é possível comprar uma morte, inclusive a sua.

– Hum... quanto o senhor pagou pelo meu... – Locke bateu no próprio peito, no qual a marca da morte ainda pendia por debaixo da camisa.

– Não quero prejudicar a alta conta que você tem de si mesmo, mas ainda não tenho certeza se esses 2 cobses foram bem gastos. – Ao ver a expressão do menino, Correntes deixou escapar uma portentosa e genuína risada, mas sua voz tornou a ficar séria. – Pode continuar na dúvida, garoto. Mas os fatos são os fatos. Por menos dinheiro do que isso é possível conseguir pessoas boas e confiáveis para fazer um trabalho decente. É possível comprar cinco ou seis negócios importantes, se é que você me entende. Portanto, quando você escondeu uma moeda de ferro branco nas coisas de Veslin...

– Era dinheiro demais... para alguma coisa... simples?

– Isso mesmo. Dinheiro *demais* por alguma informação ou pequenos serviços. Ninguém com a cabeça no lugar dá uma coroa inteira para um menino de rua que mora em um cemitério. A menos que... a menos que esse menino esteja recebendo para fazer algo grande. Matar seu antigo mestre, por exemplo. Incendiar o Morro das Sombras inteiro com todo mundo dentro. Então, se o pobre Aliciador ficou irritado ao descobrir que Veslin estava levando dinheiro, você pode imaginar como se sentiu ao ver de quanto se tratava.

Locke assentiu com veemência.

– Aaah. Então, dois erros. O seu terceiro foi em relação a Gregor. Você *queria* que Gregor levasse uma surra?

– Eu não gostava dele, mas não. Só Veslin. Talvez até quisesse que Gregor apanhasse um pouco, mas não tanto quanto Veslin.

– Exato. Você tinha um alvo e um plano para atingi-lo, mas não estava no controle da situação. Sua armação com Veslin extrapolou e Gregor Foss também foi passado na faca.

– Foi isso que eu disse! Eu já confessei!

– Está zangado agora? Ora, sim, *deveria* mesmo estar... zangado por ter feito bobagem. Por não ser tão esperto quanto pensa. Zangado porque os deuses deram a muitas outras pessoas o mesmo tipo de cérebro que deram a Locke Lamora. É de lascar mesmo, não é?

Locke apagou seu pequeno lampião com um sopro rápido e o atirou em um arco tão alto por cima do parapeito quanto seu braço fino foi capaz. O estrondo da queda se perdeu no burburinho da noite camorri. O menino cruzou os braços, na defensiva.

– Bem, meu menino, com certeza é um alívio ficar livre da ameaça desse lampião. – Correntes sorveu um último trago de fumaça e apagou o rolo de tabaco já quase no fim contra as pedras do terraço. – O que foi, uma delação para o Duque? Um complô para nos assassinar?

Com os dentes cerrados e o lábio inferior projetado para a frente, Locke permaneceu em silêncio.

Era a comunicação não verbal típica dos muitos jovens: petulância. Correntes bufou.

– Eu acredito em tudo o que me disse, Locke, porque tive uma longa conversa com seu antigo mestre antes de ficar com você. Como já disse, ele me contou tudo, até mesmo sobre seu último e maior erro. Aquele que o fez compreender e que fez você ser mandado para cá. Consegue adivinhar que erro foi esse?

Locke negou.

– Não consegue ou não quer?

– Eu não sei, não sei mesmo. – Locke baixou os olhos. – Na verdade não tinha... pensado no assunto.

– Você mostrou a moeda de ferro branco a outros meninos do Ruas, não foi? Deixou alguns deles saberem para que ela talvez seria usada. E ordenou que não revelassem nada... mas o que usou para, ahn, reforçar essa ordem?

Os olhos de Locke se arregalaram; seu biquinho voltou, mas a petulância desapareceu.

– Eles... eles também detestavam Veslin. Queriam que ele fosse punido.

– Claro. Talvez isso tenha bastado para um dia. Mas e depois? Depois de Veslin morrer, de Gregor morrer e de o seu mestre ter se acalmado e refletido sobre a situação. E se ele começasse a fazer perguntas sobre um certo menino Lamora? E se ele chamasse um dos seus pequenos companheiros do Ruas e lhes perguntasse com toda a educação se Locke Lamora havia aprontado algo... fora do comum? Mesmo para ele?

– Ah. – O menino fez uma careta. – Ah.

– Ah, ah, ah! – Correntes estendeu a mão e deu um tapa no seu ombro. – Luz! Quando ela vem, é como um tijolo na cabeça, não é?

– Acho que sim.

– Você agora entende como tudo deu errado. Quantos meninos e meninas vivem naquele morrinho, Locke? Cem? Cento e vinte? Mais? Quantos você realmente acha que o seu antigo mestre conseguiria controlar caso eles se virassem contra ele? Um ou dois, sem problemas. Mas e quatro? Oito? Todos eles?

– Nós, ahn... acho que nós nunca... pensamos nisso.

– Porque ele não governa seu cemitério pela lógica, garoto, mas pelo medo. O medo que ele inspira mantém os mais velhos na linha. E o medo dos mais velhos mantém na linha merdinhas feito você. Qualquer coisa que solape esse medo é uma ameaça à posição dele. É então que surge Locke Lamora acenando com a bandeira do idiota e se achando *muito* mais esperto que o resto do mundo!

– Eu não acho... não acho mesmo... que sou mais esperto que o resto do mundo.

– Mas achava três minutos atrás. Escute. Eu sou um *garrista*. Ou seja, eu chefiou uma gangue, ainda que pequena. O seu antigo mestre também é um *garrista*, o *garrista* do Morro das Sombras. E quando você interfere na capacidade de um líder de governar sua gangue, facas são desembainhadas. Por quanto tempo você acha que o Aliciador iria conseguir controlar o Morro das Sombras se corresse a notícia de como você o enganou? Como o manipulou feito um filhote de gato na coleira? Ele nunca mais teria controle de verdade sobre seus órfãos, que iriam fazer cada vez mais pressão até tudo finalmente acabar em sangue.

– E foi por isso que ele se livrou de mim? Mas e o Ruas? E os que me ajudaram a pegar Veslin?

– Boas perguntas. E fáceis de responder. O seu antigo mestre recolhe órfãos nas ruas e os mantém por alguns anos. Ele ensina o básico: ter a mão leve, falar o jargão e se misturar às Pessoas Certas, conviver dentro de uma gangue e evitar a força. Em geral, quando eles completam 12 ou 13 anos, já não lhe têm mais serventia e são vendidos para as gangues maiores, as de verdade. Está entendendo? Ele recebe encomendas. Talvez os Caras Cinzentas estejam precisando de uma menina de segundo andar. Talvez os Garotos do Arsenal queiram um fortão bem cruel. Para as gangues isso é uma grande vantagem, pois lhes proporciona novos e adequados recrutas que não precisam de ninguém para lhes segurar a mão.

– Isso eu sei. Foi por isso que... que ele me vendeu para o senhor.

– Sim. Porque você é um caso muito especial. Tem habilidades lucrativas, apesar de até agora sua mira ter sido péssima. Mas e os seus amiguinhos do Ruas? Eles por acaso tinham os seus dons? Eram apenas ladrõezinhos normais, provocadores dos mais simples. Não estavam maduros. Ninguém daria um tostão por eles, a não ser os traficantes de escravos, e o seu antigo mestre tem um resquício de consciência: jamais venderia um de vocês para os traficantes, nem por todo o dinheiro de Camorr.

– Portanto... como o senhor disse, ele precisava... fazer alguma coisa com todos nós que sabíamos sobre a moeda. Todos nós que podíamos... entender o que tinha acontecido ou abrir o bico. E eu era o único que ele podia vender.

– Isso mesmo. Quanto aos outros, bem... – Correntes deu de ombros. – Vai ser rápido. Daqui a duas ou três semanas ninguém vai lembrar dos seus nomes. Você sabe como são as coisas lá no morro.

– Eu os matei.

– Sim. – Correntes não abrandou a voz. – Matou mesmo. Da mesma forma que tentou fazer mal a Veslin, você matou de lambuja Gregor e quatro ou cinco de seus pequenos companheiros.

– Que merda.

– Entende agora o verdadeiro significado de consequência, por que é preciso avançar aos poucos, prever as coisas, controlar a situação? Por que é preciso se acalmar e esperar o tempo lhe proporcionar um bom senso equivalente a seu talento para a contravenção? Nós temos anos para trabalhar juntos, Locke. Anos para você e meus outros pequenos patifes treinarem discretamente. E se você quiser ficar aqui, esta tem que ser a regra: nada de joguinhos, nada de farsas, nada de esquemas, nada de *nada* a não ser no momento e no lugar que eu lhe disser. Quando alguém como você cutuca o mundo, o mundo o cutuca de volta. Provavelmente outras pessoas vão se machucar. Fui claro?

Locke assentiu.

– Pois bem. – Correntes jogou os ombros para trás e girou a cabeça de um lado para outro, produzindo uma série de estalos e cliques. – Aaahh... Você sabe o que é uma oferenda de morte?

– Não.

– É algo que fazemos para o Benfeitor. Não só aqueles entre nós que são iniciados do Treze. É algo que todos nós, malfeitores, todas as Pessoas Certas de Camorr fazem umas pelas outras. Quando perdemos alguém que nos é caro, pegamos algo de valor e jogamos fora. De verdade, entendeu? No mar, no fogo, coisas assim. Fazemos isso para ajudar nossos amigos em seu caminho rumo ao além. Entendeu até agora?

– Sim, mas o meu antigo mestre...

– Ah, ele também faz isso, pode acreditar. É um pão-duro de marca maior e sempre age em particular, mas faz isso por todos e cada um de vocês que perde. É claro que não iria lhes contar. Mas a questão é a seguinte: há uma regra a ser seguida no que diz respeito à oferenda. Ela não pode ser feita de bom grado, entende? Não pode ser algo que você já tenha. Tem que ser algo roubado de outra pessoa, especial, sem a permissão nem a cumplicidade dela. Tem que ser um roubo genuíno, entendeu?

– Ahn, claro.

O padre estalou os dedos.

– Você vai fazer uma oferenda de morte para cada menino e menina cuja morte provocou, Locke. Uma para Veslin, uma para Gregor. Uma para cada um dos seus amiguinhos do Ruas. Tenho certeza de que vou descobrir quantos são em apenas um ou dois dias.

– Mas eu... Eles não eram...

– É claro que eles eram seus amigos, Locke. Eram seus amigos de verdade. Porque eles vão ensinar a você que, quando se mata alguém, há consequências. Uma coisa é matar em duelo, em legítima defesa, por vingança. Matar por simples descuido é totalmente diferente. Essas mortes vão pesar sobre a sua cabeça até você se tornar tão cuidadoso a ponto de fazer chorar os santos de Perelandro. Sua oferenda de morte vai ser de mil coroas inteiras por cabeça. E tudo devidamente roubado por você mesmo.

– Mas eu... o quê? Mil coroas? Por cada um? *Mil?*

– Quando você tiver pagado até a última moeda poderá tirar essa marca da morte do pescoço.

– Mas isso é impossível! Vai levar... uma eternidade!

– Vai levar anos. Mas nós aqui no meu templo somos ladrões, não assassinos. E o preço da sua vida comigo é demonstrar respeito pelos mortos. Esses meninos são suas vítimas, Locke. Enfie isso na sua cabeça. Você lhes deve essa oferenda perante os deuses. Precisa jurar isso com sangue antes de poder ficar aqui. Está disposto?

Locke pareceu refletir por alguns segundos. Por fim, balançou a cabeça como se quisesse se livrar de algo e assentiu.

– Então estenda a mão esquerda.

O menino obedeceu e Correntes retirou da túnica um fino punhal de aço enegrecido, deslizando a lâmina pela palma da própria mão esquerda. Segurou com firmeza a mão esticada de Locke e abriu um corte raso e ardidado entre o polegar e o indicador do garoto. Os dois apertaram-se as mãos com força até suas palmas ficarem pegajosas com o sangue misturado.

– Você agora é um Nobre Vigarista como nós todos. Eu sou o seu *garrista* e você, meu *pezon*, meu pequeno soldado. Tenho seu juramento de sangue de que vai fazer o que mandei? Fazer as oferendas pelas almas das pessoas que prejudicou?

– Sim, vou fazer – respondeu Locke.

– Muito bem. Nesse caso, pode ficar para o jantar. Vamos descer deste terraço.

ATRÁS DA PORTA PROTEGIDA POR uma cortina nos fundos do santuário, ficava um corredor sujo que conduzia a diversos cômodos imundos: umidade, mofo e pobreza eram visíveis por toda parte. Havia celas com catres para dormir iluminadas por lampiões de papel impermeável das quais emanava uma luz cor de cerveja barata. Sobre os catres estavam espalhados rolos de pergaminho e livros encadernados; túnicas de limpeza duvidosa pendiam de ganchos nas paredes.

– Isto aqui é uma bobagem necessária. – Correntes gesticulava de um lado para outro, conduzindo Locke até o cômodo mais próximo da porta protegida pela cortina, como se mostrasse um palácio. – Nós às vezes temos que bancar os anfitriões de algum tutor ou sacerdote itinerante da Ordem de Perelandro e eles precisam ver o que esperam ver.

Locke identificou o cômodo onde o próprio Correntes dormia, pois percebeu que os grilhões que saíam da parede no presbitério certamente não conseguiriam alcançar nenhum dos outros aposentos de dormir que havia ali. O catre do sacerdote era disposto sobre um sólido bloco de pedra, espécie de pesada prateleira que saía da parede. Correntes levou a mão até embaixo dos cobertores rançosos, girou algo que emitiu um barulho metálico de batida e levantou a cama como se fosse a tampa de um caixão. Locke se deu conta de que se tratava de um painel de madeira com dobradiças. Uma luz dourada convidativa vazava de dentro do bloco de pedra junto com os aromas de pratos refinados da culinária camorri. Locke conhecia aquele cheiro apenas por tê-lo sentido emanar do bairro de Alcegrante ou de algumas hospedarias e residências.

– Entre!

Correntes tornou a gesticular e Locke espiou pela borda do bloco. Uma sólida escada de madeira descia por um duto quadrado com uma largura pouco maior do que a dos ombros de Correntes e terminava mais de 5 metros abaixo, em um piso de madeira encerada.

– Não fique aí de boca aberta, desça!

Locke obedeceu. Os degraus eram largos e ásperos, bem próximos uns dos outros. Ele não teve qualquer dificuldade para descer e, ao chegar ao fim, viu-se dentro de um corredor alto que poderia ter sido arrancado da torre do próprio Duque. O piso era de madeira encerada: as tábuas compridas e retas entre o castanho e o dourado rangeram agradavelmente sob seus pés. O teto abobadado e as paredes eram inteiramente cobertos por um vidro grosso, dourado e leitoso, que emitia um brilho débil, como um sol na estação das chuvas espiando por trás de pesadas nuvens. A iluminação vinha de toda parte e de lugar nenhum; a parede cintilava. Correntes desceu e saltou para o chão ao seu lado com uma série de baques, grunhidos e tilintares, pois carregava as moedas doadas naquele dia dentro de um pequeno saco de aniagem. Deu um rápido puxão em uma corda amarrada à escada e o falso catre tornou a cair e se trancou lá em cima.

– Pronto. Não é bem mais agradável?

– Sim. – Locke correu uma das mãos pela superfície perfeita de uma das paredes. O vidro era mais frio do que o ar. – Isso é Vidrantigo, não é?

– Com certeza não é gesso. – Correntes enxotou Locke pelo corredor em direção à esquerda. – Todo o subsolo do templo é cercado desse material. Lacrado por ele. Na realidade, o templo lá em cima foi construído para se encaixar neste espaço, centenas de anos atrás. Até onde eu sei não há uma única quebra no Vidrantigo, a não ser um ou dois pequenos túneis que conduzem a outros locais interessantes. Ele é à prova de enchentes; nenhuma gota entra por baixo mesmo quando as

ruas alagam até a cintura. E, contanto que prestemos atenção ao entrar e sair, ele afasta ratos, baratas, aranhas sugadoras e essas porcarias todas.

O retinir de painéis de metal e as risadinhas dos irmãos Sanzas chegaram a seus ouvidos pela esquina logo antes de eles a dobrarem para chegar a uma cozinha confortavelmente equipada com altos armários de madeira e uma comprida mesa de madeira-bruxa cercada por cadeiras de encosto alto. Locke chegou a esfregar os olhos ao ver as almofadas de veludo negro e a folha de ouro envernizada que revestia todas as superfícies das cadeiras.

Calo e Galdo trabalhavam sobre uma bancada de tijolos, manejando painéis e batendo facas acima de uma imensa pedra branca alquímica. Locke já vira blocos menores dessa rocha, que irradiava um calor sem fumaça quando se jogava água em cima, mas aquela devia pesar tanto quanto o Padre Correntes. Calo (ou seria Galdo?) segurou uma frigideira no ar e despejou água de uma jarra de vidro sobre a rocha quente. A imensa nuvem de vapor que se ergueu trouxe consigo um rico aroma de comida e Locke sentiu a boca salivar.

Suspenso acima da mesa, ardia um belíssimo lustre; nos últimos anos, Locke passaria a reconhecê-lo como uma esfera armilar feita inteiramente de vidro, com eixo de ouro maciço. Em seu centro brilhava um globo alquímico com a mesma luz cor de bronze clara do sol; em volta havia os anéis concêntricos de vidro que marcavam as órbitas do planeta e de todos os seus primos celestiais, incluindo as três luas; nas bordas, umas cem estrelas penduradas pareciam pingos de vidro derretido congelados no exato instante de sua explosão. A luz corria, cintilava e ardia por todas as facetas do lustre, mas havia algo de errado nele: era como se os tetos e as paredes de Vidrantigo estivessem, não se sabe como, sugando a luz *para fora* do sol alquímico, transformando-o, enfraquecendo-o, redistribuindo-o por todo o vidro ancestral presente naquele espantoso subsolo.

– Bem-vindo à nossa verdadeira casa, nosso pequeno templo em homenagem ao Benfeitor. – Correntes jogou seu saco de moedas sobre a mesa. – Nosso patrono meio que ignora a ideia de que austeridade e religiosidade deveriam andar de mãos dadas. Por aqui demonstramos nossa apreciação pelas coisas *apreciando-as*, se é que você me entende. Meninos! Vejam quem sobreviveu à entrevista.

– Nós nunca duvidamos – disse um dos gêmeos.

– Nem por um segundo – emendou o outro.

– Mas agora podemos saber o que ele fez para ser expulso do Morro das Sombras? – A pergunta, feita quase em uníssono, soava como um ritual muitas vezes repetido.

– Quando forem mais velhos. – O padre arqueou as sobrancelhas para Locke e balançou a cabeça, certificando-se de que o menino pudesse ver o gesto claramente. – *Bem* mais velhos. Locke, não imagino que você saiba pôr uma mesa...?

Locke confirmou que não e Correntes o conduziu até um armário alto logo à esquerda do fogão. Lá dentro havia pilhas de pratos de porcelana branca; Correntes pegou um deles para Locke poder ver um brasão pintado à mão – um punho coberto em cota de malha segurando uma flecha e um ramo de videira – e o brilho dourado na borda.

– Emprestados de maneira mais ou menos permanente por Dona Isabella Manechezzo, velha tia viúva de nosso Duque Nicovante – explicou Correntes. – Ela morreu sem filhos e raramente dava festas, logo não estava usando *toda* a louça. Está vendo como alguns de nossos golpes, que vistos de

fora podem parecer apenas cruéis ladroagens, na verdade são bem convenientes se observados pelo ângulo certo? Isso é a mão do Benfeitor em ação ou assim gostamos de pensar. Na verdade nós nem saberíamos a diferença se ele não quisesse.

Locke recebeu o prato, segurando-a com um cuidado extremo, e examinou bem de perto a borda dourada. O sacerdote correu a mão direita amorosamente pela superfície da mesa de madeira-bruxa.

– Isto aqui, por sua vez, pertencia a Marius Cordo, mestre comerciante de Tal Verrar. Este móvel ficava na cabine principal de um galeão de três conveses. Imenso! Com 86 remos. Fiquei um pouco chateado com ele, então roubei suas cadeiras, tapetes e tapeçarias, além de todas as suas roupas. Direto do navio. Mas deixei o dinheiro: estava querendo passar um recado. Joguei tudo menos a mesa no Mar de Bronze.

Correntes ergueu um dedo na direção do lustre celestial.

– E isto aqui! Estava sendo transportado de Ashmira por terra em um comboio de carroças para o velho Dom Leviana. Não se sabe como, em trânsito, transformou-se em uma caixa de palha. – Correntes tirou mais três pratos do armário e os depositou nos braços de Locke. – Caramba, eu era bastante bom quando de fato trabalhava para viver.

– Ai – reclamou Locke sob o peso da louça fina.

– Ah, sim. – Correntes gesticulou para a cadeira na cabeceira da mesa. – Ponha um ali para mim. Um para você à minha esquerda. Dois para Calo e Galdo à minha direita. Se você fosse meu criado, eu lhe diria para pôr a mesa de modo informal. Pode repetir?

– Pôr a mesa de modo informal.

– Isso. É assim que os ricos e poderosos comem quando estão presentes apenas parentes de sangue próximos e talvez um ou outro amigo. – Correntes deixou seu olhar e seu tom de voz sugerirem que aquela lição deveria ser memorizada e começou a apresentar a Locke as sutilezas de copos, guardanapos de linho e talheres de prata.

– Que tipo de faca é esta? – Locke suspendeu uma faca de manteiga arredondada para Correntes poder ver. – Está toda errada. Não dá para matar *ninguém* com ela.

– Bem, não seria muito fácil, meu garoto, isso eu reconheço. – O sacerdote ensinou a Locke o posicionamento da faca de manteiga, bem como de diversos pequenos pratos e tigelas. – Mas quando os finos se reúnem para jantar, é mal-educado matar alguém com algo que não seja veneno. Isso daí é para servir manteiga, não para cortar pescoços.

– Quanta canseira só para comer.

– Bem, no Morro das Sombras, se dependesse do seu antigo mestre, vocês poderiam comer toucinho velho e empadão de terra em cima da bunda uns dos outros. Mas agora que você é um Nobre Vigarista, a ênfase está no *Nobre*. Vai aprender a comer desse jeito e a servir quem come desse jeito.

– Por quê?

– Porque algum dia, Locke Lamora, você vai jantar com barões, condes e duques. Vai jantar com mercadores, almirantes, generais e damas de todo tipo! E quando isso acontecer... – Correntes segurou com dois dedos o queixo de Locke e inclinou a cabeça do menino até seus olhos se encontrarem – os pobres idiotas não farão a menor ideia de que na verdade estão comendo com um

– QUE MARAVILHA, NÃO?

Correntes ergueu um copo vazio e brindou a seus três jovens discípulos em volta daquela esplêndida mesa. Tigelas de bronze fumegantes e pesadas panelas continham o resultado da labuta de Calo e Galdo junto ao fogão. Locke, sentado em uma almofada extra para conseguir alcançar mal e mal o tampo da mesa com os cotovelos, encarava a comida e os apetrechos com olhos arregalados. Estava estupefato diante da rapidez com que havia escapado de sua antiga vida e caído naquela nova com uma gente louca e estranhamente simpática.

O padre ergueu uma garrafa de algo a que se referira como vinho alquímico: era um líquido viscoso e escuro, parecido com mercúrio. Quando ele sacou a rolha já solta, um perfume de junípero invadiu o ar e, por um breve instante, superou o aroma condimentado dos pratos principais. Correntes serviu uma boa dose no copo vazio e, à luz forte, a bebida pareceu prata derretida ao ser despejada. Ele levou o copo à altura dos olhos.

– Uma dose em homenagem àquele que está sentado conosco, invisível: nosso patrono e protetor, o Guardião Torto, Pai dos Pretextos Necessários.

– Obrigado pelos bolsos fundos mal vigiados – disseram os irmãos Sanzas em uníssono, e Locke foi pego de surpresa pela seriedade da sua entonação.

– Obrigado pelos guardas que dormem no serviço – continuou Correntes.

– Obrigado pela cidade que nos nutre e pela noite que nos oculta – foi a resposta.

– Obrigado por amigos para ajudarem a gastar os roubos! – Correntes baixou o copo já pela metade e o pousou no centro da mesa. Pegou outro copo menor e nele derramou apenas um dedo da prata líquida. – Um copo em homenagem a uma amiga ausente. Desejamos saúde a Sabeta e rezamos para que ela retorne em segurança.

– Mas quem sabe ela poderia retornar um pouco menos maluca – disse um dos Sanzas que, por conveniência, Locke identificou mentalmente como Calo.

– E mais humilde. – Galdo aquiesceu. – Mais humilde seria ótimo.

– Os irmãos Sanzas só querem o bem de Sabeta. – Correntes segurou com firmeza o copinho de bebida e encarou os gêmeos. – E rezam para que ela volte em segurança.

– Sim! Nós queremos o seu bem!

– Que ela volte em segurança, seria ótimo mesmo.

– Quem é Sabeta? – indagou Locke em voz baixa, dirigindo-se ao sacerdote.

– Um ornamento de nossa pequena gangue. Nossa única menina, atualmente em viagem por... questões educacionais. – Correntes pousou o copo de Sabeta junto àquele que tinha servido para o Benfeitor e pegou o de Locke. – Outro negócio especial oferecido por seu antigo mestre. Cheia de talento, meu menino, tão cheia de talento quanto você, com um dom sobrenatural para o constrangimento alheio.

– É a nós que ele está se referindo – disse Calo.

– E logo você também vai entrar na dança. – Galdo sorriu.

– Quietos, tolinhos. – Correntes serviu uma dose do vinho de mercúrio para Locke e tornou a lhe entregar seu copo. – Mais um brinde e mais uma prece. A Locke Lamora, nosso novo irmão. Meu novo *pezon*. Nós queremos o seu bem. Damos a ele nossas calorosas boas-vindas. E rezamos para que adquira sabedoria.

Com gestos graciosos, ele serviu a bebida para os gêmeos, encheu o próprio copo quase até a borda. Correntes e os Sanzas ergueram seus copos e Locke os imitou rapidamente. A prata reluziu sob o ouro.

– Bem-vindo aos Nobres Vigaristas! – Correntes bateu com o copo de leve no de Locke, produzindo um tilintar que ecoou por um tempo.

– Você deveria ter escolhido a morte! – exclamou Galdo.

– Ele lhe deu a opção da morte, não foi? – perguntou Calo enquanto ele e o irmão brindavam, e depois os dois fizeram o mesmo com Locke.

– Podem rir, meninos. – Logo todos os brindes cessaram e Correntes deu o exemplo tomando um gole rápido de seu vinho. – Ahh. Escrevam o que estou dizendo: se esta pobre criaturinha viver um ano, vocês serão os macacos amestrados dele. E ele vai lhes atirar uvas toda vez que quiser ver algum truque. Vamos, Locke, pode beber.

O garoto ergueu o copo. A superfície prateada lhe mostrou um reflexo vívido e trêmulo do próprio rosto e do espaço iluminado à sua volta; o buquê do vinho era uma névoa de junípero e anis que fez cócegas em suas narinas. Ele levou aos lábios aquela minúscula imagem de si mesmo e bebeu. Quando engoliu, o álcool levemente gelado pareceu fazer dois trajetos ao mesmo tempo: uma linha de calor se derramou fazendo cócegas por sua garganta e filamentos gelados subiram, percorrendo seu palato e entrando pelos seios da face. Seus olhos se esbugalharam; ele tossiu e passou a mão pelos lábios dormentes.

– É um vinho de espelho, de Tal Verrar. Coisa fina. Agora coma, senão ele vai fazer sua cabeça rachar.

Calo e Galdo removeram panos úmidos de cima de travessas e tigelas de servir e, pela primeira vez, revelaram a verdadeira extensão daquele jantar. Havia linguças, muito bem-fatiadas e fritas em óleo junto com fatias de pera; pimentões vermelhos cortados ao meio e recheados com pasta de amêndoas e espinafre; frango envolto em massa de pão fina e frito até o pão ficar translúcido feito papel; feijão-preto frio ao molho de vinho e mostarda. De repente, os gêmeos estavam servindo porções no prato de Locke tão depressa que ele não conseguiu acompanhar.

Empunhando desajeitadamente um garfo de prata com dois dentes e uma das facas arredondadas de que antes havia zombado, Locke começou a enfiar comida na boca: era como se os sabores explodissem de modo glorioso e aleatório. Os bolinhos de frango estavam temperados com gengibre e lascas de laranja. O molho de vinho da salada de feijão aqueceu sua língua, a mostarda ardeu na sua garganta. Ele se pegou tomando goles do vinho para apagar cada fogo novo que se acendia.

Para sua surpresa, os Sanzas não comeram depois de servi-lo, mas ficaram sentados com as mãos unidas, observando Correntes. Quando o sacerdote pareceu seguro de que Locke estava comendo, virou-se para Calo.

– Você é um nobre vadrã. Digamos que seja o súdito do Graf de um dos Tutanos menos importantes. Está em um jantar em Tal Verrar, homens e mulheres em igual número, cada um com seu lugar marcado. Você e sua dama entram no salão de jantar com os outros convidados. O que você faz?

– Em um jantar vadrã, eu puxaria a cadeira para ela sem que me pedisse. – Calo não sorriu. – Mas as senhoras verraris ficam em pé ao lado de uma cadeira quando querem que alguém a puxe. É mal-educado tirar conclusões precipitadas. Logo, eu a deixaria tomar a iniciativa.

– Muito bem. – Correntes apontou para o segundo irmão Sanza com uma das mãos, começando a pôr comida em seu prato com a outra. – Agora, quanto é dezessete vezes dezenove?

Galdo fechou os olhos por alguns segundos para se concentrar.

– Hum... Trezentos e vinte e três.

– Correto. Qual é a diferença entre uma légua náutica vadrã e uma légua náutica terim?

– Ahn... a légua vadrã tem cento e... trinta e cinco metros a mais.

– Muito bem. É isso, então. Podem comer.

Enquanto os irmãos disputavam indecorosamente a posse de algumas travessas, Correntes se virou para Locke, cujo prato já estava meio vazio.

– Daqui a alguns dias, vou começar a fazer perguntas sobre o que você aprendeu, Locke. Se quiser comer, vai ter que aprender.

– E o que eu vou aprender? Fora pôr a mesa?

– Tudo! – Correntes parecia muito satisfeito consigo mesmo. – Tudo, meu menino. A brigar, a roubar, a mentir com a cara limpa. A preparar refeições como esta! A se disfarçar. A falar como um nobre, a escrever como um sacerdote, a se fazer passar por imbecil.

– Isso Calo já sabe fazer – afirmou Galdo.

– Ahg mu ahg, na muhg baaa – balbuciou Calo com a boca cheia.

– Lembra-se do que eu falei quanto comentei que não trabalhávamos como os outros ladrões? Nós somos um tipo novo de ladrão, Locke. Na verdade, somos atores. Farsantes. Eu fico sentado aqui, finjo ser sacerdote de Perelandro e, há muitos anos, as pessoas me enchem de dinheiro. Como você acha que eu paguei por tudo o que está vendo aqui neste refúgio de sonho, por esta comida? Tenho 53 anos; ninguém da minha idade pode roubar escalando telhados ou arrombando fechaduras. Eu ganho mais sendo cego do que jamais ganhei sendo rápido e astuto. E agora sou lento e roliço demais para me fazer passar por alguma coisa realmente interessante.

Correntes esvaziou seu copo e serviu outro.

– Mas você, Calo, Galdo e Sabeta... Vocês quatro terão todas as vantagens que eu não tive. Sua instrução será completa e vigorosa. Vou aperfeiçoar meus conceitos, minhas técnicas. Quando eu terminar, os golpes que vocês irão aplicar... bem, eles farão minha pequena farsa aqui neste templo parecer simples e pouco ambiciosa.

– Parece ótimo – comentou Locke, começando a sentir os efeitos do vinho: uma névoa quente de contentamento altruísta se abatia sobre ele e diminuía a tensão e a preocupação naturais de um órfão do Morro das Sombras. – O que faremos primeiro?

– Bem, hoje à noite, se você não estiver ocupado vomitando a primeira refeição decente da sua vida, Calo e Galdo vão lhe preparar um banho. Quando estiver menos malcheiroso, pode dormir

até tarde. Amanhã vamos lhe arrumar uma túnica de acólito e você poderá ficar sentado nos degraus conosco recebendo moedas. E amanhã à noite... – Correntes cofiou a barba, dando um gole em seu vinho. – Amanhã eu o levarei para conhecer o chefe. Capa Barsavi. Ele está muito curioso para ver você.

CAPÍTULO TRÊS

Homens imaginários

1

PELA SEGUNDA VEZ EM DOIS dias, Dom Lorenzo Salvara viu sua vida interrompida em um local inesperado por desconhecidos de máscara e capuz. Dessa vez foi logo após a meia-noite e eles o esperavam em seu escritório.

– Feche a porta – ordenou o intruso menor. A voz dele era camorri puro, áspera, rouca e claramente acostumada a ser obedecida. – Sente-se, milorde, e nem precisa se dar o trabalho de chamar seu guarda-costas. Ele está indisposto.

– Quem são vocês?

A mão da espada de Salvara havia se fechado por reflexo; não havia bainha em seu cinto. Depois de fechar a porta atrás de si, ele não fez qualquer movimento para se sentar à escrivaninha.

– Como entraram aqui?

O intruso que falara primeiro levantou a mão e retirou o pano preto que lhe cobria o nariz e a boca. Tinha um rosto fino, anguloso, cabelos negros, um bigode escuro fino e aparado com perfeição. Uma cicatriz branca corria por sua face direita. Ele enfiou a mão nas dobras da capa preta bem-cortada e sacou uma carteira de couro preta que abriu para que o Dom pudesse ver o que continha: um pequeno brasão de ouro rodeado por um elaborado motivo de vidro fosco.

– Pelos deuses. – Dom Salvara se deixou cair na cadeira, aflito, sem hesitar mais. – Vocês são Meias-Noites.

– Isso mesmo. – O intruso dobrou a carteira e tornou a guardá-la na capa. Já seu companheiro silencioso, ainda de máscara e capuz, deu a volta para se posicionar entre o Dom e a porta. – Pedimos desculpas pela intrusão. Mas viemos aqui tratar de um assunto extremamente sensível.

– Eu... eu ofendi Sua Graça de alguma forma?

– Não que eu saiba, milorde Salvara. Na realidade, pode-se dizer que estamos aqui para impedir que o faça.

– Eu... eu, ahn, bem. O que disseram mesmo que fizeram com Conté?

– Demos algo para ajudá-lo a dormir, só isso. Sabemos que ele é leal e perigoso. Não queríamos nenhum... mal-entendido.

O homem em pé junto à porta pontuou a frase dando um passo à frente e depositando suavemente sobre a escrivaninha as duas facas de combate de Conté.

– Entendo. Imagino que ele vá ficar bem. – Dom Salvara tamborilou na escrivaninha e encarou o intruso da cicatriz. – Caso contrário, eu ficaria muito aborrecido.

– Ele está totalmente ileso, dou-lhe minha palavra como homem do Duque.

– Para mim isso basta. Por enquanto.

O homem da cicatriz suspirou e esfregou os olhos com dois dedos enlurvados.

– Não há necessidade para começarmos assim, milorde. Peço desculpas pelo caráter abrupto de nossa aparição e pela invasão, mas creio que o senhor vá descobrir que o seu bem-estar é muito importante aos olhos de nosso mestre. Fui instruído a perguntar: o senhor se divertiu hoje nos Festejos?

– Sim... – Salvara falou com cautela, como quem se dirige a um advogado ou escrevente do tribunal. – Acho que essa seria uma afirmação correta.

– Muito bem, muito bem. Estava acompanhado, não é mesmo?

– Dona Sofia estava comigo.

– Estou me referindo a outra pessoa. Que não é súdito de Sua Graça. Não é camorri.

– Ah. O comerciante. Um comerciante de Emberlane chamado Lukas Fehrwight.

– De Emberlane. Claro.

O homem da cicatriz cruzou os braços e olhou em volta para o escritório do Dom. Passou alguns instantes examinando dois pequenos retratos dos falecidos Salvaras, rodeados por uma moldura enfeitada com fitas fúnebres de veludo preto.

– Esse homem é comerciante de Emberlane tanto quando eu e o senhor, milorde Salvara. Ele é um engodo. Uma farsa.

– Eu... – Dom Salvara quase se levantou com um pulo, mas se lembrou do homem em pé atrás de si e mudou de ideia. – Não vejo como isso pode ser possível. Ele...

– Com todo o respeito, milorde. – O homem da cicatriz abriu um sorriso horrendo e artificial, como o de um homem sem filhos tentando reconfortar um bebê choroso. – Mas deixe-me fazer uma pergunta... O senhor já ouviu falar no homem conhecido como Espinho de Camorr?

2

– Eu só roubo porque minha querida família precisa do dinheiro para viver!

Locke Lamora fez essa afirmação com o copo de vinho erguido bem alto. Ele e os outros Nobres Vigaristas estavam sentados em volta da velha mesa de madeira-bruxa no opulento refúgio situado sob a Casa de Perelandro: Calo e Galdo à sua direita, Jean e Pulga à sua esquerda. Sobre o móvel estava disposta uma profusão de comida e o lustre celestial pendia do teto com sua conhecida luz dourada. Os outros puseram-se a vaiar e entoaram em coro:

– Mentiroso!

– Eu só roubo porque este mundo cruel não permite que eu tenha um trabalho justo! – exclamou Calo, erguendo o próprio copo.

– MENTIROSO!

– Eu só roubo porque tenho que sustentar meu pobre irmão preguiçoso, cuja indolência partiu o coração de nossa mãe! – Galdo deu uma cotovelada em Calo.

– MENTIROSO!

– Eu só roubo porque estou convivendo temporariamente com maus elementos – disse Jean.

– MENTIROSO!

Por fim, o ritual chegou a Pulga, que ergueu o copo com um leve tremor e berrou:

– Eu só roubo porque é muito divertido, porra!

– *VIGARISTA!*

Com um clamor de vivas, os cinco ladrões entrechocaram seus copos; a luz se refletiu no cristal e brilhou através das profundezas verdes enevoadas do vinho de hortelã verrari. Os quatro homens esvaziaram os copos de uma vez só e tornaram a pousá-los sobre a mesa com força. Pulga, já um pouco vesgo, foi mais delicado com o seu.

– Senhores, tenho aqui em mãos os primeiros frutos de nossas longas semanas de estudo e sofrimento. – Locke ergueu um pergaminho enrolado ornado com fitas e o selo de cera azul de um membro da pequena nobreza de Camorr. – Uma carta de crédito no valor de 5 mil coroas inteiras, a ser trocada amanhã por dinheiro pertencente a Dom Salvara na Meraggio. Atrevo-me a dizer que este foi o primeiro golpe possibilitado por nosso mais jovem membro.

– Menino do barril! – bradaram em uníssono os irmãos Sanzas.

Instantes depois, um pequeno brioche com crosta de amêndoas saiu voando entre suas cadeiras, acertou Pulga bem entre os olhos e caiu sobre seu prato vazio. Pulga partiu o pão ao meio e reagiu à altura, mirando bem apesar da tontura. Calo fez uma careta e esfregou o olho para tirar as migalhas:

– A segunda etapa desta tarde foi fácil – continuou Locke enquanto enchia novamente os copos. – Mas nós não teríamos chegado até aqui tão depressa não fosse a ação rápida de Pulga ontem. Que coisa mais estúpida, arriscada, imbecil e ridícula a se fazer! Não tenho palavras para expressar minha admiração. A Pulga! A nova desgraça da guarda cidadina de Camorr!

Depois de sossegados os vivas e goles do brinde e de Pulga ter levado tapas nas costas suficientes para chacoalhar o cérebro, Locke pegou um copo grande que pôs no centro da mesa e encheu devagar.

– Só mais uma coisa antes de comermos. – Ele ergueu o copo em meio ao silêncio geral. – Um copo servido em homenagem a um amigo ausente. Temos muita saudade do velho Correntes e desejamos paz à sua alma. Que o Guardião Torto esteja sempre alerta e abençoe seu criado torto. Ele era um homem bom e penitente, à maneira dos nossos.

Com delicadeza, Locke pôs o copo no centro da mesa e o cobriu com um pequeno pano preto.

– Ele teria ficado muito orgulhoso de você, Pulga.

– Espero que sim. – O menino encarou o copo coberto no meio de toda aquela opulência de louça dourada. – Queria tê-lo conhecido.

– Você teria sido uma ocupação agradável para a velhice dele. – Jean beijou as costas da própria mão esquerda, o gesto de bênção do sacerdócio do Treze Sem Nome. – Um descanso muito bem-vindo em relação ao que ele suportou tendo de criar nós quatro!

– Jean está sendo generoso. Eu e ele éramos uns santos. Quem fazia o pobre velho ficar acordado até tarde seis noites por semana rezando eram os irmãos Sanzas. – Locke estendeu a mão em direção a uma das travessas cobertas por panos. – Vamos comer.

– Rezando para você e Jean crescerem logo e ficarem bonitos como nós dois, você quer dizer! – A

mão de Galdo se esticou depressa e segurou Locke pelo pulso. – Não está esquecendo nada?

– Estou?

Calo, Galdo e Jean acompanharam essa pergunta com um olhar coletivo. Pulga ficou encabulado e olhou para o lustre no teto.

– Maldição.

Locke se levantou de sua cadeira dourada e foi até um armário lateral. Ao voltar para a mesa, trazia na mão um copinho, pouco maior do que um dedal, usado para bebidas alcoólicas. Nele despejou uma pequeníssima quantidade de vinho de hortelã. Não o ergueu, mas o empurrou para o centro da mesa até junto do copo coberto pelo pano preto.

– Um copo servido em homenagem a *alguém* ausente. Não sei onde ela está agora e rezo para todos vocês se engasgarem, menos Pulga. Muito agradecido.

– Uma bênção nada graciosa, sobretudo para um sacerdote. – Calo beijou o dorso da mão esquerda e acenou com ela por cima do copinho. – Ela era uma de nós antes mesmo de você, *garrista*.

– Sabe *para que* eu rezo? – Locke segurou a borda da mesa e os nós de seus dedos logo embranqueceram. – Rezo para que algum dia um de vocês descubra o que é o amor quando ele sobe além dos botões da sua braguilha.

– Um coração não se parte sozinho. – Galdo pousou delicadamente a mão esquerda sobre a direita de Locke. – Não me lembro de ela ter estragado tudo sem a sua hábil ajuda.

– E atrevo-me a dizer que seria um enorme alívio para todos nós se você fizesse a cortesia de sair e trepar com uma mulher – disse Calo. – Trepar bastante e com vontade. Pelos deuses, trepe com três ao mesmo tempo! Afinal, dinheiro não nos falta.

– Pois saibam que a minha paciência para esse assunto já tinha acabado muito antes de... – A voz de Locke estava aumentando e se transformando em um grito quando Jean o segurou com firmeza pelo bíceps esquerdo; o punho dele se fechava com facilidade em volta do braço de Locke.

– Ela era nossa amiga, Locke. Era e ainda é. Você lhe deve algo um pouco melhor do que isso.

Jean estendeu a mão para a garrafa de vinho e encheu o copinho até a borda. Ergueu-o na direção da luz e tirou a outra mão do braço de Locke.

– Um copo servido em homenagem a uma amiga ausente. Desejamos tudo de bom para Sabeta. Para nós mesmos, rezamos por irmandade.

Locke o encarou durante um segundo que pareceu durar minutos, em seguida soltou um longo suspiro.

– Sinto muito. Não era minha intenção estragar a ocasião. Foi um brinde ruim e eu... estou arrependido. Deveria ter pensado melhor nas minhas responsabilidades.

– Eu também sinto muito. – Galdo deu um sorriso encabulado. – Não o culpamos pela maneira como se sente. Sabemos que ela era... que era... *ela*.

– Bem, eu não sinto muito pelo que disse sobre trepar. – Calo deu de ombros em um gesto fingido de quem se desculpa. – Estou falando sério, cara. Molhe esse pavio. Deite essa âncora. Procure uma mulher para servir de bainha à sua espada. Você vai se sentir melhor.

– Não é óbvio que no presente momento eu estou em êxtase? Não preciso me sentir *melhor*: você e eu ainda temos trabalho pela frente hoje à noite! Pelo amor do Guardiã Torto, será que podemos, por favor, matar esse assunto e jogar seu maldito cadáver na baía?

– Desculpe – falou Calo após alguns segundos e um olhar certeiro e feroz de Jean. – Desculpe. – Olhe, você sabe que a nossa intenção é boa. Nós dois sentimos muito se passamos da conta. Mas ela está em Parlay, nós em Camorr, e é óbvio que você...

Calo teria continuado, mas um brioche de amêndoas quicou no seu nariz e ele se retraiu, surpreso. Outro atingiu Galdo na testa e um terceiro traçou um arco e foi aterrissar no colo de Jean. Locke conseguiu erguer uma das mãos a tempo para desviar o que deveria ter acertado nele.

– Sério! – Pulga segurava mais brioche ainda nas mãos esticadas e os apontava como balestras carregadas. – É isso que me espera quando eu crescer? Pensei que estivéssemos comemorando o fato de sermos mais ricos e mais espertos do que todos os outros!

Locke olhou para o menino por um segundo apenas, então esticou a mão e pegou o copinho cheio da mão de Jean, abrindo um sorriso.

– Pulga tem razão. Vamos parar com essa merda e jantar. – Ergueu o copo o mais alto que conseguiu em direção à luz do lustre. – A nós... mais ricos e mais espertos do que todos os outros!

– MAIS RICOS E MAIS ESPERTOS DO QUE TODOS OS OUTROS! – entoaram os demais em coro.

– Brindamos a amigos ausentes que nos ajudaram a chegar onde estamos agora. Sentimos sua falta.

– Locke levou o copinho aos lábios e sorveu um minúsculo gole antes de tornar a pousá-lo. – E ainda os amamos – completou, baixinho.

3

– O ESPINHO DE CAMORR... é um boato particularmente ridículo que percorre o salão de jantar quando algum dom mais influenciável não põe água suficiente no seu vinho.

– O Espinho de Camorr saiu do seu barco hoje mais cedo com uma nota promissória assinada no valor de 5 mil coroas de ferro branco de sua propriedade – afirmou o homem da cicatriz em um tom afável.

– Quem? Lukas Fehrwight?

– Exatamente.

– Lukas Fehrwight é *vadrã*. Minha mãe era *vadrã*, eu falo a língua! Lukas é da Antiga Emberlane até a raiz dos cabelos. Ele se cobre de lã e recua 2 metros toda vez que uma mulher pisca para ele! – Irritado, Dom Lorenzo tirou os ópticos e os colocou sobre a mesa. – Aquele homem seria capaz de apostar a vida dos próprios filhos em relação ao preço que poderia conseguir por barris de vísceras de arenque em uma manhã qualquer. Já lidei com outros da sua espécie tantas vezes que perdi a conta. Aquele homem não é camorri, muito menos um lendário ladrão!

– Milorde, o senhor tem 24 anos, não é?

– Por enquanto. Qual a relevância disso?

– Sem dúvida conheceu muitos comerciantes nos anos desde que sua mãe e seu pai faleceram, que a paz do Longo Silêncio esteja com eles. Muitos comerciantes, e muitos deles *vadrãs*, correto?

– Corretíssimo.

– E se um homem, um homem muito esperto, quisesse que o senhor o tomasse por comerciante...

bem, como ele iria se vestir e se apresentar? Como pescador? Como arqueiro mercenário?

– Não entendo o que o está querendo dizer.

– Estou querendo dizer que as suas próprias expectativas foram usadas contra o senhor mesmo. Milorde, o senhor com certeza tem bom olho em matéria de comerciantes. Multiplicou a fortuna de sua família várias vezes no breve período em que a vem administrando. Portanto, a atitude mais sensata para alguém que quisesse enredá-lo em algum golpe seria se comportar como um homem de negócios consumado. Manifestar deliberadamente todas as suas expectativas. Mostrar-lhe o que o senhor esperava e desejava ver.

– Parece-me que, se eu aceitar a sua argumentação, a verdade manifesta de qualquer coisa genuína poderia ser usada como justificativa para sua falsidade. Eu digo que Lukas Fehrwight é um comerciante de Emberlane porque ele exhibe sinais que assim o identificam. O senhor afirma que esses mesmos sinais provam que ele é um engodo. Preciso de provas mais palpáveis do que isso.

– Nesse caso, milorde, permita-me fazer uma digressão e formular outra pergunta. – O homem da cicatriz pôs as mãos entre as dobras negras da capa e encarou o jovem nobre. – Se o senhor fosse um ladrão cujas vítimas fossem exclusivamente os membros da nobreza do Ducado de Camorr, como esconderia suas ações?

– Exclusivamente? O senhor está se referindo outra vez a esse tal Espinho de Camorr. Não pode haver nenhum ladrão assim. Existem acordos... A Paz Secreta. No mesmo instante que algum homem ousasse violá-la, os outros ladrões cuidariam do assunto.

– E se o seu ladrão conseguisse evitar a captura? Se o seu ladrão conseguisse ocultar dos colegas a própria identidade?

– Se. Se. Dizem que o Espinho de Camorr rouba dos ricos – Salvara levou uma das mãos ao próprio peito – e dá aos pobres até sua última moeda de cobre. Mas o senhor já ouviu falar em algum saco de ouro largado recentemente nas ruas do Pegafogo? Em algum carvoeiro ou esquartejador de cavalos de repente usando coletes de seda e botas bordadas? Faça-me o favor. Esse Espinho é uma conversa de plebeus embriagados. Mestre espadachim, sedutor de damas, um fantasma que atravessa paredes. Ridículo.

– Suas portas estão trancadas e todas as suas janelas têm grades, mas ainda assim cá estamos nós, milorde, no seu escritório.

– É verdade. Mas vocês são homens de carne e osso.

– É o que dizem. Mas estamos nos afastando da questão. Nosso ladrão, milorde, teria certeza de que o senhor e seus pares manteriam suas atividades em segredo. Hipoteticamente falando, se Lukas Fehrwight fosse o Espinho de Camorr e o senhor soubesse que ele escapou levando uma pequena fortuna de seus cofres, o que o senhor faria? Alertaria a guarda? Pediria socorro sem rodeios no tribunal de Sua Graça? Abordaria a questão em frente a Dom Paleri Jacobo?

– Eu... eu... É uma pergunta interessante. Fico pensando se...

– Iria querer que a cidade inteira soubesse que foi enganado? Que foi vítima de um golpe? Os homens de negócios algum dia voltariam a confiar no seu julgamento? Sua reputação algum dia iria se recuperar por completo?

– Imagino que isso seria... muito difícil.

A mão direita do homem da cicatriz reapareceu, agora sem a luva e pálida em contraste com a

capa preta. Ele ergueu um dedo.

– A nobre dama Dona Rosalina de Marre perdeu 10 mil coroas quatro anos atrás em troca de títulos de propriedade de pomares inexistentes rio acima. – Um segundo dedo se esticou. – Dom e Dona Feluccia perderam o dobro disso dois anos atrás. Pensaram estar financiando um golpe de Estado em Talisham que teria transformado a cidade em propriedade familiar. No ano passado – ele ergueu um terceiro dedo –, Dom Javarriz pagou 15 mil coroas inteiras a uma vidente que afirmou ser capaz de ressuscitar seu filho primogênito. – O mindinho do homem se esticou e ele acenou para Dom Lorenzo com a mão estendida. – E agora temos Dom e Dona Salvara envolvidos em um acordo de negócios secreto que é ao mesmo tempo tentador e conveniente. Diga-me uma coisa: o senhor já tinha ouvido falar nos problemas dos nobres que acabei de mencionar?

– Não.

– Dona de Marre visita o jardim de sua esposa duas vezes por semana. Elas conversam sobre botânica alquímica. O senhor já jogou cartas muitas vezes com os filhos de Dom Javarriz. No entanto, tudo o que ouviu há pouco é uma surpresa?

– Sim, uma grande surpresa, posso lhe garantir!

– Foi uma surpresa para Sua Graça também. Meu patrão passou dois anos tentando seguir as tênues pistas que ligavam esses crimes todos, milorde. Uma fortuna do tamanho da sua se evaporou e foi preciso uma ordem do Duque para que as vítimas abrissem a boca. Porque o seu orgulho as levou a se calar.

Lorenzo passou um bom tempo com os olhos pregados no tampo da escrivaninha.

– Fehrwight está hospedado no Lar do Tombo. Ele tem um criado pessoal, roupas elegantes, ópticos de 100 coroas. Conhece... segredos confidenciais relativos à Casa de bel Auster. – Dom Salvara ergueu os olhos para o homem da cicatriz como se estivesse apresentando um problema difícil a um professor exigente. – Coisas que ladrão nenhum poderia ter.

– Roupas elegantes por acaso estariam fora do alcance de um homem que dispõe de mais de 40 mil coroas roubadas? Quanto ao barril de conhaque não envelhecido, como o senhor, eu ou qualquer outra pessoa estranha à Casa de bel Auster poderia saber que aspecto esse barril tem? Ou que sabor o conhaque tem? É uma fraude pura e simples.

– Ele foi reconhecido na rua por um advogado, um daqueles escreventes jurídicos de Razona que trabalham para a Meraggio!

– É claro que foi, porque ele começou a construir a identidade de Lukas Fehrwight há muito tempo, sem dúvida antes mesmo de conhecer Dona de Marre. Ele tem uma conta de verdade na Meraggio, aberta com dinheiro de verdade cinco anos atrás. Tem todos os requintes externos que um homem de status deveria ter, mas Lukas Fehrwight é um fantasma. Uma mentira. Um papel desempenhado para uma plateia muito seleta. Há anos eu persigo esse homem.

– Eu e Sofia somos sensatos. Com certeza... com certeza teríamos percebido algo estranho.

– Estranho? A coisa toda foi estranha! Milorde Salvara, eu lhe imploro que me ouça com atenção. O senhor financia bebidas finas. Semanalmente, faz uma prece em homenagem à sombra de sua mãe em um templo vadrã. Que coincidência fascinante esbarrar com um vadrã necessitado que por acaso trabalha no mesmo ramo, não é?

– Onde mais um vadrã que estivesse visitando Camorr poderia rezar a não ser no Templo das

Águas da Fortuna?

– Em lugar nenhum, é claro. Mas observe todas as coincidências que se acumulam. Um comerciante de bebidas vadrã que precisa de ajuda por acaso a caminho de uma visita a Dom Jacobo? Seu inimigo jurado? Um homem que todos sabem que o senhor esmagaria por quaisquer meios possíveis caso o Duque não o houvesse proibido de fazê-lo?

– O senhor estava... nos observando quando eu e Fehrwight nos encontramos?

– Sim, com muita atenção. Vimos o senhor e seu guarda-costas entrarem naquele beco para socorrer um homem que pensavam estar correndo perigo. Nós...

– *Pensamos?* Ele estava sendo esganado!

– Estava mesmo? Aqueles homens mascarados eram seus cúmplices, milorde. A luta foi encenada. Foi um artifício usado para apresentá-lo ao comerciante imaginário e sua oportunidade imaginária. Tudo o que o senhor valoriza foi usado como isca na armadilha! Sua simpatia pelos vadrãs, sua noção de dever, sua coragem, seu interesse por bebidas finas, seu desejo de superar Jacobo. E será mesmo uma coincidência que o estratagema de Fehrwight deva permanecer secreto? Que esteja sujeito a um cronograma extremamente curto e exigente? Que por acaso alimente todas as suas notórias ambições?

Salvara encarou a parede mais afastada e pôs-se a tamborilar na mesa a um ritmo cada vez mais rápido.

– É um choque e tanto – comentou por fim, com uma vozinha miúda já sem nenhuma energia.

– Queira me perdoar por isso, milorde Salvara. A verdade é indigesta. É claro que o Espinho de Camorr não tem 3 metros de altura. É claro que ele não atravessa paredes. Mas ele é um ladrão muito real, está se fazendo passar por um vadrã chamado Lukas Fehrwight e está, sim, de posse de 5 mil coroas do seu dinheiro, com a intenção de obter mais 20 mil.

– Preciso mandar alguém à Meraggio para ele não poder compensar minha promissória amanhã de manhã – disse Dom Lorenzo.

– Com todo respeito, milorde, não deve fazer nada do gênero. Minhas instruções são claras. Não queremos apenas o Espinho, mas também seus cúmplices. Seus contatos. Suas fontes de informação. Toda a sua rede de ladrões e espiões. Ele agora está visível e nós podemos segui-lo enquanto age. Ao menor sinal de que sua farsa foi desmascarada, ele vai fugir. Talvez essa oportunidade nunca torne a se apresentar. Sua Graça, o Duque Nicovante, faz questão absoluta de que todos os envolvidos nesses crimes sejam identificados e presos. Para alcançar esse objetivo, sua cooperação absoluta é requisitada e exigida, em nome do Duque.

– O que devo fazer, então?

– Continuar agindo como se estivesse totalmente convencido pela história de Fehrwight. Deixar que ele compense a promissória. Deixar que ele prove um gostinho do sucesso. E quando ele tornar a procurá-lo para pedir mais dinheiro...

– Sim?

– Ora, milorde, dê a ele mais dinheiro. Dê-lhe tudo o que ele pedir.

A LOUÇA DO JANTAR FOI retirada e Pulga foi encarregado de fazê-la reluzir com água morna e areia branca (“Excelente para sua educação moral!”, exclamara Jean ao empilhar a porcelana e o cristal). Locke e Calo se recolheram ao Guarda-Roupa para iniciar os preparativos para a terceira e mais crítica etapa do golpe contra Dom Salvara.

O subsolo de Vidrantigo sob a Casa de Perelandro era dividido em três partes: a primeira era a cozinha, a segunda um dormitório com divisórias de madeira e a terceira era chamada de Guarda-Roupa.

Compridas araras margeavam todas as paredes do Guarda-Roupa, com centenas de fantasias classificadas por origem, estação, corte, tamanho e classe social. Havia túnicas de aniagem e de agricultor; aventais de açougueiro manchados de sangue; capas de inverno e de verão, de tecido barato ou feitas sob medida, sem enfeites ou decoradas com toda a sorte de adorno, de metal precioso a penas de pavão. Havia vestes e acessórios da maioria das ordens sacerdotais terins – Perelandro, Morgante, Nara, Sendovani, Iono e assim por diante. E mais luvas, laços e lenços de pescoço, blusas de seda e gibões astutamente reforçados para virarem armaduras, além de bengalas e bastões suficientes para equipar uma companhia inteira de velhos mercenários capengas.

Correntes iniciara aquela coleção mais de duas décadas antes e seus alunos a incrementaram com o dinheiro acumulado em muitos anos de golpes. Pouquíssimas peças usadas pelos Nobres Vigaristas eram descartadas; até mesmo as roupas de verão mais fedidas e encharcadas de suor eram lavadas, borrifadas com substâncias aromáticas alquímicas e penduradas com extremo cuidado. Podiam sempre ser emporcalhadas outra vez caso fosse preciso.

Um espelho da altura de um homem dominava o centro do Guarda-Roupa e outro bem menor pendia de uma espécie de sistema de polias afixado ao teto, podendo ser movido e posicionado conforme a necessidade. Locke se postou diante do espelho maior vestido com um conjunto de gibão e calça em veludo azul-escuro; suas meias tinham o mesmo vermelho do sangue sobre a água ao sol poente e sua gravata camorri simples era quase do mesmo tom.

– Esse teatro todo é mesmo uma boa ideia?

Calo estava vestido de modo bem parecido, embora suas meias e adereços fossem cinza. Ele suspendeu as mangas da túnica até acima dos cotovelos e as prendeu com abotoaduras de pérola negra.

– Uma ótima ideia – respondeu Locke enquanto ajeitava a gravata. – Nós somos Meias-Noites. Somos arrogantes. Que espião que se preze iria invadir uma chácara em plena madrugada usando roupas verdes, laranja ou brancas?

– Um que chegasse e batesse na porta.

– Não discordo, mas ainda assim prefiro não mudar o plano. Dom Salvara teve um dia cheio. No final de um dia como hoje, ele vai estar em situação ideal para levar um susto. Não podemos lhe dar um susto do mesmo naipe usando roupas lilases e carmim.

– Bom, com certeza não do jeito que você está pretendendo.

– Este gibão está muito desconfortável nas costas – resmungou Locke. – Jean! Jeeeeaaan!

– O que foi? – respondeu outro grito depois de um tempo.

– Ora, é que eu adoro dizer o seu nome! Venha cá!

Jean entrou no Guarda-Roupa a passos tranquilos um segundo depois, com um copo de conhaque

na mão e um livro surrado na outra.

– Pensei que Graumann estivesse de folga durante essa parte.

– E está. – Locke gesticulou com impaciência para as costas do gibão. – Preciso dos serviços da mais feia costureira de Camorr.

– Galdo está ajudando Pulga a lavar a louça.

– Vá pegar suas agulhas, quatro-olhos.

As sobrelhas de Jean se franziram sob os ópticos de leitura, mas ele pousou o livro e o copo e abriu um pequeno baú de madeira encostado em uma das paredes do Guarda-Roupa.

– O que você está lendo?

Calo havia prendido a gravata no meio com um pequeno grampo de prata e ametista e admirava-se no pequeno espelho com um ar de aprovação.

– Kimlarten – respondeu Jean enquanto passava uma linha preta por uma agulha branca de osso tentando não espetar os dedos.

– *Os romances coreses?* Uma bobajada sentimentalóide. Não sabia que você gostava de contos de fadas.

– Pois saiba que eles são registros culturalmente importantes dos séculos do Trono Terim – replicou Jean, postando-se atrás de Locke com um abridor de costuras em uma das mãos e agulha e linha na outra. – Além disso, pelo menos três cavaleiros têm a cabeça arrancada pela Fera de Vuazzo.

– Por acaso é um manuscrito ilustrado?

– Não nas partes boas.

Jean trabalhava nas costas do gibão com a mesma delicadeza que usava para arrombar uma fechadura ou esvaziar os bolsos do casaco de uma vítima.

– Ah, pode soltar e pronto. A aparência não me importa: vai ficar escondido debaixo da capa mesmo. Podemos arrumar depois.

– “Podemos”? – Jean afrouxou o gibão com alguns rasgos e cortes estratégicos. – “Posso” seria mais exato. Você sabe costurar tanto quanto um cachorro sabe escrever poesia.

– E reconheço isso. Ah, pelos deuses, ficou bem melhor. Agora tenho lugar para esconder a carteira-chancela e algumas surpresinhas, só para garantir.

– Parece estranho soltar uma costura para você em vez de apertá-la. – Jean guardou os instrumentos como os havia encontrado no baú de costura e tornou a fechá-lo. – Não descuide dos exercícios: não queremos que engorde nem 200 gramas.

– Bom, a maior parte do meu peso é o cérebro mesmo.

Locke também arregaçou as mangas da túnica e as prendeu do mesmo jeito que Calo.

– Você é um terço de más intenções, um terço de pura avareza e um oitavo de serragem. Imagino que o resto deva ser o cérebro.

– Bem, já que está aqui e sabe tanto sobre minha pobre pessoa, por que não pega a caixa de máscaras e me ajuda com meu rosto?

Jean parou para tomar um gole de conhaque antes de pegar uma alta e gasta caixa de madeira com dezenas de pequenas gavetas.

– O que vamos arrumar primeiro, os cabelos? Têm que ser pretos, não é?

– Feito piche. Eu só devo precisar ser esse sujeito duas ou três vezes.

Jean pôs um pano branco sobre os ombros do gibão de Locke e o prendeu na frente com um pequeníssimo fecho de osso. Abriu um vidro de unguento e lambuzou os dedos com um gel escuro e denso com um forte cheiro de frutas cítricas.

– Humm. Parece carvão e cheira a laranja. Nunca vou entender o senso de humor de Jessaline.

Locke sorriu enquanto Jean começava a passar a substância em seus cabelos castanho-claros.

– Até mesmo uma boticária negra precisa se divertir de algum jeito. Lembra-se daquela vela narcótica com cheiro de carne que ela nos deu para passar pelo maldito cão de guarda de Dom Feluccia?

– Foi muito engraçado aquilo. – Calo franziu a testa, fazendo outros pequenos ajustes em seus próprios trajes elegantes. – Gatos de rua acorreram de todas as esquinas de Camorr ao sentir aquele cheiro. E todos caíram no meio do caminho até a rua inteira ficar cheia de corpinhos. O vento soprava por toda parte e nós corríamos de um lado para outro tentando não respirar o cheiro...

– Não foi nosso melhor momento – comentou Jean.

Seu trabalho já estava quase terminado; a pasta pareceu se fundir aos cabelos de Locke, imprimindo-lhes um tom aparentemente natural de preto camorri retinto, só um pouco lustroso. Como muitos homens de Camorr usavam substâncias pegajosas para fixar ou perfumar os cabelos, isso mal seria notado.

Jean limpou os dedos na toalha branca em volta do pescoço de Locke e mergulhou um pedaço de pano em outro jarro de unguento contendo um gel perolado, que, aplicado a seus dedos, removeu os resíduos de tinta para cabelos como se o tivesse evaporado. Jean encostou o pano nas têmporas e no pescoço de Locke, apagando as pequenas manchas e respingos deixados pela tintura.

– Cicatriz? – perguntou Jean ao terminar.

– Por favor. – Locke correu o dedo pela linha do malar direito. – Corte bem aqui, por favor.

Jean tirou da caixa de máscaras um fino tubo de madeira com ponta de giz branca que usou para traçar uma curta linha no rosto de Locke, no lugar exato que ele havia indicado. Locke se retraiu quando o material chiou por um ou dois segundos; em um piscar de olhos, a linha branca se solidificou até virar um arco saltado e pálido de uma substância semelhante à pele, na perfeita imitação de uma cicatriz.

Nesse exato instante, Pulga entrou pela porta do Guarda-Roupa, com as bochechas um pouco mais rosadas que o habitual. Em uma das mãos trazia uma carteira de couro preto um pouco maior do que a que um cavalheiro normalmente usaria.

– A cozinha está limpa. Galdo disse que você iria esquecer isto aqui se eu não trouxesse e jogasse na sua cara.

– Por favor, não o leve ao pé da letra. – Locke estendeu uma das mãos para a pegar a carteira enquanto Jean tirava a toalha branca de seus ombros, seguro de que a tintura para cabelos secara. – Se quebrar esse troço, eu rolo você até Emberlane dentro de um barril.

A elaborada chancela que havia dentro da carteira, feita de ouro, cristal e vidro fosco, era de longe o adereço mais caro de todo o golpe – nem mesmo o barril de Austershalin 502 tinha custado tanto. Fora confeccionada em Talisham, a quatro dias de viagem a cavalo pelo litoral rumo ao sul; nenhum falsificador camorri, por mais talentoso que fosse, era suficientemente confiável para ficar

calado ou se sentir à vontade ao replicar o distintivo da polícia secreta do próprio Duque.

Nenhum dos Nobres Vigaristas jamais tinha visto um distintivo daqueles, com uma aranha estilizada sobre o selo real do Sereno Ducado, mas Locke estava certo de que o mesmo se podia dizer sobre qualquer membro da pequena nobreza. A descrição aproximada da temida chancela era sussurrada pelas Pessoas Certas de Camorr e a melhor falsificação possível fora confeccionada a partir do que se falava.

– Segundo Durant, o Coxo, o Aranha é uma bobagem – disse Pulga ao entregar a carteira. Todos os outros Nobres Vigaristas no recinto lhe lançaram um olhar incisivo.

– Se alguém pusesse o cérebro de Durant dentro de um dedal cheio d’água, iria parecer um navio perdido no meio do mar – comentou Jean.

– Os Meias-Noites são reais, Pulga. – Locke tocou os cabelos de leve e viu que as mãos saíram limpas. – Se algum dia você for pego violando a Paz, é bom rezar para o Capa capturá-lo antes deles. Comparado ao homem que administra o Palácio da Paciência, Barsavi é a misericórdia em pessoa.

– Eu sei que os Meias-Noites são reais – retrucou Pulga. – Só falei que alguns dizem que o *Aranha* é uma bobagem.

– Ah, ele existe. Jean, escolha um bigode para mim. Um que combine com este cabelo. – Locke correu um dedo pela pele lisa em volta dos lábios, barbeada logo após o jantar. – Existe um homem que comanda os Meias-Noites. Eu e Jean passamos anos tentando adivinhar qual dos membros da corte do Duque ele podia ser, mas todas as pistas no final não deram em nada.

– Nem Galdo e eu conseguimos descobrir – acrescentou Calo. – Então estamos lidando com um demônio um tanto ardiloso.

– Mas como vocês podem ter certeza?

– Deixe-me colocar o problema da seguinte forma, Pulga. – Locke parou de falar um instante no momento em que Jean suspendeu um bigode falso. Balançou a cabeça para recusá-lo e Jean voltou a vasculhar a caixa de máscaras. – Quando Capa Barsavi elimina alguém, nós ficamos sabendo, certo? Temos conexões, a notícia corre. O Capa *quer* que as pessoas conheçam seus motivos, pois assim evita futuros problemas e dá o exemplo.

– E quando o Duque elimina alguém pessoalmente, há sempre algum sinal – completou Calo. – Casacas-amarelas, soldados Vidronoite, documentos, julgamentos, proclamas.

– Mas quando o Aranha escolhe alguém para eliminar... – Locke meneou a cabeça de leve e aprovou o segundo bigode que Jean ergueu para ele avaliar – o pobre coitado em questão sempre some da face da terra. E Capa Barsavi não diz nada. Entendeu? Ele finge que *nada aconteceu*. Como Barsavi não teme o Duque... e, na realidade, até o despreza um pouco... bom, a conclusão óbvia é que tem alguém por aí que o faz se borrar.

– Ah. Além do Rei Cinza?

Calo deu um muxoxo.

– Daqui a poucos meses essa confusão do Rei Cinza vai ter acabado, Pulga. Um maluco solitário contra três mil facas, todas leais a Barsavi... o Rei Cinza é um cadáver ambulante. Já do Aranha não é tão fácil se livrar.

– E é por isso mesmo que estamos torcendo para ver Dom Salvara dar um belo salto ao nos

encontrar esperando por ele em seu escritório – prosseguiu Locke. – Porque os sangues-azuis ficam tão nervosos com uma visita dos Meias-Noites quanto nós.

– Detesto interromper, mas você fez a barba desta vez? – perguntou Jean. – Ah. Ótimo!

Com um pequeno palito, ele aplicou acima dos lábios de Locke uma camada reluzente de pasta transparente; Locke franziu o nariz, incomodado. Com alguns movimentos ágeis dos dedos, Jean posicionou o falso bigode e o pressionou no lugar. Em um ou dois segundos, ele se fixou ali com tanta firmeza quanto se houvesse crescido naturalmente.

– Esta cola é feita com a parte interna do couro de tubarão-lobo – explicou Jean a Pulga. – Da última vez que a usamos, esquecemos de levar um pouco do solvente para soltar...

– E eu tive que tirar o bigode às pressas – disse Locke.

– E você não sabe o grito que ele deu quando Jean o arrancou – concluiu Calo.

– Parecia um irmão Sanza em um puteiro vazio! – Locke fez um gesto grosseiro para Calo, que em resposta fingiu retesar um arco e acertá-lo com uma flecha.

– Cicatriz, bigode, cabelo... Tudo pronto? – Jean guardou os últimos itens de disfarce na caixa de máscaras.

– Sim, tudo pronto.

Locke passou alguns instantes fitando o próprio reflexo no espelho grande e, ao tornar a falar, sua voz não era mais a mesma: estava perceptivelmente mais grave e um pouco mais áspera. Tinha o tom entediado e desprovido de humor de um sargento da guarda repreendendo um pequeno delinquente pela milésima vez em sua carreira.

– Vamos avisar a um sujeito que ele está encrencado com ladrões.

5

– QUER DIZER QUE OS senhores querem que eu continue a entregar notas promissórias para um homem descrito como o ladrão mais hábil de Camorr? – indagou Dom Lorenzo.

– Com todo o respeito, milorde Salvara, foi isso que o senhor já fez mesmo sem a nossa participação.

Não havia na voz ou nos modos de Locke qualquer indício de Lukas Fehrwight nem qualquer resquício da energia contida ou da pomposa dignidade do comerciante vadrã. Essa sua nova criação tinha o respaldo ficcional do Duque; era o tipo de homem que poderia zombar de um dom ao mesmo tempo que invadia o santuário de sua residência. Tal audácia era impossível de fingir: Locke precisava senti-la, invocá-la de algum lugar lá no fundo, vestir a arrogância como se fosse um velho traje conhecido. Locke Lamora se tornou uma sombra em sua própria mente: ele agora era um Meia-Noite. Suas complexas mentiras eram a verdade simples daquele novo homem.

– A soma mencionada poderia... representar metade dos meus recursos.

– Então entregue metade da sua fortuna a nosso amigo Fehrwight, milorde. Sufoque o Espinho justamente com aquilo que ele deseja. Notas promissórias irão prendê-lo e impedi-lo de ficar trocando de casas de contabilidade.

– As mesmas casas de contabilidade que vão entregar meu dinheiro muito real a esse fantasma, o

senhor quer dizer.

– Sim. E a serviço de ninguém menos do que o Duque. Ânimo, milorde Salvara. Sua Graça tem total capacidade para compensá-lo por qualquer perda que o senhor vier a sofrer enquanto estiver nos ajudando na captura desse homem. Na minha opinião, porém, o Espinho não terá tempo nem de gastar o dinheiro nem de transportá-lo para muito longe, logo o que lhe foi roubado deve ser recuperado antes mesmo de ser necessária uma compensação. O senhor deve também levar em conta os aspectos não puramente financeiros da situação.

– Quais?

– A gratidão de Sua Graça pela ajuda recebida no sentido de conduzir essa questão ao desfecho desejado, em contraste com seu desagrado caso qualquer *relutância* da sua parte venha a alertar nosso ladrão de que a rede está se fechando à sua volta.

– Ah. – Salvara pegou os ópticos e tornou a colocá-los no nariz. – Com isso eu de fato não posso discutir.

– Não poderei falar com o senhor em público. Nenhum integrante uniformizado da guarda de Camorr irá abordá-lo por qualquer motivo relacionado a essa questão. Se eu vier a lhe falar terá de ser à noite, em segredo.

– Então devo pedir a Conté que tenha comes e bebes preparados para homens que entrarem pelas janelas? Devo dizer a Dona Sofia para mandar qualquer Meia-Noite ao meu escritório caso ele venha a surgir da porta de seu armário?

– Eu lhe dou minha palavra, milorde, de que qualquer aparição futura nossa será menos alarmante. Minhas instruções eram fazê-lo compreender a gravidade da situação e o escopo total de nossa capacidade para... superar obstáculos. Garanto-lhe que não tenho qualquer desejo pessoal de contrariá-lo. Recuperar a sua fortuna será para mim a coroação de muitos anos de trabalho árduo.

– E Dona Sofia? Seu patrão atribuiu a ela algum papel nessa... contrafarsa?

– Sua esposa é uma mulher das mais notáveis. Por favor, informe-a sobre o nosso envolvimento. Diga-lhe a verdade sobre Lukas Fehrwight. Alie à nossa causa o seu muito capaz auxílio. – Locke abriu um sorriso malvado. – No entanto, milorde, infelizmente devo deixar ao seu encargo a tarefa de explicar isso a ela.

6

NO LADO TERRESTRE DE CAMORR, homens armados patrulham as antigas muralhas de pedra da cidade, sempre à espreita de algum sinal de bandidos ou exércitos inimigos nos campos. No lado marítimo, torres de vigia e galeões de guerra desempenham a mesma função.

Nos postos situados na periferia do bairro de Alcegrante, a guarda cidadina se mantém alerta para proteger a pequena nobreza da cidade do incômodo de ter de ver ou sentir o cheiro de algum de seus súditos.

Locke e Calo atravessaram o Angevino logo antes da meia-noite pela larga ponte de vidro conhecida como Arco dos Ancestres. A estrutura esculpida de forma elaborada conectava o oeste

de Alcegrante aos luxuriantes jardins semipúblicos do Bosque Duas Pratas, outro local em que aqueles desprovidos de dinheiro eram desencorajados a frequentar, muitas vezes com o auxílio de chicotes e porretes.

Altos cilindros de vidro cor de rubi lançavam uma luz alquímica sobre os tênues filamentos de névoa que se enroscavam e tremulavam abaixo dos joelhos de seus cavalos; o centro da ponte ficava 15 metros acima da água e a névoa noturna habitual não subia mais do que isso. O quente Vento do Carrasco fazia os lampiões vermelhos oscilarem de leve dentro de suas grades de ferro negro e os dois Nobres Vigaristas desceram em direção a Alcegrante cercados por essa luz fraca que parecia uma aura de sangue.

– Parados! Digam seu nome e o que vieram fazer!

No ponto em que o arco alcançava a margem norte do Angevino, havia um barracão de madeira baixo com janelas de papel impermeável que deixava passar um débil brilho branco. Ao seu lado estava postada uma solitária silhueta cujo tabardo amarelo parecia laranja à luz dos lampiões da ponte. Apesar das palavras arrojadas, sua voz era jovem e um pouco hesitante.

Locke sorriu: os postos de vigia de Alcegrante eram sempre ocupados por dois casacas-amarelas, mas naquele ali estava claro que o mais graduado havia mandado seu parceiro menos experiente até o meio da névoa para fazer o verdadeiro trabalho. Melhor assim. Locke tirou a preciosa carteira-chancela de dentro da capa preta enquanto seu cavalo diminuía o passo e chegava trotando ao posto.

– Meu nome não importa. – Locke abriu a carteira com um gesto que permitiu ao jovem guarda citadino de rosto redondo um vislumbre da chancela. – E viemos cumprir ordens de Sua Graça, o Duque Nicovante.

– Eu... entendo, senhor.

– Eu nunca passei por aqui. Nós não nos falamos. Certifique-se de que o seu colega de posto também entenda isso.

O casaca-amarela fez uma reverência e deu um passo rápido para trás como se estivesse com medo de ficar muito perto. Locke sorriu. Cavaleiros vestidos de preto montados em cavalos também pretos que emergiam da escuridão e da névoa... Em plena luz do dia era fácil rir dessas coisas, mas a noite tinha o dom de dar corpo a fantasmas.

Se a Travessa dos Beija-Moedas era onde se usava o dinheiro de Camorr, o bairro de Alcegrante era onde ele ia repousar. Formado por quatro ilhas interligadas, cada qual uma espécie de morro com vários níveis que subia até a base da esplanada na qual ficavam as Cinco Torres. Naquele labirinto de chácaras e jardins particulares, fortunas tradicionais e novas se misturavam como uma colcha de retalhos heterogênea. Dali, comerciantes, cambistas e armadores contemplavam confortavelmente de cima o resto da cidade; dali, a pequena nobreza fitava com cobiça as torres das Cinco Famílias que tudo governavam.

De tempos em tempos, carruagens passavam sacolejando e de suas cabines de madeira preta laqueada pendiam lampiões e flâmulas oscilantes exibindo as armas de quem nelas viajava. Algumas carruagens eram protegidas por grupos de cavaleiros armados trajando gibões com fendas e peitorais reluzentes, a moda naquele ano para capangas de aluguel. Algumas parelhas de cavalos usavam arreios equipados com luzes alquímicas em miniatura; de longe, pareciam fieiras de vaga-

lumes a saltitar na bruma.

A chácara de Dom Salvara era um retângulo de quatro andares dotado de colunas com vários séculos de idade e um pouco murcho com o peso de tantos anos, pois fora inteiramente construído por mãos humanas. Era uma espécie de ilha isolada no coração da Isla Duroa, a porção mais ocidental de Alcegrante, rodeada pelos quatro lados por um muro de pedra de 4 metros de altura e cercada por densos jardins. Não compartilhava muros com nenhuma chácara vizinha. Lampiões de âmbar luziam por trás das janelas gradeadas do segundo andar.

Locke e Calo desmontaram sem fazer barulho no beco adjacente ao muro norte da chácara. As muitas longas noites de observação de Locke e Pulga haviam revelado as maneiras mais fáceis de escalar o muro do beco e subir a lateral da chácara dos Salvaras. Vestidos como estavam, protegidos pela névoa e pela escuridão, para todos os efeitos eles ficariam invisíveis assim que conseguissem pular o muro externo e sair da rua.

Um instante de calma providencial recaiu sobre os três enquanto Calo amarrava os cavalos a um surrado poste de madeira junto ao muro do jardim; não se via viva alma. Calo acariciou a fina crina de seu cavalo.

– Erga um ou dois copos em nossa homenagem se não voltarmos, meu amor.

Locke apoiou as costas na base do muro e uniu as mãos para formar um calço. Calo pousou um dos pés nesse estribo improvisado e pulou para cima, impulsionado pela força conjunta das próprias pernas e dos braços de Locke. Depois de subir silenciosa e cuidadosamente no muro, esticou os dois braços para baixo e içou Locke – o gêmeo Sanza era tão musculoso quanto Locke era esguio e a operação correu sem problemas. Em poucos segundos, os dois estavam pisando a escuridão úmida e perfumada do jardim, agachados e imóveis, à escuta.

As portas do térreo eram todas trancadas por dentro por intrincadas fechaduras mecânicas e barras de aço que não podiam ser arrombadas. Já o terraço... Bem, aqueles que ainda não eram suficientemente importantes para viver com a constante ameaça de assassinato muitas vezes depositavam uma fé excessiva em muros altos.

Os dois ladrões escalaram a fachada norte da casa devagar e com cautela, apoiando mãos e pés com firmeza nas fendas da pedra morna e lisa. O térreo e o primeiro andar estavam escuros e silenciosos e as luzes acesas no segundo estavam do outro lado da casa. Com o coração acelerado de empolgação, eles subiram até logo abaixo do parapeito do terraço, onde fizeram uma longa pausa e se esforçaram para detectar qualquer som vindo de dentro que pudesse indicar terem sido detectados.

As luas estavam escondidas atrás de nuvens cinzentas e esgarçadas. À sua esquerda, a cidade era um arco de luzinhas borradas que brilhavam através da névoa e, acima deles, as Cinco Torres, tão imensas que pareciam sombras negras diante do céu. A fraca luz que batia em seus parapeitos e janelas, em vez de reduzir sua aura ameaçadora, só fazia aumentá-la; olhar para elas do chão era receita certa para a tontura.

Locke foi o primeiro a passar pelo parapeito. Com os olhos apertados para ver melhor à luz débil vinda de cima, ele plantou os pés em um caminho de lajotas brancas que seguia pelo centro do terraço e os manteve ali. Estava cercado pelas formas escuras de arbustos, flores em botão, pequenas árvores e trepadeiras, tomado pelo cheiro de vegetação e terra escura. Apesar de bem-cuidado, o

jardim que ficava no mesmo nível da rua era trivial; aquela era a verdadeira reserva botânica particular de Dona Sofia.

Pela experiência de Locke, a maioria dos botânicos alquímicos adorava venenos bizarros. Ele se certificou de que seu capuz e sua capa estivessem bem fechados e levantou o lenço de pescoço preto até cobrir a parte inferior do rosto.

Pisando de leve pelo caminho branco, Locke e Calo atravessaram o jardim de Sofia com mais cuidado do que se estivessem andando entre filetes de óleo de lamparina com as capas em chamas. No meio do jardim, havia um alçapão com um trinco de combinação simples. Calo passou dois minutos com o ouvido grudado à porta, seus utensílios de arrombamento favoritos em mãos, em seguida abriu a combinação em menos de dez segundos.

No terceiro andar ficava a oficina de Dona Sofia, local em que os dois intrusos queriam se demorar ainda menos do que em seu jardim. Silenciosos como maridos culpados voltando de uma longa noite de bebedeira, eles passaram pelos recintos escuros cheios de material de laboratório e vasos de planta e seguiram depressa em direção à estreita escada de pedra que descia até um corredor lateral no segundo andar.

As atividades da residência dos Salvaras eram bem conhecidas pelos Nobres Vigaristas. O casal tinha aposentos separados no segundo andar, separados do escritório por um corredor. No primeiro andar ficava o jardim de inverno, um salão de recepções e jantares que passava a maior parte do tempo fechado quando os dois não estavam recebendo visitas. No térreo ficavam a cozinha, várias salas de estar e os aposentos dos criados. Além de Conté, os Salvaras tinham duas governantas de meia-idade, uma cozinheira e um menino que trabalhava como mensageiro e ajudante de cozinha. Todos estariam dormindo no térreo; nenhum representava sequer uma parcela do perigo de Conté.

Aquela era a parte do plano que não podia ser idealizada com nenhuma precisão: eles precisavam localizar o velho soldado e anulá-lo antes da conversa que pretendiam ter com Dom Salvara.

Passos ecoaram de um lugar qualquer naquele andar. Locke, que ia na frente, agachou-se e espiou pela esquina da esquerda. Viu que estava olhando para dentro do longo corredor que dividia o segundo andar ao meio no sentido do comprimento. Dom Salvara havia deixado a porta do escritório aberta e estava entrando no quarto de dormir. Fechou a porta com firmeza atrás de si e, segundos depois, o ruído de um trinco de metal ecoou pelo corredor.

– Que sorte – sussurrou Locke. – Suponho que ele vá passar um bom tempo ocupado lá dentro. A luz ficou acesa no escritório, então sabemos que ele ainda vai voltar... Vamos cuidar logo da parte difícil.

Eles desceram o corredor sem fazer barulho, agora suando, mas praticamente sem deixar que as pesadas capas esvoaçassem quando se moviam. A comprida passagem era decorada com bom gosto: tapeçarias nas paredes e nichos rasos nos quais pequeninos vidros luminosos emitiam um brilho tão débil quanto o de carvões em brasa. Atrás da pesada porta que conduzia aos aposentos dos Salvaras, alguém riu.

A escadaria no fim do corredor era larga e circular; degraus de mármore branco cravejados com mapas de Camorr feitos de mosaico desciam em espiral na direção do jardim de inverno. Nesse momento, Calo segurou Locke por uma das mangas, levou um dedo aos lábios e deu um tranco

para baixo com a cabeça.

– Escute – sussurrou.

Tlen, tlen... Eram passos... *Tlen, tlen.*

Os ruídos se repetiram várias vezes, a cada instante mais altos. Locke sorriu para Calo. Alguém percorria o jardim de inverno e verificava metodicamente os trincos e barras de ferro que protegiam cada janela. A essa hora da noite, apenas um homem na casa poderia estar fazendo isso.

Calo se ajoelhou junto à balaustrada logo à esquerda do alto da escada. Qualquer pessoa que subisse os degraus em espiral teria de passar bem debaixo daquele ponto. Ele levou a mão até dentro da capa e pegou um saco de couro dobrado e um pedaço de corda estreita feita de seda preta. Começou a passar a corda pelo saco e ao redor deste, de algum jeito misterioso que Locke não conseguiu acompanhar. Ele se ajoelhou ao lado de Calo e manteve um dos olhos grudado no corredor comprido pelo qual os dois haviam chegado. Era pouco provável o Dom reaparecer agora, mas diziam que o Benfeitor gostava de transformar ladrões incautos em exemplos vistosos.

Os passos leves e firmes de Conté ecoaram na escada abaixo deles.

Em uma briga justa, era quase certo que o guarda-costas do Dom pintaria as paredes com o sangue de Locke e Calo. Logo, aquela briga teria que ser o mais injusta possível. No instante em que a cabeça calva de Conté surgiu abaixo dele, Calo estendeu a mão por entre as colunas da balaustrada e deixou cair seu capuz de traficante.

Para quem nunca teve a oportunidade de ser raptado e vendido como escravo em uma das cidades do Mar de Ferro, um capuz de traficante lembra um pouco uma tenda ao cair, puxado pelos pesos costurados nas bordas inferiores. O ar empurra as abas para fora logo antes de o capuz cair sobre a cabeça e se acomodar sobre os ombros do alvo. Conté deu um safanão de surpresa na mesma hora em que Calo puxou a corda de seda preta, fechando imediatamente o capuz em volta de seu pescoço.

Qualquer pessoa com um pingote de presença de espírito decerto ergueria as mãos e removeria um capuz desses em questão de segundos, motivo pelo qual seu interior é besuntado com grandes quantidades de algum vapor narcótico de aroma adocicado comprado de um boticário negro. Conhecendo a natureza do homem que estavam tentando anular, Locke e Calo haviam gastado quase 30 coroas com a substância que Conté agora inalava e Locke desejou ardentemente que ele fizesse bom proveito.

Bastava uma inspiração de pânico dentro do capuz fechado para derrubar no ato qualquer pessoa normal. Quando Locke desceu correndo a escada para amparar Conté, porém, viu que o homem de alguma forma ainda estava de pé tentando agarrar o capuz; desorientado e enfraquecido, sem dúvida, mas ainda acordado. Uma rápida batida no plexo solar faria com que ele abrisse a boca e apressaria o efeito da droga. Locke se preparou para fazer isso, envolvendo o pescoço de Conté com uma das mãos logo abaixo do capuz. Isso quase arruinou o golpe.

Os braços de Conté se ergueram e desfizeram o fraco mata-leão de Locke antes mesmo de ele aplicá-lo. Seu braço esquerdo se enganchou no direito de Locke e Conté começou a socá-lo, uma, duas, três vezes, na barriga e no plexo solar. Com as entranhas explodindo de dor, Locke desabou contra sua pretendida vítima, lutando para se manter em pé. Conté ergueu a perna direita para uma joelhada que faria os dentes de Locke saírem pelas orelhas em alta velocidade, mas felizmente a

droga estava embotando o impulso cruel do velho soldado. Seu joelho mal roçou o queixo de Locke, mas a bota o acertou na virilha e o empurrou para trás. Locke bateu com a cabeça no mármore duro da escada, impacto amortecido em certa medida pelo pano do capuz, e ficou caído ali, arquejando, ainda pendurado de forma estranha em um dos braços de Conté.

Bem nessa hora, Calo apareceu; ele havia soltado a corda que fechava o capuz e descido correndo a escada. Esticou um dos pés por trás das pernas cada vez mais bambas de Conté e o empurrou, segurando-o pela frente do gibão para manter a queda relativamente discreta. Com Conté caído de bruços, Calo desferiu-lhe um soco sem dó entre as pernas, então um segundo quando suas pernas estremeceram de leve, depois um terceiro sem produzir qualquer reação. O capuz enfim havia cumprido sua função. Calo se virou para Locke e tentou ajudá-lo a se sentar, mas foi rechaçado com um gesto.

– Como você está? – sussurrou Calo.

– Como se estivesse esperando bebê e o danadinho tentasse sair abrindo caminho com um machado.

Arfando, Locke arrancou a máscara preta do rosto para evitar que vomitasse lá dentro.

Enquanto Locke sorvia golfadas de ar e tentava controlar os tremores, Calo tornou a se agachar junto a Conté e arrancou seu capuz, agitando as mãos com rapidez para dispersar o aroma adocicado e enjoativo do conteúdo do saco de couro. Com cuidado, dobrou o capuz, guardou-o dentro da capa e arrastou Conté alguns degraus para cima.

– Calo. – Locke tossiu. – Meu disfarce... está estragado?

– Pelo que estou vendo, não. Ele não parece ter feito nada aparente, contanto que você consiga andar sem ficar corcunda. Espere aqui um instante.

Calo desceu até o pé da escada e deu uma olhada no jardim de inverno vazio em volta: as suaves luzes da cidade entravam pelas janelas gradeadas e clareavam debilmente uma mesa comprida e vários armários de vidro pregados às paredes contendo louça e outras bugigangas impossíveis de identificar. Não havia mais ninguém à vista e não se ouvia ruído nenhum vindo de baixo.

Quando Calo voltou, Locke conseguira ficar de quatro. Ao seu lado, Conté dormia com uma expressão de alegria cômica no rosto marcado.

– Ah, ele não vai manter essa expressão ao acordar. – Calo acenou para Locke com um par de socos-ingleses finos feitos de bronze e forrados de couro, em seguida os fez desaparecer dentro das mangas com um floreio gracioso. – Eu estava usando meus amiguinhos de salteadores ao dar o último soco.

– Bom, eu pessoalmente não sinto por ele a menor empatia, já que ele chutou meu saco com força suficiente para deixá-lo morando para sempre dentro do meu pulmão.

Locke tentou se levantar apoiando-se nas mãos, mas não conseguiu. Calo o segurou pela axila direita e o suspendeu até deixá-lo ajoelhado, trêmulo.

– Pelo menos você tem que recuperar o fôlego. Consegue andar?

– Consigo cambalear, eu acho. Vou passar algum tempo curvado. Se me der alguns minutos, acho que dá para fingir que não há nada errado. Pelo menos até sairmos daqui.

Calo o ajudou a subir de novo a escada até o segundo andar. Deixando-o ali para vigiar, começou a arrastar Conté devagar até o mesmo ponto. Na realidade, o guarda-costas do Dom não era tão

pesado assim.

Constrangido e ansioso para voltar a ser útil, Locke retirou de baixo da capa dois pedaços de corda resistente que usou para amarrar os pés e as mãos de Conté. Dobrou um lenço três vezes para fazer uma mordaca, tirou das bainhas as facas de Conté e as entregou a Calo, que as guardou dentro da capa.

A porta do escritório do Dom continuava aberta e lançava no corredor uma luz amarelada; a porta do quarto de dormir seguia trancada.

– Milorde e milady, rezo para vocês serem presenteados com uma demanda e uma resistência muito além de suas expectativas habituais – sussurrou Calo. – Os ladrões da sua casa muito apreciariam um curto intervalo antes de prosseguir sua missão desta noite.

Calo segurou Conté pelas axilas e Locke, apesar de encolhido por causa de uma dor evidente, segurou os pés do soldado quando o companheiro começou a arrastá-lo sozinho. Esmerando-se para não fazer barulho, os dois voltaram por onde tinham vindo e depositaram o guarda-costas desacordado na curva mais distante do corredor, bem ao lado da escada que subia para os laboratórios do terceiro andar.

Entraram no escritório de Dom Lorenzo, que foi uma visão muito bem-vinda. Locke se acomodou em uma poltrona de couro bem macia junto à parede da esquerda e Calo permaneceu de pé em posição de alerta. Mais risadas débeis se fizeram ouvir do outro lado do corredor.

– Talvez tenhamos que esperar bastante – disse Calo.

– Os deuses são clementes. – Locke encarou o alto armário de porta de vidro usado pelo Dom para guardar bebidas, mais impressionante ainda do que o que vira em seu barco. – Eu bem que nos serviria um trago, ou vários, mas não acho que seria adequado.

Aguardaram dez minutos, quinze, vinte. Locke manteve uma respiração regular e profunda, concentrado em ignorar a dor latejante que parecia preencher suas entranhas de cima a baixo. Ouviu-se a porta do outro lado do corredor ser destrancada e Locke se levantou com um pulo, empertigou-se e fingiu que suas bolas não pareciam duas jarras de barro jogadas de uma grande altura sobre um chão calçado de pedras. Tornou a vestir a máscara preta e torceu para que uma onda de perfeita arrogância o dominasse.

Como Padre Correntes tinha dito certa vez, os melhores disfarces vinham do coração, e não de uma pintura no rosto.

Calo beijou as costas da mão esquerda através da máscara e piscou o olho.

Dom Lorenzo Salvara entrou no escritório assobiando, parcamente vestido e desarmado.

– Feche a porta – ordenou Locke, e sua voz saiu firme e carregada com a absoluta presunção dos poderosos. – Sente-se, milorde, e nem precisa se dar o trabalho de chamar seu guarda-costas. Ele está indisposto.

UMA HORA DEPOIS DA MEIA-NOITE, dois homens saíram de Alcegrante pelo Arco dos Ancestres. Ambos usavam capas pretas e tinham montarias também pretas; um deles cavalgava com

desenvoltura enquanto o outro puxava o cavalo e caminhava de um jeito curioso, com as pernas bem abertas.

– Porra, inacreditável! – exclamou Calo. – Funcionou exatamente como você planejou. Pena que não podemos nos gabar disso com ninguém. Nosso maior golpe até hoje e tudo que tivemos de fazer foi dizer à vítima o que estávamos fazendo com ela.

– E levar alguns chutes – resmungou Locke.

– É, eu sinto muito. Que animal aquele sujeito, hein? Console-se pensando que ele vai sentir a mesma coisa ao abrir os olhos.

– Grande consolo. Se consolos aliviassem a dor, ninguém se daria o trabalho de pisar uvas.

– Pelo amor do Guardiã Torto, nunca ouvi nenhum homem rico se lamentar tanto assim. Anime-se! Mais rico e mais esperto do que todos os outros, não é isso?

– Mais rico, mais esperto e com um andar muito esquisito, isso, sim.

Os dois ladrões seguiram rumo ao sul através do Bosque Duas Pratas, em direção à primeira das paradas onde gradualmente iriam se livrar dos cavalos e das roupas pretas até tomarem o rumo do Bairro dos Templos vestidos como agricultores comuns. Menearam a cabeça com docilidade para as patrulhas de casacas-amarelas que percorriam a névoa a passos ruidosos com lampiões balançando em estacas para iluminar o caminho. Os guardas não tiveram motivo para erguer os olhos.

A sombra tremeluzente que seguia os dois ladrões em seu caminho por ruas e becos era mais silenciosa do que a respiração de uma criança. Veloz e graciosa, ia de telhado em telhado no seu encaço, acompanhando cada ação sua com absoluta decisão. Quando eles tornaram a entrar no Bairro dos Templos, a sombra bateu asas e subiu rumo à escuridão em uma lenta espiral até chegar mais alto do que as brumas de Camorr e se perder em meio à névoa cinza das nuvens baixas.

INTERLÚDIO

O Último Erro

1

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE LOCKE com o vinho de espelho de Tal Verrar teve um efeito ainda maior do que Correntes havia imaginado em seu corpinho desnutrido. O garoto passou a maior parte do dia seguinte revirando-se na cama, com uma dor de cabeça latejante e os olhos sem conseguir suportar nada a não ser a mais leve centelha de luz.

– É febre – murmurou Locke embaixo do cobertor encharcado de suor.

– É ressaca, isso, sim. – Correntes passou a mão pelos cabelos do menino e deu alguns tapinhas em suas costas. – Na verdade, a culpa é minha. Os irmãos Sanzas são duas esponjas. Eu não deveria ter deixado você beber tanto quanto eles em sua primeira noite aqui. Você não vai trabalhar hoje.

– O álcool faz isso? Mesmo depois que se fica sóbrio?

– Brincadeira cruel, não é mesmo? Os deuses cobram um preço por tudo, parece. A menos que você esteja tomando conhaque de Austershalin.

– Antessala?

– Austershalin. É uma bebida fabricada em Emberlane. Dentre muitas outras virtudes, não dá ressaca. Eles põem algum tipo de substância alquímica no solo dos vinhedos. Custa muito caro.

Após várias horas de um sono intermitente, a Falsaluz chegou e Locke se sentiu capaz de andar outra vez, embora o cérebro dentro de seu crânio desse a impressão de querer cavar um buraco pelo seu pescoço e fugir. Mesmo assim, Correntes insistiu para que fossem visitar Capa Barsavi, dizendo: “As únicas pessoas que furam compromissos com ele são as que moram em torres de vidro e têm seu retrato gravado nas moedas, e até mesmo elas pensam duas vezes.” Mas aceitou proporcionar a Locke um meio de transporte mais confortável.

A Casa de Perelandro tinha um pequeno estábulo escondido nos fundos e, nesse curralzinho malcheiroso, vivia um bode neutralizado.

– Ele não tem nome – falou Correntes ao acomodar Locke sobre o lombo do animal. – Ele não iria responder, de qualquer forma.

Locke nunca havia desenvolvido a repulsa instintiva que a maioria dos meninos sentia por animais neutralizados: já tinha visto feiura demais em sua vida para se importar com o ocasional olhar vazio de uma criatura dócil de olhos leitosos.

Existe uma substância chamada Pedra-Fantasma, um material branco e friável encontrado em algumas cavernas de montanhas distantes. Ela não ocorre naturalmente; é encontrada apenas em túneis revestidos de vidro supostamente abandonados pelos Ancestres, a mesma perturbadora raça responsável pela construção de Camorr muito tempo atrás. Em estado sólido, a pedra é inerte, insossa e quase inodora. Precisa ser queimada para ativar suas propriedades singulares.

Os galenos começaram a identificar os diversos meios e canais pelos quais os venenos atacam o organismo: *este aqui* faz parar o coração enquanto *este aqui* afina o sangue e outros ainda danificam o estômago ou os intestinos. A Pedra-Fantasma não prejudica nada físico, mas destrói a personalidade. Ambição, teimosia, coragem, vitalidade, determinação: basta inalar algumas vezes o misterioso vapor para tudo isso se extinguir. A exposição acidental a pequenas quantidades pode deixar um homem apático por semanas e qualquer coisa acima disso causa efeitos permanentes. As vítimas permanecem vivas, mas alheias a tudo: não identificam o próprio nome, não reagem aos amigos nem a perigos mortais. Podem ser incentivadas a comer, evacuar ou carregar coisas, e pouco além disso. As cataratas leitosas que surgem em seus olhos são a manifestação exterior do vazio que se apodera de seus corações e mentes.

Antigamente, na época do Trono Terim, a substância era usada para punir criminosos, mas já fazia muitos séculos que as cidades-estado terins civilizadas não permitiam o uso da Pedra-Fantasma em humanos. Uma sociedade que ainda enforcava crianças por pequenos roubos e deixava prisioneiros serem devorados por criaturas marinhas considerava seus efeitos inquietantes demais para suportar.

A neutralização, portanto, é restrita aos animais, em sua maioria bestas de carga a serem usadas no serviço urbano. As ruas apertadas de uma cidade cheia de riscos como Camorr são ideais para esse processo: pode-se ter certeza de que os pôneis neutralizados nunca vão derrubar os filhos dos ricos. Cavalos e mulas neutralizados jamais darão coices em seus tratadores nem deixarão cair no canal

nenhuma carga preciosa. Um saco de aniagem contendo um pedacinho da pedra branca e um fósforo de combustão lenta é posto sobre a cabeça do animal e os humanos se refugiam em um lugar com ar fresco. Em poucos minutos, os olhos da criatura ficam da mesma cor do leite fresco e ela nunca mais fará coisa alguma por iniciativa própria.

Mas Locke estava com uma dor de cabeça lancinante e começava a se acostumar com a ideia de que era um assassino e morador de uma terra de conto de fadas particular toda feita de vidro, assim o comportamento mecânico de seu bode não o incomodou em nada.

– Este templo vai estar no mesmo lugar em que o deixei quando eu voltar hoje mais tarde – disse Padre Correntes, terminando de se arrumar para sair.

O Sacerdote Cego havia desaparecido por completo e fora substituído por um homem de meia-idade e recursos moderados. A barba e os cabelos tinham sido retocados com tintura castanha e o colete e a meia-capa forrada de algodão barato pendiam soltos por cima de uma camisa creme sem gravata ou lenço.

– No mesmo lugar em que o deixou – repetiu um dos irmãos Sanzas.

– Não vai ter pegado fogo nem nada desse tipo – completou o outro.

– Se vocês conseguirem pôr fogo em pedra e Vidrantigo, meninos, os deuses têm aspirações maiores para vocês do que serem meus aprendizes. Comportem-se. Vou levar Locke para receber seu, ahn...

Correntes olhou para o lado na direção do menino Lamora. Então, imitou o gesto de quem bebe um gole de alguma coisa e em seguida segurou o maxilar como se quem sente dor.

– Aaaahhh – disseram Calo e Galdo em uníssono.

– “Ah” mesmo. – Correntes ajeitou sobre a cabeça uma pequena boina de couro redonda e segurou as rédeas do bode de Locke. – Esperem acordados. Essa visita vai ser no mínimo interessante.

2

– ACHO QUE MEU ANTIGO mestre me falou sobre esse tal Capa Barsavi – comentou Locke enquanto Correntes conduzia o bode sem nome por sob um dos estreitos arcos de vidro entre Fauria e a Travessa dos Beija-Moedas.

– E falou mesmo. Naquela vez em que você incendiou a Vinhas de Vidrantigo, eu acho.

– Ah. O senhor sabe sobre isso.

– Bem, depois que o seu antigo mestre começou a me contar sobre você, ele praticamente não conseguiu calar a boca por muitas horas.

– Se eu sou seu *pezon*, o senhor é *pezon* de Barsavi?

– Sim, é uma descrição simples e precisa do nosso relacionamento. Todas as Pessoas Certas são soldados de Barsavi. Seus olhos, seus ouvidos, seus agentes, seus súditos. Seus *pezon*. Barsavi é... um tipo especial de amigo. Já fiz algumas coisas por ele na época em que ele estava subindo ao poder. Nós subimos juntos, pode-se dizer... Eu conquistei uma consideração especial e ele, ahn, conquistou a cidade inteira.

– Consideração especial?

A noite estava o mais agradável possível para um passeio durante o verão de Camorr. Uma chuva forte caíra menos de uma hora antes, a névoa fresca que espalhava seus filamentos por entre os edifícios como as mãos estendidas de fantasmas gigantes estava um pouco mais fria do que de hábito e o ar ainda não tornara a ficar saturado com cheiro de lodo, peixe morto e dejetos humanos. Como havia poucas pessoas na Travessa do Beija-Moedas após a Falsaluz, Locke e Correntes podiam conversar com bastante liberdade.

– É, consideração especial. Eu tenho *distância*. Ou seja... Bem, Locke, em Camorr existem mais de cem gangues. Eu com certeza não conseguiria me lembrar de todas. Algumas são recentes ou desobedientes demais para Barsavi poder confiar nelas como gostaria. Portanto, ele as mantém sob estreita vigilância: insiste para receber relatórios frequentes, infiltra homens, mantém suas ações sob estrito controle. Para aqueles dentre nós que não somos submetidos a tal escrutínio – Correntes apontou para si mesmo, em seguida para Locke –, parte-se do princípio de que estamos fazendo tudo honestamente até prova em contrário. Nós seguimos as regras dele, pagamos uma porcentagem de nossos lucros e ele acha que pode mais ou menos confiar que vamos fazer tudo certo. Sem auditorias, sem espões, sem conversa fiada. “A distância”. É um privilégio pelo qual vale a pena pagar.

Correntes levou a mão a um dos bolsos da capa e o agradável tilintar de moedas soou.

– Na verdade, estou levando comigo uma pequena demonstração de respeito para ele. Quatro décimos dos lucros da cuia de esmolos de Perelandro esta semana.

– Mais de cem gangues, o senhor disse?

– Esta cidade, garoto, tem mais gangues do que cheiros ruins. Algumas são mais antigas do que muitas famílias de Alcegrante e algumas têm rituais mais rígidos do que certas ordens sacerdotais. Em determinado momento já chegou a haver quase trinta Capas, cada um com quatro ou cinco gangues sob seu comando.

– Trinta Capas? Todos como Capa Barsavi?

– Sim e não. Sim, eles mandavam em gangues, davam ordens e cortavam homens de cima a baixo quando se zangavam. E não, sob todos os outros aspectos, eram totalmente diferentes de Barsavi. Cinco anos atrás ainda havia os trinta chefões que mencionei. Trinta pequenos reinos, todos em conflito, roubando e espalhando pelas ruas as vísceras uns dos outros. Todos em guerra contra os casacas-amarelas, que costumavam matar vinte homens por semana. Isso em semanas tranquilas. Então Capa Barsavi chegou de Tal Verrar. Ele era estudioso no Colégio Terim, dá para acreditar? Lecionava *retórica*. Conseguiu algumas gangues para chefiar e começou a matar os outros. Mas não como um assassino de beco escuro: mais como um galeno que extirpa um cancro. Quando Barsavi matava outro Capa, herdava também as suas gangues, mas não as pressionava caso não houvesse necessidade. Dava-lhes territórios inteiros, deixava-as escolher os próprios *garristas* e cobrava uma porcentagem dos lucros. Há cinco anos, portanto, havia trinta Capas. Há quatro, dez. E, há três anos, um só: Capa Barsavi e suas cem gangues. A cidade inteira, todas as Pessoas Certas, incluindo este que vos fala, obedecem a ele. Acabaram-se as guerras abertas nos canais sangrentos. Acabaram-se os ladrões enforcados todos de uma vez só no Palácio da Paciência; eles hoje precisam enforcar só dois ou três de cada vez.

– Por causa da Paz Secreta? A tal que eu violei?

– A que você violou, sim. Bom chute esse seu ao presumir que eu saberia. Sim, meu garoto, é essa a chave do sucesso todo especial de Barsavi. Em poucas palavras, ele tem um acordo em vigor com Nicovante, negociado por meio de um dos agentes do Duque. As gangues de Camorr não se metem com os nobres; nós não encostamos nenhum dedo em navios, charretes ou caixotes que estejam marcadas com um brasão legítimo. Em troca, Barsavi governa alguns dos pontos mais encantadores da cidade: o Pegafogo, os Estreitos, a Borra, o Madeira-Velha, a Arapuca e partes do cais. Além disso, a guarda cidadina se mostra bem mais... relaxada do que deveria.

– Quer dizer que podemos roubar qualquer um que não for nobre?

– Ou casaca-amarela. Comerciantes, cambistas, viajantes de passagem: são todos nossos. Em Camorr circula mais dinheiro do que em qualquer outra cidade neste litoral, garoto. Centenas de navios por semana, milhares de marinheiros e oficiais. Ficar longe da nobreza não é nenhum problema para nós.

– Isso não deixa zangados os comerciantes, cambistas e outras pessoas?

– Deixaria, se eles soubessem. É por isso que a palavra “Secreta” é usada após a palavra “Paz”. E é por isso que Camorr é um lugar tão encantador, bonito e seguro de se morar: você só precisa se preocupar em perder seu dinheiro caso não tenha muito.

– Ah – fez Locke, levando a mão ao colar de dente de tubarão. – Entendi. Mas eu agora estou pensando... O senhor disse que o meu antigo mestre pagou pelo direito de, ahn, de me matar. O senhor vai ter problemas com Barsavi por não... ter me matado?

Correntes riu.

– Por que eu o estaria levando para visitá-lo se isso fosse me causar problemas, menino? Não, a marca da morte é minha e eu posso usá-la ou não, como quiser. Eu a comprei. Não compreende isso? O Capa não se importa se nós deixamos de usá-la, só se importa que nós reconheçamos que o *poder* de conceder a vida ou a morte pertence a ele. Mais ou menos como um imposto que só ele pode cobrar. Entendeu?

Locke se permitiu ser conduzido em silêncio por mais alguns minutos enquanto absorvia tudo aquilo. Sua cabeça dolorida tornava um pouco difícil de entender a dimensão do que estava acontecendo.

– Vou lhe contar uma história – disse Padre Correntes depois de um tempo. – Uma história que vai mostrar que tipo de homem você vai encontrar e a quem vai jurar fidelidade esta noite. Antigamente, quando o domínio de Capa Barsavi sobre a cidade era muito recente e muito tênue, correu a notícia de que um grupo de seus *garristas* estava planejando se livrar dele assim que uma chance se apresentasse. E eles estavam muito alertas para os contra-ataques dele, entende? Eram os mesmos que o haviam ajudado a dominar a cidade e sabiam como ele agia. Portanto, eles se certificaram de que o Capa não pudesse capturá-los todos ao mesmo tempo: se ele tentasse cortar gargantas, as gangues se dispersariam e avisariam umas às outras e isso geraria uma violenta confusão e uma longa guerra. Ele não fez nenhum movimento às claras e os boatos sobre a deslealdade das gangues se intensificaram.

Correntes fez uma pausa, e continuou:

– Capa Barsavi costumava receber visitantes em seu salão, que ainda existe lá no Madeira-Velha. Antes, era um imenso navio verrari, um daqueles grandes galeões usados para transportar tropas.

Hoje em dia fica apenas ancorado lá, uma espécie de palácio improvisado. Ele o chama de Tumba Flutuante. Bem, ele montou lá um espetáculo em torno de um grande tapete de Ashmira, muito bonito, do tipo que o Duque penduraria na parede para conservar em segurança. E Barsavi se certificou de que todos à sua volta soubessem quanto ele gostava da peça. As coisas chegaram ao ponto de a sua corte saber o que ele iria fazer com um visitante apenas observando aquele tapete.

– Como assim? – perguntou Locke.

– Se fosse haver sangue – explicou Padre Correntes –, o objeto era enrolado e guardado. Sempre. Meses transcorreram assim. Tapete esticado, tapete escondido. Às vezes, os homens que eram chamados para falar com ele tentavam sair correndo na hora em que viam o chão vazio sob seus pés, o que naturalmente equivalia a admitir o malfeito em voz alta. Mas enfim. Quanto aos *garristas* que pretendiam lhe causar problemas, nenhum deles era burro o suficiente para entrar na Tumba Flutuante sem o respaldo de uma gangue, nem para ficar a sós com Barsavi. A essa altura, seu domínio ainda era frágil demais para ele dar um chilique por causa disso. Assim sendo, ele aguardou... e então, certa noite, convidou nove de seus *garristas* problemáticos para jantar. Não eram todos os que estavam causando problemas, claro, mas eram os mais inteligentes e os mais durões, além de terem as maiores gangues. E os seus espiões mandaram avisar que aquele lindo tapete bordado, o bem mais precioso do Capa, estava desenrolado no chão para todos verem, com uma mesa de banquete posicionada em cima, sustentando mais comida do que os próprios deuses jamais tinham visto.

Os pobres imbecis imaginaram que Barsavi estivesse falando sério – continuou Correntes –, que de fato quisesse conversar. Pensaram que ele estivesse com medo e imaginaram que fosse negociar com boa-fé, portanto não levaram suas gangues nem fizeram planos de contingência. Pensaram que tivessem ganhado. Você pode imaginar como ficaram surpresos quando se sentaram nas cadeiras sobre aquele lindo tapete e cinquenta homens de Barsavi invadiram o salão armados com balestras e crivaram os pobres idiotas com tantas flechas que um porco-espinho no cio teria levado qualquer um deles para casa e trepado. Se alguma gota de sangue não manchou o tapete, manchou *o teto*. Entende o que eu quero dizer?

– Sim... quer dizer que o tapete ficou estragado?

– Inteiramente. Barsavi sabia *criar* expectativas, Locke, e sabia usá-las para enganar quem quisesse prejudicá-lo. Aqueles homens calcularam que a estranha obsessão fosse lhes proteger a vida. Mas a realidade é que existem inimigos numerosos e poderosos o suficiente para que valha a pena perder um maldito tapete.

Correntes apontou para a frente e para o sul.

– É esse o homem que está esperando para conversar com você a menos de um quilômetro naquela direção. Recomendo de maneira veemente que meça as suas palavras.

3

O ÚLTIMO ERRO ERA UM lugar onde o submundo de Camorr vinha à tona: uma taberna de malfeitores onde Pessoas Certas de todos os tipos podiam beber e conversar livremente sobre seus

negócios e onde cidadãos respeitáveis se destacavam como cobras em um berçário e eram logo escoltados porta afora por homens de cara feia dotados de braços grossos e imaginações bem limitadas.

Ali, gangues inteiras iam beber, organizar golpes ou apenas se exhibir. Os homens debatiam aos berros a melhor maneira de estrangular alguém por trás e os melhores tipos de veneno para se usar no vinho ou na comida. Declaravam abertamente suas restrições à corte do Duque, a seus sistemas de taxação ou aos seus acordos diplomáticos com as outras cidades do Mar de Ferro. Reencenavam batalhas inteiras com dados e pedaços de osso de galinha no lugar de exércitos, proclamando em alto e bom som como *eles* teriam virado à esquerda quando o Duque Nicovante tinha virado à direita, como *eles* teriam aguentado firme quando as cinco mil lanças de ferro enegrecido da Revolta do Conde Louco haviam chovido pelo Morro do Portão Divino na sua direção.

Nenhum deles, porém, por mais inebriado que estivesse com bebida, Mira ou os estranhos pós narcóticos de Jerem, por maiores que fossem os feitos como general ou governante que alegasse ter a previdência de realizar, jamais ousaria sugerir ao Capa Vencarlo Barsavi que mudasse nem que fosse um único botão do colete.

4

UM DOS MARCOS DE CAMORR, a Torre Partida tem 30 metros de altura e está situada na ponta mais ao norte da Arapuca, bairro baixo e superlotado no qual marinheiros vindos de uma centena de portos diferentes circulam todas as noites por bares, cervejarias e casas de jogatina. Todos passam por uma peneira de donos de taberna, putas, ladrões, jogadores de dados, trapaceiros de jogo e outros pequenos malfeitores até seus bolsos ficarem tão vazios quanto suas cabeças e eles poderem ser jogados outra vez nos navios para tentar curar as ressacas e doenças. Os marinheiros vêm e vão como a maré e não deixam nada atrás de si para marcar sua passagem a não ser um resíduo de cobre e prata – e às vezes de sangue.

Embora os ofícios humanos não consigam dar conta da tarefa de quebrar Vidrantigo, a Torre Partida já fora encontrada nesse estado quando os primeiros humanos haviam chegado a Camorr, esgueirando-se por entre as ruínas de uma civilização mais antiga. As grandes fendas que marcam o vidro alienígena e a pedra dos andares superiores da torre foram parcialmente cobertas com madeira, tinta e outros materiais humanos. Apesar de a construção ser sólida, os reparos não são bonitos e os cômodos alugados nos seis andares superiores estão entre os menos cobiçados da cidade, pois são acessíveis apenas por vários lances de escada externos estreitos e sinuosos, uma fina estrutura de madeira que oscila quando venta forte e deixa qualquer um enjoado. A maioria dos moradores lá de cima é composta por jovens destemidos de diversas gangues, para quem as insanas acomodações são um estranho motivo de honra.

O Último Erro ocupa o térreo na vasta base da Torre Partida e, depois que a Falsaluz cai, é raro haver ali menos de cem clientes, seja qual for a hora. Locke segurou com força as costas da meiacapa de Correntes enquanto o sacerdote abria caminho às cotoveladas pelo aglomerado na porta. O vento que soprou para fora lá de dentro do bar estava repleto de cheiros que o menino conhecia

muito bem: uma centena de tipos de bebida alcoólica, o hálito dos homens e mulheres que as tomavam, suor, urina e vômito, saquinhos perfumados e lã molhada, o travo forte do gengibre e a fumaça acre do tabaco.

– Podemos confiar que aquele menino vai vigiar nosso bode? – gritou Locke para se fazer ouvir.

– Claro, claro.

Correntes fez um gesto complicado para cumprimentar um grupo de homens que disputava queda de braço logo na entrada do salão principal do bar. Os que não estavam entretidos em alguma disputa sorriram e acenaram de volta.

– Primeiro, é o trabalho dele. Segundo, eu paguei bem. Terceiro, só um louco iria querer roubar um bode neutralizado.

A taverna era uma espécie de monumento ao fracasso do artifício humano em momentos críticos: tinha as paredes cobertas por uma espantosa coleção de suvenires, todos contando a mesma história visual que terminava com o veredicto: “Não foi bom o bastante.” Acima do balcão havia uma armadura completa com um buraco quadrado aberto do lado esquerdo do peito por uma briga de balestra. Nas paredes, espadas quebradas e capacetes fendidos dividiam o espaço com pedaços de remos, mastros, vergas e velas em frangalhos. Um dos maiores orgulhos do bar era ter conservado uma lembrança de cada navio afundado perto de Camorr nos últimos setenta anos.

Foi para dentro dessa confusão que Padre Correntes arrastou Locke Lamora como um bote rebocado por um imenso galeão. Na parede sul do bar ficava um nicho elevado cuja privacidade era garantida por cortinas semicerradas. Ali, homens e mulheres montavam guarda, correndo os olhos sem parar pela multidão e com as mãos sempre junto das armas que portavam de forma clara e ostentatória: adagas, dardos, porretes de bronze e madeira, espadas curtas, machadinhas e até mesmo balestras, das mais finas usadas na cidade aos mostrengos para abater cavalos que – aos olhos arregalados de Locke – pareciam capazes de abrir rombos em pedra.

Um desses guardas parou Correntes, trocou com ele algumas palavras sussurradas e despachou outro vigia cortina adentro para a alcova enquanto ficava observando o sacerdote, desconfiado. Instantes depois, o segundo guarda reapareceu e acenou. Assim, Locke foi conduzido pela primeira vez à presença de Vencarlo Barsavi, o Capa de Camorr, sentado em uma cadeira sem ornamentos ao lado de uma mesa também sem decoração. Vários capangas margeavam a parede atrás dele, próximos o suficiente para reagir a algum chamado, mas afastados o bastante para não poderem escutar uma conversa em voz baixa.

Barsavi era um homem grande, da mesma largura de Correntes, mas obviamente um pouco mais jovem. Tinha os cabelos pretos besuntados de óleo presos bem apertados na nuca e uma barba lhe cobria o queixo como três cordas de pelos trançados, uma por cima da outra, em camadas perfeitas, esvoaçando sempre que ele virava a cabeça redonda, e pareciam grossas o suficiente para lanhar a pele nua caso a atingissem.

O Capa vestia casaco, colete, calça e um par de botas feito de um couro escuro que, mesmo aos olhos pouco treinados de Locke, parecia estranhamente grosso e rígido. Após um tempo, ele se deu conta de que podia ser couro de tubarão. Os botões brancos irregulares que ornavam seu colete e punhos e prendiam no lugar os lenços vermelhos em seu pescoço eram feitos... de dentes humanos.

Sentada no colo de Barsavi, encarando Locke com interesse, havia uma menina mais ou menos da

mesma idade que ele, de cabelos escuros curtos e embaraçados e rosto em forma de coração. Ela também estava vestida de um jeito excêntrico: usava um vestido de seda branca bordada digno de qualquer filha de nobre, mas as pequenas botas que pendiam por baixo de sua bainha eram de couro preto e cravejadas de ferro, com afiadas esporas de aço nos calcanhares e nos bicos.

– Então é esse o tal menino – falou Barsavi com uma voz grave e levemente anasalada que tinha um agradável toque de sotaque verrari. – O engenhoso garotinho que tanto ludibriou nosso caro Aliciador.

– Ele mesmo, excelência, que agora está alegremente ludibriando a mim e meus outros discípulos. – Correntes levou a mão às costas e empurrou Locke para longe de suas pernas. – Apresento-lhe Locke Lamora, antes do Morro das Sombras, agora iniciado de Perelandro.

– Ou de *algum* deus, pelo menos, não é? – Barsavi deu uma risadinha e estendeu uma pequena caixa de madeira que estava sobre a mesa junto a seu braço. – É sempre bom encontrá-lo quando a sua visão volta como por milagre, Correntes. Quer fumar? São charutos de raiz-negra jeremita, extrafinos, fabricados esta semana mesmo.

– Nesse caso não posso recusar, Ven.

Correntes aceitou uma folha de tabaco enrolada bem apertada em papel vermelho. Assim como Barsavi, Correntes se curvou para perto de um círio bruxuleante a fim de acender o charuto, ao mesmo tempo largando sua bolsinha de moedas sobre a mesa. Nesse instante, a menina pareceu chegar a uma conclusão sobre Locke:

– Ele é um menino muito feio, pai. Parece um esqueleto.

Capa Barsavi soltou as primeiras baforadas e os cantos de sua boca se curvaram para cima.

– E você, querida, é uma menina muito descortês! – O Capa tornou a tragar seu charuto e liberou uma nuvem de fumaça translúcida de cheiro agradavelmente adocicado e com um leve toque de baunilha queimada. – Vocês precisa perdoar minha filha Nazca: não consigo recusar os seus caprichos e ela passou a se comportar como uma princesa pirata. Ainda mais agora que estamos todos com medo de chegar perto de suas mortais botas novas.

– Eu *nunca* ando desarmada – disse a menina, dando alguns chutes no ar para enfatizar suas palavras.

– E o pobre Locke com certeza não é feio, querida. O que ele tem é a marca clara do Morro das Sombras. Com um mês aos cuidados de Correntes, vai ficar roliço e encorpado como uma pedra de catapulta.

– Humpf. – A menina continuou com os olhos baixados para Locke por mais alguns segundos, então de repente os ergueu para o pai, brincando distraidamente com uma de suas barbas trançadas.

– Você vai fazer dele um *pezon*, pai?

– Era o que Correntes e eu estávamos pensando, meu amor.

– Humpf. Vou querer mais um conhaque enquanto estiverem realizando a cerimônia.

Capa Barsavi estreitou os olhos e rugas escavadas pela constante desconfiança se vincaram ao redor daquele olhar pétreo.

– Você já tomou seus dois conhaques hoje, querida. Sua mãe me mata se eu deixá-la tomar um terceiro. Peça a um dos homens que lhe traga uma cerveja.

– Mas eu prefiro...

– O que você prefere não tem nada a ver com o que eu estou *mandando* você fazer, sua tiranazinha.

Pelo resto da noite, ou você bebe cerveja ou não vai beber nada: a escolha é inteiramente sua.

– Humpf. Nesse caso vou beber cerveja.

Barsavi estendeu os braços para colocá-la no chão, mas ela pulou de seu colo logo antes de os dedos grossos daquela mão cheia de calos conseguirem tocá-la. Seus saltos fizeram *tlec-tlec-tlec* no piso de tábuas corridas do nicho enquanto ela corria até um capanga de sua preferência para dar a ordem.

– E se mais unzinho só que seja dos meus homens levar um chute na canela, querida, prometo que você vai passar um mês calçando sandálias de junco – gritou Barsavi antes de tragar mais uma vez e tornar a se virar para Locke e Correntes. – Essa daí é um barril de óleo de fogo. Na semana passada, ela disse que só iria dormir se a deixássemos manter debaixo do travesseiro um pequeno garrote. “Igualzinho aos guarda-costas de papai”, falou. Acho que os irmãos dela ainda não perceberam que o próximo Capa Barsavi talvez use vestidos sem manga e touca na cabeça.

– Entendo por que você talvez tenha achado divertidas as histórias do Aliciador sobre este nosso menino aqui – comentou Correntes, segurando os dois ombros de Locke enquanto falava.

– Mas é claro. Desde que meus filhos passaram da altura dos meus joelhos, tornei-me muito difícil de chocar. Mas você não está aqui para falar sobre eles... Trouxe-me este homenzinho para que ele possa prestar seu último juramento como *pezon*. Alguns anos antes da hora, ao que parece. Venha cá, Locke.

Capa Barsavi estendeu a mão direita e suspendeu a cabeça de Locke um pouquinho pelo queixo, encarando-o ao falar.

– Quantos anos você tem, Locke Lamora? Seis? Sete? E já é responsável por uma violação da Paz, por uma taverna incendiada e por meia dúzia de mortes. – O Capa sorriu com ironia. – Tenho assassinos com cinco vezes a sua idade a quem falta a mesma coragem. Correntes já lhe disse como funcionam minha cidade e minhas leis?

Locke assentiu.

– Sabe que, depois de prestar esse juramento, não poderei mais ser leniente com você, nunca mais. Sua época de ser imprudente passou. Se Correntes tiver que matá-lo, ele o fará. Se eu o mandar matá-lo, ele o fará.

Locke assentiu outra vez. Nazca voltou para junto do pai bebendo de uma caneca de cerveja feita de couro alcatroado que segurava com as duas mãos, fitando Locke.

Barsavi estalou os dedos e um dos asseclas próximos desapareceu por uma cortina.

– Então não vou chateá-lo com mais nenhuma ameaça, Locke. Depois de hoje à noite você vai virar homem. Fará o trabalho de um homem e sofrerá o destino de um homem caso traia nossos irmãos e irmãs. Será um de nós, uma das Pessoas Certas; receberá as palavras e sinais e os usará com discrição. Como seu *garrista* Correntes obedece a mim, você também obedecerá a mim por meio dele. Eu sou o seu *garrista* acima de todos os *garristas*. Sou o único Duque de Camorr que você reconhecerá. Ajoelhe-se.

Locke se ajoelhou em frente a Barsavi e o Capa estendeu a mão esquerda com a palma virada para baixo. Usava um intrincado anel de armação de ferro branco com uma pérola negra e, dentro dela, colocado por algum misterioso processo, havia uma gotinha vermelha que só podia ser sangue.

– Beije o anel do Capa de Camorr.

Locke obedeceu, sentindo a pele fria sob os lábios secos.

– Diga o nome do homem a quem prestou juramento.

– Capa Barsavi – sussurrou Locke.

Nessa hora, o assecla de Barsavi retornou à alcova e entregou ao patrão um pequeno copo de cristal cheio de um líquido marrom opaco.

– E agora, como todos os meus *pezons*, você vai brindar comigo – anunciou o Capa.

De um dos bolsos do colete, o Capa tirou um dente de tubarão pouco maior do que a marca da morte que Locke usava no pescoço. Deixou caí-lo no copo e o fez girar algumas vezes. Então, entregou o copo a Locke.

– É rum de açúcar escuro do Mar de Bronze. Beba tudo, mas em hipótese nenhuma engula o dente. Mantenha-o na boca. Retire-o depois de ingerir todo o líquido. E tente não se cortar.

Locke sentiu o nariz arder com o cheiro do álcool forte que emanou do recipiente e seu estômago se revirou, mas ele cerrou o maxilar e encarou a forma levemente distorcida do dente mergulhado em rum. Rezando em silêncio para seu novo Benfeitor salvá-lo de qualquer constrangimento, virou o conteúdo na boca.

Engolir não foi tão fácil quanto ele esperava que fosse: segurou o dente contra o céu da boca com muito cuidado, sentindo as pontas afiadas arranharem a parte de trás dos incisivos. O álcool queimava. Ele começou a deglutir em pequenos goles que logo se transformaram em tossidos chiados. Após alguns intermináveis segundos, ele estremeceu e ingeriu o que restava de rum, aliviado por ter conseguido manter o dente no lugar...

Então o dente se contorceu em sua boca, como se manipulado pela mão invisível de alguém, e abriu um talho na parte interna de sua bochecha esquerda. Locke deu um grito, tossiu e cuspiu o dente, que segurou na palma da mão aberta todo salpicado de cuspe e sangue.

– Aaahhh – fez Barsavi, pegando o dente e tornando a guardá-lo no colete, com sangue e tudo. – Está vendo... você agora prestou um juramento de sangue para servir a mim. O meu dente sentiu o gosto da sua essência vital e a sua vida me pertence. Portanto, Locke Lamora, não sejamos dois desconhecidos. Sejam Capa e *pezon*, como era a intenção do Guardião Torto.

Barsavi fez um gesto e Locke se levantou depressa, já amaldiçoando em silêncio a sensação agora familiar do álcool que lhe subia rapidamente à cabeça. Estava de barriga vazia por causa da ressaca e já podia sentir o recinto se balançar um pouco à sua volta. Quando tornou a pousar os olhos em Nazca, viu que ela lhe sorria por cima da caneca de cerveja com a expressão de tolerância arrogante que as crianças mais velhas do Morro das Sombras outrora destinavam a ele e seus colegas do Ruas.

Antes de saber o que estava fazendo, Locke se ajoelhou diante dela também.

– Se você for a próxima Capa Barsavi, jurarei lhe obedecer também – afirmou depressa. – Eu juro. Senhora. Senhora Nazca. Quero dizer, Senhora Barsavi.

A menina deu um passo para trás.

– Eu já tenho criados, menino. Eu tenho *assassinos*. Meu pai tem cem gangues e duzentas facas!

– Nazca Belonna Jenavais Angeliza de Barsavi! – trovejou seu pai. – Por enquanto, você só parece entender o valor de homens *fortes* como criados. Com o tempo, vai passar a entender o valor dos homens *graciosos* também. Você me envergonha.

Sem se deixar abalar, a menina alternou olhares entre Locke e o pai. Suas bochechas enrubesceram aos poucos. Após mais alguns segundos pensativa e emburrada, ela estendeu a caneca de cerveja para Locke com um gesto rígido.

– Pode tomar um pouco da minha cerveja.

Locke reagiu como se aquela fosse a maior honraria a lhe ser concedida, percebendo durante todo o tempo – embora não de forma tão articulada – que o álcool havia de alguma forma criado em sua mente uma espécie de parlamento dissidente que passava por cima de suas interações sociais em geral cautelosas, sobretudo com as meninas. A cerveja de Nazca era escura e amarga, ligeiramente salgada. Ela bebia como uma verrari. Locke tomou dois goles por educação e lhe devolveu a caneca ao mesmo tempo que fazia uma reverência com o pescoço meio desengonçado. Ela estava tão confusa que ficou em silêncio e fez apenas um aceno de cabeça.

– Ah! Excelente! – Barsavi achou aquilo tão divertido que mastigou o fino charuto. – Seu primeiro *pezon*! Naturalmente, seus dois irmãos vão querer um assim que ficarem sabendo.

5

PARA LOCKE, O TRAJETO DE volta para casa foi um borrão vago e enevoado. Ele se agarrou ao pescoço de seu bode neutralizado enquanto Correntes o conduzia de volta para o norte em direção ao Bairro dos Templos, rindo sozinho várias vezes.

– Ah, meu menino – murmurou ele. – Meu querido e encantador menino. Sabe que foi tudo uma bobagem, não sabe?

– Tudo o quê?

– O dente do tubarão. Capa Barsavi pediu para um Mago-Servidor encantar aquele dente para ele anos atrás em Kartane. Ninguém consegue pô-lo na boca sem se cortar. Ele o carrega consigo desde então. Todos os anos que passou estudando o teatro do Trono Terim o deixaram com um fetiche considerável pelo drama.

– Quer dizer que não foi tipo... o destino, nem os deuses nem nada disso.

– Não, foi só um dente de tubarão com um pouquinho de feitiçaria. Um bom truque, devo admitir. – Correntes esfregou a própria bochecha com um gesto de empatia e recordação. – Não, Locke, você não pertence a Barsavi. Ele vale pelo que é: um bom aliado para se ter e um homem a quem você deve aparentar obedecer o tempo todo. Mas você com certeza não lhe pertence. No final das contas, nem eu.

– Quer dizer que eu não tenho...

– Que obedecer à Paz Secreta? Que ser um *pezon* bonzinho? Só de mentirinha, Locke. Só para impedir os lobos de entrarem pela porta. A menos que os seus olhos e orelhas estivessem costurados com couro cru nestes últimos dois dias, a esta altura você já deve ter percebido que a minha intenção é fazer de você, Calo, Galdo e Sabeta nada menos do que um tiro de balestra bem no coração da preciosa Paz Secreta de Vencarlo – confidenciou Correntes com um sorriso cruel.

LIVRO II

COMPLICAÇÃO

*Eu posso ter mais cores do que o camaleão,
Trocar de forma com Proteu para levar vantagem,
E mandar para a escola o assassino Maquiavel.*

SHAKESPEARE, *Henrique VI*, Parte 3

CAPÍTULO QUATRO

Na corte de Capa Barsavi

1

– DEZENOVE MIL NOVECENTOS E vinte – informou Pulga. – É isso. Agora, por favor, será que eu posso me matar?

– O quê? Ora, Pulga, pensei que você fosse se mostrar ansioso para nos ajudar a registrar os lucros. Jean estava sentado de pernas cruzadas no meio da área de jantar no subsolo de vidro sob a Casa de Perelandro. A mesa e as cadeiras tinham sido afastadas para dar lugar a uma imensa quantidade de moedas de ouro arrumadas em montinhos cintilantes que rodeavam os dois Nobres Vigaristas e quase se fechavam à sua volta.

– Vocês não me disseram que iriam trazer os lucros para casa em tirinos.

– Bem, o ferro branco é caro. Ninguém iria entregar 5 mil coroas em moedas desse tipo nem seria burro o suficiente para transportar essa quantia assim. A Meraggio faz todos os seus pagamentos importantes em tirinos.

Um chacoalhar ecoou no corredor que conduzia ao subsolo e Locke surgiu, vestido como Lukas Fehrwight. Tirou da cara os ópticos falsos, afrouxou os lenços do pescoço e despiu o casaco de lã que deixou cair no chão sem a menor cerimônia. Tinha o rosto corado e acenava com um pedaço de pergaminho dobrado marcado com um selo de cera azul.

– Mais 7.500, meus garotos! Eu disse a ele que tínhamos encontrado quatro galeões possíveis, mas que já estávamos tendo problemas de fluxo de caixa para pagar subornos, convocar e resgatar equipes da embriaguez, apaziguar oficiais, afugentar outros navios de carga. Resultado: ele simplesmente nos deu o dinheiro sem parar de sorrir. Pelos deuses. Eu deveria ter bolado esse golpe dois anos atrás. Não precisamos nos dar o trabalho de preparar navios e documentos falsos nem coisas do tipo, pois Salvara *sabe* que a parte do golpe relacionada a Fehrwight é mentira. Não precisamos fazer nada além de relaxar e contar o dinheiro.

– Já que é tão relaxante, por que não conta *você*, então?

Pulga se levantou com um pulo e se inclinou para trás até suas costas e pescoço emitirem uma série de pequenos estalos.

– Faria isso com prazer, Pulga! – Locke tirou uma garrafa de vinho tinto de um armário de madeira e se serviu meio copo, em seguida diluiu o vinho com água morna da chuva contida em uma jarra de bronze até torná-lo rosa-claro. – E amanhã você pode representar o papel de Lukas Fehrwight. Tenho certeza de que Salvara não iria notar a diferença. Está tudo aí?

– São 5 mil coroas em 20 mil tirinos, menos 80 para taxas administrativas e guardas e para o

aluguel de uma charrete que trouxe tudo lá da Meraggio – disse Jean.

Para transportar grandes quantidades de objetos de valor até seu esconderijo na Casa de Perelandro, os Nobres Vigaristas usavam um simples esquema de substituição: em uma série de paradas rápidas, cofres contendo moedas desapareciam de uma carroça e barris com identificação de bebida e comida normais seguiam em outra. Até mesmo um pequeno templo decrepito precisava de um fluxo constante de mantimentos básicos.

– Bem, vou me livrar das roupas do pobre mestre Fehrwight e já os ajudo a guardar tudo no cofre – falou Locke.

Na realidade, havia três cofres escondidos nos fundos do subsolo, atrás dos locais onde eles dormiam. Dois eram poços largos revestidos de Vidrantigo com 3 metros de profundidade; sua finalidade original era desconhecida. Encimados por duas portas de madeira simples com dobradiças, pareciam mais silos de cereais em miniatura preenchidos com uma quantidade considerável de moedas de todo tipo.

Prata e ouro em grandes quantidades eram guardados nos poços e estreitas prateleiras de madeira que margeavam a sala do cofre continham pequenos sacos ou pilhas de dinheiro para uso imediato. Eram bolsinhas baratas de barões de cobre, elegantes carteiras de couro com pilhas de sólons de prata e tigelinhas cheias de pedaços cortados de meios-barões, tudo disposto para poder ser pego rapidamente para algum golpe ou necessidade da gangue. Havia até pequenas pilhas de moedas estrangeiras: marcos do Reino dos Sete Tutanos, solaris de Tal Verrar, etc.

Nem mesmo na época do Padre Correntes, os poços ou o recinto que os abrigava ficavam trancados. Não só porque os Nobres Vigaristas confiavam uns nos outros (e confiavam mesmo) ou porque a existência de seu luxuoso subsolo fosse um segredo muito bem-guardado (o que certamente era). O principal motivo era prático: nenhum deles, nem Calo, Galdo, Locke, Jean ou Pulga, tinha nada para fazer com sua pilha cada vez maior de metal precioso.

Com exceção de Capa Barsavi, eles deviam ser os ladrões mais ricos de Camorr. Quando a segunda promissória de Salvara fosse transformada em dinheiro vivo, o pequeno livro-caixa de pergaminho em uma das prateleiras passaria a registrar mais de 43 *mil* coroas inteiras. Eles já eram tão ricos quanto o homem de quem estavam atualmente roubando e muito mais ricos que a maioria dos nobres e que algumas das mais famosas casas de comércio e negócios de toda a cidade.

No entanto, até onde qualquer um sabia, os Nobres Vigaristas não passavam de uma modesta gangue de ladrões de galinha: competentes e discretos, conseguiam ganhar dinheiro com regularidade, mas não eram de modo algum estrelas em ascensão. Podiam viver com relativo conforto com 10 coroas por ano cada um, e gastar muito mais do que isso provocaria um escrutínio dos mais nefastos por parte de todas as autoridades de Camorr, legais ou não.

Em quatro anos, eles haviam conseguido aplicar três golpes grandes e a maior parte do dinheiro fora simplesmente contada e jogada na escuridão dos cofres.

A verdade era que Correntes os treinara com primor para a tarefa de livrar a nobreza camorri de um pouco da riqueza por ela acumulada, mas talvez tivesse esquecido de conversar sobre os possíveis usos do dinheiro em questão. Além de financiar novos roubos, os Nobres Vigaristas de fato não sabiam o que fazer com aquilo tudo no final das contas.

Seu dízimo para Capa Barsavi era em média de uma coroa por semana.

– ALEGREM-SE! – EXCLAMOU CALO ao aparecer na cozinha bem na hora em que Locke e Jean devolviam a mesa de jantar à sua posição habitual. – Os irmãos Sanzas voltaram!

– Pergunto-me se essa combinação específica de palavras já foi pronunciada por alguém antes – comentou Jean.

– Somente nos quartos de jovens solteiras por toda a cidade – respondeu Galdo, pousando sobre a mesa um pequeno saco de aniagem.

Locke o sacudiu para abri-lo e examinou seu conteúdo: alguns cordões cravejados com pedras semipreciosas, um conjunto de garfos e facas de prata de feitura moderadamente refinada e uma coleção de anéis que iam de cobre barato gravado a um confeccionado com fios de ouro e platina e com lascas de obsidiana e diamante engastadas.

– Ah, que lindo – elogiou Locke. – Muito bonito. Jean, poderia por favor pegar mais umas coisas lá na Caixa das Lorotas e me dar... 20 sólons, é isso?

– É uma soma adequada.

Enquanto Locke gesticulava para Calo e Galdo o ajudarem a dispor as cadeiras outra vez em volta da mesa de jantar, Jean voltou à sala do cofre onde, junto à parede da esquerda, havia um baú de madeira alto e estreito. Abriu-o, fazendo gemer as dobradiças, e começou a revirá-lo com uma expressão pensativa no rosto.

A Caixa de Lorotas estava mais ou menos meio metro cheia com uma reluzente pilha de joias, objetos domésticos e quinquilharias decorativas. Havia estatuetas de cristal, espelhos com molduras de marfim esculpido, colares e anéis, castiçais em cinco tipos de metal precioso e até mesmo alguns frascos de drogas e beberagens alquímicas envoltos em protetores de feltro e marcados com pequenas etiquetas de papel.

Como os Nobres Vigaristas não podiam revelar ao Capa a verdadeira natureza de suas operações e como não tinham nem tempo nem inclinação para invadir casas e descer por chaminés, a Caixa das Lorotas era um dos pilares da atual farsa que vinham executando. Eles a enchiam uma ou duas vezes por ano, quando faziam expedições de compras nas casas de penhores e mercados de Talisham ou Ashmira para adquirir às claras tudo de que precisavam. Incrementavam essas compras de forma pontual e cuidadosa com artigos comprados em Camorr, em geral objetos roubados pelos irmãos Sanzas de maneira improvisada ou obtidos por Pulga no decorrer de sua instrução ainda em andamento.

Jean escolheu dois cálices de vinho feitos de prata, um par de ópticos de armação de ouro dentro de um elegante estojo de couro e uma das garrafinhas enroladas em feltro. Segurando tudo isso com cuidado em uma das mãos, contou vinte pequenas moedas de prata em uma das prateleiras, fechou a Caixa de Lorotas com um chute e voltou depressa para a sala de jantar. Pulga tornara a se juntar ao grupo e se exibia passando um sólon sobre os nós dos dedos da mão direita. Fazia poucas semanas que havia aprendido esse truque depois de muitos meses observando os gêmeos, ambos capazes de executá-lo com as duas mãos ao mesmo tempo e de inverter o movimento em perfeita sincronia.

– Vamos dizer que tivemos uma semana meio parada – ponderou Jean. – Em noites chuvosas como

temos tido, ninguém espera mesmo grande coisa de homens do segundo andar. Talvez chamássemos atenção se levássemos coisas demais. Com certeza Sua Excelência vai entender.

– É claro – concordou Locke. – Um raciocínio bem sensato.

Ele estendeu a mão e pegou a garrafinha para examiná-la mais de perto. A etiqueta escrita à mão identificava o conteúdo como leite de ópio açucarado, um vício para senhoras ricas feito a partir de papoulas jeremitas. Retirou a etiqueta e o feltro, guardou o frasco de vidro facetado com rolha de bronze dentro do saco de aniagem. Pôs lá dentro, então, o restante dos objetos.

– Certo! Digam-me: ainda estou com algum vestígio de Lukas Fehrwight? Alguma maquiagem ou resto de disfarce?

Ele esticou os braços e deu várias voltinhas. Jean e os Sanzas lhe garantiram que, no momento, ele era Locke Lamora da cabeça aos pés.

– Bem, nesse caso, se somos todos nós mesmos, vamos lá pagar nossos tributos.

Locke pegou o saco de objetos “roubados” e o jogou para Pulga com um gesto casual. O menino soltou um gritinho, deixou cair sua moeda e interceptou o saco, provocando um chacoalhar abafado de metal.

– Isso foi bom para minha instrução moral, suponho?

– Não, dessa vez estou só sendo um velho preguiçoso mesmo – respondeu Locke. – Pelo menos você não vai ter que conduzir a barca.

3

NA TERCEIRA HORA DA TARDE, eles saíram do Templo de Perelandro por um de seus vários túneis de fuga e entradas laterais. Uma chuva morna caía do céu, que se encontrava dividido como se os deuses tivessem usado regra e estilo: nuvens baixas e escuras dominavam o norte enquanto o céu apenas começava sua descida no claro e límpido sudoeste. O cheiro agradável de chuva fresca sobre pedra quente se erguia por todo lado, por um instante limpando o ar dos habituais miasmas da cidade. Os Nobres Vigaristas se reuniram mais uma vez no cais sudoeste do Bairro dos Templos, onde contrataram uma gôndola.

A embarcação era comprida, rasa e bem castigada pelo tempo e tinha um rato recém-morto amarrado à verga da proa logo abaixo de uma estatueta de madeira de Iono: dizia-se que aquilo era um amuleto inigualável contra o naufrágio e outros infortúnios. O gondoleiro, encarapitado na popa como um papagaio com seu casaco de algodão listrado de vermelho e laranja, protegia-se da chuva com um chapéu de palha de aba larga que ultrapassava a largura de seus ombros magrelos. Eles constataram que ele era um bandoleiro de canal e ladrão de carteiras que conheciam, Vitale Vento, da gangue dos Caras Cinzentas, também conhecido como Nervoso.

O homem armou um guarda-chuva de couro bolorento para proteger um pouco seus passageiros da chuva e começou a conduzi-los com mansidão rumo ao leste por entre as altas margens de pedra do Bairro dos Templos e a luxuriante vegetação do Mara Camorrazza. O Mara já tinha sido um jardim-labirinto para o rico governador da época do Trono Terim. Agora, praticamente abandonado pela guarda cidadina, era assombrado pelos ladrões de carteiras. O único motivo que

levava pessoas honestas a adentrarem seus perigosos corredores verdes era o fato de ser ele o centro de uma rede de pontes que interligava outras oito ilhas.

Jean se acomodou para ler um pequeno volume de poemas que levava preso ao cinto e Pulga continuou treinando seu truque com as moedas, embora com uma moeda de cobre que daria muito menos na vista. Locke e os Sanzas conversaram sobre trabalho com Vitale, cuja tarefa, em parte, era assinalar para seus colegas barcaças de carga pouco vigiadas ou muito carregadas. Em diversas ocasiões, ele fez gestos para observadores escondidos na margem enquanto os Nobres Vigaristas fingiam educadamente não perceber.

Foram chegando perto do Morro das Sombras; mesmo durante o dia, suas partes mais altas ficavam envoltas na penumbra. Por acaso a chuva apertou e o velho reino de túmulos ficou borrado por uma névoa. Nervoso fez a gôndola virar para a direita. Logo estava conduzindo rumo ao sul, entre o Morro das Sombras e os Estreitos, auxiliado pela correnteza do canal que dava no mar, agora encrespado com as ondulações cada vez mais fortes das gotas de chuva.

Conforme eles avançavam para o sul, o tráfego ficava cada vez mais fraco e mal-afamado: estavam passando da região de domínio aberto do Duque de Camorr para os domínios particulares de Capa Barsavi. À esquerda, as fundições do bairro da Fumaça de Carvão faziam subir colunas negras cujo formato de cogumelo se esgarçava com a pressão da chuva. O Vento do Duque empurraria a fumaça toda para cima de Cinzacai, a mais feia ilha da cidade, onde gangues e ocupantes clandestinos disputavam espaço nas chácaras mofadas e escurecidas de uma época opulenta de séculos antes.

Uma barcaça que seguia para o norte passou à esquerda, exalando um cheiro de cocô velho e morte recente. Sobre ela havia o que parecia ser diversos cavalos mortos e uma meia dúzia de esquartejadores. Alguns serravam os cadáveres com lâminas compridas como braços e outros desenrolavam e ajeitavam freneticamente sob a chuva oleados sujos de sangue.

Nenhum camorri poderia ter pedido uma imagem mais condizente com a visão e o fedor do Caldeirão. Se a Borra era um antro de pobreza; a Arapuca, um lugar de má fama; o Mara Camorrazza, abertamente perigoso; Cinzacai, uma ilha suja caindo aos pedaços, o Caldeirão era todas essas coisas com um elemento extra: o desespero humano. O cheiro lembrava um barril de cerveja choca derramado no depósito de um agente funerário em um dia quente de verão. A maioria dos mortos daquele bairro nunca chegava às sepulturas de indigentes cavadas pelos condenados nos montes da Cova dos Pedintes: eram jogados nos canais ou apenas queimados. Mesmo antes da Paz Secreta, nenhum casaca-amarela se atrevia a entrar no Caldeirão, a menos que estivesse em grupo; nenhum templo funcionava ali há cinquenta anos ou mais. Os quarteirões do Caldeirão eram governados pelas gangues menos sofisticadas e menos contidas de Barsavi. Bares de arruaceiros, antros de Mira e rodas de jogatina itinerantes viviam abarrotadas de famílias espremidas em buracos de rato.

Costumava-se dizer que uma em cada três Pessoas Certas de Camorr vivia enfiada no Caldeirão: mil vagabundos e assassinos sempre brigando e aterrorizando os vizinhos, sem conseguir realizar nenhum feito e sem ir a lugar nenhum. Locke vinha do Pegafogo; Jean, do confortável Canto Norte; Calo e Galdo, da Borra. Somente Pulga viera do Caldeirão e não havia mencionado esse assunto sequer uma vez em todos os anos desde que se tornara um Nobre Vigarista.

Ele agora encarava seu antigo bairro: os cais desmoronados e os cortiços empilhados, as roupas

que esvoaçavam nos varais e tornavam a se molhar. A névoa insalubre de fogueiras úmidas usadas para preparar comida tingia as ruas de marrom. Os diques de Vidrantigo, desmoronados, estavam quase completamente enterrados em fuligem e pilhas de pedra. Pulga parara de mover a moeda pelos nós dos dedos e a deixara no dorso da mão esquerda.

Alguns minutos mais tarde, Locke sentiu-se bastante aliviado ao passar pelo centro do Caldeirão e chegar ao quebra-mar alto e fino que marcava a divisa leste do Madeira-Velha. O cemitério marítimo de Camorr parecia uma maravilha em comparação com o Caldeirão, deixado para trás.

E aquilo era mesmo um cemitério: uma ampla baía protegida, mais larga do que o Mercado Cambiante, ocupada pelos restos de centenas de barcos e navios ondulando sobre a água. Estavam ancorados ou à deriva, alguns apenas apodrecendo e outros arrombados por colisões ou pedras de catapulta. Uma camada de destroços de madeira mais miúdos cobria a água entre os escombros dos navios como gordura em uma sopa fria, afastando-se e retornando com a maré. No momento em que a Falsaluz caía, aquele lixo às vezes se encrespava com a passagem de criaturas atraídas da Baía de Camorr. Enquanto altos portões de ferro protegiam todos os canais principais contra intrusões, o Madeira-Velha tinha o lado sul aberto para o mar.

Bem no centro desse lixão boiava um casco bojudo e sem mastro com uns 60 metros de comprimento e quase a metade disso em largura, ancorado com firmeza por correntes que desciam para dentro d'água, duas na proa e duas na popa. Nada pesado e desgracioso assim já fora construído em Camorr: aquela embarcação era um dos produtos mais otimistas dos arsenais da distante Tal Verrar, como Correntes informara a Locke muitos anos antes. Grandes toldos de seda agora protegiam os altos e planos conveses do castelo e, debaixo deles, organizavam-se festas cujo luxo decadente competia com os pavilhões de prazer de Jerem. Mas naquele instante não havia nada ali, exceto as silhuetas de homens armados trajando capas e espiando através da chuva. Locke viu pelo menos dez, reunidos em grupos de dois ou três, com arcos e balestras ao alcance da mão.

Havia uma movimentação humana esparsa no Madeira-Velha. Algumas das embarcações menos danificadas abrigavam famílias de ocupantes e outras eram usadas abertamente como pontos de observação por equipes mal-encaradas. Vitale percorreu os sinuosos canais entre os destroços maiores, fazendo gestos cautelosos e evidentes para os homens de guarda sempre que a gôndola passava por eles.

– O Rei Cinza pegou mais um ontem à noite – murmurou ele, apoiando-se na vara que impulsionava a gôndola. – Tem vários rapazes nervosos com armas bem grandes de olho em nós agora, com certeza.

– Mais um? – Calo estreitou os olhos. – Ainda não estávamos sabendo. Quem foi?

– Tesso Alto, dos Coroas Inteiras. Foi encontrado lá em Água-Ferrugem, enforcado dentro de uma velha oficina. Todo amarrado, com o saco decepado. Parece que sangrou até morrer.

Locke e Jean se entreolharam e Nervoso deu um gemido.

– Era um conhecido seu?

– De certa forma, de muito tempo atrás – respondeu Locke.

Ele se pôs a refletir. Tesso era *garrista* dos Coroas Inteiras, uma das mais lucrativas gangues de Barsavi, e amigo íntimo de um dos filhos do Capa, Pachero. Ou pelo menos era. Ninguém em Camorr deveria ter conseguido encostar um dedo nele – tirando apenas Barsavi e o Aranha –, mas

ainda assim aquele maldito louco invisível que se fazia chamar Rei Cinza o fizera.

– Agora são seis, não é? – indagou Jean.

– Sete – corrigiu Locke. – Desde que eu e você tínhamos 5 anos não morriam tantos malditos *garristas* assim.

– Ora, e dizer que eu já senti inveja de você, Lamora, mesmo com essa sua ganguezinha de nada – falou Vitale.

Locke lançou-lhe um olhar duro ao mesmo tempo que tentava solucionar o quebra-cabeça. Sete chefes de gangue mortos em dois meses; todos tinham o benefício da distância, mas fora isso bem pouca coisa em comum. Durante muito tempo, Locke se reconfortara com sua falta de importância nos negócios do Capa, mas agora começava a duvidar disso. Será que poderia estar na lista de alguém? Será que tinha algum valor imaterial para Barsavi que o Rei Cinza pudesse querer eliminar com uma flecha de balestra? Quantos outros haveria entre ele e essa flecha?

– Maldição – praguejou Jean. – Como se as coisas precisassem ficar mais complicadas.

– Talvez devêssemos nos ater aos... assuntos em pauta. – Galdo havia mudado de posição junto à amurada e olhava em volta. – Depois talvez sumir por um tempo. Ir visitar Tal Verrar ou Talisham... ou pelo menos tirar *você* daqui, Locke.

– Que bobagem. – Locke cuspiu para fora da gôndola. – Desculpe, Galdo. Sei que isso que você diz parece fazer sentido, mas pense bem. O Capa jamais iria nos perdoar se fugíssemos justo na hora em que ele mais precisa. Iria percorrer qualquer distância e despachar em nosso encalço o filho da puta mais truculento e cruel que conseguisse encontrar. Enquanto ele estiver aqui, não podemos fugir. Caramba, antes de alguém fazer qualquer outra coisa, Nazca quebraria meus joelhos com uma marreta.

– Tenho pena de vocês, rapazes. – Vitale foi passando a vara de mão em mão e dando empurrões precisos para rodear um destroço grande demais para ser ignorado. – Não é fácil trabalhar nos canais, mas pelo menos ninguém me quer morto por outra coisa que não os motivos habituais. Querem que eu os deixe na Tumba ou no cais?

– Temos que falar com Harza – respondeu Locke.

– Ah, ele hoje deve estar com um humor de cão. – Vitale começou a manejar a vara com força em direção à extremidade norte do Madeira-Velha, onde algumas pedras se estendiam diante de uma fileira de lojas e hospedarias. – Para o cais, então.

4

A CASA DE PENHORES DE Harza Sem-Esperança era um dos marcos dos domínios de Capa Barsavi. Embora muitas outras casas pagassem um pouco mais e muitas tivessem donos menos mal-humorados, nenhuma outra ficava situada a menos de três passos do centro de poder do Capa. As Pessoas Certas que fossem passar adiante para Harza suas mercadorias podiam ter certeza de que Barsavi ficaria sabendo sobre a sua visita. Nunca era demais reforçar a impressão de que se era um ladrão ativo e responsável.

– Ah, claro – disse o velho vadrã quando Jean segurou a porta gradeada e blindada para os outros

Nobres Vigaristas passarem. – É natural que só os *garristas* menos importantes se atrevam a dar as caras em um dia como hoje. Entrem, seus filhos pálidos de vadias camorri. Esfreguem esses dedos terins sebosos nas minhas belas mercadorias. Pinguem água no meu lindo piso.

Chovesse ou fizesse sol, a loja de Harza vivia sempre fechada como um caixão: lonas empoeiradas escondiam as janelas gradeadas estreitas e o lugar recendia a lustrador de prata, mofo, incenso rançoso e suor grudado no corpo. O próprio Harza era um velho de pele muito branca e olhos arregalados e lacrimejantes; cada vinco e ruga de seu rosto parecia escorregar lentamente em direção ao chão, como que moldado por um deus um pouco embriagado que houvesse pressionado o barro além da conta. Sem-Esperança era assim chamado devido à sua rígida política de não ampliar créditos nem emprestar dinheiro. Calo certa vez observara que, se ele algum dia levasse uma flechada na cabeça, ficaria sentado esperando-a cair sozinha antes de pagar um galeno nem que fosse por um retalho de gaze.

No canto direito da loja, um rapaz forte e de ar entediado, com anéis de bronze baratos em todos os dedos e cachos enebados caindo por cima dos olhos, mudou de posição no alto banco de madeira no qual estava sentado. Um porrete cravejado de tachinhas de ferro pendia de uma alça em seu cinto e ele meneou a cabeça para os visitantes devagar, como se eles fossem burros demais para compreender qual era sua função ali.

– Locke Lamora – disse Harza. – Frascos de perfume, roupas íntimas femininas e artigos de mesa. Metal arranhado e amassado que jamais poderei revender para alguém que tenha classe. Vocês, arrombadores e garotos de segundo andar, se acham muito espertos. Se tivessem o saco certo para levá-lo para casa, roubariam o cocô do cu de um cachorro.

– Que engraçado você comentar isso, Harza, porque este saco aqui – Locke tirou o saco de anagem das mãos de Pulga e o levantou – por acaso contém justamente...

– Algo que não é cocô de cachorro. Estou ouvindo o tilintar. Me dê aqui e vamos ver se você por acaso trouxe alguma coisa que valha a pena comprar.

As narinas de Harza inflaram quando ele abriu o saco e o fez deslizar por cima de uma placa de couro sobre o balcão da loja, espalhando o conteúdo com delicadeza. A avaliação de objetos roubados parecia ser a única forma de gratificação voluptuosa que o velho ainda se permitia e ele se entregou à tarefa com entusiasmo, agitando os dedos compridos e tortos.

– Lixo. – Pegou os três pingentes obtidos por Calo e Galdo. – Pasta alquímica e ágatas de rio, porra. Não serve nem para dar de comer às cabras. São 2 cobres cada um.

– Precinho duro – comentou Locke.

– Precinho justo – retrucou Harza. – Sim ou não?

– Proponho 7 cobres pelos três.

– Se fizer as contas, dá 6. Ou você aceita ou, por mim, pode ir torcer o saco de um tubarão.

– Nesse caso, acho que vou aceitar.

– Humm. – Harza examinou os cálices de prata que Jean havia selecionado na Caixa de Lorotas. – Amassados, claro. Vocês, idiotas, nunca veem uma coisa bonita de prata que não queiram enfiar dentro de um saco cheio para arranhar. Mas acho que consigo dar um polimento e despachá-los rio acima... 1 sólon e 3 cobres cada um.

– Hum... 1 sólon e 4 cobres cada – rebateu Locke.

– No total, pago 3 sólons e 1 cobre.

– Tudo bem.

– E isto aqui. – Harza pegou a garrafinha de leite de ópio, desatarraxou a tampa, cheirou, grunhiu consigo mesmo e tornou a fechá-la. – Vale mais do que a sua vida, mas para mim não adianta grande coisa. As vadias exigentes gostam de fabricar o seu próprio ou de pedir a algum alquimista que o faça. Nunca o compram já pronto de algum desconhecido. Talvez eu consiga repassar isto aqui para algum pobre coitado que precise descansar das uvas ou da Mira. Pago 3 sólons e 3 barões.

– Não: 4 e 2.

– Nem os deuses tirariam 4 e 2 de mim. Talvez o próprio Morgante com uma espada flamejante e dez virgens nuas puxando a minha calça conseguissem 4 sólons e 1. Mas você ganha 3 e 4 e fim de papo.

– Tudo bem. Mas só porque estamos com pressa.

Harza ia fazendo as contas com uma pena de ganso em um pedaço de pergaminho. Correus os dedos pela pequena pilha de anéis baratos de Calo e Galdo e riu.

– Vocês não podem estar falando sério. Esta porcariada vale tanto quanto um monte de pirocas de cachorro cortadas.

– Ah, por favor...

– Pelo menos as pirocas eu conseguiria vender para os esquartejadores. – Harza jogou os anéis de bronze e cobre em cima dos Nobres Vigaristas, um a um. – Estou falando sério. Não tragam merdas desse tipo para cá: já tenho caixas e mais caixas dessas porras que não vou conseguir vender antes de bater as botas.

Ele pegou o anel de ouro e platina com as lascas de obsidiana e diamante.

– Humm. Este aqui pelo menos tem valor: 5 sólons redondos. O ouro é de verdade, mas esta platina verrari vagabunda é tão autêntica quanto um olho de vidro. E eu cago diamantes maiores do que estes cinco ou seis vezes por semana.

– Proponho 7 e 3 – pechinhou Locke. – Eu dei duro para conseguir esse anel.

– E eu lá tenho que pagar mais só porque a sua bunda e o seu cérebro foram trocados quando você nasceu? Acho que não. Se fosse o caso, já estaria sabendo. Leve os seus 5 e lamba os beiços.

– Harza, eu garanto a você que ninguém que ponha os pés nesta loja se considera particularmente...

E assim era: o julgamento aparentemente sumário, os insultos de parte a parte, a aceitação relutante de Locke e o trincar dos dentes que restavam ao velho conforme ele avaliava cada objeto e o pousava sobre o balcão. Em pouco tempo, Harza já estava recolocando as poucas coisas que não o interessavam dentro do saco de aniagem.

– Bem, meus docinhos, parece que estamos quites em 16 sólons e 5 cobres. Melhor do que conduzir uma carroça de cocô, não é?

– Ou do que ser dono de uma casa de penhores – replicou Locke.

– Muito engraçado! – exclamou o velho, contando 16 moedas de prata escurecidas e cinco discos menores de cobre. – Eis o lendário tesouro perdido de Camorr. Peguem suas tralhas e deem o fora daqui até semana que vem. Isso se o Rei Cinza não pegar você antes, Lamora.

QUANDO ELES SAÍRAM DA LOJA de Harza, aos risos, a chuva se transformara outra vez em chuvisco.

– Correntes costumava falar que não havia liberdade igual à de ser constantemente subestimado – disse Locke.

– Pelos deuses, tem razão. – Calo revirou os olhos e pôs a língua para fora. – Se fôssemos mais livres do que já somos, sairíamos flutuando e voaríamos feito pássaros.

Da extremidade norte do Madeira-Velha, uma ponte comprida e alta, com largura suficiente para duas pessoas, conduzia diretamente à fortaleza aquática do Capa. Quatro homens montavam a guarda na margem, bem à vista e com as armas aparentes sob as finas capas impermeáveis. Locke imaginou que devia haver mais outros tantos escondidos por perto, ao alcance de uma flecha de balestra. Havia feito os sinais correspondentes àquele mês enquanto se aproximava seguido por sua gangue. Todos ali se conheciam, mas as formalidades não eram negociáveis, sobretudo em um momento como aquele.

– Oi, Lamora. – O mais velho dos guardas, magro e musculoso com tubarões tatuados desbotados subindo pelo pescoço e bochechas até as têmporas, estendeu a mão e eles seguraram o antebraço um do outro, num cumprimento. – Está sabendo sobre Tesso?

– Oi, Bernell, estou, sim. Um dos Caras Cinzentas nos contou quando estávamos vindo. Quer dizer que é verdade? Amarrado, com o saco cortado, isso tudo?

– É, com o saco e tudo. Dá para imaginar como o patrão está se sentindo? Falando nisso, Nazca deu uma ordem hoje de manhã: da próxima vez que você aparecesse, ela queria vê-lo. Disse para não deixar você pagar seus tributos antes de falar com ela. Veio pagar os tributos, certo?

Locke sacudiu uma bolsinha cinza com os 20 sólons de Jean mais os 16 e uns trocados de Harza.

– Viemos cumprir nosso dever cívico, sim.

– Ótimo. Quase ninguém tem aparecido por outro motivo. Olhe, eu sei que você tem distância, que Nazca é sua amiga e tal, mas talvez hoje seja bom você pegar *bem leve*, ok? Tem muitos *pezons* por aí, alguns óbvios, outros nem tanto. A segurança nunca esteve tão reforçada. O Capa está interrogando alguns Coroas Inteiras agora mesmo sobre onde eles estavam ontem à noite.

– Interrogando?

– Com toda a pompa e circunstância dos velhos tempos. Então comporte-se e não faça nenhum movimento brusco, certo?

– Bom conselho – disse Locke. – Obrigado pelo alerta.

– De nada. Flechas de balestra custam dinheiro. Seria uma pena desperdiçá-las com gente da sua laia.

Bernell acenou para eles passarem e o grupo desceu a passarela de madeira com mais ou menos 100 metros de extensão, que conduzia à popa da larga e imóvel embarcação, onde as tábuas externas do casco haviam sido removidas e substituídas por um par de portas de madeira-bruxa reforçada com ferro. Ali estava postado outro par de guardas, com olheiras visíveis. Ao vê-los se aproximar, uma das sentinelas deu quatro batidas nas portas, que se abriram para dentro poucos segundos depois. Abafando um bocejo, ela tornou a se encostar no casco e puxou o capuz para cobrir a cabeça. Nuvens escuras vinham do norte e o calor do sol começava a diminuir.

O salão de audiência da Tumba Flutuante era quase quatro vezes mais alto do que Locke, uma vez que os apertados conveses intermediários do velho galeão foram arrancados tempos antes, deixando apenas o castelo superior e os conveses superiores que agora serviam de telhado. O piso e as paredes eram de madeira cor de café; das divisórias pendiam tapeçarias pretas e vermelhas cujas beiradas eram bordadas a fios de ouro e prata com motivos de dente de tubarão.

Os Nobres Vigaristas foram acolhidos por meia dúzia de capangas de balestra em punho. Os homens e mulheres usavam braçais e gibões de couro por cima de túnicas de seda reforçadas com galões de metal leve e tinham o pescoço cingido por rígidas gargantilhas de couro. Um salão mais elegante poderia ter sido decorado com lampiões e arranjos de flores; aquele ali tinha nas paredes cestos de vime cheios de flechas de balestra e prateleiras de armas brancas diversas.

– Relaxem – sugeriu uma moça atrás do grupo de guardas. – Sei que eles parecem bastante suspeitos, mas não estou vendo nenhum Rei Cinza entre eles.

Ela usava uma calça masculina e uma comprida blusa de seda preta solta com mangas bufantes por baixo de uma armadura de duelo em couro que parecia bastante usada. As botas com solas de ferro – gosto que nunca havia perdido – estalaram no chão quando ela avançou por entre as sentinelas. Seu sorriso de boas-vindas não chegou a alcançar os olhos, que chispavam nervosos por trás das lentes dos ópticos simples de armação preta.

– Desculpem a acolhida, meus amores – disse Nazca Barsavi, dirigindo-se a todos os Vigaristas mas pousando uma das mãos no ombro esquerdo de Locke. Era uns 5 centímetros mais alta do que ele. – E sei que este lugar está um pouco cheio, mas preciso que vocês quatro aguardem aqui. Só *garristas* podem entrar hoje. Papai está de mau humor.

Um grito abafado ecoou por trás das portas que conduziam aos cômodos internos da Tumba Flutuante e foi seguido por berros, palavrões, outro grito.

Nazca esfregou as têmporas, afastou alguns cachos soltos dos cabelos pretos e deu um suspiro.

– Ele está exigindo vigorosamente uma... revelação total de alguns dos Coroas Inteiras. Sábua Gentileza está lá dentro com ele.

– Pelos treze deuses! – exclamou Calo. – Vamos aguardar felizes.

– Com certeza. – Galdo levou a mão até dentro do casaco e sacou um baralho um pouco molhado.

– Com certeza podemos nos manter ocupados aqui. Indefinidamente, se preciso for.

Todos os guardas do recinto recuaram um passo, alguns visivelmente resistindo ao impulso de tornar a erguer as balestras.

– Ah, vocês também não, seus putos – reclamou Galdo. – Olhem, essas histórias são mentira. Todos os outros participantes da mesa só estavam tendo uma noite muito sem sorte...

Nazca fechou atrás de si e de Locke as largas e pesadas portas. Diante deles, havia um corredor curto, vazio e sem guardas. Ela se virou para ele, estendeu a mão e alisou para trás os cabelos molhados do *garrista*. Os cantos de sua boca estavam virados para baixo.

– Oi, *pezon*. Vejo que não anda comendo.

– Eu faço refeições regulares.

– Deveria tentar comer em quantidade além de consistência. Acho que já disse um dia que você parecia um esqueleto.

– E acho que eu nunca na vida tinha visto uma menina de 7 anos embriagada e mandona.

– Bom. Talvez eu estivesse embriagada e mandona naquele dia, mas hoje estou só mandona. Papai está muito mal, Locke. Eu queria vê-lo antes de você ter a sua conversa: ele quer falar com você sobre... uns assuntos. Independentemente do que ele pedir, não quero que você... por mim... Bom, por favor, diga sim e pronto. Agrade-o, entendeu?

– Nenhum *garrista* que ame a própria vida ousou fazer outra coisa. Você acha que estou inclinado, em um dia como hoje, a entrar lá e provocá-lo? Se o seu pai ordenar “Late feito um cachorro!”, eu vou perguntar: “De que raça, excelência?”

– Eu sei. Me perdoe. Mas o que estou querendo dizer é que ele não está no seu estado normal. Ele agora está com medo, Locke. Um medo inegável, genuíno. Quando mamãe morreu, ele ficou triste, mas, caramba, agora está... está chorando durante o sono. Toma vinho e láudano todos os dias para controlar a raiva. Antigamente, eu era a única desautorizada a sair da Tumba, mas agora ele quer que Anjais e Pachero fiquem aqui também. Há cinquenta guardas de plantão a todo instante. O *Duque* leva uma vida mais tranquila. Papai e meus irmãos discutiram sobre isso aos berros ontem à noite.

– Bom, ahn... olhe, eu sinto muito, não acho que possa ajudar você com essa questão. Mas o que acha que ele vai me pedir?

Nazca o encarou com a boca meio aberta, como quem está se preparando para falar. Só que pareceu mudar de ideia e tornou a fechar os lábios e adotar uma expressão fechada.

– Que droga, Nazca, eu seria capaz de pular na baía e tentar matar um tubarão com um porrete por você se me pedisse, mas você primeiro teria que me dizer de que tamanho ele é e com quanta fome o bicho está. Dá para entender?

– Sim, é que eu... Vai ser menos estranho se ele mesmo pedir. Só se lembre do que eu falei. Ouça o que ele tem a dizer. Agrade-o e, depois, eu e você podemos resolver as coisas. Se tivermos um depois.

– “Se tivermos um depois”? Nazca, você está me deixando preocupado.

– É isso, Locke. Chegou a hora. O Rei Cinza conseguiu afetar papai. Tesso tinha sessenta homens armados com facas, dez deles o acompanhando o tempo todo. Ele conquistara as boas graças de papai. Havia grandes planos para ele no futuro próximo. Mas papai pôde fazer as coisas como queria por tanto tempo que eu... não posso afirmar com certeza que ele saiba como agir agora. Então ele simplesmente quer desistir de tudo e nos esconder aqui. A mentalidade do cerco.

– Humm. – Locke deu um suspiro. – Não posso dizer que o que ele fez até agora tenha sido imprudente, Nazca. Ele está...

– Papai está louco se acha que pode nos manter todos aqui para sempre, trancafiados nesta fortaleza! Ele antes passava metade das noites da semana no Último Erro. Costumava passear pelas docas, pelo Mara e pelos Estreitos sempre que quisesse. Lançava cobres na Procissão das Sombras. O Duque de Camorr pode se trancar dentro de casa e seguir governando com legitimidade. O Capa de Camorr, não. Ele precisa ser visto.

– E correr o risco de ser assassinado pelo Rei Cinza.

– Locke, eu estou presa há dois meses dentro desta porra desta banheira de madeira e uma coisa eu lhe digo: não estamos mais seguros aqui do que se estivéssemos tomando banho nus no mais

imundo chafariz do mais imundo pátio do Caldeirão. – Nazca havia cruzado os braços com tanta força que sua armadura de couro rangeu. – Como poderíamos estar? Quem é esse tal Rei Cinza, onde ele está, quem são seus homens? Não temos *a menor* ideia... Apesar disso, esse homem mata nossos aliados como e quando quer, de forma aleatória. Há alguma coisa errada. Ele tem recursos que nós não entendemos.

– Esperteza e sorte. Nenhuma dessas duas coisas dura para sempre, pode acreditar.

– Não é só esperteza e sorte, Locke. Concordo que ambos têm limite. Mas que cartas ele tem na manga? O que ele sabe? Quem ele conhece? Se não estamos sendo traídos, devemos estar sendo derrotados por uma força superior. E eu tenho quase certeza de que ainda não estamos sendo traídos.

– Ainda?

– Não se finja de bobo, Locke. Os negócios poderiam continuar de certa forma com papai e eu trancados aqui dentro. Mas se ele não deixar Anjais e Pachero saírem para mandar na cidade, o esquema todo vai por água abaixo. Os *garristas* talvez achem prudente que alguns membros da família Barsavi fiquem aqui. Mas se *todos nós* ficarmos, vão considerar covardia. E eles não vão só falar mal de nós pelas costas: vão cortejar um outro Capa. Talvez vários novos Capas. Ou o Rei Cinza.

– Ou seja, seus irmãos nunca vão deixar que ele os prenda aqui.

– Depende da insanidade do velho, Locke. Mas ainda que eles permaneçam livres, isso só vai solucionar a menor parte do problema. Mais uma vez, estamos sendo derrotados. Temos três mil facas sob nosso comando e, mesmo assim, esse fantasma manda em nós.

– Do que você suspeita? De bruxaria?

– Eu desconfio de tudo. Estão dizendo que o Rei Cinza é capaz de matar um homem com um simples toque. Dizem que facas não o cortam. Eu desconfio dos próprios deuses. Portanto, meus irmãos acham que eu estou maluca. Quando eles avaliam esta situação, tudo que conseguem ver é uma guerra comum. Eles acham que podem aguentar firme, trancar o velho e a irmã caçula dentro de casa e esperar até saber como revidar. Mas o que vejo é um gato segurando o rabo de um rato com a pata. E se o gato ainda não mostrou as garras não é por causa de nada que o rato tenha feito. Você não entende?

– Eu sei, Nazca... Olhe, você está agitada. Eu vou escutar. Pode gritar comigo quanto quiser. Mas o que posso fazer para ajudá-la? Eu não passo de um reles ladrão. Sou o mais reles dos ladrões do seu pai. Se houver alguma gangue menor do que a minha, eu vou jogar cartas dentro da boca de um tubarão-lobo, eu...

– Locke, eu preciso que você comece a me ajudar a acalmar papai. Preciso que ele volte praticamente a seu estado normal para fazê-lo levar a sério o que estou dizendo. É por isso que estou lhe pedindo que entre lá e se esforce para agradá-lo. Mostre a ele um *garrista* leal e obediente. Quando ele começar a fazer planos sensatos para o futuro outra vez, será o retorno a um estado de espírito com o qual eu posso lidar.

No final do corredor curto, havia outro par de pesadas portas de madeira quase idêntico ao que conduzia ao hall, porém estavam fechadas e trancadas com um complexo mecanismo verrari conectado a barras de ferro polido. A fechadura no meio das folhas tinha uma dúzia de buracos.

Nazca pegou duas chaves penduradas em uma corrente que trazia no pescoço e interpôs o próprio corpo entre Locke e as portas por um breve instante para ele não poder ver os buracos escolhidos. Ouviu-se uma série de cliques e um ruído de engrenagens dentro das portas. Uma a uma, as trancas escondidas se abriram e as barras reluzentes recuaram até as portas finalmente se afastarem com um rangido.

Um novo grito ecoou do recinto adiante, alto e nítido agora que a porta fechada não o abafava.

– É pior do que parece – disse Nazca.

– Eu sei o que Gentileza faz para o seu pai, Nazca.

– Só saber não é a mesma coisa. Em geral, Gentileza só faz um ou dois de cada vez. Papai hoje está obrigando o filho da mãe a trabalhar por atacado.

6

– JÁ DEIXEI BEM CLARO que não gosto de fazer isso, então por que está me forçando a continuar? – perguntou Barsavi.

O rapaz de cabelos escuros estava preso a uma armação de madeira. Pendurado de cabeça para baixo, tinha as pernas cingidas por grilhões de metal e os braços amarrados na extensão máxima. O pesado punho do Capa se enterrou no flanco do prisioneiro logo abaixo da axila; o barulho foi como o de um martelo batendo em carne. Gotículas de suor saíram voando e o prisioneiro gritou, debatendo-se contra o metal que o prendia.

– Por que está me insultando dessa forma, Federico? – Mais um soco no mesmo lugar, dessa vez com os nós dos dois primeiros dedos mais à frente. – Por que não faz a cortesia de me contar uma mentira convincente?

Barsavi golpeou o pescoço de Federico com uma das mãos espalmadas. O prisioneiro arquejou e deu vários fungadas úmidas enquanto sangue, saliva e suor escorriam por seu nariz.

O coração da Tumba Flutuante parecia um opulento salão de baile com paredes curvas e uma luz quente cor de âmbar emanava de globos de vidro suspensos por correntes de prata. Escadas conduziam a galerias suspensas e, daí, ao convés do velho galeão, encimado por um toldo de seda. Uma pequena plataforma elevada no outro extremo do recinto continha a larga cadeira de madeira na qual Barsavi em geral se sentava para receber suas visitas. O salão era decorado com bom gosto, de maneira discreta e régia, mas nesse dia fedia a medo, suor e calças sujas.

Um semicírculo de estruturas semelhantes à que segurava Federico estava preso ao teto e podia ser baixado conforme a necessidade, pois Barsavi às vezes conduzia aquele tipo de operação em um volume que fazia valer a pena uma padronização dos procedimentos. Seis delas estavam vazias e salpicadas de sangue; somente duas ainda sustentavam prisioneiros.

O Capa ergueu os olhos quando Locke e Nazca entraram, deu um leve meneio de cabeça e gesticulou para que aguardassem junto à parede. Embora ainda fosse ameaçador, o velho Barsavi não escondia seus anos. Estava agora mais roliço e mais molenga e as três barbas trançadas grisalhas pendiam em frente a três papadas flácidas. Tinha olheiras profundas e as bochechas carregavam o tom de vermelho pouco saudável causado pelo álcool. Corado por causa do esforço, ele havia

tirado o casaco e vestia apenas a túnica de seda que costumava usar por baixo.

Em pé ao seu lado, ambos de braços cruzados, estavam os irmãos de Nazca. Anjais parecia uma versão em miniatura do Capa com 30 anos e duas barbas a menos e Pachero era parecido com Nazca: alto e esguio, com cabelos encaracolados. Ambos usavam ópticos, pois a velha Sra. Barsavi transmitira qualquer que fosse a sua deficiência visual para todos os três filhos que deixara.

Encostadas na parede do fundo, havia duas mulheres. Não eram esguias e tinham os braços nus e bronzeados rijos e riscados por várias cicatrizes. Embora demonstrassem uma saúde quase animal, já haviam deixado para trás tempos antes o aspecto infantil da primeira juventude. As gêmeas idênticas Cheryn e Raiza Berangia eram as maiores *contrarequiallas* já vistas na cidade de Camorr. Só se apresentavam juntas e fizeram quase cem espetáculos nos Festejos Cambiantes, enfrentando tubarões, polvos, lanternas-da-morte e outros predadores do Mar de Ferro.

Havia quase cinco anos que as irmãs trabalhavam como guarda-costas e carrascos particulares de Capa Barsavi. Suas longas e desgrenhadas jubas de cabelos negros como o carvão estavam presas por redes de prata cujos penduricalhos de dentes de tubarão emitiam um tilintar agradável. Um deles, dizia-se, para cada homem ou mulher que uma das Berangias houvesse matado a mando de Barsavi.

O último, mas com certeza não o menos assustador elemento do seletor grupo, era Sábua Gentileza, homem de cabeça redonda, estatura mediana e meia-idade. Seus cabelos curtos tinham o tom amarelo-manteiga de algumas famílias terins das cidades ocidentais de Kartane e Lashane e seus olhos pareciam constantemente úmidos de emoção, ainda que a expressão nunca mudasse. Ele era talvez o homem de temperamento mais equilibrado de toda Camorr: era capaz de arrancar as unhas da mão de alguém com o mesmo desinteresse tranquilo de um homem que engraxa botas. Barsavi era um torturador muito capaz, mas quando não estava com vontade, Gentileza nunca o decepcionava.

– Ele não sabe nada! – gritou o último prisioneiro ainda intacto a plenos pulmões enquanto Barsavi dava mais alguns sopapos em Federico. – Capa, excelência, por favor, nenhum de nós sabe nada! Pelo amor dos deuses! Nenhum de nós se lembra!

Barsavi percorreu o piso de madeira a passos largos e calou a boca do segundo prisioneiro com um demorado e cruel apertão em sua laringe.

– As perguntas por acaso foram feitas a você? Está ansioso para participar das operações? Ficou bem caladinho quando eu mandei seus outros seis amigos para dentro d’água. Por que está gritando por este aqui?

– Por favor. – O homem soluçou, sorvendo o ar no momento em que Barsavi aliviou a pressão apenas o suficiente para que ele pudesse falar. – Por favor, não vai adiantar nada. O senhor precisa acreditar em nós, Capa Barsavi, por favor. Se soubéssemos, teríamos contado qualquer coisa que quisesse saber. Nós não lembramos! Simplesmente não...

O Capa o fez calar com um violento tabefe no rosto. Por um instante, o único barulho no recinto foram os soluços e arquejos assustados dos dois prisioneiros.

– *Preciso* acreditar em vocês? Eu não *preciso* fazer nada, Julien. Vocês me servem bosta fresca e dizem que é carne ensopada? São muitos, mas não têm nem capacidade para inventar uma história decente. Uma tentativa séria de mentir me deixaria puto da vida, mas pelo menos eu *entenderia*. Em vez disso, vocês ficam choramingando que não se lembram. Vocês, os oito homens mais poderosos

dos Coroas Inteiras depois do próprio Tesso. Seus escolhidos. Seus amigos, seus guarda-costas, seus leais *pezons*. E ficam chorando aqui para mim feito uns bebezinhos, falando que não se lembram de onde estavam ontem à noite, quando Tesso por acaso *morreu*.

– Mas foi isso que aconteceu, Capa Barsavi. Por favor, é...

– Vou perguntar de novo: você bebeu ontem à noite?

– Não, nada!

– Fumou alguma coisa? Vocês fumaram juntos?

– Não, não fizemos nada disso. Com certeza não... não juntos.

– Mira, então? Uma coisinha qualquer daqueles alquimistas pervertidos de Jerem? Um pouco de alegria em pó?

– Tesso nunca permitiu...

– Muito bem. – Barsavi arremeteu o punho fechado contra o plexo solar de Julien de maneira quase casual. O homem ofegou de dor e o Capa lhe deu as costas, erguendo os braços com uma jovialidade teatral. – Já que eliminamos qualquer explicação terrena possível para tamanha negligência do seu dever, resta-nos a feitiçaria ou a intervenção dos deuses... Ah, perdão. Vocês não foram enfeitiçados pelos deuses em pessoa, foram? Eles são difíceis de passar despercebidos.

Julien se contorceu contra os ferros que o prendiam e sacudiu a cabeça.

– Por favor... por favor...

– Não foram os deuses, então. Achei mesmo que não tivessem sido. Eu estava dizendo... bem, que esse seu joguinho está me deixando muito entediado. Gentileza.

O homem da cabeça redonda encostou o queixo no peito e estendeu os braços, as palmas viradas para para cima, como quem está prestes a receber um presente.

– Quero algo criativo. Se Federico não quer falar, vamos dar a Julien uma última chance de encontrar sua língua.

Federico começou a berrar antes mesmo de Barsavi terminar de falar: o lamento alto e soluçante dos que sabem estar condenados. Locke se pegou cerrando os dentes para se impedir de tremer. Quantos encontros com a morte como cenário... Os deuses podiam mesmo ser cruéis.

Sábia Gentileza se aproximou de uma mesinha em um dos lados do recinto, jogou vários copinhos dentro de um saco de pano grosso munido de um cordão e começou a bater com ele na mesa. O barulho de vidro se quebrando era inaudível por causa dos gritos de Federico, mas Locke pôde imaginá-lo muito bem. Após algum tempo, parecendo satisfeito, Gentileza andou devagar até Federico.

– Não, não faça isso, não, não faça isso por favor não não...

Imobilizando com uma das mãos a cabeça do rapaz desesperado, Gentileza passou o cordão pelo pescoço de Federico e o apertou bem. O saco cobria o rosto de Federico e abafava seus gritos. Gentileza começou a apertar o saco, primeiro delicadamente, quase com ternura, mexendo no conteúdo estilhaçado com os dedos compridos, e manchas vermelhas apareceram no pano. O torturador parecia um escultor dando forma ao barro. Felizmente, a garganta de Federico perdeu as forças nessa hora e, pelos segundos seguintes, ele só conseguiu emitir uns poucos gemidos roucos e engasgados. Locke rezou em silêncio para que ele já houvesse escapado para além da dor até o refúgio temporário da loucura.

Gentileza passou a massagear com mais vigor. Apertou os pontos onde deviam estar os olhos de Federico, depois o nariz, a boca e o queixo. O saco foi ficando mais úmido e vermelho até que Federico parou por completo de se mexer. Quando Gentileza tirou as mãos do saco, foi como se elas houvessem amassado tomates. Com um sorriso triste, deixou as mãos vermelhas pingarem rastros vermelhos na madeira e foi até Julien em silêncio, com os olhos fixos.

– Com certeza agora eu o convenci do quanto estou decidido – afirmou Barsavi. – Não vai falar?

– Por favor, Capa – sussurrou Julien. – Por favor, não há necessidade disso. Eu não tenho nada para lhe contar. Pode me perguntar qualquer outra coisa, qualquer coisa mesmo. Mas em relação a ontem à noite eu tive um branco. Contaria se lembrasse, por favor, pelos deuses, por favor acredite em mim, eu lhe contaria qualquer coisa. Nós somos *pezons* leais, os mais leais que o senhor tem.

– Sinceramente, espero que não.

Barsavi pareceu tomar uma decisão e fez um gesto para as Irmãs Berangias, apontando para Julien. Agindo rápido e em silêncio, as mulheres desamarraram os nós e soltaram as correntes que o prendiam à estrutura de madeira, deixando, porém as cordas que o imobilizavam dos tornozelos até o pescoço. Sem qualquer dificuldade, arrastaram o rapaz trêmulo, uma a segurá-lo pelos ombros e a outra, pelos pés.

– Leais? Por favor. Nós somos adultos, Julien. Recusar-se a me contar a verdade sobre o que aconteceu ontem à noite está muito longe de ser um ato de lealdade. Você quis me deixar sem chão, então eu vou retribuir na mesma moeda.

Do outro lado do grande salão, um painel corrediço de madeira do tamanho de uma pessoa fora aberto; menos de um metro abaixo, ficava a superfície negra da água. O chão em volta da abertura estava encharcado de sangue.

– Vou deixar *você* sem chão.

Julien gritou uma última vez enquanto as Irmãs Berangias o lançavam de cabeça pela abertura. Bateu com força na água e não voltou. O Capa tinha o hábito de manter sempre alguma criatura voraz debaixo da Tumba, presa por pesadas redes de corda reforçadas com metal que rodeavam a parte inferior do casco do galeão.

– Gentileza, está dispensado. Rapazes, quando eu tornar a chamá-los vocês podem trazer alguém para limpar isto aqui, mas, por agora, vão esperar no convés. Raiza, Cheryn... por favor, vão também.

Barsavi caminhou devagar até sua simples e confortável cadeira, onde se acomodou. Respirava pesadamente e tremia mais ainda devido ao esforço para não deixar que isso transparecesse. Um cálice de vinho de bronze com a mesma capacidade de uma sopeira grande estava pousado sobre a mesinha ao lado da cadeira. O Capa sorveu um gole generoso e pareceu refletir alguns instantes em meio aos vapores, com os olhos fechados. Por fim, voltou à vida e acenou para Locke e Nazca se aproximarem.

– Bem. Meu caro mestre Lamora. Quanto dinheiro trouxe para mim esta semana?

– SÃO 36 SÓLONS E 5 cobres, excelência.

– Humm. Semana fraquinha, parece.

– Sim, Capa Barsavi, peço desculpas. A chuva, bem... às vezes a chuva é um horror para quem faz serviço de segundo andar como nós.

– Humm. – Barsavi pousou o cálice e envolveu a mão direita com a esquerda, pondo-se a acariciar as articulações avermelhadas. – Vocês já me trouxeram mais, é claro. Muitas vezes. Em semanas melhores.

– Ah... sim.

– Alguns nunca trouxeram, sabia? Eles tentam me trazer a mesma quantia todas as semanas, até eu enfim perder a paciência e corrigi-los. Sabe o que esse tipo de *garrista* deve ter, Locke?

– Ah. Uma... uma vida muito chata?

– Ah! Sim, isso mesmo. Quanta *estabilidade* ter a mesma renda todas as semanas, para poder me pagar a mesma porcentagem em tributo. Como se eu fosse uma criança incapaz de notar. E há também os *garristas* como você. Eu sei que você me traz a porcentagem honesta, porque não tem medo de entrar aqui e pedir desculpas por trazer menos do que na semana anterior.

– Eu, ahn, espero que não me considere mão-fechada quando a balança pende para o outro lado...

– De forma alguma. – Barsavi sorriu e se recostou na cadeira. Perto da porta pela qual Julien havia desaparecido podia-se ouvir um chapinhar sinistro e baques surdos. – Para falar a verdade, você é o *garrista* mais confiável e correto a meu serviço. Parece um relógio verrari. Vem me entregar seu tributo pessoalmente, em dia e sem precisar ser chamado. A cada semana, sem falta, durante quatro anos. Desde a morte de Correntes. Nenhuma vez você sugeriu que algo poderia ser mais importante do que o seu comparecimento com a bolsa de dinheiro na mão.

Capa Barsavi apontou para a pequena bolsa de couro que Locke segurava na mão esquerda e fez um gesto para Nazca. O cargo oficial da moça na organização Barsavi era de esmuçadora, ou seja, de mantenedora de registros. Ela sabia recitar sem erro o total atual dos pagamentos feitos por qualquer gangue da cidade, discriminado por semana ou ano. Locke sabia que ela atualizava os registros em pergaminho para o uso particular do pai, mas, até onde os súditos do Capa em geral sabiam, cada moeda do seu fabuloso tesouro era catalogada unicamente atrás dos frios e belos olhos de Nazca. Locke atirou-lhe a bolsa de couro e ela a interceptou no ar.

– Nunca lhe ocorreu mandar um *pezon* fazer o trabalho de um *garrista* – prosseguiu Barsavi.

– Bom, ahn, é muita gentileza sua, excelência. Mas o senhor hoje facilitou isso bastante, já que só os *garristas* podem passar pela porta.

– Não mude de assunto. Você sabe a que estou me referindo. Nazca, meu amor, Locke e eu precisamos ficar a sós.

A moça deu um profundo meneio de cabeça para o pai e em seguida outro bem mais rápido e curto para Locke. Virou-se e andou em direção às portas que davam para o saguão de entrada, fazendo os saltos de ferro ecoarem na madeira.

– Eu tenho vários *garristas* mais durões do que você – comentou o Capa depois de ela sair. – Vários mais queridos, vários com mais charme, vários com gangues maiores e mais lucrativas. Mas tenho muito poucos que se esforçam constantemente para ser tão cortesês, tão cuidadosos.

Locke permaneceu em silêncio.

– Meu rapaz, embora eu me ofenda com muitas coisas, esteja descansado de que a cortesia não é uma delas. Venha, relaxe. Não estou medindo seu pescoço para a forca.

– Perdão, Capa. Mas é que... não seria a primeira vez que o senhor começaria a expressar seu desagrado de uma forma muito...

– Dissimulada?

– Correntes me falou o suficiente sobre os estudiosos do Colégio Terim para eu entender que o principal hábito de retórica desses homens é a armadilha.

– Ah, sim! Quando alguém lhe disser que velhos hábitos são difíceis de perder, Locke, estará mentindo... Parece que não os perdemos nunca. – Barsavi deu uma risadinha e tomou um gole de vinho antes de continuar. – Estamos vivendo uma época... alarmante, Locke. Esse maldito Rei Cinza começou a me afetar. A perda de Tesso é particularmente... Bem, eu tinha planos para ele. Agora serei forçado a executar outros planos antes do que pretendia. Diga-me, *pezon*, o que acha de Anjais e Pachero?

– Ahn. Hum. Bem... minha opinião sincera, excelência?

– Integral e sincera, *pezon*. É uma ordem.

– Ah. Eles são muito respeitados, muito bons no que fazem. Ninguém faz piadas a seu respeito pelas costas. Segundo Jean, eles sabem muito bem se virar em uma briga. Os Sanzas ficam nervosos sempre que têm de jogar cartas com eles sem roubar, o que não é pouca coisa.

– Isso eu poderia ouvir de uns dez espões a qualquer momento que quisesse. Isso eu sei. Qual é a sua opinião *peessoal* sobre os meus filhos?

– Ah... – Locke engoliu em seco e fitou Barsavi bem nos olhos. – Bem, eles são dignos do meu respeito. São bons no que fazem e sabem brigar. Trabalham razoavelmente duro e são bastante inteligentes, mas... excelência, com todo o respeito, eles ficam implicando com Nazca quando o que deveriam fazer é escutar seus alertas e acatar seus conselhos. Ela tem a paciência e a sutileza que...

– Que eles não têm?

– O senhor sabia o que eu ia falar, não sabia?

– Locke, eu disse que você era um *garrista* cuidadoso e atencioso. Essas são as características que o definem, embora delas decorram várias outras qualidades. Desde a época de seus prodigiosos e precoces tropeços, você tem sido o retrato de um ladrão cuidadoso, que controla com firmeza a própria ganância. Deveria *mesmo* ser muito sensível a qualquer falta de cautela nos outros que contrastasse com a sua. Os meus filhos... passaram a vida inteira morando em uma cidade que os teme por causa de seu sobrenome. Eles esperam deferência de um modo aristocrático. São incautos, um pouco descarados. Preciso tomar providências para garantir que escutem bons conselhos nos meses e anos que estão por vir. Não poderei viver para sempre, nem mesmo depois de lidar com o Rei Cinza.

A jovial certeza que dominou a voz de Barsavi ao dizer isso fez os pelos da nuca de Locke se eriçarem. O Capa estava sentado em uma fortaleza da qual não saía havia mais de dois meses, tomando vinho em um ambiente de ar carregado com o cheiro do sangue de oito integrantes de uma de suas mais poderosas e leais gangues.

Será que Locke estava conversando com um homem que tinha um plano abrangente e sutil? Ou teria Barsavi finalmente chegado ao seu limite e explodido, como uma vidraça durante um

incêndio?

– Eu gostaria muito de ter você em uma posição na qual pudesse dar a Anjais e Pachero os conselhos de que eles vão precisar – falou o Capa.

– Ah... excelência, isso é muito... É uma honra, mas... Eu me dou muito bem com Anjais e Pachero, mas não sou o que se poderia chamar de amigo íntimo. Nós jogamos um carteadado de vez em quando, mas... sejamos honestos: eu não sou um *garrista* muito importante.

– Como eu já disse. Mesmo com o Rei Cinza agindo na minha cidade, ainda tenho muitos outros homens mais durões do que você, mais ousados, mais queridos. Não digo isso para ofender, porque já mencionei as qualidades que você possui. E são *essas* qualidades que tanto lhes faltam. Não dureza, coragem ou charme, mas fria e firme cautela. Prudência. Você é o meu *garrista* mais prudente e só se considera o menos importante porque é o que faz menos barulho. Agora me diga... O que acha de Nazca?

– Nazca? – De repente, Locke ficou ainda mais resabiado. – Ela é... ela é brilhante, excelência. É capaz de recitar conversas que tivemos dez anos atrás, palavra por palavra, sobretudo se for constrangedor para mim. O senhor me acha prudente? Em comparação com ela, sou tão descuidado quanto um urso no laboratório de um alquimista.

– Sim. Sim. Ela deveria ser a próxima Capa Barsavi, só que isso não vai acontecer. Não tem nada a ver com o fato de ela ser mulher, sabe? Os irmãos mais velhos dela jamais suportariam receber ordens da caçula. E eu preferiria que os meus filhos não se matassem por causa dos restos do legado que pretendo lhes deixar, portanto não posso preteri-los em favor dela. O que eu posso fazer, e o que devo fazer, é garantir que, quando chegar a hora, eles tenham uma voz sensata em posição tal que não possam se livrar dela. Você e Nazca são velhos amigos, não é? Lembro-me da primeira vez que se encontraram, tantos anos atrás... Ela costumava se sentar no meu colo e fingir que dava ordens aos meus homens. Durante todos os anos desde então, você sempre lhe fez visitas, sempre lhe disse palavras gentis? Sempre foi seu fiel *pezon*?

– Ahn... com certeza assim espero, excelência.

– Eu sei que sim. – Barsavi deu um grande gole no cálice e tornou a pousá-lo com firmeza, o rosto redondo e cheio de rugas tomado por um sorriso magnânimo. – Assim sendo, dou-lhe permissão para cortejar minha filha.

Podemos começar a bambear?, perguntaram os joelhos de Locke, mas ele apenas ficou imóvel, como um homem na água que vê uma barbatana alta e preta vindo na sua direção.

– Ah. Eu não... não esperava...

– É claro que não – replicou Barsavi. – Mas em relação a isso nossos propósitos são complementares. Sei que você e Nazca se gostam. Uma união entre vocês dois faria você entrar para a família Barsavi. Você se tornaria responsável de Anjais e Pachero... e eles, a sua. Não entende? Seria muito mais difícil para eles ignorar um cunhado do que até seu mais poderoso *garrista*.

Barsavi envolveu o punho esquerdo com a mão direita e deu outro largo sorriso, como um deus de rosto vermelho dispensando benesses de um trono celestial.

Locke respirou fundo. Não havia outro jeito: a situação exigia aquiescência total, da mesma forma que se o Capa estivesse segurando uma balestra junto à sua têmpora. Homens morriam por negar

bem menos a Barsavi; recusar a própria filha do Capa seria um suicídio. Talvez não ali nem naquele momento, mas se Locke recusasse o plano do Capa não iria sobreviver àquela noite.

– Eu... Capa Barsavi, sinto-me honrado. Profundamente honrado. Espero não decepcioná-lo.

– Decepcionar a mim? Com certeza não. Mas eu sei que muitos de meus outros garristas estão de olho em Nazca há algum tempo. Se um deles fosse ter atraído a atenção dela, a essa altura já o teria feito, não é? Qual não vai ser a sua surpresa quando ficarem sabendo. Eles nunca imaginariam uma coisa dessas!

E como presente de casamento, pensou Locke, os ciúmes irados de um número indeterminado de pretendentes frustrados!

– Então como... como e quando devo começar, excelência?

– Bem, por que não dar alguns dias para você pensar no assunto? Enquanto isso, vou falar com ela. É claro que, por agora, ela não deve sair da Tumba Flutuante. Quando essa questão do Rei Cinza estiver resolvida, bem, aí eu esperaria que você começasse a cortejá-la de maneira mais vistosa e pública.

– Isso quer dizer que eu deveria começar a roubar mais – falou Locke com muita cautela.

– Considere isso um desafio meu para você, aliado à minha bênção. – Barsavi abriu um sorriso irônico. – Vamos ver se consegue se manter prudente ao mesmo tempo que se torna mais produtivo. Desconfio que sim... e sei que não iria querer decepcionar a mim *nem* à minha filha.

– Certamente não, excelência. Eu... vou me esforçar ao máximo.

Barsavi acenou para Locke chegar mais perto e estendeu a mão esquerda com os dedos esticados e a palma virada para baixo. Locke se ajoelhou em frente à cadeira do Capa, segurou-lhe a mão com as suas duas e beijou seu anel, a conhecida pérola negra de coração vermelho-sangue.

– Capa Barsavi – falou, com os olhos pregados no chão. Barsavi o levantou pelos ombros.

– Eu lhe dou minha bênção, Locke Lamora, a bênção de um velho que se preocupa com os filhos. Ao fazer isso por você, eu o ponho acima de muitas pessoas perigosas. Sem dúvida lhe ocorreu que meus filhos vão herdar um cargo perigoso. E se eles não tomarem cuidado ou se não forem durões o bastante para aguentar o tranco... bem, coisas mais estranhas já aconteceram. Um dia, Capa Lamora poderia mandar nesta cidade. Você já sonhou com isso?

– Para ser bem sincero, nunca desejei o poder de um Capa porque jamais iria querer os problemas de um Capa – sussurrou Locke.

– Bem, isso é mais uma prova da sua prudência. – O Capa sorriu e acenou em direção às portas afastadas, dando permissão para Locke se retirar. – Os problemas de um Capa são muito reais. Mas você me ajudou a resolver um deles.

Locke caminhou de volta até o saguão de entrada; sua mente era um turbilhão. O Capa ficou sentado em sua cadeira atrás dele com o olhar fixo e perdido, e não disse mais nada. Depois disso, os únicos ruídos foram os passos do próprio Locke e os pingos ritmados do saco empapado de sangue em volta da cabeça de Federico.

– BEM, NAZCA, NEM QUE eu tivesse mil anos de idade e já houvesse visto seis vezes tudo o que existe para ver, mesmo assim essa seria a *última coisa* que eu imaginaria...

Ela estava à sua espera no corredor que conduzia ao saguão. Depois de as engrenagens terem lacrado a porta do salão principal atrás deles, lançou-lhe um olhar amargurado de quem se desculpa.

– Mas você não entende que teria sido mais estranho ainda se eu tivesse explicado antes?

– Nazca, seria difícil essa confusão toda ficar mais estranha do que já está. Olhe aqui, por favor, não leve nada disso a mal. Eu...

– Não estou levando nada disso a mal, Locke...

– Você é uma boa amiga e...

– Eu sinto a mesma coisa, mas ainda assim...

– É difícil dizer isso do jeito certo...

– Não é, não. Olhe aqui. – Ela o segurou pelos ombros e se curvou um pouco para encará-lo. – Você é um bom amigo, Locke. Decerto o melhor que eu tenho. Meu fiel *pezon*. E eu gosto muito de você, mas não... como um possível marido. E eu sei que você...

– Eu... ahn...

– Locke, eu sei que a única mulher que tem a chave desse seu coração singular está a quase 2 mil quilômetros daqui. E sei que você prefere ser infeliz por causa dela a ser feliz com outra pessoa.

– É mesmo? – Locke cerrou os punhos. – Porra, parece que todo mundo está sabendo. Aposto que o Duque recebe relatórios periódicos. Parece que o seu pai é a única pessoa que *não* sabe.

– Não sabe ou não liga. – Nazca arqueou as sobrancelhas. – Locke, esse é um assunto de Capa para *pezon*. Não é nada pessoal. Ele dá as ordens e você executa. Na maioria dos casos.

– Mas nesse não? Pensei que você fosse ficar feliz. Pelo menos ele está fazendo planos para o futuro de novo.

– Eu disse planos *sensatos*. – Nazca abriu um sorriso genuíno. – Vamos, *pezon*. Entre no jogo por alguns dias. Nós podemos fingir e tentar bolar juntos um jeito de sair dessa situação. Trata-se de você e de mim, certo? O velho não pode ganhar e ele nem vai saber que perdeu.

– Tudo bem. Se você está dizendo...

– Volte aqui depois de amanhã. Aí nós bolamos algum plano. Vamos escapar dessa armadilha. Agora vá cuidar dos seus rapazes. E tome cuidado.

Locke tornou a sair para o hall e Nazca fechou as portas atrás dele. Ficou encarando-a enquanto o espaço entre as portas ia se estreitando, escondendo-a aos poucos, até as duas folhas finalmente baterem com o clique das fechaduras. Ele poderia jurar que ela havia piscado logo antes de sumir.

– ... e esta é a carta que você tirou. O seis de cúspides – falou Calo, erguendo uma carta e mostrando-a para os guardas da entrada.

– Puta que pariu, isso é bruxaria! – praguejou um deles.

– Que nada, é só o velho segredo dos Sanzas. – Calo tornou a embaralhar as cartas com uma só mão e estendeu o baralho para Locke. – Quer tentar a sorte, patrão?

– Não, Calo, obrigado. Arrumem suas coisas, rapazes. Nosso assunto aqui por hoje acabou, então podem parar de importunar o pessoal das balestras. – Ele pontuou as frases com gestos das mãos:

sérias complicações; conversamos fora daqui.

– Caramba, que fome! – exclamou Jean, aproveitando a deixa. – Que tal irmos pegar alguma coisa no Último Erro e levarmos para casa?

– É – disse Pulga. – Cerveja e torta de damasco!

– Uma combinação tão nojenta que sinto um estranho impulso de prová-la.

Jean deu um tapinha atrás da cabeça do mais jovem dos Nobres Vigaristas, depois assumiu a dianteira e a gangue se encaminhou para o estreito caminho de madeira que ligava a Tumba Flutuante ao resto do mundo.

9

TIRANDO CAPA BARSAVI – PARA quem a gangue de Locke continuava a passar alguns dias por semana sentada nos degraus do templo, mesmo depois da morte de Correntes –, nenhuma Pessoa Certa de Camorr sabia que os Nobres Vigaristas ainda trabalhavam na Casa de Perelandro. Calo, Galdo e Pulga alugavam quartos em vários pontos da Arapuca e de seus arredores e mudavam-se a cada poucos meses. Locke e Jean fingiam morar juntos havia muitos anos. Por um grande golpe de sorte, ou de azar, Jean lhes arrumara aposentos no sexto andar da Torre Partida.

Em meio à noite escura e chuvosa, nenhum dos integrantes da gangue estava ansioso para se aventurar na escada externa que descia pela lateral norte da torre. Uma chuva sibilante chacoalhava as venezianas e o vento produzia um sinistro suspiro que ia e vinha ao passar pelas fendas e rachaduras da velha construção. Os Nobres Vigaristas se achavam sentados em almofadas no chão sob a luz de lamparinas de papel bebendo o que ainda lhes restava de cerveja, daquele tipo claro e adocicado que a maioria dos nativos de Camorr preferiam à escura e amarga bebida verrari. O ambiente estava abafado, mas pelo menos relativamente seco.

Durante o jantar, Locke lhes contara a história inteira.

– Bem, essa é a pior maldição que poderia ter caído sobre o nosso maldito golpe – comentou Galdo.

– Eu digo e repito: o melhor seria desistir do golpe contra Dom Salvara e nos preparar para enfrentar uma tempestade – opinou Jean. – Essa história do Rei Cinza está ficando assustadora e não podemos ter nossa atenção desviada se Locke vai estar bem no centro dos acontecimentos.

– Quando vamos desistir do golpe? – indagou Calo.

– Vamos desistir agora – respondeu Jean. – Ou no máximo depois de conseguirmos mais uma promissória do Dom.

– Humm... – Locke encarou o resto de cerveja no fundo de seu copo de bronze. – Nós demos duro para aplicar esse golpe. Estou certo de que podemos ganhar mais 5 ou 10 mil coroas. Talvez não as 25 mil que estávamos pretendendo tirar de Salvara, mas o suficiente para ficarmos orgulhosos. Afinal, eu apanhei feio e Pulga pulou de um prédio por esse dinheiro.

– E fui rolado por 3 quilômetros dentro de um maldito barril!

– Ah, Pulga, o velho e malvado barril não pulou em cima de você em um beco e o forçou a entrar nele – replicou Galdo. – E eu concordo com Jean. Já disse isso hoje à tarde, Locke. Mesmo que você

não considere seriamente a possibilidade de fazer uso delas, podemos pelo menos tomar algumas providências para escondê-lo depressa? Quem sabe até fora da cidade.

– Ainda não consigo acreditar que estou ouvindo um Sanza recomendar cautela – disse Locke com um sorriso. – Achei que nós fôssemos mais ricos e mais espertos do que todos os outros.

– Sempre que houver uma chance de você ter o pescoço cortado, Locke, vai ouvir isso muitas vezes. – Calo continuou no ponto em que o irmão havia parado. – Eu mudei de ideia em relação ao Rei Cinza. Talvez esse louco solitário seja mesmo mais esperto que três mil de nós. Você pode ser um dos alvos dele. E se Barsavi o quer ainda mais próximo do seu círculo íntimo, isso abre a porta para mais problemas.

– Podemos deixar de lado um instante só essa conversa sobre cortar pescoços? – Locke se levantou e se virou para a janela fechada que dava para o mar. Com as mãos unidas nas costas, fingiu olhar por ela. – Quem somos nós, afinal? Quando o Capa me disse aquilo, confesso que quase me joguei na maldita baía. Mas depois tive tempo para pensar, então entendam bem uma coisa: nós pegamos a velha raposa. Estamos com ele está na palma da mão. Sério, rapazes. Nós somos tão bons no que fazemos que ele está pedindo ao Espinho de Camorr para *se casar com a sua filha*, porra. Estamos tão longe de sermos pegos que chega a ser engraçado.

– Mesmo assim, é uma complicação que pode prejudicar nossas ações *para sempre*, e não um feito do qual vamos poder nos gabar – retrucou Jean.

– É claro que vamos poder nos gabar, Jean. Eu vou me gabar agora mesmo. Será que você não entende? Isso não é diferente do que fazemos todos os dias. É um trabalho como outro qualquer para os Nobres Vigaristas. A única diferença é que vamos ter de fazer Nazca trabalhar comigo para alcançar o sucesso. Não temos como perder. Eu tenho a mesma probabilidade de me casar com ela quanto de ser nomeado herdeiro do Duque Nicovante amanhã.

– Você tem um plano? – O olhar de Jean mostrou que ele estava curioso, mas desconfiado.

– Nem sombra de um plano. Não tenho a menor ideia do que nós vamos fazer. E todos os meus melhores planos começam justamente assim. – Locke despejou o resto da cerveja goela abaixo e jogou a caneca de bronze na direção da parede. – Já tomei minha cerveja e já comi minhas tortas de damasco, e agora eles dois que se danem, o Rei Cinza e Capa Barsavi. Ninguém vai nos assustar a ponto de nos fazer desistir do golpe contra Dom Salvara e ninguém vai me casar com Nazca contra a nossa vontade. Nós vamos fazer o que sempre fazemos: esperar uma oportunidade, aproveitá-la e vencer, porra.

– Ahn... ok. – Jean deu um suspiro. – Pelo menos você nos deixa tomar algumas precauções? E promete tomar cuidado por aí?

– Claro, Jean, claro. Arrume uns lugares para nós em algum navio verossímil; gaste o que for preciso. Não ligo para onde vamos, contanto que não seja Jerem. Podemos sumir em um lugar qualquer durante algumas semanas e depois voltar discretamente quando quisermos. Calo e Galdo, vão até o Portão do Visconde amanhã. Deixem um agradinho para os rapazes de amarelo para podermos sair da cidade em uma hora esquisita se preciso for. Não sejam mesquinhos com a prata e o ouro.

– E eu, o que posso fazer? – indagou Pulga.

– Você pode garantir a nossa retaguarda. Fique de olhos bem abertos. Esgueire-se ao redor do

templo. Veja se tem alguém fora de lugar, alguém que se demore demais. Se qualquer um estiver tentando nos vigiar, eu prometo, eu *garanto* que vamos sair de circulação e desaparecer feito mijo no mar. Até isso acontecer, confiem em mim: prometo concentrar a maior parte das minhas andanças como Lukas Fehrwight nos próximos dias; também posso usar uns disfarces mais baratos.

– Então suponho que esteja decidido – disse Jean em voz baixa.

– Jean, eu posso ser o seu *garrista* ou posso ser apenas o cara que compra cerveja e torta quanto todos os outros perdem misteriosamente a carteira. – Locke fitou os outros com uma cara feia exagerada. – Não posso ser as duas coisas: ou é uma ou outra.

– Estou nervoso porque não gosto de ter tão pouca informação quanto temo que tenhamos agora. Eu compartilho das suspeitas de Nazca. O Rei Cinza tem alguma carta escondida na manga, algo que nós não entendemos. O nosso golpe é muito delicado e a nossa situação está muito... movediça.

– Eu sei. Mas eu sigo meu instinto, que me diz para enfrentarmos essa situação sorrindo. Olhem aqui, quanto mais nós fazemos o que fazemos, mais eu aprendo sobre aquilo para o que acho que Correntes estava realmente nos treinando. E ele estava nos treinando para o que está acontecendo agora. Não para um mundo calmo e ordeiro em que pudéssemos escolher e decidir quando precisávamos ser espertos, mas para uma situação *escrota sob todos os aspectos*. Bem, é nela que estamos agora e na minha opinião podemos controlá-la. Não preciso de ninguém para me lembrar que estamos mergulhados em água escura até o pescoço. Só peço a vocês que se lembrem de que os malditos tubarões somos nós.

– É, caramba! – exclamou Pulga. – Eu sabia que tinha um motivo para deixar você mandar nesta gangue!

– Bem, não posso discutir com a sabedoria manifesta do menino que pula de telhados de templos. Mas espero que meus comentários tenham sido ouvidos – falou Jean.

– Muito ouvidos – garantiu Locke. – Recebidos, reconhecidos e devidamente considerados com a maior gravidade possível. Selados, registrados e firmemente gravados na minha essência racional.

– Pelos deuses, você está mesmo otimista em relação a isso tudo, não é? Só costuma fazer brincadeiras com as palavras quanto está com uma visão positiva das coisas.

Jean suspirou, mas não conseguiu evitar um ricto no canto da boca.

– Locke – disse Calo –, você precisa entender que, se por acaso acabar correndo perigo, nós vamos ignorar as ordens do nosso *garrista*, dar uma porrada por trás na cabeça dura do nosso amigo e contrabandear-lo para fora de Camorr dentro de uma caixa. Eu tenho o porrete certo para o serviço.

– E eu, a caixa – completou Galdo. – Na verdade, há anos espero uma desculpa para usá-la.

– Igualmente ouvido, com meus agradecimentos – disse Locke. – Mas, pela graça do Guardião Torto, prefiro confiar *em nós*. Prefiro confiar na avaliação de Correntes. É continuar fazendo o que fazemos melhor. Amanhã tenho trabalho como Fehrwight e, depois de amanhã, vou visitar Nazca. O Capa espera que isso aconteça e tenho certeza de que até lá ela também terá tido alguma ideia.

Locke pensou outra vez na última imagem dela que tinha visto, naquela piscadela logo antes de as duas imensas portas de madeira escura se fecharem entre os dois. Nazca havia passado a vida inteira guardando os segredos do pai. Será que ter um segredo seu que pudesse esconder de Barsavi significava algo para ela?

O menino que chorou por causa de um cadáver

1

NO DIA SEGUINTE À VISITA ao Último Erro, Padre Correntes não deu trégua na educação de Locke. Com a cabeça ainda a latejar com a ressaca provocada pelo rum escuro, ele começou a aprender sobre os sacerdócios de Perelandro e do Benfeitor. Havia gestos e fórmulas ritualísticas, formas de cumprimento e significados por trás das decorações das vestes. Em seu quarto dia sob os cuidados de Correntes, Locke começou a se sentar nos degraus como um dos “iniciados de Perelandro”, vestido de branco e tentando passar uma impressão adequadamente humilde e digna de pena.

Com o passar das semanas, o escopo dos ensinamentos de Correntes se ampliou. Locke passou a fazer duas horas diárias de leitura e escrita. Aos poucos, seus garranchos foram ficando mais fluidos até os Sanzas anunciarem que ele não mais escrevia “como um cão com uma flecha espetada no cérebro”. Locke ficou tocado o suficiente com seu elogio para salpicar suas camas com pimenta. Os gêmeos ficaram doidos quando suas tentativas de retaliação foram frustradas pela pura paranoia que Locke ainda carregava consigo depois das experiências no Morro das Sombras e na peste do Pegafogo: era simplesmente impossível surpreendê-lo.

– Os irmãos nunca encontraram um rival em matéria de maldades – comentou Correntes com Locke enquanto estavam sentados nos degraus em um dia parado. – Agora estão ressabiados com você. Quando começarem a lhe pedir *conselhos*, bem... aí você saberá que os domou.

Locke sorriu e não respondeu nada: naquela manhã mesmo, Calo tinha se oferecido para ajudá-lo com as somas se o menorzinho dos Nobres Vigaristas contasse aos gêmeos como conseguia sempre detectar suas armadilhas e neutralizá-las.

Locke revelou bem poucos de seus truques de sobrevivência, mas aceitou a ajuda dos Sanzas nos estudos de aritmética. Sua única recompensa para cada avanço era receber de Correntes um problema ainda mais complexo. Ao mesmo tempo, começou a aprender a falar vadrã. O mestre dava ordens simples nesse idioma e, quando Locke adquiriu uma familiaridade razoável com ele, Correntes passou muitas vezes a proibir os três meninos de falarem qualquer outra língua por horas a fio. Até mesmo suas conversas durante o jantar ocorriam no idioma setentrional áspero e desprovido de lógica. Para Locke, muitas vezes parecia impossível dizer qualquer coisa em vadrã que não soasse zangada.

– Vocês não vão escutar muitas Pessoas Certas falando essa língua, mas com certeza vão escutá-la no cais e entre os comerciantes – informou Correntes. – Ao ouvirem alguém falando-a, nunca deixem transparecer que a conhecem, a menos que sejam obrigados. Vocês ficariam espantados com a arrogância de alguns desses tipos do Norte em relação ao seu idioma. Finjam-se de bobos, apenas: nunca se sabe o que eles podem deixar escapar.

Houve mais instruções nas artes culinárias; dia sim, dia não, Correntes fazia Locke trabalhar exaustivamente junto ao fogão, com Calo e Galdo lhe dando ordens vigorosas.

– Essa é a *vicce alo apona*, a Quinta Linda Arte de Camorr – explicou Correntes. – Os cozinheiros das guildas aprendem todos os oito estilos melhor do que aprendem a usar o próprio pau, mas por enquanto você vai se ater ao básico. Mas veja bem: o nosso básico supera em muito o melhor de qualquer um. Apenas Kartane e Emberlane chegam perto. A maioria dos vadrãs não saberia distinguir entre uma culinária refinada e cocô de rato em óleo de lamparina. Pois então, aqui temos a pimenta pitada-de-ouro, aqui azeite jereshti, e logo atrás eu guardo casca de limão-canela seca...

Locke preparou guisado de polvo com batatas cozidas e fatiou peras, maçãs e frutos alquímicos híbridos que soltavam um licor com cheiro de mel. Temperou, condimentou e mordeu a própria língua em furiosa concentração. Muitas vezes era o arquiteto de intragáveis refeições que eram jogadas atrás do templo para o bode comer. À medida que foi melhorando em tudo o mais que lhe solicitavam, porém, melhorou regularmente junto ao fogão. Os Sanzas logo pararam de provocá-lo e começaram a confiar nele como assistente para suas próprias e delicadas criações.

Certa noite, seis meses depois de Locke chegar à Casa de Perelandro, ele e os gêmeos colaboraram na preparação de uma travessa de tubarão-bebês recheados; o prato fazia parte da *vicce enta merre*, a Primeira Linda Arte, a culinária das criaturas marinhas. Calo retirou as vísceras dos tubarõezinhos de pele macia e os recheou com pimentões vermelhos e amarelos por sua vez já preenchidos por Locke com linguiça e queijo de sangue. Os pequeninos olhos dos peixes foram substituídos por azeitonas pretas. Uma vez removidos os dentes, as bocas foram recheadas com cenouras caramelizadas e arroz, e as barbatanas e caudas cortadas para serem fervidas em sopa.

– Aaahh – fez Correntes quando a complexa refeição já satisfizera os quatro. – Estava mesmo excelente, meninos. Mas enquanto vocês estiverem tirando a mesa e lavando a louça, só quero ouvi-los falar vadrã...

E assim era sempre. Locke aprimorou sua instrução na arte de pôr a mesa e servir indivíduos de grande status; aprendeu a segurar uma cadeira e a servir chá e vinho. Ele e os Sanzas orquestravam complexos rituais à mesa do jantar com a mesma gravidade de galenos abrindo um paciente. Havia aulas de vestuário: como amarrar gravatas, afivelar sapatos, usar corretamente peças caras e afetadas tais como ceroulas. Era uma variedade estonteante de instruções relacionada a praticamente todas as esferas do conhecimento humano, com exceção do roubo.

À medida que o primeiro aniversário da chegada de Locke ao templo foi se aproximando, isso mudou.

– Estou devendo alguns favores, meninos – anunciou Correntes certa noite no terraço sem vida do templo. Era ali que ele preferia conversar sobre todos os assuntos mais importantes de sua vida juntos, pelo menos em dias sem chuva. – Favores que não posso adiar quando determinadas pessoas me pedem.

– Pessoas como o Capa? – indagou Locke.

– Não desta vez. – Correntes deu um profundo trago no cigarro que sempre fumava depois do jantar. – Dessa vez estou devendo aos alquimistas negros. Vocês sabem quem eles são, não sabem?

Embora hesitantes, Calo e Galdo aquiesceram. Locke, porém, fez que não.

– Bem, existe a Guilda dos Alquimistas, mas eles são muito exigentes na admissão de seus membros e no tipo de trabalho que lhes permitem fazer. Os alquimistas negros são um dos motivos que fazem a Guilda ter regras tão rígidas. Eles fazem negócios em lojas clandestinas com pessoas como nós.

Drogas, venenos, coisas assim. O Capa os comanda assim como comanda a nós, mas ninguém de fato manda neles. Eles não são, ahn, o tipo de pessoa que se quer desagradar. Jessaline d'Aubart decerto é a melhor de todos eles. Eu, ahn, certa vez tive a oportunidade de ser envenenado e ela resolveu o assunto para mim. Assim sendo, tenho uma dívida e ela finalmente a está cobrando. Precisa de um cadáver.

– Cova dos Pedintes – disse Calo.

– E uma pá – completou Galdo.

– Não, ela precisa de um cadáver fresco. Ainda quente e suculento, por assim dizer. Por decreto ducal, as guildas dos alquimistas e dos galenos têm direito a um determinado número de cadáveres frescos por ano. Vindos direto da forca, para serem abertos e examinados. Os alquimistas negros não têm a mesma cortesia e Jessaline quer testar algumas teorias. Portanto, eu decidi que vocês, meninos, vão trabalhar juntos em sua primeira missão de verdade. Quero que encontrem um cadáver mais fresco do que pão recém-saído do forno. Apoderem-se dele sem atrair atenções indesejadas e tragam-no até aqui para eu poder entregá-lo a Jessaline.

– Roubar um cadáver? Não vai ser nada divertido – reclamou Galdo.

– Considerem isso um valioso teste das suas habilidades – retrucou Correntes.

– Nós vamos ter que roubar muitos cadáveres no futuro? – perguntou Calo.

– Isso não é um teste das suas capacidades de roubar cadáveres, seu miolo-mole atrevido – respondeu Correntes com uma voz afável. – O que eu quero é ver como vocês *trabalham juntos* para obter algo mais sério do que o nosso jantar preparado. Cogitarei a possibilidade de ajudá-los com qualquer coisa que me pedirem, mas não vou lhes dar nenhuma pista. Vocês vão ter que se virar sozinhos.

– Qualquer coisa que pedirmos? – repetiu Locke.

– Dentro dos limites do bom senso – respondeu Correntes. – E que fique bem claro: vocês não podem produzir o cadáver. Precisam encontrá-lo honestamente morto pelas mãos de outra pessoa.

A voz de Correntes soou tão severa ao dizer isso que os Sanzas passaram alguns segundos encarando Locke, desconfiados, em seguida se entreolharam com as sobancelhas arqueadas.

– Bem, para quando essa dama quer o cadáver? – indagou Locke.

– Ela ficaria muito satisfeita se pudesse tê-lo daqui a uma ou duas semanas.

Locke aquiesceu e passou um tempo fitando as próprias mãos.

– Calo, Galdo, podem ficar sentados nos degraus amanhã para eu poder pensar nesse assunto? – perguntou.

– Sim – responderam os irmãos sem hesitar.

Padre Correntes não deixou de perceber a pontinha de esperança em suas vozes. Iria se lembrar desse instante para sempre: a noite em que os gêmeos aceitaram que Locke seria o cérebro de sua operação. A noite em que ficaram *aliviados* com isso.

– Morto honestamente, não pelas nossas mãos e nem rígido ainda – resumiu Locke. – Certo. Eu sei que podemos conseguir. Vai ser fácil, só não sei ainda por que nem como.

– Sua segurança muito me anima, mas quero que você se lembre de que a sua rédea vai ser curta – falou Correntes. – Se por acaso uma taberna pegar fogo ou uma rebelião estourar perto de você, eu o atiro aqui de cima com pesos amarrados no pescoço.

Calo e Galdo tornaram a olhar para Locke.

– Rédeas curtas. Certo. Mas não se preocupe – disse Locke. – Eu não sou mais tão imprudente quanto costumava ser. Quando era pequeno, sabe?

2

NO DIA SEGUINTE, LOCKE PERCORREU sozinho pela primeira vez o Bairro dos Templos em meio a pessoas muito mais altas que ele; usava uma túnica branca limpa da ordem de Perelandro com bordados em prata nas mangas. Ficou espantado com a cortesia que a túnica provocava – cortesia, ele percebeu, que em muitos casos só era atribuída parcialmente ao pobre bobo que a usava.

A maioria dos camorris via a Ordem de Perelandro com uma mistura de cinismo e religiosidade culpada; o pedido descarado por esmolas não agradava ao coração duro dos habitantes da cidade. No entanto, a reputação de Padre Correntes como uma exuberante aberração da religiosidade rendia alguns dividendos. Homens que com certeza faziam piada com os amigos em relação aos lamentos dos sacerdotes de túnica branca do Deus dos Pedintes mesmo assim atiravam moedas na cuia de Correntes ao passar por seu templo, com os olhos virados para o lado. Ficou claro que também permitiam a um pequeno iniciado de túnica passear pelas ruas sem ser incomodado: grupos abriam espaço e comerciantes meneavam a cabeça quase com educação enquanto Locke seguia o seu caminho.

Pela primeira vez, ele experimentou a forte emoção de andar em público usando um bom disfarce.

O sol escalava o céu em direção ao meio-dia, a multidão era densa e a cidade reverberava com os ecos e murmúrios dos passantes. Locke seguiu a passos decididos até o canto sudoeste do Bairro dos Templos, onde uma passarela de vidro se arqueava por cima do canal e conduzia à ilha da Antiga Cidadela.

Essas passarelas eram outro legado deixado pelos Ancestres que governavam aquela terra antes da chegada dos homens: estreitos arcos de vidro, da mesma largura dos quadris de um homem, dispostos em pares sobre a maioria dos canais de Camorr e em vários pontos do rio Angevino. Embora parecessem lisos, suas superfícies reluzentes eram ásperas como couro de tubarão. Para aqueles suficientemente ágeis e confiantes, eram um modo prático de atravessar os canais em muitos pontos. O tráfego era sempre de mão única: um decreto ducal estabelecia que qualquer um que estivesse indo na direção errada podia ser empurrado por quem tivesse a prioridade.

Enquanto seguia depressa por uma dessas pontes, entretido em pensamentos, Locke recordou algumas das aulas de história que Correntes lhe dera. O bairro da Antiga Cidadela era onde viviam séculos antes os Duques de Camorr, quando todas as cidades-estado governadas pelo povo terim obedeciam a um mesmo Trono na cidade imperial de Terim Pel. Essa linhagem de nobreza camorri, que nutria um temor supersticioso em relação às torres de vidro perfeitas deixadas pelos Ancestres, havia erguido um imenso palácio de pedra no coração do sul de Camorr.

Quando um dos remotos antepassados de Nicovante – para detalhes mais precisos como esse da história da cidade, o conhecimento de Locke, em geral prodigioso, se dissolvia em uma névoa de total indiferença – fixara residência na torre de vidro prateada chamada Pontacorvo, a velha

fortaleza da família se transformara no Palácio da Paciência: o centro da justiça cidadina de Camorr, se é que tal coisa existia. Ali ficava o quartel-general dos casacas-amarelas e seus oficiais, bem como dos Magistrados Ducais, doze homens e mulheres que julgavam seus casos trajando túnicas vermelhas e máscaras de veludo, sem nunca revelar ao público sua verdadeira identidade. Cada um era batizado em homenagem a um dos meses do ano – Juiz Partis, Juiz Festal, Juiz Aurim, e assim por diante –, mas todos trabalhavam o ano inteiro.

Além disso, havia as masmorras, as forcas da Ponte Negra que conduzia aos portões do palácio e *outras coisas* também. Embora a Paz Secreta tivesse reduzido drasticamente a quantidade de pessoas que efetuavam o curto e rápido mergulho da ponte – e o Duque Nicovante adorava atribuir isso à sua própria magnanimidade –, seus funcionários tinham inventado outras punições espetaculares por sua astúcia cruel, embora tecnicamente não letais.

O palácio era uma pilha imensa e quadrada de pedra negra e cinza, com dez andares de altura; os enormes tijolos que constituíam seus muros haviam sido dispostos para formar mosaicos simples que, com o tempo, tinham adquirido um aspecto fantasmagórico. As fileiras de janelas com altos arcos que o decoravam eram feitas de um vitral em que predominavam motivos pretos e vermelhos. À noite, uma luz ameaçadora cintilava em cada uma delas, como olhos vermelhos a brilhar debilmente no escuro em todas as direções. As janelas nunca ficavam às escuras, passando uma mensagem bem clara.

Em cada um dos quatro cantos do palácio erguia-se uma torre circular aberta que parecia suspensa no ar a partir do sétimo ou oitavo andar. De suas laterais pendiam gaiolas de ferro preto, onde prisioneiros escolhidos para tratamentos particularmente cruéis ficavam expostos por algumas horas ou mesmo alguns dias, sentados e com os pés dependurados para fora. Mesmo elas, porém, pareciam cadeiras no paraíso em comparação com as gaiolas de aranha, espetáculo que Locke pôde ver – por entre as costas e ombros dos adultos – ao sair da passarela e se juntar à multidão da Antiga Cidadela.

Na torre sudeste do Palácio da Paciência, estava pendurada meia dúzia de gaiolas sustentadas por longas correntes de aço, que oscilavam de leve na brisa como pequenas aranhas em fios de seda. Duas delas estavam se movendo: uma subia devagar enquanto a outra descia depressa. Os prisioneiros condenados a essa punição não podiam ter um só instante de repouso, assim outros criminosos operavam imensos cabrestantes no alto da torre, revezando-se sem descanso até que o ocupante da gaiola fosse considerado suficientemente sacudido e contrito. À noite, mesmo de bairros distantes, muitas vezes era possível escutar os prisioneiros lá dentro gritarem e implorarem clemência.

A Antiga Cidadela não era um bairro dos mais cosmopolitas. Do lado de fora do Palácio da Paciência, havia docas nos canais e estábulos de uso exclusivo dos casacas-amarelas, escritórios para os coletores de impostos do Duque, escreventes e outros funcionários, além de pequenos e mal-afamados cafés nos quais advogados independentes e escreventes jurídicos tentavam conseguir trabalho com os parentes e amigos dos prisioneiros detidos no palácio. Algumas casas de penhor e outros comércios ainda resistiam no trecho norte da ilha, mas em sua maioria eram sobrepujados pelos negócios mais sombrios do governo ducal.

O outro marco importante do bairro era a Ponte Negra, que ligava a Antiga Cidadela ao Mara

Camorrazza, um arco alto feito em pedra negra, de fabricação humana, enfeitado com lamparinas vermelhas dotadas de véus pretos cerimoniais que podiam ser abaixados ao se puxar uma corda. Os enforcamentos ocorriam sobre uma plataforma de madeira que se estendia ao sul da ponte; dizia-se que, caso os condenados expirassem acima de água corrente, suas almas inquietas eram levadas para o mar. Alguns pensavam que eles reencarnavam como tubarões, o que explicava o problema que essas criaturas causavam na Baía de Camorr, e essa crença não era totalmente descartada. Para a maioria dos camorris, a reencarnação era um fato da vida.

Locke passou um bom tempo com os olhos pregados na Ponte Negra, exercitando a capacidade para a reflexão que Correntes tanto reprimira durante longos meses. Apesar de ele ser jovem demais para qualquer autoanálise, aquele processo de reflexão lhe proporcionava um genuíno prazer, como uma pequena esfera de calor lhe aquecendo a boca do estômago. Não tinha um nome para o que estava fazendo, mas, em meio aos seus pensamentos confusos, um plano começou a tomar forma e, quanto mais ele pensava a respeito, mais satisfeito ficava consigo mesmo. Era uma sorte que o capuz branco escondesse seu rosto dos passantes, pois assim ninguém veria um iniciado de Perelandro encarando fixamente uma forca e estampando um largo sorriso.

3

– PRECISO DO NOME DE qualquer pessoa que vá ser enforcada nas próximas uma ou duas semanas – disse Locke no dia seguinte, sentado ao lado de Correntes nos degraus do templo.

– Se você fosse empreendedor, coisa que com certeza é, poderia conseguir essa informação sozinho e deixar em paz seu pobre mestre velho e gordo – respondeu o sacerdote.

– Eu até conseguiria, mas preciso que outra pessoa faça isso para mim. Não vai dar certo se eu for visto rondando o Palácio da Paciência antes dos enforcamentos.

– O que não vai dar certo?

– O plano.

– Ah, ah! Seu ladrãozinho atrevido do Morro das Sombras, achando que pode esconder as coisas de mim. Que plano?

– O plano para roubar um cadáver.

– Certo. Quer me dizer mais alguma coisa a respeito?

– É brilhante.

Um passante jogou algo dentro da cuia. Locke fez uma medida e o sacerdote agitou as mãos na direção aproximada do homem, fazendo retinir as correntes que o prendiam, e gritou:

– Cinquenta anos de saúde para você e seus filhos e as bênçãos do Senhor dos Enjeitados!

Depois que o homem se afastou, murmurou para Locke:

– Deveriam ter sido cem anos, mas esse barulho me pareceu um meio-cobre lascado. Agora me conte seu plano brilhante. Sei que já bolou planos audaciosos, mas não tenho tanta certeza se algum deles já foi *brilhante*.

– Então esse vai ser. Estou falando sério. Mas preciso desses nomes.

– Assim seja. – Correntes se recostou e se espreguiçou, soltando um grunhido de satisfação quando

suas costas rangeram e estalaram. – Vou conseguir os nomes para você hoje à noite.

– E vou precisar de algum dinheiro.

– Ah. Bem, eu já imaginava. Pegue o que precisar no cofre e anote no livro. Mas se fizer mau uso desse dinheiro...

– Já sei: pesos de chumbo, gritos, morte.

– Algo assim. Você é meio miúdo, mas ainda assim acho que Jessaline poderia aprender uma ou duas coisinhas com o seu cadáver.

4

NO DIA DA PENITÊNCIA é que aconteciam tradicionalmente os enforcamentos em Camorr; uma vez por semana, um grupo de prisioneiros soturnos era escoltado do Palácio da Paciência por sacerdotes e guardas. As execuções ocorriam ao meio-dia.

Às oito da manhã, quando os funcionários do pátio do palácio abriam as venezianas de madeira de seus guichês e se acomodavam para um longo dia a repetir “Deem o fora daqui, em nome do Duque!” a todos os que se apresentavam, três iniciados de Perelandro de túnica entraram no pátio empurrando um carrinho de madeira. O menor dos três se aproximou do primeiro guichê livre, o rostinho fino mal alcançando a borda.

– Ora, que coisa mais estranha – comentou a funcionária, uma mulher já no fim da meia-idade cujo formato lembrava um saco de batatas, mas sem o mesmo calor ou aconchego. – Posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Um homem vai ser enforcado – falou Locke. – Ao meio-dia de hoje.

– Não me diga. Pensei que fosse um segredo de Estado.

– O nome dele é Antrim. Antrim Maneta, é assim que o chamam. Ele tem...

– Uma mão só. Sim, vai ser enforcado hoje. Incêndio criminoso, roubo, envolvimento com traficantes de escravos. Um homem encantador.

– O que eu ia dizer é que ele tem uma esposa. Ela quer discutir um assunto. Relacionado ao marido.

– Olhe aqui, a hora dos recursos já passou. Saris, Festal e Tattris assinaram o decreto de morte. Antrim Maneta agora pertence a Morgante e, depois, vai pertencer a Aza Guilla. Nem mesmo um dos adoráveis petizes do Deus dos Pedintes pode ajudá-lo agora.

– Eu sei – retrucou Locke. – Não quero que ele seja poupado. A esposa não liga que ele seja enforcado. Vim aqui falar sobre o cadáver.

– É mesmo? – Uma genuína curiosidade acendeu pela primeira vez os olhos da mulher. – Que coisa mais estranha. O que tem o cadáver?

– A mulher sabe que ele merece ser enforcado, mas quer que ele tenha uma chance mais justa. Com a Senhora do Longo Silêncio, sabe? Então ela pagou para nós pegarmos o cadáver dele e levarmos para o nosso templo. Assim vamos poder acender velas e rezar durante três dias e três noites pela intervenção de Perelandro. Depois disso, vamos queimá-lo.

– Ora, ora. Os cadáveres em geral são retirados das cordas depois de uma hora e jogados na Cova

dos Pedintes. É mais do que merecem, mas pelo menos é limpo. Nós em geral não os entregamos a todo mudo que aparece pedindo.

– Eu sei. Meu mestre é cego e nunca sai do templo, senão ele mesmo teria vindo aqui explicar. Mas ele depende de nós. Me falou para dizer que ele sabe que fazer isso vai criar problemas para a senhora.

A mãozinha de Locke surgiu acima da borda do guichê e, quando tornou a desaparecer, havia uma bolsinha de couro sobre o balcão da funcionária.

– É muita consideração da parte dele. Todos nós sabemos como o velho Padre Correntes é dedicado. – A mulher recolheu a bolsinha até atrás do guichê, a sacudiu, fazendo-a tilintar, e soltou um grunhido. – Mesmo assim ainda é um problema.

– Meu mestre ficaria grato por qualquer ajuda que a senhora puder nos dar.

Uma segunda bolsinha surgiu sobre o guichê e a funcionária abriu um sorriso.

– É uma possibilidade. Mas não é certo ainda, claro.

Locke fez aparecer uma terceira bolsinha e a mulher então aquiesceu.

– Vou falar com os Mestres das Cordas, pequenino.

– Nós até trouxemos nosso próprio carrinho. Não queremos causar nenhum incômodo.

– Estou certa de que não vão causar. – A atitude dela se suavizou por um instante apenas. – Eu não estava falando sério quando disse aquilo sobre o Deus dos Pedintes, menino.

– Nem eu levei a mal, senhora. Afinal de contas, é isso que nós fazemos. – Ele a presenteou com o que considerava seu sorriso mais encantador. – A senhora não me deu o que eu estava pedindo só porque eu implorei, só por causa da bondade do seu coração, sem qualquer dinheiro envolvido?

– Ora, é claro que sim.

Ela lhe deu uma piscadela.

– Vinte anos de saúde para a senhora e seus filhos – disse Locke, fazendo uma mesura e desaparecendo por um breve instante sob a borda do guichê. – E as bênçãos do Senhor dos Enjeitados.

5

FOI UM ENFORCAMENTO RÁPIDO E bem-conduzido; os Mestres das Cordas do Duque pelo menos tinham experiência no que faziam. Não foi a primeira execução que Locke presenciava e tampouco seria a última. Ele e os Sanzas tiveram até a chance de executar todos os gestos de reverência adequados quando um dos condenados implorou pelas bênçãos de Perelandro em seu último instante.

O tráfego na Ponte Negra foi interrompido para as execuções. Em seguida, uma pequena multidão formada por guardas, espectadores e sacerdotes ficou esperando passar a obrigatória uma hora. Os cadáveres oscilavam na brisa abaixo deles e as cordas rangiam. Locke e os gêmeos se mantiveram a uma distância respeitosa com seu carrinho.

Por fim, os casacas-amarelas começaram a suspender os cadáveres um a um sob o olhar atento de vários sacerdotes de Aza Guilla e a depositá-los sobre uma carroça aberta puxada por dois cavalos

negros envoltos com os panos pretos e prateados da ordem da Deusa da Morte. O último corpo a ser içado foi o de um homem magro e musculoso com uma barba comprida e a cabeça raspada; sua mão esquerda terminava em um coto vermelho e enrugado. Quatro casacas-amarelas levaram o corpo até o carrinho junto ao qual os meninos aguardavam, acompanhados por uma sacerdotisa de Aza Guilla. Locke sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha quando se inclinou na sua direção a inescrutável máscara prateada de padrão gradeado.

– Pequenos irmãos de Perelandro, o que vocês pedem em sua intervenção pela alma deste homem?
– indagou a sacerdotisa.

Ela tinha a voz de uma mulher bem jovem, talvez de apenas 15 ou 16 anos. Aos olhos de Locke, esse fato só fez acentuar o caráter sinistro de sua presença e ele constatou subitamente que estava com a garganta seca.

– Pedimos o que puder ser concedido – respondeu Calo.

– Não cabe a nós fazer suposições quanto à vontade dos Doze – completou Galdo.

A sacerdotisa inclinou a cabeça muito de leve.

– Fiquei sabendo que a esposa deste homem solicitou que ele fosse levado para a Casa de Perelandro depois de morrer.

– Com todo o respeito, ela deve ter achado que ele precisasse disso – falou Calo.

– Existem precedentes para isso. Contudo, é muito mais comum os enlutados buscarem intervenção da Senhora.

– Nosso mestre, ahn, prometeu solenemente à pobre mulher que iríamos cuidar de seu marido. Nós não desejamos mal algum nem à senhora nem à Mais Bela Senhora, mas temos que cumprir nossa palavra.

– É claro. Longe de mim sugerir que vocês tivessem feito algo errado. Haja o que houver, antes de o seu caixão ser enterrado, quem o julgará no final será a Senhora.

Ela fez um gesto e os casacas-amarelas depositaram o cadáver sobre o carrinho. Um deles desfraldou um sudário de algodão barato e o pousou sobre o corpo de Antrim, deixando descoberto apenas o topo da cabeça.

– Que a Senhora do Longo Silêncio abençoe vocês e seu mestre.

– E que o Senhor dos Enjeitados abençoe a senhora e suas irmãs e irmãos – retrucou Locke, fazendo uma reverência junto com os gêmeos, pois a corda de prata trançada que a sacerdotisa usava no pescoço assinalava que ela era mais do que uma simples iniciada como eles três.

Os Sanzas seguraram cada qual um dos cabos na frente do carrinho e Locke assumiu a retaguarda para empurrá-lo e manter a carga equilibrada. Arrependeu-se na mesma hora de ter assumido essa posição: ao ser enforcado, o homem tinha cagado nas calças e o cheiro empestava o ar. Cerrando os dentes, ele ordenou:

– Para a Casa de Perelandro, com toda a dignidade.

Bem devagar, os irmãos começaram a puxar o carrinho, saíram pelo lado ocidental da Ponte Negra, depois viraram em direção ao norte rumo à larga e baixa ponte que conduzia à parte oriental do bairro do Mercado Cambiante. Era um caminho um tanto sinuoso para chegar em casa, mas nem um pouco suspeito, pelo menos até os três meninos de túnica branca se afastarem bastante de qualquer um que os tivesse visto presenciar o enforcamento. Movendo-se com um pouco mais de

pressa – e saboreando a deferência extra que o morto lhes conferia, com exceção de Locke, ainda atingido em cheio pelos eflúvios de seu derradeiro e fútil ato em vida –, eles dobraram à esquerda em direção às pontes que conduziam a Fauria.

Uma vez lá, prosseguiram em direção ao sul e entraram na Videnza, ilha relativamente limpa e espaçosa bastante patrulhada por casacas-amarelas. No centro do bairro, havia uma praça ocupada por mercadores e artesãos, nomes reconhecidos que desdenhavam o caos revolto do Mercado Cambiante e operavam no térreo de suas antigas residências elegantes e vergadas, sempre recém-cimentadas e caiadas sobre as estruturas de madeira. Os telhados eram tradicionalmente vitrificados em cores vivas e irregulares: azuis, roxas, vermelhas e verdes, elas provocavam o olhar e reluziam como vidro sob o sol forte e quente.

Na entrada norte dessa praça, Calo se afastou correndo do carrinho e desapareceu no meio da multidão. Locke saiu de sua posição na retaguarda murmurando preces de gratidão e assumiu o lugar dele. Assim organizados, eles conduziram sua estranha carga em direção à loja de Ambrosine Strollo, primeira-dama dos fabricantes de velas de Camorr e fornecedora do próprio Duque.

– Se existe uma ínfima parcela de genuína fraternidade em Camorr, um lugarzinho em que o nome de Perelandro não seja pronunciado com um desprezo permeado de pena, esse lugar é a Videnza – explicou Correntes certa vez. – Os mercadores são uma raça infeliz e os artesãos vivem soterrados em preocupações, mas quem consegue um bom lucro exercendo o ofício de sua escolha é de fato propenso a certa felicidade. Entre as pessoas comuns, são os que conseguem o melhor dos mundos. Contanto que os da nossa laia não se metam com eles.

Locke ficou impressionado com a reação quando o carrinho foi encostado em frente à casa de quatro andares de madame Strollo. Tanto comerciantes quanto clientes inclinaram a cabeça à passagem do cadáver; muitos chegaram a fazer o gesto mudo da bênção dos Doze, levando as duas mãos primeiro aos olhos, em seguida aos lábios e, por fim, ao coração.

– Meus caros, quanta honra, que incumbência *incomum* essa sua – disse madame Strollo.

Mulher esbelta já avançada em anos, ela era uma espécie de contraste cósmico da funcionária com a qual Locke tivera de lidar mais cedo. Uma deferência atenta emanava de Strollo; ela se comportava como se os dois pequenos iniciados de rosto corado, que suavam profusamente por baixo da túnica, fossem sacerdotes consumados de uma ordem mais influente. Se tinha sentido o cheiro da sujeira na calça de Antrim, não deu nenhum indício disso.

Strollo estava sentada diante da vitrine, sob um pesado toldo de madeira que à noite era abaixado para proteger o local de qualquer intrusão. A vidraça devia ter 3 metros de largura por 1,5 de altura e madame Strollo estava cercada por camadas e mais camadas, prateleiras e mais prateleiras de velas, como as casas e torres de uma fantástica cidade de cera. Globos alquímicos tinham substituído quase todos os círios baratos como a fonte de iluminação preferida tanto por nobres quanto por plebeus; os poucos fabricantes de velas que ainda restavam se defendiam misturando às suas criações aromas cada vez mais atraentes. Além disso, havia as necessidades cerimoniais dos templos e dos fiéis de Camorr, que a fria luz do vidro era universalmente considerada incapaz de suprir.

– Nós vamos velar este homem por três dias e três noites antes de enterrá-lo – informou Locke. – Meu mestre precisa de velas novas para a cerimônia.

– O velho Correntes, você quer dizer? Pobre homem. Vejamos... Vão querer lavanda para a limpeza, flor-de-sangue outonal para a bênção e rosas-sulfúricas para a Mais Bela Senhora?

– Por favor – respondeu Locke, sacando uma humilde bolsinha de couro que tilintou, cheia de prata. – E algumas velas votivas sem perfume. Meia dúzia de cada tipo.

Madame Strollo escolheu as velas com cuidado e as embrulhou em aniagem encerada. (“Um presente da casa”, murmurou quando Locke começou a abrir a boca. “E eu talvez coloque no embrulho mais de seis de cada tipo.”) Locke tentou discutir com ela só por cerimônia, mas a velha se tornou convenientemente surda por alguns segundos cruciais enquanto terminava de embrulhar a mercadoria.

Locke pagou com 3 sólons tirados da bolsinha – tomando cuidado para deixar ela ver que havia mais moedas lá dentro – e desejou a madame Strollo um século de saúde para si e para seus filhos em nome do Senhor dos Enjeitados, recuando para fora da loja. Pôs o embrulho de velas em cima do carrinho, encaixando-o logo abaixo do cobertor ao lado dos olhos vidrados de Antrim.

No mesmo instante em que se virou para tornar a assumir seu lugar ao lado de Galdo, um menino mais alto trajando andrajos trombou com ele e o fez cair de costas.

– Ah! – exclamou o menino, que na realidade era Calo Sanza. – Mil perdões! Como eu sou desastrado. Venha, deixe-me ajudá-lo a...

Ele segurou a mão estendida de Locke e o puxou para ajudá-lo a ficar em pé.

– Pelos doze deuses! Um iniciado. Perdoe-me, perdoe-me. Não vi que você estava na minha frente.

– Com muxoxos de preocupação, ele limpou a sujeira da túnica branca de Locke. – Tudo bem?

– Tudo, tudo.

– Perdoe minha falta de jeito; não foi minha intenção ofendê-lo.

– Não estou ofendido. Obrigado por me ajudar a levantar.

Calo fez uma mesura fingida, saiu correndo para o meio da multidão e, em poucos segundos, sumiu de vista. Locke limpou a própria roupa com gestos teatrais, contando devagar em silêncio até trinta. Quando chegou a trinta e um, sentou-se subitamente junto ao carrinho, segurou com as mãos a cabeça coberta pelo capuz e começou a fungar. Segundos depois, estava soluçando bem alto. Aproveitando a deixa, Galdo se aproximou, ajoelhou-se ao seu lado e levou uma das mãos ao seu ombro.

– Meninos, meninos! – chamou Ambrosine Strollo. – O que houve? Vocês se machucaram? Aquele desajeitado os machucou?

De forma exagerada, Galdo sussurrou algo no ouvido de Locke, que cochichou de volta. Galdo caiu sentado no chão, ergueu uma das mãos e puxou o próprio capuz em uma excelente imitação de frustração, com os olhos arregalados.

– Não, madame Strollo – respondeu ele. – É pior do que isso.

– Pior? Como assim? O que houve?

– A prata – balbuciou Locke, olhando para cima a fim de que ela pudesse ver as lágrimas escorrendo por seu rosto e o beijo projetado. – Ele levou minha bolsa. Ele... ele me roubou.

– Era o pagamento da viúva deste homem – continuou Galdo. – Não só pelas velas, mas pelo velório, por nossas bênçãos e para o enterro. Nós deveríamos levar a bolsa para o Padre Correntes com...

– ... com o c-corpo! – exclamou Locke. – Eu o decepcionei!

– Pelos doze deuses, aquele pilantrinha de uma figa! – A senhora inclinou-se para fora da loja e gritou com uma voz surpreendentemente forte: – LADRÃO! PEGA LADRÃO!

Locke enterrou o rosto nas próprias mãos mais uma vez e ela virou a cabeça para cima e deu outro grito:

– LUCREZIA!

– Sim, vovó? – respondeu uma voz de uma janela aberta. – Que história é essa de ladrão?

– Acorde seus irmãos, menina. Mande-os descer aqui agora e diga-lhes para trazer os porretes! – Ela se voltou para Locke e Galdo. – Não chorem, meus queridos. Não chorem. Nós vamos dar um jeito nisso.

– Que história é essa de ladrão?

Um sargento magro e alto chegou correndo, porrete na mão, casaco amarelo-mostarda esvoaçando atrás do corpo, com dois outros guardas em seu encalço.

– Belo guarda você, Vidrik, que deixa aqueles malditos ladrõezinhos do Caldeirão entrarem aqui e roubarem os clientes bem em frente à minha loja!

– O quê? Aqui? Eles? – O sargento da guarda espiou os meninos aos prantos, a mulher furiosa e o cadáver coberto; suas sobrancelhas tentaram saltar da testa. – Ah, esse... ora, esse homem está morto...

– É claro que ele está morto, seu cabeça de bagre: os meninos o estão levando para a Casa de Perelandro para receber bênçãos e um funeral! Aquele larapiozinho acabou de roubar a bolsa com o dinheiro que a viúva deixou para pagar por tudo!

– Alguém roubou os iniciados de Perelandro? Os meninos que ajudam o Sacerdote Cego? – Um homem afogueado com uma portentosa pança e um esquadrão inteiro de papadas no queixo chegou sacolejando, com uma bengala em uma das mãos e uma machadinha de aspecto ameaçador na outra. – Malditos filhos de uma égua! Que infâmia! Na Videnza, em plena luz do dia!

– Desculpe. – Locke soluçou. – Eu sinto muito, não pensei que... deveria ter segurado a bolsa com mais firmeza, mas é que eu não percebi... Ele foi tão rápido...

– Deixe de bobagem, menino, não foi culpa sua – disse madame Strollo.

O sargento começou a tocar seu apito, o gordo da bengala continuou a cuspir impropérios e dois rapazes apareceram dobrando a esquina da casa de Strollo empunhando porretes curvos cravejados de bronze. Houve uma rápida gritaria até eles se certificarem de que a avó estava ilesa. Ao descobrirem o motivo de terem sido convocados, também iniciaram as ameaças, palavrões e promessas de vingança.

– Tomem, meninos – falou madame Strollo. – Tomem aqui. As velas serão um presente meu. Esse tipo de coisa não acontece na Videnza. Nós não vamos tolerar. – Ela tornou a depositar sobre o balcão os 3 sólons que Locke lhe dera. – Quanto tinha na bolsa?

– Antes de nós lhe pagarmos, 15 sólons, então foram roubados 12 – respondeu Galdo. – Correntes vai nos expulsar da ordem.

– Não sejam bobos – replicou madame Strollo.

Ela acrescentou duas moedas à pilha conforme a multidão em volta de sua loja começava a aumentar.

– Não podemos deixar aquele demoniozinho nos desonrar desse jeito! – gritou o gordo. – Madame Strollo, quanto a senhora está dando? Eu darei mais!

– Que os deuses o carreguem, seu velho porco egoísta, não se trata de me suplantar...

– Vou lhes dar um cesto de laranjas – disse uma das mulheres na multidão. – Para vocês e o Sacerdote Cego.

– Eu tenho 1 sólon para dar – falou outro comerciante, adiantando-se com a moeda na mão.

– Vidrik! – Madame Strollo virou as costas para a discussão com seu afogueado vizinho. – Vidrik, é tudo culpa sua! Você no mínimo deve um dinheiro a estes iniciados!

– Culpa minha? Olhe aqui...

– Não, olhe aqui *você!* Agora, quando as pessoas se referirem à Videnza, vão dizer: “Ah, aquele lugar onde roubam sacerdotes, não é? Onde atacam inofensivos iniciados de Perelandro!” Pelo amor dos Doze! Isto aqui está igualzinho ao Pegafogo! Ou pior! – Ela cuspiu. – Ou você dá alguma coisa para compensar estes meninos ou vou denunciá-lo ao seu capitão e você vai acabar remando uma barça de cocô até ficar com os cabelos grisalhos e perder todos os dentes!

Com uma careta, o sargento da guarda deu um passo à frente e levou a mão à carteira, mas a multidão em volta dos dois meninos já era compacta. Eles receberam ajuda para se levantar e Locke levou tantos tapinhas reconfortantes nas costas que não conseguiu contar. Foram soterrados com moedas, frutas e pequenos presentes; um dos comerciantes transferiu as moedas mais valiosas para um dos bolsos do casaco e lhes entregou a carteira. Locke e Galdo estampavam expressões convincentes de assombro e surpresa. À medida que os presentes lhes eram sendo entregues, eles protestavam até onde podiam, só por educação.

6

JÁ ERAM QUATRO DA TARDE quando o cadáver de Antrim Maneta foi depositado na segurança do úmido presbitério da Casa de Perelandro. Os três meninos de túnica branca – Calo havia se juntado a eles nos limites do Bairro dos Templos – desceram os degraus a passos leves e assumiram seus lugares junto a Padre Correntes, que estava sentado em seu ponto habitual com um dos braços robustos apoiados na borda da cuia de cobre.

– Então, meninos, Jessaline vai lamentar ter me salvado a vida?

– Nem um pouco – respondeu Locke.

– É um ótimo cadáver – emendou Calo.

– Um pouco malcheiroso – completou Galdo.

– Tirando isso, é um cadáver *fantástico* – falou Calo.

– Foi enforcado ao meio-dia – disse Locke. – Ainda está fresquinho.

– Estou muito satisfeito. Muito, muito satisfeito. Mas devo perguntar: por que diabos as pessoas têm jogado dinheiro na minha cuia durante a última meia hora dizendo que “sentem muito pelo que aconteceu na Videnza”?

– É porque eles sentem muito pelo que aconteceu na Videnza – respondeu Galdo.

– Nenhuma taberna pegou fogo, juro pelo Benfeitor – esclareceu Locke.

– O que vocês fizeram com o cadáver antes de guardá-lo no templo? – indagou Correntes, falando devagar como quem se dirige a um animal de estimação que fez uma bobagem.

– Ganhamos dinheiro. – Locke jogou a bolsinha doada pelo comerciante dentro da cuia, onde ela aterrissou com um clangor. – Aí dentro tem 23 sólons e 3 cobres, para ser exato.

– E um cesto de laranjas – arrematou Calo.

– Um embrulho de velas, dois pães de pimenta preta, uma caixa de cerveja de baixo teor alcoólico e alguns globos luminosos – concluiu Galdo.

Correntes passou alguns instantes calado e então deu uma espiada dentro da cuia, fingindo ajeitar a venda, mas na realidade erguendo-a só um pouquinho na parte de baixo. Calo e Galdo começaram a relatar uma versão bem simplificada do plano bolado por Locke, dando risadinhas enquanto falavam.

– Que um gancho me estraçalhe, Lamora! – disse Correntes, ao final. – Não me lembro de ter lhe dito que as rédeas eram compridas o suficiente para um teatrinho de rua.

– Tínhamos de dar um jeito de reaver nosso dinheiro – justificou-se Locke. – Pagamos quinze moedas de prata só para tirar o cadáver do Palácio da Paciência. Agora temos um pouco mais do que isso, além das velas, do pão e da cerveja.

– E das laranjas – falou Calo.

– E dos globos luminosos – lembrou Galdo. – Não se esqueçam deles: são bem bonitos.

– Pelo amor do Guardiã Torto! – exclamou Correntes. – Hoje de manhã mesmo eu ainda estava iludido achando que quem dispensava a instrução aqui era *eu*.

Depois disso, eles passaram mais alguns instantes imersos em um silêncio cúmplice enquanto o sol traçava seu arco descendente a oeste e sombras compridas começavam a se insinuar por sobre a cidade.

– Bem, que diabos. – Correntes sacudiu seus grilhões algumas vezes para ativar a circulação. – Vou pegar de volta o que lhes dei para gastar. Do que sobrar, Calo e Galdo podem pegar uma moeda de prata cada um para usar como quiserem. Você, Locke, pode ficar com o resto como seus... honorários. Foi um dinheiro honestamente roubado.

Nesse exato momento, um homem bem-vestido trajando um casaco verde-escuro e um chapéu de quatro pontas se aproximou dos degraus do templo. Atirou dentro da cuia um punhado de moedas; pelo tilintar, pareciam ser de prata e cobre. Ele inclinou o chapéu para os três meninos e falou:

– Eu sou da Videnza. Quero que saibam que estou furioso com o que aconteceu.

– Cem anos de saúde para o senhor e seus filhos e que o Senhor dos Enjeitados o abençoe – disse Locke.

CAPÍTULO CINCO

O Rei Cinza

1

– O SENHOR PARECE ESTAR gastando uma boa parte do nosso dinheiro bem depressa, Lukas – comentou Dona Salvara.

– As circunstâncias estão a nosso favor, Dona Sofia. – Locke deu um sorriso que, pelos padrões de Fehrwight, era uma expressão de grande triunfo: um sorrisozinho de lábios contraídos, que para qualquer outra pessoa poderia ter passado por um esgar de dor. – Tudo está avançando com uma velocidade das mais favoráveis, navios, homens e carregamentos, e em breve só nos restará preparar suas malas para uma curta viagem!

– Claro, claro.

Seriam olheiras sob os olhos dela? Estaria seu comportamento para com ele dando mostras de uma leve desconfiança? Ela com certeza não estava à vontade. Locke fez uma anotação mental para, no futuro, evitar pressioná-la excessivamente, depressa demais. Manter as aparências e fingir sorrisos com alguém que sabia que ele era uma farsa, mas não sabia que *ele* sabia que *ela* sabia era um balé delicado.

Com um levíssimo suspiro, Dona Sofia pressionou seu selo pessoal na cera azul morna ao final do pergaminho que tinha diante dos olhos. Acrescentou acima algumas linhas de tinta: sua assinatura na caligrafia terim sinuosa que nos últimos anos havia conquistado as graças dos nobres literatos.

– Se o senhor diz que precisa de mais 4 mil hoje, que sejam mais 4 mil.

– Sou-lhe sinceramente grato, milady.

– Bem, com certeza o senhor irá restituir esse dinheiro muito em breve. E muitas vezes multiplicado, se tudo correr como esperamos.

Ela deu um sorriso de genuíno bom humor e franziu os cantos dos olhos enquanto lhe estendia a nova nota promissória.

Ah, isso, pensou Locke. Bem melhor. Quanto mais no controle o alvo pensa que está, com mais facilidade responde ao verdadeiro controle. Mais uma das máximas de Padre Correntes que a experiência de Locke demonstrara ser verdadeira mais vezes do que se podia contar.

– Por favor, milady, queira transmitir minhas melhores lembranças a seu marido quando ele voltar de seus compromissos na cidade – disse Locke, pegando o pergaminho com o selo de cera. – Agora, infelizmente, devo ir conversar com certas pessoas sobre... pagamentos que não irão constar em nenhum registro oficial.

– Claro. Entendo perfeitamente. Conté vai acompanhá-lo até a porta.

O guarda-costas rude e castigado pelo tempo estava um pouco pálido e Locke pensou detectar um leve mas evidente mancar em seu passo. Sim, o pobre homem estava tentando proteger uma parte bem machucada de sua anatomia. A barriga de Locke se contraiu de empatia inconsciente ao recordar o que ele próprio tinha sofrido naquela noite.

– Está se sentindo bem, Conté? – indagou, educado. – Você parece... me perdoe por dizer isso... parece um pouco preocupado nos últimos dias.

– Estou bastante bem, mestre Fehrwight. – As rugas nos cantos de sua boca se contraíram um pouco. – Talvez meio adoentado.

– Nada sério?

– Uma febre sem importância, quem sabe. Acontece nesta época do ano.

– Ah, sim. Um dos caprichos deste seu clima. Eu ainda não senti nada do tipo.

– Bem, mestre Fehrwight, cuide-se, então – replicou Conté, impassível. – Camorr pode ser um lugar perigoso *onde menos se espera*.

Ora, vejam só, pensou Locke, quer dizer que os patrões haviam lhe revelado o segredo. E Conté tinha um orgulho tão forte quanto o de Sofia, para deixar transparecer uma pequena ameaça. Era algo que valia a pena registrar.

– Eu sou a cautela em pessoa, meu caro Conté. – Locke guardou a promissória dentro do colete preto e ajeitou a cascata de lenços de pescoço enquanto os dois se aproximavam da porta de entrada da chácara dos Salvaras. – Mantenho sempre o quarto bem iluminado para evitar miasmas e uso anéis de cobre depois da Falsaluz. É o mais eficaz para evitar resfriados. Calculo que alguns dias no mar vão deixá-lo novinho em folha.

– Sem dúvida – disse Conté. – A viagem. Estou muito ansioso para fazer... a viagem.

– Somos dois, então! – Locke esperou o guarda-costas abrir para ele a larga porta de vidro e ferro e, ao sair para o ar úmido da Falsaluz, deu um meneio de cabeça rígido, porém afável. – Vou rezar pela sua saúde amanhã, meu bom homem.

– É muita gentileza sua, mestre Fehrwight. – Talvez de forma inconsciente, o ex-soldado tinha uma das mãos no cabo de uma das facas. – Eu certamente rezarei pela *sua*.

2

LOCKE COMEÇOU A ANDAR SEM pressa em direção ao sul e passou da Isla Duroa para o Bosque Duas Pratas como ele e Calo tinham feito apenas algumas noites antes. O Vento do Carrasco soprava mais forte do que de costume e, enquanto ele atravessava o parque sob a luz do Vidrantigo reluzente da cidade, o sibilar e o farfalhar das folhas parecia o suspiro de imensas criaturas escondidas na vegetação à sua volta.

Pouco menos de 17 mil coroas em meia semana: o golpe contra Dom Salvara tinha superado em muito seus planos iniciais, que previam um intervalo de duas semanas entre o primeiro contato e o desfecho. Locke estava certo de que conseguiria avançar ainda mais um nível com o Dom em total segurança... elevar o total a 22 ou quem sabe 23 mil e depois sumir. Desaparecer do mapa e passar algumas semanas sem chamar atenção, permanecer alerta e deixar aquela confusão do Rei Cinza se

resolver sozinha.

E então, como um milagre extra, dar um jeito de convencer Capa Barsavi a desfazer seu noivado com Nazca sem contrariar o velho. Locke deu um suspiro.

Quando a Falsaluz acabava e a noite de verdade caía, seu brilho não parecia apenas diminuir, mas, sim, recuar, como se estivesse sendo puxado outra vez para dentro do vidro, um empréstimo cobrado por um credor ciumento. As sombras foram aumentando, escurecendo, até por fim o parque inteiro ser engolido por elas. Lamparinas esmeralda se acenderam aqui e ali entre as árvores e passaram a irradiar uma luz suave, irreal e estranhamente relaxante. A iluminação era o que bastava para que se visse os caminhos de pedrinhas que serpenteavam por entre os muros de árvores e sebes. Locke teve a sensação de que a sua tensão diminuía. Ficou escutando o leve estalar dos próprios passos no cascalho e, por alguns segundos, se espantou ao constatar que estava tomado por uma sensação perigosamente próxima do contentamento.

Ele estava vivo e rico e tomara a decisão de não se esconder nem tentar evitar os problemas que atormentavam seus Nobres Vigaristas. Por um breve instante, no meio de 88 mil pessoas e de todo o barulho, de todo o comércio e as máquinas arquejantes, fedorentos e incessantes da cidade, estava sozinho com as árvores do Bosque Duas Pratas e seu doce balanço.

Sozinho.

Os pelos de sua nuca se eriçaram e o velho e frio medo, companheiro constante de qualquer pessoa criada na rua, de repente ganhou vida dentro dele. Era uma noite de verão ali no bosque, o mais seguro parque aberto da cidade, patrulhado a todo momento por dois ou três esquadrões de casacas-amarelas com seus lampiões suspensos em varas. Costumava ficar tão cheio que chegava a ser risível, repleto dos filhos das classes abastadas que passeavam de mãos dadas, espantavam insetos e buscavam a privacidade dos recantos e das sombras.

Locke olhou rapidamente de um lado para outro dos caminhos sinuosos à sua volta: estava *de fato* sozinho. Não havia nenhum ruído, com exceção do suspiro das folhas e do zumbido de insetos. Torceu o antebraço direito e um fino punhal de aço escurecido caiu da manga do casaco na palma de sua mão, com o cabo para baixo. Ele passou a carregá-lo encostado no braço, invisível para quem olhasse de longe, e apressou o passo em direção ao portão sul do parque.

Uma névoa se erguia do chão como se a grama emanasse vapores cinzentos. Apesar do ar quente e pesado, Locke estremeceu. Era perfeitamente natural haver névoa, não? A cidade inteira ficava coberta por ela em dois terços das noites; às vezes um homem podia perder de vista o próprio nariz. Mas por que...

O portão sul do parque. Ele estava diante do portão sul do parque, olhando para uma ponte coberta de bruma no final de uma rua de pedras vazia. A ponte era o Arco dos Ancestres e seus lampiões vermelhos pareciam suaves e ameaçadores no meio da névoa.

O Arco dos Ancestres, que conduzia à Isla Duroa mais ao norte.

De alguma forma, ele dera meia-volta. Como era possível? Seu coração bateu muito depressa... fora *Dona Sofia*. Aquela vadia astuta. Tinha feito algo com ele, aplicado algum produto alquímico no pergaminho. Seria a tinta? A cera? Seria um veneno que lhe estava obscurecendo os sentidos antes de cumprir sua missão? Uma vingança mesquinha, que poderia ser refutada, para saciá-la por ora? Ele tateou em busca do pergaminho e não conseguiu encontrar o bolso interno do casaco,

consciente de que se movia de forma um pouco lenta e atabalhoada demais para que a confusão estivesse apenas na sua imaginação.

Homens se moveram sob as árvores.

Um à sua esquerda, outro à direita... O Arco dos Ancestres tinha sumido. Ele estava outra vez bem no meio dos caminhos sinuosos, encarando uma escuridão rompida apenas pela luz cor de esmeralda das lamparinas. Arquejou, agachou-se e sacou o punhal, com os pensamentos embotados. Os homens usavam capas e cercaram-no por ambos os lados. O barulho de passos que não eram seus ecoou sobre o cascalho. A silhueta escura de balestras, as formas dos homens iluminadas por trás... Sua cabeça girava.

– Mestre Espinho, solicitamos uma hora da sua atenção – disse uma voz abafada e distante.

– Guardião Torto, me acuda – suplicou Locke, arquejando.

E então, até mesmo as cores desbotadas das árvores pareceram se esvaír da sua visão e a noite inteira se tornou um breu.

3

QUANDO ELE ACORDOU, ESTAVA SENTADO. Era uma sensação curiosa. Já havia acordado após perder os sentidos por causa de ferimentos e drogas, mas aquilo era diferente. Era como se alguém simplesmente houvesse feito os mecanismos de sua consciência tornarem a girar, como um especialista que abrisse a torneira de um relógio de água verrari.

Estava no salão principal de uma taberna, em uma cadeira, diante de uma mesa, sozinho. Podia ver o balcão, o fogo aceso e as outras mesas, mas o recinto estava úmido e recendia a mofo e pó. Uma luz laranja tremeluzente vinha de trás dele: um lampião a óleo. As janelas engorduradas e embaçadas faziam a luz ser refletida e ele não conseguia ver nada através delas.

– Há uma balestra apontada para as suas costas – disse uma voz masculina poucos metros atrás dele, agradável e culta, certamente camorri, mas com uma sonoridade peculiar em alguns dos fonemas. Um camorri que tinha morado fora? A voz lhe era desconhecida. – Mestre Espinho.

Pingentes de gelo pareceram se formar na espinha de Locke. Ele vasculhou furiosamente o próprio cérebro tentando se lembrar daqueles últimos segundos no parque – um dos homens também não o havia chamado assim? Engoliu em seco.

– Por que está me chamando assim? Meu nome é Lukas Fehrwight. Eu sou cidadão de Emberlane e trabalho para a Casa de bel Auster.

– Eu poderia acreditar nisso, mestre Espinho. Seu sotaque é convincente e sua disposição para suportar essa lã preta é quase um ato de heroísmo. Dom Lorenzo e Dona Sofia sem dúvida acreditaram em Lukas Fehrwight até o senhor mesmo lhes revelar a verdade.

Não é Barsavi, pensou Locke em desespero. Não podia ser... Se Barsavi soubesse, estaria tendo aquela conversa pessoalmente. Eles estariam dentro da Tumba Flutuante, com todos os Nobres Vigaristas amarrados em postes e todas as facas da bolsa de Sábia Gentileza afiadas e cintilando.

– Meu nome é Lukas Fehrwight – insistiu Locke. – Não entendo o que o senhor quer nem por que estou aqui. Vocês fizeram alguma coisa com Graumann? Ele está bem?

– Jean Tannen está em perfeita segurança – respondeu o homem. – Como o senhor bem sabe. Eu teria adorado assistir ao momento em que o senhor entrou no escritório de Dom Salvara com aquela carteira-chancela ridícula debaixo da capa preta. Quando destruiu a confiança dele em Lukas Fehrwight do mesmo jeito que um pai delicadamente conta aos filhos que o Abençoado Presenteador não existe! O senhor é um artista, mestre Espinho.

– Já disse que meu nome é *Lukas*, Lukas Fehrwight, e eu...

– Se me disser mais uma vez que seu nome é Lukas Fehrwight, eu cravo uma flecha atrás do seu braço esquerdo. Não para matá-lo, só para complicar sua vida. Um buraco bem grande, quem sabe um osso quebrado. Estragaria esse seu traje elegante e talvez sujaria de sangue esse lindo pergaminho. Os funcionários da Meraggio não iriam *adorar* ouvir uma explicação para isso? Notas promissórias chamam muito mais a atenção quando estão cobertas de sangue.

Locke passou um longo tempo em silêncio.

– Não, Locke, isso também não vai funcionar. Com certeza você já percebeu que eu não posso ser um dos homens de Barsavi.

Pelos treze deuses, pensou Locke. *Onde foi que eu errei?* Se aquele homem estivesse dizendo a verdade, se não trabalhava mesmo para Barsavi, só havia outra possibilidade. O verdadeiro Aranha. Os Meias-Noites. Será que o uso da chancela por Locke fora denunciado? Será que o falsário de Talisham decidira lucrar mais um pouco dando informações à polícia secreta do Duque? Parecia a explicação mais plausível.

– Vire-se. Devagar.

Locke se levantou e o obedeceu, mas teve de morder a língua para reprimir um grito de surpresa. O homem sentado à mesa na sua frente poderia ter qualquer idade entre 30 e 50 anos e era magro e alto, com as têmporas grisalhas. Seu rosto tinha as feições camorris: pele morena de sol, têmporas e malares saltados, nariz afilado.

Usava um gibão de couro cinza por cima de uma túnica de seda também cinza. Sua capa e manto eram cinza, assim como o capuz que pendia atrás da cabeça. As mãos, unidas com cuidado diante do corpo, estavam cobertas por finas luvas cinza de espadachim feitas de uma pelica gasta e vincada de uso. Tinha olhos de caçador, frios, firmes e observadores. A luz laranja do lampião se refletia nas pupilas escuras. Por um segundo, Locke teve a impressão de estar vendo ali não um reflexo, mas uma revelação, a impressão de que o fogo ardia *atrás* dos olhos daquele homem. Não conseguiu conter um arrepio.

– *Você* – sussurrou, abandonando o sotaque de Lukas Fehrwight.

– Em carne e osso – falou o Rei Cinza. – Desdenho estas roupas que considero um certo toque teatral, mas elas são necessárias. Dentre todos os homens de Camorr, com certeza *você* entende muito bem essas coisas, mestre Espinho.

– Não faço ideia por que continua me chamando assim – replicou Locke, mudando de posição da maneira mais discreta que conseguiu até sentir o peso reconfortante do segundo punhal na outra manga do casaco. – E não estou vendo essa tal balestra da qual falou.

– Eu disse que estava atrás de você.

Com um sorriso fino e misterioso, o Rei Cinza fez um gesto em direção à parede dos fundos da taberna. Com cautela, Locke virou a cabeça.

Havia um homem encostado na parede, no lugar exato para o qual Locke estava olhando até o segundo anterior. Um homem de capa e capuz, com os ombros largos, recostado preguiçosamente na parede com uma balestra carregada aninhada no braço e a flecha apontada para o peito de Locke.

– Eu...

Locke tornou a se virar, porém o Rei Cinza não estava mais sentado à mesa e, sim, em pé uns 5 metros à esquerda dele, atrás do balcão vazio. O lampião sobre a mesa não se movera e Locke pôde ver que o outro homem sorria.

– Não é possível.

– É claro que é, mestre Espinho. Pense bem. O número de possibilidades na realidade é tão reduzido que chega quase a desaparecer.

O Rei Cinza traçou um arco usando a mão esquerda, como quem limpa uma janela. Locke tornou a olhar para a parede e viu que o balestreiro havia desaparecido outra vez.

– Puta merda! – praguejou Locke. – Você é um Mago-Servidor.

– Não, eu não tenho essa vantagem, da mesma forma que você também não tem. Mas tenho um Mago-Servidor a meu serviço. – Ele apontou para a mesa à qual antes estivera sentado.

Ali, sem qualquer movimento ou salto brusco na percepção de Locke, estava sentado um homem magro que ainda não alcançara os 30 anos. Tinha o queixo e as bochechas cobertos por uma penugem, além de uma calvície avançada. Seus olhos estavam acesos com um brilho de diversão e, na mesma hora, Locke viu nele o tipo de presunção de autoridade que a maioria dos sangues-azuis de nascença carregava como uma segunda pele.

O rapaz usava um casaco cinza extremamente bem-cortado, com punhos de seda escarlate esvoaçantes; a pele exposta do pulso esquerdo exibia três linhas pretas tatuadas. A mão esquerda estava protegida por uma pesada luva de couro e, sobre ela, encarando Locke como se ele não passasse de um rato-do-mato com ilusões de grandeza, se achava encarapitado o falcão de caça de aspecto mais feroz que Locke já vira na vida. Seus olhos eram dois pontinhos negros cercados por dourado e o bico curvo parecia afiado feito uma adaga. As asas marrons e cinzentas estavam dobradas para trás em perfeito alinhamento e os esporões... qual era o problema com aqueles esporões? As garras traseiras da ave eram imensas, inchadas, estranhamente alongadas.

– Meu associado, o Falcoeiro – disse o Rei Cinza. – Um Mago-Servidor de Kartane. O *meu* Mago-Servidor. A chave para muitas coisas. E agora que fomos apresentados, vamos conversar sobre o que espero que você faça para mim.

4

– NÃO É BOM SE METER com eles – alertara-lhe Correntes certa vez, muitos anos antes.

– Por que não?

Locke tinha 12 ou 13 anos na época e estava em sua fase mais arrogante, o que não era pouca coisa.

– Vejo que você anda negligenciando a história outra vez. Vou lhe passar mais leituras em breve. – Correntes suspirou. – Os Magos-Servidores de Kartane são os únicos feiticeiros do continente

porque não permitem a mais ninguém estudar sua arte.

– E ninguém resiste? Ninguém revida nem aprende escondido?

– É claro que sim, aqui e ali. Mas o que podem cinco ou dez feiticeiros escondidos contra quatrocentos outros com uma cidade-estado inteira sob seu comando? E o que os Magos-Servidores fazem com forasteiros e renegados... Em comparação com eles, Capa Barsavi parece um sacerdote de Perelandro. Seu ciúme e sua crueldade são implacáveis; eles não têm rivais. Já conquistaram o monopólio que desejavam. Ninguém abriga feiticeiros sem autorização dos Magos-Servidores. Ninguém. Nem mesmo o Rei dos Sete Tutanos.

– Que curioso, então, eles continuarem a se chamar Magos-Servidores – comentou Locke.

– É falsa modéstia. Acho que isso os diverte. Eles cobram um preço tão ridículo pelos seus serviços que para eles é menos um trabalho de mercenários e mais uma cruel brincadeira à custa de seus clientes.

– Preços ridículos?

– Um noviço custa 500 coroas por dia. Um oficial pode chegar a mil. Eles identificam sua patente com tatuagens em volta dos pulsos. Quanto mais marcas negras você vir, mais educado deve se mostrar.

– Mil coroas *por dia*?

– Você agora entende por que eles não andam por aí aos montes, subordinados a cada corte, a cada nobre e a cada maldito guerreiro com um tesouro para gastar? Mesmo em tempos de guerra e outras crises muito graves, seus serviços só podem ser comprados por períodos bem curtos. Quando você cruzar o caminho de um deles, pode ter certeza de que o cliente o está pagando por um trabalho sério.

– De onde eles surgiram?

– De Kartane.

– Ha, ha. A guilda deles, eu quis dizer. O monopólio.

– Pergunta fácil. Certa noite, um feiticeiro poderoso bate na porta de outro menos poderoso. “Estou criando uma guilda exclusiva”, diz ele. “Ou você se junta a mim ou eu arrebento a porra dos seus miolos agora mesmo.” Então, naturalmente, o segundo mago responde...

– “Ah, sabe que eu sempre quis fazer parte de uma guilda?”

– Isso. E os dois vão importunar um terceiro feiticeiro. “Entre para a guilda ou lute contra nós dois, aqui e agora.” Repita isso quantas vezes forem necessárias até uns trezentos ou quatrocentos membros da guilda baterem na porta do último mago independente e todos que disserem “não” estarem mortos.

– Eles devem ter pontos fracos – retrucou Locke.

– É claro que eles têm pontos fracos, garoto. São homens e mulheres mortais, iguais a nós. Eles comem, cagam, envelhecem, morrem. Só que parecem malditos marimbondos: basta mexer com um e a casa inteira aparece para picar você. Que os treze ajudem quem matar um Mago-Servidor, seja de propósito ou não.

– Por quê?

– É a regra mais antiga da guilda, que não tem exceções. Quando alguém mata um Mago-Servidor, a guilda inteira larga o que estiver fazendo para ir atrás do responsável. Passa a caçá-lo usando

todos os meios que forem precisos. Mata seus amigos, parentes, comparsas. Põe fogo na sua casa. Destrói tudo que você já construiu. Antes de finalmente deixá-lo morrer, a guilda se certifica de que você saiba que a sua linhagem foi varrida da face da Terra.

– Quer dizer que ninguém pode confrontá-los?

– Ah, isso pode. Quando um deles se vira contra você, dá até para tentar revidar. Mas se chegar a matá-lo, bem, não vale a pena. Seria melhor se suicidar: pelo menos assim eles não matariam todas as pessoas que receberam o seu amor ou a sua confiança.

– Caramba!

– Pois é. – Correntes balançou a cabeça. – A feitiçaria já é suficientemente impressionante, mas o que os torna tão perigosos é a atitude. E é por isso que, sempre que se vir diante de um deles, o melhor a fazer é baixar a crista, obedecer e não esquecer de falar “senhor” e “senhora”.

5

– BONITO PASSARINHO, BABACA – disse Locke.

O mago o encarou com olhos frios, impassível.

– Então *você* deve ser o motivo pelo qual ninguém consegue achar o seu patrão. O motivo pelo qual nenhum dos Coroas Inteiras conseguia se lembrar do que estava fazendo quando Tesso Alto foi pregado na parede.

O falcão guinchou e Locke se retraiu. A fúria do animal era impressionante, mais do que o grito de um animal agitado... Era pessoal, de alguma forma. Locke arqueou as sobrancelhas.

– Meu bicho de estimação não gosta do seu tom de voz – explicou o Falcoeiro. – Eu, pessoalmente, sempre considerei o juízo deles perfeito. Se fosse você, tomaria cuidado com o que diz.

– Seu patrão quer que eu faça alguma coisa para ele, ou seja, eu preciso permanecer em condições de funcionamento – replicou Locke. – O que significa que o modo como me dirijo às porras dos seus lacaios kartanis não tem a menor importância. Alguns dos *garristas* que você matou eram meus amigos. Por sua causa, estou com um casamento arranjado nas costas! Então pode ir comer mato e cagar cestos, mago.

O falcão levantou voo da mão de seu mestre, guinchando. Locke ergueu o braço esquerdo na frente do rosto e a ave se chocou contra o membro, segurando-o com esporões que rasgaram o tecido da manga do casaco de Locke. O bicho se agarrou ao braço de Locke causando uma dor excruciante e batendo as asas para se equilibrar. Locke deu um berro e ergueu a mão direita para dar um soco no falcão.

– Se fizer isso, você morre – avisou o Falcoeiro. – Olhe bem para os esporões do meu bichinho.

Mordendo a parte interna das bochechas por causa da dor, Locke fez isso. Os esporões traseiros da ave na verdade eram ganchos lisos e curvos que se estreitavam até pontas afiadas. Nas patas, logo acima, havia estranhos sacos pulsantes que pareciam deslocados até mesmo para alguém com conhecimentos limitados em relação a aves de caça.

– Vestris é um falcão-lacrau – explicou o Rei Cinza. – Um híbrido da ave com o escorpião, criado

graças à alquimia e à magia. Um dos muitos com os quais os magos gostam de se divertir. Ela não tem só esporões, mas também peçonha. Se deixasse de ser tolerante com você, em menos de dez passos você cairia morto.

O sangue começou a pingar do braço de Locke e ele gemeu. A ave o golpeou com o bico, obviamente apreciando aquilo.

– Então, nós aqui não somos todos homens e aves adultos? – indagou o Rei Cinza. – Condições de funcionamento é uma noção das mais relativas, Locke. Eu detestaria ter de lhe fazer outra demonstração de como ela é relativa.

– Peço desculpas – disse Locke entre os dentes cerrados. – Vestris é uma ave elegante e persuasiva. O Falcoeiro não falou nada, mas a ave soltou o braço esquerdo de Locke, provocando com isso novas pontadas de dor. Locke segurou a manga de lã ensanguentada e massageou as feridas abertas. Vestris voou de volta para a luva de seu dono e tornou a encarar Locke.

– Não é exatamente como eu disse, Falcoeiro? – O Rei Cinza fitou Locke com os olhos brilhando. – O nosso Espinho sabe como recuperar o equilíbrio. Dois minutos atrás, estava assustado demais para falar. Agora já está nos insultando e, sem dúvida, tentando bolar um jeito de sair desta situação.

– Não entendo por que você continua a me chamar de Espinho – replicou Locke. – É claro que entende – retrucou o Rei Cinza. – Só vou falar sobre isso uma vez, Locke. Eu sei sobre o seu pequeno refúgio debaixo da Casa de Perelandro. O seu cofre. A sua fortuna. Sei que você não passa nenhuma das suas noites praticando pequenos roubos por aí, como afirma para todas as outras Pessoas Certas. Sei que você viola a Paz Secreta para aplicar elaborados golpes em nobres ingênuos e sei que é bom no que faz. Sei que não foi *você* quem deu início a esses boatos ridículos sobre o Espinho de Camorr, mas tanto você quanto eu sabemos que eles se referem aos seus feitos. Para concluir, eu sei que Capa Barsavi faria coisas muito interessantes com você e todos os outros Nobres Vigaristas caso viesse a saber das coisas que eu sei.

– Ah, faça-me o favor – disse Locke. – Você não está em condições de ir sussurrar educadamente no ouvido dele e ser levado a sério.

– Se você fracassar na tarefa que vou lhe confiar, não sou *eu* que vou sussurrar – respondeu o Rei Cinza com um sorriso. – Tenho outros próximos o bastante dele para sussurrar por mim. Imagino que eu tenha deixado as coisas bem claras.

Locke fuzilou-o com o olhar por alguns segundos, depois se sentou com um suspiro, virando a cadeira e apoiando o braço machucado no encosto.

– Entendo. E em troca? – Em troca do serviço que necessito, eu prometeria a você que Capa Barsavi não ficaria sabendo sobre a sua dupla vida organizada com tanta astúcia, nem sobre a de seus companheiros.

– Então é assim – disse Locke devagar. – Tirando meu Mago-Servidor, Locke, eu sou um homem frugal. – O Rei Cinza saiu de trás do balcão e cruzou os braços. – Seu pagamento é em vida, não em dinheiro.

– Qual é a missão? – Uma farsa das mais simples – respondeu o Rei Cinza. – Eu quero que você se transforme em *mim*. – Eu, ahn, não estou entendendo.

– Chegou a hora de eu abandonar este jogo obscuro. Barsavi e eu precisamos conversar cara a cara. Muito em breve irei organizar um encontro clandestino com o Capa, que o fará sair da Tumba Flutuante.

– Sem chances.

– Pode confiar em mim quanto a isso. Eu sou o arquiteto dos problemas atuais dele e garanto-lhe que sei o que pode fazê-lo sair daquela sua fortaleza encharcada. Mas não será comigo que ele vai falar. Será com você. O Espinho de Camorr. O maior farsante que esta cidade já produziu. Você disfarçado de mim. Só por uma noite. Uma performance de virtuose.

– Uma performance forçada. Por quê?

– Precisarei estar em outro lugar nessa hora. O encontro faz parte de uma questão mais ampla.

– Eu conheço pessoalmente Capa Barsavi e toda a família dele!

– Você já convenceu os Salvaras de que é dois homens diferentes. E no mesmo dia, ainda por cima. Vou instruí-lo com relação ao que quero que diga e lhe providenciar um guarda-roupa adequado. Com as suas habilidades somadas ao meu anonimato, ninguém jamais ficará sabendo sobre o seu envolvimento, nem que você não é o verdadeiro Rei Cinza.

– Um plano divertido. É ousado e me agrada. Mas você entende que eu vou ficar atordoado quando o Capa abrir nossa conversa com uma dúzia de flechas de balestra no meu peito.

– Isso não vai ser um problema. Você estará bem protegido contra bobagens corriqueiras da parte do Capa. Mandarei o Falcoeiro acompanhá-lo.

Locke relanceou os olhos outra vez para o Mago-Servidor, que sorriu com uma magnanimidade fingida.

– Você acha mesmo que eu teria deixado você conservar esse punhal na manga do casaco se alguma arma na sua mão pudesse me tocar? – prosseguiu o Rei Cinza. – Pode tentar me cortar. Eu até o deixo pegar uma balestra emprestada, se quiser. Uma briga de socos também não vai adiantar. Você terá a mesma proteção ao encontrar o Capa.

– Então é verdade – disse Locke. – O seu mago de estimação lhe dá mais do que a simples capacidade de embotar meus pensamentos como se eu tivesse bebido a noite inteira.

– Sim. E foram os meus homens que começaram a espalhar essas histórias com um objetivo apenas: eu queria que as gangues de Barsavi temessem tanto a minha presença que não ousassem se aproximar de você quando chegasse a hora de conversar com ele. Afinal de contas, eu tenho o poder de matar um homem com um simples toque. – O Rei Cinza sorriu. – Ao atuar como eu, você também terá.

Locke franziu a testa. Aquele sorriso, aquele rosto... havia algo de muito familiar no Rei Cinza. Nada que fosse óbvio à primeira vista, apenas uma sensação insistente de que já estivera diante dele antes. Locke pigarreou.

– É muita generosidade sua. E o que vai acontecer depois que eu cumprir essa missão?

– Nós vamos nos separar – respondeu o Rei Cinza. – Você vai cuidar dos seus assuntos e eu, dos meus.

– Acho difícil acreditar nisso.

– Você sairá vivo do encontro com Barsavi, Locke. Não precisa temer o que vai acontecer após isso. Garanto-lhe que não será tão ruim quanto você pensa. Se eu quisesse assassinar o Capa, não

acha que já o teria feito há muito tempo?

– Você matou vários *garristas* dele. Manteve-o trancado por meses na Tumba Flutuante. Não é tão ruim quanto eu penso? Ele matou oito de seus próprios Coroas Inteiras depois que Tesso morreu. Não vai aceitar nada menos do que sangue de você.

– Foi o próprio Barsavi que se manteve trancado na Tumba Flutuante, Locke. Como eu disse, você precisa confiar em mim quanto a esse aspecto da situação. O Capa *vai* aceitar o que tenho a lhe oferecer. Nós vamos resolver a questão de Camorr de uma vez por todas, para satisfação geral.

– Reconheço que você é perigoso, mas deve estar louco também.

– Pode pensar o que quiser dos meus atos, Locke, contanto que faça o que eu mandar.

– Parece que não tenho escolha – comentou Locke com amargura.

– Não por acaso. Estamos combinados? Você fará isso para mim?

– Receberei instruções quanto ao que você quer que eu diga a Capa Barsavi?

– Sim.

– Há mais uma condição.

– É mesmo?

– Se eu vou fazer o que está pedindo, preciso ter um jeito de falar com você ou pelo menos de lhe mandar um recado quando quiser. Pode acontecer alguma coisa que não possa esperar você surgir do nada.

– Muito improvável – replicou o Rei Cinza.

– É necessário. Quer que eu tenha sucesso nessa missão ou não?

– Muito bem. – O Rei Cinza meneou a cabeça. – Falcoeiro.

O mago se levantou da cadeira; Vestris não desgrudou os olhos de Locke. O dono do falcão levou a mão livre até dentro do casaco e pegou uma vela, um fino cilindro de cera entremeado por uma estranha mancha escarlate.

– Acenda isso quando estiver sozinho – instruiu o mago. – Você precisa estar sozinho. Diga meu nome e eu ouvirei e aparecerei logo.

– Obrigado. – Locke pegou a vela com a mão direita e a guardou dentro do casaco. – Falcoeiro: um nome fácil de lembrar.

Vestris abriu o bico, mas não emitiu ruído algum. Fechou-o abruptamente e piscou. Seria um bocejo? Ou a sua versão de uma risadinha zombeteira para Locke?

– Vou ficar de olho em você – avisou o Mago-Servidor. – Assim como Vestris sente o que eu sinto, eu vejo o que ela vê.

– Isso explica bastante coisa – disse Locke.

– Se estamos acertados, nosso assunto aqui terminou – falou o Rei Cinza. – Tenho outra coisa a fazer ainda hoje à noite. Obrigado, mestre Espinho, por ter tido juízo.

– Disse o homem da balestra ao homem da bolsa de dinheiro. – Locke se levantou e pôs a mão esquerda no bolso do casaco; seu antebraço ainda latejava de dor. – Quando vai ser esse encontro?

– Daqui a três dias – respondeu o Rei Cinza. – Imagino que não vá atrapalhar seu golpe contra Dom Salvara.

– Não acho que você esteja ligando para isso, mas não.

– Melhor assim. Vamos deixar você voltar a cuidar da sua vida.

– Você não vai...

Mas já era tarde demais: o Falcoeiro começara a gesticular com a mão livre e a mover os lábios para formar palavras sem chegar a vocalizá-las. O salão girou e o lampião cor de laranja se transformou em um risco de cor contra o fundo escuro do recinto. Então as trevas dominaram tudo.

6

QUANDO LOCKE RECOBROU OS SENTIDOS, viu que estava em pé na ponte entre a Arapuca e a Travessa dos Beija-Moedas. Na sua percepção, nenhum instante havia passado, mas ao olhar para o céu, ele viu que as nuvens tinham sumido e as estrelas, girado no céu escuro, e que as luas estavam agora a leste.

– Filho da *puta* – sibilou ele. – Já se passaram horas! Jean deve estar tendo um ataque.

Ele pensou depressa. Calo e Galdo haviam planejado passar a noite fazendo a ronda pela Arapuca acompanhados por Pulga. Com certeza tinham acabado no Último Erro, jogando dados e tentando não ser expulsos por trapacear. Jean pretendia passar a noite dando a impressão de que a Torre Partida estava ocupada, pelo menos até Locke voltar. Aquele seria o primeiro lugar pelo qual alguém começaria a caçá-los. Naquele exato instante, Locke lembrou que ainda se achava vestido como Lukas Fehrwight. Deu um tapa na própria testa.

Tirou o casaco e os lenços do pescoço, arrancou do nariz os ópticos falsos e os enfiou no bolso. Apalpou delicadamente os cortes no braço esquerdo: estavam fundos e ainda doloridos, mas o sangue já havia formado uma crosta, logo não mais pingavam. *Que os deuses amaldiçoem o Rei Cinza,* pensou Locke, *e me concedam a chance de dar o troco pelo que aconteceu hoje à noite.*

Ele despenteou os cabelos, desabotoou o colete, tirou a camisa de dentro da calça e levou as mãos aos sapatos para dobrar e esconder as ridículas línguas de cetim. Os lenços e cintos decorativos desapareceram nos bolsos do casaco, que Locke então dobrou e amarrou pelas mangas. No escuro, a roupa ficava muito parecida com uma trouxa de tecido velha. Agora sem as firulas de Lukas Fehrwight, ele pelo menos podia passar despercebido por um tempo razoavelmente curto. Satisfeito, virou-se e começou a descer às pressas pelo lado sul da ponte em direção às luzes e barulhos ainda animados da Arapuca.

Jean Tannen acabou surgindo de um beco e o segurou pelo braço na mesma hora que ele dobrou na rua ao norte da Torre Partida, onde a entrada principal do Último Erro se abria para as pedras do calçamento.

– Locke! Onde você estava metido a noite inteira? Está tudo bem?

– Pelos deuses, Jean, como estou feliz em vê-lo. Não, eu não estou bem e, na realidade, você também não. Onde estão os outros?

– Como você não voltou, fui encontrá-los no Último Erro e mandei que subissem para os nossos aposentos junto com Pulga – sussurrou Jean no ouvido de Locke. – Eu fiquei andando pelos becos aqui embaixo, tentando me manter discreto. Não queria que nos espalhássemos pela cidade à noite. Eu estava... Nós estávamos com medo...

– Eu fui capturado, Jean. Mas depois fui solto. Vamos subir para a torre. Temos um novo problema, recém-saído do forno, pegando fogo.

7

DESSA VEZ ELES DEIXARAM AS janelas dos cômodos abertas, protegidas por finas folhas de tela translúcida para impedir os insetos de entrarem. Quando Locke terminou de relatar os acontecimentos da noite, o céu já estava ficando cinza, com linhas vermelhas visíveis logo abaixo dos peitoris das janelas viradas para o leste. Apesar das sombras que exibiam sob os olhos cansados, nenhum deles dava qualquer indício de estar com sono.

– Pelo menos nós agora sabemos que ele não vai tentar me matar como matou os outros *garristas* – concluiu Locke.

– Pelo menos não até daqui a três noites – falou Galdo.

– Simplesmente não se pode confiar nesse patife – disse Pulga.

– Por enquanto, porém, é preciso *obedecer a ele* – retrucou Locke.

Ele trocara de roupa e agora tinha um aspecto bem mais modesto e adequado. Jean insistira para lavar seu braço com vinho fortificado aquecido quase até a fervura sobre um fogão de pedra alquímica. Locke mantinha uma compressa de pano embebida em conhaque sobre o ferimento, que estava banhado pela luz de um pequeno globo luminoso branco. Todos os galenos de Camorr sabiam que a luz espantava o ar malcheiroso e ajudava a impedir infecções.

– Será mesmo? – Calo coçou o queixo com barba por fazer. – Que distância você acha que podemos percorrer se fugirmos correndo?

– Do Rei Cinza? Ninguém pode saber. – Locke deu um suspiro. – Mas do Mago-Servidor não o suficiente, nunca.

– Então nós simplesmente vamos ficar parados vendo ele puxar suas cordinhas como se você fosse uma marionete no palco – disse Jean.

– É, eu fiquei bem seduzido pela ideia de ele não contar a Capa Barsavi sobre os nossos golpes – retrucou Locke.

– Isso tudo é uma loucura – falou Galdo. – Você disse que viu três anéis no pulso do Falcoeiro?

– No pulso que não estava segurando o maldito falcão-lacrau, sim.

– Três anéis... – murmurou Jean. – É *mesmo* uma loucura. Contratar uma pessoa assim... Deve fazer uns dois meses que as primeiras histórias sobre o Rei Cinza começaram a aparecer. Desde que o primeiro *garrista* foi morto... Quem foi mesmo?

– Gil do Corte, dos Sabujos do Rum – respondeu Calo.

– O custo disso deve ser... exorbitante. Duvido que o próprio Duque fosse conseguir manter um mago desse naipe a seu serviço por muito tempo. Então quem é esse tal Rei Cinza, porra, e como ele está pagando por isso?

– Não faz diferença – respondeu Locke. – Daqui a três dias, ou melhor, dois e meio, agora que o sol está nascendo, haverá dois Reis Cinza e eu serei um deles.

– Pelos treze! – praguejou Jean.

Ele segurou a cabeça com as mãos e esfregou os olhos com as palmas.

– Então essas são as notícias ruins: Capa Barsavi quer que eu me case com a sua filha e agora o Rei Cinza quer que eu me faça passar por ele em um encontro secreto com Barsavi. – Locke sorriu. – A boa notícia é que eu não sujei de sangue a nova nota promissória no valor de 4 mil coroas.

– Eu vou matá-lo – afirmou Pulga. – Me arrumem flechas envenenadas e uma balestra e eu lhe dou uma flechada bem nos olhos.

– Pulga, em comparação com isso, a ideia de pular do terraço de um templo soa até razoável – disse Locke.

– Mas quem iria imaginar uma coisa dessas? – Sentado sob uma das janelas viradas para o leste, Pulga olhou para fora por alguns segundos, como passara a noite inteira fazendo de forma intermitente. – Escutem, todo mundo sabe que um de vocês quatro poderia matá-lo. Mas ninguém esperaria que eu o fizesse! Surpresa total, uma flechada na cara, e adeus, Rei Cinza!

– Supondo que o Falcoeiro deixasse sua flecha atingir o cliente dele, certamente iria nos matar logo em seguida – replicou Locke. – Além do mais, duvido muito que aquele maldito falcão venha voar em torno desta torre, onde possamos vê-lo e evitá-lo com facilidade.

– Nunca se sabe – disse Pulga. – Acho que eu já vi esse bicho, na nossa primeira etapa do golpe contra Dom com Salvara.

– Também tenho quase certeza de que vi. – Calo movia um sólon pelos nós dos dedos sem olhar para a moeda. – Quando eu estava esganando você, Locke. Alguma coisa passou voando. Grande e veloz demais para ser uma corruíra ou um pardal.

– Nesse caso, ele tem mesmo nos observado e sabe tudo o que há para saber a nosso respeito – falou Jean. – Obedecer talvez seja o mais sensato por agora, mas temos que pensar em alguma alternativa.

– Será melhor cancelarmos o golpe contra Dom Salvara agora? – indagou Pulga com uma voz miúda.

– Hum? Não. – Locke balançou a cabeça vigorosamente. – Não há motivo algum para isso por enquanto.

– E o que o faz pensar assim? – perguntou Galdo.

– O motivo que nos levou a cogitar desistir do golpe foi sair de circulação para evitar sermos mortos pelo Rei Cinza. Agora podemos ter certeza absoluta de que isso não vai acontecer, pelo menos não antes de três dias. Portanto, o golpe contra Dom Salvara continua de pé.

– Por três dias, sim. Até o Rei Cinza não precisa mais de você. – Jean cuspiu. – E o próximo passo em qualquer que sejam os planos dele vai ser: grato pela sua colaboração, tomem aqui uma faca nas costas de cortesia, todos vocês.

– É uma possibilidade – admitiu Locke. – Portanto, nós vamos fazer o seguinte: Jean, depois de dormir um pouco, você vai sair e tomar algumas providências. Cancele aquelas combinações para a viagem de navio. Se precisarmos fugir, esperar um navio zarpar vai levar tempo demais. Pela mesma lógica, deixe mais ouro no Portão do Visconde. Se precisamos fugir vai ser por terra e quero aquele portão mais escancarado que a porta de um puteiro. Calo e Galdo, arrumem uma carroça. Guardem-na atrás do templo e providenciem oleados e cordas para podermos carregá-la depressa. Arrumem comida e bebida para a viagem. Coisas simples e duráveis. Capas sobressalentes. Roupas

modestas. Vocês sabem o que fazer. Se alguma Pessoa Certa os vir em ação, podem dar umas indiretas de que pretendemos roubar uma soma importante nos próximos dias. Se Barsavi ficar sabendo, vai gostar de ouvir. Pulga, amanhã você e eu vamos esvaziar o cofre. Vamos pegar todas as moedas que estão lá e guardar dentro de sacos de lona para facilitar o transporte. Se formos obrigados a fugir, quero jogar tudo na traseira de nossa carroça em poucos minutos.

– Faz sentido – disse Pulga.

– Então, Sanzas, vocês vão trabalhar juntos – prosseguiu Locke. – Pulga, você permanece comigo. Ninguém fica sozinho por tempo algum, exceto Jean, que é o que tem menos probabilidade de ser importunado, quer dizer, isso se o Rei Cinza não tiver um exército escondido na cidade.

– Ah, você me conhece.

Jean levou a mão até atrás do pescoço, por dentro do colete de couro folgado que usava por cima da túnica de algodão simples. De lá tirou um par de machadinhas idênticas com 45 centímetros de comprimento, cabos envoltos em tiras de couro e lâminas pretas e retas que se afinavam feito bisturis e eram equilibradas por esferas de aço escurecido com a mesma circunferência de um sólon de prata. Eram as Irmãs Malvadas, as armas preferidas de Jean.

– Eu nunca viajo sozinho. Somos sempre três.

– Certo, então. – Locke bocejou. – Se precisarmos de outra ideia brilhante, podemos pensar nelas após acordar. Vamos bloquear a porta com algo pesado, fechar as janelas e começar a roncar.

Os Nobres Vigaristas mal haviam se levantado para executar esse plano quando Jean ergueu a mão para pedir silêncio. Os degraus da escada do outro lado da porta, na parede norte do cômodo, rangeram com o peso de muitos pés. Instantes depois, alguém começou a bater na porta.

– Lamora, abra! – gritou uma voz masculina. – É assunto do Capa!

Jean segurou as machadinhas com uma só mão e a levou às costas, indo se postar junto à parede norte, poucos metros à direita da porta. Os gêmeos puseram a mão debaixo da camisa para pegar as adagas e Galdo empurrou Pulga para trás de si. Locke ficou parado no meio do recinto e lembrou que seus punhais ainda estavam enrolados no casaco de Fehrwight.

– Quanto custa um pão no Mercado Cambiante? – berrou.

– Exatamente 1 cobre, mas os pães não vêm secos – foi a resposta.

Locke relaxou só um pouco: eram essas a saudação e a contrassenha daquela semana e, se eles estivessem ali para levá-lo embora com intenções sangrentas, bem, nesse caso teriam derrubado a porta com um chute e pronto. Gesticulando para todos manterem a calma, Locke puxou o trinco e abriu a porta apenas o suficiente para espiar lá fora.

Havia quatro homens no patamar do outro lado, 20 metros acima do Último Erro. O céu tinha a mesma cor da água enlameada do canal atrás deles e só umas poucas estrelas ainda brilhavam debilmente aqui e ali. Eram homens de semblante duro, com a postura relaxada e atenta de lutadores bem treinados, e usavam túnicas e colarinhos de couro e bandanas vermelhas sob boinas de couro preto. Eram os Mãos Vermelhas, a gangue à qual Barsavi recorria para um serviço que exigia força e pressa.

– Desculpe, irmão. – O aparente líder dos Mãos Vermelhas apoiou um dos braços na porta. – O chefe quer falar com Locke Lamora neste instante, não importa a condição em que ele esteja, e não vai nos deixar aceitar não como resposta.

Jean Tannen

1

NO ANO SEGUINTE, LOCKE CRESCEU, mas não tanto quanto gostaria. Embora fosse difícil adivinhar com exatidão sua verdadeira idade, estava claro que ele era menor do que o normal.

– Você pulou algumas refeições nos primeiros anos de vida – disse-lhe Correntes. – Sua situação melhorou muito desde que chegou aqui, sem dúvida, mas desconfio que sua estatura sempre vá ser... mais para mediana.

– Para sempre?

– Não fique tão chateado. – Correntes levou as mãos à própria barriga redonda e deu uma risadinha. – Um homem pequeno pode se safar de situações das quais um homem maior não consegue escapar.

A instrução prosseguia sem trégua. Mais somas, mais história, mais mapas, mais idiomas. Depois de Locke e os Sanzas adquirirem um conhecimento sólido de vadrã oral, Correntes começou a ensiná-los a arte dos sotaques. Algumas horas por semana eram passadas na companhia de um velho reparador de velas vadrã, que os repreendia por “deformar a língua com suas bocas atrapalhadas” enquanto enfiava suas agulhas compridas e ameaçadoras por metros e mais metros de lona dobrada. Eles conversavam sobre qualquer assunto que passasse pela cabeça do velho, que corrigia cada consoante curta demais e cada vogal alongada além da conta. Também ia ficando progressivamente mais afogueado e beligerante conforme as sessões progrediam, pois Correntes pagava por seus serviços em vinho.

Havia os testes, alguns triviais, outros bastante difíceis. Correntes não parava de testar seus meninos de um jeito quase implacável, mas assim que cada novo desafio terminava, sempre os levava até o terraço do templo para explicar qual era a sua intenção e o que significavam as dificuldades. Essa franqueza posterior tornava os jogos mais fáceis de suportar e tinha o efeito suplementar de unir Locke, Calo e Galdo contra o mundo à sua volta. Quanto mais Correntes apertava, mais próximos os meninos ficavam, mais fluido era seu trabalho em conjunto e menos eles precisavam falar em voz alta para dar início a algum plano.

A chegada de Jean Tannen mudou tudo isso.

Era o mês de Saris no Septuagésimo Sétimo Ano de Iono, ao final de um outono particularmente seco e frio. As tempestades haviam assolado o Mar de Ferro, mas poupado Camorr por algum capricho dos ventos ou dos deuses, e as noites eram as mais agradáveis de que Locke tinha lembrança. Ele estava sentado nos degraus do templo com Padre Correntes, flexionando os dedos das mãos e aguardando ansioso a Falsaluz chegar, quando viu o Aliciador atravessar a praça em direção à Casa de Perelandro.

Dois anos tinham atenuado o medo que Locke outrora sentia de seu antigo mestre, mas não havia

como negar que aquele sujeito magricelo ainda conservava um certo magnetismo grotesco. Os dedos ossudos do Aliciador se abriram no momento em que ele fez uma medida, e seus olhos se acenderam ao pousar em Locke.

– Meu caro e atentado menino, que prazer vê-lo levando uma vida produtiva na Ordem de Perelandro.

– Ele deve tal sucesso à disciplina que você lhe infligiu na tenra idade, é claro. – O sorriso de Correntes se abriu abaixo da venda. – Foi isso que o ajudou a se tornar o jovem decidido e de altiva moral que é hoje.

– Altiva? – O Aliciador estreitou os olhos para Locke em fingida concentração. – Pff. Não me parece que ele tenha crescido nem 2 centímetros. Mas pouco importa. Eu trouxe para o senhor o menino sobre o qual conversamos, o do Canto Norte. Venha cá, Jean. Você consegue tanto se esconder atrás de mim quanto debaixo de uma moeda de cobre.

Havia de fato um menino em pé atrás do Aliciador. Quando o velho o empurrou para a frente, Locke viu que tinha mais ou menos a mesma idade que ele, talvez 10 anos, e era sob todos os demais aspectos o seu oposto. O novo garoto era gordo, tinha o rosto vermelho e o mesmo formato de uma pera suja, com o crânio encimado por um topete de cabelos pretos sebosos. Seus olhos estavam arregalados e nervosos e ele não parava de abrir e fechar as mãos suaves.

– Ahh – fez Correntes. – Ahh. Não consigo vê-lo, mas afinal de contas as qualidades que o Senhor dos Enjeitados deseja em seus criados não podem ser vistas por homem nenhum. Você é penitente, meu menino? É sincero? Tem o caráter tão reto quanto aqueles que nosso piedoso mestre celestial já acolheu em seu regaço?

Ele deu um tapinha nas costas de Locke, fazendo as algemas e as correntes retinirem. Locke, por sua vez, ficou encarando o recém-chegado em silêncio.

– Espero que sim, padre – respondeu Jean com uma voz branda e amedrontada.

– Bem, a esperança é o alicerce de todas as nossas vidas, não é mesmo? – indagou o Aliciador. – O bom Padre Correntes agora é seu mestre, menino. Deixo você aos cuidados dele.

– Aos meus não, mas aos do poder maior ao qual eu sirvo – corrigiu Correntes. – Ah, antes de ir embora, hoje mais cedo encontrei isto aqui nos degraus do meu templo. – Ele estendeu uma bolsinha de couro recheada de moedas e a sacudiu na direção do Aliciador. – Seria sua, por acaso?

– Ora, é minha, sim! É, sim! – O Aliciador arrancou-a da mão de Correntes e a fez desaparecer nos bolsos do casaco surrado que estava usando. – Que feliz coincidência!

Com mais uma reverência, ele virou as costas e começou a andar de volta para o Morro das Sombras, assobiando desafinadamente.

Correntes se levantou, esfregou as pernas e bateu as palmas das mãos.

– Vamos encerrar nossos deveres públicos por hoje. Jean, este é Locke Lamora, um dos meus iniciados. Por favor, ajude-o a carregar a cuia até o altar. Cuidado, é pesada.

O menino magro e o gordo carregaram a cuia escada acima até o interior do úmido santuário. O Sacerdote Cego tateou as próprias correntes até recolher o que sobrava e arrastou-as consigo até a segurança do interior. Locke acionou o mecanismo na parede que fez as portas do templo deslizarem até se fechar e Correntes se acomodou bem no centro do chão do presbitério.

– O gentil cavalheiro que o entregou aos meus cuidados disse que você sabia falar, ler e escrever

em três idiomas – comentou Correntes.

– Sim, padre – confirmou Jean, olhando em volta com um ar de expectativa. – Terim, vadrã e issavrai.

– Muito bem. E sabe fazer somas complexas? Equilibrar um livro-caixa?

– Sim.

– Excelente. Nesse caso vai poder me ajudar a contar as esmolas de hoje. Mas primeiro venha cá e me dê a mão. Isso, assim. Vamos ver se você tem alguns dos talentos necessários para se tornar um iniciado deste templo, Jean Tannen.

– O que... o que devo fazer?

– Apenas tocar minha venda com as mãos... Não, relaxe. Feche os olhos. Concentre-se. Deixe todos os pensamentos virtuosos que carrega dentro de si borbulharem até a superfície...

2

– NÃO GOSTEI DELE – afirmou Locke. – Não gostei nem um pouco.

Ele e Correntes estavam preparando o desjejum na manhã seguinte bem cedo. Enquanto Locke fervia uma sopa feita com cebolas fatiadas e pequenos cubos irregulares de caldo de carne reduzido, o mestre tentava romper o lacre de cera de um pote de mel. Como não conseguira fazê-lo usando os dedos e as unhas, tentava com um punhal, resmungando consigo mesmo.

– Não gosta dele nem um pouco? Bem boba essa frase, considerando que ele chegou faz só um dia – retrucou Correntes com uma voz distante.

– Ele é gordo. É molenga. Não é um de *nós*.

– Ele com certeza é um de nós. Já lhe mostramos o templo e o refúgio e ele prestou juramento como meu *pezon*. Daqui a um ou dois dias vou levá-lo para visitar o Capa.

– Não quis dizer um dos Nobres Vigaristas, mas um de *nós*. Ele não é ladrão. É um gordo molengo e...

– Comerciante. Filho de comerciantes, é isso que ele é. Mas agora é um ladrão.

– Ele nunca roubou nada! Nunca surrupiou nem provocou! Disse que passou alguns dias no morro antes de vir para cá. Então ele *não* é um de nós.

– Locke. – Correntes deixou de lado a tarefa de tentar abrir o mel e encarou o menino com a testa franzida. – Jean Tannen é um ladrão porque eu vou lhe ensinar a ser ladrão. Você se lembra, não, que é isso que eu ensino aqui: a ser um ladrão de um tipo bem específico. Ou se esqueceu?

– Mas ele é...

– Mais instruído do que qualquer um de vocês. Tem uma caligrafia limpa e fluida. Tem conhecimentos sobre negócios, livros-caixa, movimentações financeiras e muitas outras coisas. O seu antigo mestre soube na hora que eu iria querê-lo.

– Ele é gordo.

– Eu também sou. E você é feio. Calo e Galdo têm narizes que parecem aríetes. Sabeta estava ficando com sardas da última vez que a vimos. Que importância isso tem?

– Ele não nos deixou dormir hoje à noite. Ficou *chorando* e não quis calar a boca.

– Me desculpe – disse uma vozinha suave atrás deles, e Locke e Correntes se viraram, o último bem mais devagar que o primeiro. Viram Jean em pé junto à porta do quarto de dormir, com os olhos muito vermelhos. – Não foi de propósito. Não consegui me controlar.

– Ha! – Correntes voltou a seu punhal e seu pote de mel. – Está parecendo que meninos que moram em refúgios de vidro não deveriam falar tão alto daqueles que estão no recinto ao lado.

– Bom, Jean, não faça isso outra vez – mandou Locke, pulando do banquinho de madeira que ainda usava para alcançar a pedra do fogão. Ele foi até um dos armários de temperos e começou a remexer os vidros em busca de algo. – Cale a boca e nos deixe dormir. Calo, Galdo e eu não choramos.

– Desculpe – lamentou Jean, parecendo outra vez à beira das lágrimas. – Desculpe, é que.. minha mãe. Meu pai. Eu... eu sou órfão.

– E daí? – Locke pegou um vidrinho de rabanetes em conserva lacrado com uma rolha de pedra como uma poção alquímica. – Eu também sou órfão. Somos todos órfãos aqui. Cale essa boca e nos deixe dormir. Ficar choramingando não vai trazer seus pais de volta.

Locke se virou e deu dois passos de volta ao fogão, logo não viu Jean percorrer o espaço que os separava. Mas sentiu Jean enlaçar seu pescoço por trás com o braço, que podia até ser molengo, mas era pesado à beça para um menino de 10 anos. Locke deixou cair o vidro de rabanetes e Jean tirou Lamora do chão, girou-o e o *lançou*.

Os pés de Locke deixaram o chão no mesmo instante em que o vidro se espatifou. Um confuso segundo depois, a parte de trás de sua cabeça bateu na pesada mesa de jantar de madeira-bruxa e ele caiu, aterrissando dolorosamente sobre o traseiro um tanto ossudo.

– Cale essa boca! – Jean agora não tinha mais nada de dócil: estava aos gritos, com o rosto vermelho e lágrimas escorrendo dos olhos. – Cale essa boca! Cale essa boca imunda! *Nunca* diga nada sobre meus pais!

Locke ergueu as mãos e tentou se levantar, mas um dos punhos de Jean surgiu em seu campo de visão até que pareceu esconder metade do mundo. O soco escureceu tudo e o fez se dobrar ao meio. Quando ele conseguiu recuperar ao menos um simulacro dos próprios sentidos, viu que estava segurando uma perna de mesa e a sala dançava um minueto à sua volta.

– Wrrblg – disse ele, com a boca cheia de sangue e dor.

– Chega, Jean – falou Correntes, puxando o menino gordo para longe de Locke. – Acho que o seu recado já foi transmitido de forma bem clara.

– Ai. Isso doeu muito – reclamou Locke.

– Nada mais justo. – Correntes largou Jean, que cerrou os punhos e ficou parado olhando para Locke com raiva, trêmulo. – Você merecia mesmo.

– Ahn... como assim?

– É claro que somos todos órfãos aqui. Meus pais morreram muito antes de você nascer. Os seus morreram anos atrás. Os de Calo, Galdo e Sabeta também. Mas faz só cinco noites que Jean perdeu os pais – explicou Correntes.

– Ah. – Locke se sentou, gemendo. – Eu não... não sabia.

– Bom, nesse caso... – Correntes enfim conseguiu abrir o pote de mel; o lacre de cera se partiu com um estalo audível. – Quando não souber tudo, é uma boa hora para ficar de bico calado e ser

educado.

– Foi um incêndio. – Jean inspirou fundo algumas vezes, ainda encarando Locke. – Eles morreram queimados. A loja inteira pegou fogo. Foi tudo destruído.

Ele se virou e tornou a andar até o quarto, de cabeça baixa e esfregando os olhos.

Correntes deu as costas para Locke e começou a mexer o mel para desfazer os pequenos pedaços cristalizados.

Um clangor ecoou quando a porta secreta que conduzia do templo acima se fechou. Pouco depois, Calo e Galdo apareceram na cozinha trajando uma túnica branca de iniciado, cada qual equilibrando um pão comprido e macio sobre a cabeça.

– Voltamos! – exclamou Calo.

– Com pão!

– O que é óbvio!

– Não, óbvio é *você*!

Ao ver Locke se levantando junto à borda da mesa, com os lábios inchados e sangue a escorrer do canto da boca, os gêmeos estacaram.

– O que foi que nós perdemos? – perguntou Galdo.

– Meninos – disse Correntes. – Eu talvez tenha esquecido de lhes avisar uma coisa quando os apresentei a Jean e lhe mostrei o templo ontem à noite. O seu antigo mestre do Morro das Sombras me alertou que, embora Jean em geral seja muito educado, ele tem o pavio bem curto.

Balançando a cabeça, Correntes chegou junto de Locke e o ajudou a se erguer.

– Quando o mundo parar de rodar, não esqueça que você tem vidro e rabetes para limpar.

3

NESSA NOITE, À MESA DO jantar, Locke e Jean mantiveram uma boa distância um do outro e nada disseram. Calo e Galdo trocaram centenas de olhares exasperados a cada minuto, mas tampouco fizeram qualquer tentativa de iniciar uma conversa. Os preparativos da refeição foram conduzidos em silêncio quase total e Correntes não pareceu se importar em seguir a deixa de seu grupinho emburrado.

Quando Jean e Locke se sentaram à mesa, Correntes pôs uma caixa de marfim esculpido na frente de cada um, com mais ou menos 30 centímetros de comprimento e tampas com dobradiça. Locke as reconheceu na hora: eram Caixas Determinantes, delicados artefatos verraris que usavam peças mecânicas, placas de correr e maçanetas de madeira giratórias para permitir a um usuário treinado realizar rapidamente determinadas operações matemáticas. Ele já havia aprendido o básico sobre aquele aparelho, mas fazia meses que não usava um.

– Locke e Jean – começou Padre Correntes. – Tenham a bondade. Eu tenho 995 sólons camorris e vou embarcar em um navio para Tal Verrar. Gostaria muito de convertê-los em solaris quando chegasse e o solari vale atualmente, ahn, quatro quintos de 1 coroa inteira camorri. Quantos solaris os cambistas vão me entregar antes de deduzir sua tarifa?

Jean abriu na mesma hora a tampa de sua caixa e começou a fazer a conta, mexendo em maçanetas,

deslizando placas e passando de um lado para outro as pequeninas varetas de madeira. Atarantado, Locke o imitou. Seus gestos nervosos para operar o mecanismo estavam longe de adquirir a velocidade necessária, pois Jean não demorou a anunciar:

– São 31 solaris inteiros e, de quebra, mais ou menos um décimo de solari. – Ele pôs a ponta da língua para fora e calculou por mais alguns segundos. – E isso dá 4 volanis de prata e 2 cobres.

– Maravilha! – elogiou Correntes. – Jean, você pode comer hoje à noite. Locke, infelizmente acho que você não está com sorte. Mas obrigado assim mesmo por tentar. Pode ficar no seu quarto durante o jantar se quiser.

– O quê? – Locke sentiu o sangue lhe acorrer às faces. – Mas não era assim que funcionava antes! Você sempre nos dava problemas individuais! E eu não uso esta caixa há...

– Quer outro problema, então?

– Quero!

– Muito bem. Jean, pode nos fazer o favor de resolvê-lo também? Vejamos... um galeão jereshti está navegando pelo Mar de Ferro e seu capitão é um homem muito devoto. A cada hora cheia, manda um dos marinheiros jogar uma bolacha dura no mar como oferenda a Iono. Cada bolacha pesa 400 gramas. O capitão também é um sujeito extremamente ordeiro: guarda suas bolachas em barris de 250 quilos cada um. Ele passa uma semana no mar. Quantos barris abriu? E que peso em bolachas o Senhor das Águas Revoltas recebeu?

Os meninos começaram a operar as caixas e mais uma vez Jean ergueu a cabeça enquanto Locke ainda estava calculando, com pequenas gotas de suor visíveis na testa estreita.

– Ele abre um barril só e usa 67 quilos de bolacha – respondeu Jean.

Padre Correntes bateu de leve as palmas das mãos.

– Muito bem, Jean. Você continua comendo conosco hoje à noite. Quanto a você, Locke... Eu o chamo quando chegar a hora de tirar a mesa.

– Que coisa mais ridícula! – protestou Locke. – Ele sabe usar a caixa melhor do que eu. O senhor armou isso para eu perder!

– Ridícula, é? Você tem se mostrado convencido ultimamente, meu querido. Chegou a uma idade na qual muitos meninos parecem guardar o bom senso e deixá-lo de lado por alguns anos. Caramba, até Sabeta fez isso. É parte do motivo pelo qual eu a mandei para onde ela está agora. De todo modo, parece-me que o seu nariz está um pouco empinado demais para alguém que tem uma marca da morte em volta do pescoço.

Locke enrubesceu ainda mais e Jean lançou-lhe um olhar furtivo. Calo e Galdo, que já sabiam sobre o dente de tubarão, encararam seus pratos e copos vazios.

– O mundo é cheio de desafios que vão solicitar suas habilidades. Você por acaso imagina que poderá escolher aqueles mais adaptados aos seus pontos fortes? Se eu quisesse mandar um menino para se fazer passar por aprendiz de cambista, quem acha que eu escolheria para o trabalho se os candidatos fossem você e Jean? A escolha é óbvia.

– É... acho que sim.

– Você acha demais. Fica desdenhando seu novo irmão porque a silhueta dele almeja ter a mesma nobre circunferência da minha. – Correntes esfregou a própria barriga e sorriu. – Por acaso nunca lhe ocorreu que ele se encaixa melhor em determinados lugares do que você justamente por causa

dessa silhueta? Jean parece um filho de comerciante, um nobre bem-nutrido, um erudito roliço. Sua aparência pode ser tão vantajosa para ele quanto a sua é para você.

– Imagino que sim...

– E se precisar de mais alguma demonstração de que Jean pode fazer coisas que você não pode, bem, por que não pede a ele para lhe dar outra sova?

Locke quis se encolher dentro da túnica e desaparecer. Como não conseguiu, abaixou a cabeça.

– Desculpe – disse Jean. – Espero não ter machucado muito você.

– Não precisa pedir desculpas – balbuciou Locke. – Acho que eu mereci mesmo.

– A ameaça de uma barriga vazia logo reativa o bom senso. – Correntes deu um sorriso de viés. –

As agruras são uma coisa arbitrária, Locke. Você nunca sabe que qualidade específica de si mesmo ou de outra pessoa vão lhe permitir superá-las. Por exemplo, quem tiver o sobrenome Sanza levante a mão.

Hesitantes, Calo e Galdo obedeceram.

– Quem tiver o sobrenome Sanza pode acompanhar nosso novo irmão Jean Tannen no jantar desta noite – anunciou Correntes.

– Adoro ser usado como exemplo! – exclamou Galdo.

– Quem tiver o sobrenome Lamora pode comer – continuou Correntes –, mas primeiro vai trazer todos os pratos e servir Jean Tannen.

Com um misto de vergonha e alívio estampado no rosto, Locke pôs mãos à obra. O jantar era capão recheado com alho e cebola, acompanhado por uvas e figos escaldados em molho de vinho quente. Padre Correntes fez todos os seus brindes cerimoniais de costume e dedicou o último a “Jean Tannen, que perdeu uma família, mas logo encontrou outra”.

Ao ouvir isso, Jean ficou com os olhos marejados e perdeu toda a alegria que a comida pudesse ter lhe proporcionado. Ao perceber isso, Calo e Galdo se encarregaram de restabelecer seu ânimo.

– Foi muito bom aquilo que você fez com a caixa – garantiu Calo.

– Nenhum de nós consegue ser tão rápido – afirmou Galdo.

– E olhe que somos bons de soma!

– Ou pelo menos pensávamos que fôssemos até conhecermos você.

– Não foi nada – replicou Jean. – Eu consigo ser ainda mais rápido. Eu sou... o que eu quis dizer foi...

Antes de continuar, ele olhou para Padre Correntes com uma expressão aflita.

– Eu preciso de ópticos. Ópticos de leitura, para perto. Não consigo ver direito sem eles. Se eu, ahn, se estivesse com eles teria conseguido manusear a caixa ainda mais depressa. Mas é que... eu perdi meus ópticos. Um dos meninos lá do Morro das Sombras...

– Você vai ganhar ópticos novos – assegurou Correntes. – Amanhã ou depois de amanhã. Só não os use em público: eles podem manchar seu ar de pobreza. Mas com certeza pode usá-los aqui.

– Você não estava conseguindo ver direito quando ganhou de mim? – indagou Locke.

– Só um pouco – respondeu Jean. – Fica tudo meio embaçado. Era por isso que eu estava me inclinando tanto para trás.

– Um terror da matemática e um brigãozinho dos mais capazes... – refletiu Padre Correntes. – Que combinação interessante essa, com a qual o Benfeitor presenteou os Nobres Vigaristas por meio do

jovem Mestre Tannen. E ele é *de fato* um Nobre Vigarista, não é, Locke?

– Sim – admitiu Locke, tentando não soar emburrado. – Acho que sim.

4

A NOITE SEGUINTE FOI SECA e límpida; todas as luas já haviam surgido e brilhavam no céu como soberanos cuja corte era formada pelas estrelas. Sentado abaixo da mureta no terraço do templo, Jean segurava um livro na frente do rosto com o braço esticado. Ao seu lado, duas lamparinas a óleo em caixas de vidro emanavam uma suave luz amarela.

– Não quero incomodar você – desculpou-se Locke, e Jean ergueu os olhos, espantado.

– Pelos deuses! Como você é silencioso!

– Nem sempre. – Locke chegou a poucos metros do menino maior. – Posso ser muito ruidoso quando sou burro.

– Eu, ahn...

– Posso me sentar?

Jean aquiesceu e Locke se deixou cair ao seu lado. Dobrou as pernas e abraçou os próprios joelhos.

– Me desculpe – disse Locke. – Acho que às vezes eu posso mesmo ser um merda.

– Eu também peço desculpas. Não foi minha intenção... Quando eu bati em você, só queria... Eu viro outra pessoa quando fico zangado.

– Você agiu certo. Eu não sabia sobre sua mãe e seu pai. Sinto muito. Eu deveria... deveria ter imaginado. Tive muito tempo para... para me acostumar com isso, entende?

Os dois passaram um tempo mudos. Jean fechou o livro e ergueu os olhos para o céu.

– Talvez no final das contas eu nem seja um órfão de verdade – falou Locke.

– Como assim?

– Bem... minha mãe morreu. Isso eu vi. Isso eu sei. Mas o meu pai... ele, ahn, foi embora quando eu era bem pequeno. Não me lembro dele, nunca o conheci.

– Lamento.

– Nós dois somos mesmo de dar pena, não é? Acho que ele pode ter sido um marinheiro ou algo assim. Talvez um mercenário, sabe? Mamãe nunca queria falar sobre ele. Não sei. Pode ser que eu esteja errado.

– Meu pai era um bom homem – afirmou Jean. – Ele era... Os dois tinham uma loja no Canto Norte. Transportavam couros, sedas e algumas pedras preciosas. Por todo o Mar de Ferro e em algumas viagens por terra. Eu os ajudava. Não no transporte, claro, mas com os registros. Na contabilidade. E tomava conta dos gatos. Nós tínhamos nove gatos. Mamãe costumava dizer que... que eu era seu único filho não quadrúpede. – Ele deu uma fungada e enxugou os olhos. – Parece que eu já gastei todas as minhas lágrimas. Não sei mais o que sentir em relação a isso tudo. Meus pais me ensinaram a ser honesto, que as leis e os deuses odeiam o roubo. Mas agora descobri que o roubo tem seu próprio deus. E posso escolher entre morrer de fome na rua ou viver confortavelmente aqui.

– Não é tão ruim assim – garantiu Locke. – Pelo que eu me lembre, nunca fiz outra coisa na vida.

Se você considerar a atividade como nós consideramos, roubar é um ofício honrado. Às vezes nos esforçamos muito. – Locke levou a mão até dentro da túnica e pegou uma sacola de pano mole. – Tome – falou, entregando-a para Jean.

– O que... o que é isso?

– Você disse que precisava de ópticos. – Locke sorriu. – Lá na Videnza tem um cortador de lente mais velho do que os deuses. Ele não vigia a vitrine da loja como deveria. Roubei alguns para você.

Jean abriu a sacola e deparou com três pares de ópticos: dois com lentes circulares e armação de arame dourado e um de meia-lua e de prata.

– Eu... Obrigado, Locke! – Jean levou cada par até a frente do rosto e olhou através das lentes, um de cada vez, franzindo de leve a testa. – Eu não... não sei muito bem... Ahn, não é que eu seja ingrato, longe disso, mas nenhum destes ópticos vai funcionar. – Ele apontou para os próprios olhos e deu um sorriso encabulado. – As lentes precisam ser feitas para o problema de quem vai usar os ópticos. Existem algumas para pessoas que não veem de longe e acho que estes aqui são para isso. Mas eu sou o que eles chamam de cego de perto, não cego de longe.

– Ah, que droga! – Locke coçou a nuca e sorriu, encabulado. – Eu não uso ópticos, então não sabia. Sou mesmo um idiota.

– Nem um pouco. Eu fico com as armações e quem sabe faço alguma coisa com elas. Armações quebram. Eu posso colocar as lentes certas nestas aqui. Vão ser armações sobressalentes. Obrigado mais uma vez.

Os meninos passaram um curto tempo calados, mas dessa vez num silêncio cúmplice. Jean se recostou de novo na mureta e fechou os olhos. Locke ergueu os seus para as luas, esforçando-se para ver as manchinhas azuis e verdes que Correntes certa vez lhe dissera serem as florestas dos deuses. Jean pigarreou e perguntou:

– Quer dizer que você é bom mesmo em... roubar coisas?

– Preciso ser bom em alguma coisa. E não é em brigar nem em fazer contas, acho.

– Você, ahn... Padre Correntes me contou sobre essa coisa que se pode fazer quando se reza para o Benfeitor. Ele chamou de oferenda de morte. Você sabe o que é?

– Ah, eu juro de pés juntos por todos os treze deuses que sei muito bem – respondeu Locke.

– Eu gostaria de fazer uma. Para minha mãe e meu pai. Mas eu... nunca roubei nada. Você pode me ajudar?

– Ensinar você a roubar para poder fazer uma oferenda de verdade?

– Isso. – Jean deu um suspiro. – Acho que, se foi aqui que os deuses me puseram, eu deveria me adaptar aos costumes locais.

– E você me ensinaria a usar uma caixa de números para eu não ficar com cara de bobo da próxima vez?

– Acho que sim.

– Combinado, então! – Locke tornou a se levantar com um pulo e abriu bem as mãos. – Amanhã, Calo e Galdo podem ficar com a bunda pregada nos degraus do templo. Você e eu vamos sair para saquear!

– Parece perigoso – comentou Jean.

– Para qualquer outra pessoa, pode ser. Para os Nobres Vigaristas, bem, é isso que nós fazemos.

- N3s?

- N3s.

CAPÍTULO SEIS

Limitações

1

OS MÃOS VERMELHAS SUBIRAM COM Locke a comprida passarela que conduzia à Tumba Flutuante bem na hora em que o sol escarlata irrompeu acima das silhuetas escuras dos prédios do bairro de Cinzacai. Sob essa luz, todo o Madeira-Velha se transformava em sangue e, quando Locke piscou por causa da luz forte, até mesmo a escuridão lampejou com clarões vermelhos.

Ele se esforçou para manter o raciocínio afiado; a combinação de nervosismo e cansaço lhe dava a sensação de estar deslizando alguns centímetros acima do chão. Havia guardas no cais, nas portas e no saguão... mais numerosos do que antes. Mantiveram-se todos calados e com o semblante sério enquanto os Mãos Vermelhas conduziam Locke mais para dentro da fortaleza flutuante do Capa. As portas mecânicas internas não estavam trancadas.

Barsavi estava em pé no meio de seu grande salão de audiência, de costas para Locke, com a cabeça baixa e as mãos para trás, unidas. As cortinas das altas janelas de vidro no lado leste do casco do galeão haviam sido abertas. Feixes de luz vermelha iluminavam o Capa, seus filhos, um grande barril de madeira e um objeto comprido pousado sobre um esquife de madeira portátil, que se achava coberto.

– Pai, Lamora chegou – avisou Anjais.

Capa Barsavi deu um grunhido e se virou. Passou alguns segundos encarando Locke com olhos de peixe morto. Acenou com a mão esquerda.

– Deixem-nos a sós – ordenou. – Agora.

Com a cabeça abaixada, Anjais e Pachero saíram da sala apressados, arrastando consigo os Mãos Vermelhas. Instantes depois, o barulho das portas se fechando e dos trincos mecânicos sendo passados ecoou pelo salão.

– Excelência – disse Locke. – O que está acontecendo?

– Ele a matou. O filho da puta a matou, Locke.

– O quê?

– Ele matou Nazca. Ontem à noite. Deixou... deixou o corpo aqui poucas horas atrás.

Estupefato, Locke encarou Barsavi, consciente de estar com a boca escancarada.

– Mas... mas ela estava aqui, não estava?

– Ela saiu. – Barsavi cerrava e soltava os punhos. – Até onde sabemos, ela saiu escondida. Na segunda ou terceira hora da manhã. E foi... foi devolvida na metade da quarta hora.

– Devolvida? Por quem? *O que aconteceu?*

– Venha. Venha ver.

Barsavi retirou o pano que cobria o esquife, e ali jazia Nazca: tinha a pele opaca, os olhos fechados e os cabelos úmidos. Dois hematomas roxos e lívidos maculavam a pele muito lisa do lado esquerdo de seu pescoço. Locke sentiu os olhos arderem e se pegou cravando os dentes com força na primeira articulação do indicador direito.

– Olhe só o que aquele filho da mãe fez – falou Barsavi baixinho. – Ela era a memória viva da mãe. Minha única filha. Eu preferiria estar morto a ver isto. – Lágrimas começaram a rolar pelas faces do velho. – Ela foi... lavada.

– Lavada? Como assim?

– Ela foi devolvida ali dentro – informou o Capa, gesticulando para um barril a uns poucos metros do carrinho.

– Dentro de um barril?

– Olhe lá dentro.

Locke deslizou para trás a tampa do barril e se retraiu quando o intenso fedor do conteúdo chegou às suas narinas.

O barril estava cheio de urina. Urina de cavalo, escura e turva.

Locke recuou para longe e levou as duas mãos à boca, sentindo um espasmo no estômago.

– Não apenas morta, mas afogada – completou Barsavi. – Afogada em *mijo de cavalo*.

Lutando contra as lágrimas, Locke soltou um rosnado.

– Não acredito. Simplesmente não acredito. Não faz o menor sentido, porra!

Tornou a se aproximar do esquife e deu mais uma olhada no pescoço de Nazca. Os hematomas roxos na realidade eram dois calombos salientes ao lado de arranhões vermelhos retos. Locke os fitou e recordou a sensação das garras na própria pele. A ferida em seu antebraço ainda ardia.

– Excelência, ela pode até ter sido... devolvida dentro disso. Mas tenho quase certeza de que não se afogou aí.

– Como assim?

– Essas marcas no pescoço dela e os pequenos arranhões logo ao lado... – *O que soaria plausível?*

Mantendo a voz regular e a expressão neutra, Locke começou a improvisar: – Eu já vi essas marcas antes, muitos anos atrás, em Talisham. Vi um homem que fora assassinado por um falcão-lacrau. Já ouviu falar nesse animal?

– Já – respondeu o Capa. – Um híbrido que não existe na natureza, uma espécie de criatura inventada pelos feiticeiros de Kartane. Essas marcas no pescoço dela... são isso? Você tem certeza?

– Ela foi picada por um falcão-lacrau – afirmou Locke. – As marcas de garras ao lado dos ferimentos são claras. A morte deve ter sido quase instantânea.

– Quer dizer que ele só... que ele só a pôs *em conserva* depois, para aumentar a ofensa – sussurrou Barsavi. – Para me atingir com mais crueldade.

– Sinto muito. Sei que... isso não deve ser lá um grande consolo.

– Se você estiver certo, a morte foi bem mais rápida. – Barsavi tornou a puxar o pano por cima do rosto da filha e passou os dedos por seus cabelos uma última vez antes de cobri-la por completo. – Se esse for o único reconforto que posso rezar para minha menininha ter recebido, por ele rezarei. Já aquele filho da mãe cinza... não vai receber o mesmo reconforto quando chegar a hora.

– Por que ele faria uma coisa dessas? – Locke passou as mãos pelos cabelos; tinha os olhos arregalados de tanta agitação. – Não faz o menor sentido. Por que ela, por que agora?

– Ele mesmo pode responder – afirmou Barsavi.

– O quê? Não estou entendendo.

O Capa levou a mão até dentro do colete e pegou um pedaço de pergaminho dobrado. Entregou-o a Locke, que o abriu e viu um bilhete escrito em uma caligrafia limpa e regular:

BARSAVI

Pedimos desculpas pelo que foi feito, embora isso tenha acontecido para facilitar sua compreensão do nosso poder e, portanto, sua cooperação. Desejamos ardentemente encontrá-lo, de homem para homem, com toda a cortesia, de modo a resolver de uma vez por todas entre nós essa questão de Camorr. Estaremos presentes no Vão do Eco, na décima primeira hora da noite no Dia do Duque, daqui a três noites. Estaremos sozinhos e desarmados, embora o senhor, por sua vez, possa levar tantos conselheiros quanto julgar necessários, e armados como desejar. De homem para homem discutiremos a situação e, com a gentil ajuda dos deuses, talvez consigamos evitar que o senhor perca mais um de seus súditos leais ou mais alguém que seja carne da sua carne e sangue do seu sangue.

– Não posso acreditar – disse Locke. – Um encontro de boa-fé, depois de uma coisa dessas?

– Ele não pode ser camorri – afirmou Barsavi. – Eu me tornei camorri após muitos anos. Pertencço mais a este lugar do que muita gente nascida aqui. Mas esse homem? – Barsavi balançou a cabeça vigorosamente. – Ele não consegue entender a infâmia que cometeu para “chamar minha atenção”, nem o insulto que meus filhos e eu teríamos de suportar se negociarmos com ele. Está perdendo tempo com esta carta... e olhe, ele usa o plural majestático. Quanta afetação!

– Excelência... mas e se ele *entende* o que fez?

– É uma possibilidade muito remota, Locke. – O Capa deu uma risadinha triste. – Caso contrário, não teria feito.

– Não se o senhor partir do princípio de que o encontro no Vão do Eco é uma emboscada. Que ele quer que o senhor saia da Tumba Flutuante e vá para um lugar onde preparou algo que vai lhe fazer mal.

– Olhe a sua prudência outra vez. – Barsavi sorriu sem humor. – Isso me ocorreu, Locke. Mas não acho que seja o caso... Acho que ele realmente pensa que, se me assustar o suficiente, irei negociar com ele de boa-fé. Eu de fato irei ao Vão do Eco. Nós teremos esse encontro. E como conselheiros levarei meus filhos, as Irmãs Berangias e cem dos meus homens mais leais e cruéis. E levarei você e seu amigo Jean.

O coração de Locke se debateu dentro do peito como um pássaro engaiolado. Ele quis gritar.

– Claro. É claro! Jean e eu faremos tudo o que o senhor pedir. Eu sou... grato pela oportunidade.

– Que bom. Porque a única negociação que faremos será com flechas, lâminas e punhos. Se aquele monte de merda cinza acha que vai dar ordens a mim por cima do cadáver da minha própria filha, eu tenho uma surpresinha para ele.

Locke trincou os dentes. *Eu sei que o que pode fazê-lo sair daquela sua fortaleza encharcada*, dissera o Rei Cinza.

– Capa Barsavi, o senhor já considerou... bem, as coisas que dizem sobre o Rei Cinza? – perguntou

Locke. – Que ele é capaz de matar um homem com um toque, que atravessa paredes, que não pode ser ferido por lâminas ou flechas?

– Histórias de beberrões. Ele está fazendo a mesma coisa que eu fiz quando assumi o controle desta cidade: escondendo-se bem e escolhendo seus alvos com cuidado. – O Capa suspirou. – Confesso que ele é bom nisso, talvez tão bom quanto eu. Mas ele não é um fantasma.

– Há outra possibilidade – ponderou Locke, lambendo os lábios.

Quanto do que estava sendo dito ali chegaria aos ouvidos do Rei Cinza? Ele não havia deixado pedra sobre pedra ao desvendar os segredos dos Nobres Vigaristas. *Ah, ele que fosse para o inferno.*

– A possibilidade de um... Mago-Servidor.

– Que esteja ajudando o Rei Cinza?

– Sim.

– Locke, ele está infernizando minha cidade há meses. Talvez isso explique algumas coisas, sim, mas o preço... Nem mesmo eu poderia pagar um Mago-Servidor por esse tempo todo.

– Os falcões-lacraus não são apenas criados pelos Magos-Servidores. Pelo que eu sei, só os próprios Magos-Servidores os têm. Será que um... falcoeiro comum poderia treinar uma ave capaz de matá-lo com uma picada acidental? – *Invente bem*, pensou ele, *invente muito bem.* – O Rei Cinza não precisaria ter mantido um mago esse tempo todo. E se o Mago-Servidor tiver acabado de chegar? E se só tiver sido contratado pelos próximos dias, o ponto crítico de qualquer que seja o seu plano? E os boatos sobre seus poderes... poderiam ter sido espalhados para preparar tudo isso.

– É bem fantasioso – retrucou Barsavi. – Mas ainda assim explicaria algumas coisas.

– Explicaria por que o Rei Cinza está disposto a encontrá-lo sozinho e desarmado... com um Mago-Servidor a protegê-lo, ele poderia aparentar as duas coisas, sem que nenhuma delas fosse verdade.

– Nesse caso, minha resposta é a mesma. – Barsavi envolveu um punho com a outra mão. – Se um Mago-Servidor pode derrotar cem facas, se pode derrotar a mim, você, meus filhos, as Berangias, seu amigo Jean e suas machadinhas... então o Rei Cinza escolheu suas armas melhor do que eu. Embora eu não ache que seja assim.

– Mas o senhor vai considerar essa possibilidade? – insistiu Locke.

– Vou, sim. – Barsavi pousou uma das mãos no ombro de Locke. – Você tem que me perdoar, meu garoto. Pelo que aconteceu.

– Não há nada a perdoar, excelência. – *Quando o Capa muda de assunto, o assunto acabou*, pensou ele. – O senhor não tem culpa pelo... pelo que aconteceu.

– Esta guerra é minha. Sou eu que o Rei Cinza quer anular.

– O senhor me ofereceu um ótimo acordo. – Locke passou a língua pelos lábios, que haviam ficado secos. – Gostaria muito de ajudá-lo a matar esse patife.

– E assim faremos. Na nona hora da noite, no Dia do Duque, começaremos a nos reunir. Anjais irá buscar você e Tannen no Último Erro.

– E os Sanzas? Eles sabem manejar facas.

– E cartas, pelo que eu soube. Gosto deles, Locke, mas eles são amadores. São só para diversão. Estou falando em gente séria para assuntos sérios.

– Como quiser.

– Muito bem. – Barsavi tirou um lenço de seda do bolso do colete e usou-o para enxugar lentamente a testa e as faces. – Deixe-me, por favor. Volte amanhã à noite vestido como sacerdote. Vou chamar todos os meus outros sacerdotes do Benfeitor. Nós faremos... um ritual decente para ela.

Mesmo sem querer, Locke sentiu-se honrado. O Capa sabia que todos os meninos de Padre Correntes eram iniciados do Benfeitor e Locke, um sacerdote consumado, mas era a primeira vez que pedia sua bênção de forma oficial.

– É claro – respondeu baixinho.

Então se retirou e deixou o Capa sob a luz cor de sangue da manhã, sozinho no coração de sua fortaleza pela segunda vez, com apenas um cadáver como companhia.

2

– CAVALHEIROS – DISSE LOCKE ofegante ao fechar atrás de si as portas do sexto andar. – Já fizemos a nossa parte para manter as aparências esta semana: vamos trabalhar lá do templo até segunda ordem.

Jean estava sentado em uma cadeira de frente para a porta, com as machadinhas sobre as coxas e o surrado volume dos romances coreses nas mãos. Pulga roncava em cima de um catre, esparramado em uma daquelas poses totalmente descuidadas que provocam artrite instantânea em qualquer um, exceto nos muito jovens e tolos. Sentados junto à parede dos fundos, os Sanzas jogavam um carteadado sem convicção; ergueram os olhos ao ver Locke entrar.

– Fomos liberados de uma das nossas complicações e jogados de cabeça em outra, numa das cabeludas – anunciou Locke.

– Quais são as novas? – quis saber Jean.

– As piores possíveis. – Locke se deixou cair sobre uma cadeira, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. – Nazca está morta.

– O quê? – Calo se levantou com um pulo, sendo seguido por Galdo. – Como foi que isso aconteceu?

– Obra do Rei Cinza. Deve ter sido essa a tal “outra coisa a fazer” que ele mencionou na minha presença. Devolveu o cadáver dela ao pai dentro de um barril cheio de mijo de cavalo.

– Pelos deuses! – exclamou Jean. – Eu sinto muitíssimo, Locke.

– E agora você e eu vamos ter que acompanhar o Capa quando ele for vingar a morte dela na “conferência clandestina” daqui a três noites – prosseguiu Locke. – Vai ser no Vão do Eco, aliás. E o conceito de “clandestino” do Capa são cem facas desferidas para cortar o Rei Cinza em mil pedaços.

– Cortar *você* em mil pedaços, você quer dizer – corrigiu Galdo.

– Eu sei muito bem quem vai estar andando para lá e para cá com as roupas do Rei Cinza, obrigado. Só estou pensando se deveria ou não pendurar um alvo de balestra no pescoço. Ah, e pensando também se poderia me dividir em dois antes do Dia do Duque.

– Essa situação toda é uma loucura. – Jean fechou o livro com força, revoltado.

– Era uma loucura antes; agora se tornou maligna.

– Por que o Rei Cinza iria matar Nazca?

– Para chamar a atenção do Capa. – Locke suspirou. – Para assustá-lo, o que sem dúvida não ocorreu, ou para deixá-lo o mais furioso possível, o que de fato foi o caso.

– Agora nunca vai haver paz. O Capa vai matar o Rei Cinza ou morrer tentando. – Calo andava de um lado para outro, furioso. – Com certeza o Rei Cinza entende isso. Ele não facilitou as negociações: tornou-as impossíveis, isso sim. Para sempre.

– Passou-me pela cabeça que o Rei Cinza talvez não esteja nos revelando tudo em relação a esse plano – falou Locke.

– Rumo ao Portão do Visconde, então – conclamou Galdo. – Podemos passar a tarde providenciando transporte e mantimentos. Podemos embalar nossa fortuna e desaparecer na estrada. Porra, se não conseguirmos encontrar um lugar para construir outra vida com mais de 40 mil coroas na mão, não merecemos viver. Podemos comprar títulos em Lashane, transformar Pulga em conde e nos fazer passar por seus criados.

– Ou transformar a nós mesmos em condes e fazer de Pulga nosso criado – completou Calo. – Mandá-lo correr para lá e para cá. Vai ser bom para a educação moral dele.

– Não podemos – retrucou Locke. – Precisamos partir do princípio de que o Rei Cinza pode nos seguir aonde formos ou talvez, para ser mais exato, de que o seu Mago-Servidor pode. Enquanto o Falcoeiro estiver a seu serviço, não podemos cogitar a fuga. Pelo menos não como primeira opção.

– E como segunda? – indagou Jean.

– Isso ainda está em aberto. Podemos nos ater ao plano anterior: preparar tudo e, se for mesmo, sem sombra de dúvida, necessário fugir, bem, colocaremos arreios e puxaremos com os cavalos se for o caso.

– Resta apenas o dilema: a qual compromisso faltar na noite do encontro no Vão do Eco? – perguntou Jean.

– Não é dilema nenhum – replicou Locke. – O Rei Cinza é mais forte do que nós e sabemos que podemos enganar Barsavi. Portanto, eu farei o papel do Rei Cinza e inventarei algo para nos dispensar do compromisso com o Capa sem sermos executados por isso.

– Seria um belo truque – comentou Jean.

– Mas e se não for necessário? – Calo apontou para o irmão. – Um de nós pode representar o Rei Cinza e você e Jean podem ficar ao lado de Barsavi conforme solicitado.

– Sim, excelente ideia – concordou Galdo.

– Não – recusou Locke. – Em primeiro lugar, eu sou melhor farsante do que qualquer um de vocês e os dois sabem disso. Vocês são um pouco óbvios demais. Não podemos correr esse risco. Em segundo lugar, enquanto eu estiver bancando o Rei Cinza, vocês provavelmente serão esquecidos por todos. Ficarão livres para irem aonde quiserem. Prefiro deixar vocês esperando com o transporte em um de nossos pontos de encontro, caso as coisas desandem e tenhamos mesmo que fugir.

– E Pulga?

– Pulga passou os últimos minutos fingindo roncar – respondeu o próprio. – E eu conheço o Vão do Eco: costumava me esconder lá às vezes quando fazia parte da gangue do Morro das Sombras. Vou ficar lá debaixo do piso, ao lado da cascata, atento a qualquer problema.

– Pulga, você vai... – começou Locke.

– Se não gostar, vai ter que me trancar dentro de uma caixa para me impedir. Você precisa de um observador e o Rei Cinza não disse que não podia ter amigos à espreita. A minha especialidade é espreitar. E nenhum de vocês consegue fazer isso tão bem quanto eu, porque são todos maiores, mais lentos e reumáticos e...

– Pelos treze! – exclamou Locke. – Meus dias de *garrista* estão contados: eis o Duque Pulga ditando as condições de seu serviço. Muito bem, Sua Graça. Vou lhe dar um papel que o manterá por perto, mas você ficará à espreita onde eu lhe disser para ficar, certo?

– Certíssimo!

– Então está combinado e, se ninguém mais estiver precisando urgentemente que eu imite algum poderoso, se não houver nenhum amigo meu que estejam pretendendo assassinar, eu preciso dormir um pouco – afirmou Locke.

– É mesmo uma lástima o que houve com Nazca – lamentou Galdo. – Que filho da *puta*!

– É – concordou Locke. – Na verdade, eu vou falar com ele sobre isso hoje à noite mesmo. Com ele ou com seu feiticeiro de estimação, seja lá quem for aparecer.

– A vela – disse Jean.

– Isso. Depois que você e eu terminarmos o que temos a fazer e depois da Falsaluz. Você pode ficar esperando no Último Erro. Eu fico aqui, acendo a vela e espero eles aparecerem. – Locke sorriu. – Vamos deixar os putos saborearem a subida desta nossa escada.

3

O DIA SE REVELOU LIMPO e agradável e a noite, tão fresca quanto se podia ter em Camorr. Locke estava sentado nos aposentos do sexto andar, com as janelas abertas, só protegidas por tela, enquanto o céu roxo se acendia com serpentinas ondulantes de luz fantasmagórica.

A vela do Falcoeiro ardia sobre a mesa junto aos restos do pequeno jantar de Locke e a uma garrafa de vinho pela metade. A outra metade aquecia seu estômago enquanto ele aguardava, de frente para a porta, massageando o curativo novo que Jean insistira para enrolar em seu braço antes de ir assumir seu posto no Último Erro.

– Guardião Torto, se eu o estiver zangando por algum motivo, não precisa se esforçar tanto para me castigar – disse Locke para o vazio. – Caso contrário, bem, rezo para que ainda me ache divertido.

Com uma careta, ele flexionou os dedos do braço machucado, depois tornou a empunhar o copo e a garrafa de vinho.

– Um copo servido em homenagem a uma amiga ausente – falou, enchendo-o com o vinho vermelho-escuro, um retsina Nacoza vindo dos vinhedos que Dom Salvara possuía rio acima. Um presente para Lukas Fehrwight quando ele descera do barco de lazer do Dom, muitos dias antes... ou nem tantos assim. Parecia uma vida. – Já sentimos falta de Nazca Barsavi e desejamos o seu bem. Ela era uma *garrista* justa e tentou ajudar seu *pezon* a sair de uma situação insustentável para ambos. Merecia algo melhor. Pode me maltratar quanto quiser, mas faça o que puder por ela. Imploro-lhe

isso como seu criado.

– Se quiser medir a verdadeira penitência de um homem, basta observá-lo quando ele pensa estar jantando sozinho – disse o Falcoeiro.

A porta da frente ainda estava se fechando atrás do Mago-Servidor; Locke não a vira nem ouvira se abrir. Aliás, a porta já estava trancada. O Falcoeiro vinha sem sua ave e vestia o mesmo casaco cinza comprido e rodado com punhos escarlate e abotoaduras de prata que Locke tinha visto na noite anterior. Sobre a cabeça trazia uma boina de veludo cinza inclinada para trás enfeitada com um alfinete de prata que prendia uma única pena facilmente identificável como sendo de Vestris.

– Eu, por minha parte, nunca fui um homem penitente – prosseguiu ele. – Também nunca gostei muito de escadas.

– Meu coração transborda de tristeza pelas suas agruras – ironizou Locke. – Onde está seu falcão?
– Voando em círculos.

De repente, Locke se sentiu muito consciente das janelas abertas, que segundos antes haviam sido um reconforto. A tela não impediria Vestris de entrar caso a ave ficasse agitada.

– Estava torcendo para que o seu mestre pudesse acompanhá-lo.

– O meu *cliente* – corrigiu o Mago-Servidor – está ocupado com outro assunto. Eu falo em seu nome e transmitirei a ele suas palavras. Supondo que tenha alguma palavra que valha a pena escutar.

– Eu sempre tenho palavras – retrucou Locke. – Palavras como “completo lunático”. E “imbecil filho da puta”. Alguma vez ocorreu a você ou a seu *cliente* que o único jeito seguro para que um camorri nunca aceite negociar com boa-fé é matar alguém do seu sangue?

– Pelos céus! – exclamou o Falcoeiro. – Que má notícia. O Rei Cinza tinha certeza de que Barsavi iria interpretar o assassinato da filha como um gesto de amizade. – O feiticeiro arqueou as sobrancelhas. – Você queria contar a ele pessoalmente ou devo sair correndo agora mesmo para transmitir sua revelação?

– Muito engraçado, seu escroto ordinário. Mesmo que eu tenha aceitado, sob pressão, andar por aí vestido como o seu patrão, você precisa reconhecer que devolver a ele a única filha dentro de um barril de mijo complica um pouco a porra do meu trabalho.

– Uma pena – disse o Mago-Servidor. – Mas a tarefa continua de pé, assim como a pressão.

– Barsavi quer que eu o acompanhe nesse encontro, Falcoeiro. Ele me pediu isso hoje de manhã. Eu talvez pudesse ter escapado antes, mas agora? O assassinato de Nazca me pôs em uma situação bem difícil.

– Você é o Espinho de Camorr. Eu, pessoalmente, ficaria muito decepcionado se não conseguisse dar um jeito de sair dessa dificuldade. A convocação de Barsavi é um pedido; a do meu cliente é uma ordem.

– O seu cliente não está me contando tudo o que deveria.

– Pode estar seguro de que ele sabe mais sobre os próprios assuntos do que você.

O Falcoeiro começou a enrolar distraidamente entre os dedos da mão direita um fio bem fino, que tinha um estranho brilho prateado.

– Que os deuses o amaldiçoem – sibilou Locke. – Pode ser que eu não ligue para o que acontece com o Capa, mas Nazca era minha amiga. Pressão eu aceito; maldade por prazer, não. Vocês não

precisavam fazer o que fizeram com ela, seus putos!

O Falcoeiro abriu os dedos e o fio cintilou, agora entrelaçado para formar uma espécie de cama de gato. Começou a mover os dedos devagar, apertando alguns fios e soltando outros com a mesma destreza com que os Sanzas faziam moedas passearem pelas costas da mão.

– Não tenho palavras para lhe dizer como pesa minha consciência ao saber que talvez venhamos a perder sua graciosa aceitação – comentou o feiticeiro.

O Falcoeiro sibilou uma palavra, uma única sílaba em uma língua que Locke não entendeu. O próprio som era deformado e perturbador e ecoou pelo aposento como algo ouvido de longe.

As venezianas de madeira atrás de Locke bateram e ele pulou da cadeira.

Uma a uma, as outras venezianas se fecharam com um baque e seus pequenos trincos foram passados pela mão invisível de alguém. O Falcoeiro moveu os dedos de novo, a luz cintilou na teia em suas mãos e Locke soltou um arquejo: seus joelhos de repente doeram como se tivessem sido chutados com força na lateral.

– Esta é a segunda vez que você é malcriado comigo – repreendeu o Mago-Servidor. – Não acho graça nenhuma nisso, logo vou reforçar as instruções do meu cliente e não me apressarei em fazê-lo.

Locke cerrou os dentes e lágrimas involuntárias lhe subiram aos olhos conforme a dor nas pernas se intensificava, latejava e se espalhava: parecia que uma chama fria estava queimando suas rótulas por dentro. Sem conseguir suportar o próprio peso, ele desabou para a frente. Segurou em vão as pernas com uma das mãos enquanto com a outra tentava se equilibrar na mesa. Lançou um olhar de fúria para o Mago-Servidor e tentou falar, mas constatou que os músculos de seu pescoço começaram a sofrer espasmos.

– Você é uma *propriedade*, Lamora. Pertence ao Rei Cinza. Ele não liga a mínima se Nazca Barsavi era sua amiga: ela teve o infortúnio de nascer filha do pai que os deuses lhe deram.

Os espasmos foram descendo pela coluna vertebral de Locke e tomaram conta de seus braços e pernas, onde se fundiram de maneira medonha à dor gelada e lancinante que já agia ali. Ele caiu de costas, arquejante e trêmulo, com o rosto imobilizado em um ricto e as mãos curvadas no ar acima da cabeça como garras.

– Você parece um inseto jogado na fogueira. E esse é só o mais leve exercício da minha Arte. Você não imagina as coisas que eu poderia fazer se costurasse o seu verdadeiro nome em um pano ou o escrevesse em um pergaminho... “Lamora” obviamente não é seu verdadeiro sobrenome: essa palavra significa “sombra” em terim do trono. Mas o seu primeiro nome seria o suficiente, se eu quisesse usá-lo.

Os dedos do Falcoeiro voavam de um lado para outro, embaralhando-se na visão de Locke, movendo e esticando aqueles fios de prata, e a cadência do tormento que Locke sentia aumentava em proporção direta com a movimentação daquele cintilante desenho. Seus calcanhares bateram no chão e seus dentes chacoalharam na mandíbula. Parecia-lhe que alguém estava tentando cortar e arrancar os ossos de suas coxas com pingentes de gelo. Ele tentou várias vezes sorver ar suficiente para gritar, mas seus pulmões não se moveram, a garganta estava crivada de espinhos e o mundo foi ficando preto e vermelho nas bordas...

O alívio em si foi um choque: ele se viu deitado no chão, amorfo, ainda sentindo resquícios de dor

latejarem pelo corpo. Lágrimas mornas escorreram por suas bochechas.

– Você não é um homem inteligente, Lamora. Um homem desses jamais desperdiçaria meu tempo de forma deliberada e entenderia as sutilezas desta situação sem que fosse preciso... repetir.

Outro borrão cor de prata se moveu no canto do campo de visão de Locke e uma nova dor irrompeu em seu peito como um botão de fogo a brotar ao redor de seu coração, queimando o próprio cerne de sua carne. Pareceu-lhe até sentir o cheiro da carne tostada e o ar em seus pulmões se aquecer até ficar escaldante como em uma fornalha. Ele gemeu, se contorceu, jogou a cabeça para trás e finalmente gritou.

– Eu preciso de você, mas o quero dócil e grato pela minha paciência – disse o Falcoeiro. – Já seus amigos são outros quinhentos. Quer que eu faça isso com Pulga enquanto você assiste? Ou com os Sanzas?

– Não... não, por favor – gritou Locke, recurvado de agonia, segurando o lado esquerdo do peito com as duas mãos. Pegou-se rasgando a própria túnica, enlouquecido feito um animal dominado pela dor. – Com eles, não!

– Por que não? Eles não têm importância nenhuma para o meu cliente. São dispensáveis.

A dor e a ardência se foram, chocando Locke outra vez com sua ausência. Ele se encolheu de lado, com a respiração entrecortada, incapaz de acreditar que algo tão intenso pudesse desaparecer tão depressa.

– Mais uma palavra ríspida sua, mais um comentário impertinente, mais uma exigência, mais um fragmento de qualquer coisa que não seja *total subserviência*, e eles pagarão o preço pelo seu orgulho – avisou o Mago-Servidor.

Ele pegou o copo de retsina sobre a mesa e deu um golinho. Então, estalou os dedos da outra mão e o líquido no copo sumiu em um instante, evaporando sem sinal algum de chama.

– As coisas agora ficaram claras entre nós?

– Sim, perfeitamente – respondeu Locke. – Sim. Por favor, não faça mal a eles. Eu farei tudo o que for preciso.

– É claro que fará. Eu trouxe aqui os componentes do disfarce que você vai usar no Vão do Eco. Estão do outro lado da sua porta. São adequadamente teatrais. Não tenho a intenção de lhe explicar como aprontar sua fantasia. Esteja posicionado do outro lado do Vão do Eco às dez e meia da noite do encontro. A partir daí, eu o guiarei e lhe instruirei quanto ao que deve dizer.

– Barsavi... – começou Locke, tossindo. – Barsavi... terá a intenção de me matar.

– Você duvida que eu poderia continuar a puni-lo aqui, o quanto quisesse, até você enlouquecer de dor?

– Não... não.

– Então não duvide que eu posso protegê-lo de qualquer bobagem que o Capa por acaso deseje utilizar.

– Você vai me instruir... como?

Eu não preciso do ar para transmitir minhas instruções, explicou a voz do Mago-Servidor, ecoando na cabeça de Locke com uma força espantosa. *Quando você precisar delas durante seu encontro com Barsavi, eu as darei. Quando precisar fazer uma exigência ou aceitar outra, eu lhe direi como proceder. Está claro?*

– Sim... sim. Perfeitamente claro. Obrigado.

– Deveria estar grato pelo que meu cliente e eu fizemos por você. Muitos homens esperam anos por uma chance de cair nas graças de Capa Barsavi. A sua lhe foi servida como uma refeição refinada. Não somos generosos?

– Sim... certamente.

– Sugiro agora que você encontre algum jeito de se desvencilhar do serviço que ele lhe solicitou. Isso o deixará livre para se concentrar na tarefa que exigimos. Não iríamos querer sua atenção dividida em um momento crítico: decerto lhe causaria *angústia*.

4

O ÚLTIMO ERRO ESTAVA QUASE vazio, fenômeno que Locke jamais presenciara antes. As conversas eram discretas; os olhares, frios e duros. Homens e mulheres vestiam roupas mais pesadas do que pedia a estação, meias-capas, casacos e coletes usados uns por cima dos outros, assim era mais fácil esconder armas.

– Que diabos aconteceu com você, afinal?

Jean se levantou para ajudar Locke a se sentar a uma mesinha num recanto lateral da taberna, com uma vista desimpedida para as portas. Locke se acomodou na cadeira; um leve resquício das dores imaginárias infligidas pelo Falcoeiro ainda assombrava suas articulações e os músculos de seu pescoço.

– O Falcoeiro tinha várias opiniões que desejava externar e pelo visto eu não sou assim tão encantador quanto penso – contou ele em voz baixa. Apalpou distraidamente a túnica rasgada e deu um suspiro. – Primeiro a cerveja, depois as reclamações.

Jean fez deslizar na sua direção uma caneca de barro cheia de cerveja camorri e Locke bebeu metade em dois goles.

– Bem – falou após limpar a boca –, acho que valeu a pena só para dizer a ele o que eu disse. Não acho que Magos-Servidores estejam acostumados a ser insultados.

– Conseguiu algum resultado?

– Nada. – Locke bebeu o que sobrava da cerveja e virou a caneca de cabeça para baixo antes de pousá-la sobre a mesa. – Nada mesmo, maldição. É bem verdade que fui torturado, o que, visto sob um determinado viés, não deixa de ser uma informação.

– Que puto! – Jean cerrou os punhos. – Eu poderia fazer tanta coisa com ele sem matá-lo... Espero ter essa chance.

– Guarde-se para o Rei Cinza – murmurou Locke. – Eu acho que, se sobrevivermos ao que vai acontecer na noite do Dia do Duque, ele não vai poder manter o Falcoeiro sob suas ordens para sempre. Depois que o Mago-Servidor for embora...

– Nós tornaremos a conversar com o Rei Cinza. Armados com facas.

– Com certeza. Vamos segui-lo se for preciso. Estamos mesmo precisando de alguma coisa para fazer com todo o nosso dinheiro... Bem, isso é alguma coisa. Sejam quais forem os planos daquele patife, quando ele não puder mais pagar pelos serviços do mago nós vamos lhe mostrar como

gostamos de ser chacoalhados de um lado para outro. Mesmo que tenhamos de segui-lo até o Mar de Ferro, dobrar o Cabo de Nessek e ir até Balinel, no Mar de Bronze.

– Isso é o que eu chamo de plano. E hoje à noite, o que vamos fazer?

– Hoje à noite? – Locke deu um grunhido. – Vou seguir o conselho de Calo. Vou me enfiar no Lis Dourado e trepar até cansar. Elas podem me consertar de manhã, quando tiverem terminado comigo. Pelo que eu soube, isso tem um custo extra, mas eu pago.

– Devo estar ficando maluco – disse Jean. – Já fazem quatro anos e, durante esse tempo todo, você...

– Estou frustrado, preciso relaxar e ela está a quase 2 mil quilômetros daqui. Acho que no final das contas eu sou humano, caramba! Não precisa me esperar acordado.

– Vou acompanhar você – afirmou Jean. – Não é seguro sair sozinho em uma noite como esta. A cidade está estranha agora que a notícia sobre Nazca se espalhou.

– Não é seguro? – Locke riu. – Ninguém em Camorr está mais seguro do que eu, Jean. Tenho certeza de que eu sou o único que ninguém quer matar. Não antes de terminarem de me manipular.

5

– NÃO ESTÁ DANDO CERTO – disse ele menos de duas horas depois. – Desculpe... não é culpa sua.

O quarto estava quentinho, escuro e extremamente agradável, ventilado pelo suave *zum-zum-zum* de um ventilador de madeira que se movia de um lado para o outro dentro de um duto escondido. Rodas de água giravam em frente à Casa do Lis Dourado, na ponta norte da Arapuca, movendo cintas e correntes para acionar seus muitos mecanismos.

Locke estava deitado em uma cama larga sobre macios colchões de penas cobertos por lençóis de seda e encimados por um toldo acetinado. Esparramado e nu sob a suave luz vermelha de um globo alquímico enevado, pouco mais forte do que um luar rubro, admirava as curvas suaves da mulher que alisava a parte interna de suas coxas. Ela exalava um cheiro de vinho de maçã com especiarias e almíscar de canela. Apesar disso, ele não estava nem de longe excitado.

– Felice, por favor – falou. – Foi má ideia.

– Você está tenso – sussurrou Felice. – É óbvio que está preocupado com alguma coisa e esse corte no seu braço não deve estar ajudando em nada. Eu nunca refugio diante de um... desafio profissional.

– Não consigo imaginar algo que possa ajudar.

– Humm. – Locke pôde ouvir seu tom contrariado, embora sua expressão não passasse de alguns suaves traços de sombra à meia-luz vermelha. – Existem vinhos, sabe? Vinhos alquímicos de Tal Verrar. Afrodisíacos. Não são baratos, mas funcionam de verdade. – Ela alisou sua barriga e brincou com a fina linha de pelos que descia pelo meio. – Fazem *milagres*.

– Eu não preciso de vinho – afirmou ele, distante, segurando a mão dela e afastando-a da própria pele. – Pelos deuses, não sei do que eu preciso.

– Nesse caso, permita-me fazer uma sugestão.

Ela se levantou na cama até ficar ajoelhada junto a seu peito. Com um movimento confiante – pois havia músculos de verdade sob aquelas curvas –, virou-o de bruços e começou a massagear-lhe os

músculos do pescoço e das costas, alternando carícias delicadas e uma firme pressão.

– Sugestão... ai... aceita...

– Locke, você sabe que as atendentes nas salas de espera nos dizem exatamente do que cada cliente precisa quando nos passam os trabalhos, não sabe? – indagou Felice, deixando de lado a voz rouca de farei-tudo-o-que-você-quiser que costumava usar no quarto e era uma das ilusões mais apreciadas do seu ofício.

– Foi o que ouvi dizer.

– Bem, eu sei que você pediu especificamente uma ruiva.

– Ou... ai, mais embaixo, por favor... ou seja?

– Somos só duas ruivas aqui no Lis e de vez em quando recebemos esse pedido. Mas a questão é que alguns homens querem uma ruiva *genérica* e outros querem uma ruiva *específica*.

– Ah...

– Os que querem uma ruiva em geral se divertem e seguem o seu caminho. Mas você... você quer uma ruiva específica. E eu não sou ela.

– Desculpe... Eu disse que não era culpa sua.

– Eu sei. Foi muita gentileza sua.

– Mas ainda assim ficarei feliz em pagar.

– Isso também é muito gentil. – Ela deu uma risadinha. – Mas se não fosse o caso, você teria que se entender com uma sala cheia de homens corpulentos, e não só se preocupar em ferir meus pobres sentimentos.

– Sabe de uma coisa? Acho que prefiro você assim a toda aquela baboseira de antes sobre “como posso agradá-lo, meu amo”.

– Alguns homens gostam de putas sem firulas. Outros não querem ouvir nada, exceto como são maravilhosos. – Ela pressionou-lhe os músculos do pescoço com a base das mãos. – São tudo negócios. Mas, como eu disse, você parece estar sofrendo por outra pessoa. E agora você mesmo se lembrou disso.

– Sinto muito.

– Não precisa me pedir desculpas. Quem viu a mulher que ama fugir para o outro canto do continente foi você.

– Pelos deuses. – Locke deu um grunhido. – Eu juro que lhe dou 100 coroas se você me arrumar uma só pessoa em Camorr que não saiba disso.

– Foi só o que ouvi um dos Sanzas contar.

– Um dos Sanzas? Qual deles?

– Não sei. É difícil distinguir um do outro no escuro.

– Eu vou cortar fora a língua daqueles malditos.

– Ah, deixe disso. – Ela afagou seus cabelos. – Não faça isso, por favor. Pelo menos aqueles dois têm serventia para moças como nós.

– Pff.

– Já você, seu pobre idiota, está completamente apaixonado por ela. Ora, Locke, o que eu posso dizer? Você está fodido. – Felice riu baixinho. – Só que não por mim.

Obras-primas em forma de pirralhos

1

NO VERÃO SEGUINTE À ENTRADA de Jean para os Nobres Vigaristas, certa noite após o jantar, Padre Correntes levou ele e Locke até o terraço do templo. Correntes fumava uma folha enrolada em papel de tabaco jeremita enquanto a luz do sol afundava por trás do horizonte e o fogo enclausurado do Vidrantigo da cidade punha-se a tremeluzir em seu lugar.

Nessa noite, ele queria conversar sobre a eventual necessidade de cortar gargantas.

– Tive esta mesma conversa ano passado com Calo, Galdo e Sabeta – começou ele. – Vocês são investimentos, meninos, tanto de tempo quanto de dinheiro. – Ele exalou meias-luas irregulares de fumaça clara, como sempre não conseguindo formar círculos inteiros. – Grandes investimentos. Talvez a obra mais importante da minha vida. Um par de obras-primas em forma de pirralhos. Então quero que se lembrem que nem sempre será possível escapar de uma briga com um sorriso. Se alguém os atacar com aço, espero que sobrevivam. E isso significa às vezes revidar na mesma moeda. Significa às vezes correr como se estivessem com o traseiro em chamas. E significa sempre saber qual é a opção correta. É por isso que precisamos conversar sobre as suas inclinações.

Correntes encarou Locke, dando uma tragada funda e vagarosa na folha de tabaco: parecia o último suspiro de um homem que avançava por águas insalubres preparando-se para submergir.

– Locke, ambos sabemos que você tem múltiplos talentos, dons genuínos para uma imensa gama de coisas. Portanto, preciso lhe dizer isso sem rodeios: se um dia tiver que falar duro com um inimigo de verdade, você não passa de uma calça mijada e uma mancha de sangue. Pode matar, é claro, mas não foi feito para um confronto físico direto, cara a cara. E sabe disso, não sabe?

O silêncio de Locke e suas bochechas coradas já eram resposta suficiente. Subitamente incapaz de encarar Padre Correntes nos olhos, ele tentou fingir que seus pés eram objetos fascinantes que jamais tinha visto.

– Locke, Locke, nem todos nós podemos ser cachorros loucos com uma lâmina na mão e isso não é motivo para tristeza, portanto pare de tremer esse beicinho como se fossem os peitos de uma puta velha, ok? Você vai aprender a manejar facas, cordas e uma balestra. Mas vai fazer isso de modo dissimulado. Pelas costas, pelos lados, por cima, no escuro. – Correntes agarrou um oponente imaginário por trás, com a mão esquerda em volta do pescoço e a direita desferindo um golpe na altura do rim com a folha de tabaco já meio fumada fazendo as vezes de adaga. – Vai aprender todos os truques, porque saber lutar bem vai impedir você de ser cortado em mil pedacinhos.

Correntes fingiu limpar o sangue de sua “adaga” com a ponta em brasa, em seguida deu mais um trago.

– É isso. Pode pôr seu chapéu e sair por aí, Locke. Precisamos encarar os desafios. Existe um velho ditado de gangues que diz: “As mentiras saem, mas as verdades ficam em casa.” – Ele exalou dois filetes de fumaça pelas narinas e alegrou-se visivelmente no momento em que as volutas de vapor

cinzento rodopiaram ao redor de sua cabeça. – Agora pare de se comportar como se houvesse uma mulher pelada nas porras dos seus sapatos, pode ser?

Isso arrancou de Locke um leve sorriso; ele ergueu os olhos e assentiu.

– Já você – continuou Correntes, virando-se para Jean. – Todos nós sabemos que tem o tipo de temperamento capaz de partir cabeças quando descontrolado. Nosso Locke aqui tem um cérebro maldoso ao extremo e sabe mentir com maestria. Calo e Galdo são prata em todos os ofícios, mas não chegam ao ouro em nenhum. Sabeta é a rainha nata de todos os encantadores que pisaram esta terra. Mas o que nós ainda *não* temos é um fortão. Acho que você poderia ocupar o lugar do arruaceiro corajoso que protege seus amigos dos problemas. Um verdadeiro cão raivoso armado com aço. Quer tentar?

Os olhos de Jean foram logo atraídos para o fascinante espetáculo dos próprios pés.

– Ahn, bem, se o senhor acha que seria uma boa coisa, eu posso tentar...

– Jean, eu já vi você zangado.

– E eu já senti você zangado – completou Locke com um sorriso.

– Me dê algum crédito por ter quatro vezes a sua idade, Jean. Você não fica esbravejando nem faz ameaças: apenas permanece frio, depois faz as coisas acontecerem. Algumas pessoas nasceram para enfrentar situações difíceis. – Ele tornou a tragar a fumaça de sua folha de tabaco e bateu as cinzas brancas nas pedras do piso. – Acho que você tem talento para desmiolar cabeças. Isso por si só não é nem ruim nem bom, mas é algo que podemos usar.

Jean pareceu refletir sobre o assunto por alguns instantes, mas tanto Locke quanto Correntes puderam ver que a decisão já estava tomada. Os olhos por baixo dos cabelos pretos emaranhados estavam agora duros e ávidos, e foi só por formalidade que ele aquiesceu.

– Ótimo, ótimo! Achei que você fosse gostar da ideia, por isso tomei a liberdade de organizar algumas coisas. – Ele tirou de um dos bolsos do casaco uma carteira de couro preto que entregou para Jean. – Ao meio-dia e meia de amanhã você é aguardado na Casa das Rosas de Vidro.

Locke e Jean arregalaram os olhos ao ouvir o nome da escola de armas mais conhecida e mais exclusiva de Camorr. Jean abriu a carteira-chancela. Dentro dela viu um objeto achatado, uma rosa estilizada feita de vidro fosco fundida diretamente na superfície interna do couro. Com aquilo, Jean podia atravessar até a margem norte do Angevino e passar pelos postos de controle no sopé dos morros de Alcegrante. Aquele símbolo o punha sob a proteção direta de Dom Tomsa Maranzalla, Mestre da Casa das Rosas de Vidro.

– Com essa rosa você poderá atravessar o rio e subir para os morros, mas ao chegar lá em cima, não vá fazer nenhuma cagada. Faça o que lhe mandarem, vá e volte direto. De agora em diante, você irá lá quatro vezes por semana. E pelo amor de todos nós, dê um jeito nessa bagunça na sua cabeça. Alise com fogo e um bastão se for preciso.

Correntes deu uma última tragada de fumaça com aroma de sempre-viva em sua folha de tabaco já quase no final, depois lançou a guimba por cima da mureta do terraço. Seu último trago da noite flutuou até acima das cabeças dos dois meninos na forma de um anel trêmulo, mas ainda assim inteiro.

– Puta que pariu! Um presságio! – Correntes estendeu a mão em direção ao anel flutuante como se pudesse pegá-lo de volta para examinar. – Ou esse plano está fadado a dar certo, Jean Tannen, ou os

deuses estão contentes comigo por ter arquitetado o seu fim. Adoro uma situação na qual se ganha pelos dois lados. E agora, vocês dois não têm trabalho a fazer?

2

NA CASA DAS ROSAS DE Vidro, havia um jardim voraz.

O lugar era uma Camorr em miniatura: algo deixado para trás pelos Ancestres para intrigar os humanos, um perigoso tesouro abandonado feito um brinquedo. O Vidrantigo que servia de argamassa a suas pedras o tornava imune a qualquer arte humana, bem parecido com as Cinco Torres e uma dezena de outras estruturas espalhadas pelas ilhas da cidade. As pessoas que residiam nesses lugares viviam em ambientes de glória e a Casa das Rosas de Vidro era o lugar mais glorioso e mais perigoso das encostas de Alcegrante. O fato de Maranzalla morar ali era prova de seu grande e duradouro prestígio junto ao Duque.

Logo antes do meio-dia no dia seguinte, Jean estava diante da porta da torre de Maranzalla: cinco andares cilíndricos de pedra cinza e vidro prateado, uma fortaleza altíssima que fazia as lindas chácaras em volta parecerem as maquetes de um arquiteto. O céu sem nuvens irradiava grandes ondas de calor branco e o ar estava pesado com o leve hálito de cerveja de um rio urbano que fervia durante longas horas sob o sol. Ao lado de duas imensas portas de carvalho laqueado, havia uma janela de vitral encaixada na pedra, atrás da qual se podia discernir o débil contorno de um rosto. A chegada de Jean fora notada.

Ele fora até a margem norte do Angevino por uma passarela de vidro cuja largura mal ultrapassava a de seu quadril, agarrado às cordas de segurança com as mãos suadas por todos os 200 metros do trajeto. Nenhuma ponte mais larga conduzia à margem sul da Isla Zantara, a segunda ilha de Alcegrante mais a leste. Travessias de barca custavam um meio-barão de cobre; para quem não tinha esse dinheiro, restava o terror paralisante das passarelas. Jean nunca cruzara uma delas na vida e a visão de homens e mulheres mais experientes ignorando as cordas enquanto a percorriam apressados lhe dera um frio na barriga. Sentir novamente a calçada dura sob os os sapatos proporcionara a ele um abençoado alívio.

Os casacas-amarelas encharcados de suor que estavam de guarda no portão da Isla Zantara haviam deixado Jean passar bem mais depressa do que pensara ser possível e ele tinha visto a alegria se lhes esvaír do rosto afogueado na mesma hora que reconheceram a chancela. Depois disso, suas instruções tinham sido concisas; seria pena em suas vozes, ou medo?

– Vamos procurar você, garoto, se tornar a descer o morro! – gritou um deles de repente às suas costas quando ele começou a subir as pedras brancas e limpas do calçamento da rua.

Pena e medo mezclados, então. Será que Jean podia mesmo ter ficado tão entusiasmado com aquela aventura quanto ficara na véspera?

Um rangido e um chacoalhar de contrapesos prenunciou o aparecimento de uma fresta escura entre as duas portas gêmeas à sua frente. Um segundo depois, as portas se escancararam com uma vagarosa majestade, empurradas para fora por dois homens de colete e turbante vermelho-sangue e Jean constatou que cada folha tinha uma espessura de 15 centímetros de madeira sólida reforçada

por trás com tiras de metal. Uma onda de aromas o rodeou: pedra úmida, suor rançoso, carne na brasa e incenso de canela. Cheiros de prosperidade e segurança, de uma vida entre muros.

Jean ergueu a carteira para os homens que haviam aberto a porta e um deles acenou com impaciência.

– Você é aguardado. Entre como convidado de Maranzalla e respeite esta casa como se fosse sua.

Encostadas na parede esquerda de um opulento saguão, havia duas escadas em caracol de ferro preto. Jean acompanhou um dos homens, deu a volta em uma das escadas e começou a subir os degraus estreitos, esforçando-se muito para manter sob controle a transpiração e os arquejos. As portas da torre se fecharam abaixo deles com um baque que ecoou pelo ambiente.

Os dois subiram três andares de vidro cintilante e pedra muito antiga, decorados com grossos tapetes vermelhos e inúmeras tapeçarias manchadas que Jean reconheceu como estandartes de batalha. Dom Maranzalla tinha sido mestre espadachim do Duque e comandante de seus casacas-negras durante 25 anos. Aqueles andrajos sujos de sangue eram tudo o que restava de incontáveis companhias de soldados que o destino lançara contra Nicovante e Maranzalla durante combates agora lendários: as Guerras do Mar de Ferro, a Revolta do Conde Louco, a Guerra dos Mil Dias contra Tal Verrar.

Por fim, a escada em caracol os conduziu a um pequeno cômodo, pouco maior do que um armário, mal iluminado por uma lamparina de papel. O homem levou a mão a uma maçaneta de bronze e virou-se para encarar Jean.

– Este é o Jardim Sem Perfume – falou. – Se dá valor à própria vida, tome cuidado com onde pisa e não toque em nada.

Com um empurrão, ele abriu a porta do terraço e revelou uma visão tão brilhante e assombrosa que Jean se desequilibrou para trás.

A largura da Casa das Rosas de Vidro era mais do que o dobro da altura, logo o terraço devia ter no mínimo 30 metros de diâmetro e era todo cercado por muros. Por um instante de pavor, Jean pensou estar diante de uma fogueira alquímica que ardia com mil tons diferentes. Todas as histórias e boatos em nada o haviam preparado para encarar aquele lugar sob a luz plena de um sol de verão. Diamantes líquidos pareciam pulsar dentro de um milhão de veias delicadas e cintilar em um milhão de facetas. Aquilo era um imenso roseiral, paredes e mais paredes de pétalas, caules e espinhos da maior perfeição, inodoros e animados por um reflexo de fogo, pois eram todos feitos de Vidrantigo: cem mil flores perfeitas até o último espinho. Ofuscado, Jean cambaleou para a frente e esticou uma das mãos para se equilibrar. Quando forçou os olhos a se fecharem, a escuridão ganhou vida com imagens residuais que pareciam clarões de relâmpagos.

O criado de Maranzalla o segurou pelo ombro com um toque delicado, porém firme.

– No início pode ser excessivo. Daqui a alguns instantes seus olhos vão se acostumar, mas preste bem atenção no que eu disser e, pelos deuses, não toque *em nada*.

À medida que os olhos de Jean se recuperavam do choque inicial provocado pelo jardim, ele viu o que havia além da luz ofuscante. As paredes de rosas eram na verdade transparentes; a mais próxima estava a apenas dois passos de distância. E era uma parede imaculada, tanto quanto alegavam os boatos, como se os Ancestres tivessem congelado cada flor e cada arbusto em um instante da mais total perfeição estival. Entretanto, no cerne dessas esculturas havia também alguns pontos de cor

genuína, massas rodopiantes de um marrom-avermelhado translúcido que pareciam nuvens de fumaça cor de ferrugem congeladas em gelo.

Essas nuvens eram sangue humano.

Cada pétala, cada folha e cada espinho eram mais afiados do que uma navalha; bastava o mais leve toque para a pele humana se abrir como se fosse de papel e as rosas beberem o sangue, bem como as histórias narravam, e sugá-lo até o fundo daquele sistema de caules e filamentos de vidro. Supostamente, caso um número suficiente de vidas fosse sacrificado ao jardim, todas as flores e as paredes algum dia iriam adquirir um vermelho vivo de ferrugem. Alguns boatos afirmavam que o jardim só bebia o que era derramado sobre ele enquanto outros diziam que as rosas sugavam o sangue de um ferimento e podiam deixar um homem exangue a partir de qualquer corte, por menor que fosse.

Era preciso concentração total para percorrer os caminhos daquele jardim: a maioria tinha só dois ou três passos de largura e um único instante de distração poderia ser mortal. O fato de Maranzalla considerar aquele o lugar ideal para ensinar os jovens a lutar dizia muito sobre ele. Pela primeira vez, Jean teve uma sensação de admiração e temor pelas criaturas que haviam desaparecido de Camorr mil anos antes de ele nascer. Quantas outras surpresas alienígenas elas teriam deixado para os homens encontrarem? O que poderia ter expulsado seres poderosos o bastante para criar algo como aquilo? A resposta era inimaginável.

O criado de Maranzalla soltou os ombros de Jean e tornou a adentrar o recinto mal iluminado no alto da escada. Jean, então, viu que o cômodo era uma protuberância na parede da torre, como um barracão de jardineiro.

– O Dom está esperando no meio do jardim – avisou ele.

O homem fechou a porta atrás de si e Jean pareceu ficar sozinho no terraço, com o sol forte acima de sua cabeça e as paredes de vidro sedento à sua frente.

Só que ele não estava sozinho. Do centro do jardim de vidro vinham ruídos: estalidos metálicos de aço batendo em aço, grunhidos abafados de esforço, algumas ordens sucintas emitidas em uma voz grave cheia de autoridade. Poucos segundos antes, Jean teria jurado que a travessia da passarela era a coisa mais assustadora que ele já tinha feito, mas agora que estava diante do Jardim Sem Perfume, teria ficado feliz em voltar ao ponto central daquele fino arco suspenso 15 metros acima do rio Angevino e dançar sobre ele sem o auxílio de cordas.

Mesmo assim, a carteira preta que segurava com força na mão direita o fez lembrar que Padre Correntes o considerava apto para o que quer que o aguardasse naquele jardim. Apesar do perigo cintilante, as rosas eram inanimadas e irracionais: como ele poderia ter o coração de um assassino se temesse caminhar no meio delas? A vergonha o levou a prosseguir, fazendo os pés deslizarem pelo chão, e ele percorreu os caminhos sinuosos do jardim com o mais extremo cuidado, sentindo o suor escorrer pelo rosto até fazer os olhos arderem.

– Eu sou um Nobre Vigarista – murmurou para si mesmo.

Aquele trajeto entre as frias e ameaçadoras paredes de rosas foram os 10 metros mais compridos de sua jovem vida.

Ele não as deixou provar sequer uma gotinha de seu sangue.

No meio do jardim, havia um pátio circular com cerca de 10 metros de largura, onde dois

meninos mais ou menos da idade de Jean rodeavam um ao outro enquanto floretes brilhavam e chispavam entre eles. Outra meia dúzia de meninos assistia à luta com um ar aflito junto a um homem alto de meia-idade, que tinha os cabelos na altura dos ombros e um bigode caído da mesma cor das cinzas de uma fogueira velha. Seu rosto parecia feito de couro lixado e, embora ele usasse um gibão de cavaleiro do mesmo vermelho vivo dos guardas no pé da torre, na parte de baixo exibia uma calça de soldado surrada e botas de combate muito gastas.

Todos os alunos, sem exceção, faziam as roupas do mestre parecerem andrajos. Eram filhos da nobreza e usavam casacos de brocado e calças feitas sob medida, túnicas de seda e imitações bem engraxadas de botas de soldados. Todos vestiam também um jaleco de couro branco e braçais cravejados de prata feitos do mesmo material; ambos eram perfeitos para desviar os golpes das armas de treino. Jean se sentiu nu no mesmo instante em que adentrou a clareira e foi só a ameaça das rosas de vidro que o impediu de tornar a pular para trás e se esconder.

Um dos duelistas se espantou ao ver Jean surgir do jardim e seu oponente soube aproveitar essa fração de segundo de desatenção: com agilidade, cravou o florete na parte carnuda do antebraço do outro menino, perfurando a proteção de couro. O menino atingido soltou um uivo indigno e deixou cair a própria arma.

– Milorde Maranzalla! – chamou um dos meninos do grupo que assistia, sua voz mais untuosa do que uma espada pronta para ser guardada. – Lorenzo claramente foi distraído pelo menino que surgiu do meio do jardim. Não foi um golpe justo!

Todos os meninos se viraram para Jean e foi impossível determinar o que provocou primeiro seu óbvio desdém: suas roupas de agricultor, o físico em forma de pera ou a falta de armas e de armadura. Apenas o menino cuja manga da túnica exibia um círculo de sangue cada vez maior não o encarou com um olhar evidente de aversão; ele tinha outros problemas com que se preocupar. O homem grisalho limpou a garganta com um pigarro e começou a falar com a voz grave que Jean havia escutado mais cedo. Parecia estar achando graça na situação.

– Lorenzo, você foi tolo por tirar os olhos de seu oponente, ou seja, de certa forma mereceu a espetada que levou. Mas é verdade que, em condições normais, um jovem cavaleiro não deveria explorar uma distração externa para acertar um golpe. Os dois devem tentar fazer melhor da próxima vez. – Sem olhar para Jean, ele o apontou com uma das mãos e sua voz perdeu o tom caloroso. – Quanto a você, garoto, pode se perder no jardim até nós terminarmos aqui: não quero vê-lo de novo antes de estes cavaleiros terem ido embora.

Certo de que o fogo que surgiu em suas faces era capaz de ofuscar o próprio sol, Jean se retirou rapidamente. Um bom tempo transcorreu antes de ele perceber, horrorizado, que havia entrado outra vez, sem hesitação, no labirinto de paredes de vidro esculpido. Posicionando-se algumas curvas antes de chegar à clareira, ficou parado, tomado por um misto de medo e repulsa por si mesmo e tentou se manter imóvel enquanto o calor do sol extraía de seu corpo rios de suor.

Felizmente, não precisou esperar muito: o barulho de aço batendo em aço cessou e Dom Maranzalla dispensou os alunos, que passaram por Jean segurando os jalecos e com os casacos abertos, todos aparentemente à vontade no labirinto mortal de flores transparentes. Nenhum se dirigiu a Jean, pois aquela era a casa de Dom Maranzalla e seria presunçoso repreenderem um plebeu dentro da sua propriedade. Nem mesmo o fato de todos os meninos terem suado até deixar

as túnicas de seda quase translúcidas e de vários estarem afogueados e enfraquecidos por passar tanto tempo debaixo do sol adiantou grande coisa para aliviar a infelicidade que Jean sentia.

– Garoto, venha falar comigo agora – chamou o Dom depois de a trupe de jovens cavalheiros sair dos jardins e começar a descer a escada.

Reunindo o máximo de dignidade que conseguia, mas percebendo também que a maior parte dela era pura imaginação, Jean encolheu a barriga e voltou à clareira. Dom Maranzalla não estava de frente para ele, mas segurava o pequeno florete de treinamento que havia perfurado o bíceps de um rapaz descuidado. Nas suas mãos, a arma parecia um brinquedo, mas o sangue que brilhava na ponta era muito real.

– Eu, ahn, sinto muito, milorde Maranzalla... Devo ter chegado cedo. Eu, ahn, não quis distrair os alunos...

Com a mesma precisão de um relógio verrari, o Dom girou nos calcanhares; todos os músculos da parte superior de seu corpo estavam ameaçadores e retesados como uma estátua. Ele encarou Jean e o frio escrutínio daqueles olhos negros e apertados deu no menino o terceiro grande susto daquela tarde que mal começara.

De repente, ele lembrou que estava sozinho no terraço com um homem que havia aberto caminho até a posição que agora ocupava à custa de massacres.

– Por acaso acha divertido, seu plebeu, falar antes que lhe dirijam a palavra em um lugar como este e com um homem como eu? – indagou o Dom, sibilando. – Com um *Dom* como eu?

O pedido de desculpas que Jean quis balbuciar morreu em sua garganta com um engasgo bem pouco másculo, o mesmo tipo de barulho molhado que um molusco poderia fazer caso lhe quebrassem a concha e o puxassem para fora pelas rachaduras.

– Porque, se foi imprudência, vou eliminar essa mania com um chute nesse traseiro gordo antes mesmo de você conseguir piscar.

O Dom caminhou até a parede de rosas de vidro mais próxima e, com um cuidado evidente, fez a ponta do florete sujo de sangue deslizar por cima de uma das flores. Com um fascínio horrorizado, Jean viu a mancha vermelha desaparecer rapidamente da lâmina e ser sugada para dentro do vidro, onde se transformou em um filamento rosado como uma névoa e foi transportado até o coração da estrutura. Maranzalla jogou a arma agora limpa no chão.

– É isso? Você é um menino gordo e descuidado que foi mandado até aqui para fingir que sabe manejar armas? Sem dúvida dever ser um menino de rua imundo lá do Caldeirão, o maldito rebento de alguma puta.

No início, a paralisia se recusou a soltar a língua de Jean, mas então ele ouviu o sangue latejar em seus ouvidos como ondas a quebrar na praia. Seus punhos se fecharam automaticamente.

– Eu nasci no Canto Norte e meus pais eram comerciantes! – gritou.

Quase no mesmo instante em que acabou de cuspir as palavras, seu coração pareceu parar de bater. Consternado, ele levou os braços às costas, abaixou a cabeça e deu um passo para trás.

Após alguns instantes de um silêncio carregado, Dom Maranzalla deu uma sonora gargalhada e estalou os dedos com o mesmo ruído da lenha na fogueira.

– Me desculpe, Jean – disse ele. – Mas eu precisava ver se Correntes estava dizendo a verdade. Pelos deuses, você é mesmo corajoso. E tem mesmo o pavio curto.

– O senhor... – Jean encarou o Dom, compreendendo aos poucos. – O senhor *queria* me deixar zangado, milorde.

– Sei que você é sensível em relação a seus pais, garoto. Correntes me contou bastante coisa sobre você.

Maranzalla pousou um dos joelhos no chão diante de Jean até os dois ficarem face a face e levou uma das mãos ao seu ombro.

– Correntes não é cego – falou Jean. – Eu não sou um iniciado. E o senhor na realidade não é... não é...

– Um velho filho da puta e cruel?

Jean não conseguiu reprimir uma risadinha.

– Fico pensando se um dia, ahn, voltarei a conhecer alguém que seja o que parece ser, milorde.

– Já conheceu. Eles saíram do meu jardim faz alguns minutos. E eu *sou* um velho filho da puta e cruel, Jean. Antes de este verão chegar ao fim, você vai me odiar com todas as suas forças. Vai me amaldiçoar na Falsaluz e outra vez de madrugada.

– Ah. Mas... mas isso é só trabalho.

– Verdade – concordou o Dom. – Posso lhe fazer uma confidência, Jean? Eu não nasci neste lugar. Isto aqui foi um presente por serviços prestados. E não pense que eu não valorizo esse fato... mas minha mãe e meu pai não vinham do Canto Norte. Na verdade, eu nasci em uma fazenda.

– Uau!

– Aqui em cima neste jardim, não fará a menor diferença quem foram os seus pais: eu o farei trabalhar até você suar sangue e implorar clemência. Vou bater em você até obrigá-lo a inventar novos deuses para os quais rezar. A única coisa que este jardim respeita é a concentração. Você conseguirá se concentrar durante todos os instantes em que estiver aqui? Conseguirá destilar sua atenção e conduzi-la até o foco mais preciso, viver absolutamente no momento presente e deixar de lado qualquer outra preocupação?

– Eu... vou ter que tentar, milorde. Já percorri o jardim uma vez. Posso fazer isso de novo.

– E fará. Fará isso mil vezes. Irá correr entre as minhas rosas. Dormir no meio delas. E aprender a se concentrar. Vou logo avisando: alguns homens não conseguem.

O Dom se levantou e traçou um semicírculo no ar à sua frente com uma das mãos.

– Você pode encontrar o que eles deixaram para trás aqui e ali. No meio do vidro.

Nervoso, Jean engoliu em seco e aquiesceu.

– Olhe, você tentou se desculpar por ter chegado mais cedo. Na verdade não chegou. Eu deixei minha aula anterior demorar um pouco mais porque tenho tendência a fazer a vontade daqueles malditos merdinhas quando eles querem cortar um pouco uns aos outros. Daqui para a frente, chegue à uma em ponto para ter certeza de que eles já foram embora. Eles não podem me ver ensinando você.

Jean já fora filho de uma família consideravelmente rica e tinha usado roupas tão elegantes quanto qualquer uma das que acabara de ver naquele terraço. O que sentia agora era a conhecida dor da perda, pensou, e não apenas vergonha por algo tão idiota quanto os próprios cabelos, as roupas que usava ou mesmo sua barriga flácida. Esse pensamento teve justo a nobreza e a altivez necessárias para manter seus olhos secos e sua expressão composta.

– Entendo, milorde. Eu... não quero constrangê-lo outra vez.

– Me constranger? Jean, você não está me entendendo. – Maranzalla deu um chute distraído no florete de brinquedo, que deslizou com alarde pelas lajotas do piso. – Aqueles mijões exibidos vêm aqui para aprender a exuberante e cavalheiresca arte da esgrima, com as muitas limitações que lhe confere a condição de esporte e suas proibições de combates *desonrosos*. Já você, por outro lado – ele se virou e deu em Jean um firme porém amigável cutucão no meio da testa –, vai aprender a *matar um homem com uma espada*.

CAPÍTULO SETE

Pela janela

1

DURANTE UM ALMOÇO DEMORADO E nervoso, Locke traçou o esboço de seu plano.

Os Nobres Vigaristas se achavam sentados em volta da mesa de jantar em seu refúgio de vidro; passava um pouco do meio-dia no Dia do Duque. Lá fora, o sol despejava seu costumeiro castigo da tarde, mas no subsolo o ar estava fresco, talvez até mais do que o normal, mesmo para um subsolo. Correntes muitas vezes sugeria que o Vidrante era capaz de fazer truques com outras coisas além da luz.

A mesa estava servida com um banquete mais digno de um festival do que de uma refeição no meio do dia: havia cordeiro ensopado com cebolas e gengibre, enguias recheadas ao molho picante de vinho e tortas de maçã verde feitas por Jean – com uma dose generosa de conhaque de Austershalin despejada por cima da fruta.

– Aposto que até o cozinheiro do Duque teria tido o saco esfolado se fizesse uma coisa dessas – comentara ele. – Pelos meus cálculos, isso faz cada torta valer 2 ou 3 coroas.

– E quanto elas vão valer depois de serem comidas e saírem pelo outro lado? – indagou Pulga.

– Fique à vontade para medir – respondeu Calo. – Pode ir pegar uma balança.

– E uma pá – acrescentou Galdo.

Os Sanzas passaram a refeição inteira espetando o garfo em omeletes temperadas acompanhadas por um picadinho de rins de ovelha, um dos pratos preferidos de todos ao redor daquela mesa. Nesse dia, porém, embora todos concordassem que aquela era a melhor refeição que haviam preparado em muitas semanas – superando inclusive a comemoração de seu primeiro sucesso no golpe contra Dom Salvara –, o sabor parecia ter evaporado. Pulga foi o único a comer com verdadeiro vigor e sua atenção se concentrou principalmente na travessa de tortas feitas por Jean.

– Olhem para mim! – exclamou ele com a boca quase cheia. – Estou valendo mais a cada mordida!

A brincadeira foi recebida com meios sorrisos e nada mais. Pulga deu um muxoxo de irritação e bateu na mesa com os punhos cerrados.

– Bom, se nenhum de vocês quer comer, por que não continuamos a planejar como evitaremos a morte hoje à noite? – perguntou.

– Boa ideia – concordou Jean.

– Com certeza – acrescentou Calo.

– É – disse Galdo. – Qual vai ser o golpe e como vamos conduzi-lo?

– Bem. – Locke afastou o prato, amassou o guardanapo de pano e o jogou no centro da mesa. –

Para começar, precisamos usar os malditos aposentos da Torre Partida outra vez. Parece que aquelas escadas ainda não terminaram de nos assombrar.

Jean assentiu.

– O que vamos fazer com aquele lugar?

– É lá que nós vamos estar quando Anjais for nos buscar, às nove horas. E é lá que vamos permanecer depois de ele ficar totalmente convencido de que temos um motivo muito honesto para não ir com ele.

– E que motivo seria esse? – quis saber Calo.

– Um motivo bem exuberante – respondeu Locke. – Preciso que você e Galdo façam uma visita rápida a Jessaline d’Aubart hoje à tarde. Preciso da ajuda de uma alquimista negra para isso. Vocês dirão a ela o seguinte...

2

A BOTICA CLANDESTINA DE JESSALINE d’Aubart e sua filha Janellaine ficava acima de uma cooperativa de escreventes no respeitável bairro da Curva da Fonte. Calo e Galdo entraram no térreo pouco depois da segunda hora da tarde, onde uma dúzia de homens e mulheres curvada por cima de largas tábuas de madeira manuseava penas, sal e bastonetes de carvão e passava esponjas de um lado para o outro feito autômatos para secar a tinta. Uma astuta disposição de espelhos e claraboias deixava entrar a luz natural para iluminar seu trabalho. Poucos profissionais de Camorr eram mais avaros do que escreventes diaristas.

Nos fundos, ficava uma escada em caracol protegida por uma jovem de ar durão que fingia tédio enquanto tocava em armas por baixo do casaco marrom de brocado. Os gêmeos demonstraram sua boa-fé por meio de uma combinação de gestos e barões de cobre que foram acabar dentro dos bolsos da jovem. Ela puxou a corda de uma sineta ao lado da escada e acenou para eles subirem.

No primeiro andar, havia uma sala de recepção sem janelas, com as paredes e o piso revestidos por tábuas corridas de madeira dourada que ainda conservavam um leve aroma de verniz de pinho. Um balcão alto dividia o cômodo ao meio; não havia cadeiras no lado em que ficavam os clientes e, no outro, só se via uma porta trancada.

Em pé atrás do balcão estava Jessaline, mulher vistosa de 50 e poucos anos, dona de uma cascata de cabelos tingidos com carvão e olhos escuros e cautelosos aninhados no meio de numerosas rugas de expressão. Janellaine, que tinha metade da sua idade, estava em pé à direita da mãe com uma balestra apontada logo acima das cabeças de Calo e Galdo. Era uma arma para ser usada dentro de casa, leve e de baixa potência, o que quase certamente significava algum veneno medonho na flecha. Nenhum dos irmãos Sanzas ficou incomodado: para uma alquimista negra, aquilo era de praxe.

– Madame D’Aubart, Srta. D’Aubart – cumprimentou Calo, fazendo uma mesura. – Ao seu dispor.

– Sem mencionar que continuamos disponíveis – completou Galdo.

– Mestre Sanza e mestre Sanza, prazer em vê-los – falou a mulher mais velha.

– Embora continuemos sem qualquer inclinação no outro sentido – acrescentou Janellaine.

– Mas talvez os senhores estejam interessados em comprar alguma coisa?

Jessaline uniu as mãos sobre o balcão e arqueou uma das sobrancelhas.

– Na realidade, um amigo nosso precisa de algo especial.

Calo pegou uma bolsinha de moedas debaixo do colete e a segurou bem à vista, mas sem abri-la.

– Especial?

– Talvez mais específica do que especial. Ele precisa passar mal. Muito mal.

– Longe de mim querer espantar trabalho, meus caros, mas três ou quatro garrafas de rum resolveriam isso a uma fração do preço de qualquer coisa que eu possa lhes oferecer – disse a D’Aubart mais velha.

– Ah, não passar mal assim – replicou Galdo. – Ele precisa ficar ruim de verdade, como se batesse à porta do quarto de dormir da Deusa da Morte e perguntasse se pode entrar. E precisa recuperar as forças depois de se fingir de doente por um tempo. Seria apenas uma farsa.

– Humm – fez Janellaine. – Não sei se temos alguma coisa que funcione exatamente assim, pelo menos não à mão.

– Para quando seu amigo precisaria de uma solução? – perguntou Jessaline.

– Nós estávamos mais ou menos esperando sair daqui com uma – respondeu Calo.

– Não preparamos milagres aqui, meus caros. – Jessaline tamborilou no balcão. – Ao contrário do que todos pensam. Preferimos um pouco de antecedência para coisas desse tipo. Mexer com as entranhas de uma pessoa, fazê-la passar de saudável a doente e depois a saudável outra vez no espaço de algumas horas... Bem, é algo delicado.

– Nós não somos Magas-Servidoras – emendou Janellaine.

– Graças aos deuses – retrucou Galdo. – Mas a questão é muito urgente.

– Bem. – Jessaline suspirou. – Talvez possamos improvisar alguma coisa um pouco grosseira, mas que pode dar conta do recado.

– Flor de ladrão-de-cova – disse a D’Aubart mais nova.

– Sim. – Jessaline anuiu. – E depois pinheiro-de-somnay.

– Acho que temos as duas coisas aqui na loja – falou Janellaine. – Quer que eu verifique?

– Faça isso e, enquanto estiver lá atrás, me dê aqui essa balestra.

Janellaine entregou a arma à mãe, destrancou a porta nos fundos do recinto e desapareceu, fechando-a atrás de si. Jessaline pousou a arma com delicadeza sobre o balcão, mantendo uma das mãos de longos dedos sobre a empunhadura acolchoada.

– A senhora está nos deixando magoados, madame – comentou Calo. – Somos tão inocentes quanto gatinhos.

– Mais ainda – corrigiu Galdo. – Gatinhos têm unhas e mijam nas coisas de forma indiscriminada.

– Não são vocês, meninos: é a cidade inteira, que corre o risco de entrar em ebulição agora que Nazca foi morta. O velho Barsavi deve estar tramando alguma vingança. Só Deus sabe quem é esse Rei Cinza ou o que ele quer, mas fico cada dia mais preocupada com o que pode subir pela minha escada.

– São *mesmo* tempos confusos – concordou Calo.

Janellaine voltou com duas bolsinhas na mão. Trancou a porta atrás de si, entregou-as à mãe e tornou a segurar a balestra.

– Bem, é o seguinte, então – começou a dizer a D’Aubart mãe. – Primeiro seu amigo toma isto

aqui, na bolsinha vermelha. É flor de ladrão-de-cova, uma espécie de pó roxo. Lembrem-se, na bolsinha vermelha. Dilua em água. É um emético, se é que essa palavra significa alguma coisa para você.

– Nada agradável – falou Galdo.

– Cinco minutos depois de beber, ele vai sentir dor de barriga. Após dez minutos, seus joelhos vão enfraquecer. Em quinze minutos, ele vai começar a vomitar todas as refeições que ingeriu na última semana. Não vai ser bonito de ver. Tenham baldes à mão.

– E vai parecer totalmente real? – indagou Calo.

– Parecer? Meu amor, vai ser o mais real possível. Já viu alguém fingir que está vomitando?

– Já – responderam os Sanzas em um perfeito uníssono.

– Ele faz uma coisa com laranjas mastigadas – explicou Galdo.

– Bem, *isso* ele não vai fingir. Qualquer galeno de Camorr iria jurar que é um mal-estar verdadeiro e natural. Não dá nem para ver a flor de ladrão-de-cova quando ele a vomitar: o pó se dissolve depressa.

– E depois? – perguntou Calo. – E a outra bolsinha?

– Isto aqui é casca de pinheiro-de-somnay. Moam e ponham dentro de um chá. É o antídoto perfeito para a flor roxa: vai anular seu efeito na hora. Só que o ladrão-de-cova já terá feito seu trabalho, não se esqueçam disso. A casca não vai tornar a pôr comida na barriga do seu amigo nem devolver o vigor que ele perder ao vomitar as tripas. Ele vai ficar fraco e dolorido por pelo menos uma ou duas noites.

– Parece maravilhoso, dentro de nossa definição muito especial desse adjetivo – comentou Calo. – Quanto lhe devemos?

– São 3 coroas e 20 sólons – respondeu Jessaline. – E isso porque vocês são meninos do velho Correntes. Isso aí não é grande coisa em matéria de alquimia, só foi refinado e purificado, mas os pós são difíceis de conseguir.

Calo contou 20 tirinos de ouro na carteira e os empilhou sobre o balcão.

– Então eis aqui 5 coroas. Com o entendimento de que é melhor essa transação ser esquecida por todos os envolvidos.

– No que diz respeito ao mundo lá fora, Sanza, todas as compras na minha loja são esquecidas – retrucou Jessaline sem humor algum.

– Então esta precisa ser *ainda mais* esquecida – disse Calo, acrescentando 4 tirinos à pilha.

– Bem, se você quiser mesmo reforçar esse ponto...

Ela pegou um raspador de madeira debaixo do balcão e o usou para puxar as moedas para dentro do que, pelo barulho, parecia ser uma bolsa de couro. Tomou cuidado para não tocar as moedas; alquimistas negras raramente chegavam à idade de Jessaline caso relaxassem sua paranoia com relação a todas as coisas tocadas, provadas ou cheiradas.

– Ficamos muito agradecidos – falou Galdo. – E nosso amigo também.

– Ah, não contem com isso. – Jessaline deu uma risadinha. – Deem-lhe primeiro o que tem na bolsinha vermelha, depois perguntem quão inclinado ele está a sentir gratidão.

– JEAN, PEGUE UM COPO D'ÁGUA para mim. – Locke olhou pela janela do cômodo no sexto andar que dava para o canal enquanto os prédios do sul de Camorr espichavam longas sombras pretas em direção ao leste. – Chegou a hora de tomar meu remédio. Calculo que faltem quase vinte minutos para as nove.

– Já está tudo pronto – avisou Jean, passando-lhe uma caneca de bronze com um turvo resíduo lilás rodopiando dentro. – O tal pó dissolveu em um piscar de olhos, exatamente como os Sanzas disseram.

– Bem, um brinde aos bolsos fundos e mal-protegidos – falou Locke. – E um brinde aos verdadeiros alquimistas, aos estômagos de ferro, a um Rei Cinza desastrado e à sorte do Guardiã Torto.

– Um brinde a sobreviver a esta noite – completou Jean, imitando o tilintar de outra caneca batendo na de Locke.

– Humm. – Locke tomou um golinho hesitante, em seguida virou a caneca para trás e despejou o líquido garganta abaixo em uma série de goles ininterruptos. – Na verdade, não é nada mau. O gosto lembra hortelã, muito refrescante.

– Que epitáfio mais digno – comentou Jean, tornando a pegar a caneca.

Locke olhou por algum tempo pela janela, que estava aberta, com a tela, pois o Vento do Duque ainda soprava com força do mar e os insetos ainda não haviam começado a picar. Do outro lado da Via Camorrazza, o bairro do Arsenal estava quase completamente silencioso e sem movimento: com as cidades-estado do Mar de Ferro em relativa paz, todas as grandes oficinas de corte de madeira, armazéns e docas de reparo tinham pouca atividade. Em épocas de maior necessidade, elas podiam construir ou atender mais de vinte navios de cada vez; agora, Locke via apenas um casco esquelético assomando no meio das docas.

Ao longe, se via a Agulha Sul, um quebra-mar de pedra com argamassa de Vidrantigo com mais de um quilômetro de extensão. Na ponta meridional, uma torre de construção humana se destacava contra o mar cada vez mais escuro. Além dela, os borrões brancos das velas podiam ser vistos sob os filamentos vermelhos das nuvens no céu.

– Ah, acho que alguma coisa está acontecendo – disse Locke.

– Sente-se – orientou Jean. – Em breve você deve ficar com as pernas bambas.

– Já estou. Na verdade... pelos deuses, eu acho que vou...

E assim começou: uma grande onda de náusea subiu borbulhando pela garganta de Locke e trouxe consigo tudo o que ele havia comido na véspera. Durante alguns minutos que pareceram muito demorados, ele ficou ajoelhado no chão segurando um balde de madeira com a mesma devoção de qualquer homem que houvesse rezado por intervenção divina diante de um altar.

– Jean, da próxima vez que eu inventar um plano destes, pense na possibilidade de rachar minha cabeça com uma machadinha – avisou ele, arquejante, durante um leve intervalo entre espasmos de vômito.

– Não seria muito eficaz. – Jean trocou um balde cheio por um vazio e deu um tapinha amigável nas costas de Locke. – Cegar minhas lindas lâminas afiadas em uma cabeça dura como a sua...

Jean baixou as venezianas das janelas. Lá fora, a Falsaluz estava apenas surgindo.

– Por mais nojento que seja, precisamos do cheiro para causar uma impressão quando Anjais aparecer – explicou ele.

Mesmo depois de o estômago de Locke ficar totalmente vazio, os espasmos prosseguiram. Segurando a barriga, ele estremecia e gemia. Jean o carregou no colo e o deitou sobre um catre, olhando para baixo com um genuíno ar de preocupação.

– Você está pálido e suando frio – murmurou. – Nada mau. Muito realista.

– Uma beleza, não? Pelos deuses, quanto tempo falta? – sussurrou Locke.

– Não sei ao certo. Eles deveriam chegar a qualquer momento. É preciso lhes dar alguns minutos para ficarem impacientes de tanto esperar por nós e subirem marchando até aqui.

Durante esses poucos minutos, Locke adquiriu uma estreita familiaridade com a noção de “eternidade curta”. Por fim, rangidos de passos soaram na escada e ouviu-se batidas altas na porta.

– Lamora! – Era a voz de Anjais Barsavi. – Tannen! Abram esta porta, porra, senão vou derrubá-la!

– Graças aos deuses – falou Locke com uma voz rouca enquanto Jean se levantava para destrancar a porta.

– Nós estávamos esperando em frente ao Último Erro! Vocês vêm ou... Pelos deuses, que diabos aconteceu aqui?

Anjais cobriu o rosto com um dos braços ao adentrar o apartamento e sentir o cheiro de vômito. Jean apontou para Locke, que se contorcia em cima da cama, gemendo, semicoberto por uma fina manta apesar da noite quente e úmida.

– Ele adoeceu faz só meia hora – explicou Jean. – Vomitou o quarto inteiro. Não sei qual é o problema.

– Pelos deuses, ele está ficando verde.

Anjais deu alguns passos mais para perto de Locke, encarando-o com uma empatia horrorizada. Anjais estava vestido para um combate: couraça de couro fervido, gargantilha de couro desafivelada e um par de braçais de couro amarrados por cima dos antebraços avantajados. Vários homens o haviam acompanhado escada acima, mas nenhum deles demonstrava qualquer pressa de segui-lo para dentro do aposento.

– Eu comi um capão no almoço e ele, rolinhos de peixe – disse Jean. – Foi a última coisa que nós dois comemos e eu estou bem.

– Pelo mijo de Iono. Rolinhos de peixe... Mais frescos do que ele imaginava, aposto.

– Anjais – gemeu Locke, estendendo para ele uma das mãos trêmulas. – Não... não me deixe. Eu ainda posso ir. Ainda posso lutar.

– Pelo amor dos deuses, não. – Anjais balançou a cabeça enfaticamente. – Lamora, você está mal. Acho melhor consultar um galeno. Você já chamou um, Tannen?

– Não tive oportunidade. Desde que isso começou, fiquei ocupado pegando baldes e cuidando dele.

– Bem, continue a cuidar. Fiquem aqui, os dois. Não, Jean, não fique bravo: ele obviamente não pode permanecer sozinho. Fique aqui e cuide dele. Mande chamar um galeno assim que puder.

Anjais deu dois tapinhas no ombro de Locke que estava para fora do cobertor.

– Nós hoje vamos pegar aquele puto, Locke. Não se preocupe. Vamos pegá-lo de jeito e, quando

acabarmos, vou mandar alguém para dar uma olhada em você. Eu resolvo tudo com papai: ele vai entender.

– Por favor... por favor. Jean pode me ajudar a ficar em pé. Eu ainda consigo...

– Fim de papo. Porra, você não consegue nem ficar em pé. Está mal como um peixe que caiu dentro de uma garrafa de vinho. – Anjais recuou em direção à porta e lhe deu um breve aceno de empatia antes de sair do recinto. – Se eu conseguir pôr as mãos naquele filho da mãe, darei um sopapo nele por você, Locke. Pode ficar descansado.

Ele bateu a porta e Locke e Jean ficaram sozinhos mais uma vez.

4

VÁRIOS MINUTOS SE PASSARAM. JEAN ergueu as venezianas da janela que dava para o canal e olhou para fora em direção ao brilho da Falsaluz. Observou Anjais e seus homens se separarem da multidão lá embaixo, depois atravessarem apressados uma passarela sobre a Via Camorrazza e entrarem no Arsenal. Anjais não se voltou nem uma vez e, em pouco tempo, foi engolido pelas sombras e pela distância.

– Já vai longe. Posso ajudar você a... – começou Jean, virando as costas para a janela.

Locke já cambalheara para fora da cama e estava jogando água sobre a pedra alquímica do fogão, parecendo dez anos mais velho e 10 quilos mais magro. E isso era alarmante: Locke não tinha 10 quilos sobrando.

– Que beleza. O trabalho menos complicado e menos importante da noite está feito. Vamos em frente, Nobres Vigaristas – disse ele.

Seu rosto se iluminou com o brilho refletido da pedra fervilhante quando ele pousou em cima dela uma jarra esmaltada de água. Dez anos mais velho? Vinte, isso sim.

– Hora do chá, graças aos deuses, e espero que ele seja tão eficaz quanto o pó roxo.

Com uma careta, Jean pegou dois baldes de vômito e voltou à janela. A Falsaluz já morria e o Vento do Carrasco soprava, quente e forte, trazendo consigo um teto baixo de nuvens escuras visível logo após as Cinco Torres, que engoliria as luas naquela noite, ao menos durante algumas horas. Pontinhos de fogueiras surgiam pela cidade como se um joalheiro invisível estivesse dispondo suas mercadorias sobre um pano preto.

– Essa poçozinha de Jessaline parece ter me feito devolver tudo o que comi nos últimos cinco anos – comentou Locke. – Agora não tenho mais nada a cuspir, a não ser minha alma. Aliás, verifique se ela não está boiando dentro de um desses baldes antes de esvaziá-los, sim?

Suas mãos tremiam quando ele esfarelou a casca seca de pinheiro-de-somnay dentro da jarra de água; não estava com disposição para fazer um chá decente.

– Acho que estou vendo – falou Jean. – Uma coisinha feia e torta. Melhor para você se ela for jogada no mar.

Depois de uma rápida olhada para garantir que não havia nenhum barco transitando pelo canal na rota de uma surpresa repugnante, ele jogou pela janela os baldes, que atingiram a água cinza mais

de 20 metros abaixo com estardalhaço. Mas Jean teve certeza de que ninguém percebeu nem ligou: os camorris viviam lançando coisas nojentas na Via Camorrazza.

Satisfeito com a própria mira, Jean abriu um armário escondido e pegou seus disfarces: capas de viajante baratas e um par de boinas de Tal Verrar de aba larga feitas de algum couro ignóbil com a mesma textura sebosa de invólucros de linguiça. Jogou uma capa marrom-acinzentada por cima dos ombros de Locke, que a segurou com gratidão e estremeceu.

– Você está com aquele olhar de mãe preocupada, Jean. Devo estar mesmo com uma cara horrível.

– Para dizer a verdade, você está com cara de quem foi executado na semana passada. Detesto perguntar, mas tem certeza de que está disposto a continuar?

– Pouco importa a minha condição: ela vai ter que bastar.

Locke enrolou uma das pontas da capa em volta da mão direita e pegou a jarra de chá já meio fervido. Levou-a à boca e engoliu o conteúdo, com casca e tudo, calculando que o melhor lugar para ela fosse seu estômago vazio.

– Eca. O gosto é tão ruim quanto a sensação de um chute no saco. Eu também irritei Jessaline recentemente?

Apesar da expressão esquisita, como se a pele de seu rosto estivesse tentando se descolar e pular para longe de seus ossos, ele continuou a beber o chá até quase engasgar, contendo o impulso de cuspir os fragmentos molhados e duros de casca que desciam por sua garganta. Jean o equilibrou pousando as duas mãos em seus ombros; em seu íntimo, temia que outro acesso de vômito fosse demais para Locke suportar.

Após alguns minutos, Locke pousou a jarra vazia e deu um suspiro profundo.

– Mal posso esperar para falar com o Rei Cinza quando essa merda toda terminar – sussurrou ele.

– Tenho algumas perguntas filosóficas para fazer a ele. Como por exemplo: “Qual é a sensação de ser pendurado para fora de uma janela com uma corda amarrada em volta do saco, seu filho da puta?”

– Parece mais uma pergunta galênica do que filosófica. Além do mais, como você disse, temos de esperar primeiro o Falcoeiro ir embora – comentou Jean com uma voz firme e inteiramente desprovida de emoção que ele sempre usava ao debater um plano cuja relação com a prudência e a sanidade era das mais frouxas. – Uma pena que não possamos apenas atacar o filho da mãe em um beco.

– Não poderíamos lhe dar nem mesmo um segundo para pensar, do contrário perderíamos.

– Qualquer distância menor do que 20 metros – ponderou Jean. – Um bom arremesso com uma das Irmãs. Levaria só meio segundo.

– Mas tanto eu quanto você sabemos que não somos capazes de matar um Mago-Servidor – retrucou Locke devagar. – Não viveríamos nem mais uma semana. Kartane nos transformaria em exemplos, e Calo, Galdo e Pulga teriam a mesma sorte. É uma saída nada inteligente. Um suicídio prolongado.

Locke olhou para o brilho que já se extinguia na pedra do fogão e esfregou as mãos uma na outra.

– Fico pensando, Jean... Realmente fico pensando... Será assim que as outras pessoas se sentem depois de lhes aplicarmos um golpe? Após pegarmos as mercadorias e desaparecemos, quando elas já não podem fazer mais nada?

Passou-se um bom tempo antes de Jean responder.

– Pensei que tivéssemos concordado muito tempo atrás que é isso que elas merecem, Locke. Nada além disso. Que hora mais boba para começar a se importar...

– Me importar? – Locke se sobressaltou e piscou como quem acaba de acordar. – Não, não me leve a mal. É só esta sensação de que estou preso. “Sem saída” é coisa para os outros, não para os Nobres Vigaristas. Não gosto de me sentir encurralado.

Ele fez um gesto súbito e Jean o puxou até o *garrista* ficar de pé. Não sabia ao certo qual das duas coisas era mais responsável, se o chá ou a capa, mas Locke havia parado de tremer.

– Com certeza – continuou ele, com a voz cada vez mais firme. – Isso com certeza não é para os Nobres Vigaristas. Vamos acabar logo com esta merda de serviço. Podemos fazer uma boa reflexão sobre o tema do nosso filho da puta cinza e seu mago de estimação depois que eu tiver dançado conforme a musiquinha dele.

Jean sorriu, estalou os dedos das mãos e levou uma delas à base das costas. Era o velho e conhecido gesto para se certificar de que as Irmãs Malvadas estavam prontas para uma noite na cidade.

– Tem certeza de que está pronto para o Caminho das Trepadeiras? – perguntou.

– Tão pronto quanto posso estar, Jean. Caramba, estou pesando consideravelmente menos do que antes de tomar aquela poção. Descer vai ser a coisa mais fácil que farei a noite inteira.

5

A TRELIÇA OCUPAVA TODA A altura da face oeste da Torre Partida e começava em um beco estreito. A trama de madeira estava toda entremeada por velhas trepadeiras e rodeava as janelas de todos os andares. Embora fosse um pouco difícil de subir, era a maneira perfeita de evitar rostos conhecidos que certamente estariam no Último Erro. Os Nobres Vigaristas usavam com frequência o Caminho das Trepadeiras.

As venezianas das janelas viradas para o beco se abriram com um baque no último andar da Torre Partida; toda a luz dentro dos aposentos de Locke e Jean fora apagada. Uma forma grande e escura deslizou janela afora para dentro da massa de trepadeiras presas à treliça e foi logo seguida por outra menor. Agarrando-se com uma determinação que fazia o nó de seus dedos embranquecer, Locke abaixou delicadamente as venezianas mais acima e obrigou o estômago revirado a parar de reclamar enquanto durasse a descida. O Vento do Carrasco que soprava na direção da escuridão salgada do Mar de Ferro sacudia sua boina e sua capa com dedos invisíveis que recendiam a charcos e lavouras.

Jean descia entre meio metro e um metro abaixo de Locke e ambos avançavam em ritmo regular, movendo um pé ou mão de cada vez. As janelas do quinto andar estavam escuras e com as venezianas fechadas.

Finas nergas de luz âmbar contornavam as venezianas do quarto andar; os dois diminuíram a velocidade sem precisar dizer nada e ficaram o mais silenciosos possível. Continuaram a descer.

As venezianas do quarto andar se abriram de supetão quando Jean estava bem na altura delas, à direita.

Uma das folhas presas por dobradiças da veneziana ricocheteou na parede e seu susto foi tamanho que ele quase soltou a treliça. Curvou os dedos com força em volta da madeira e das plantas e olhou para a direita. Locke, surpreso, pisou na sua cabeça, mas rapidamente tornou a subir.

– Eu sei que não existe outra saída possível, sua vadia infeliz! – sibilou uma voz masculina.

Ouviu-se um baque alto e a treliça foi percorrida por um estremecimento: alguém havia saído pela janela e estava descendo pelas trepadeiras ao lado e logo abaixo de onde eles se encontravam. Uma mulher de cabelos pretos pôs a cabeça para fora da janela disposta a gritar algo, mas, ao ver Jean pelas frestas de sua veneziana aberta, deu um arquejo, que atraiu a atenção do homem logo abaixo, maior ainda do que Jean.

– Que merda é essa?! – espantou-se ele. – O que *you* está fazendo do lado de fora desta janela?

– Divertindo os deuses, babaca – disparou Jean, tentando sem sucesso cutucar o recém-chegado mais para baixo da treliça. – Queira descer, por favor!

– O que está fazendo do lado de fora desta janela, hein? Gosta de dar uma espiada? Então pode dar uma espiada neste meu punho aqui, seu escroto!

Com um grunhido de esforço, ele começou a subir outra vez e se agarrou às pernas de Jean, que se esquivou, e o mundo girou à sua volta enquanto recuperava o equilíbrio. Parede negra, céu negro, as pedras negras e molhadas do calçamento lá embaixo. Seria uma queda bem feia, daquelas de espatifar um homem feito uma casca de ovo.

– Deem o fora da minha janela AGORA, todos vocês! Ferenz, pelo amor de Morgante, deixe esses homens em paz e *desça*! – bradou a mulher.

– Ai, merda – murmurou Locke poucos metros acima e à esquerda de onde ela estava, com a eloquência brevemente domada pelo tom autoritário da mulher. – Madame, a senhora está complicando a nossa noite. Queira, por favor, fechar essa matraca e a droga da janela!

Estupefata, ela olhou para cima.

– Vocês são dois? Desçam já, todos vocês, desçam, DESÇAM JÁ!

– Feche essa janela, feche agora, feche a porra dessa *janela*!

– Vou matar vocês dois, seus bostas, derrubar os dois da porra desta... – ameaçou Ferenz, ofegante.

Um barulho de algo se partindo ecoou, alto a ponto de fazer gelar a espinha, e a treliça estremeceu sob as mãos dos três homens agarrados a ela.

– Ah – fez Locke. – Ah, claro. Muitíssimo obrigado, Ferenz.

Seguiu-se uma torrente de impropérios, proferidos sabe-se lá por quem. Dois homens cautelosos parecia ser o limite da treliça; com o peso de três brigões descuidados, ela começou a se soltar da parede de pedra com uma série de rangidos e estalos.

De repente, Ferenz se rendeu à gravidade e começou a deslizar para baixo a uma velocidade prodigiosa, queimando as mãos e praticamente descolando acima a treliça, que por fim cedeu quando ele estava a uns 5 metros do chão e o arremessou para dentro do beco escuro, onde o homem foi na mesma hora soterrado por plantas e madeira caída. A descida havia soltado um pedaço com pelo menos 10 metros de comprimento, que começava logo abaixo dos pés dependurados de Jean.

Sem perder tempo, Locke se moveu para a direita e pulou para o peitoril da janela, onde empurrou a mulher histérica com o bico de uma das botas. Como a veneziana ainda impedia seu

acesso direto à janela, Jean escalou a treliça e, à medida que a parte que ele segurava começava a se descolar, içou-se de maneira nada graciosa e adentrou o quarto, levando Locke consigo.

Os dois acabaram amontoados sobre o chão de tábuas corridas, embolados nas próprias capas.

– Saiam de novo pela porra dessa janela, *agora!* – gritou a mulher, pontuando cada palavra com um chute rápido nas costas e costelas de Jean. Felizmente, estava descalça.

– Seria uma burrice – retrucou Locke de algum lugar debaixo do amigo parrudo.

– Ei! – exclamou Jean. – Ei, ei!

Ele segurou o pé da mulher e a impulsionou para trás. Isso a fez aterrissar em cima da cama, que era do tipo comumente conhecido como “pendente”: uma rede com capacidade para duas pessoas feita de uma seda leve e de baixa qualidade, porém resistente, e presa ao teto em quatro pontos. A mulher se esparramou sobre a cama e tanto Locke quanto Jean de repente notaram que não vestia nada, exceto as roupas de baixo. No verão, os trajes íntimos de uma mulher camorri eram mesmo sumários...

– Saiam, seus malditos! Saiam, SAIAM DAQUI! Eu...

Enquanto os dois se levantavam atabalhoadamente do chão, a porta na parede oposta à da janela se abriu com força e um homem de ombros largos e músculos sólidos como os de um estivador ou ferreiro adentrou o quarto. Seus olhos brilhavam com uma satisfação vingativa e ele exalava um cheiro de álcool forte, azedo e intenso, mesmo a dez passos de distância.

Locke gastou apenas meio segundo se perguntando como Ferenz conseguira tornar a subir tão depressa e outro meio segundo para perceber que aquele homem não era Ferenz.

Deu uma risadinha breve, mas incontrolável.

O vento da noite fez a veneziana bater na janela aberta atrás dele.

A mulher emitiu um ruído não muito diferente de um gato caindo em um poço fundo.

– Sua vadia imunda! – xingou o homem com uma voz pastosa e arrastada. – Sua vadia imunda! Eu sabia. Sabia que você não estava sozinha. – Ele cuspiu e balançou a cabeça para Locke e Jean. – E dois de uma vez, ainda por cima. Maldição. Vá entender. Acho que devem ser necessários dois para me substituir. Espero que tenham se divertido com a mulher de outro homem, rapazes – continuou ele, sacando da bota esquerda um punhal de quase 25 centímetros feito de aço escurecido –, porque agora quem vai virar mulher vão ser *vocês*.

Jean separou os pés e levou a mão esquerda até debaixo da capa, pronto para sacar as Irmãs. Usou a direita para cutucar Locke, que estava um passo atrás.

– Espere! – gritou Locke, acenando com as duas mãos. – Ei! Eu sei o que isto aqui está parecendo, mas o senhor entendeu errado, amigo! – Ele apontou para a mulher petrificada agarrada à cama suspensa. – Ela acabou *antes* de nós chegarmos!

– Gathis – sibilou a mulher. – Gathis, esses homens me atacaram! Pegue-os! Me salve!

Rosnando, Gathis se lançou para cima de Jean. Empunhava a faca em frente ao corpo como um lutador experiente, mas ainda estava bêbado e cego de raiva. Locke se esquivou enquanto Jean segurava Gathis pelo pulso, dava um passo na direção dele e o fazia se esparramar no chão com um rápido golpe das pernas.

Um barulho desagradável de algo se partindo ecoou e o punhal escapou das mãos de Gathis. Jean, que ainda segurava seu pulso com firmeza, torceu-o quando o homem caiu de costas no chão. Por

alguns segundos, o espanto de Gathis foi tamanho que ele nem conseguiu gritar. Então, a dor alcançou seus sentidos entorpecidos e ele urrou.

Jean o levantou do chão com um puxão rápido na frente da túnica e empurrou Gathis com todas as forças para cima da parede de pedra à esquerda da janela. A cabeça do grandalhão quicou na superfície dura e ele cambaleou. O punho direito de Jean traçou um arco borrado e atingiu seu maxilar com um *crac*, anulando abruptamente seu impulso para a frente. Gathis desabou como um saco de farinha.

– Sim! Sim! – gritou a mulher. – Isso! Agora o joguem pela janela!

– Pelo amor dos deuses, será que dá para a senhora escolher um dos homens neste quarto e se ater a ele? – disparou Locke.

– Se ele for encontrado morto no beco debaixo da sua janela, eu volto e dou o mesmo fim na senhora – ameaçou Jean.

– E se disser a alguém que passamos por aqui, a senhora vai *querer* que meu amigo tivesse voltado e lhe dado o mesmo fim – arrematou Locke.

– Gathis vai se lembrar – guinchou ela. – Com certeza vai se lembrar!

– Um grandalhão feito ele? Faça-me o favor... – Sem pressa, Jean ajeitou a capa e tornou a pôr a boina sobre a cabeça. – Ele vai alegar que eram oito homens, todos armados com porrete.

Locke e Jean saíram depressa pela mesma porta que Gathis usara para entrar e se viram no patamar do quarto andar da escada situada no lado norte da torre. Com a treliça danificada, não havia nada mais a fazer senão descer rapidamente e rezar para o Guardião Torto. Ao sair, Locke fechou a porta com um puxão, deixando a mulher atarantada ainda esparramada sobre a cama suspensa e Gathis, desacordado, encolhido junto à janela.

– A sorte dos deuses com certeza está do nosso lado – falou Locke enquanto eles percorriam depressa os degraus rangentes. – Pelo menos não perdemos estes chapéus idiotas.

Um pequeno vulto escuro passou com um silvo, agitando as asas, entre eles e as luzes da cidade.

– Bom, não sei se isso é bom ou ruim, mas a partir de agora acho que estamos sob a proteção do Falcoeiro – disse Locke.

INTERLÚDIO

Rio acima

1

JEAN ESTAVA TREINANDO NA CASA das Rosas de Vidro na tarde em que Locke ficou sabendo que seria despachado Angevino acima para morar em uma fazenda durante meses.

Nesse Dia do Ocioso, chovia forte em Camorr, então Correntes havia levado Locke, Calo e Galdo até a sala de jantar e lhes ensinado a jogar Rico, Pedinte, Soldado e Duque – jogo cujo objetivo era

tentar roubar do vizinho até o último cobre torto que ele possuísse. Naturalmente, os meninos logo se afeiçoaram a esse carteadado.

– Dois, três e cinco de cúspides – disse Calo –, mais a chancela dos Doze.

– Pode morrer gritando, seu debiloide – retrucou Galdo. – Eu tenho uma sequência de cálices e a chancela do sol.

– Isso não vai adiantar nada, seu superdebiloide. Pode ir passando as moedas.

– Na realidade, uma sequência com uma chancela ganha de uma chancela sozinha, Calo – explicou Padre Correntes. – Galdo venceria. A não ser que...

– Ninguém está ligando para as cartas que eu tenho na mão? – perguntou Locke.

– Não, já que nada no jogo bate a mão do Duque – respondeu Correntes.

Ele pousou suas cartas sobre a mesa e estalou os dedos, muito satisfeito.

– Isso é roubalheira – acusou Locke. – É a sexta partida que jogamos e você tirou a mão do Duque em duas delas.

– É claro que estou roubando – admitiu Correntes. – Um jogo sem trapaça não tem graça nenhuma. Quando vocês descobrirem *como* estou roubando, aí saberei que estão começando a progredir.

– Você não deveria ter nos revelado isso – falou Calo.

– Vamos passar a semana inteira treinando – disse Galdo.

– No próximo Dia do Ocioso, vamos roubar loucamente de você – completou Locke.

– Não acho que isso vá acontecer, pois no Dia da Penitência vou mandar você embora para um aprendizado de três meses.

– Vai o quê?

– Lembra quando, no ano passado, eu mandei Calo a Lashane para se fazer passar por iniciado da Ordem de Gandolo? E quando Galdo foi para Ashmira se infiltrar na Ordem de Sendovani? Bem, chegou a sua vez. Você vai subir o rio e passar alguns meses sendo agricultor.

– *Agricultor?*

– É, talvez já tenha ouvido falar. – Correntes recolheu as cartas de cima da mesa e as embaralhou. – É deles que vem a nossa comida.

– Sim, mas... Eu não sei nada sobre agricultura.

– É claro que não. Assim como não sabia cozinhar, servir à mesa, se vestir como nobre ou falar vadrã no momento em que o comprei. Então agora vai aprender mais uma coisa.

– Onde?

– Subindo o Angevino, a 11 ou 12 quilômetros daqui. Em um lugarzinho chamado Villa Senziano. Os agricultores de lá são subordinados ao Duque ou a algum dos grã-finos menos importantes de Alcegrante. Eu irei vestido como sacerdote de Dama Elliza e você será meu iniciado, que está sendo levado para trabalhar a terra como parte de seu serviço à deusa. É isso que eles fazem.

– Mas eu não sei nada sobre a Ordem de Dama Elliza.

– Nem precisa. O homem com quem vai ficar hospedado sabe que você é um dos meus pequenos vigaristas. A mentira só vale para todos os outros.

– E nós, o que vamos fazer nesse período? – perguntou Calo.

– Cuidar do templo. Vou passar só dois dias fora; o Sacerdote Cego pode estar doente e trancado

em seus aposentos. Enquanto eu estiver fora, não fiquem sentados nos degraus: as pessoas sempre ficam mais generosas quando eu passo um tempo sem aparecer, sobretudo se retorno tossindo. Vocês dois e Jean podem se divertir como quiserem, contanto que não deixem o templo de pernas para o ar.

- Mas quando eu voltar serei o pior jogador de cartas do templo – reclamou Locke.
- Sim. Meus sinceros votos de uma viagem segura, Locke – falou Calo.
- Aproveite o ar do campo – emendou Calo. – Pode ficar lá quanto tempo quiser.

2

AS CINCO TORRES SE ERGUIAM acima de Camorr como a mão esticada de um deus: cinco cilindros altíssimos e irregulares de Vidrantigo, salpicados com pequenas torres, agulhas e passarelas, além de muitos curiosos indícios de que as criaturas que as haviam projetado não compartilhavam exatamente o mesmo senso estético dos humanos que delas tinham se apropriado.

A situada mais ao leste se chamava Caçaurora, com 122 metros de altura, e sua cor natural era um vermelho-prateado cintilante que parecia o reflexo de um céu do poente em um espelho-d'água. Atrás dela ficava Espadanegra, um pouco mais alta, feita de um vidro cor de obsidiana que irradiava arco-íris feito uma poça de óleo. No lado mais afastado – para quem olhasse as Cinco com Caçaurora situada no meio do campo de visão –, ficava Postoeste, com o mesmo brilho roxo suave de uma turmalina entremeado por branquíssimos veios perolados. Ao seu lado erguia-se a imponente Vidrâmbar, com intrincadas nervuras, das quais o vento extraía pungentes melodias. E no centro ficava Pontacorvo, o palácio do Duque Nicovante, a mais alta e grandiosa de todas, que reluzia qual prata derretida e era coroada pelo célebre Jardim Celestial, cuja trepadeira mais baixa pendia no ar quase 200 metros acima do chão.

Uma teia de cabos vidrinos – quilômetros e mais quilômetros de fios de Vidrantigo encontrados séculos antes nos túneis debaixo de Camorr – estendia-se pelos topos e torrinhãs das Cinco Torres e eram acionados por criados que manejavam imensos e ruidosos cabrestantes. Neles corriam cestos que transportavam tanto passageiros quanto cargas. Embora muitos dos residentes da parte baixa de Camorr os julgassem loucos, os nobres das Grandes Famílias consideravam as sacolejantes e instáveis travessias pelos altíssimos espaços vazios verdadeiros testes de honra e coragem.

Aqui e ali, grandes gaiolas de carga subiam ou desciam de plataformas salientes em várias das torres. Ao erguer para tudo isso olhos ainda não saciados de tais maravilhas, Locke se lembrou das gaiolas do Palácio da Paciência.

Ele e Correntes estavam sentados em uma carroça de duas rodas com um pequeno espaço fechado atrás do assento, no qual o mestre empilhara vários embrulhos de mercadorias sob um velho oleado de lona. Correntes usava as vestes soltas marrons debruadas de verde e prata que identificavam um sacerdote de Dama Elliza, Mãe das Chuvas e das Colheitas; Locke vestia uma túnica simples e calça, estando descalço.

Correntes conduzia os dois cavalos (não neutralizados, pois não gostava de usar os animais de olhos leitosos fora dos muros da cidade) trotando pelo caminho sinuoso de pedras da Rua das Sete

Rodas, coração do bairro das Quedas do Moinho. Na realidade, as rodas que giravam na espuma branca do Angevino eram mais de sete, tantas que Locke nem conseguia contar.

As Cinco Torres haviam sido construídas sobre um platô cerca de 20 metros acima da cidade baixa, para cuja base as ilhas de Alcegrante subiam. Era nessa altura que o Angevino entrava em Camorr, logo ao leste das Cinco, e despencava em uma cascata de seis andares com quase 200 metros de largura. Rodas giravam no alto dessas quedas, parte de uma comprida ponte de vidro encimada por barracões de madeira.

Havia também rodas em movimento embaixo das cataratas, usando a veloz correnteza branca para movimentar toda a sorte de coisas, de moendas aos foles que atiçavam as fogueiras sob os tonéis dos fabricantes de cerveja. Era um bairro lotado tanto de negociantes quanto de agricultores, com nobres escoltados em carruagens douradas inspecionando suas propriedades ou fazendo encomendas aqui e acolá.

Na outra ponta das Quedas do Moinho, os dois viraram em direção ao leste e atravessaram uma larga ponte baixa para entrar no bairro do Portão de Cenza, rota que a maior parte do tráfego terrestre em direção ao norte utilizava para deixar a cidade. Ali havia uma enorme confusão mal controlada por um pequeno efetivo de casacas-amarelas. Ao entrar na cidade, os condutores das caravanas de carroças ficavam à mercê dos agentes de impostos e de alfândega do Duque, homens e mulheres assinalados pelas altas boinas pretas sem aba e em geral chamados – pelas costas – de “vexatórios”.

Pequenos comerciantes ofereciam mercadorias de todo tipo, de cerveja morna a cenouras cozidas, e pedintes alegavam incontáveis motivos improváveis para seu empobrecimento e afirmavam ainda ostentar ferimentos de guerras obviamente encerradas muito antes de eles nascerem. Com seus bastões pretos laqueados, casacas-amarelas enxotavam os mais insistentes ou os mais malcheirosos. A décima hora da manhã ainda não havia chegado.

– Você deveria ver como fica isto aqui por volta do meio-dia – comentou Correntes. – Em especial na época da colheita. E quando chove. Pelos deuses.

As vestes clericais de Correntes, somadas a 1 sólon de prata entregue durante um aperto de mão, lhes permitiram sair da cidade com pouco mais do que um “tenha um bom dia, santidade”. O Portão de Cenza tinha 15 metros de largura e imensas portas de madeira resistente quase da mesma altura. As guaritas no muro eram ocupadas não apenas por guardas cidadãos, mas também por casacas-negras, os soldados do exército de Camorr, que podiam ser vistos andando em cima do muro de pelo menos 6 metros de espessura.

Ao norte de Camorr, ficavam vários bairros ocupados por edifícios de pedra e madeira de construção leve, dispostos em pátios e praças mais arejados do que os da cidade. Ao longo da margem do rio, via-se o início de um charco. Ao norte e a leste, havia colinas com terraços entrecortadas pelas linhas brancas das pedras usadas para delimitar as propriedades das famílias que exploravam a terra. Dependendo da direção na qual sopravam as brisas aleatórias, o ar adquiria qualidades divergentes: em um instante recendia a sal marinho e fumaça de fogueira; no outro, a estrume e olivais.

– Aqui, extramuros, fica o que muita gente que mora fora das grandes cidades consideraria cidades: esses pequenos aglomerados de madeira e pedra que decerto não parecem grande coisa aos

seus olhos. Assim como você nunca chegou de fato a ver o campo, a maioria das pessoas daqui nunca chegou de fato a ver a cidade. Portanto, mantenha os olhos abertos e a boca fechada e preste atenção nas diferenças até ter tido alguns dias para se aclimatar.

– Qual é a finalidade desta viagem, Correntes? De verdade?

– Algum dia você talvez precise fingir ser uma pessoa de condição muito humilde, Locke. Se aprender algo sobre ser agricultor, provavelmente vai aprender alguma coisa sobre ser um condutor de carroças e de barcas, um ferreiro de aldeia, um galeno de cavalos e, quem sabe, até um malfeitor campestre.

O caminho que saía de Camorr rumo ao norte era uma velha estrada da época do Trono Terim, uma superfície de pedra elevada com valas rasas de um lado e outro. Era revestida por um cascalho feito de seixos e aparas de ferro, refugos das fundições do bairro da Fumaça de Carvão. Em alguns pontos, as chuvas haviam fundido ou enferrujado o cascalho até transformá-lo em um cimento avermelhado e as rodas da carroça chacoalhavam ao passar sobre esses trechos endurecidos.

– Vários casacas-negras são originários das fazendas e aldeias ao norte de Camorr – explicou Correntes. – É lá que os Duques de Camorr vão procurar soldados quando precisam de homens mais bem treinados do que aqueles que se consegue com um alistamento obrigatório nas camadas mais humildes da população. O salário é bom e quem permanecer no serviço por 25 anos completos tem direito a terras. Contanto que não seja morto, é claro. Esses sujeitos vêm do norte e voltam para o norte.

– É por isso que os casacas-negras e os casacas-amarelas não se bicam?

– Ora, veja... – Os olhos de Correntes reluziram. – Que bom palpíte; não deixa de ser verdade. A maior parte dos casacas-amarelas são rapazes da cidade que desejam permanecer assim. Mas, além disso, os soldados são uma das categorias mais belicosas e corporativistas que você vai encontrar fora do guarda-roupa de uma dama nobre. Eles brigam por qualquer coisinha: são capazes de cair no tapa por causa da cor dos próprios chapéus ou do modelo dos sapatos. Acredite, eu sei do que estou falando.

– Você já se fez passar por um casaca-negra?

– Pelo amor dos treze deuses, não. Eu já *fui* um deles.

– Já foi casaca-negra?

– Sim. – Correntes suspirou e se recostou no duro banco de madeira da carroça. – Faz mais de trinta anos. Fui lanceiro do velho Duque Nicovante. A maioria dos rapazes da minha aldeia com a mesma idade que eu foi servir. Houve muitas guerras nessa época. O Duque precisava de carne de canhão e nós, de comida e dinheiro.

– Como se chamava a sua aldeia?

Correntes lhe abriu um sorriso torto.

– Villa Senziano.

– Ah.

– Pelos deuses, fomos vários a nos alistar. – Os cavalos e a carroça sacolejaram pela estrada por um tempo antes de Correntes continuar. – Mas só três voltaram. Ou saíram vivos, pelo menos.

– Só três?

– Que eu saiba. – Correntes cofiou a barba. – Um deles é o homem com quem vou deixar você. O

nome dele é Vandros. Um bom sujeito. Não é culto, mas é muito sábio em relação às questões do dia a dia. Ele cumpriu seus 25 anos e o Duque lhe deu um pedaço de terra como meeiro.

– Meeiro?

– A maioria das pessoas fora da cidade não é dona das próprias terras, assim como os inquilinos da cidade não são donos de seus prédios. Um velho soldado meeiro recebe um belo pedaço de terra para cultivar até morrer. É uma espécie de mesada do Duque. – Correntes deu uma risadinha. – Concedida em troca da sua juventude e da sua saúde.

– O senhor não cumpriu os 25 anos, suponho.

– Não. – Correntes passou mais um momento mexendo na barba, um velho gesto seu quando estava nervoso. – Que vontade de fumar, droga. É um hábito muito malvisto na ordem de Dama Elliza, sabia? Eu adoeci depois de uma batalha. Foi bem pior do que uma diarreia e as bolhas nos pés habituais. Uma febre altíssima. Não conseguia mais marchar e fiquei à beira da morte, então eles me deixaram para trás... eu e muitos outros. Aos cuidados de uns sacerdotes itinerantes de Perelandro.

– Só que você não morreu.

– Garoto esperto. Fazer uma dedução dessas com tão poucos indícios após morar comigo por apenas três anos.

– E o que aconteceu?

– Muitas coisas, e você sabe como a história termina. Acabei vindo parar nesta carroça a caminho do norte conversando com você.

– Bom, e o que aconteceu com o terceiro homem da sua aldeia?

– Bem, ele sempre teve a cabeça no lugar – respondeu Correntes. – Foi promovido a sargento com direito ao próprio estandarte pouco depois de eu pegar a tal febre. Na Batalha de Nessek, ajudou o jovem Nicovante a manter a linha de combate quando o velho Nicovante levou uma flechada bem entre os olhos. Ele sobreviveu, foi promovido e serviu a Nicovante nas últimas guerras que o Duque precisou travar.

– E onde ele está?

– Agora? Como vou saber? Mas hoje no final da tarde vai dar a Jean Tannen sua costumeira aula de armas na Casa das Rosas de Vidro.

– Ah.

– O mundo é mesmo engraçado – filosofou Correntes. – Três agricultores viraram soldados, que, por sua vez, se tornaram um agricultor, um barão e um padre larápio.

– E agora eu vou virar agricultor por um tempo.

– Isso. Um treinamento muito útil. Mas não só isso.

– O que mais, então?

– Mais um teste, meu menino. Só mais um teste.

– Que teste?

– Durante todos esses anos eu cuidei de você. Você teve Calo e Galdo, Jean, Sabeta de vez em quando. Acostumou-se a ter o templo como seu lar. Mas o tempo é um rio, Locke, e nós sempre o descemos mais rápido do que pensamos. – Ele baixou o rosto e sorriu com genuíno afeto. – Não posso vigiar você para sempre, menino. Agora temos de ver o que você é capaz de fazer em um lugar

novo e estranho, completamente sozinho.

CAPÍTULO OITO

O barril fúnebre

1

TUDO COMEÇOU COM A BATIDA lenta e regular dos tambores fúnebres e a vagarosa cadência da procissão que seguia da Tumba Flutuante rumo ao norte, com tochas vermelhas acesas formando uma comprida linha dupla de luz vermelho-sangue sob as nuvens baixas e escuras.

No centro do cortejo ia Vencarlo Barsavi, com um filho de cada lado. Na sua frente, um caixão coberto envolto em seda preta e pano dourado era carregado de cada lado por seis homens usando capas e máscaras pretas, um para cada um dos doze deuses terins. Atrás de Barsavi, um imenso barril de madeira vinha puxado sobre uma carroça por seis outros homens, sendo seguido por uma sacerdotisa do Treze Sem Nome toda vestida de preto.

Os tambores ecoavam nos muros e ruas de pedra, nas pontes e canais e as tochas lançavam reflexos de fogo em cada janela e fragmento de Vidrantigo por que passavam. As pessoas observavam a procissão com um ar apreensivo, isso quando chegavam a observar; havia quem trancasse a porta e abaixasse as venezianas no momento em que avistava o cortejo. Era esse o costume em Camorr para os ricos e poderosos: uma lenta marcha fúnebre subia o Morro dos Sussurros seguida pelo enterro, pela cerimônia e, finalmente, por uma chorosa celebração. Um brinde aos falecidos, uma festa ao mesmo tempo triste e alegre para quem ainda não fora levado para ser julgado por Aza Guilla, Senhora do Longo Silêncio. O barril fúnebre era o que abastecia essa tradição.

As filas da procissão saíram do Madeira-Velha logo após a décima hora da noite e marcharam até o Caldeirão, onde nenhuma criança de rua e nenhum bêbado se atreveu a atrapalhar seu caminho, onde gangues de assassinos e Mirantes ficaram paradas assistindo com atenção à passagem de seu mestre e sua corte.

O cortejo passou pela Fumaça do Carvão, depois seguiu rumo ao norte até o Tranquilo enquanto uma bruma prateada se erguia dos canais em volta, morna e pesada. Nenhum casaca-amarela cruzou seu caminho; nenhum guarda sequer viu a procissão, pois providências haviam sido tomadas para mantê-los ocupados em outro lugar naquela noite, para manter sua atenção totalmente concentrada na metade oeste da cidade. O leste pertencia a Barsavi e suas longas fileiras de tochas e, quanto mais para o norte eles seguiram, mais as famílias honestas trancavam as portas, apagavam as luzes e rezavam para que os negócios dos comerciantes não fossem envolvidos naquela situação.

Caso houvessem muitos olhos observadores, eles poderiam ter reparado que a procissão não fizera a curva em direção ao Morro dos Sussurros, mas continuara na direção norte e serpenteara até a ponta ocidental do bairro de Água-Ferrugem, onde a grande estrutura abandonada chamada Vão

do Eco se assomava em meio à escuridão e à névoa.

Um observador curioso talvez tivesse ficado intrigado com o enorme tamanho daquele cortejo – mais de cem homens e mulheres – e com sua indumentária. Apenas os carregadores de caixão estavam vestidos para um funeral; os que levavam tochas usavam trajes para a guerra: armaduras de couro fervido cravejadas de tachinhas, golas, capacetes, braçais e luvas, com facas, porretes, machados e pequenos escudos pendurados nos cintos. Eram o suprassumo das gangues de Barsavi, as mais aguerridas dentre as Pessoas Certas, homens e mulheres de olhar frio, com muitos assassinatos já associados ao seu nome. Vinham de todos os seus bairros e de todas as suas gangues: Mãos Vermelhas e Sabujos do Rum, Caras Cinzentas e Garotos do Arsenal, Bandoleiros de Canal e Trapaceiros Negros, Barões do Pegafogo e uma dezena de outras.

O mais interessante da procissão, contudo, era algo que nenhum observador casual poderia saber.

Na verdade, o corpo de Nazca Barsavi continuava em seus antigos aposentos na Tumba Flutuante, lacrado sob lençóis alquimicamente tratados para impedir a putrefação da morte de progredir rápido demais. Locke Lamora e uma dezena de outros sacerdotes do Treze Sem Nome, o Guardião Torto, rezaram por Nazca na noite anterior e a puseram no meio de um círculo de velas sagradas para que ela ali ficasse até seu pai terminar o que precisava fazer, uma tarefa que nada tinha a ver com o Morro dos Sussurros. O caixão envolto em sedas fúnebres estava vazio.

2

– EU SOU O REI CINZA – disse Locke. – Sou o Rei Cinza, que os deuses amaldiçoem os olhos dele, eu *sou* o Rei Cinza!

– Um pouco mais grave e um pouco mais rouca – orientou Jean, tentando ajeitar um dos punhos cinzentos do casaco de Lamora. – Ponha uma leve pitada de Tal Verrar. Você disse que ele tinha um sotaque.

– Eu sou o Rei Cinza e vou sorrir pelo lado errado da cabeça quando os Nobres Vigaristas tiverem acabado de me dar sua lição.

– Ah, está ótimo – elogiou Calo, untando os cabelos de Locke com uma pasta alquímica malcheirosa que conferia gradualmente aos fios um tom cinza de carvão. – Gostei desse aí: diferente o bastante para ser notado.

Imóvel como um manequim de alfaiate, Locke estava cercado por Calo, Galdo e Jean, que nele trabalhavam com roupas, cosméticos, agulha e linha. Pulga, encostado em uma das paredes do pequeno recinto, mantinha olhos e ouvidos abertos para caso algum intruso aparecesse.

Os Nobres Vigaristas estavam escondidos dentro de uma vitrine abandonada poucos quarteirões ao norte do Vão do Eco em Água-Ferrugem, um bairro sufocado pela névoa, uma ilha morta, malfadada e quase desabitada. Uma cidade que se livrara de seus velhos preconceitos em relação às estruturas dos Ancestres ainda nutria por Água-Ferrugem um temor inequívoco. Dizia-se que as formas pretas que se moviam em sua lagoa não eram nada tão agradável quanto simples tubarões devoradores de gente, mas algo bem pior e *bem mais antigo*. Fosse qual fosse a verdade contida nesses boatos, aquele era um lugar adequadamente deserto para Barsavi e o Rei Cinza decidirem sua

estranha questão. Em seu íntimo, Locke desconfiava ter sido levado para algum ponto daquele bairro na noite em que o Rei Cinza havia cruzado o seu caminho pela primeira vez.

Os Nobres Vigaristas estavam lançando mão de todos os truques da arte do disfarce para transformar Locke no Rei Cinza: seus cabelos e roupas já estavam cinza, ele calçava botas com um forro grosso que acrescentava 5 centímetros à sua estatura e um bigode cinza curvado para baixo fora colado com firmeza acima de seus lábios.

– Está muito bom – comentou Pulga.

– Exagerado pra cacete, mas Pulga tem razão – concordou Jean. – Agora que ajustei esse casaco idiota até ficar do seu tamanho, você está bem impressionante.

– Pena que isto não seja um dos nossos golpes – disse Galdo. – Eu estaria me divertindo. Incline-se para a frente, Locke, vou acrescentar algumas rugas.

Com extremo cuidado, Galdo cobriu o rosto de Locke com uma pasta morna e cerosa que, à medida que se espalhava, ia pinicando a pele. Em poucos segundos, o produto secou e endureceu e, de uma hora para outra, Locke ganhou toda uma teia de pés de galinha, rugas de expressão e vincos na testa. Agora aparentava mais de 40 anos. O disfarce já teria se saído muito bem em plena luz do dia; à noite, então, era perfeito.

– Um primor – avaliou Jean –, levando-se em conta o pouco tempo para organizar tudo e nossas condições.

Locke colocou o capuz e calçou as luvas cinzentas.

– Eu sou o Rei Cinza – falou com uma voz grave, imitando o estranho sotaque do verdadeiro Rei Cinza.

– E eu acredito mesmo – aprovou Pulga.

– Bem, vamos em frente. – Locke abriu e fechou o maxilar, sentindo a falsa pele enrugada se esticar de um lado para outro. – Galdo, passe meus punhais, por favor. Acho que vou querer um na bota e outro na manga.

Lamora, chamou um sussurro frio: era a voz do Falcoeiro. Locke se retesou, então percebeu que a voz não viera do ar à sua volta.

– O que foi? – quis saber Jean.

– O Falcoeiro – respondeu Locke. – Ele está... está fazendo aquela coisa horrível...

Barsavi não vai demorar a chegar. Você e seus amigos precisam estar no local daqui a pouco.

– Nosso Mago-Servidor está impaciente – avisou Locke. – Vamos logo. Pulga, sabe o que vai acontecer e onde deve ficar?

– Sei tudo perfeitamente – garantiu Pulga com um sorriso. – Desta vez, não vou pular do terraço de um templo, logo não precisa se preocupar.

– Jean, está à vontade com seu papel?

– Na verdade não, mas não tem jeito. – Jean fez estalar os nós dos dedos. – Vou ficar debaixo do piso em um lugar à vista de Pulga. Se tudo der errado, você só precisa se lembrar de se jogar pela maldita cascata. Eu protejo a sua retaguarda.

– Calo, Galdo. – Locke se virou para falar com os gêmeos, que já haviam guardado às pressas todas as ferramentas e substâncias usadas para vestir seu líder para o encontro. – Tudo pronto lá no templo?

– Se for necessária, nossa fuga será mais suave do que o traseiro de uma das moças do Lis Dourado – assegurou Galdo. – Uma bela e gorda fortuna embalada em sacos, duas carroças com cavalos e provisões para uma longa e agradável viagem por terra.

– E o Portão do Visconde vigiado por homens que nos deixarão passar tão depressa que será como se nunca tivéssemos posto os pés em Camorr – acrescentou Calo.

– Ótimo. Bom. Merda. – Locke esfregou as mãos enluvadas. – Acho que é isso, então. Meus floreios de retórica se esgotaram: vamos encarar aqueles filhos da mãe e rezar por um acordo honesto.

Pulga deu um passo à frente e pigarreou.

– Eu só estou fazendo isso porque realmente adoro me esconder nas construções assombradas dos Ancestres em noites escuras e sinistras.

– Você é um mentiroso – replicou Jean. – *Eu* só estou fazendo isso porque sempre quis ver Pulga devorado por um fantasma dos Ancestres.

– Mentiroso! – Galdo deu uma risadinha. – Eu só estou fazendo isso porque, enquanto vocês todos estiverem ocupados, vou empenhar todos os móveis lá do refúgio na loja de Harza Sem-Esperança.

– *Vigarista!* – gritaram todos em uníssono, esquecendo-se por um instante de onde estavam.

Está dando para ouvir vocês gritarem, alertou a voz espectral do Falcoeiro. *Por acaso perderam a razão?*

Locke deu um suspiro.

– Titio não gosta quando nossa gritaria o obriga a passar a noite em claro. Vamos logo com isso e, com a graça do Guardião Torto, tornaremos a nos ver lá no templo depois que essa confusão terminar.

3

O VÃO DO ECO é um cubo de pedra cinza unida por uma argamassa feita com uma espécie de Vidrantigo opaco, que nunca brilha na Falsaluz. Na realidade, esse material nunca reflete claridade nenhuma. A construção tem uns 30 metros de cada lado e uma entrada bastante digna na forma de uma porta da mesma altura de um homem situada cerca de 5 metros acima da rua, no alto de uma escada de largos degraus.

Um solitário aqueduto sai do curso superior do Angevino, passa pelas Quedas do Moinho e faz uma curva abrupta para o sul até chegar a Água-Ferrugem, onde despeja suas águas em um buraco no chão e desce até as catacumbas sob o Vão do Eco. Alguns desses túneis desembocam no canal do lado sudoeste de Água-Ferrugem; outros vão dar em locais que os homens vivos desconhecem. Como o cubo de pedra, o aqueduto era tido como marcado por alguma antiga maldição e nunca fora usado para nada.

Locke estava em pé no escuro bem no meio do Vão do Eco, ouvindo a água descer pela fenda no piso e examinando fixamente a mancha cinza que indicava a porta da rua. Seu único consolo era que Jean e Pulga, agachados e escondidos na escuridão úmida, deviam estar ainda mais apreensivos. Pelo menos até o início do processo.

Eles estão perto, avisou o Falcoeiro, muito perto. Prepare-se.

Locke ouviu a procissão do Capa antes de vê-la; o rufar dos tambores fúnebres entrou pela porta aberta para a rua, abafado e quase sufocado pela queda-d'água. O som foi aumentando de volume aos poucos e um brilho vermelho pareceu se acender lá fora. Graças a essa luz, Locke viu que a névoa cinza se adensara. Tochas tremeluziam de leve, como se vistas de baixo da água. A aura vermelha se intensificou e um contorno muito tênue do recinto à sua volta se tornou visível, pintado de um carmim bem claro. As batidas dos tambores cessaram e mais uma vez Locke ficou sozinho com o barulho da correnteza. Jogou a cabeça para trás, levou uma das mãos às costas e continuou a encarar a porta, sentindo o sangue latejar nos ouvidos.

Duas pequenas labaredas vermelhas surgiram no vão da porta como os olhos de um dragão em uma das histórias de Jean. Sombras negras se moviam atrás e, à medida que a visão de Locke se adaptou à luz rubra, ele começou a distinguir os rostos de dois homens altos de capa e armadura. Pôde divisar suficientemente seus traços e sua postura para constatar que estavam quase surpresos ao vê-lo ali. Ambos hesitaram e tornaram a avançar, um movendo-se para sua esquerda e outro para sua direita. Locke não moveu um músculo sequer.

Duas outras tochas surgiram, depois mais duas: Barsavi estava mandando seus homens subirem os degraus em duplas. Não demorou muito para Locke se ver diante de um semicírculo esparsa de homens cujas tochas destacavam em vermelho os contornos internos do Vão do Eco. As paredes ostentavam estranhos símbolos antigos esculpido: o idioma dos Ancestres, que os humanos jamais haviam decifrado.

Dez homens, depois vinte: o grupo de silhuetas de armadura foi crescendo e Locke viu alguns rostos conhecidos. Cortadores de gargantas, quebradores de pernas, aleijadores. Assassinos. Exatamente o que Barsavi lhe prometera quando estavam olhando para o cadáver de Nazca.

Alguns instantes se passaram; Locke permaneceu calado. Homens e mulheres continuaram entrando. As Irmãs Berangias apareceram: mesmo que a luz estivesse ainda mais fraca, ele teria reconhecido seu andar. Elas foram se postar bem no meio e à frente do grupo cada vez mais numeroso, mudas, com os braços cruzados e os olhos cintilando à luz das tochas. Respondendo a algum comando tácito, nenhum deles se posicionou atrás de Locke, que permaneceu em pé sozinho conforme as Pessoas Certas continuavam a se espalhar.

Por fim, a multidão de sanguinários começou a se abrir. Locke pôde ouvir os ecos de sua respiração, seus murmúrios e os rangidos de suas armaduras de couro; os sons ricocheteavam pelas paredes e se misturavam ao barulho de água que caía. Alguns dos que estavam na periferia do grupo apagaram as tochas com a ajuda de bolsas de couro umedecidas. Aos poucos, o ar foi sendo preenchido por um cheiro de fumaça e a luz diminuiu até só um quinto dos súditos do Capa estar segurando uma tocha acesa.

A iluminação foi mais do que suficiente para enxergar Barsavi quando ele apareceu à porta e adentrou o recinto: seus cabelos grisalhos estavam puxados para trás em mechas besuntadas e as três barbas tinham sido escovadas. Ele usava seu casaco de couro de tubarão e uma capa de veludo preto forrada com tecido feito em fio de ouro pendia de um de seus ombros. Com Anjais à sua direita e Pachero à esquerda, ele avançou e, no fogo refletido em seus olhos, Locke viu apenas morte.

Nada é o que parece, comentou o Falcoeiro. Fique firme.

Barsavi se deteve à frente da multidão e passou um bom tempo encarando Locke, encarando

aquela aparição diante de si, os olhos alaranjados e frios envoltos pela sombra de um capuz, a capa, o manto, o casaco e as luvas, tudo cinza.

– Rei – falou, por fim.

– Capa – disse Locke, forçando-se a exibir uma atitude altiva.

Ele devia se passar pelo tipo de homem capaz de se postar diante de cem matadores com um sorriso no rosto, capaz de convocar Vencarlo Barsavi com um rastro de cadáveres, finalizando com o de sua única filha. Ele não podia ser o amigo de Nazca, mas seu assassino; não um subordinado malicioso do Capa, mas seu igual. Seu *superior*.

Locke abriu um sorriso cruel e afastou a capa para trás do ombro esquerdo. Com a mão esquerda, acenou para chamar o Capa com um gesto provocador, como um agressor em um beco que desafia o oponente a dar um passo à frente e desferir o primeiro golpe.

– Deem a ele o que pediu – ordenou o Capa, e mais de dez criminosos ergueram suas balestras.

Guardião Torto, dai-me forças, pensou Locke. Ansioso, trincou os dentes. Pôde ouvir os músculos do próprio maxilar rangerem.

O estalo e o sibilo de flechas sendo lançadas ecoou pelo recinto; mais de dez arcos tesos se soltaram. Velozes demais para ele acompanhar, as flechas foram apenas riscos escuros borrando o ar e, então, ricochetearam no nada bem em frente ao seu rosto e caíram no chão com alarde, espalhando-se em arco a seus pés qual pássaros mortos.

Locke riu, um som alto e genuíno de prazer. Por um breve instante, poderia ter beijado o Falcoeiro caso o Mago-Servidor estivesse por ali.

– Por favor, pensei que tivesse escutado as histórias.

– Só estou me certificando da sua veracidade – replicou Capa Barsavi, e acrescentou, com desdém: – *Majestade*.

Locke esperava pelo menos um pouco de cautela depois do ataque frustrado com as balestras, mas Barsavi avançou sem aparentar medo.

– Que bom que o senhor respondeu ao meu chamado – disse Locke.

– A única coisa que me chamou foi o sangue da minha filha – retrucou Barsavi.

– Pode insistir nesse fato se preferir – falou Locke, rezando em silêncio à medida que improvisava: *Nazca, pelo amor dos deuses, por favor me perdoe*. – O senhor por acaso se mostrou mais delicado ao dominar esta cidade 22 anos atrás?

– É isso que o senhor pensa estar fazendo? – Barsavi parou e o encarou; os dois estavam a 12 metros um do outro. – Tomando a minha cidade?

– Eu o convoquei para conversar sobre Camorr. Para resolver a questão de uma forma que ambos fiquemos satisfeitos.

O Falcoeiro ainda não o havia interrompido, logo ele supôs que estivesse se saindo bem.

– Não ficaremos ambos satisfeitos – afirmou Barsavi.

Ele ergueu a mão esquerda e um homem se destacou da multidão. Locke examinou o homem atentamente; parecia ser mais velho, magro e já meio careca, e não estava de armadura. Muito curioso. Parecia também estar tremendo.

– Faça como conversamos, Eymon – ordenou o Capa. – Eu farei jus ao que prometi, mais do que em toda a minha vida.

O homem começou a andar devagar à frente, hesitante, encarando Locke com um medo evidente. Mesmo assim, continuou a avançar em sua direção enquanto cem homens e mulheres armados aguardavam mais atrás sem fazer nada.

– Estou rezando para esse homem não ter a intenção que desconfio que tenha – disse Locke em tom de brincadeira.

– Nós logo veremos qual é a sua intenção – retrucou o Capa.

– Eu não posso ser cortado ou furado e, se eu tocar esse homem, ele vai morrer.

– Assim me disseram – respondeu o Capa.

Eymon continuou a andar; ficou a 9 metros de Locke, depois a 6.

– Eymon, você está sendo manipulado – alertou Locke. – Pare agora.

Pelo amor dos deuses, pensou. Não faça o que acho que vai fazer. Não obrigue o Falcoeiro a matá-lo.

Eymon continuou a avançar de forma hesitante; suas bochechas tremiam e ele arquejava. Tinha os braços estendidos na frente do corpo, tremendo, como alguém prestes a tocar uma fogueira.

Guardião Torto, por favor, pensou Locke, faça com que esse homem sinta medo. Por favor, faça-o parar. Falcoeiro, Falcoeiro, por favor assuste-o, faça qualquer outra coisa menos matá-lo. Um rio de suor escorria por suas costas. Ele abaixou um pouco a cabeça e encarou Eymon. Os dois agora estavam a 3 metros um do outro.

– Eymon, você foi avisado – falou, lutando sem total sucesso para imprimir à voz um tom casual. – Está correndo perigo de morte.

– Ah, sim – replicou o homem com uma voz trêmula. – Sim, eu sei disso.

Ele percorreu a distância que ainda os separava e estendeu as mãos para o braço direito de Locke..

Putaquepariu, pensou Locke, mesmo sabendo no fundo que era o Falcoeiro que iria matar aquele homem, não ele...

Então recuou para longe das mãos de Eymon.

Os olhos do homem se acenderam e, para horror de Locke, ele deu um pulo para a frente e agarrou seu braço, como uma ave de rapina segurando uma refeição muito aguardada.

– Aaaahhhh! – gritou Eymon, e por um curto instante Locke achou que algo terrível estivesse acontecendo com ele.

Mas não: Eymon continuava vivo e o segurava com bastante força.

– Putaquepariu ao quadrado – balbuciou Locke.

Ergueu o punho esquerdo para acertar o pobre homem, mas estava desequilibrado e Eymon o havia pegado em desvantagem. O velho tornou a empurrá-lo com outro “aaaahhhh!”, um grito de triunfo absoluto que deixou Locke intrigado ao mesmo tempo que caía de bunda no chão.

Botas estalaram no piso de pedra atrás de Eymon, formas escuras se precipitaram para agarrar Locke e, à luz dançante lançada por vinte tochas, ele se viu puxado novamente até ficar em pé, imobilizado por mãos fortes que o seguravam pelos braços, pelos ombros e pelo pescoço.

Barsavi abriu caminho em meio à aglomeração ansiosa e empurrou Eymon para o lado com gentileza. Ficou cara a cara com Locke, o rosto vermelho e volumoso aceso de expectativa.

– Bem, majestade, aposto que está bem confuso agora, seu filho da puta!

Os capangas de Barsavi começaram a rir e dar vivas. O punho avantajado do Capa enterrou-se na barriga de Locke, expulsando o ar de seus pulmões e fazendo uma dor terrível explodir em seu

peito. Foi nesse momento que ele entendeu como estava fodido.

4

– SIM, PELOS DEUSES, APOSTO que você está *muito curioso* agora – continuou Barsavi, andando de um lado para outro na sua frente; Locke continuava imobilizado por meia dúzia de homens, todos com o dobro do seu tamanho. – Eu também estou. Vamos retirar esse capuz, rapazes.

Mãos truculentas puxaram o capuz e o manto de Locke e o Capa o encarou friamente, cofiando as barbas com uma das mãos.

– Cinza, cinza, cinza. Você parece vestido para um palco. – Ele riu. – E como é magrelo! Que homem mais fracote nós pegamos esta noite... O Rei Cinza, senhor da névoa e das sombras, e de quase mais nada além disso.

Com um sorriso estampado no rosto, o Capa lhe bateu com as costas da mão. A dor e a ardência mal haviam sido registradas pelo cérebro de Locke quando outro golpe veio da direção contrária. Sua cabeça pendeu e ele foi agarrado por trás pelos cabelos e obrigado a encarar o Capa de frente. Seus pensamentos eram um verdadeiro turbilhão. Será que os homens do Capa tinham dado um jeito de localizar o Falcoeiro? Será que o haviam distraído? Estaria o Capa bravo o suficiente para matar um Mago-Servidor caso tivesse oportunidade?

– Ah, nós sabemos que você não pode ser cortado nem furado, uma pena – prosseguiu Barsavi. – Mas ferido? O curioso em relação aos feitiços de um Mago-Servidor é que eles são muito *específicos*, não é mesmo?

Ele desferiu outro soco na barriga de Locke, provocando um murmúrio generalizado de aprovação. Os joelhos de Locke cederam e os ajudantes de Barsavi tornaram a erguê-lo e a segurá-lo em pé enquanto correntes de dor varavam seu abdômen.

– Um de seus homens esteve na Tumba Flutuante hoje de manhã – disse Barsavi.

Um leve calafrio desceu pela espinha de Locke.

– Parece que eu não fui o único a ficar puto quando você devolveu minha Nazca daquele jeito – falou Barsavi com uma expressão malévola. – Parece que alguns dos seus homens não se juntaram ao seu alegre grupinho para executar aquela maldita *profanação*. Então o seu homem e eu tivemos uma conversa. Estabelecemos um preço. E ele me contou uma porção de coisas *fascinantes* sobre seu feitiço. E a tal história de que você era capaz de matar com um simples toque? Ah, ele me falou que era uma bobagem.

Você está perdido, disse uma vozinha no fundo da mente de Locke que com certeza não era a do Falcoeiro. *Perdido, perdido*. É claro que o Falcoeiro não tinha sido distraído nem capturado por nenhum dos homens de Barsavi. *Tão limpo quanto um maldito enforcamento*.

– Mas eu só estava disposto a confiar no sujeito até certo ponto – continuou Barsavi. – Fiz um acordo com Eymon, que, tenho certeza, você não reconheceu. Eymon está morrendo. Ele sofre de tísica, tumores no ventre e nas costas, do tipo que nenhum galeno é capaz de curar. Deve ter dois meses de vida, talvez menos. – O Capa deu um tapinha nas costas de Eymon com tanto orgulho quanto se o homem esquelético fosse carne da sua carne e sangue do seu sangue. – Então eu sugeri:

“Por que você não se adianta e segura aquele patife de meia-tigela, Eymon? Se ele for mesmo capaz de matar com um simples toque, bem, nesse caso você partirá de forma rápida e fácil. Já se ele não conseguir...” – Barsavi sorriu e suas bochechas vermelhas se enrugaram de forma grotesca. – Bem, nesse caso...

– Mil coroas inteiras – completou Eymon, rindo.

– Para começar – acrescentou Barsavi. – Promessa que pretendo manter. Promessa que pretendo *ampliar*. Eu disse a Eymon que ele morreria em sua própria chácara, com pedras preciosas, sedas e meia dúzia das damas do Lis Dourado de sua preferência para lhe fazer companhia. Vou inventar prazeres. Ele vai morrer feito um *Duque*, porque hoje à noite eu o proclamo o homem mais corajoso de Camorr.

Um rugido generalizado de aprovação se fez ouvir e todos aplaudiram e punhos socaram armaduras e escudos.

– O oposto total de um merdinha dissimulado e covarde capaz de assassinar minha única filha – sussurrou Barsavi. – Que nem foi capaz de fazer isso com as próprias mãos. Que deixou a porra de um contratado lançar sobre ela o seu feitiço doentio. Um *envenenador*. – Barsavi cuspiu na cara de Locke e a saliva morna escorreu por sua bochecha. – E o seu homem me contou, é claro, que o seu Mago-Servidor tinha lançado seu feitiço e deixado o seu serviço ontem à noite. Que você estava tão confiante que não queria continuar a pagá-lo. Bem, eu, pelo menos, aplaudo essa sua preocupação com as economias.

O Capa gesticulou para Anjais e Pachero, que, com o semblante fechado, deram um passo à frente. Tiraram os ópticos e os guardaram no bolso do colete, um gesto ameaçador executado em inconsciente sincronia. Locke abriu a boca para dizer alguma coisa – e foi nesse instante que lhe sobreveio a compreensão de como estava ferrado.

Ele poderia revelar sua verdadeira identidade – dizer para o Capa arrancar seu bigode falso e esfregar seu rosto para remover as rugas, contar a história inteira –, mas de que iria adiantar? Ninguém jamais acreditaria. *Ele já havia demonstrado a proteção de um Mago-Servidor*. Caso confessasse que era Locke Lamora, os cem criminosos ali presentes partiriam atrás de Jean, de Pulga e dos irmãos Sanzas. Todos os Nobres Vigaristas seriam caçados nas ruas; seria o fim da vida de todos eles.

Se quisesse salvá-los, precisava seguir representando o papel do Rei Cinza até o Capa acabar com ele e rezar por uma morte rápida e fácil. Que Locke Lamora simplesmente desaparecesse em uma noite qualquer, que seus amigos fossem embora rumo a qualquer destino melhor que os aguardasse. Piscando para conter lágrimas quentes, ele se forçou a dar um sorriso, olhou para os dois filhos de Barsavi e os incitou:

– Vamos lá, seus cães, vamos ver se conseguem fazer melhor do que o seu pai.

Anjais e Pachero sabiam acertar um homem para matar, mas naquele exato momento essa não era a sua intenção. Deixaram hematomas em suas costelas, socaram seus braços, chutaram suas coxas, estapearam sua cabeça de um lado e de outro e golpearam seu pescoço até ele só respirar em arquejos. Por fim, Anjais tornou a erguê-lo e segurou-lhe o queixo até seus olhos ficarem no mesmo nível.

– Isto aqui é da parte de Locke Lamora.

Anjais segurou o queixo de Locke com um dedo só e o esbofeteou com a outra mão. Uma dor incandescente se espalhou pelo pescoço de Locke e, na escuridão tingida de vermelho à sua volta, ele viu estrelas. Cuspiu sangue, tossiu e lambeu os lábios machucados e inchados.

– E agora vou vingar como um pai a morte de Nazca – disse Barsavi.

Ele bateu três palmas.

Atrás dele ouviu-se um barulho de pessoas praguejando e passos pesados estalaram nos degraus de pedra. Pela porta entraram seis homens carregando um grande barril de madeira do mesmo tamanho daquele no qual Nazca Barsavi fora devolvida ao pai. Era o barril fúnebre. As pessoas que estavam em volta de Barsavi e seus filhos abriram caminho avidamente para deixar passar os carregadores, que pousaram o tonel no chão ao lado do Capa, e Locke pôde ouvir o chapinhar de um líquido lá dentro.

Ai, pelo amor dos treze deuses, pensou.

– Não pode ser cortado nem furado – falou o Capa como quem reflete em voz alta. – Mas com certeza pode ser ferido. E com certeza precisa respirar.

Dois homens do Capa abriram a tampa do barril e Locke foi arrastado até lá. Um fedor de urina de cavalo de fazer lacrimejar os olhos empestou o ar e ele teve uma ânsia de vômito e tossiu.

– Vejam só o choro do Rei Cinza – sussurrou Barsavi. – Vejam só os soluços do Rei Cinza. Visão que irei guardar com carinho até a última hora do dia da minha morte. – Ele acrescentou, elevando a voz. – Nazca por acaso soluçou? Por acaso chorou quando você a matou? Não sei por quê, mas acho que não. Deem uma última olhada! – berrou ele. – Ele vai ter o mesmo destino de Nazca: vai morrer como ela morreu, só que pelas *minhas* mãos!

Barsavi segurou Locke pelos cabelos e inclinou seu rosto em direção ao barril. Por um instante passageiro e irracional, Locke sentiu-se grato por não ter mais nada no estômago para vomitar. A ânsia causou espasmos de dor nos já doloridos músculos de sua barriga.

– Com uma pequena diferença – disse o Capa, engolindo os próprios soluços. – Com uma pequena diferença, seu filho da puta. No seu caso não vai haver veneno. Nenhuma saída rápida antes de eu jogar você lá dentro. Vai poder sentir o gosto o tempo todo. O tempo todo em que estiver *se afogando*.

Aos grunhidos, ele ergueu Locke pela capa. Seus homens o ajudaram e, juntos, o suspenderam pela borda e o fizeram mergulhar de cabeça na imundície espessa e morna, que abafou o barulho do mundo à sua volta e o substituiu por uma escuridão que fez arder seus olhos e seus cortes e o engoliu por completo.

Os capangas de Barsavi tornaram a pôr a tampa no barril e alguns a golpearam com martelos e cabos de machado até ela ficar bem justa. O Capa deu um soco em cima do tonel com a mão fechada e abriu um largo sorriso. Lágrimas ainda escorriam por suas faces.

– Não sei por quê, mas acho que o coitado não se saiu tão bem quanto esperava na nossa negociação!

Todos ao redor pularam e gritaram, erguendo os braços, acenando com as tochas e projetando sombras desconexas nas paredes.

– Levem esse filho da mãe daqui e o atirem no mar – ordenou o Capa com um gesto em direção à queda-d'água.

Doze pares de mãos ansiosas ergueram o barril e o levaram até o canto noroeste do Vão do Eco, onde a água despencava do teto e desaparecia na escuridão por uma fissura que devia ter 2,5 metros de largura.

– Um – disse o líder. – Dois... Três!

Os homens arremessaram o barril nas trevas. O recipiente bateu na água em algum lugar lá embaixo com um barulho alto e eles então ergueram os braços e recomeçaram a dar vivas.

– Hoje à noite o Duque Nicovante vai dormir na segurança de sua cama, trancado em sua torre de vidro! – bradou Barsavi. – Hoje à noite o Rei Cinza vai dormir em *mijo* no túmulo que eu fiz para ele! Esta é a minha noite! Quem manda em Camorr?

– BARSAVI! – foi a resposta que saiu de todas as gargantas ali no Vão do Eco e reverberou pelas pedras alienígenas da estrutura. O Capa foi cercado por um mar de alarido, risos e aplausos.

– Hoje à noite, mandem mensageiros para os quatro cantos dos MEUS domínios! – clamou o Capa. – Despachem mensageiros até o Pegafogo! Acordem o Caldeirão, os Estreitos e a Borra, acordem a Arapuca inteira! Eu hoje abrirei minhas portas! As Pessoas Certas de Camorr serão minhas convidadas na Tumba Flutuante! Faremos uma festa tão animada que as pessoas honestas irão trancar suas portas, os casacas-amarelas irão se encolher em suas casernas e os próprios deuses irão olhar para baixo e questionar: “Mas que *porra* de confusão é essa?”

– BARSAVI! BARSAVI! BARSAVI! – entoaram seus súditos.

– Hoje à noite nós vamos comemorar – concluiu ele. – Hoje à noite, Camorr viu o último de seus reis.

INTERLÚDIO

A Guerra dos Meias-Coroas

1

COM O PASSAR DO TEMPO, Locke e os outros Nobres Vigaristas começaram a ser liberados às vezes para passear como quisessem usando roupas comuns. Locke e Jean tinham agora quase 12 anos e os Sanzas eram visivelmente um pouco mais velhos. Era mais difícil mantê-los trancafiados o tempo todo debaixo da casa de Perelandro quando não estavam sentados nos degraus do templo ou viajando para receber algum dos “aprendizados” de Padre Correntes.

Aos poucos, mas com regularidade, Correntes vinha despachando seus meninos para que fossem iniciados em todos os grandes templos dos outros onze deuses terins. Um dos quatro entrava em um santuário com um nome falso, auxiliado por qualquer ajudazinha que Padre Correntes pudesse proporcionar e qualquer palma na qual pudesse depositar moedas. Uma vez lá, o jovem Nobre Vigarista agradava a seu superior graças à habilidade de escrita, aos conhecimentos teológicos, à disciplina e à sinceridade. O progresso era tão rápido quanto possível e o recém-chegado logo

começava a ser treinado no que se chamava de “ritual interno”: as expressões e atividades que os sacerdotes só compartilhavam uns com os outros e com seus iniciados.

Essas coisas não chegavam a ser propriamente secretas, pois para qualquer sacerdote de uma ordem ter a ideia de alguém ter a audácia de ofender os deuses com uma iniciação falsa era inconcebível. Nem aqueles que conheciam o conceito levemente herege do Treze ou mesmo a minoria que de fato acreditava nele conseguiam imaginar que alguém fosse *querer* fazer o que Correntes e seus meninos faziam.

Após vários meses de notável progresso, todos os jovens e talentosos iniciados sempre morriam em algum acidente repentino. Calo preferia “afogamentos”, pois era capaz de prender a respiração por muito tempo e gostava de nadar debaixo d’água. Já Galdo preferia apenas desaparecer, de preferência durante uma tempestade ou outro acontecimento dramático. Locke inventava farsas complexas que passava semanas planejando. Certa vez, ele sumira da Ordem de Nara – Mestra das Pestes, Senhora das Doenças Onipresentes – deixando para trás as vestes de iniciado rasgadas e sujas de sangue de coelho, envoltas em seus trabalhos de copista, e algumas cartas em um beco atrás do templo.

Assim instruídos, os meninos voltavam e ensinavam aos outros o que tinham visto e ouvido.

– A ideia não é fazer de vocês candidatos ao Sumo Conclave dos Doze – explicou Correntes –, mas permitir que usem quaisquer vestes e máscaras necessárias e se façam passar por sacerdotes por qualquer curto período que for preciso. Quando se é sacerdote, as pessoas tendem a olhar as vestes, não o homem.

Não havia, porém, nenhum aprendiz em curso no momento: Jean seguia treinando na Casa das Rosas de Vidro enquanto os outros esperavam por ele na ponta sul do Mercado Cambiante, sobre um píer de pedra desmoronado no final de um curto beco. Era um dia agradável de primavera, soprava uma brisa fresca e suave e o céu estava parcialmente oculto por meias-luas de nuvens cinzentas e brancas vindas do noroeste que prenunciavam tempestade.

Locke, Calo e Galo observavam o resultado de uma colisão entre o barco de um vendedor de galinhas e um transportador de gatos. Várias gaiolas haviam se aberto no momento em que as duas pequenas embarcações tombaram e, agora, comerciantes agitados andavam com cautela para lá e para cá conforme progredia a batalha entre aves e felinos. Algumas galinhas tinham fugido para a água e batiam as asas inutilmente em pequenos círculos, cacarejando, pois a natureza havia conspirado para fazê-las nadar ainda pior do que conseguiam voar.

– Bem, vejam só isso – disse uma voz atrás deles. – Aqueles inutezinhos ali parecem bem adequados.

Locke e os Sanzas se viraram ao mesmo tempo e viram meia dúzia de meninos e meninas da mesma idade que a sua espalhada pelo beco. Estavam vestidos praticamente da mesma forma que os Nobres Vigaristas, com roupas discretas de corte comum. Seu aparente líder tinha fartos cabelos pretos encaracolados puxados para trás e presos com uma fita de seda preta, razoável sinal de elegância para uma criança de rua.

– Vocês são amigos dos amigos, rapazes? São o tipo certo de pessoa? – indagou o líder dos recém-chegados, com as mãos no quadril.

Atrás dele, uma menina baixinha fazia vários gestos em geral usados para identificar os súditos de

Capa Barsavi.

– Sim, somos amigos dos amigos – confirmou Locke.

– Do tipo mais certo possível – acrescentou Galdo, fazendo os gestos apropriados em resposta.

– Bons rapazes. Nós somos o segundo time da gangue Coroas Inteiras, dos Estreitos. Nosso nome é Meias-Coroas. E vocês, quem são?

– Os Nobres Vigaristas, do Bairro dos Templos – apresentou-se Locke.

– E são o segundo time de quem?

– De ninguém – respondeu Galdo. – Só existe um time de Nobres Vigaristas.

– Entendo – falou o chefe dos Meias-Coroas com um sorriso amigável. – Meu nome é Tesso Volanti. Este é o meu bando. Nós viemos aqui roubar o seu dinheiro. A menos que prefiram se ajoelhar e nos conceder sua preferência.

Locke fez uma cara feia. No jargão das Pessoas Certas, “preferência” significava que os Nobres Vigaristas proclamariam os Meias-Coroas a melhor e mais durona das duas gangues, que abririam caminho para eles na rua e tolerariam qualquer abuso que eles quisessem lhes infligir.

– O meu é Locke Lamora – falou, pondo-se de pé. – E, tirando o Capa, os Nobres Vigaristas não abaixam a cabeça para ninguém.

– É mesmo? – Tesso se fingiu chocado. – Mesmo com seis contra três? Se a sua resposta for não, vamos partir para a conversa mole.

– Você deve ser meio surdo – replicou Calo, levantando-se ao mesmo tempo que o irmão. – Ele disse que você vai ter nossa preferência no dia em que catar as ervilhas da sua bosta e comer no jantar.

– Ora, que ofensa desnecessária – disse Tesso. – Nesse caso, vou fazer um barulho batendo as suas cabeças.

Antes mesmo de ele acabar de falar, os Meias-Coroas começaram a avançar. Locke era o menor de todos, mesmo considerando as meninas, e embora tenha se metido na briga brandindo os pequenos punhos, praticamente só acertou ar e foi logo derrubado. Uma garota mais velha sentou-se nas suas costas enquanto outra chutava terra do chão do beco na sua cara.

O primeiro menino a partir para cima de Calo levou uma joelhada nas partes baixas e desabou gemendo. Logo atrás dele veio Tesso, que desferiu um soco de direita certo e fez Calo cambalear para trás. Galdo segurou Tesso pela cintura, aos uivos, e os dois caíram no chão, cada qual tentando levar vantagem. “Conversa mole” significava uma luta sem armas nem golpes que pudessem matar ou aleijar; todo o resto era permitido. Os Sanzas eram bons de briga, porém, mesmo se Locke tivesse conseguido dar conta da sua parte, os números teriam pesado contra eles. No final, depois de alguns minutos de embate corporal, xingamentos e chutes, os três Nobres Vigaristas foram jogados no meio do beco, empoeirados e derrotados.

– Certo, rapazes. É a preferência, então? Estou ouvindo.

– Vá se dobrar ao meio e lambar a própria bunda – retrucou Locke.

– Ah, seu imbecil, resposta errada – xingou Tesso, e enquanto um de seus companheiros segurava os braços de Locke, o líder dos Meias-Coroas o apalpou em busca de moedas. – Humm. Nada. Bom, docinhos, nesse caso vamos tornar a procurá-los amanhã. E depois de amanhã. E depois de depois de amanhã. Até se ajoelharem, vamos ficar de olho e transformar a vida de vocês em um inferno.

Escreva o que estou dizendo, Locke Lamora.

Os Meias-Coroas foram embora rindo, alguns com hematomas e membros torcidos, mas haviam apanhado muito menos que batido. Os Sanzas se levantaram aos grunhidos e ajudaram Locke a ficar em pé. Com cautela, os três voltaram juntos mancando para a Casa de Perelandro e entraram no refúgio de vidro por um duto de escoamento que tinha uma porta secreta.

– Você não vai acreditar no que aconteceu – disse Locke ao adentrar a sala de jantar acompanhado pelos Sanzas.

Correntes estava sentado à mesa de madeira-bruxa examinando uma coleção de pergaminhos e escrevendo cuidadosamente em um deles com uma pena bem-cortada. Falsificar documentos de alfândega era uma espécie de hobby que o sacerdote praticava assim como alguns homens cultivam jardins ou criam cães de caça. Tinha uma pasta inteira cheia deles e, de vez em quando, ganhava um bom dinheiro com a sua venda.

– Humm – fez Correntes. – Vocês levaram uma surra de um bando de Meias-Coroas.

– Como você sabe?

– Passei no Último Erro ontem à noite. Os Coroas Inteiras me contaram. Disseram que talvez o seu segundo time fosse percorrer os bairros atrás de outros jovens para intimidar.

– E por que não nos contou?

– Calculei que, se estivessem tomando o cuidado necessário, eles jamais conseguiriam derrotá-los. Mas parece que a sua atenção estava em outro lugar.

– Eles disseram que queriam a nossa preferência.

– Pois é, é um jogo entre as gangues de jovens. A maioria dos segundos times não aplica golpes de verdade, então seu treinamento é intimidar outros segundos times. Vocês deveriam estar orgulhosos de si mesmos: enfim alguém prestou atenção na sua existência. Agora estão metidos em uma guerrinha até um dos lados desistir. Uma guerra só de conversa mole, vejam bem.

– Então o que devemos fazer? – perguntou Locke, devagar.

Correntes estendeu a mão, segurou seu pulso e imitou o gesto de quem desfere um soco no maxilar de Calo.

– Repita quantas vezes for necessário até seus problemas estarem cuspidos os próprios dentes.

– Já tentamos. Eles nos surpreenderam quando Jean não estava. E você sabe que eu não sou muito bom nesse tipo de coisa.

– Sei, claro. Portanto, da próxima vez, preste atenção para estar com Jean. E use esse seu cerebrotinho pervertido. – Correntes começou a derreter um cilindro de cera de lacre acima de uma pequena vela. – Mas não quero ver nada de excessivamente elaborado, Locke. Não envolva a guarda cidadina, nem os templos, nem o exército do Duque, nem mais ninguém nessa história. Tente fazer parecer que vocês são só o bando de ladrõezinhos comuns que eu digo a todo mundo que são.

– Ah, ótimo. – Locke cruzou os braços enquanto Calo e Galdo usavam panos molhados para limpar o rosto ferido um do outro. – Quer dizer que isso é só mais um teste.

– Que menino esperto – murmurou Correntes, derramando cera líquida em um pequenino recipiente de prata. – É claro que é. E eu ficarei muito contrariado se, antes do auge do verão, aqueles merdinhas não estiverem implorando e suplicando para dar a preferência a *vocês*.

NO DIA SEGUINTE, LOCKE E os Sanzas foram se sentar no mesmo píer, à mesma hora. Por todo o Mercado Cambiante, comerciantes retiravam oleados de lona e dobravam toldos, pois as chuvas que tinham encharcado a cidade durante toda a noite e metade da manhã já haviam estiado fazia muito tempo.

– Eu devo estar vendo coisas, seus idiotas, pois não consigo acreditar que vocês estejam sentados no mesmo lugar em que lhes demos uma baita surra ontem mesmo – disse Tesso Volanti.

– Por que não? – rebateu Locke. – Afinal de contas, aqui estamos mais perto do nosso território do que do seu e, daqui a dois minutos, vocês vão estar engasgados com os próprios sacos.

Os Nobres Vigaristas se levantaram; diante deles estavam os mesmos seis Meias-Coroas com sorrisos ansiosos estampados no rosto.

– Estou vendo que vocês não aprenderam a contar desde que fomos embora – falou Tesso, estalando os dedos.

– Que engraçado você falar isso, porque a conta agora mudou – afirmou Locke, apontando para além dos Meias-Coroas.

Com cautela, Tesso virou a cabeça e olhou para trás, mas, ao ver Jean em pé no beco atrás de sua gangue, simplesmente riu.

– Eu diria que a vantagem ainda é nossa. – Ele andou até Jean, que o encarou com um sorriso neutro no rosto redondo. – E isto aqui, o que é? Um patife gordo e vermelho. Estou vendo ópticos aí no bolso. O que você acha que está fazendo, gorducho?

– Meu nome é Jean Tannen e eu sou a emboscada.

Longos meses de treinamento com Dom Maranzalla haviam deixado Jean com um aspecto pouco diferente de quando começara, mas Locke e os Sanzas sabiam que tipo de alquimia ocorrera por baixo daquele exterior molengo. Tesso se aproximou dele, sorrindo, e os braços de Jean se projetaram como dois pistões de bronze em uma roda-d'água verrari.

Tesso cambaleou para trás, balançando os braços e pernas como se fossem os membros de uma marionete sacudida por um vento forte. Sua cabeça pendeu para a frente e ele desabou no chão, os olhos revirados nas órbitas.

Um pequeno alvoroço começou no beco. Três meninos dos Meias-Coroas atacaram Locke e os Sanzas; as duas meninas se aproximaram cautelosas de Jean. Uma delas tentou lançar um punhado de cascalho na cara dele e o garoto se esquivou, segurou o braço dela e a arremessou com facilidade contra uma das paredes de pedra do beco. Aquele era um dos ensinamentos de Dom Maranzalla: deixe as paredes e as ruas trabalharem por você quando estiver combatendo a mãos nuas. A menina ricocheteou na pedra, fora de controle, e Jean a recebeu com um gancho certo de direita, derrubando-a de cara no chão.

– Bater em garotas é mal-educado – acusou a segunda Meia-Coroa, rodeando-o.

– Mais mal-educado ainda é bater no meu amigo – retrucou Jean.

Ela respondeu girando no calcanhar esquerdo e tentando atingir sua garganta. Ele reconheceu a arte chamada de *chasson*, espécie de kickbox importada de Tal Verrar e esquivou-se do chute com a palma da mão direita. A menina emendou um segundo, usando o impulso do primeiro para fazer a

perna subir e girar. Mas Jean já estava se movendo antes de a menina concluir o golpe: em vez de acertá-lo com o pé, ela o atingiu na lateral do corpo com a coxa, que Jean então segurou com o braço esquerdo. Enquanto a garota agitava os braços para se equilibrar, ele lhe deu um cruel soco no rim e puxou sua perna direita, fazendo-a cair de costas no chão, onde ela ficou se contorcendo de dor.

– Senhoras, queiram aceitar minhas mais sinceras desculpas – falou.

Locke, como sempre, estava levando a pior em seu embate até Jean agarrar seu oponente pelo ombro e virá-lo de frente para si. Segurou o menino pela cintura com os dois braços parrudos e desferiu uma cabeçada em seu plexo solar; assim que o Meia-Coroa soltou um arquejo, ele endireitou o corpo e acertou o queixo do garoto com a parte de trás da cabeça. O Meia-Coroa caiu para trás, atordoado, e assim a luta foi decidida. Calo e Galdo haviam tido uma disputa equilibrada com seus oponentes e, quando Jean de repente apareceu na sua frente – com Locke ao seu lado dando o melhor de si para parecer perigoso –, os membros da outra gangue recuaram cambaleando e levantaram as mãos.

– Bem, Tesso – falou Locke alguns minutos depois, no momento em que o menino dos cabelos encaracolados se levantou, trôpego e com o nariz sujo de sangue. – Vai nos dar sua preferência agora ou quer que Jean bata em você mais um pouco?

– Reconheço que foi uma bela vitória, mas eu diria que estamos empatados em um a um – respondeu Tesso enquanto sua gangue se aproximava mancando para formar um semicírculo ao seu redor. – Vocês logo vão nos ver de novo.

3

E ASSIM, CONFORME OS DIAS se espichavam e a primavera se transformava em verão, a batalha prosseguiu. Correntes dispensou os meninos de ficarem sentados nos degraus com ele após a primeira hora da tarde e eles começaram a perambular pelo norte de Camorr e a caçar Meias-Coroas com grande disposição.

Tesso reagiu lançando mão da força total de seu bando; os Coroas Inteiras eram a gangue mais numerosa de Camorr e seu segundo time tinha um plantel de recrutas comparável, alguns recém-saídos do Morro das Sombras. Mesmo com essa vantagem numérica, contudo, as proezas de Jean eram difíceis de igualar, o que fez a natureza da batalha se modificar.

Os Meias-Coroas se dividiram em grupos menores para tentar isolar e emboscar os Nobres Vigaristas quando eles não estivessem juntos. Locke mantinha sua gangue unida durante a maior parte do tempo, mas às vezes os compromissos individuais eram inevitáveis. Ele apanhou bem feio várias vezes e, certa noite, foi encontrar Jean com o lábio aberto e as duas canelas machucadas.

– Olhe, já faz alguns dias que não pegamos Tesso – disse ele. – Então vamos fazer o seguinte. Eu vou ficar à espreita logo na saída do mercado amanhã e fingir que estou tramando alguma coisa. Você fica escondido a uma boa distância, a 200 ou 300 metros, quem sabe. Em um lugar onde eles não possam vê-lo.

– Nunca vou chegar até você a tempo – objetou Jean.

- O importante não é você chegar até mim antes de eu apanhar, mas dar uma surra das boas nele. Bata até dar para ouvir os gritos dele lá em Talisham. Dê-lhe a maior surra que você já deu.
- Eu daria com prazer, mas isso não vai acontecer. Eles vão fugir quando me virem chegar, como sempre. A única coisa que não consigo fazer é alcançá-los a pé.
- Deixe isso por minha conta e vá buscar seus apetrechos de costura. Preciso que faça uma coisa por mim.

Locke ficou à espreita dentro de um beco em um dia nublado, bem perto do local onde toda a história com os Meias-Coroas havia começado. O Mercado Cambiante estava animado: todos tentavam acabar as compras antes de o céu começar a despejar sua chuva. Em algum lugar por ali, observando Locke em um confortável anonimato dentro de um pequeno bote, se achava Jean.

Locke só teve que passar meia hora ali, à vista de todos, para Tesso encontrá-lo.

– Lamora, pensei que você já tinha aprendido. Não estou vendo nenhum dos seus amigos por perto.

– Tesso. Oi. – Locke bocejou. – Acho que hoje é o dia em que você vai me dar sua preferência.

– Nem por um cacete – retrucou o menino mais velho. – Vou é pegar suas roupas quando terminar e jogá-las dentro de um canal. Vai ser bem engraçado. Caramba, quanto mais você demorar a abaixar essa cabeça, mais vou poder me divertir com você.

E Tesso partiu confiante para o ataque, pois sabia que Locke nunca conseguira ter uma luta sequer equilibrada com ele. Locke o recebeu de frente e sacudiu de forma estranha a manga do casaco. Na realidade, graças às alterações feitas por Jean, ela tinha 1,5 metro a mais do que o normal e, enquanto Tesso se aproximava, Locke a mantivera astutamente dobrada junto à lateral do corpo para esconder sua verdadeira natureza.

Embora tivesse pouco talento para a luta, Locke podia ser surpreendentemente rápido; o punho de sua estranha manga tinha um pequeno peso de chumbo costurado por dentro para ajudá-lo a lançá-la. Ele a jogou para a frente e a fez passar em volta do peito de Tesso, abaixo dos braços. O peso ajudou a manga a dar a volta e se esticar bem e Locke a segurou com a mão esquerda.

– Que porcaria você acha que está fazendo? – bufou Tesso.

Ele deu um sopapo em Locke logo acima do olho direito. Lamora se retraiu, mas ignorou a dor. Passou a manga aumentada por uma alça de tecido que saía do bolso esquerdo de seu casaco, dobrou-a sobre si mesma e puxou outro cordão logo abaixo. A teia de cordões que Jean havia costurado dentro do forro de seu casaco apertou-se com força. Agora, os dois meninos estavam peito contra peito e nada a não ser uma faca poderia libertar Tesso da alça que os prendia.

Para garantir, Locke abraçou a barriga de Tesso e dobrou as pernas finas em volta das de Tesso, logo acima dos joelhos do menino mais alto. Tesso empurrava e estapeava Locke para tentar se desvencilhar. Como não conseguiu, começou a socá-lo nos dentes e no topo da cabeça, socos fortes que fizeram clarões de luz explodirem nos olhos de Locke.

– Que *diabo* é isso, Lamora? – perguntou Tesso, grunhindo por causa do esforço de sustentar o peso do outro menino além do seu.

Por fim, como Locke torcia e imaginava que fosse acontecer, ele se jogou para a frente. Locke aterrissou de costas no chão de cascalho com Tesso por cima. Todo o ar saiu de seus pulmões e o

mundo inteiro pareceu estremecer.

– Que ridículo. Você não é páreo para mim. E agora não pode fugir! Desista, Lamora.

Locke cuspiu sangue no rosto de Tesso.

– Eu não preciso brigar com você nem fugir. – Ele abriu um sorriso radiante. – Só tenho que mantê-lo aqui... até Jean voltar.

Tesso deu um arquejo e olhou em volta: perto do Mercado Cambiante, um pequeno bote avançava bem na sua direção. A bordo, dava para ver muito bem a forma roliça de Jean manejando os remos com rapidez.

– Ai, merda. Seu *filho da mãe*. Me solte, me solte, me solte!

Tesso pontuava suas palavras com uma série de socos; Locke foi atingido nos olhos, no nariz e no couro cabeludo e logo estava sangrando bastante. Tesso estava lhe batendo muito, mas ainda assim ele continuava agarrado com firmeza ao adversário. A mistura de dor e sentimento de vitória fazia sua cabeça girar e ele soltou uma risada alta, alegre, talvez um pouco insana.

– Não preciso brigar nem fugir – bradou. – Eu mudei as regras do jogo. Só tenho que manter você aqui... seu babaca. Aqui até... até Jean chegar.

– Que *droga* – silvou Tesso, e redobrou o ataque a Locke com socos, cusparadas e mordidas, espancando-o sem dó.

– Pode bater – balbuciou Locke. – Pode bater mais. Eu aguento o dia inteiro. Pode continuar... a me bater... *até Jean voltar!*

LIVRO III

REVELAÇÃO

“A natureza nunca nos engana;
somos sempre nós quem nos enganamos.”

JEAN-JACQUES ROUSSEAU, *Emílio* ou *Da educação*

CAPÍTULO NOVE

Uma curiosa história para a Condessa de Vidrâmbar

1

ÀS DEZ E MEIA DA noite do Dia do Duque, enquanto escuras nuvens baixas caíam sobre Camorr e escondiam as estrelas e as luas, Dona Sofia Salvara foi transportada em direção ao céu para tomar um chá tardio na companhia de Dona Angiavesta Vorchenza, Condessa Viúva de Vidrâmbar, no alto da torre de Vidrantigo da excelsa dama.

A gaiola de passageiros chacoalhava e se balançava e Sofia segurava as barras de ferro negro para se equilibrar. Tinha os olhos pregados no sul e seu casaco com capuz era agitado pelo quente Vento do Carrasco. A cidade inteira se espalhava a seus pés, negra e cinza de horizonte a horizonte, tomada pelo brilho do fogo e da alquimia. Sempre que tinha uma oportunidade de admirar aquela vista de uma das Cinco Torres, Sofia experimentava um discreto orgulho. Os Ancestres haviam construído maravilhas em vidro para os homens delas se apoderarem; os engenheiros projetaram prédios de pedra e madeira em meio às ruínas dos Ancestres para tornar suas as cidades; os Magos-Servidores fingiam possuir os poderes que outrora pertenciam aos Ancestres. Mas era a alquimia que fazia a escuridão recuar todas as noites, era a alquimia que iluminava tanto a casa mais humilde quanto a mais alta torre, uma luz mais limpa e mais segura do que o fogo natural. Era a sua Arte que domava a noite.

A longa subida chegou ao fim; a gaiola chacoalhou e parou ao lado de uma plataforma de embarque a quatro quintos da altura completa de Vidrâmbar. O vento extraía um triste suspiro dos estranhos arcos com nervuras no topo da torre. Dois lacaios de colete creme e luvas e calças brancas imaculadas ajudaram-na a descer da gaiola como se ajudando-a a desembarcar de uma carruagem em terra. Após depositá-la na segurança da plataforma, ambos fizeram uma reverência.

- Milady Salvara, minha patroa lhe dá as boas-vindas a Vidrâmbar – disse o laçao da esquerda.
- Muito gentil da parte dela – agradeceu Dona Sofia.
- Se quiser aguardar no terraço, ela virá ter consigo em instantes.

O mesmo laçao seguiu na frente e eles passaram por seis criados vestidos com o mesmo libré, ofegantes, em pé junto ao complexo conjunto de engrenagens, alavancas e correntes usado para fazer subir e descer as gaiolas. Eles também se curvaram quando Sofia passou e ela lhes agradeceu com um sorriso e um aceno educado. Nunca era demais ser agradável com os criados encarregados daquela operação em especial.

O terraço de Dona Vorchenza era uma larga meia-lua de Vidrantigo transparente presa à fachada norte e cercada por um guarda-corpo de bronze. Dona Sofia olhou bem lá para baixo, como sempre fora alertada a não fazer e como sempre fizera. Parecia que ela e o laçao estavam andando no ar quarenta andares acima dos pátios de pedra e armazéns na base da torre; lâmpadas alquímicas eram pontinhos de luz, e carruagens, quadrados negros menores do que as unhas dos dedos de sua mão.

À sua esquerda, iluminados por uma luz fraca e visíveis em meio a uma série de altas janelas em arco cujos peitoris batiam na sua cintura, ficavam os aposentos e salões internos. A condessa tinha muito poucos parentes vivos e não tinha filhos. Para todos os efeitos, era a última integrante de um clã outrora poderoso e havia poucas dúvidas – pelo menos entre os cobiçosos e ambiciosos nobres das encostas de Alcegrante – de que, quando ela morresse, Vidrâmbar passaria para as mãos de outra família. A maior parte da torre estava escura e silenciosa e a maioria de sua riqueza se encontrava guardada em armários e baús.

A velha senhora, contudo, ainda sabia como organizar um chá tardio. No canto mais afastado de seu terraço transparente, virado para o noroeste, se tinha uma vista panorâmica da zona rural às escuras situada ao norte da cidade. Ali, havia um toldo de seda flutuando ao Vento do Carrasco, de onde pendiam quatro lampiões alquímicos grandes dentro de gaiolas de bronze dourado, que lançavam uma luz quente sobre uma pequena mesa e duas cadeiras de espaldar alto.

O laçao posicionou uma fina almofada preta sobre a cadeira da direita e a puxou para Dona Sofia se sentar. Com um farfalhar de saias, ela se acomodou e agradeceu com um meneio de cabeça. O homem fez uma mesura e se afastou até uma posição educadamente fora do alcance da conversa, mas de onde pudesse ser chamado com facilidade.

Sofia não precisou esperar muito pela anfitriã: poucos minutos depois, a velha condessa surgiu por uma porta de madeira na parede norte da torre.

A idade costuma exagerar os traços físicos daqueles que vivem o bastante para sentir seus efeitos: os roliços tendem a se avolumar e os magros, a se consumir. O tempo havia desgastado Angiavesta Vorchenza: ela não estava propriamente emaciada, mas sim desmoronada; era uma caricatura esquelética que mais parecia uma estatueta de madeira animada pela feitiçaria da pura força de vontade. Embora já houvesse passado havia muito dos 70, ainda se movia sem bengala e sem apoio de alguém. Estava vestida de forma excêntrica, com um comprido casaco de veludo preto e gola e punhos de pele. Desdenhando as cascatas de anáguas preferidas pelas damas de sua época, usava uma calça preta e chinelos prateados. Tinha os cabelos brancos puxados para trás e presos por grampos laqueados e seus olhos escuros brilhavam por trás dos ópticos em formato de meia-lua.

– Sofia, que prazer tê-la aqui em cima outra vez! – exclamou ela ao caminhar com passos miúdos até debaixo do toldo. – Já faz meses, minha querida menina, meses. Não, fique sentada, puxar minha própria cadeira não me intimida. Ah, diga-me, como vai Lorenzo? E com certeza precisamos falar sobre o seu jardim.

– Lorenzo e eu vamos bem, considerando apenas nós dois. E o jardim está esplêndido, Dona Vorchenza. Obrigada por perguntar.

– Considerando apenas vocês dois? Quer dizer então que há algo mais? Algo, ousou eu xeretar, externo?

O chá noturno em Camorr era uma tradição feminina quando uma mulher queria pedir conselhos

a outra ou ter um ouvido amigo para escutar seus arrependimentos ou reclamações, mais frequentemente relacionados a homens.

– Pode xeretar à vontade, Dona Vorchenza. E, sim, de fato “externo” é um adjetivo bem adequado.

– Mas não é nada relacionado a Lorenzo?

– Ah, não. Lorenzo é satisfatório sob todos os aspectos possíveis. – Sofia suspirou e olhou para baixo em direção à ilusão de vazio sob seus pés e sua cadeira. – É que... somos nós dois que talvez precisemos de conselhos.

– Conselhos. – A condessa deu uma risadinha. – Conselhos. Os anos realizam uma espécie de truque alquímico: conferem às nossas divagações uma aura de respeitabilidade. Quem dá conselhos aos 40 é um chato. Se for aos 70, é um sábio.

– Dona Vorchenza, a senhora já me ajudou muito – falou Sofia. – Eu não consegui pensar... Bem, não havia mais ninguém com quem me sentisse à vontade para abordar esse assunto, por enquanto.

– É mesmo? Bem, querida menina, estou ansiosa para ajudar de todas as formas que puder. Mas o nosso chá chegou. Venha, vamos saboreá-lo por alguns instantes.

Um dos criados uniformizados da condessa surgiu, um homem roliço de traços delicados com cachos pretos na altura dos ombros. Ele vinha empurrando na sua direção um carrinho e, após pará-lo ao lado da mesinha, retirou a cúpula que o cobria. Sofia viu, então, um reluzente serviço de chá em prata e uma escultura de açúcar: uma réplica culinária perfeita de Vidrâmbar, com menos de 25 centímetros de altura, que tinha até mesmo as torrinhas salpicadas por minúsculos fragmentos de luz alquímica. Os pequenos globos de vidro eram pouco maiores do que uvas-passa.

– Está vendo o trabalhão que eu dou ao meu pobre mestre-cuca? – indagou Dona Vorchenza com uma risadinha. – Ele sofre por estar a serviço de um paladar tão reles e simples e vinga-se com essas surpresas. Eu não posso sequer pedir um ovo cozido com a gema mole sem ele encontrar uma galinha dançante para pô-lo direto sobre o meu prato. Diga-me, Gilles, essa construção é mesmo comestível?

– Assim me afirmaram, milady Vorchenza, com exceção das luzinhas. A torre em si é um bolo de especiarias e as torrinhas e terraços são de fruta cristalizada. As edificações e carruagens na base da torre são quase todos feitas de chocolate e o centro é um creme de conhaque de maçã. As janelas...

– Obrigada, Gilles, essa sinopse arquitetônica já basta. Mas devemos cuspir as luzes quando terminarmos, é isso?

– Seria mais decoroso permitir que eu as remova antes do consumo, milady... – sugeriu o criado.

– Decoroso? Assim você nos negaria a diversão de cuspi-las de cima do terraço feito das duas meninas, Gilles. Se puder deixá-las onde estão, eu agradeço. E o chá?

– Como quiser, Dona Vorchenza – respondeu Gilles com uma voz suave. – Um Chá de Luz.

Ele ergueu um bule de prata e despejou uma cascata fumegante de líquido marrom-claro dentro de um dos copos entalhados de Dona Vorchenza, que tinham o formato de um grande botão de tulipa e bases de prata. Quando o chá se assentou lá dentro, pôs-se a brilhar de leve, emitindo uma convidativa radiação alaranjada.

– Ah, que lindo! – elogiou Dona Sofia. – Já tinha ouvido falar... São verrari, não é?

– Lashani. – A condessa pegou o copo de Gilles e o segurou com as duas mãos. – É o último grito. Os mestres de chá de lá são doentes de tão competitivos. Nesta mesma época no ano que vem,

vamos ter alguma coisa ainda mais estranha com que brindar. Mas perdoe-me, querida: espero que você não seja avessa a beber os produtos de sua arte, além de trabalhar com eles em seu jardim.

– De forma alguma – respondeu Sofia enquanto o criado depositava na sua frente uma segunda xícara e fazia uma medida.

Ela segurou o copo e inspirou fundo; o chá tinha cheiro de baunilha e flor de laranjeira. Quando ela bebeu, os sabores escorreram mornos por sua língua e o vapor perfumado adentrou suas narinas. Gilles desapareceu novamente dentro da torre. Elas passaram alguns segundos saboreando o chá em um silêncio apreciador e, por alguns instantes, Sofia se sentiu quase satisfeita.

– Agora veremos se ele vai continuar a brilhar ao sair do outro lado – comentou Dona Vorchenza ao pousar o copo pela metade sobre a mesa à sua frente.

Dona Sofia deu uma risadinha involuntária e as rugas do rosto magro de sua anfitriã se curvaram para cima quando ela sorriu.

– Sobre o que você queria me perguntar, querida?

– Dona Vorchenza – começou Sofia, mas então hesitou. – É que... é que dizem por aí que a senhora tem, ahn, meios de se comunicar com... com a polícia secreta do Duque.

– O Duque tem uma polícia secreta?

A condessa levou uma das mãos ao peito com uma expressão de incredulidade educada.

– Os Meias-Noites, Dona Vorchenza, os Meias-Noites e seu líder...

– O Aranha. Sim, sim. Perdoe-me, querida menina, eu sei do que você está falando. Mas essa suposição... “dizem por aí”, foram as suas palavras. Muitas coisas são ditas por aí, mas talvez não sejam pensadas *nos mínimos detalhes*.

– É muito curioso que, toda vez que as Donas vieram lhe falar sobre algum problema, esse problema tenha... chegado aos ouvidos do Aranha – disse Sofia. – Ou parecido chegar. E que... que os homens do Duque tenham tomado parte no esforço para solucionar esses problemas.

– Ah, minha querida Sofia... Quando as fofocas chegam aos meus ouvidos, eu as despacho em várias direções: basta dizer uma ou duas palavrinhas no ouvido certo para a fofoca adquirir vida própria. Mais cedo ou mais tarde ela atrai obrigatoriamente a atenção de alguém que tomará providências.

– Dona Vorchenza, espero poder dizer sem a pretensão de ofender, e sem ofender de fato, que a senhora está disfarçando.

– E eu espero poder dizer sem decepcioná-la, querida menina, que você tem uma base muito tênue para fazer tal sugestão.

– Dona Vorchenza... – Sofia segurou a borda da mesa com tanta força que os nós de seus dedos saltaram. – Lorenzo e eu estamos sendo roubados.

– Roubados? Como assim?

– E há Meias-Noites envolvidos. Eles... eles fizeram as mais extraordinárias alegações e exigiram coisas de nós. Mas há algo que... Dona Vorchenza, tem de haver algum jeito de confirmar que eles são mesmo o que afirmam ser.

– Está me dizendo que *Meias-Noites* estão roubando vocês?

– Não – respondeu Sofia, mordendo o lábio superior. – Não, não são os Meias-Noites em si. Eles supostamente estão observando a situação à espera de uma chance para agir. Mas alguma coisa deve

estar errada. Ou eles não estão nos contando tudo o que talvez deversem contar.

– Minha querida Sofia, minha pobre menina atormentada, você precisa me contar exatamente o que aconteceu, sem esquecer nenhum detalhe.

– É... é difícil, Dona Vorchenza. A situação é... constrangedora. E complexa.

– Estamos sozinhas aqui no meu terraço, querida. Você já fez toda a parte difícil vindo aqui me ver. Agora precisa me contar tudo... *tudinho*. Assim, me encarregarei de fazer essa fofoca se espalhar depressa até o ouvido certo.

Sofia tomou outro golinho de chá, pigarreou e se curvou na cadeira para encarar a condessa bem nos olhos.

– A senhora já deve ter ouvido falar no conhaque de Austershalin, não é, Dona Vorchenza?

– Mais do que ouvido falar, minha querida. Eu talvez tenha até algumas garrafas escondidas nos meus armários de vinho.

– E sabe como esse conhaque é feito? Conhece os segredos que o cercam?

– Ah, eu acho que entendo a essência da mística de Austershalin. Os fabricantes de vinho de casaco preto e cheio de trejeitos de Emberlane se beneficiam bastante das histórias que cercam sua mercadoria.

– Nesse caso, Dona Vorchenza, a senhora há de entender por que Lorenzo e eu reagimos desta forma quando a seguinte oportunidade supostamente caiu no nosso colo por vontade divina...

2

A GAIOLA QUE TRANSPORTAVA Dona Salvara desceu em direção ao chão aos rangidos e sacolejos, ficando cada vez menor até desaparecer contra o fundo cinza do pátio. Em pé junto ao guarda-corpo de bronze da plataforma de embarque, Dona Vorchenza passou vários minutos encarando a noite enquanto sua equipe de criados acionava o mecanismo do cabrestante. Gilles passou empurrando o carrinho com o bule de chá quase vazio e o bolo de Vidrâmbar agora pela metade e ela se virou na sua direção.

– Não – falou. – Mande o bolo para o solário lá em cima. É onde nós vamos estar.

– Nós quem, milady?

– Reynart. – A velha senhora já andava até a porta que se abria para o terraço e conduzia aos seus aposentos; os chinelos que calçava produziam um *tlec-tlec-tlec* que reverberava no piso. – Encontre Reynart. Pouco me importa o que ele esteja fazendo. Encontre-o e mande-o subir para falar comigo assim que tiver levado o bolo.

Dona Vorchenza entrou em seus aposentos, passou por uma porta trancada, subiu uma escadaria... e praguejou entre os dentes: joelhos, pés e tornozelos doíam.

– Maldita venerabilidade – resmungou. – Malditos sejam os deuses pela dádiva do reumatismo.

Com a respiração entrecortada, ela continuou a subir os degraus, abrindo os botões da frente do casaco debruado de pele.

Lá em cima, no ponto mais elevado do interior da torre, havia uma pesada porta de carvalho reforçada por dobradiças e placas de ferro. Ela sacou uma chave que trazia pendurada em uma

cordinha de seda no pulso direito e a inseriu na fechadura de prata acima da maçaneta de cristal ao mesmo tempo que pressionava com cuidado determinada placa de bronze decorativa dentro de um nicho na parede. Uma série de cliques ecoou dentro das paredes e a porta se abriu para o lado de dentro.

Esquecer qual era a placa de bronze certa seria má ideia: ela havia especificado uma tensão um tanto excessiva para a balestra da armadilha oculta quando a mandara instalar três décadas antes.

Ali ficava o solário, oito andares acima do terraço. O recinto ocupava todo o diâmetro da torre em seu ápice, 15 metros de ponta a ponta, com piso revestido por um grosso tapete. Uma comprida galeria com balaustrada curva em bronze e uma escada de cada lado margeava a parede norte, contendo uma série de prateleiras de madeira-bruxa divididas em vários milhares de nichos e compartimentos. A cúpula transparente do teto permitia ver as nuvens baixas como se elas fossem um lago de fumaça fervente. Dona Vorchenza cutucou alguns globos alquímicos para lhes dar vida enquanto subia os degraus até a galeria.

Pôs-se a trabalhar, entretida, alheia à passagem do tempo, os dedos finos indo de um compartimento para outro. Pegou certas pilhas de pergaminho e as deixou de lado, considerou brevemente algumas e tornou a guardá-las, resmungando lembranças e conjecturas. Só despertou de seu enleio quando a porta do solário se abriu com um novo clique.

O homem que entrou era alto e de ombros largos e tinha um rosto anguloso de vadrã e cabelos louros platinados presos com uma fita em um rabo de cavalo. Usava um colete de couro canelado por cima de mangas pretas fendidas, calça preta e botas pretas de cano longo. Os pequenos broches de prata em sua gola informavam sua patente: era um capitão da Companhia Vidronoite, dos casacas-negras. Os soldados do Duque. Um florete reto pendia do lado direito de seu quadril.

– Stephen, algum de seus rapazes ou moças fez uma visita recente a Dom e Dona Salvara, na Isla Duroa? – perguntou a condessa sem preâmbulo.

– Aos Salvaras? Não, milady, de jeito nenhum.

– Tem certeza? Certeza absoluta? – Segurando alguns pergaminhos e com as sobrancelhas arqueadas, ela desceu os degraus da galeria a passos firmes, quase sem conseguir manter o equilíbrio. – Preciso que me diga a verdade sem sombra de dúvida mais do que jamais precisei.

– Milady, eu conheço os Salvaras. Conheci os dois na festa do Dia das Transformações do ano passado. Subi na mesma gaiola com eles até o Jardim Celestial.

– E não mandou nenhum dos Meias-Noites lhes fazer uma visita?

– Pelos doze deuses, não. Nenhum. Por motivo algum.

– Então alguém está usando nosso nome em vão, Stephen. Talvez finalmente consigamos capturar o Espinho de Camorr.

Reynart a encarou e sorriu.

– Está de brincadeira, não? Me belisque, eu devo estar sonhando. Qual é a situação?

– Vamos começar do começo... Sei que você raciocina mais depressa quando cuidamos daquela sua predileção por açúcar. Dê uma espiada debaixo daquela cúpula. Vou me sentar.

– Ah, puxa, parece que alguém quase já deu cabo deste pobre bolo de especiarias – disse Reynart ao espiar dentro do monta-cargas movido a correntes que sustentava a cúpula. – Vou acabar com o sofrimento dele. E há vinho e copos, também... Parece um daqueles seus deliciosos brancos.

- Bendito seja Gilles: eu estava com tanta pressa de olhar meus documentos que me esqueci de pedir vinho. Seja um subordinado gentil e atencioso e sirva-nos um copo.
- “Subordinado gentil e atencioso”, de fato. Por esse bolo eu seria capaz até de encerrar seus chinelos.
- Vou registrar essa promessa para a próxima vez que você me ofender, Stephen. Ah, pode encher o copo todo... Eu não tenho 13 anos. Agora sente-se e escute o que vou lhe contar. Se tudo se encaixar, como acredito que se encaixe, o filho da mãe acaba de nos ser entregue bem no meio de um de seus golpes.
- Como?
- Responderei a uma pergunta com outra pergunta, Stephen. - Ela sorveu um grande gole de vinho branco e tornou a se recostar na cadeira. - Diga-me, o que você sabe sobre o folclore que existe em torno do conhaque de Austershalin?

3

- FAZER-SE PASSAR POR UM de nós... - ponderou Reynart depois de Dona Vorchenza terminar a história. - Que audácia dele. Mas tem certeza de que é o Espinho?
- Se não for, tudo o que podemos concluir é que agora temos *outro* ladrão igualmente habilidoso e atrevido batendo as carteiras dos nobres. E acho essa suposição um pouco excessiva. Mesmo para uma cidade tão abarrotada de fantasmas quanto esta.
- Não poderia ser o Rei Cinza? Pelos relatos, ele é bem desse tipo escorregadio.
- Humm. Não, o Rei Cinza anda assassinando homens de Barsavi. O modo de proceder do Espinho é o puro e simples engodo. Pelo que sei, nenhuma gota de sangue de verdade foi derramada até agora. E não acho que isso seja coincidência.
- Reynart afastou para o lado o prato vazio de bolo e deu um golinho no copo de vinho.
- Então, se pudermos confiar no relato de Dona Salvara, devemos considerar uma gangue de pelo menos quatro homens. O Espinho em si... Vamos chamá-lo de Lukas Fehrwight para os fins desta argumentação. Seu criado, Graumann. E os dois homens que invadiram a chácara dos Salvaras.
- Isso é um começo, Stephen. Mas eu diria que a gangue tem provavelmente cinco ou seis integrantes.
- Como chegou a essa conclusão?
- Acredito que o falso Meia-Noite estivesse falando a verdade quando falou a Dom Salvara que o ataque perto do Templo das Águas da Fortuna foi armado: para um golpe complexo como esse, precisava ter sido. Portanto, há mais dois cúmplices: os agressores mascarados.
- Supondo que eles não tenham sido apenas contratados para esse trabalho.
- Duvido. Pense na total ausência de informações que tivemos até agora... Nenhum relato, ninguém se vangloriando, nenhum sussurro de quem quer que seja, em lugar algum. Nenhuma migalha de informação que apontasse para alguém que houvesse afirmado *trabalhar* com o Espinho de Camorr. Mas os ladrões passam todos os dias se gabando em altos brados sobre quem consegue mijar mais longe. É muito fora do normal.

– Bem, se você simplesmente cortar a garganta de um contratado depois de ele fazer o trabalho, também não precisa pagar – replicou Reynart.

– Só que ainda estamos falando no Espinho e acho que um ato desses não se encaixaria em seu padrão de operações.

– Ou seja, a gangue dele é fechada. Faz sentido. Mas ainda assim talvez não sejam seis. Os dois lá no beco também poderiam ser os mesmos dois que invadiram a chácara vestidos de Meias-Noites.

– Ah, meu caro Stephen, que conjectura interessante. Digamos quatro no mínimo e seis no máximo como primeira suposição, senão vamos passar a noite inteira aqui desenhando diagramas um para o outro. Desconfio que qualquer número maior do que isso seria difícil de esconder tão bem quanto eles têm se escondido.

– Que seja. – Reynart pensou por alguns instantes. – Posso lhe conseguir quinze ou dezesseis espadas agora mesmo; alguns dos meus rapazes estão acalmando as coisas hoje à noite lá na Arapuca e no Caldeirão desde que recebemos os relatórios sobre o funeral de Nazca Barsavi. Não posso chamá-los com tão pouca antecedência. Mas se a senhora me der até a madrugada posso conseguir todos os outros, equipados e prontos para a briga. Os Vidronoites podem nos dar suporte; não há sequer necessidade de envolver os casacas-amarelas. De toda forma, sabemos que eles talvez estejam comprometidos.

– Isso seria muito bom, Stephen, se eu os quisesse capturados agora. Só que eu não quero... Acho que temos alguns dias, pelo menos, para fechar o cerco em volta desse homem. Sofia disse que eles conversaram sobre um investimento inicial de cerca de 25 mil coroas. Desconfio que o Espinho vá esperar até receber os outros 7 ou 8 que faltam.

– Pelo menos me deixe ficar com um esquadrão de sobreaviso, então. Vou mantê-los no Palácio da Paciência, disfarçados entre os casacas-amarelas. Eles podem ficar a postos para partir com cinco minutos de sobreaviso.

– Muito prudente; faça isso. Quanto a como vamos pegar o Espinho, mande um de seus homens à Meraggio amanhã, o mais sutil que você tiver. Veja se Fehrwight tem conta lá e quando ela foi aberta.

– Calviro. Mandarei Maraliza Calviro.

– Excelente escolha. No que me diz respeito, qualquer outra pessoa a quem esse Fehrwight tiver apresentado os Salvaras é suspeita. Mande-a verificar o escrevente que Sofia disse que o marido encontrou logo após o ataque fingido atrás do templo.

– Eccari, não é? Evante Eccari?

– Isso. E depois quero que você vá dar uma olhada no Templo das Águas da Fortuna.

– Eu? Milady, a senhora sabe muito bem que eu não sou um homem de fé; herdei apenas a aparência.

– Mas a fé você pode fingir e é da aparência que eu preciso. Ela vai impedir que você cause uma impressão suspeita. Observe o lugar, fique de olho em qualquer pessoa estranha. Preste atenção em gangues ou movimento. É uma possibilidade remota alguém do templo ter participado do ataque forjado. Mesmo que não seja o caso, precisamos eliminar essa possibilidade.

– Então pode considerar isso feito. E a hospedaria?

– Ah, sim, o Lar do Tombo. Mande uma pessoa até lá, uma só. Eu tenho dois velhos informantes

no quadro de funcionários: um deles acha que trabalha para os casacas-amarelas; a outra, para o Capa. Vou lhe passar os nomes. Por enquanto, só quero descobrir se eles ainda estão hospedados na Suíte Gurupés. Se sim, você pode pôr alguns de seus homens lá vestidos de funcionários. Só para observar, por agora.

– Muito bem. – Reynart se levantou da cadeira e limpou as migalhas da calça. – Imaginando que a senhora consiga o que deseja, onde e quando gostaria de lançá-lo?

– Perseguir o Espinho sempre foi como tentar segurar um peixe com as mãos. Vou querer que ele fique preso em algum lugar do qual seja impossível escapar, isolado dos seus amigos e totalmente cercado pelos nossos.

– Pelos nossos? Como... Ah, Pontacorvo!

– Isso. Muito bem, Stephen. O Dia das Transformações, daqui a apenas uma semana e meia. O banquete do próprio Duque. A 150 metros de altura, cercado pelos nobres de Camorr e por uma centena de guardas. Instruirei Dona Sofia a convidar esse tal Lukas Fehrwight para jantar com o Duque, a convite dos Salvaras.

– Imaginando que ele não desconfie de uma emboscada...

– Acho que esse é o tipo de gesto que ele iria apreciar. Acho que vai ser graças à audácia de nosso misterioso amigo que enfim vamos ser diretamente apresentados. Pedirei para Sofia fingir dificuldades financeiras. Ela pode dizer a Fehrwight que as últimas mil coroas só virão depois do festival. Será uma isca dupla: a ganância dele caminhará de mãos dadas com a sua vaidade. Ouso prever que ele vai adorar essa tentação.

– Devo mobilizar todo mundo para a ocasião?

– É claro. – Dona Vorchenza tomou um gole de vinho e sorriu devagar. – Quero que um Meia-Noite pegue o seu casaco e que Meias-Noites o sirvam antes da refeição. Se ele usar um penico, quero que um Meia-Noite o feche depois. Vamos capturá-lo em Pontacorvo.

– Mais alguma coisa?

– Não. Mãos à obra, Stephen. Volte daqui a algumas horas com um relatório; ainda estarei acordada. Estou esperando notícias da Tumba Flutuante para quando a procissão fúnebre de Barsavi voltar. Enquanto isso, mandarei um recado para o velho Nicovante sobre nossas suspeitas.

– Pois não, milady.

Reynart fez uma breve mesura e saiu do solário a passos compridos e rápidos.

Antes mesmo de a pesada porta se fechar, Dona Vorchenza já se levantara e caminhava em direção a uma pequena escrivaninha aninhada em uma alcova à esquerda da porta. Lá, pegou meia folha de pergaminho, rabiscou algumas linhas apressadas, dobrou-a e lacrou-a com uma pequena gota de cera azul contida em um cilindro de papel. A substância era alquímica e endureceu após alguns segundos de exposição ao ar. Ela preferia não permitir a entrada de fontes de fogo naquele recinto que continha tantas décadas de registros cuidadosamente reunidos e catalogados.

Dentro da escrivaninha, havia um anel que Dona Vorchenza nunca usava fora de seu solário, com um sinete que não aparecia em lugar nenhum no brasão da família Vorchenza. Ela o pressionou sobre a cera e o removeu produzindo um leve estalo.

Quando ela baixasse o recado pelo monta-cargas, um de seus ajudantes noturnos correria na mesma hora até a plataforma de gaiolas no nordeste da torre e desceria até Pontacorvo por

teleférico. Ali, mesmo que Nicovante já estivesse recolhido ao seu quarto de dormir, entregaria o recado ao velho Duque em mãos.

Era esse o costume com qualquer recado lacrado de azul sem nenhuma outra credencial que não o sinete estilizado de uma aranha.

INTERLÚDIO

O professor das Rosas

1

– NÃO, AÍ É MEU coração. Ataque. Ataque. Agora aqui. *Ataque.*

Uma água fria e cinza caía aos borbotões sobre a Casa das Rosas de Vidro; a chuva de inverno de Camorr se acumulava a uma altura de quase 3 centímetros aos pés de Jean e Maranzalla. A água também escorria em riachos e filetes pela superfície de todas as rosas do jardim e corria em pequenos rios para dentro dos olhos de Jean enquanto ele desferia golpes com o florete no alvo de couro recheado pouco maior do que o punho de um homem grande que o Dom segurava na ponta de uma vara.

– Ataque aqui. E aqui. Não, foi baixo demais. Aí é o fígado. Mate-me agora, no máximo daqui a um minuto. Eu talvez ainda tenha alguma energia. Mais em cima! Mais em cima, no coração, abaixo das costelas. Melhor.

Uma luz branca acinzentada explodiu no meio das nuvens revoltas do céu, espalhando-se feito um fogo visto através da fumaça. O trovão ribombou instantes depois com um estrondo que ecoou como se os deuses estivessem tendo um acesso de fúria. Jean mal podia imaginar como era estar no alto das Cinco Torres, que agora não passavam de uma série de colunas cinzentas indistintas perdidas no céu atrás do ombro direito de Maranzalla.

– Chega, Jean, chega. Você está se saindo razoavelmente bem com esse fura-porcos; quero que se sinta à vontade com ele caso tenha necessidade. Mas está na hora de ver para o que mais você tem talento. – Enrolado em uma capa impermeável marrom muito surrada, Maranzalla chapinhou pela água até uma caixa de madeira grande. – Você não vai poder andar com uma arma de lâmina comprida nos círculos que frequenta. Vá pegar o castigado.

Jean percorreu depressa o sinuoso labirinto de vidro até o pequeno cômodo que conduzia de volta para dentro da torre. Ainda respeitava as rosas – só um tolo não respeitaria –, mas agora já estava bem acostumado à sua presença. Elas não pareciam mais espreitá-lo e cintilar diante dele como objetos famintos: eram apenas um obstáculo que não se devia tocar.

O castigado, guardado no pequeno cômodo seco no alto da escada, era um boneco de couro acolchoado com o mesmo formato da cabeça, tronco e braços de um homem, espetado em uma estaca de ferro. Carregando-o desajeitadamente sobre o ombro direito, Jean tornou a sair para a

chuva torrencial e voltou ao centro do Jardim Sem Perfume. O castigado esbarrou várias vezes nas paredes de vidro, mas as rosas não tinham nenhum apreço por carne de couro vazia.

Maranzalla abriu o baú de madeira e estava remexendo lá dentro. Jean espetou o castigado bem no centro do pátio; a estaca de metal se encaixou em um buraco aberto na pedra e ali se prendeu depois de ser girada, erguendo por um breve instante um pequeno chafariz de água.

– Eis aqui uma coisa bem feia – disse o Dom, brandindo um pedaço de corrente com pouco mais de um metro envolta em um couro muito fino, decerto pelica. – Chama-se açoite de alcaide e é forrado para não fazer barulho. Se você olhar de perto, verá que tem pequenos ganchos nas duas pontas para você poder prendê-lo em volta da cintura como um cinto. É fácil esconder debaixo de roupas mais pesadas... embora você talvez vá precisar de um ligeiramente mais comprido para caber na sua cintura.

Maranzalla deu um passo confiante para a frente e brandiu a corrente forrada em direção à cabeça do castigado, que ricocheteou no couro com um *tlec* alto.

Jean se divertiu por alguns minutos fustigando o castigado com o açoite sob o olhar atento de Maranzalla. Resmungando consigo mesmo, o Dom então levou embora a corrente e ofereceu a Jean um par de facas idênticas. Tinham uns 30 centímetros de comprimento e fio de um lado só, com uma lâmina larga e curva. Os cabos eram presos a pesados guarda-mãos cravejados com ferrões de bronze.

– Duas malvadinhas, estas aqui. Em geral, conhecidas como dentes de ladrão. Não são uma arma sutil: com elas você pode apunhalar, cortar ou simplesmente socar. Estes ferrões de bronze são capazes de arrancar o rosto de um homem e estes guarda-mãos conseguem deter qualquer coisa que não seja um touro em pleno ataque. Experimente.

A exibição de Jean com as facas foi ainda melhor do que sua demonstração com o açoite. Maranzalla aplaudiu, satisfeito.

– Isso mesmo, para cima bem no estômago, abaixo das costelas. Se enfiar 30 centímetros de aço aí e fizer cócegas no coração do sujeito, filho, você acaba de ganhar a discussão.

Ele deu uma risadinha quando tornou a pegar as facas gêmeas das mãos de Jean.

– Que tal sua aula de dentes, hein, garoto?

Jean o encarou, sem entender.

– Nunca ouviu isso antes? Capa Barsavi originalmente não é daqui de Camorr. Ele estudou no Colégio Terim. Quando arrasta uma pessoa para uma conversa, chama a isso de “aula de etiqueta”. Se a amarra para fazê-la falar, é uma “aula de canto”. Já quando corta sua garganta e a joga na baía para os tubarões...

– Ah, imagino que isso seja a “aula de dentes”. Entendi.

– Exato. Só que eu não inventei isso, não, veja bem. Quem inventou foram as pessoas iguais a você. Eu seria capaz de apostar que o chefe conhece a piada, mas ninguém diz nada desse tipo na cara dele. Sempre foi assim, tanto entre assassinos quanto entre soldados. Então... próximo brinquedo adorável...

Maranzalla entregou a Jean um par de machadinhas com cabo de madeira; havia gumes de metal curvo em um dos lados e contrapesos redondos no outro.

– Estas rachadoras de cabeça não têm nome específico. Aposto que você já viu uma machadinha.

Você decide se prefere usar a lâmina ou a bola. Dá para evitar matar um homem com a bola, mas se você usar força suficiente, ela é tão ruim quanto a lâmina, portanto avalie com cuidado se não estiver atacando um castigado.

Jean percebeu quase imediatamente que gostava da sensação das machadinhas nas mãos: eram compridas o bastante para serem mais eficazes do que armas de bolso como as pequenas facas ou cassetetes curtos que a maioria das Pessoas Certas estava habituada a portar. No entanto, eram também pequenas o suficiente para serem manejadas depressa e usadas em espaços fechados. Além disso, teve a impressão de que poderiam ser bem escondidas dentro de um casaco ou colete.

Ele ficou de cócoras e notou que a postura agachada de um lutador com facas parecia natural com aquelas armas em mãos. Ele se lançou para a frente e acertou o castigado pelos dois lados ao mesmo tempo, cravando as lâminas das machadinhas nas costelas do boneco. Com um golpe vindo de cima no braço direito do castigado, fez o boneco inteiro estremecer. Em seguida, bateu com uma bola na cabeça. Passou vários minutos cortando e rasgando o castigado; seus braços pareciam um pistão e um sorriso cada vez maior se abria em seu rosto.

– Humm. Nada mau – avaliou Maranzalla. – Nada mau mesmo para um total iniciante, devo lhe dizer. Você parece muito à vontade com elas.

Tendo uma ideia repentina, Jean se virou e correu até um dos cantos do pátio, abrindo uma distância de 5 metros entre si e o castigado. A chuva torrencial projetava dedos cinzentos entre ele e o alvo, de modo que ele se concentrou bastante antes de mirar e lançar, atirando uma das machadinhas com toda a força produzida pelo giro do braço, dos quadris e do tronco. A arma se enterrou bem na cabeça do castigado, cravada nas muitas camadas de couro sem nenhum estremecimento sequer.

– Minha nossa – falou Maranzalla. Um relâmpago tornou a varar o céu e o trovão ecoou pelo terraço. – Minha nossa! Isso, sim, é uma base sobre a qual podemos construir.

CAPÍTULO DEZ

Aulas de dentes

1

NA ESCURIDÃO SOB O VÃO do Eco, Jean pôs-se em movimento antes mesmo de o barril, iluminado fracamente pelo brilho avermelhado das tochas de Barsavi, despencar com estardalhaço na água negra.

Debaixo do antigo cubo de pedra, havia uma rede de caibros suspensos feitos de madeira-bruxa preta e presos por fios de Vidrantigo. Estavam limosos de tão velhos e cheios de excrescências inomináveis, mas tinham aguentado firme da mesma forma que as pedras mais acima e ainda eram sólidos.

A queda-d'água que cascateava do telhado ia dar ali em um dos canais cheios de redemoinhos que corriam sob os caibros. Era um verdadeiro labirinto de canais: alguns lisos feito vidro, outros turbulentos como corredeiras cheias de espuma. Algumas rodas e artefatos ainda mais estranhos giravam devagar nos cantos debaixo dos caibros inferiores; Jean os avaliara às pressas à luz de um pequeno globo alquímico ao se acomodar para a longa espera. Pulga, que compreensivelmente não queria se afastar muito de Jean, se agachara sobre outro caibro 6 metros à sua esquerda.

O chão de pedra do Vão do Eco era pontuado por pequenos cortes quadrados com cerca de 5 centímetros de largura, espaçados de forma irregular e com função desconhecida. Jean se posicionara entre dois desses buracos, pois sabia que seria impossível ouvir qualquer atividade com o barulho da cascata bem no seu ouvido.

Sua compreensão da situação acima era nebulosa, mas, à medida que os minutos se arrastaram, que a luz vermelha aumentou e que Capa Barsavi e Locke começaram a conversar, a preocupação de Jean foi se transformando em temor. Ouviram-se gritos, xingamentos, um ruído de botas no piso de pedra – e então vivas. Locke fora capturado. Onde estava o maldito Mago-Servidor?

Jean percorreu o caibro sobre o qual estava, à procura da melhor forma de atravessar até a cascata. Devia haver quase 2 metros entre os caibros e a borda da fenda de pedra pela qual a água caía, mas se ele conseguisse evitar a água poderia ter êxito; era o jeito mais rápido de subir, o único jeito ali de dentro. À débil luz vermelha que se derramava pelos buraquinhos do chão, Jean gesticulou para Pulga ficar onde estava.

Outra explosão de vivas irrompeu lá em cima e a voz do Capa soou alta e nítida por um dos vãos:
– Levem esse filho da mãe daqui e o atirem no mar.

Atirem no mar? O coração de Jean martelou dentro do peito: será que eles já tinham cortado a garganta de Locke? Seus olhos arderam ao pensar que a próxima coisa que iria ver seria um corpo

flácido todo vestido de cinza despencando pela corrente branca de água que jorrava.

Então surgiu o barril, um objeto pesado e escuro que mergulhou no canal negro na base da queda provocando um barulho alto e projetando um gêiser de água. Jean teve que piscar duas vezes antes de entender o que acabara de ver.

– Ah, meus deuses – balbuciou. – Olho por olho! Porra, Barsavi precisava ser poético.

Lá em cima ecoaram novos vivas e mais batidas de pés. Barsavi estava gritando algo e seus súditos responderam aos berros. As débeis linhas de luz vermelha começaram a tremeluzir, sombras passaram diante delas e todos foram se movendo em direção à porta da rua. Barsavi estava se retirando. Jean decidiu correr o risco e tentar interceptar o barril.

Um novo ruído de mergulho ecoou, audível até mesmo com o silvo e o estrondo da queda-d'água. Que diabos era aquilo? Jean levou a mão até debaixo do colete, pegou seu globo de luz e o sacudiu. Uma tênue estrela branca floresceu na escuridão. Segurando-se firme no caibro molhado com a outra mão, Jean jogou o globo para baixo em direção ao canal em que o barril devia ter caído, 12 metros à sua direita. O globo bateu na água e se imobilizou, proporcionando luz suficiente para Jean avaliar a situação.

O pequeno canal delimitado por pedra tinha uns 2,5 metros de largura e o pesado barril boiava ali, com três quartos da superfície submersos.

Visível apenas dos braços para cima, Pulga chapinhava no canal, mais ou menos um metro à direita do globo.

Que droga, aquele menino parecia fisicamente incapaz de permanecer em lugares altos durante qualquer período.

Em pânico, Jean olhou em volta; seria preciso alguns segundos para chegar a um ponto em que pudesse mergulhar no canal certo sem quebrar as pernas em uma das divisórias de pedra.

– Pulga! – chamou, avaliando que a balbúrdia lá em cima abafaria sua voz. – Pulga! Sua luz! Pegue-a agora! Locke está dentro daquele barril!

Pulga tateou dentro da túnica, pegou um globo de luz e o sacudiu. Ao súbito clarão branco suplementar, Jean pôde distinguir com nitidez o contorno do barril preto que boiava. Avaliou a distância que o separava dele, se decidiu e estendeu a mão livre para uma de suas machadinhas.

– Pulga, não tente entrar pelos lados! – gritou. – Ataque a parte superior plana do barril!

– Como?

– Fique aí mesmo onde está.

Jean se inclinou para a direita, se agarrou ao caibro com o braço esquerdo, ergueu a machadinha com a mão direita, sussurrou “por favor” para o Benfeitor e a lançou. A arma acertou a madeira escura do barril e ali se cravou, trêmula. Pulga se retraiu, em seguida chapinhou pela água para ir puxar a lâmina.

Jean começou a deslizar o corpanzil pelo caibro, mas outro movimento no canto de seu campo de visão o fez estacar. Ele olhou para as sombras à sua esquerda: uma coisa se movia pela superfície de um dos outros cursos de água daquele maldito labirinto. Na verdade, eram várias: formas pretas que avançavam, do tamanho de cachorros. As patas cobertas de pelos ásperos se abriam quando elas escorregavam logo abaixo da superfície da água escura, em seguida se uniam para impulsioná-las para cima e pela pedra com a mesma facilidade...

– Puta que pariu – balbuciou Jean. – Puta que pariu, não é possível!

Apesar do tamanho e do aspecto horripilante, demônios de sal eram criaturas tímidas. As imensas aranhas viviam nos nichos dos litorais rochosos a sudoeste de Camorr, alimentavam-se de peixes e gaivotas e, de vez em quando, caso se aventurassem longe demais da costa, eram vítimas de tubarões ou polvos. Por medo e superstição, os marinheiros as atacavam com pedras e flechas.

Só um tolo se aproximaria de um animal daqueles: suas presas tinham o mesmo comprimento dos dedos de um homem adulto e seu veneno nem sempre causava a morte, mas podia fazer um homem implorar de joelhos pela morte. No entanto, os demônios de sal em geral se contentavam em fugir dos humanos; eram caçadores de tocaia, solitários, incapazes de tolerar a proximidade uns dos outros. Quando era mais jovem, Jean tinha morrido de medo ao ler as observações dos estudiosos e naturalistas em relação àquelas criaturas.

Mas havia ali um bandito dos malditos monstros, lado a lado como cães de caça, avançando por cima da pedra e da água em direção a Pulga e ao barril.

– Pulga! – gritou Jean. – Pulga!

2

PULGA HAVIA ESCUTADO O QUE acontecera lá em cima ainda menos do que Jean, mas quando o barril mergulhou na escuridão, percebeu na hora que fora lançado de propósito. Como estava posicionado bem em cima do canal que vinha da cascata, ele simplesmente se deixara cair 3 metros até a água que corria veloz.

Encolhera as pernas e atingira a água feito a pedra de uma catapulta, de bunda. Embora tivesse ficado com a cabeça submersa por causa do impulso da queda, logo descobrira que conseguia ficar em pé: o canal tinha menos de 1,5 metro de profundidade.

Segurando a machadinha de Jean em uma das mãos, ele golpeava com fúria o barril de tampa chata diante de si. Havia pousado seu globo luminoso no caminho de pedra que margeava o canal, uma vez que o globo de Jean emitia luz suficiente de baixo da superfície.

– Pulga! – gritou o homem corpulento com uma voz subitamente alterada por um genuíno alarme. – Pulga!

O menino se virou para a direita e viu de relance o que avançava das sombras distantes bem na sua direção. Um calafrio de pura repulsa percorreu sua espinha e ele olhou em volta, atarantado, para se certificar de que a ameaça vinha apenas de uma direção.

– Pulga, saia da água! Suba nas pedras!

– Mas e Locke?

– Porra, ele não vai querer sair desse barril neste exato segundo! – berrou Jean. – Confie em mim!

Enquanto Pulga saía atabalhoadamente da água encrespada e iluminada, o barril começou de novo a flutuar rumo à extremidade sul do prédio, onde o canal ia dar em um lugar que só os deuses conheciam. Desesperado demais para pensar com clareza na própria segurança, Jean avançou depressa pela viga, sentindo os pés escorregarem no limo, e correu em direção à queda-d'água agitando os braços feito um louco para se equilibrar. Alguns segundos depois, interrompeu o

movimento abraçando uma viga vertical e seus pés escorregaram por um breve instante, mas ele se agarrou com força. Aquela corrida maluca o conduziu a um ponto bem ao lado da cascata. Ele se lançou para a frente no ar e encolheu as pernas com cuidado para junto do peito. Acertou a água com um barulho tão forte quanto o que fora provocado pelo barril e bateu no fundo do canal.

Voltou à superfície engasgado, com a segunda machadinha já em punho. Agachado na borda de pedra ao lado do canal, Pulga agitava o globo alquímico para as aranhas. Jean viu que os demônios de sal estavam a uns 5 metros do menino, do outro lado do canal; embora avançassem com mais cautela, continuavam a se aproximar. Tinham carapaças sarapintadas de preto e cinza e seus vários olhos negros como a noite estavam salpicados com os sinistros reflexos da luz de Pulga. Os pedipalpos cabeludos se agitavam no ar diante das caras e as presas duras e negras estremeciam.

Eram quatro malditas criaturas. Cuspindo água, Jean içou o corpanzil para fora do canal junto a Pulga e pensou ter visto alguns daqueles olhos negros desumanos se virarem na sua direção.

– Jean – gemeu Pulga. – Jean, essas coisas parecem estar putas da vida.

– Não é natural – retrucou Jean, correndo até perto de Pulga, que lhe lançou sua outra machadinha.

As aranhas estavam agora a 3 metros, bem do outro lado do canal. Jean e Pulga pareciam cercados por 32 olhos negros que não piscavam, 32 pernas cobertas por ásperos pelos pretos a se agitar.

– Não é nada natural: demônios de sal não agem assim.

– Ah, que bom. – Pulga segurava o globo com o braço esticado, como se assim fosse possível se esconder por completo atrás dele. – Converse com eles, então.

– Estou desconfiado que a única língua que eles vão entender é a da machadinha.

Assim que essas palavras saíram da boca de Jean, as aranhas se moveram em sincronia, assustadoras, e avançaram com quatro mergulhos. O barril havia flutuado alguns metros e estava agora à direita de Jean e Pulga e uma das formas negras chegou a passar por baixo dele. Várias pernas se esticaram para fora da água, sem conseguir se equilibrar, e Pulga gritou com um misto de repulsa e medo. Jean se precipitou para a frente e atacou com as duas machadinhas em rápidos golpes para baixo. Dois membros de aranha se partiram com um barulho repugnante de algo rachando e um sangue azul-escuro jorrou. Jean deu um pulo para trás.

As duas aranhas intactas se levantaram da água alguns segundos à frente das companheiras feridas e se jogaram em cima de Jean, fazendo as patas peludas estalarem nos blocos de pedra que pisavam. Jean entendeu que estaria em perigosa desvantagem caso tentasse acertar as duas de uma vez, logo optou por um plano de ação mais nojento.

A Irmã Malvada em sua mão direita traçou um arco para baixo com força e partiu a cabeça do demônio de sal mais próximo bem entre as fileiras simétricas de olhos negros. As patas da criatura sofreram um espasmo, reflexo da morte, e Pulga pulou para trás tão depressa que deixou cair o globo. Jean usou o impulso do movimento da mão direita para erguer a perna esquerda do chão; a aranha à sua esquerda se empinou com as presas abertas bem na hora em que ele baixou o calcanhar da bota em cima do que imaginava ser a sua cara. Os olhos do bicho explodiram feito geleia de frutas e Jean pressionou o pé com toda a força, fazendo um barulho como se pisasse um saco de couros molhados.

Um sangue morno encharcou sua bota e, bem nessa hora, as aranhas feridas chegaram logo atrás

das companheiras caídas, silvando e estalando de raiva.

Uma delas empurrou a outra para passar na frente e se esticou para cima de Jean com as patas bem abertas, a cabeça levantada e as presas curvas expostas. Jean desceu as Irmãs em um golpe fortíssimo, com as lâminas para trás, esmagando a cabeça do demônio de sal sobre as pedras molhadas e a fazendo parar. A linfa jorrou e Jean sentiu os respingos no pescoço e na testa, esforçando-se ao máximo para ignorá-los.

Restava apenas um dos malditos monstros. Furioso com o atraso que eles haviam provocado, Jean deu um berro e pulou no ar. Com os braços abertos, aterrissou bem no meio da carapaça da última criatura. A aranha explodiu com um barulho úmido e suas patas se dobraram frenéticas para cima em um ângulo esquisito, percorridas pelas últimas pulsações de vida, enquanto ele enterrava os calcanhares e rugia.

– Eca! – exclamou Pulga, agora bem molhado com uma substância azul que antes circulava dentro de um demônio de sal.

Sem pensar muito, Jean lançou-lhe uma de suas Irmãs encharcadas de sangue, tornou a pular para dentro d'água e chapinhou às pressas na direção do barril, que flutuava uns 3 metros para o sul. Segurou-o com a mão esquerda e começou a mover o braço direito como um pistão, para cima e para baixo, e a arrebentar a madeira da tampa do barril com a machadinha.

– Pulga, faça um favor: certifique-se de que nenhuma outra dessas criaturas malditas vai nos surpreender!

Um mergulho ecoou atrás de Jean no momento em que Pulga voltou a saltar para a água. Segundos depois, o menino apareceu atrás do barril e o segurou com os bracinhos finos.

– Que eu veja, nenhuma. Rápido, Jean.

– Estou indo rápido, porra.

Crac, crac, crac. A lâmina de sua machadinha finalmente rachou a madeira, a urina de cavalo se derramou na água e Pulga sentiu ânsia de vômito. Com gestos furiosos, Jean aumentou o buraco, conseguiu remover por completo a extremidade do barril e uma onda de líquido amarelo, viscoso e fedido molhou seu peito. Sem perder mais um só instante, ele atirou longe a machadinha, enfiou a mão dentro do tonel e puxou o corpo imóvel de Locke.

Jean o examinou às pressas em busca de cortes, rasgos ou marcas roxas saltadas e viu que seu pescoço parecia bastante intacto.

Com urgência, ele suspendeu Locke até o caminho de pedra ao lado das aranhas mortas, partes das quais ainda se agitavam. Içou-se para fora d'água, se agachou ao seu lado e arrancou o manto e a capa. Pulga surgiu ao seu lado bem a tempo de puxá-los e jogá-los na água. Jean rasgou o colete cinza de Locke para abri-lo e começou a pressionar seu peito.

– Pulga, vá ali e empurre as pernas dele para cima – pediu, aos arquejos. – Os humores quentes do corpo dele se extinguiram. Se estabelecermos um ritmo, talvez consigamos reacendê-los. Pelos deuses, se ele viver, eu juro que compro dez livros de galenismo e os decoro de cabo a rabo.

Pulga saiu da água atabalhoadamente e começou a bombear as pernas de Locke, dobrando-as e tornando a esticá-las uma de cada vez ao mesmo tempo que Jean fazia pressão na barriga do comparsa, batia em seu peito e lhe estapeava as faces, implorando:

– Vamos lá, pelo amor dos deuses, seja teimoso, seu magrelinho de...

As costas de Locke se arquearam com uma convulsão e tossidos ásperos e úmidos explodiram de sua garganta. Suas mãos fracas tatearam a pedra e ele rolou para o lado esquerdo. Jean se sentou nos calcanhares e suspirou aliviado, alheio à poça de sangue de aranha que o rodeava.

Locke vomitou dentro d'água, estremeceu e tornou a vomitar. Pulga se ajoelhou ao seu lado e o segurou pelos ombros. Ele passou um bom tempo deitado, trêmulo, com a respiração pesada e uma tosse úmida.

– Ai, meus deuses – disse por fim, com uma voz fraca e rouca. – Ai, meus deuses. Meus olhos. Eu mal consigo ver. Isso é água?

– Sim, água corrente.

Jean estendeu a mão e segurou um dos braços de Locke.

– Então me ponham lá dentro. Pelos treze deuses, tirem essa *nojeira* de cima de mim.

Antes mesmo que Jean ou Pulga pudessem fazer menção de ajudá-lo, Locke rolou o corpo para dentro do canal. Mergulhou a cabeça várias vezes na água escura, depois começou a rasgar o que lhe restava das roupas até sobrar apenas uma túnica interior branca e a calça cinza.

– Está melhor? – perguntou Jean.

– Acho que sim. – Ele teve uma ânsia de vômito. – Meus olhos estão ardendo, meu nariz e minha garganta queimam, meu peito dói. Estou com uma dor de cabeça daquelas insuportáveis do tamanho de Terim Pel, apanhei da família Barsavi inteira, estou coberto de mijo de cavalo e parece que o Rei Cinza acabou de aplicar um golpe bem inteligente às nossas custas. – Ele encostou a cabeça na borda do caminho de pedra. Quando tornou a erguê-la, reparou pela primeira vez nas carcaças das aranhas e deu um tranco para trás. – Eca! Pelo amor dos deuses! Parece que eu também perdi algumas coisas.

– Demônios de sal – explicou Jean. – Um bando deles agindo juntos. Vieram atrás de uma briga, ávidos. Como suicidas.

– Não faz o menor sentido – comentou Locke.

– Pode haver uma explicação – retrucou Jean.

– Uma conspiração dos deuses – balbuciou Locke. – Ah. *Feitiçaria*.

– Isso. Aquele maldito Mago-Servidor. Se ele é capaz de treinar um falcão-lacrau, poderia ter...

– Mas e se for apenas este lugar? – interrompeu Pulga. – Vocês já ouviram as histórias.

– Não precisamos nos preocupar com histórias quando sabemos que um mago vivinho quer a nossa pele – replicou Locke. – Jean tem razão: eu não fui enfiado dentro desse barril como crítica aos meus talentos de ator e essas aranhas escrotas não estavam aqui de férias. A intenção era matar vocês dois também ou, se não matasse...

– Amedrontaria – completou Jean. – Distrairia. Para você poder se afogar.

– Parece plausível. – Locke esfregou outra vez os olhos ardidos. – É incrível como, sempre que eu acho que a minha tolerância para essa história chegou ao fundo do poço, descubro alguma coisa nova para odiar na situação. Calo e Galdo... Nós precisamos encontrá-los.

– Eles podem estar metidos em uma merda feia – concordou Jean.

– Já estão, mas podemos enfrentar isso melhor quando estivermos todos juntos outra vez.

Locke tentou sair da água, mas não conseguiu. Jean estendeu a mão e o puxou pela gola da túnica. Ele agradeceu com um meneio de cabeça e se levantou devagar, tremendo.

– Acho que infelizmente a minha força se esvaiu. Desculpe, Jean.

– Não precisa pedir desculpas. Você suportou muitas agressões hoje à noite. Só estou satisfeito por termos tirado você daquele troço antes de ser tarde demais.

– Eu tenho uma dívida com vocês dois, acreditem. Isso tudo foi... Teria sido.. – Locke balançou a cabeça. – Foi bem ruim, eu juro pelos deuses.

– Só imagino. Vamos, então?

– Agora mesmo. Vocês dois, voltem pelo mesmo lugar por onde vieram e não façam barulho. Talvez o pessoal de Barsavi ainda esteja por aí. E fiquem de olhos abertos para o caso de verem, ahn, algum pássaro.

– Com certeza. Nós entramos rastejando por uma espécie de duto lá para os lados do canal oeste. – Jean deu um tapa na própria testa e olhou em volta. – Ai, que os deuses me amaldiçoem: eu perdi de vista as Irmãs.

– Não precisa ter medo – disse Pulga, erguendo as machadinhas. – Imaginei que fosse querê-las de volta, então fiquei de olho nelas.

– Muito obrigado, Pulga – agradeceu Jean. – Pretendo usá-las em determinadas pessoas antes mesmo de esta noite terminar.

3

O BAIRRO DE ÁGUA-FERRUGEM ESTAVA morto como nunca quando os três saíram rastejando pelo duto e chegaram à margem do canal logo a oeste do Vão do Eco. A procissão de Barsavi havia sumido e, embora os três Nobres Vigaristas tenham se agachado e vasculhado o céu carregado à procura de qualquer sinal de um falcão voando, não viram nada.

– Vamos na direção da Fumaça de Carvão – orientou Locke. – Depois da Cova dos Pedintes. Podemos roubar um barco e chegar em casa pelo cano de esgoto.

O duto ficava no lado sul do Bairro dos Templos, logo abaixo da Casa de Perelandro, e tinha um mecanismo de deslizamento oculto que o cobria pelo lado de fora. Os Nobres Vigaristas lubrificavam as dobradiças para garantir a discrição de suas idas e vindas.

– Boa ideia – comentou Jean. – Não me sinto à vontade para transitar por ruas e pontes.

Gratos pela bruma baixa e quente que pairava à sua volta, eles seguiram para o sul. Jean tinha as machadinhas em riste e movia a cabeça de um lado para outro, atento como um gato em cima de um varal que se balança. Guiou-os por uma ponte, com Locke tropeçando e caindo várias vezes atrás, depois pela margem sudeste do Tranquilo. Ali, o vulto negro e sem luz da Cova dos Pedintes se assomava na névoa à sua esquerda e o fedor úmido dos túmulos dos indigentes enchia o ar.

– Nenhum guarda à vista – sussurrou Locke. – Nenhum menino ou menina do Morro das Sombras. Não há viva alma aqui. Mesmo para este bairro, é muito fora do normal.

– E alguma coisa na noite de hoje por acaso foi normal?

Jean ditava o ritmo mais rápido possível e eles logo atravessaram outra ponte em direção ao sul até entrarem na Fumaça de Carvão. Locke se esforçava para acompanhar os outros dois e segurava a barriga e as costelas doloridas. Pulga seguia por último e não parava de olhar por cima do ombro.

Na extremidade nordeste da Fumaça de Carvão, havia uma fileira de velhas docas, escadas desmoronadas e cais de pedra em ruínas. Todos os barcos e barcaças maiores e mais elegantes estavam trancados e presos por correntes, mas alguns botes flutuavam aqui e ali amarrados apenas em cordas. Em uma cidade repleta de embarcações como aquelas, nenhum ladrão em sã consciência se daria o trabalho de roubar um – pelo menos em tempo normal.

Os três entraram no primeiro dos botes que se mostrou dotado de remo: Locke desabou junto à popa, Pulga assumiu o remo e Jean removeu a corda.

– Obrigado, Pulga. – Jean se espremeu para caber no fundo molhado da pequena embarcação de madeira, que mal comportava eles três. – Daqui a pouco eu assumo.

– Como assim? Nenhuma piada sobre a minha educação moral?

– A sua educação moral terminou. – Jean ergueu os olhos para o céu enquanto as docas iam ficando para trás e Pulga os conduzia rumo ao centro do canal. – Você agora vai aprender uma ou duas coisinhas sobre a guerra.

4

SEM SER VISTO OU INCOMODADO, Jean manejou o remo e fez o bote encostar em silêncio na margem norte do canal, logo ao sul de seu templo. A Casa de Perelandro não passava de uma massa escura, sem qualquer luz em meio à névoa prateada acima de suas cabeças.

– Rápido, rápido – murmurou o grandalhão consigo mesmo, fazendo-os parar na altura do cano de escoamento de águas pluviais, que ficava cerca de um metro acima da água e tinha uma abertura com um metro e meio de diâmetro.

Eles seguiram até uma passagem escondida logo atrás da escada que levava ao templo em si. Pulga esticou uma das mãos por trás das barras de ferro no final do cano e acionou o mecanismo escondido que as mantinha trancadas. Em seguida, sacou um pequeno punhal da túnica e se preparou para entrar.

– Eu vou na frente – falou, logo antes de Jean o segurar pela gola.

– Acho que não. Quem vai na frente são as Irmãs Malvadas. Você fica aqui sentado e segura o bote.

Pulga obedeceu, de cara amarrada, e Locke sorriu. Jean subiu até o cano e começou a engatinhar pela escuridão.

– Pode ter a honra de ir em segundo lugar, Pulga – disse Locke. – Eu talvez precise que alguém ajude a me puxar.

Uma vez que os três abrigados se achavam seguros dentro do cano, Locke se virou e empurrou o bote de volta para o meio do canal com os pés. A correnteza o levaria até a Via Camorrazza, perdido no meio da névoa, até alguém trombar com ele em uma embarcação maior ou se apropriar dele. Locke fechou as barras atrás de si e tornou a trancá-las.

De quatro no escuro, os três avançaram cercados pelos ecos suaves da própria respiração e pelo leve ruído de tecido se arrastando. Um clique fraco soou quando Jean abriu a entrada secreta do refúgio e uma nesga de luz tênue e prateada os iluminou.

Jean pisou no chão de madeira do corredor escuro. Logo à sua direita, as tábuas iam até a entrada

debaixo do que antes era o catre no qual Padre Correntes dormia. Apesar de todos os esforços de Jean para avançar sem barulho, o piso rangeu de leve sob seus passos. Com o coração aos pulos, Locke entrou na passagem.

A iluminação estava fraca demais. Desde que eles conheciam aquele lugar, as paredes eram douradas.

Jean avançou, as machadinhas sacudindo-se em suas mãos. No final do corredor, virou para um lado, agachou-se... e então se levantou rosnando:

– *Merda!*

A cozinha fora inteiramente destruída.

Os armários de especiarias tinham vindo abaixo e o chão estava coberto de vidro e louça quebrados. Os armários de mantimentos escancarados estavam vazios e o barril de água fora derramado no chão. As cadeiras douradas em pedaços se amontoavam em uma pilha no canto. O lindo lustre que pendia acima da cabeça deles estava arruinado. Agora, apenas alguns arames o sustentavam: os planetas e constelações estavam esmagados; os arcos armilares, dobrados e estragados para sempre. O sol que ardia no centro estava rachado feito um ovo e os óleos alquímicos que o acendiam por dentro haviam escorrido sobre a mesa.

Parados na soleira do corredor, Locke e Jean encaravam aquilo, chocados. Ansioso para enfrentar inimigos invisíveis, Pulga estacou entre eles.

– Eu... Meus deuses. *Meus deuses!*

– Calo? – Locke abandonou qualquer cautela ou discrição. – Galdo! Calo! Vocês estão aqui?

Jean afastou a pesada cortina que cobria a porta do Guarda-Roupa. Não disse nada nem fez qualquer barulho, mas as Irmãs Malvadas caíram de suas mãos e fizeram um estrondo no chão.

O Guarda-Roupa fora saqueado. Todas as araras de roupas e fantasias elegantes, todos os chapéus, gravatas, calças e meias, todos os gibões, coletes e acessórios no valor de milhares de coroas... Tudo havia desaparecido. Os espelhos estavam quebrados; a caixa de máscaras fora virada e seu conteúdo, quebrado e espalhado pelo chão.

Calo e Galdo estavam caídos de costas ao lado da caixa, encarando a semiescuridão. Tinham a garganta aberta de orelha a orelha com dois cortes limpos – dois ferimentos gêmeos idênticos.

5

JEAN CAIU DE JOELHOS NO chão.

Pulga tentou se espremer para passar por Locke, que o empurrou de volta para a cozinha com toda a pouca força que foi capaz de reunir.

– Não, Pulga, não entre...

Mas já era tarde. O menino se sentou na mesa de madeira-bruxa e começou a soluçar.

Meus deuses, pensou Locke, passando, vacilante, por Jean e entrando no Guarda-Roupa. *Meus deuses, como eu fui tolo. Nós deveríamos ter feito as malas e fugido.*

– Locke... – sussurrou Jean, em seguida se jogou para a frente e se esparramou no chão, curvando os dedos como quem tenta agarrar alguma coisa, tomado por tremores e calafrios. Parecia estar

tendo algum tipo de ataque.

– Jean! Pelo amor dos deuses, agora o que...

Locke se acorou ao lado de seu amigo e levou uma das mãos até debaixo de seu queixo redondo e pesado. A pulsação de Jean estava a mil... Ele ergueu para Locke uns olhos arregalados; abria e fechava a boca, mas não conseguia proferir palavra alguma. Os pensamentos de Locke eram um verdadeiro turbilhão.

Veneno? Uma armadilha misteriosa? Um truque alquímico deixado naquele recinto? Por que ele não estava sendo afetado? Será que já se sentia tão mal que os sintomas ainda não haviam chamado sua atenção? Olhou freneticamente em volta e seus olhos encontraram um objeto escuro largado entre os Sanzas.

Era uma única mão humana, cortada, cinza, seca, com um aspecto que lembrava couro. Tinha a palma virada para o teto e os dedos bem fechados para dentro. Um fio negro fora usado para costurar um nome na pele morta da palma. Apesar de grosseira, a caligrafia era nítida, pois estava contornada com um toque muito leve de fogo azul-claro:

JEAN TANNEN

Você não imagina as coisas que eu poderia fazer se costurasse o seu verdadeiro nome... As palavras do Falcoeiro voltaram à lembrança de Locke sem qualquer esforço. Jean tornou a gemer e arqueou as costas em sofrimento e Locke esticou o braço para pegar a mão cortada. Uma dezena de planos giravam por sua mente: cortá-la em pedaços com uma machadinha, fervê-la sobre a pedra alquímica do fogão, jogá-la no rio... Seus conhecimentos sobre feitiçaria eram parcos, mas com certeza fazer alguma coisa era melhor do que nada.

Outros passos fizeram estalar os cacos de vidro na cozinha.

– Não se mexa, menino. Não acho que o seu amigo possa ajudá-lo agora. Isso, fique sentado aí.

Locke pegou uma das machadinhas de Jean do chão, segurou-a com a mão esquerda e foi até a porta do Guarda-Roupa.

Um homem estava em pé na soleira da entrada, um completo desconhecido para Locke. Usava um oleado marrom-avermelhado cujo capuz jogado para trás deixava à mostra cabelos pretos compridos e lisos e tinha um bigode preto curvado para baixo. Na mão direita, de modo quase casual, segurava uma balestra apontada para Pulga. Quando Locke apareceu no limiar da porta do Guarda-Roupa, ele arregalou os olhos.

– Isso não está certo – falou o homem. – Você não deveria estar aqui.

– Você é o capanga do Rei Cinza – constatou Locke.

Tinha a mão esquerda apoiada na parede ao lado da porta, como se estivesse se segurando, mas na verdade mencionava esconder a machadinha.

– *Um* dos capangas do Rei Cinza. Ele tem alguns.

– Eu lhe pago o que você quiser. Me diga onde ele está e como posso evitar o Mago-Servidor.

– Isso eu lhe digo de graça: não pode. E o preço que eu quiser? Você não tem esse dinheiro.

– Tenho 45 mil coroas inteiras.

– *Tinha* – retrucou o balestreiro em um tom relativamente amável. – Não tem mais.

– Você tem uma flecha e nós somos dois – disse Locke. Atrás dele, no chão, Jean gemeu. – Uma situação que convida a refletir.

– Você não está com uma cara muito boa e o menino me parece inofensivo. Menino, eu falei para *não se mexer*.

– Uma flecha não vai bastar – replicou Pulga, com um olhar frio raivoso que Locke nunca vira antes. – Você não faz ideia de com quem está se metendo.

– Uma flecha – repetiu Locke. – Era para Pulga, não era? Se eu não estivesse aqui, você o teria abatido na hora. Em seguida, teria matado Jean. Um plano louvável. Só que agora nós somos dois e você continua armado para um.

– Calma, cavalheiros – disse o homem do Rei Cinza. – Não acho que nenhum de vocês dois queira um rombo no meio da cara.

– Você não sabe quem está enfrentando. Não sabe o que nós fizemos.

Pulga moveu de leve o pulso e fez algo cair da manga para a mão. Locke mal conseguiu detectar o movimento. O que seria aquilo? Um Truque de Órfão? Ai, deuses... De nada iria adiantar contra uma flecha de balestra...

– Pulga... – murmurou.

– Diga a ele, Locke. Diga que ele não sabe *com quem* está lidando, porra. Diga que ele não sabe o que vai levar! Nós podemos derrotá-lo.

– O primeiro que se mexer um centímetro, eu disparo.

O balestreiro deu um passo para trás, firmou a arma com o braço esquerdo e a mirou alternadamente em Locke e Pulga.

– Pulga, não...

– Nós vamos dar conta, Locke. Você e eu. Ele não pode deter nós dois. Caramba, aposto que não pode deter *nenhum* de nós dois.

– Pulga, escute...

– Ouça o seu amigo, menino – ordenou o intruso, suando.

– Eu sou um Nobre Vigarista – disse Pulga devagar, com raiva. – Ninguém se mete conosco. Ninguém nos derrota. Você vai *pagar*!

Pulga deu um salto e ergueu a mão que segurava o Truque de Órfão, com o rosto dominado por uma expressão de determinação feroz e absoluta. A balestra disparou e o barulho muito alto de sua corda ao ser solta ecoou no espaço fechado entre as paredes de vidro da cozinha.

A flecha deveria ter acertado Pulga entre os olhos, mas o pegou no pescoço.

Ele deu um tranco para trás como se tivesse sido mordido por um inseto. Seus joelhos se dobraram no meio do salto e ele desabou, fazendo o pequeno e inútil Truque de Órfão sair voando de suas mãos em um arco.

O homem do Rei Cinza baixou a balestra e levou a mão ao cinto para pegar uma faca, mas antes de sair pela porta, Locke arremessou com toda a força de sua raiva a machadinha que havia escondido. Jean poderia ter partido a cabeça daquele homem ao meio com a lâmina, já Locke mal conseguiu acertá-lo com a bola. Mas foi o suficiente: a arma o pegou logo abaixo do olho direito e ele se retraiu com um grito de dor.

Locke recolheu a balestra e partiu para cima do homem, aos uivos. Desferiu a coronha da arma no

rosto do adversário e o nariz se partiu com um esguicho de sangue. O intruso caiu e bateu com a cabeça no Vidrantigo da parede do corredor. Ao escorregar para o chão, ergueu as mãos diante do corpo na tentativa de evitar outro golpe de Locke, que lhe esmagou os dedos com a balestra. Os gritos de ambos ecoavam no espaço fechado.

Locke encerrou o assunto batendo com uma das extremidades curvas da balestra na têmpora do capanga do Rei Cinza. Sua cabeça girou, seu sangue salpicou o vidro e ele desabou no canto do corredor, imóvel.

Locke jogou a arma no chão, girou nos calcanhares e correu até Pulga.

A flecha havia perfurado o pescoço do menino à direita da traqueia, onde estava enterrada até a altura das penas arredondadas em meio a uma cascata de sangue escuro cada vez mais abundante. Locke se ajoelhou e segurou a cabeça do menino; pôde sentir a ponta da flecha sair por trás de seu pescoço. Uma substância pegajosa e quente se derramou sobre as mãos de Locke, jorrando a cada penosa inspiração de Pulga. O garoto tinha os olhos arregalados e fixos nele.

– Me perdoe – balbuciou Locke entre as lágrimas. – Que os deuses me amaldiçoem, Pulga, isso tudo é culpa minha. Nós poderíamos ter fugido. Deveríamos ter fugido. O meu orgulho... Você, Calo e Galdo... Essa flecha deveria ter sido para mim.

– O seu orgulho – sussurrou o menino. – É justificado. Nobre... Vigarista.

Locke pressionou os dedos no ferimento de Pulga na esperança de conter a hemorragia, mas o menino gritou e ele afastou os dedos trêmulos.

– É justificado – cuspiu Pulga. O sangue já lhe escorria pelo canto da boca. – Eu não... não sou mais um segundo? Não sou mais... um aprendiz? Sou um Nobre Vigarista de verdade?

– Você nunca foi um segundo, Pulga. Nunca foi um aprendiz. – Locke deu um soluço, tentou alisar os cabelos do menino para trás e ficou consternado com a marca de sangue que sua mão deixou na testa pálida. – Seu idiotinha corajoso. Seu vigaristinha idiota e valente. Isso tudo é culpa minha, Pulga, por favor... por favor, diga que é tudo culpa minha.

– Não – murmurou Pulga. – Ai, meus deuses... como dói... dói tanto...

O menino parou de respirar enquanto Locke o segurava. Não falou mais nada.

Locke olhou para cima. Pareceu-lhe que o teto de vidro alienígena que durante tantos anos havia lançado uma luz quente sobre sua vida agora sentia um prazer consciente por não lhe proporcionar nada a não ser um brilho vermelho-escuro: o reflexo do chão no qual estava sentado segurando o corpo imóvel e ainda sangrando de Pulga.

Poderia ter ficado ali a noite inteira, imerso em um enleio de dor, mas Jean grunhiu alto no cômodo ao lado.

Locke voltou a si, estremeceu e pousou a cabeça de Pulga no chão com a maior delicadeza possível. Levantou-se cambaleando e tornou a recolher a machadinha de Jean. Com movimentos lentos e hesitantes, foi até o Guarda-Roupa, ergueu a arma acima da cabeça e a baixou com toda a força de que foi capaz sobre a mão enfeitiçada disposta entre os cadáveres de Calo e Galdo.

O débil fogo azul diminuiu quando a lâmina da machadinha penetrou a carne ressequida e, atrás dele, Jean soltou um arquejo alto que ele interpretou como um bom sinal. Metodicamente, cortou a mão em pedacinhos. Foi partindo a pele dura e os ossos secos até os fios negros que formavam o nome de Jean se soltarem e o brilho azul se apagar por completo.

Ficou encarando os gêmeos até ouvir Jean se mover atrás de si.

– Ai, Pulga. Ai, maldição dos deuses. – O grandalhão se levantou cambaleando e grunhiu. – Me perdoe, Locke. Eu não consegui... não consegui me mexer.

– Não há nada que perdoar. – Locke falava como se o som da própria voz lhe causasse dor. – Foi uma armadilha. Essa coisa que o mago nos deixou tinha seu nome escrito. Eles imaginaram que você fosse voltar.

– Uma... mão cortada? A mão de alguém com meu nome costurado?

– Isso.

– Um Aperto do Enforcado – disse Jean, espiando os fragmentos de carne e os corpos dos Sanzas. – Já... já li sobre isso quando era mais novo. Pelos deuses.

– Assim você ficava totalmente fora da jogada – explicou Locke com frieza. – Para que um assassino escondido lá em cima pudesse descer, matar Pulga e, depois, você.

– Um só?

– Um só. – Locke deu um suspiro. – Jean. No templo lá em cima. Nosso lampião a óleo... Vá buscá-lo, por favor.

– Lampião a óleo?

– Busque tudo – pediu Locke. – Depressa.

Na cozinha, Jean parou, ajoelhou-se e fechou os olhos de Pulga com a mão esquerda. Levantando-se aos tropeços, enxugou as lágrimas dos olhos e saiu correndo para fazer o que Locke solicitara.

Locke voltou para a cozinha devagar carregando o corpo de Calo Sanza. Posicionou o cadáver junto à mesa, dobrou os braços por cima do peito, ajoelhou-se e o beijou na testa.

O homem no canto gemeu e moveu a cabeça. Locke se levantou e lhe deu um chute na cara antes de voltar ao Guarda-Roupa e buscar o corpo de Galdo. Em pouco tempo, arrumou os Sanzas no meio da cozinha revirada e pôs Pulga ao seu lado. Sem conseguir suportar o olhar vítreo dos gêmeos, cobriu todos os cadáveres com toalhas de mesa de seda tiradas de um armário arrombado.

– Prometo a vocês uma oferenda de morte, irmãos – sussurrou. – Prometo uma oferenda que fará os deuses prestarem atenção. Uma oferenda que fará as sombras de todos os Duques e Capas de Camorr se sentirem miseráveis. Uma oferenda de sangue, ouro e fogo. Juro isso por Aza Guilla, que nos colhe, por Perelandro, que nos deu abrigo, e pelo Guardião Torto, que põe o dedo na balança quando nossas almas são pesadas. Juro isso a Correntes, que nos manteve seguros. Imploro perdão por não ter conseguido fazer a mesma coisa.

Locke se forçou a ficar de pé e voltar ao trabalho.

Algumas peças velhas tinham sido descartadas nos cantos do Guarda-Roupa. Locke as recolheu com alguns componentes da caixa de máscaras esvaziada: um punhado de bigodes falsos, um pedaço de barba, um pouco de adesivo cênico. Jogou tudo no corredor de entrada do refúgio e em seguida foi olhar o cofre. Como desconfiava, encontrou-o totalmente vazio. Nenhum poço, nenhuma prateleira continha mais qualquer moeda. Decerto os sacos carregados na carroça mais cedo também haviam desaparecido.

Nos quartos de dormir situados nos fundos do refúgio, pegou lençóis e cobertores, depois pergaminhos, livros e rolos com os quais fez uma pilha sobre a mesa de jantar. Por fim, com as mãos e as roupas cobertas de sangue, postou-se junto ao assassino enviado pelo Rei Cinza e esperou Jean

voltar.

6

– ACORDE – DISSE LOCKE. – Sei que está me ouvindo.

O assassino enviado pelo Rei Cinza piscou, cuspiu sangue e tentou recuar mais para perto do canto com um movimento dos pés.

Em uma curiosa inversão do funcionamento natural das coisas, Locke baixou os olhos para encará-lo: o assassino era bem musculoso, uma cabeça mais alto do que ele, e depois de tudo o que acontecera naquela noite, o aspecto de Locke estava particularmente pouco impressionante. Mas tudo o que havia de assustador nele se achava concentrado nos olhos, que fulminavam o homem com um ódio intenso e duro.

Jean estava em pé alguns passos atrás dele, com um saco em cima do ombro e as duas machadinhas enfiadas no cinto.

– Você quer viver? – perguntou Locke.

O assassino não respondeu.

– Foi uma pergunta simples e não tornarei a repeti-la. Você quer viver?

– Eu... Sim – respondeu o homem baixinho.

– Nesse caso, vou ter o prazer de lhe negar seu desejo.

Locke se ajoelhou ao seu lado, levou a mão até debaixo da túnica interior que vestia e sacou uma bolsinha de couro pendurada em seu pescoço por um cordão.

– Certa vez, quando eu tive idade suficiente para entender o que tinha feito, envergonhei-me por ser um assassino. Mesmo após ter pagado a dívida, continuei usando isto aqui, durante todos esses anos, para me lembrar.

Ele afastou a bolsinha do peito e arrebitou o cordão. Abriu-a e tirou lá de dentro um único e pequenino dente de tubarão. Pegou a mão direita do assassino, depositou sobre a palma a bolsinha e o dente e fechou os dedos quebrados do homem ao seu redor. Ele se contorceu e gritou. Locke lhe deu um soco.

– Só que agora eu vou virar assassino outra vez – continuou. – Vou me dedicar a matar até o último homem do Rei Cinza ser eliminado. Está me ouvindo, seu filho da puta? Vou matar o Mago-Servidor e o Rei Cinza e, mesmo que todos os poderes de Camorr, de Kartane e do próprio Inferno se oponham a mim, não vai significar *nada*... nada, a não ser um rastro mais comprido de cadáveres entre mim e o seu mestre.

– Você está louco – sussurrou o assassino. – Jamais poderá derrotar o Rei Cinza.

– Eu farei mais do que isso. O que quer que ele esteja planejando, eu vou *desplanejar*. O que quer que ele deseje, eu vou *destruir*. Todos os motivos pelos quais você veio até aqui matar meus amigos vão se evaporar. Todos os homens do Rei Cinza morrerão por nada e você vai ser o primeiro.

Jean deu um passo à frente e segurou o homem com uma das mãos para obrigá-lo a ficar em pé. Sem dar ouvidos às súplicas do outro, arrastou-o até a cozinha. Arremessou-o contra a mesa junto aos três cadáveres cobertos e à pilha de panos e papel e o intruso pôde sentir o forte cheiro de óleo

de lamparina.

Sem dizer nada, Jean desferiu a bola de uma de suas machadinhas no joelho direito do assassino, que uivou de dor. Outro golpe certo espatifou-lhe a patela direita e ele rolou o corpo para se proteger de outros ataques, que, contudo, não vieram.

– Quando você vir o Guardião Torto, diga a ele que Locke Lamora demora a aprender, mas aprende bem – disse Locke, torcendo alguma coisa nas mãos. – E quando vir meus amigos, pode dizer a eles que mais de vocês estão a caminho.

Abrindo as mãos, deixou um objeto cair no chão, um pedaço de corda cinza-escura com vários nós e filamentos brancos saindo por uma das pontas. Era um fósforo alquímico de enrolar: se os filamentos brancos ficavam expostos ao ar por alguns segundos, pegavam fogo e queimavam a corda na qual estavam envoltos, mais pesada e que demorava mais a arder. As faíscas alcançaram a borda de uma poça de óleo de lamparina.

Locke e Jean subiram pelo alçapão secreto até o velho templo de pedra e deixaram a tampa da escada se fechar mais atrás com um baque.

No refúgio de vidro sob seus pés, as chamas começaram a surgir.

Primeiro as chamas, depois os gritos.

INTERLÚDIO

História dos velhos jogadores de handebol

1

O HANDEBOL É UM PASSATEMPO terim tão querido pelos habitantes das cidades-estado meridionais quanto desprezado pelos vadrãs em seu reino setentrional – embora os vadrãs do sul pareçam apreciá-lo bastante. Estudiosos menosprezam a ideia de que a origem do jogo remonta à época do Trono Terim, quando o imperador louco Sartirana se divertia jogando boliche com as cabeças cortadas das vítimas de suas execuções. Não chegam, no entanto, a negá-la por completo, pois nunca é muito sensato subestimar os excessos do Trono Terim sem provas das mais sólidas.

O handebol é um esporte violento para as classes baixas, no qual dois times jogam em qualquer superfície relativamente plana que se possa encontrar. A bola é uma massa borrachuda feita de látex vegetal e couro, com uns 15 centímetros de diâmetro, e o campo tem entre 6 e 10 metros de comprimento e linhas retas marcadas (em geral com giz) em cada extremidade. O jogador precisa segurar a bola com as duas mãos e cada time tenta fazer a bola passar pela linha do gol do adversário.

A bola pode ser passada livremente entre os jogadores, mas não pode ser tocada com nenhuma parte do corpo abaixo da cintura nem pode encostar no chão, caso contrário a posse passa ao outro time. Um árbitro neutro, o chamado Juiz, procura aplicar as regras durante as partidas, com graus

de sucesso variados.

As partidas às vezes ocorrem entre times que representam ilhas ou bairros de Camorr inteiros e as bebedeiras, apostas e brigas relacionadas aos jogos sempre começam vários dias antes e terminam bem depois. Na realidade, a partida muitas vezes é uma ilha de relativa calma e boa vontade em meio a um mar de caos.

Dizem que antigamente, durante o reinado do primeiro Duque Andrakana, organizou-se uma partida entre o Caldeirão e o Pegafogo. Um jovem pescador chamado Markos era considerado o melhor jogador de handebol do Caldeirão e seu grande amigo, Gervain, era tido como o mais justo e confiável Juiz de handebol da cidade. Assim sendo, a arbitragem da partida foi confiada a Gervain.

O jogo foi realizado em uma das praças públicas poeirentas e abandonadas do bairro de Cinzacai e mil torcedores histéricos e embriagados de cada time ocuparam as casas e becos em ruínas ao redor do espaço aberto. O tempo todo, a disputa foi acirrada e, quando os últimos grãos de areia da ampulheta que contava a duração da partida já se esvaíam, o Caldeirão perdia por um ponto.

Com um grito enlouquecido, Markos pegou a bola e abriu caminho aos empurrões por uma linha inteira de jogadores da defesa do Pegafogo. Com as mãos e um dos olhos roxos de tantos hematomas, com sangue escorrendo dos cotovelos e joelhos, ele se lançou desesperado em direção à linha do gol bem no último segundo do jogo.

Ficou caído sobre as pedras com os braços esticados ao máximo e a bola tocou, mas não chegou a ultrapassar a linha de giz. Gervain empurrou para o lado os jogadores ali aglomerados, encarou Markos durante alguns segundos e disse: “Não passou da linha. Não foi ponto.”

A revolta e a celebração que irromperam a seguir foram indistinguíveis uma da outra: há quem diga que os casacas-amarelas mataram mais de dez homens tentando reprimi-las; outros, que foram quase cem. Pelo menos três Capas da cidade morreram em uma pequena guerra que estourou por causa de apostas não honradas e Markos jurou nunca mais dirigir a palavra a Gervain. Os dois pescavam juntos no mesmo barco desde meninos, mas naquele momento o Caldeirão todo avisou à família inteira de Gervain que suas vidas não valeriam nem pele de linguíça se algum deles tornasse a pisar no bairro.

Transcorreram vinte anos, trinta, trinta e cinco. O velho Andrakana morreu e o primeiro Duque Nicovante assumiu o poder na cidade. Markos e Gervain não se viram mais. Gervain passou muitos anos em Jeresh, onde remava em galés e caçava polvos para sobreviver. Por fim, com saudades de casa, embarcou de volta a Camorr. No cais, fixou espantado ao ver um homem descer de um pequeno barco de pesca, um homem envelhecido, grisalho e barbado igualzinho a ele, mas que não era ninguém menos do que seu velho amigo Markos.

– Markos! – exclamou. – Markos, do Caldeirão! Markos! Os deuses são mesmo bondosos! Com certeza você deve se lembrar de mim.

Markos se virou para o viajante em pé na sua frente e passou alguns instantes a encará-lo. Então, sem aviso algum, sacou do cinto uma faca de pescador de lâmina comprida e a enterrou até o cabo na barriga de Gervain. Enquanto este o encarava, chocado, Markos o empurrou para o lado e o ex-Juiz caiu nas águas da Baía de Camorr para nunca mais reaparecer.

– Não passou da linha *o cacete* – cuspiu Markos.

Quando escutam essa história, verraris, kartanis e lashanis meneiam a cabeça, compreensivos. Apesar de a considerarem apócrifa, ela confirma algo que eles alegam saber no fundo do coração: que os camorris são todos uns doidos varridos.

Já os camorris a consideram um valioso alerta contra a procrastinação em questões de vingança – ou, caso não seja possível obter satisfação imediata, sobre os méritos de se ter a memória longa.

CAPÍTULO ONZE

Na corte do Capa Raza

1

UMA VEZ QUE LOCKE SE livrara com tanto desperdício de seu primeiro bote, eles tiveram de roubar outro. Em qualquer noite que não aquela, eles teriam rido bastante desse fato.

Pulga, Calo e Galdo também teriam rido, pensou ele.

Locke e Jean seguiram rumo ao sul, entre os Estreitos e o Mara Camorrazza, encolhidos sob velhas capas recolhidas no chão do Guarda-Roupa e isolados do restante da cidade envolta em névoa. Para Locke, as luzes suaves e bruxuleantes e as vozes que murmuravam ao longe pareciam artefatos de uma vida alienígena que ele havia deixado para trás tempos antes, não elementos da cidade na qual vivia até onde sua memória alcançava.

– Que idiota eu sou – resmungou ele. Estava deitado junto a uma das amuradas, tonto, sentindo a ânsia seca subir novamente do abismo castigado de seu estômago.

– Se disser isso mais uma vez, eu jogo você na água e remo até o barco passar por cima da sua cabeça – ameaçou Jean.

– Eu deveria ter aceitado fugir.

– Pode ser – falou Jean. – Mas talvez nem tudo de horrível que nos acontece advenha diretamente de uma das suas escolhas, irmão. Talvez as marés ruins cheguem de qualquer forma, não importa o que façamos. Talvez, se tivéssemos fugido, aquele Mago-Servidor houvesse nos caçado pela estrada e espalhado nossos ossos em algum lugar entre aqui e Talisham.

– Mas ainda assim...

– Nós estamos vivos – disse Jean, enfático. – Estamos vivos e podemos vingá-los. Você estava bem no espírito da coisa ao matar aquele homem do Rei Cinza lá no refúgio. As perguntas agora são “por quê” e “e agora?”. Pare de se comportar como se tivesse inalado fumaça de Pedra-Fantasma. Eu preciso da sua capacidade de raciocínio, Locke. Preciso do Espinho de Camorr.

– Me avise quando o encontrar. Ele é uma lenda, porra.

– Ele está sentado aqui neste barco comigo. Se você não for ele agora, precisa se tornar. O Espinho é o homem capaz de derrotar o Rei Cinza. Não sou capaz de fazê-lo sozinho, isso eu sei. Por que o Rei Cinza faria isso conosco? De que lhe adiantaria? Pense, caramba!

– São muitas suposições – respondeu Locke. Sua voz recuperou um pouco do vigor enquanto ele refletia. – Mas... Consideremos os meios de que ele dispõe. Vimos um de seus homens lá debaixo do templo e eu vi outro quando fui capturado. Então sabemos que ele tem pelo menos dois homens, sem contar o Mago-Servidor.

– Você acha que ele faz as coisas de qualquer maneira?

– Não. – Locke esfregou as mãos uma na outra. – Não, tudo que ele fez me pareceu preciso como um mecanismo verrari.

– Mas ele só mandou um homem para o refúgio.

– Sim... Os Sanzas já estavam mortos e eu também estaria, você iria cair em mais uma armadilha do Mago-Servidor e Pulga teria levado uma flecha de balestra. Muito habilidoso. Rápido e cruel.

– Mas por que não mandar dois homens? Ou três, até? Por que não ter certeza *absoluta* de que tudo sairia certo? – Jean deu algumas remadas suaves para manter sua posição contra a correnteza.

– Não consigo acreditar que de repente, no auge do seu plano, ele tenha ficado preguiçoso.

– Talvez... Talvez ele precisasse dos outros homens que tinha em outro lugar. Talvez só pudesse mandar um. – Locke arquejou e bateu com o punho direito cerrado na palma da mão esquerda. –

Talvez no final das contas nós não tenhamos sido o ápice do seu plano.

– Qual seria, então?

– Não qual, mas *quem*. Quem ele vem atacando esses meses todos? Jean, Barsavi acha que o Rei Cinza está morto. O que ele vai fazer hoje à noite?

– Ele vai... dar uma festa. Assim como costumava fazer no Dia das Transformações. Vai comemorar.

– Na Tumba Flutuante – completou Locke. – Ele vai abrir as portas, mandar vir barris... dessa vez com bebida. Vai convocar toda a sua corte. Todas as Pessoas Certas embriagadas e aglomeradas na passarela e nos cais do Madeira-Velha. Como nos velhos tempos.

– Quer dizer que o Rei Cinza forjou a própria morte para enganar Barsavi e fazê-lo dar uma festa?

– A questão não é a festa. São as pessoas. Todas as Pessoas Certas. É isso, meus deuses, é isso! Barsavi vai aparecer diante de seus subordinados hoje pela primeira vez em meses. Está entendendo?

Todas as gangues, todos os *garristas* irão testemunhar qualquer coisa que aconteça lá.

– E o Rei Cinza ganha o que com isso?

– O filho da puta tem uma quedinha pelo teatro. Eu diria que Barsavi está mergulhado na merda até o pescoço. Reme, Jean. Leve-me ao Caldeirão agora mesmo. De lá posso atravessar sozinho até o Madeira. Preciso chegar à Tumba Flutuante o quanto antes.

– Você perdeu a razão? Se o Rei Cinza e seus homens ainda estiverem rondando por aí, vão matá-lo com certeza. E se Barsavi o vir... você supostamente está quase morrendo de disenteria! E está *mesmo* quase morto, e não só por esse motivo!

– Eles não verão Locke Lamora – replicou o *garrista*, remexendo alguns objetos que conseguira salvar da caixa de máscaras. Levou uma barba postiça até o queixo e sorriu, fazendo fisgadas de dor percorrerem seu maxilar. – Meus cabelos ainda vão ficar grisalhos por alguns dias, pois o removedor ainda está em ação. Vou passar um pouco de fuligem e subir o capuz, assim serei apenas mais um zé-ninguém magrelo com o rosto coberto de hematomas que veio beber um pouco de vinho grátis do Capa.

– Seria melhor descansar. Caramba, você levou uma surra que quase o destruiu. Está um caco. Não que você deva sair correndo agora, neste instante, claro.

– De fato, estou com dores em lugares que antes não sabia possuir – disse Locke, aplicando adesivo ao queixo com os dedos. – Mas não tem jeito. Estes são os únicos disfarces que nos restam e não temos dinheiro, guarda-roupa, templo, amigos. E você só tem algumas horas, no máximo, para sair

por aí e encontrar um lugar para ficarmos antes que o Rei Cinza dê pela falta de um dos seus homens.

– Mas...

– Jean, eu tenho metade do seu tamanho. Nessa você não vai poder me proteger. Eu posso passar despercebido, já você seria tão óbvio quanto o sol nascente. Sugiro que arrume um buraco qualquer em Cinzakai, dê fim aos ratos e deixe alguns de nossos sinais nos arredores. Só uns rabiscos de fuligem nas paredes. Eu o encontro quando terminar.

– Mas...

– Jean, você queria o Espinho de Camorr. Ele chegou. – Locke encostou a barba postiça no queixo e apertou até o adesivo parar de arder, sinal de que estava seco. – Leve-me até o Caldeirão e me deixe lá. Alguma coisa está prestes a acontecer na Tumba Flutuante e eu preciso saber o que é. Tudo o que aquele filho da mãe nos fez foi por causa do que vai acontecer nas próximas horas... se é que já não está acontecendo.

2

EM DIVERSOS SENTIDOS, ERA POSSÍVEL dizer que Vencarlo Barsavi se superou com as comemorações da vitória contra o assassino de sua filha.

A Tumba Flutuante foi aberta: os guardas permaneceram a postos, mas a disciplina se afrouxou de modo agradável. Imensos lampiões alquímicos foram erguidos sob os toldos de seda nos conveses mais altos do galeão atracado, acendendo o Madeira-Velha sob o céu escuro e brilhando feito faróis em meio à névoa.

Messageiros foram despachados até o Último Erro em busca de comida e vinho e a taberna foi rapidamente esvaziada de todos os seus artigos comestíveis, da maioria de seus barris e da totalidade de seus clientes, que, bêbados ou sóbrios, tomaram a direção do Madeira-Velha, unidos pela curiosidade e pela expectativa.

Os guardas no cais observavam os convidados entrarem, mas não faziam muito mais do que isso; homens e mulheres desarmados passavam sem nem ao menos uma revista superficial. Animado com a vitória, o Capa decidira ser magnânimo. Foi uma vantagem para Locke: com seu capuz, sua barba e todo coberto de fuligem, ele entrou no meio de um grande grupo de cortadores de garganta do Caldeirão que avançou ruidosamente pela passarela para dentro do galeão de Barsavi, agora iluminado como a embarcação de uma daquelas histórias românticas dos pachás do Mar de Bronze.

A Tumba Flutuante estava apinhada. Sentado em sua cadeira alta, Barsavi se achava cercado pelos membros de seu círculo mais próximo: os dois filhos de rosto vermelho e sempre aos gritos, seus mais poderosos *garristas* ainda vivos, as silenciosas e atentas Irmãs Berangias. Locke teve de empurrar, acotovelar e dizer palavrões para conseguir adentrar o coração da fortaleza. Espremeu-se até um canto perto das portas principais que conduziam ao salão de baile e ficou observando, dolorido e desconfortável, mas grato pelo simples fato de ter conseguido um bom posto de observação.

As galerias transbordavam com bandidos de todas as gangues de Camorr e a agressividade

aumentava a cada minuto. Fazia um calor incrível e o fedor era insuportável. Locke se sentiu imprensado contra a parede pelo peso dos odores: lã molhada, algodão encharcado de suor, vinho e hálito malcheiroso, óleo para cabelos, couro.

A primeira hora da manhã havia acabado de se completar quando Barsavi de repente se levantou da cadeira e ergueu uma das mãos.

A atenção se espalhou para fora feito uma onda; Pessoas Certas se cutucaram para fazer silêncio e apontaram para o Capa. Foi preciso menos de um minuto para o caos ribombante da celebração diminuir até se tornar um leve murmúrio. Barsavi meneou a cabeça com um gesto de apreciação.

– Estão se divertindo, suponho?

Vivas, palmas e pisadas generalizadas ecoaram. Locke se perguntou se aquilo seria mesmo sensato dentro de uma embarcação. Tomou cuidado para aplaudir junto com a multidão.

– Sair do luto é ótimo, não é?

Mais vivas. Locke sentiu uma coceira debaixo da barba postiça agora úmida de suor. Uma pontada de dor varou-lhe o estômago bem no lugar em que um dos filhos de Barsavi o presenteara com um soco. O calor e os cheiros despertaram, pela milésima vez, estranhas sensações de náusea no fundo da garganta. Abafou com as mãos uma tosse ácida e rezou por só mais algumas horas de força.

Uma das Irmãs Berangias se aproximou do Capa, fazendo os penduricalhos de dente de tubarão brilharem à luz dos lustres do salão, e murmurou alguma coisa em seu ouvido. O Capa escutou por alguns segundos e sorriu.

– Cheryn sugere que eu autorize as duas a nos entreter – gritou ele. – O que acham?

Os vivas da resposta foram duas vezes mais potentes – e duas vezes mais genuínos, aos ouvidos de Locke – do que qualquer outra coisa ouvida até então. As paredes de madeira reverberaram com o barulho e Locke se retraiu.

– Ao Espetáculo dos Dentes!

Os minutos que se seguiram foram puro caos: dezenas de homens de Barsavi empurraram espectadores para trás de modo a liberar uma área quadrada no centro do recinto com uns 10 metros de largura. Os convivas foram levados escada acima até as galerias rangerem sob seu peso e escotilhas de observação foram abertas para os que estavam no convés superior poderem assistir ao espetáculo. Locke foi pressionado mais do que nunca para seu canto.

Com varas de gancho na ponta, homens ergueram painéis de madeira do chão para revelar a água escura da Baía de Camorr e um burburinho de antecipação e alarme percorreu a multidão com a ideia do que poderia estar nadando lá embaixo. *Para começar, os espíritos inquietos de oito Coroas Inteiras*, pensou Locke.

Quando os últimos painéis no centro da abertura foram removidos, quase todos os presentes puderam ver as pequenas plataformas de suporte, não mais largas do que o palmo de um homem. Cerca de 1,5 metro as separava. Aquela era a arena de Barsavi para seus Espetáculos de Dentes particulares, um desafio para qualquer *contrarequialla*, mesmo para uma dupla tão experiente quanto as Berangias.

Cheryn e Raiza, hábeis na provocação de uma plateia, já estavam despindo seus gibões, braços e golas de couro. Demoraram-se em seus gestos graciosos enquanto os súditos do Capa gritavam palavras de aprovação, erguiam canecas e copos e, em alguns casos, chegavam até a lhes gritar

propostas indecorosas.

Anjais chegou apressado trazendo nas mãos um pacotinho de pó alquímico. Despejou o pó na água e deu um passo prudente para trás. Aquilo era a “convocação”, potente mistura de substâncias destinada a provocar a ira de um tubarão e mantê-la durante o combate. Sangue na água era capaz de atrair e enfurecer a criatura, mas aquela substância o deixava literalmente embriagado com a ânsia de atacar – de saltar, se contorcer e rolar o corpo tentando pegar as mulheres que pulavam para lá e para cá entre as pequenas plataformas.

As irmãs caminharam quase até a borda da piscina artificial com as armas tradicionais: os machados com picareta na ponta e os dardos curtos. Anjais e Pachero ficaram atrás delas, logo à esquerda; o Capa permaneceu em pé junto à sua cadeira, batendo palmas, com um largo sorriso no rosto.

Uma barbatana negra irrompeu, um rabo bateu na água e a atmosfera elétrica ao redor da multidão se intensificou. Locke se sentiu submerso por aquilo: um misto de avidez e medo, uma sensação poderosa e animal. Os espectadores haviam recuado uns 2 metros em relação às bordas da piscina, mas ainda assim alguns nas primeiras fileiras continuavam nervosos e outros tentavam abrir caminho aos empurrões até mais atrás na multidão, para deleite e escárnio de quem os cercava. Na realidade, o tubarão devia ter no máximo 1,80 metro; nos Festejos Cambiantes, alguns chegavam a ter o dobro desse comprimento, mas não caberiam na piscina privativa do Capa. De qualquer forma, um peixe daqueles era capaz de aleijar alguém sem dificuldade com um simples salto e, caso arrastasse a pessoa para dentro d’água, o tamanho pouco importava em uma disputa assim tão desigual.

As Berangias ergueram os braços e se viraram para o Capa ao mesmo tempo. A da direita acenou para ele. Seria Raiza ou Cheryn? Locke nunca havia aprendido a diferenciá-las e, ao pensar isso, seu coração se apertou ao se lembrar dos Sanzas. Exibindo-se para a multidão com habilidade, Barsavi levantou as mãos e correu os olhos por sua corte. Como os convivas o aclamaram, desceu entre as duas mulheres e recebeu de cada uma um beijo na bochecha.

A água se agitou logo na frente dos três; uma sombra preta lustrosa margeou a borda da piscina, depois tornou a mergulhar em suas profundezas sem luz. Locke pôde sentir quinhentos corações pararem de bater por um segundo e quinhentas respirações ficarem em suspenso. Sua própria concentração pareceu atingir o ápice e ele captou cada detalhe daquele instante como se a imagem estivesse congelada na sua frente, do sorriso ansioso no rosto vermelho e redondo de Barsavi ao reflexo encrespado da luz do lustre na água.

– Camorr! – gritou a irmã Berangias à direita do Capa. Todos tinham os olhos fixos em Barsavi e em seus guarda-costas. – Dedicamos esta morte ao Capa Vencarlo Barsavi, nosso senhor e nosso patrono!

– Ele merece – completou a outra.

O tubarão explodiu para fora da piscina bem diante dela, uma coisa lustrosa, escura e demoníaca, com olhos negros sem pálpebras e dentes brancos arreganhados. Um jorro d’água de 3 metros de altura se ergueu com o animal, que deu uma meia cambalhota em pleno ar e caiu para a frente...

Bem em cima de Barsavi.

O Capa estendeu os braços para se proteger; o tubarão caiu com a bocarra aberta bem em volta de

um deles. O corpo pesado e musculoso do peixe bateu com força no chão de madeira levando Barsavi consigo. As mandíbulas implacáveis apertaram e o Capa gritou enquanto sangue jorrava logo abaixo de seu ombro direito e escorria pelo chão e pela fuça achatada do tubarão.

Os filhos acudiram para socorrê-lo. A irmã Berangias que estava à sua direita baixou os olhos para o tubarão, mudou o centro de gravidade do corpo com fluidez para uma postura de combate, ergueu o machado reluzente e golpeou usando toda a força da parte superior do corpo para dar impulso.

Sua lâmina esmagou a cabeça de Pachero logo acima da orelha esquerda. Seus ópticos saíram voando e ele cambaleou para a frente com o crânio fendido, morto antes mesmo de seus joelhos tocarem o convés.

A multidão gritou e se movimentou e Locke rezou para que o Benfeitor o protegesse por tempo suficiente para que ele pudesse entender o que iria acontecer a seguir, fosse o que fosse.

Anjais encarou boquiaberto o pai que se debatia e o irmão caído. Antes que ele pudesse pronunciar uma só palavra, a outra irmã Berangias se aproximou por trás, ergueu o braço para pressionar o dardo sob o queixo dele, em seguida enterrou a ponta de picareta do machado em sua nuca. Anjais cuspiu sangue, desabou e ficou imóvel no chão.

O tubarão se contorcia e dilacerava o braço direito do Capa, que gritava e golpeava seu focinho até a pele abrasiva do peixe deixar sua mão esquerda toda ralada e ensanguentada. Com um último e repulsivo puxão, a criatura arrancou o braço inteiro e deslizou de volta para dentro d'água deixando atrás de si um largo rastro de sangue no convés de madeira. Barsavi rolou para longe, olhando para os corpos dos filhos com terror e perplexidade enquanto o sangue jorrava do coto de seu braço. Tentou se pôr de pé, cambaleante.

Uma das Berangias o chutou de volta para o chão.

Houve um tumulto atrás do Capa: vários Mãos Vermelhas se adiantaram, de armas na mão, berrando coisas incoerentes para as irmãs. O que aconteceu a seguir pareceu a Locke um mistério borrado e violento, mas as Berangias seminuas deram cabo de meia dúzia de homens de armadura com uma brutalidade que teria causado inveja no tubarão. Dardos voaram, machados rodopiaram, gargantas se abriram e sangue esguichou. O último Mão Vermelha desabou no convés com o rosto todo arrebatado e ensanguentado talvez cinco segundos depois de o primeiro ter avançado.

As pessoas agora brigavam nas galerias; Locke podia ver gente abrindo caminho em meio à multidão, homens vestidos com pesados oleados cinzentos e armados com balestras e facões. Alguns guardas de Barsavi ficaram parados sem fazer nada, outros tentaram fugir, outros ainda foram atingidos por trás pelos agressores de capa e mortos na hora. Arcos de balestras zuniram, flechas chisparam pelo ar. Locke ouviu um *bum* estrondoso à sua esquerda: as portas do grande salão de baile haviam se fechado, aparentemente por moto próprio, e as fechaduras mecânicas dentro delas agora zumbiam e estalavam. As pessoas a esmurravam em vão.

Um dos homens de Barsavi emergiu aos empurrões de uma multidão de Pessoas Certas e ergueu uma balestra para as Berangias, que estavam em pé junto ao Capa ferido como duas leas vigiando uma presa. Surgida dos recantos escuros do teto, uma forma escura riscou o ar e caiu sobre ele; um guincho desumano ecoou e o tiro errou feio, passou silvando acima das cabeças das irmãs e foi bater na parede mais afastada. O guarda atacou furiosamente o vulto, que tornou a subir graças ao

impulso de longas asas curvas. O homem levou a mão ao pescoço, cambaleou e caiu de cara no chão.

– Fiquem onde estão – ribombou uma voz autoritária e segura. – Fiquem onde estão e aguardem.

A ordem teve um efeito ainda maior do que Locke teria imaginado: ele chegou a sentir o próprio medo diminuir e o impulso de fugir, desaparecer. Os lamentos e gritos da multidão emudeceram e um silêncio sinistro rapidamente tomou conta daquilo que, nem dois minutos antes, era a corte exultante de Capa Barsavi.

Os pelos da nuca de Locke se eriçaram, pois a mudança na multidão não fora natural. Ele poderia não ter reparado, mas já estivera sob uma influência assim: havia feitiçaria no ar. Não pôde conter um arrepio. *Meus deuses, espero que vir assistir a isto tenha sido uma ideia tão boa quanto parecia.*

Subitamente, o Rei Cinza apareceu entre eles.

Foi como se ele houvesse entrado por uma porta aberta no meio do ar, logo ao lado da cadeira do Capa. Com sua capa e manto, ele caminhou com a segurança natural de um caçador por entre os cadáveres dos Mãos Vermelhas e, ao seu lado, vinha o Falcoeiro, com um punho enluvado erguido no ar. Vestris se empoleirou ali, recolheu as asas e deu um guincho de triunfo. Arquejos e murmúrios percorreram a multidão.

– Vocês não serão feridos – garantiu o Rei Cinza. – Já fiz todo o mal que vim fazer esta noite.

Ele se postou entre as Berangias e baixou os olhos para Capa Barsavi, que se contorcia e gemia aos seus pés.

– Olá, Vencarlo. Pelos deuses, você já teve uma aparência melhor.

O Rei Cinza afastou o capuz para trás e, mais uma vez, Locke pôde ver aquele olhar intenso, as linhas duras do rosto, os cabelos escuros entremeados de cinza, o físico magro e musculoso. Então, ofegou, finalmente entendendo o que o incomodara durante seu primeiro encontro com o Rei Cinza, aquela estranha familiaridade.

Todas as peças do quebra-cabeça estavam bem na sua frente. Locke agora notava que ele era irmão das Berangias – praticamente trigêmeos.

3

– CAMORR, O REINADO DA família Barsavi terminou! – gritou o Rei Cinza.

Seus cúmplices haviam assumido um controle firme da multidão; deviam ser pouco mais de vinte, além das Berangias e do Falcoeiro. Os dedos da mão esquerda do mago se fechavam, agitavam-se e dobravam-se e ele resmungava entre os dentes, fitando o recinto em volta. O feitiço acalmava os presentes, auxiliado pela presença dos três anéis negros em seus pulsos, que também prenderam a atenção dos convivas.

– Na realidade, a família Barsavi terminou – prosseguiu o Rei Cinza. – Não sobrou nenhum filho ou filha, Vencarlo. Antes de você morrer, eu queria que soubesse que eu erradiquei do mundo a doença das suas entranhas. No passado, você me conhecia como Rei Cinza – gritou ele. – Bem, agora eu saí das sombras. Esse nome não deverá ser mais pronunciado. A partir de agora, pode me chamar de... *Capa Raza.*

Raza, pensou Locke. “Vingança” em terim do trono. Nada sutil.

Para seu pesar, ele estava aprendendo que bem pouca coisa no Rei Cinza era sutil.

Capa Raza, como ele agora se fazia chamar, curvou-se acima de Barsavi, que, enfraquecido pela perda de sangue, choramingava. Raza estendeu a mão, tirou o anel de sinete do Capa da mão pálida que lhe restava e levantou-o para todos verem. Em seguida, o colocou no anular da própria mão esquerda.

– Vencarlo, eu esperei muitos anos para vê-lo assim – declarou Capa Raza. – Agora seus filhos estão mortos e seu cargo foi transferido para mim, bem como sua fortaleza e seu tesouro. Todo o legado que você pensou deixar para alguém com o mesmo sobrenome que o seu está nas minhas mãos. Eu o apaguei da própria história. Isso é do seu gosto, doutor? Como um risco aleatório de giz sobre uma ardósia, eu o eliminei por completo. Lembra-se da morte lenta de sua esposa? De como ela confiava tanto nas Berangias? De como as duas lhe levavam comida? Ela não morreu de tumores no estômago. Foi alquimia negra, isso, sim. Eu só queria algo para aguçar meu apetite durante os longos anos que passei arquitetando esta morte para você. – Raza sorriu com um júbilo demoníaco. – Ela durou, não foi? Ouvi dizer que sentiu muita dor. Bem, aquilo não foi um ato dos deuses, Vencarlo. Assim como todas as outras pessoas que você amava, ela morreu por sua causa.

– Por quê? – A voz de Barsavi estava fraca e quase inaudível.

Raza se ajoelhou ao seu lado, segurou sua cabeça quase com afeto e passou vários minutos sussurrando em seu ouvido. Quando ele terminou, Barsavi o encarou com a boca escancarada e os olhos esbugalhados de incredulidade e Raza aquiesceu devagar.

Ele puxou a cabeça de Barsavi para trás pelas barbas. Um punhal deslizou de dentro da manga para sua outra mão e ele o cravou de baixo para cima na parte inferior das papadas expostas do velho, até o cabo. Barsavi deu um chute fraco, apenas um.

Raza se levantou e removeu o punhal. As irmãs seguraram seu antigo patrão pelas lapelas e o fizeram deslizar para dentro da água escura da baía, que recebeu o corpo com a mesma naturalidade com que havia recebido suas vítimas e inimigos durante os muitos anos de seu reinado.

– Só um Capa manda em Camorr e agora sou eu – anunciou Raza. – Agora o Capa sou eu!

Ele ergueu acima da cabeça o punhal sujo de sangue e olhou em volta como quem desafia alguém a discordar. Como ninguém o fez, prosseguiu:

– Não tenho apenas a intenção de remover Barsavi, mas de substituí-lo. Meus motivos só quem conhece sou eu. Sendo assim, agora existem negócios entre mim e todos vocês, todas as Pessoas Certas.

Ele olhou em volta lentamente, com os braços cruzados e o queixo apontado para a frente como um general vitorioso em uma antiga escultura de bronze.

– Vocês devem escutar minhas palavras e, então, decidir.

– NADA DO QUE VOCÊS CONQUISTARAM lhes será tirado – continuou ele. – Nada por que tenham trabalhado ou sofrido será revogado. Eu admiro os acordos que Barsavi construiu tanto quanto

odiava o homem responsável por eles. Então minha palavra é a seguinte: tudo permanece como antes. Todos os *garristas* e suas gangues controlarão os mesmos territórios e pagarão os mesmos tributos no mesmo dia, uma vez por semana. A Paz Secreta continua em vigor e seu rompimento ainda será punido com a pena de morte. Reivindico todos os cargos e poderes de Barsavi. Reivindico todo o dinheiro que lhe for devido. Para ser justo, devo também reivindicar suas dívidas e responsabilidades. Se algum homem puder mostrar que tinha um crédito com Barsavi, agora terá o mesmo crédito com Capa Raza. O primeiro dentre eles é Eymon Danzier... Eymon, venha cá.

Um murmúrio e uma agitação percorreram a multidão à direita de Capa Raza. Instantes depois, o homem magrelo de que Locke se lembrava muito bem foi empurrado para a frente, claramente aterrorizado. Seus joelhos ossudos quase batiam um contra o outro, trêmulos.

– Eymon, pode relaxar. – Raza estendeu a mão esquerda, palma para baixo e dedos abertos, como Barsavi um dia fizera com cada uma das pessoas ali presentes. – Ajoelhe-se e me reconheça como seu Capa.

Tremendo, Eymon pousou um dos joelhos no chão, pegou a mão de Raza e beijou o anel. Seus lábios ficaram sujos com o sangue de Barsavi.

– Capa Raza – disse ele com uma voz que era quase uma súplica.

– Você fez algo muito corajoso no Vão do Eco, Eymon. Algo que poucos homens teriam feito. Barsavi teve razão de lhe prometer uma grande recompensa em troca e eu honrarei essa promessa. Você receberá mil coroas e aposentos para morar e terá tantos confortos que homens com muitos anos de vida pela frente rezarão para os deuses os porem no seu lugar.

– Eu... eu... – Lágrimas escorriam dos olhos de Eymon. – Eu não tinha certeza se o senhor... Obrigado, Capa Raza. Obrigado.

– Desejo-lhe muito prazer pelos serviços que me prestou.

– Então não... não era... não era o senhor no Vão do Eco, Capa Raza, se me permite perguntar?

– Ah, não, Eymon. – Raza deu uma risada grave e agradável. – Não, aquilo era uma ilusão.

No canto mais afastado do salão de baile da Tumba Flutuante, essa ilusão tentava conter sua fúria, abrindo e fechando os punhos.

– Hoje à noite vocês me viram com sangue nas mãos e viram essas mesmas mãos abertas no que torço para ser visto como verdadeira generosidade – gritou Raza. – Não sou um homem difícil de conviver; quero que prosperemos juntos. Sirvam a mim como serviram a Barsavi, e sei que assim será. Pergunto a vocês, *garristas*, quem vai se ajoelhar e beijar meu anel como seu Capa?

– Os Sabujos do Rum! – bradou uma mulher baixinha e esbelta na frente da multidão.

– Os Cortadores da Falsaluz! – gritou um homem. – Os Cortadores da Falsaluz dizem sim!

Caramba, isso não faz sentido algum, pensou Locke. *O Rei Cinza assassinou seus antigos garristas. Será que eles estão tentando enganá-lo?*

– Os Vira-Latas Sensatos!

– Os Barões do Pegafogo.

– Os Olhos Negros!

– Os Coroas Inteiras! – berrou outra voz e foi confirmada por um coro ribombante. – Os Coroas Inteiras estão com Capa Raza!

Locke sentiu uma súbita vontade de gargalhar. Levou um dos punhos cerrados à boca e

transformou a risada em um tossido abafado. De repente, tudo ficou óbvio: o Rei Cinza não vinha apenas executando os *garristas* mais leais de Barsavi. Antes disso, ele devia ter feito acordos com seus subordinados. Pelos deuses, devia haver mais homens do Rei Cinza disfarçados naquele recinto do que... esperando o verdadeiro espetáculo da noite começar.

Os seis homens e mulheres se adiantaram e se ajoelharam diante de Raza na borda da piscina, na qual o tubarão não exibira sequer uma barbatana depois de arrancar com violência o braço de Barsavi. *Aquele maldito Mago-Servidor tem mesmo jeito com bichos*, pensou Locke com um misto de raiva e inveja. Surpreendeu-se ao constatar que se sentia de fato muito pequeno a cada nova exibição das habilidades do Falcoeiro.

Um a um, os *garristas* se ajoelharam e prestaram obediência ao Capa, beijando seu anel e dizendo “Capa Raza” com genuíno entusiasmo. Cinco outros se adiantaram logo após o primeiro grupo e se ajoelharam também, parecendo ceder à direção na qual sentiam que os acontecimentos estavam seguindo. Locke fez um cálculo rápido: apenas com os juramentos que já recebera, Raza agora podia chamar de suas umas quinhentas ou seiscentas Pessoas Certas. Sua capacidade de fazer valer as suas regras havia aumentado consideravelmente.

– Então estamos apresentados – disse Raza à multidão. – Vocês já me conhecem e conhecem minhas intenções. Estão liberados para voltar aos seus afazeres.

O Falcoeiro fez alguns gestos com a mão livre; os mecanismos da tranca interna das portas do salão chacoalharam no outro sentido e as portas se abriram com um clique.

– Os indecisos terão três noites! – gritou Capa Raza. – Três noites para vir me encontrar aqui, se ajoelhar e me jurar fidelidade como juraram a Barsavi. Desejo com ardor ser leniente, mas aviso a vocês: esta não é a hora para me contrariar. Vocês já viram o meu trabalho. Sabem que eu tenho recursos aos quais Barsavi não tinha acesso. Sabem que posso ser implacável quando me desagradam. Se não estiverem contentes em me servir, se pensarem que talvez seja mais sensato ou mais empolgante se opor a mim, farei uma sugestão: coloquem seu dinheiro em sacos e deixem a cidade pelos portões do lado terrestre. Pois, se quiserem ir embora, meus homens não lhes farão mal algum. Durante três noites, eu os deixo livres e lhes dou minha garantia. Mas depois disso – continuou ele, baixando a voz – darei todos os exemplos que forem necessários. Agora vão e conversem com seus *pezons*, amigos e outros *garristas*. Transmitam a eles as minhas palavras, digam que estou esperando para receber seus juramentos.

Algumas pessoas começaram a se dispersar em direção às portas; outras, talvez mais sensatas, foram fazer fila diante de Capa Raza. O antigo Rei Cinza aceitou os juramentos no meio de um círculo de cadáveres, pois os Mãos Vermelhas e os filhos de Barsavi ainda sangravam no convés.

Locke aguardou um bom tempo, até a confusão diminuir e a sólida torrente quente e malcheirosa ter se transformado em alguns grossos riachos, e então se encaminhou para a saída. Sentia os pés tão pesados quanto a cabeça; o cansaço parecia estar se apoderando dele depressa.

Havia cadáveres caídos no chão aqui e ali: os guardas leais a Barsavi. Agora que a multidão continuava a se dissipar, Locke pôde vê-los. Logo ao lado das portas altas estava caído Bernell, que envelhecera servindo a Barsavi. Sua garganta estava cortada e uma poça de sangue o rodeava; suas facas continuavam nas bainhas. Ele não tivera tempo de sacá-las.

Locke suspirou. Parou na soleira da porta e olhou para trás na direção de Raza e do Falcoeiro. O

Mago-Servidor pareceu encará-lo de volta e, por um brevíssimo instante, o coração de Locke se acelerou, mas o feiticeiro não disse nem fez nada: apenas seguiu observando o ritual em que os novos súditos de Capa Raza beijavam seu anel. Vestris bocejou, abrindo o bico por um breve instante como se os assuntos dos seres não dotados de asas a deixassem terrivelmente entediada. Locke saiu apressado.

Todos os guardas que observavam os convivas saírem do galeão e pegarem a passarela que conduzia ao cais eram homens de Raza. Nenhum deles se dera ao trabalho de retirar os cadáveres que jaziam a seus pés. Alguns observavam com um olhar frio, outros aquiesciam, simpáticos. Locke reconheceu vários deles.

– Três noites, senhoras e senhores, três noites – disse um. – Avisem aos seus amigos. Vocês agora pertencem a Capa Raza. Não precisam se alarmar; basta fazer o que sempre fizeram.

Então agora temos algumas respostas, pensou Locke. Perdoe-me outra vez, Nazca. Eu não poderia ter feito nada nem que tivesse tido coragem para tentar.

Ele segurou a barriga dolorida e seguiu em frente com a cabeça baixa. Nenhum guarda olhou duas vezes para o velho mendigo esquelético, barbado e sujo, pois havia mil outros em Camorr iguaizinhos a ele, mil fracassados inúteis e sem um tostão situados no mais baixo nível de miséria.

Agora é preciso se esconder. E fazer planos.

– Aproveite bem o que roubou hoje à noite, seu filho da puta – sussurrou Locke consigo mesmo depois de passar pelo último dos guardas de Raza. – Aproveite bem... assim verei melhor a perda nos seus olhos quando cravar a porra da adaga no seu coração.

5

PLANOS DE VINGANÇA, CONTUDO, NÃO enchem a barriga de ninguém. As dores agudas em seu estômago recomeçaram mais ou menos a meio caminho de seu lento e solitário trajeto até o bairro de Cinzacai.

Sua barriga doeu, revirou-se e roncou. A noite à sua volta pareceu ficar mais escura e os horizontes da cidade, estreitos e esfumados pela névoa, inclinaram-se de um jeito esquisito, como se ele estivesse embriagado. Locke cambaleou e apertou o próprio peito, suando e resmungando.

– Maldito Mirante – disse uma voz na escuridão. – Deve estar vendo dragões, arco-íris e o tesouro perdido de Camorr.

Ouviu-se um riso e Locke seguiu em frente aos tropeços, ansioso para evitar se tornar alvo de alguma agressão. Jamais sentira tamanho cansaço. Era como se o seu vigor houvesse se reduzido a uma pilha de carvões em brasa dentro dele que, a cada segundo, se apagava e ficava mais fria e mais cinza.

Cinzacai nunca tinha sido acolhedor e a concentração cada vez mais prejudicada de Locke transformou o bairro em um conglomerado de sombras; sua respiração estava ofegante e ele suava em bicas. Parecia que alguém não parava de enfiar algodão seco atrás de suas órbitas. Seus pés foram ficando mais e mais pesados e ele os forçou a avançar, um passo arrastado de cada vez, até o meio da escuridão e das sombras irregulares dos prédios em ruínas. Coisas invisíveis corriam pela noite,

observadores invisíveis murmuravam coisas quando ele passava.

– Mas que... pelo amor dos deuses, eu... eu preciso... Jean – balbuciou ao tropeçar em um pedaço caído de alvenaria do tamanho de um homem e se estatelar nas sombras cheias de poeira mais atrás.

Tudo recendia a calcário, fogueiras e urina. Ele não teve forças para tornar a se levantar.

– Jean – arquejou uma última vez.

Ele perdeu os sentidos antes mesmo de a sua cabeça bater no chão.

6

AS LUZES SE TORNARAM VISÍVEIS na terceira hora da manhã, a cerca de 1,5 quilômetro da costa ao sul da Borra, onde um núcleo de escuridão ainda mais densa avançava de forma lenta e graciosa. As velas brancas fantasmagóricas do navio estalavam ao vento conforme ele se aproximava do Porto Velho; o sentinela entediado na torre de três andares na ponta da Agulha Sul foi o primeiro a detectá-lo.

– Que marinheiro mais lambão esse – comentou o jovem guarda de luneta na mão.

– Deve ser verrari – murmurou o mais velho.

O homem usava uma fina faca de trinchar para torturar metodicamente um pedaço de marfim. Sua intenção era que parecesse o terraço do Templo de Iono, cheio de lindos relevos e representações fantásticas de afogados levados pelo Senhor das Águas Revoltas. O que estava produzindo, contudo, mais parecia merda branca de cachorro.

– Melhor confiar um navio a um bêbado cego e maneta do que a um verrari.

Nada mais na embarcação merecia muita nota até suas luzes surgirem de repente e seu brilho amarelo-escuro se refletir na superfície da água escura e encrespada.

– Luzes amarelas, sargento – anunciou o guarda jovem. – Luzes amarelas.

– O quê? – O homem mais velho largou o pedaço de marfim, arrancou a luneta da mão do rapaz e deu uma boa olhada no navio que se aproximava. – Puta que pariu! São amarelas mesmo.

– Um navio da peste – sussurrou o outro. – Nunca tinha visto um antes.

– Ou é um navio da peste ou algum sodomita de Jerem que não conhece as cores certas para as luzes de porto. – Ele fechou a luneta e andou até um cilindro de bronze montado de lado sobre a borda da parede oeste da estação de vigia, apontado na direção das torres suavemente iluminadas na margem do Arsenal. – Toque o sino, garoto. Toque a porcaria do sino.

O sentinela levou a mão até o outro lado do parapeito da pequena torre e segurou uma corda ali pendurada. Começou a tocar o pesado sino de bronze da estação com uma repetição regular de dois puxões: *bling-blong, bling-blong, bling-blong*.

Luzes azuis bruxuleantes se acenderam em uma das torres do Arsenal; o sargento da guarda acionou a manivela do cilindro de bronze até fechar as persianas que ocultavam a luz do globo alquímico particularmente potente instalado lá dentro. Havia uma lista de mensagens simples que ele podia transmitir às estações do Arsenal, que, por sua vez, as transmitiriam para outras pessoas a postos. Com sorte, a mensagem poderia chegar ao Palácio da Paciência ou mesmo a Pontacorvo em menos de dois minutos.

Algum tempo se passou e o navio da peste foi ficando maior e mais nítido.

– Vamos lá, seus imbecis – murmurou o sargento. – Levantem-se. Pare de tocar essa droga de sino, garoto. Acho que já fomos ouvidos.

Os apitos agudos da Guarda da Quarentena ecoaram pela cidade enevoada, sendo acompanhados por um rufar de tambores: a convocação dos casacas-amarelas no meio da noite. Fortes luzes brancas ganharam vida nas torres do Arsenal e o sargento da guarda pôde ver as formas pretas diminutas de pessoas correndo pelo cais.

– Ah, agora vamos ver alguma coisa – murmurou ele.

Outras luzes surgiram a nordeste. Pequenas torres coalhavam a Agulha Sul e a Borra e davam para o Porto Velho onde, pelas leis e costumes de Camorr, os navios afetados pela peste eram obrigados a ancorar. Cada uma das torrinhãs era guarnecida com uma catapulta capaz de disparar sobre a água cargas de quase 25 quilos de pedras ou óleo de fogo. O atracadouro da peste ficava a pouco menos de 140 metros ao sul da Borra, com 100 metros de profundidade, no raio de alcance de mais de dez catapultas capazes de afundar ou incendiar qualquer embarcação em poucos minutos.

Uma galé saiu pelo portão do Arsenal entre as torres muito iluminadas, um dos rápidos barcos de patrulha conhecidos como “gaivotas” por causa de seus vinte remos que pareciam asas quando acionados. Era tripulada por oitenta homens remunerados, além de levar a bordo quarenta espadachins, quarenta arqueiros e dois pesados lança-flechas conhecidos como *scorpias*. A embarcação não portava carga e tinha apenas um mastro com uma vela simples enrolada em volta. Sua função era apenas uma: emparelhar com qualquer embarcação que ameaçasse a cidade de Camorr e matar todos a bordo caso seus avisos não fossem obedecidos.

Embarcações menores, com lampiões vermelhos e brancos acesos na proa, zarparam da ponta norte da Agulha Sul levando timoneiros e destacamentos de casacas-amarelas.

Do lado oposto do grande quebra-mar, a gaivota ganhava velocidade, as fileiras de graciosos remos mergulhando no mar negro e criando uma espuma branca. Um rastro encrespado cresceu atrás da galé e podia-se ouvir o som de tambores ecoar pela água com ordens berradas.

– Por pouco, por pouco – resmungou o sargento da guarda. – Vai ser por pouco. O pobre coitado não navega muito bem... Talvez tenha de levar uma pedra pela proa antes de diminuir a velocidade.

Dava para ver algumas formas pequenas e escuras se movimentando contra a grande superfície branca das velas do navio da peste – muito poucos para navegá-la de forma adequada, ao que parecia. Ao entrar no Porto Velho, a embarcação começou a diminuir a velocidade. As velas de mezena estavam içadas, ainda que de forma preguiçosa e tosca. As outras, presas de modo a deixar passar o vento, se afrouxaram e, acompanhadas pelo rangido de polias e por gritos abafados, também iniciaram a subida em direção às vergas.

– Ah, que belas curvas – murmurou o sargento. – Belas curvas.

– Isso não é uma galé – disse o vigia mais jovem.

– É como um daqueles navios de convés plano que, parece, estão sendo construídos em Emberlane... Imitações de fragatas, acho que é isso.

O navio da peste não era preto somente por causa da escuridão: era laqueado de preto e enfeitado da popa à proa com filigranas de madeira-bruxa. Nenhuma arma estava visível.

– Gente louca essa do norte. Até os navios deles têm que ser pretos. Mas esse daí é lindo mesmo. Aposto que é veloz. E que situação de merda para vir se meter: agora ele vai passar semanas preso na quarentena. Os pobres coitados terão sorte se sobreviverem.

A gaivota dobrou a ponta da Agulha Sul, seus remos penetrando a água com força. À luz dos lampiões acesos da galé, os dois vigias puderam ver que os *scorpias* estavam carregados e que havia arqueiros de pé sobre plataformas elevadas, de balestra em punho e ar nervoso.

Alguns minutos depois, a gaivota emparelhou com o navio preto, que havia se afastado até um ponto a pouco mais de 350 metros do cais. Uma oficial andou até o longo aguilhão na proa da gaivota e levou à boca uma corneta alto-falante.

– Nome da embarcação?

– *Satisfação*, de Emberlane – foi o grito em resposta.

– Último porto de parada?

– Jerem!

– Que beleza, não? – resmungou o sargento. – Os coitados podem ter qualquer coisa a bordo.

– Qual é a sua carga? – perguntou a oficial a bordo da gaivota.

– Somente mantimentos do navio; deveríamos ter pegado a carga em Ashmira.

– Tripulação?

– Sessenta e oito! Vinte agora estão mortos.

– Quer dizer que estão com as luzes de peste acesas por real necessidade?

– Pelo amor dos deuses, sim. Não sabemos o que é... Os homens estão ardendo em febre. O capitão morreu e o galeno faleceu ontem. Imploramos que nos ajudem.

– Podem fazer uma ancoragem da peste! – gritou a oficial camorri. – Não devem chegar a menos de 140 metros de nossa costa ou seu navio será afundado. Qualquer bote que for lançado ao mar será afundado ou queimado. Qualquer pessoa que tentar nadar até a costa será fuzilada... supondo que consiga passar pelos tubarões.

– Por favor, mandem-nos um galeno. Mandem alquimistas, pelo amor dos deuses.

– Vocês não podem lançar cadáveres no mar. Devem mantê-los a bordo. Qualquer embrulho ou objeto que de alguma forma seja transmitido da sua embarcação para a costa será queimado sem ser examinado. Qualquer tentativa de realizar essa comunicação será justificativa para incendiar ou afundar o navio. Entenderam?

– Sim, mas, por favor, não há nada mais que vocês possam fazer?

– Vocês podem ter padres no cais e receber água fresca e provisões doadas por caridade por meio de uma corda, que será levada de barco do cais e cortada após o uso, se necessário.

– Nada mais?

– Vocês não podem se aproximar da costa, sob risco de serem atacados, mas podem dar meia-volta e ir embora quando quiserem. Que Aza Guilla e Iono os ajudem nessa hora de necessidade. Rezo para que obtenham misericórdia e, em nome do Duque Nicovante de Camorr, desejo-lhes uma rápida resolução.

Alguns minutos depois, o navio negro e lustroso atracou no ancoradouro da peste, com as velas amarradas e as luzes amarelas brilhando acima da água negra do Porto Velho, e ali ficou, a se

balançar suavemente, enquanto a cidade dormia envolta em brumas prateadas.

INTERLÚDIO

A Senhora do Longo Silêncio

1

JEAN ENTROU PARA O SERVIÇO da Deusa da Morte uns seis meses após Locke retornar da temporada como aprendiz de Dama Elliza, para a qual havia partido com as habituais instruções de aprender o que podia e depois, dali a cinco ou seis meses, voltar para casa. Jean usou o nome falso Tavrin Callas e partiu de Camorr rumo ao sul em uma viagem que durou mais de uma semana até chegar ao grande templo de Aza Guilla conhecido como Casa da Revelação.

Ao contrário das outras onze (ou doze) ordens do clero terim, todos os sacerdotes de Aza Guilla começavam sua iniciação no mesmo lugar. As montanhas costeiras que se erguiam ao sul de Talisham iam dar em imensos penhascos retos e brancos que despencavam de 100 a 120 metros até as violentas ondas do Mar de Ferro. A Casa da Revelação ficava de frente para o mar, escavada em um desses penhascos e, apesar de lembrar o trabalho dos Ancestres, seu tamanho era resultado apenas de artes humanas, um processo gradual e meticuloso ainda em andamento.

Imaginem várias profundas galerias retangulares escavadas na horizontal até o fundo do penhasco e interligadas apenas por fora. Para chegar a qualquer lugar dentro da Casa da Revelação era preciso se aventurar até o lado de fora e usar os caminhos e escadas escavados na pedra, fosse qual fosse o tempo ou a hora do dia. Não havia corrimões de segurança: tanto iniciados quanto professores se locomoviam de dia ou de noite, sob chuva ou sob céu claro, sem qualquer barreira a separá-los de um mergulho no mar, exceto a própria confiança e sorte.

Doze altas colunas vazadas a oeste da Casa da Revelação eram encimadas por um sino de bronze; esses tubos de rocha abertos na frente, com mais ou menos dois metros de diâmetro e vinte de altura, tinham estreitos apoios para as mãos e os pés escavados na parede traseira. Na hora do nascer e do pôr do sol, os iniciados deviam subir até o alto e se assegurar de que cada sino fosse tocado doze vezes, uma para cada deus do panteão. O carrilhão vivia sempre um pouco desregulado; quando Jean achava que fosse dar conta, tocava o sino treze vezes.

Três iniciados mergulharam rumo à própria morte tentando desempenhar esse ritual antes de Jean ter completado um mês no templo. Esse número lhe pareceu surpreendentemente baixo, levando em conta quantas das obrigações devocionais dos novos servidores de Aza Guilla – sem falar na arquitetura de seu lar – tinham o claro objetivo de incentivar encontros prematuros com a Deusa da Morte.

– Nós aqui nos interessamos pela morte considerada sob dois aspectos: a Morte Transitória e a Morte Eterna – explicou um dos professores, uma sacerdotisa idosa que usava três colares de prata

trançados junto à gola da túnica preta. – A Morte Eterna é o reino da Gentilíssima Senhora e é um mistério que não foi feito para ser desvendado ou compreendido deste nosso lado do sudário da Senhora. A Morte Transitória, portanto, é a única forma de conseguirmos obter uma compreensão melhor de sua sombria majestade. A sua estadia aqui na Casa da Revelação os levará até perto da Morte Transitória em muitas ocasiões e com certeza alguns de vocês irão falecer antes de concluída sua iniciação. Tal fato pode se dever à desatenção, ao cansaço, à má sorte ou ao inescrutável desígnio da própria Gentilíssima Senhora. Como seus iniciados, vocês estarão expostos pelo resto da vida à Morte Transitória e às suas consequências. Devem se acostumar com isso. É natural que a carne viva recue ante a presença da morte e de pensamentos relativos à morte. Sua disciplina precisa superar o que é natural.

2

COMO NA MAIORIA DOS TEMPLOS terins, os iniciados ao Primeiro Mistério Interior deviam praticar a escrita, a adição e a retórica até serem capazes de ingressar em níveis de estudo mais altos sem distrair os iniciados mais avançados. À frente de todos os outros novos iniciados do templo devido à idade e ao treinamento que já recebera, Jean foi introduzido ao Segundo Mistério Interior apenas um mês e meio depois de chegar.

– Daqui para a frente – disse o sacerdote que conduzia a cerimônia –, vocês vão ocultar o próprio rosto: não terão as feições de um menino ou menina, de um homem ou mulher. O sacerdócio da Gentilíssima Senhora tem apenas um rosto, inescrutável. Não devemos ser vistos como indivíduos. O ofício dos criados da Deusa da Morte deve inquietar se quisermos que nossos seguidores formulem de modo correto seus pensamentos para ela.

O Semblante Pesaroso era a máscara de prata da ordem de Aza Guilla. Para os iniciados, tinha uma semelhança grosseira com um rosto humano: uma representação aproximada do nariz e buracos para os olhos e a boca. Para sacerdotes consumados, a máscara era um hemisfério levemente oval feito de uma fina tela de prata. Jean pôs seu Semblante Pesaroso, ansioso para se dedicar à catalogação de outros segredos da ordem, mas acabou descobrindo que suas obrigações pouco haviam mudado em comparação com as do mês que passara como iniciado do Primeiro Mistério. Ele continuou a levar recados e escrever em rolos de pergaminho, a varrer pisos e limpar cozinhas, a subir e descer correndo as precárias escadas de pedra sob os Sinos dos Doze enquanto o mar inóspito explodia lá embaixo e o vento agitava suas túnicas.

Só que agora ele tinha a honra de fazer todas essas coisas usando sua máscara de prata, com a visão periférica parcialmente bloqueada. Dois iniciados do Segundo Mistério despencaram rumo a um encontro pessoal com a Morte Transitória pouco após a promoção de Jean.

Cerca de um mês depois, Jean foi envenenado pela primeira vez.

3

– CADA VEZ MAIS PERTO – disse a sacerdotisa, cuja voz soava abafada e distante. – Cada vez mais perto da Morte Transitória, da verdadeira fronteira do mistério. Sintam seus membros esfriarem. Sintam seus pensamentos ficarem vagarosos. Sintam as batidas do coração se tornarem preguiçosas. Os humores quentes estão recuando. O fogo da vida está se apagando.

Ela lhes dera uma espécie de vinho verde, um veneno que Jean não fora capaz de identificar. Todos os doze iniciados do Segundo Mistério jaziam prostrados, tomados por débeis espasmos, com as máscaras de prata olhando fixamente para cima como se não conseguissem mais mover o pescoço.

Sua instrutora não soubera explicar muito bem o que o vinho faria antes de mandar que bebessem. Jean desconfiava que a disposição dos iniciados à sua volta para dançar alegremente na fronteira da Morte Transitória ainda era mais teoria do que realidade.

Mas claro, olhe quem fala, pensou, maravilhando-se com a dormência de suas pernas. Guardião Torto... este sacerdócio é uma loucura. Dê-me forças para viver e eu voltarei aos Nobres Vigaristas... onde a vida faz sentido.

Sim, onde ele morava em um porão de Vidrantigo debaixo de um templo em ruínas e se fazia passar por sacerdote de Perelandro enquanto tinha aulas de armas com o mestre espadachim do Duque. Talvez um pouco ébrio com qualquer que fosse a droga que o estivesse afetando, Jean riu baixinho.

O barulho pareceu ecoar e reverberar pela sala de estudos de pé-direito baixo e a sacerdotisa se virou devagar. Apesar de o Semblante Pesaroso ocultar sua verdadeira expressão, a mente enevoada de Jean teve certeza de que podia sentir seu olhar ardente.

– Teve alguma iluminação, Tavrín?

Ele não conseguiu reprimir outra risadinha. O veneno parecia estar pregando peças nas inibições que fingira desde a sua chegada ao templo.

– Eu vi meus pais morrerem queimados. Vi meus gatos morrerem queimados. Sabe qual é o barulho que um gato faz quando queima? – Outra maldita risada; ele quase engasgou com o próprio cuspe de tanta surpresa. – Fiquei olhando sem poder fazer nada. A senhora sabe onde apunhalar um homem para causar a morte instantânea, em um minuto ou em uma hora? Eu sei. – Se conseguisse mover as pernas e braços, ele estaria rolando de rir, porém só fazia estremecer e mover os dedos. – Uma morte demorada? Dois ou três dias de dor? Também posso causar isso. Ah, a Morte Transitória? Nós somos velhos amigos!

A máscara da sacerdotisa se fixou em cheio nele. Durante vários instantes prolongados pela droga, ela o encarou enquanto Jean pensava: *Ah, deuses, maldita bebida, agora eu estraguei tudo mesmo.*

– Tavrín, fique aqui depois que os efeitos do vinho esmeralda tiverem passado – ordenou a sacerdotisa. – O Sumo Inspetor virá falar com você.

Jean passou o resto da manhã deitado, tomado por um misto de incompreensão e temor. As risadinhas ainda o acometiam, entremeadas com acessos embriagados de ódio por si mesmo. *Uma temporada inteira de trabalho por água abaixo. Que farsante de meia-tigela eu fui me revelar...*

Nessa noite, para sua grande surpresa, ele recebeu a confirmação de que havia entrado para o Terceiro Mistério.

– Eu sabia que podíamos esperar coisas excepcionais de você, Callas – disse o Sumo Inspetor, homem corcunda cuja voz chiava por trás do Semblante Pesaroso. – Primeiro a diligência

extraordinária que você demonstrou em seus estudos mundanos e o seu rápido domínio dos rituais exteriores. E agora uma visão... uma visão durante o seu primeiro Angustamento. Você está marcado, marcado! Um órfão que testemunhou a morte da mãe e do pai... O seu destino era entrar para o serviço da Gentilíssima Senhora.

– E quais são as, ahn, obrigações adicionais de um iniciado do Terceiro Mistério Interior?

– Ora, o Angustamento – respondeu o Sumo Inspetor. – Um mês de Angustamento, um mês de exploração da Morte Transitória. Você tomará outra vez o vinho esmeralda, depois irá experimentar outras formas de proximidade com o precipitoso instante do abraço da Senhora. Será enforcado em uma corda de seda até quase morrer. Será sangrado. Conviverá com serpentes e nadará à noite no mar, onde vivem muitos criados da Senhora. Eu o invejo, pequeno irmão. Invejo você que acabou de nascer para os nossos mistérios.

Nessa mesma noite, Jean fugiu da Casa da Revelação.

Encheu sua modesta bolsa de pertences e saqueou a cozinha para pegar comida. Antes de entrar na Casa da Revelação, havia enterrado uma bolsinha de moedas debaixo de um determinado marco mais ou menos 1,5 quilômetro distante dos penhascos, perto da aldeia de Sossego da Tristeza, que atendia às necessidades materiais do templo. Aquele dinheiro bastaria para retornar a Camorr.

Ele rabiscou um bilhete e o deixou sobre o catre em que dormia na nova cela solitária que acabara de receber por causa de sua promoção:

GRATO PELAS OPORTUNIDADES, MAS NÃO PUDE ESPERAR. DECIDI BUSCAR O ESTADO DA MORTE ETERNA: NÃO POSSO ME CONTENTAR COM OS MISTÉRIOS MENORES DA MORTE TRANSITÓRIA. A SENHORA ME CHAMA.

TAVRIN CALLAS

Subiu pela última vez os degraus de pedra enquanto as ondas rebentavam na escuridão lá embaixo. O brilho vermelho suave dos lampiões alquímicos de tormenta o guiou até o alto da Casa da Revelação e dali até o topo dos penhascos, onde ele desapareceu na noite.

4

– CARAMBA! – EXCLAMOU GALDO depois de Jean terminar seu relato. – Que bom que eu fui mandado para a Ordem de Sendovani.

Na noite em que Jean voltou, após interrogá-lo exaustivamente sobre suas experiências na Casa da Revelação, Padre Correntes deixou os quatro meninos subirem ao terraço com canecas de barro de cerveja camorri morna. Eles se sentaram sob as estrelas e as nuvens cor de prata espalhadas no céu e puseram-se a bebericar sua cerveja com uma casualidade muito exagerada. Saborearam a ilusão de que eram homens, ali reunidos por vontade própria, e de que as horas da noite lhes pertenciam para gastar como bem entendessem.

– Não estou brincando – falou Calo –, mas na Ordem de Gandolo, a cada quinze dias, nós recebíamos doces e cerveja, e uma moeda de cobre todo Dia do Ocioso para gastar. Para o Senhor das Moedas e do Comércio, vocês sabem.

– Eu tenho um apreço todo especial por nosso sacerdócio do Benfeitor, pois as nossas principais obrigações parecem ser ficar sentados sem fazer nada e fingir que o Benfeitor não existe – comentou Locke. – Isso quando não estamos roubando.

– Tem toda razão – concordou Galdo. – O sacerdócio da morte é para os imbecis.

– Mas ainda assim você não ficou pensando se eles poderiam ter razão? – perguntou Calo. – Se o seu destino realmente seria servir à Gentilíssima Senhora?

– Tive muito tempo para pensar nisso durante o caminho de volta para Camorr – respondeu Jean. – E acho que eles tinham razão. Só talvez não do jeito que pensavam.

– Como assim? – Os Sanza fizeram a pergunta em uníssono, como muitas vezes faziam quando a verdadeira curiosidade se apoderava dos dois ao mesmo tempo.

Em resposta, Jean levou a mão às costas e tirou da túnica uma machadinha, presente de Dom Maranzalla. Era pequena e sem enfeites, mas estava bem conservada e tinha um equilíbrio ideal para alguém que ainda não havia acabado de crescer. Jean a pousou sobre as pedras do terraço e sorriu.

– Ah – foi a única resposta de Calo e Galdo.

LIVRO IV

DESESPERADO IMPROVISO

*“Eu lanço como se os meus cabelos
estivessem pegando fogo.”*

MITCH WILLIAMS, jogador de beisebol americano

CAPÍTULO DOZE

O sacerdote gordo de Tal Verrar

1

QUANDO LOCKE ACORDOU, ESTAVA DEITADO de costas olhando para um mural desbotado e coberto de sujeira pintado em um teto de gesso. Nele, homens e mulheres despreocupados vestidos com túnicas da época do Trono Terim reunidos em volta de um barril de vinho seguravam canecas e ostentavam sorrisos nos semblantes rosados. Locke grunhiu e tornou a fechar os olhos.

– E olhe ele aí – falou uma voz desconhecida. – Foi como eu disse: o emplastro o curou. Estranhamente, é um bom remédio para a enervação dos canais do corpo.

– Quem diabos é você? – Locke descobriu que estava com uma disposição bastante antidiplomática. – E onde estou?

– Você está seguro, mas eu não iria tão longe a ponto de dizer que está confortável. – Jean pousou uma das mãos no ombro esquerdo de Locke e lhe sorriu. Em geral muito zeloso da própria aparência, exibia agora uma barba de vários dias e tinha o rosto riscado de sujeira. – E pode ser que alguns antigos pacientes do renomado mestre Ibelius também contestem minha afirmação de segurança.

Jean fez dois gestos rápidos com as mãos para Locke: *Estamos seguros; pode falar livremente.*

– Ora, Jean, suas farpas são um belo pagamento pelo trabalho dos últimos dias.

A voz desconhecida parecia vir de um homenzinho enrugado e franzino, cuja pele se assemelhava a um tampo de mesa velho e marrom; seus olhos escuros nervosos espiavam por trás de ópticos, mais grossos do que qualquer um que Locke já vira. Ele usava uma túnica de algodão de baixa qualidade respingada com o que poderia ser molho ou sangue seco sob um gibão amarelo-mostarda cujo estilo era de duas décadas antes. Seus cachos de cabelos grisalhos encaracolados pareciam brotar diretamente da parte de trás da cabeça, onde estavam presos em um rabo de cavalo.

– Fui eu quem trouxe seu amigo pelo mar até as costas da consciência.

– Ah, Ibelius, pelo amor de Perelandro, ele não estava com uma flecha de balestra espetada no cérebro. Só precisava descansar.

– Os humores quentes dele estavam em um nível extremamente baixo e os canais da sua estrutura se encontravam esvaziados de vigor. Ele se achava pálido, prostrado, ferido, ressecado e desnutrido.

– Ibelius? – Locke tentou se sentar, com sucesso parcial; Jean o segurou pelos ombros e o ajudou a concluir o movimento. O cômodo girou. – Ibelius, aquele sanguessuga de cachorro do bairro de Água-Rubra?

Os sanguessugas de cachorro eram equivalentes aos alquimistas negros no galenismo: sem

credenciais e sem posto no Conclave dos Galenos, eram eles quem cuidavam dos ferimentos e doenças das Pessoas Certas de Camorr. Um galeno de verdade talvez estranhasse tratar alguém de um ferimento de machado às duas e meia da manhã e chamasse a guarda cidadina. Um sanguessuga não faria perguntas, contanto que recebesse adiantados seus honorários.

O problema com os sanguessugas, é claro, era que não se podia ter certeza das suas habilidades. Alguns eram curadores treinados, que passavam por períodos difíceis ou tinham sido banidos da profissão por crimes como roubo a sepulturas. Já outros eram meros improvisadores que aplicavam anos de conhecimentos práticos adquiridos cuidando de vítimas de brigas de bar ou assaltos. Havia os realmente loucos, os homicidas ou – fato encantador – aqueles que eram as duas coisas.

– Sanguessugas de cachorro são os meus colegas. – Ibelius fungou. – Eu sou galeno. Formei-me no Colégio Terim. A sua recuperação é prova disso.

Locke correu os olhos pelo recinto; vestia apenas um tapa-sexo e estava deitado sobre um catre no canto do que devia ser uma chácara abandonada em Cinzacai. Uma cortina de lona fechava a única porta do cômodo e dois lampiões alquímicos enchiam o espaço de luz. Ele sentia a garganta seca e o corpo ainda dolorido, sem falar no cheiro um tanto desagradável que não se devia apenas ao odor natural de um homem que não tomara banho. Um estranho resíduo translúcido cobria sua barriga e seu peito. Ele o tocou.

– Que porcaria é esta?

– O emplastro, meu senhor, é o emplastro. Emplastro de Varagnelli, para ser exato, embora não ache que o senhor tenha familiaridade com o assunto. Eu o usei para concentrar a energia exaurida dos seus canais corporais e para restringir a movimentação de seus humores quentes à região em que eles lhe fariam mais bem: a saber, na barriga. Não queríamos que sua energia se dissipasse.

– O que tem nesse emplastro?

– A fórmula é secreta, mas a essência da função do emplastro se deve ao emprego de auxiliares de jardinagem e terebintina.

– Auxiliares de jardinagem?

– Minhocas – esclareceu Jean. – Minhocas moídas em terebintina, é isso que ele quer dizer.

– E você deixou ele esfregar isso em mim? – Locke grunhiu e tornou a se deixar cair sobre o catre.

– Somente na sua barriga, senhor, na sua mui maltratada barriga.

– O galeno é ele – disse Jean. – Eu só sou bom em quebrar pessoas, não sei consertá-las.

– O que houve comigo, afinal?

– Uma debilitação... uma debilitação absoluta, mais severa do que eu jamais vi – respondeu Ibelius, erguendo o braço esquerdo de Locke para sentir a pulsação. – Jean me disse que o senhor tomou um emético na véspera do Dia do Duque.

– Tomei?

– E que não bebeu nada depois disso. Que foi então capturado e apanhou muito, depois quase morto por imersão em um barril cheio de urina de cavalo... Que fantástica vileza! Meu sentimentos. E que o senhor se feriu profundamente no antebraço esquerdo, que agora já formou uma bela casquinha, apesar do calvário por que passou. E que o senhor permaneceu ativo durante toda a noite apesar dos ferimentos e da exaustão. Que seguiu seu curso com a maior celeridade possível, sem descansar.

– Isso está me soando vagamente familiar.

– O senhor desabou, meu senhor, simples assim. Em termos laicos, seu corpo lhe negou a permissão para que continuasse abusando dele.

Ibelius deu uma risadinha.

– Quanto tempo faz que estou aqui?

– Dois dias e duas noites – respondeu Jean.

– O quê? Pelo amor dos deuses. Passei esse tempo todo desacordado?

– Inteiramente. Eu vi você cair; estava a menos de 30 metros, agachado e escondido. Levei alguns minutos para entender por que aquele velho mendigo barbado me parecia familiar.

– Eu o mantive um pouco sedado – disse Ibelius. – Para o seu próprio bem.

– Pelo amor dos deuses!

– E pelo visto fiz bem, porque de outro modo o senhor não teria tido disciplina para descansar. E assim também foi mais fácil usar uma série de emplastros um tanto desagradáveis para reduzir o inchaço e os hematomas no seu rosto. Se o senhor estivesse desperto, com certeza teria reclamado do cheiro.

– Eca! – fez Locke. – Diga-me que tem algo à mão para eu beber.

Jean lhe passou um odre de vinho tinto. A bebida estava morna, amarga e tão aguada que era mais rosa do que vermelha, mas Locke ainda assim a sorveu em uma rápida série de goles nada elegantes.

– Cuidado, mestre Lamora, cuidado – alertou Ibelius. – Acho que infelizmente o senhor tem pouca noção de suas limitações naturais. Jean, faça-o tomar sopa. Se ele não recuperar sua força animal, seus humores vão tornar a se debilitar. E ele está magro demais para um homem saudável: daqui a pouco vai estar anêmico.

Locke devorou a tal sopa: tubarão cozido em um ensopado de leite e batatas insosso, coagulado e preparado muitas horas antes, mas com certeza a comida mais esplêndida que ele já se lembrava de ter provado. Depois se espreguiçou.

– Dois dias, meus deuses. Imagino que não tenhamos tido a sorte de Capa Raza cair de uma escada e quebrar o pescoço?

– Longe disso – respondeu Jean. – Ele continua conosco. Ele e seu Mago-Servidor. E os dois têm andado muito ocupados. Talvez lhe interesse saber que os Nobres Vigaristas estão formalmente banidos e que sou o único que eles imaginam ainda estar à solta. Valho 500 coroas para quem me entregar, de preferência após eu parar de respirar.

– Humm – fez Locke. – Mestre Ibelius, permita-me perguntar: o que o faz ficar aqui esfregando minhocas em mim quando qualquer um de nós dois seria a sua chave para as benesses monetárias de Capa Raza?

– Isso eu posso explicar – respondeu Jean. – Parece que outro Ibelius trabalhava para Barsavi como guarda lá na Tumba Flutuante. Um guarda *leal* a Barsavi, devo acrescentar.

– Ah – disse Locke. – Meus pêsames, mestre Ibelius. Seu irmão?

– Mais novo. Um estúpido, coitado. Eu vivia dizendo a ele para arrumar outro trabalho. Parece que nós temos uma boa quantidade de pesares em comum graças a Capa Raza.

– Sim. Temos sim, mestre Ibelius. Eu vou arrasar com aquele escroto mais do que qualquer homem que já tenha sido assassinado desde o início dos tempos.

– Aaah. É o que Jean diz. E é por isso que eu nem estou cobrando pelos meus serviços. Não posso afirmar que considero suas chances muito altas, mas qualquer inimigo de Capa Raza é bem-vindo para usufruir dos meus cuidados e da minha discricção.

– O senhor é muito gentil – agradeceu Locke. – Acho que, se eu preciso mesmo que esfreguem minhocas e terebintina no meu peito, prefiro que o senhor... supervisione os procedimentos.

– A seu inteiro dispor.

– Bem, Jean, parece então que temos um esconderijo, um galeno, e um ao outro – disse Locke. – Quais são os nossos outros recursos?

– Temos 10 coroas, 15 sólons e 5 cobres – respondeu Jean. – Esse catre no qual você está deitado. O vinho que já bebeu e a sopa que já tomou. As Irmãs Malvadas, é claro. Umhas poucas capas, algumas botas, as suas roupas. E todo o gesso podre e a alvenaria desmoronada a que qualquer um poderia almejar.

– Só isso?

– Sim, com exceção de uma coisinha. – Jean ergueu a máscara de tela de prata de um sacerdote de Aza Guilla. – O auxílio e o reconforto da Senhora do Longo Silêncio.

– Caramba, onde arrumou isso?

– Logo depois de deixá-lo na divisa do Caldeirão, decidi remar de volta até o Bairro dos Templos e tentar ser útil.

2

O INCÊNDIO DENTRO DO TEMPLO de Perelandro ainda não se apagara quando Jean se jogou seminu pela entrada de serviço da Casa de Aza Guilla, dois quarteirões a nordeste do templo que os Nobres Vigaristas antes chamavam de lar.

É claro que Vidrantigo e pedra não pegavam fogo, mas o conteúdo da Casa de Perelandro era outra coisa. Como o Vidrantigo refletia e concentrava o calor das chamas, tudo dentro do refúgio devia estar carbonizado até virar cinza branca e a temperatura elevada com certeza daria cabo do que havia no interior do templo em si. Uma brigada de casacas-amarelas munidos de baldes estava reunida em volta da construção, mas pouco tinha a fazer exceto esperar que o calor e a medonha fumaça com cheiro de morte parassem de emanar.

Jean deu um soco na porta de madeira trancada atrás do templo da Deusa da Morte e rezou para que o Guardião Torto o ajudasse a manter o sotaque verrari que poquíssimas vezes praticara nos últimos meses. De modo a parecer ainda mais digno de pena, ajoelhou-se.

Alguns minutos depois, um clique soou e a porta se abriu apenas um centímetro. Uma iniciada o encarou, usando a túnica preta sem adornos e a máscara de prata simples tão conhecidas suas.

– Meu nome é Tavrín Callas – apresentou-se Jean. – Preciso da sua ajuda.

– Você está morrendo? – indagou a iniciada. – Não podemos fazer muita coisa por quem ainda goza de boa saúde. Se quiser comida e amparo, sugiro a Casa de Perelandro, embora esta noite aquilo lá pareça estar... em dificuldades.

– Não estou morrendo e preciso, sim, de comida e amparo. Sou um criado jurado da Gentilíssima

Senhora, iniciado do Quinto Mistério Interior.

Jean havia calculado a mentira com cuidado: o quarto nível da Ordem de Aza Guilla era o sacerdócio integral. O quinto seria um nível realista para alguém encarregado de transmitir informações importantes entre uma cidade e outra. Nos níveis superiores, seria forçado a lidar com sacerdotes e sacerdotisas de alto escalão que decerto já teriam ouvido falar nele.

– Fui enviado de Tal Verrar a Jeresh a mando da nossa ordem, mas meu navio foi atacado por piratas jeremitas no caminho. Eles levaram minha túnica, o sinete do meu cargo, meus documentos e meu Semblante Pesaroso.

– *O quê?* – A iniciada, que se revelou uma menina, curvou-se para ajudar Jean a se levantar; tinha um quarto do seu peso e o ato foi levemente cômico. – Eles se atreveram a agredir um enviado da Senhora?

– Os jeremitas não observam a fé dos Doze, pequena irmã – respondeu Jean. – Seu deleite é atormentar os crentes. Passei muitos longos dias acorrentado a um remo. Ontem à noite, a galé que me capturou lançou âncora na Baía de Camorr e fui destacado para esvaziar os penicos pela amurada enquanto os oficiais desembarcavam para se entregar à orgia. Vi na água as barbatanas de nossos Irmãos Negros. Fiz uma prece à Senhora e agarrei minha oportunidade.

Uma coisa que os irmãos e irmãs de Aza Guilla raramente alardeavam para terceiros, sobretudo em Camorr, era sua crença de que os tubarões eram seres amados pela Deusa da Morte, de que suas misteriosas idas e vindas e seus ataques súbitos e brutais eram um perfeito exemplo em miniatura da natureza da Gentilíssima Senhora. Para os sacerdotes da máscara de prata, tubarões eram um símbolo poderoso; o Sumo Inspetor não estava brincando ao sugerir que Jean se sentisse à vontade para nadar no oceano após o anoitecer. Dizia-se que somente os infiéis seriam atacados nas águas abaixo da Casa da Revelação.

– Os Irmãos Negros – repetiu a iniciada, cada vez mais animada. – E eles o ajudaram a escapar?

– Não é bom pensar nisso como ajuda. A Senhora não ajuda: ela *permite*. E assim acontece com os Irmãos Negros. Mergulhei na água e senti a presença deles ao meu redor e nadando sob meus pés. Vi suas barbatanas cortarem a superfície da água. Meus captores gritaram que eu estava louco e, ao avistarem os Irmãos, supuseram que eu logo fosse ser devorado e riram. Eu também ri... quando rastejei margem acima, são e salvo.

– Louvada seja a Senhora, irmão.

– Eu já a louvei, louvo e louvarei – garantiu Jean. – Ela me livrou de nossos inimigos e me deu uma segunda chance de cumprir minha missão. Leve-me até o intendente do seu templo. Permita que eu fale com seu Pai ou Mãe Divinos. Preciso apenas de um Semblante e de vestes, além de um quarto para algumas noites enquanto ponho minhas coisas em ordem.

3

– NÃO ERA ESSE O SEU NOME de aprendiz muitos anos atrás? – perguntou Locke.

– Sim, era.

– Bem, eles não vão mandar recados? Não vão fazer perguntas e descobrir que Tavrín Callas foi

movido pela curiosidade divina a se atirar de um penhasco?

– É claro que vão. Mas será preciso semanas para mandar um mensageiro e receber a resposta... e eu não pretendo manter o disfarce por tanto tempo assim. Além disso, vai ser uma diversão para eles. Quando enfim descobrirem que Callas supostamente morreu, poderão alegar toda a sorte de visões e milagres. A manifestação do além, de certa forma.

– A manifestação proveniente do fiofó de um mentiroso consumado, isso, sim. Parabéns, Jean.

– Acho que eu devo saber conversar com sacerdotes da morte. Cada um de nós tem seus pequenos talentos.

– Me desculpe, mas isso é seguro? – interrompeu Ibelius. – Ficar... ficar pavoneando essas vestes de sacerdote da própria Deusa da Morte? Atiçar... atiçar a Gentilíssima Senhora? – Ibelius tocou primeiro os olhos e depois os lábios com as duas mãos, em seguida entrelaçou os dedos por cima do coração.

– Se a Gentilíssima Senhora tivesse se ofendido, o que não faltou foi oportunidade de me amassar mais do que folha de ouro pelos meus atos presunçosos – replicou Jean.

– Além do mais, Jean e eu somos servidores jurados do Benfeitor, Pai dos Pretextos Necessários – completou Locke. – O senhor acredita no Guardiã Torto, mestre Ibelius?

– Um pouco de cautela não tira pedaço, na minha experiência. Posso não acender velas em casa nem dar dinheiro, mas... não falo mal do Benfeitor.

– Bem, nosso mentor certa vez nos disse que os iniciados do Benfeitor são estranhamente imunes às consequências quando descobrem ter de se fazer passar por membros de outros sacerdócios – explicou Locke.

– Eles são levados a se sentir bem-vindos, diria eu – acrescentou Jean. – Sem falar que, nas atuais circunstâncias, há poucos disfarces disponíveis para um homem do meu tamanho.

– Ah. Entendo, Jean.

– A Deusa da Morte parece ter andando bem ocupada ultimamente com muitas outras pessoas – comentou Locke. – Estou bem desperto agora, Jean, e muito confortável, mestre Ibelius. Não precisa se levantar... Estou certo de que minha pulsação está onde a deixei. Que novidades você tem para mim, Jean?

– A situação está tensa e sangrenta, mas eu diria que Capa Raza a tem sob controle. A notícia já se espalhou de que estamos todos mortos com exceção de mim, que estou com a cabeça a prêmio. Nós supostamente nos recusamos a jurar lealdade a Raza, tentamos revidar em nome de Barsavi e fomos eliminados. Todos os outros *garristas* juraram lealdade. Raza não esperou três dias para atacar: os mais recalcitrantes tiveram a garganta cortada hoje à noite mesmo, cinco ou seis. Algumas horas atrás.

– Pelos deuses! Como soube disso?

– Um pouco por Ibelius, que pode andar por aí, contanto que se mantenha discreto. E um pouco no exercício do sacerdócio: eu por acaso estava no Madeira-Velha quando uma porção de pessoas de repente apareceu precisando de preces fúnebres.

– Quer dizer que as Pessoas Certas estão vendidas a Raza.

– Eu diria que sim. Elas estão se acostumando à situação. Estão todas propensas a puxar a faca por causa de um alfinete caído ou da picada de um mosquito, mas ele as está dobrando. Montou sua

base de operações na Tumba Flutuante, como Barsavi. Está mantendo a maior parte de suas promessas. É difícil contestar a estabilidade.

– E aquela nossa... outra preocupação? – Locke fez o gesto que indicava *Espinho de Camorr*. – Alguma notícia sobre isso? Alguma, ahn, rachadura na fachada?

– Nada – sussurrou Jean. – Parece que Raza se contentou em nos matar como reles ladrõezinhos e deixar por isso mesmo.

Locke suspirou aliviado.

– Mas tem outra coisa estranha acontecendo – relatou Jean. – Raza mandou prender uma meia dúzia de homens e mulheres de gangues e bairros diferentes ontem à noite. Ele os acusou publicamente de serem agentes do Aranha.

– É mesmo? E você acha que eram ou isso é mais alguma espécie de maldita tramoia?

– Acho que deviam ser, sim. Ibelius me deu os nomes, eu refleti bastante e cheguei à conclusão de que nada os conecta. Pelo menos nada que me chame a atenção. Raza poupou a vida deles, mas os exilou: disse que tinham um dia para se aprontar e ir embora de Camorr para nunca mais voltar.

– Interessante. Gostaria de entender o que isso significa.

– Talvez nada, desta vez.

– Com certeza isso seria agradável.

– E o navio da peste, mestre Lamora! – exclamou Ibelius, animado. – Que embarcação singular! Jean ainda não falou nada a respeito.

– Navio da peste, Jean?

– Uma embarcação de casco preto com bandeira de Emberlane, toda lustrosa e emproada. Linda, linda mesmo, e você bem sabe que eu mal consigo dizer que partes de um barco entram na água. – Jean coçou o queixo escurecido pela barba antes de prosseguir. – Ela atracou em um cais da peste na mesma noite em que Capa Raza deu a Barsavi sua própria aula de dentes.

– É uma... coincidência muito interessante.

– Não é? Os deuses adoram dar sinais. Dizem que já morreram vinte ou trinta pessoas. Mas o que é *muito* estranho é o seguinte: Capa Raza assumiu responsabilidade pelas provisões de caridade.

– O quê?

– Isso mesmo. Seus homens estão supervisionando as operações no cais e ele está comprando pão e carne da Ordem de Sendovani, que substituiu a de Perelandro desde, bem, você sabe.

– Por que cargas-d'água os homens dele estão escoltando comida e água?

– Também fiquei curioso. Então, ontem à noite, tentei bisbilhotar um pouco, na minha condição oficial de sacerdote, sabe? Não é só comida e água que eles estão mandando para lá.

4

NO DIA DO TRONO – na noite seguinte à ascensão de Raza –, caía uma chuva bem fina, pouco mais do que um beijo molhado e morno do céu. Um sacerdote de Aza Guilla particularmente parrudo, cujas vestes molhadas esvoaçavam à brisa, estava parado observando o navio da peste atracado na Baía de Camorr. A luz amarela dos lampiões da embarcação dava à sua máscara um tom de bronze dourado.

Um barquinho decrepito se balançava na água mansa junto ao cais mais comprido que saía da Borra, preso ao navio da peste por uma corda. Ancorado à distância máxima alcançável por flechas e com as velas presas bem apertadas, o *Satisfação* tinha um aspecto estranhamente esquelético. Aqui e ali, no convés, era possível discernir a silhueta de alguns homens.

No cais, um pequeno grupo de estivadores fortes descarregava no barquinho o conteúdo de uma carroça puxada por burro, sob o olhar atento de meia dúzia de pessoas de capa com armas bem visíveis. A operação toda decerto podia ser vista com o auxílio de uma luneta de qualquer um dos postos de guarda em volta do Porto Velho. Porém, embora a maioria dessas estações ainda estivesse ocupada – e fosse ficar assim enquanto o navio da peste continuasse ali –, ninguém nelas ligaria muito para o que fosse mandado para a nau, contanto que nada fosse mandado *de lá*.

Jean, pelo contrário, estava muito curioso em relação ao súbito interesse de Capa Raza pelo bem-estar dos pobres marinheiros de Emberlane.

– Olhe aqui, o melhor que você tem a fazer é virar as costas aqui mesmo e dar o fora para... Ah. Mil perdões, sua santidade.

Jean se demorou alguns instantes saboreando a inquietação evidente dos que para ele se viravam ao vê-lo se aproximar da ponta do cais; eram rapazes e moças de aspecto duro, verdadeiramente agressivos, acostumados a infligir e suportar a dor. Apesar disso, a visão de seu Semblante Pesaroso os fazia parecer tão culpados quanto crianças surpreendidas zanzando perto demais do pote de mel.

Ele não reconheceu ninguém; isso significava que era quase certo que faziam parte da gangue particular de Raza. Tentou avaliá-los com um olhar em busca de algo incongruente ou fora do comum que pudesse fornecer uma pista sobre suas origens, mas havia muito pouco. Todos usavam várias joias, principalmente brincos: uma das moças tinha sete ou oito em cada orelha. Era uma moda mais típica de marinheiros do que de criminosos, mas ainda assim podia não significar nada.

– Vim apenas rezar pela intervenção da Gentilíssima Senhora junto àqueles desafortunados lá no navio – explicou Jean. – Não me deem atenção: podem continuar o que estavam fazendo.

Para incentivá-los, Jean virou as costas para o grupo de estivadores. Ficou parado olhando para o navio e escutando com atenção os barulhos do trabalho realizado atrás dele. Houve grunhidos de quem levanta peso e ruídos de pisadas, além do rangido de velhas tábuas corroídas pela água. A carroça lhe parecera cheia de pequenas sacolas, todas mais ou menos do tamanho de um odre de vinho de 4 litros. A maioria dos trabalhadores as manuseava com cuidado, mas após alguns minutos...

– Pelo amor dos deuses, Mazzik! – Um estranho clangor retiniu quando um dos sacos caiu no chão do cais. Na mesma hora, o supervisor do grupo de estivadores uniu as mãos, torceu-as e olhou na direção de Jean.

– Eu, ahn... Peço-lhe perdão, sua santidade. Nós, ahn, nós juramos... Nós prometemos que entregaríamos estes mantimentos com segurança ao navio da peste.

Jean se virou devagar e deixou seu olhar sem rosto afetar plenamente o homem. Então, aquiesceu de maneira quase imperceptível.

– É um gesto penitente esse seu. Seu patrão é muito caridoso por assumir um trabalho que normalmente caberia à Ordem de Perelandro.

– É, ahn... foi mesmo uma pena. Uma verdadeira, ahn, tragédia.

– A Gentilíssima Senhora cuida como quer do jardim mortal e colhe nele as flores que deseja. Não se zangue com seu operário. É mais do que natural ficar incomodado na presença de algo tão... incomum.

– Ah, o navio da peste – falou o homem. – Sim, ele nos deixa todos arrepiados.

– Vou deixá-los trabalhar. Mande nos chamar na Casa de Aza Guilla se os homens a bordo daquele navio por acaso precisarem de nós.

– Ahn... claro. O-obrigado, sua santidade.

Enquanto Jean percorria o cais devagar em direção à costa, o grupo terminou de carregar o barquinho, que foi solto do atracadouro.

– Podem puxar! – gritou um dos homens no fim do cais.

Aos poucos, a corda se retesou, e, à medida que as pequenas silhuetas pretas a bordo do *Satisfação* foram aumentando o ritmo das puxadas, o barquinho começou a atravessar o Porto Velho em direção à fragata a uma boa velocidade, deixando na água escura um rastro oscilante e prateado.

Jean seguiu rumo ao norte até a Borra a uma velocidade digna de um sacerdote, para dar a si mesmo tempo de se repetir várias vezes a mesma pergunta.

O que um navio cheio de mortos e moribundos poderia fazer com sacos de moedas?

5

– SACOS DE MOEDAS? TEM certeza absoluta?

– Era dinheiro de verdade, Locke. Você talvez se lembre que até recentemente nós tínhamos um cofre inteiro cheio dele. Eu diria que nós dois temos um ouvido bem apurado para o som de moedas tilintando.

– Humm. Ou seja, a menos que o Duque tenha começado a cunhar coroas inteiras em pão desde que eu adoeci, essas provisões são tão caridosas quanto a minha maldita disposição.

– Vou continuar bisbilhotando e ver se consigo descobrir mais alguma coisa.

– Sim... Muito bem, muito bem. Agora precisamos me tirar desta cama e arrumar alguma coisa para *eu* fazer.

– Mestre Lamora, o senhor não está em condições de sair da cama e se movimentar assim, como manda a sua vontade! – protestou Ibelius. – Foi a sua própria vontade que o trouxe até aqui, até esse estado debilitado!

– Mestre Ibelius, com todo o respeito, agora que estou consciente, se for preciso rastejar de quatro pela cidade para fazer algo útil contra Capa Raza, eu o farei. Aqui começa a minha guerra.

Ele se sentou do catre e tentou ficar em pé. Mais uma vez, ficou tonto, perdeu a força nas pernas e desabou no chão.

– Sua guerra começa aí? – indagou Jean. – Parece bem desconfortável.

– Ibelius, isso é intolerável – disse Locke. – Eu preciso ser capaz de me movimentar. Exijo minha força de volta.

– Meu caro Mestre Lamora – começou Ibelius, estendendo a mão para ajudar Locke a se levantar. Jean o segurou pelo outro lado e os dois logo o fizeram deitar novamente sobre o catre. – O senhor

está aprendendo que aquilo que exige e aquilo que o seu corpo é capaz de suportar podem ser duas coisas muito distintas. Ah, se eu ganhasse 1 sólon para cada paciente que vem me procurar falando como o senhor! “Ibelius, há vinte anos fumo pós jeremitas e agora minha garganta está sangrando. Me cure!”, “Ibelius, passei a noite inteira bêbado brigando e agora meu olho foi arrancado! Devolva-me a visão, seu maldito!”. Ora, não vamos nem falar em sólons, digamos apenas 1 barão de cobre por cada explosão dessas... Mesmo assim eu poderia me aposentar em Lashane e levar uma vida de fidalgo!

– Não vou conseguir prejudicar Capa Raza com o rosto enterrado na poeira deste buraco – protestou Locke, irritando-se outra vez.

– Então descanse, meu senhor, *descanse* – disparou Ibelius, enrubescendo também. – Tenha a elegância de não me ofender por eu não ter na ponta dos dedos o poder dos deuses! Descanse e recupere as forças. Amanhã, quando for seguro sair, eu lhe trarei mais comida; um apetite recuperado será um sinal bem-vindo. Com alimentação e descanso, será possível recuperar um nível aceitável de vigor daqui a apenas um ou dois dias. Há pouco tempo o senhor caiu desacordado no meio da rua! Não pode esperar sair saltitante de um esgotamento nervoso, sorrindo e gargalhando. Descanse e tenha paciência.

Locke suspirou.

– Está bem. Mas é que... estou ansioso para começar a agir para tornar curto o reinado de Capa Raza.

– Anseio por isso igualmente, mestre Lamora. – Ibelius tirou os ópticos e os limpou na roupa. – Se achasse que o senhor fosse capaz de matá-lo agora, fraco feito um filhote de gato quase afogado, eu mesmo o poria dentro de um cesto e o levaria até ele. Só que não é o caso e nenhum emplastro no meu livro de galenismo poderia fazer isso acontecer.

– Escute mestre Ibelius, Locke, e desfaça essa cara de emburrado. – Jean lhe deu um tapinha no ombro. – Considere isso uma oportunidade para exercitar sua mente. Vou reunir qualquer outra informação que puder, serei seu braço forte. E você, me arrume um plano para fazer aquele filho da puta tropeçar e despachá-lo para o inferno. Por Calo, Galdo e Pulga.

6

NA NOITE SEGUINTE, LOCKE JÁ havia recuperado força suficiente para andar pelo quarto sozinho. Seus músculos pareciam feitos de gelatina e ele movia os membros como se alguém o estivesse controlando de muito longe – como mensagens transmitidas por heliógrafo, talvez, antes de serem traduzidas em movimentos de articulações e cartilagens. Mas ele não caía mais de cara no chão ao se levantar do catre e comera meio quilo de linguças assadas e meio pão lambuzado de mel desde que Ibelius trouxera a comida no fim da tarde.

– Mestre Ibelius – disse ele enquanto o galeno media seu pulso pelo que desconfiava ser a milésima vez. – O senhor e eu temos o mesmo tamanho. Por acaso o senhor tem algum casaco em bom estado? Com calças que combinem, coletes e adornos de cavaleiro?

– Ah, eu tinha essas coisas, de certa forma, mas infelizmente... acho que Jean não lhe contou...

– Ibelius está morando aqui conosco por agora – explicou Jean. – Em um dos outros quartos da chácara.

– Meus aposentos, o lugar onde eu exercia meu ofício, bem... – Ibelius fez uma careta e Locke teve a impressão de que uma névoa muito fina chegou a se formar por trás de seus ópticos. – Foi tudo incendiado depois da ascensão de Raza. Quem tem laços de sangue com os homens assassinados de Barsavi... Nós não fomos incentivados a permanecer em Camorr. Muito pelo contrário. Já houve diversos assassinatos. Ainda consigo me movimentar pela cidade se for cuidadoso, mas... perdi todas as minhas coisas de melhor qualidade, por mais modestas que fossem. E meus pacientes. E meus livros! É mais um motivo para eu desejar ardentemente que algum mal seja feito a Raza.

– Maldição! – exclamou Locke. – Mestre Ibelius, poderia lhe pedir para ficar apenas alguns minutos a sós com Jean? O que temos para discutir é... bem, é extremamente confidencial, e por um motivo muito bom. Peço-lhe desculpas.

– Não há necessidade, meu senhor, não há necessidade. – Ibelius se levantou da cadeira e limpou do gibão um pouco de pó de gesso. – Vou me esconder lá fora o quanto for preciso. O ar da noite vai revigorar a ação dos capilares; com certeza vai restaurar o fluxo integral e o equilíbrio dos meus humores.

Depois de ele sair, Locke passou os dedos pelos cabelos sebosos e grunhiu.

– Pelos deuses, preciso de um banho. No presente momento, me contentaria até em ficar em pé por uma hora debaixo da chuva. Jean, nós precisamos de recursos para atacar Raza. O filho da puta nos roubou 45 mil coroas e nós aqui temos apenas 10. Preciso retomar o golpe contra Dom Salvara, mas tenho muito medo de que esteja tudo perdido por eu ter passado estes últimos dias afastado.

– Duvido. Um dia antes de você acordar, gastei um dinheiro comprando um pergaminho e um pouco de tinta. Mandei um recado de Graumann para os Salvaras por um mensageiro dizendo que você passaria alguns dias cuidando de um assunto muito delicado e que talvez não estivesse disponível.

– Foi mesmo? – Locke o encarou como um condenado à força que no último minuto recebe o perdão e um saco de moedas de ouro. – Foi *mesmo*? Jean, que os deuses o abençoem. Eu seria capaz de beijá-lo, mas você está tão imundo quanto eu.

Ele começou a andar furiosamente pelo cômodo, ou o mais furiosamente de que foi capaz, ainda descompassado e aos tropeços. Estava escondido naquela maldita ruína, privado das vantagens que havia tomado por certas durante tantos anos, sem refúgio, sem o cofre repleto de moedas, sem Guarda-Roupa, sem caixa de máscaras... sem gangue. Raza lhe tirara tudo.

Guardado com as moedas do cofre havia um embrulho envolto em oleado. Nele, estavam documentos de contabilidade da Meraggio em nome de Lukas Fehrwight, Evante Eccari e todas as outras identidades falsas que os Nobres Vigaristas haviam criado ao longo dos anos. Essas contas tinham centenas e mais centenas de coroas, mas, sem os documentos, nenhum mortal poderia tocá-las. Além disso, se achavam ali as chaves da Suíte Gurupés, na hospedaria Lar do Tombo, onde roupas sobressalentes que cabiam em Fehrwight estavam cuidadosamente arrumadas em um armário forrado de cedro e protegidas por uma fechadura mecânica que nenhum arrombador com uma habilidade dez vezes maior que a de Locke poderia abrir.

– Que droga – reclamou Locke. – Não temos como pegar *nada*. Precisamos de dinheiro, que

podemos conseguir com os Salvaras, mas não posso encontrá-los deste jeito. Preciso de roupas elegantes, óleo de rosas, adornos... Fehrwight precisa ter a cara de Fehrwight. Não consigo me passar por ele por 10 coroas.

De fato, as roupas e acessórios que ele usara enquanto estava disfarçado como comerciante vadrã – isso sem contar os ópticos falsos – haviam custado 40 coroas inteiras... quantia que ele não podia surrupiar de algum bolso pela rua. Fora disso, os ateliês dos poucos alfaiates que atendiam a um gosto adequadamente refinado pareciam fortalezas e ficavam nas partes mais nobres da cidade, onde os casacas-amarelas andavam não em esquadrões, mas em batalhões inteiros.

– Que merda, estou mesmo incomodado. Tudo se resume a roupas. Roupas, roupas, roupas. Que restrição mais ridícula.

– Pode ficar com as 10 coroas – falou Jean. – A prata vai bastar para comermos por um bom tempo.

– Bem, já é alguma coisa – disse Locke.

Tornando a se sentar no catre, ele apoiou o queixo nas mãos. Suas sobrancelhas e boca estavam viradas para baixo com a mesma expressão de concentração aflita que Jean se recordava de quando eram meninos. Após alguns minutos, Locke suspirou e ergueu os olhos para ele.

– Se já estou conseguindo me mexer, então acho que vou pegar 7 ou 8 coroas e ir até a cidade.

– Até a cidade? Você tem um plano?

– Não. Nem sombra de plano. Nenhuma ideiazinha sequer. Mas todos os meus melhores golpes não começam assim? Vou dar um jeito de encontrar alguma brecha... e agir de modo imprudente.

INTERLÚDIO

O conjurador de ferro branco

DIZIA-SE QUE EM CAMORR A diferença entre comércio honesto e desonesto é que, quando um comerciante honesto arruinava alguém, não tinham a cortesia de lhe cortar a garganta para encerrar o assunto.

Sob alguns aspectos, essa máxima era um desserviço prestado aos comerciantes, especuladores e agiotas da Travessa dos Beija-Moedas, cujos esforços ao longo dos séculos ajudaram as cidades-estado terins – todas elas, não apenas Camorr – a se erguerem das cinzas após o colapso do Trono Terim e a conquistarem algo semelhante a uma enérgica prosperidade... para determinados segmentos afortunados da população.

A escala de operações da travessa deixaria tontos a maioria dos pequenos lojistas. Um comerciante podia mover duas pedras em uma tábua de cálculo em Camorr e documentos lacrados seriam despachados para Lashane, onde quatro galeões tripulados por trezentas pessoas zarpariam rumo ao porto mais ao sul de Emberlane com os compartimentos de carga abarrotados de mercadorias impossíveis de serem descritas. Centenas de caravanas de comerciantes embarcavam para o continente ou dele chegavam todas as manhãs, solicitadas e especificadas por homens e mulheres bem-vestidos que teciam teias de comércio por milhares de quilômetros enquanto bebiam chá nas

salas dos fundos das casas de contabilidade.

Mas havia também os bandidos, alertados a estarem em determinados lugares em determinados momentos para garantir o desaparecimento de uma caravana com bandeira de determinado comerciante. Havia conversas sussurradas e dinheiro trocando de mãos sem qualquer registro formal, assassinos, alquimia negra e acordos discretos feitos por gangues, usura, fraude, especulação privilegiada. Eram centenas de práticas financeiras tão inteligentes e complexas que nem tinha nome próprio – manipulações de moedas e papéis que faziam Magos-Servidores se curvarem em reconhecimento à sua tortuosa sutileza.

O comércio era tudo isso e, em Camorr, quando se falava em práticas de negócios justas ou desonestas, em comércio na maior escala possível, um nome vinha à mente antes de todos os outros: *Meraggio*.

Giancana Meraggio era o sétimo de sua linhagem; fazia quase dois séculos e meio, sua família era proprietária e administradora da casa de contabilidade que levava seu nome. Em certo sentido, porém, o primeiro nome não era importante; na Meraggio, as pessoas só se referiam à Meraggio. “A Meraggio” se tornara um cargo.

A família fizera fortuna com a morte súbita do benquisto Duque Stravoli, morto de sezão durante uma visita oficial a Tal Verrar. Nicola Meraggio, capitã-comerciante de um brigue relativamente veloz, tinha sido a primeira a levar a notícia da morte do Duque até Camorr, onde gastara até seu último meio-barão para comprar e controlar todo o estoque de tecido preto para luto da cidade. Depois de revendê-lo a preços exorbitantes para que o funeral de Estado pudesse ocorrer com a pompa adequada, ela investira parte dos lucros em um pequeno café na avenida à margem do canal que no futuro viria a se chamar – em grande parte graças à sua família – Travessa dos Beija-Moedas.

Como se fosse uma manifestação externa das ambições da família, o prédio nunca permanecera do mesmo tamanho por muito tempo. Expandiu-se de repente, a intervalos regulares, consumindo estruturas próximas e ganhando puxados, andares e galerias, espalhando suas paredes como um filhote de passarinho que vai lentamente empurrando os ovos rivais ainda não eclodidos para fora do ninho.

Os primeiros Meraggios ganharam renome como ativos comerciantes e especuladores; eram homens e mulheres que proclamavam para quem quisesse ouvir a capacidade de arrancar mais lucros de fundos de investidores do que qualquer outro rival. O terceiro Meraggio digno de nota, Ostavo, ficara famoso por despachar um barco alegremente decorado todo dia de manhã para jogar 50 tirinos de ouro na parte mais funda da Baía de Camorr. Assim o fez todo dia, durante um ano inteiro, sem falhar uma vez sequer. “Posso fazer isso e, mesmo assim, ainda somar mais lucros ao fim de um dia do que qualquer outro”, gabava-se.

Os últimos Meraggios passaram a não investir tanto e a acumular mais, contando, guardando e emprestando dinheiro; foram alguns dos primeiros a reconhecer as fortunas estáveis que podiam ser ganhas agindo como facilitadores de comércio em vez de participantes diretos. Assim, a Meraggio agora era o centro de uma rede financeira com séculos de tradição que havia se transformado na carne e no sangue das cidades-estado terim: sua assinatura em um pedaço de pergaminho podia ter tanta importância quanto um exército no campo de batalha ou um esquadrão de navios de guerra nos mares.

Não sem motivo, às vezes se dizia que em Camorr existiam dois duques: Nicovante, o Duque do Vidro, e Meraggio, o Duque do Ferro Branco.

CAPÍTULO TREZE

Orquídeas e assassinos

1

NO DIA SEGUINTE, LOCKE LAMORA estava em pé diante dos degraus da Meraggio, bem no instante em que o relógio de água verrari dentro do saguão batia a décima hora da manhã. Caía uma chuva de verão morna e leve sob um céu branco-azulado e límpido em sua maior parte. O tráfego na Via Camorrazza estava no auge e barcaças de carga e barcos de passageiros duelavam por espaço com o mesmo entusiasmo reservado para manobras de combate.

Locke ainda tinha os cabelos grisalhos e usava uma barba postiça agora aparada até virar um modesto cavanhaque. Uma das coroas de Jean servira para proporcionar a Lamora roupas razoavelmente limpas no estilo de um mensageiro ou escrevente. Embora ele decerto não parecesse rico, era o próprio retrato de um empregado respeitável.

A Meraggio tinha quatro andares e era um híbrido de duzentos anos de estilos arquitetônicos: colunas, janelas em arco, fachadas de pedra e madeira laqueada. As galerias de espera externas, ao mesmo tempo decorativas e funcionais, eram cobertas por toldos de seda nas cores das moedas de Camorr: cobre, dourado, prateado e branco leitoso. Mesmo do lado de fora já era possível ver uma centena de Lukas Fehrwights, homens de negócios trajando casacos de corte elegante. Qualquer uma daquelas roupas valia vários anos de salário de um trabalhador comum.

Se Locke pousasse um dedo pouco gentil na manga de um casaco, os seguranças da Meraggio irromperiam pelas portas qual abelhas de uma colmeia sacudida. Seria uma corrida entre eles e os vários esquadrões de guardas citadinos que vigiavam aquela parte do canal – e o vencedor ganharia a honra de fazer seus miolos saírem pelas orelhas com o cassetete.

Tilintavam na bolsa de moedas de Locke 7 coroas de ferro branco, 8 tirinos de ouro e alguns sólos de prata. Ele estava totalmente desarmado. Tinha apenas uma vaga ideia do que faria ou diria caso aquele seu plano mambembe saísse errado.

– Guardiã Torto, eu vou entrar nessa casa de contabilidade e sair com aquilo de que preciso – sussurrou ele. – Gostaria da sua ajuda. E se não tiver a sua proteção, bem, maldito seja você. Sairei com aquilo de que preciso mesmo assim.

De cabeça erguida e queixo empinado, ele começou a subir os degraus.

– MENSAGEM PARTICULAR PARA KOREANDER Previn – falou para os seguranças a postos logo na entrada do saguão, passando uma das mãos pelos cabelos para tirar um pouco da água.

Eram três homens, todos vestidos com casacos de veludo bordô, calças pretas e camisas de seda preta. Seus botões dourados reluziam, mas os cabos das compridas facas de combate e cassetetes embainhados em seus cintos estavam gastos de tanto uso.

– Previn, Previn... – balbuciou um dos guardas, consultando uma lista encadernada em couro. – Humm. Galeria pública, 55. Não estou vendo nenhuma restrição para que ele receba gente sem hora marcada. O senhor sabe onde fica?

– Já estive aqui antes – respondeu Locke.

– Certo.

O segurança pousou a lista e empunhou uma tábua de ardósia que servia de prancheta para um pergaminho. Em seguida, pegou uma pena dentro de um tinteiro sobre uma mesinha.

– Nome e bairro.

– Tavrín Callas. Canto Norte.

– Sabe escrever?

– Não, senhor.

– Então basta fazer um xis aqui.

O segurança lhe estendeu a ardósia e Locke rabiscou um grande “X” preto ao lado de “TEVRIN CALLUS”. A caligrafia do segurança era melhor do que sua ortografia.

– Pode entrar – disse ele.

O andar principal da Meraggio – a galeria pública – era um mar de escrivaninhas e balcões, oito no sentido da largura e oito no do comprimento. À frente da maior parte das pesadas escrivaninhas, clientes conversavam animados, aguardavam com paciência ou discutiam acaloradamente. Atrás de cada uma, havia um comerciante, um cambista, um escrevente judiciário e um ajudante de escritório ou outro funcionário. Eles as alugavam da Meraggio, alguns ocupando-as todos os dias, outros só conseguindo pagar dias alternados junto com sócios. A luz do sol entrava no salão por compridas claraboias transparentes e o suave tamborilar da chuva era audível em meio à furiosa algaravia dos negócios.

De ambos os lados, quatro níveis de galerias com guarda-corpos de bronze subiam até o teto. Nos confins escuros mas confortáveis delas, ficavam os profissionais mais poderosos, ricos e estabelecidos. Eles eram conhecidos como sócios da Meraggio, embora a casa de contabilidade não compartilhasse com eles poder algum, mas apenas lhes concedesse um rol de privilégios que literalmente os situava acima dos homens e mulheres posicionados no piso principal.

Guardas relaxados, porém vigilantes, estavam postados em todos os cantos do prédio e garçons de casaco e calça preta com longos aventais bordô presos à cintura andavam apressados para lá e para cá. Nos fundos da Meraggio havia uma grande cozinha e sua adega de vinhos teria deixado orgulhosa qualquer taberna. Os negócios dos homens e mulheres da casa de contabilidade eram muitas vezes urgentes demais para que se perdesse tempo saindo ou mandando trazer comida. Alguns dos membros particulares, para todos os efeitos, praticamente moravam ali e só voltavam às suas casas para dormir e trocar de roupa, e mesmo assim só porque a Meraggio fechava as portas logo depois da Falsaluz.

Com um andar calmo e seguro, Locke chegou à mesa 55 da galeria pública. Koreander Previn era um escrevente jurídico que ajudara os Sanzas a abrir contas legítimas em nome de Evante Eccari muitos anos antes. Pela lembrança de Locke, ele era mais ou menos do seu tamanho; rezou consigo mesmo para que o sujeito não tivesse desenvolvido um gosto por comidas pesadas desde então.

– Pois não – disse Previn, que felizmente permanecia magro como sempre. – Em que posso ajudá-lo?

Locke examinou o casaco de corte folgado e frente aberta que ele usava, verde-claro com debruns amarelo-ouro nas mangas pomposas roxas. Previn tinha um bom olho para moda e, aparentemente, era cego feito uma estátua de bronze no que dizia respeito às cores.

– Mestre Previn, meu nome é Tavrín Callas, e estou com um problema muito singular que o senhor talvez possa resolver, embora eu deva alertá-lo de que está um tanto fora do escopo de seus deveres habituais.

– Eu sou escrevente jurídico e meu tempo em geral é contado quando estou sentado com um cliente. O senhor sugere se tornar um?

– O que eu tenho a sugerir poria nada menos de 5 coroas inteiras no seu bolso, talvez hoje mesmo à tarde.

Locke passou uma das mãos pela borda da mesa de Previn e fez uma coroa de ferro branco surgir ali como por magia. Sua técnica foi um pouco hesitante, mas Previn não parecia conhecer aquela habilidade, pois arqueou as sobrancelhas.

– Entendo... O senhor *tem* a minha atenção, mestre Callas.

– Ótimo, ótimo. Espero que em breve eu tenha também a sua enérgica cooperação. Mestre Previn, eu sou representante de um consórcio cujo nome, com toda honra, preferiria não mencionar. Embora tenha nascido em Camorr, vivo e trabalho em Talisham. Hoje à noite tenho um jantar marcado com vários contatos muito importantes, entre eles um Dom, para conversar sobre o assunto profissional do qual fui enviado a Camorr para tratar. Eu, ahn... Estou muito constrangido, mas temo ter sido vítima de um roubo um tanto significativo.

– Um roubo, mestre Callas? Como assim?

– Meu guarda-roupa. Todas as minhas roupas e todos os meus pertences foram roubados enquanto eu dormia. O mestre-taberneiro, que a ruína acometa o pilantra, alega não poder assumir qualquer responsabilidade pelo crime e insiste que eu devo ter deixado a porta destrancada.

– Posso recomendar um advogado adequado para cuidar de um caso assim. – Previn abriu uma gaveta da mesa e começou a vasculhar os pergaminhos lá dentro. – O senhor pode processar o mestre-taberneiro no Tribunal de Queixas Comuns, no Palácio da Paciência. Se conseguir um oficial da guarda para corroborar sua história, pode levar só cinco ou seis dias. E eu posso preparar todos os documentos necessários para...

– Mestre Previn, me desculpe. Essa é uma atitude sensata e, na maioria das outras circunstâncias, eu a teria adotado de bom grado e lhe pedido para preparar qualquer formulário que fosse preciso. Só que eu não tenho cinco ou seis dias; infelizmente, tenho apenas horas. O jantar, meu senhor, o jantar é hoje à noite, como falei.

– Humm, o senhor não poderia remarcar o jantar? Com certeza seus colegas iriam entender, em um caso tão extremo... nessa eventualidade tão desafortunada.

– Ah, quem me dera. Mas, mestre Previn, como posso aparecer diante deles e lhe pedir para confiar dezenas de milhares de coroas às especulações do meu consórcio quando nem sou digno da confiança de manter seguro meu próprio guarda-roupa? Eu estou... estou muito constrangido. Tenho medo de perder o negócio, deixar que me escape entre os dedos. O Dom de quem falo, ele é... é uma espécie de excêntrico. Temo que ele não vá tolerar uma irregularidade como essa que a minha situação apresenta. Temo que, caso ele se desagrade uma vez, não vá querer me encontrar de novo.

– Que interessante, mestre Callas. Suas preocupações talvez sejam... válidas. Confiarei no senhor para julgar melhor o temperamento de seus associados. Mas como posso ajudá-lo?

– Nós somos de um tamanho parecido, mestre Previn – respondeu Locke. – Somos de um tamanho parecido e eu muito aprecio seu olhar sutil para cortes e cores... O senhor tem um gosto singular. O que proponho é que me empreste um conjunto de roupas adequado, com todos os adornos e acessórios necessários. Eu lhe darei 5 coroas como garantia de que as peças serão tratadas com cuidado e, quando não precisar mais delas e as tiver devolvido, o senhor poderá ficar com a garantia.

– O senhor, ahn... quer que eu *lhe empreste* algumas das minhas roupas?

– Sim, mestre Previn, com meus agradecimentos pela sua consideração. Sua ajuda seria inestimável. Ouso dizer que meu consórcio não seria pouco generoso.

– Humm. – Previn fechou a gaveta da mesa e uniu as pontas dos dedos sob o queixo, franzindo a testa. – Está propondo me pagar uma garantia que representa mais ou menos um sexto do valor das roupas que eu estaria lhe emprestando caso o senhor fosse se vestir para uma festa com um Dom. Um sexto, no mínimo.

– Eu, ahn, garanto ao senhor, mestre Previn, que com a única exceção desse desafortunado roubo eu sempre me considerei a cautela em pessoa. Cuidarei de suas roupas como se a minha vida dependesse disso... como *de fato* depende. Se essas negociações falharem, eu provavelmente estarei desempregado.

– Isso é muito... muito pouco usual, mestre Callas. Algo bem irregular de se pedir. Para que consórcio o senhor trabalha?

– Eu... estou com vergonha de dizer, mestre Previn. Tenho medo de que a minha situação tenha uma influência ruim sobre eles. Só estou tentando cumprir meu dever junto a eles, entende?

– Entendo, entendo, mas o senhor precisa compreender que nenhum homem pode se considerar sensato se der 30 coroas a um desconhecido em troca de 5 sem... sem algo mais do que garantias enfáticas. Com todo o respeito, mas é assim que deve ser.

– Muito bem. Eu trabalho para o Consórcio Mercantil do Mar de Ferro Ocidental, baseado em Tal Verrar.

– Consórcio Mercantil do Mar de Ferro Ocidental... hummm. – Previn abriu outra gaveta na mesa e folheou um pequeno maço de papéis. – Tenho aqui o catálogo da Meraggio deste ano, o Septuagésimo Oitavo Ano de Aza Guilla, mas... Tal Verrar... Não há nenhum registro do Consórcio Mercantil do Mar de Ferro Ocidental.

– Ah, que droga, o mesmo velho problema – praguejou Locke. – Nós fomos incorporados no segundo mês do ano, logo ainda somos novos demais para constar na lista. Tem sido uma chateação

e tanto, acredite.

– Mestre Callas, compadeço-me do senhor, realmente me compadeço, mas essa situação é... Queira me perdoar, senhor... mas essa situação é irregular demais para eu me sentir à vontade. Temo não poder ajudá-lo, mas rezo para que arrume algum jeito de aplacar seus sócios.

– Mestre Previn, eu lhe imploro, por favor...

– Esta reunião está encerrada, meu senhor.

– Então estou condenado. Não tenho esperança alguma. Suplico-lhe que reconsidere, senhor...

– Eu sou um escrevente jurídico, mestre Callas, não um roupeiro. Esta conversa está encerrada.

Desejo-lhe boa sorte e um *bom dia*.

– Não há nada que eu possa dizer que ao menos aumente a possibilidade de...

Previn tocou três vezes um pequeno sino de bronze na borda de sua mesa e seguranças começaram a surgir da multidão próxima. Locke recolheu sua moeda de ferro branco de cima do tampo e suspirou.

– Este senhor deve ser acompanhado para fora do estabelecimento – falou Previn quando um dos seguranças da Meraggio pousou a mão enluvada sobre o ombro de Locke. – Queiram tratá-lo com toda a cortesia.

– Certamente, mestre Previn. Quanto ao senhor, por aqui – disse o segurança enquanto nada menos do que três homens atarracados ajudavam Locke a se levantar.

Em seguida, eles o escoltaram com entusiasmo pelo corredor principal da galeria pública, pelo saguão e escada abaixo. A chuva tinha cessado, e um cheiro fresco de vapor se erguia das pedras mornas do calçamento da cidade.

– Seria melhor não tornarmos a nos ver – recomendou um dos seguranças.

Três deles ficaram ali, olhando para Locke, enquanto negociantes subiam a escada à sua volta ignorando-o por completo. O mesmo não se podia dizer dos casacas-amarelas, que o encaravam interessados.

– Que merda – resmungou baixinho, e partiu a passo célere rumo ao sudoeste.

Iria atravessar uma das pontes até a Videnza, pensou, e lá encontraria um alfaiate...

3

O RELÓGIO DE ÁGUA BATIA o meio-dia quando Locke voltou ao pé da escada da Meraggio. As roupas claras de “Tavrin Callas” haviam sumido: ele agora vestia um gibão de algodão escuro, uma calça preta barata e meias pretas, e seus cabelos estavam escondidos por uma boina de veludo preto. O cavanhaque fora arrancado sob duras penas – algum dia ele aprenderia a carregar sempre consigo um bálsamo dissolvente de adesivo – e Locke usava um farto bigode. Tinha as bochechas vermelhas e as roupas já molhadas de suor em vários lugares. Segurava apertado um pergaminho enrolado em branco e imprimiu à voz um leve sotaque talishani ao se dirigir aos escreventes no saguão:

– Preciso de um escrevente jurídico. Não tenho hora marcada nem sócios aqui. Posso aguardar o primeiro que ficar disponível.

– Um escrevente jurídico, certo. – O já conhecido segurança consultou suas listas. – Pode tentar

Daniella Montagu, galeria pública, mesa 16. Ou quem sabe... Etienne Acalo, mesa 36. De toda forma, há uma área gradeada para espera.

– O senhor é muito gentil.

– Nome e bairro?

– Galdo Avrillaigne. Sou de Talisham.

– O senhor escreve?

– Na verdade, faço negociações – respondeu Locke.

O segurança o encarou durante vários segundos até um dos outros em pé atrás de Locke dar uma risadinha. Os sintomas de uma compreensão tardia se estamparam no rosto do segurança da lista, mas ele não pareceu achar muita graça.

– Assine ou faça sua marca aqui, mestre Avrillaigne.

Locke aceitou a pena que o homem lhe estendia e desenhou uma assinatura fluida e rebuscada junto ao nome “GALLDO AVRILLANE” que ele havia escrito, em seguida adentrou a casa de contabilidade com um meneio de cabeça simpático.

Enquanto fingia uma bem-humorada desorientação, correu os olhos mais uma vez pela galeria pública. Em vez de se acomodar na área de espera delimitada por grades de bronze, encaminhou-se direto para o bem-vestido rapaz atrás da mesa 22, que escrevia furiosamente sobre um pedaço de pergaminho e no momento não tinha nenhum cliente a distraí-lo. Locke se sentou na cadeira em frente à mesa e pigarreou.

O rapaz ergueu os olhos; era um camorri magro de cabelos castanhos penteados para trás e ópticos emoldurando olhos grandes e sensíveis. Usava um casaco creme cujo forro cor de ameixa era visível dentro dos punhos, combinando com a túnica e com o colete. Os lenços de pescoço cheios de babados eram compostos por camadas creme e roxo-escuras. Um certo ar de dândi, talvez, e alguns centímetros mais alto do que Locke, mas essa era uma dificuldade fácil de resolver.

– Uma pergunta: o que o senhor acharia de pôr 5 coroas de ferro branco no bolso antes de a tarde acabar? – indagou Locke com seu tom de voz mais animado e mais simpático de “sou de fora da cidade”.

– Eu... O quê... Cinco... Parece que o senhor me pegou desprevenido. Em que posso ajudá-lo e quem é o senhor?

– Meu nome é Galdo Avrillaigne. Sou de Talisham.

– Não me diga. Cinco coroas, o senhor disse? Eu em geral não cobro tanto assim pelos meus serviços, mas gostaria de ouvir o que tem em mente.

– Seus serviços, quer dizer, seus serviços profissionais não são do que eu necessito, mestre...?

– Magris, Armand Magris. Mas o senhor não sabe quem eu sou e não quer o meu...

– Ferro branco, eu disse. – Locke pegou a mesma moeda que havia depositado duas horas antes sobre a mesa de Koreander Previn. Fez com que parecesse surgir do meio de seus dedos fechados e ficasse parada ali; nunca havia dominado a técnica dos Sanzas de fazer moedas andarem por cima das articulações. – Cinco coroas de ferro branco por um serviço pequeno, ainda que pouco usual.

– Pouco usual em que sentido?

– Tenho enfrentado uma onda de relativa má sorte, mestre Magris. Sou representante comercial da Strollo e Filhos, o mais importante fabricante de doces de toda Talisham, fornecedor de

confeitos e sobremesas. Peguei um navio de Talisham para vir encontrar vários clientes potenciais aqui em Camorr... clientes de alto escalão, devo lhe dizer. Dois Dons e suas esposas, que desejam o auxílio de meus patrões para alegrar suas mesas com novas experiências gustativas.

– O senhor deseja que eu prepare documentos para uma sociedade em potencial ou para alguma venda?

– Nada tão trivial assim, mestre Magris, nada tão trivial assim. Queira por favor escutar a integralidade do meu infortúnio. Fui enviado a Camorr por mar com vários embrulhos sob minha responsabilidade, que continham preparados feitos com calda de açúcar de excelência e delicadeza incomparáveis, confeitos que nem os seus célebres mestre-cucas camorris jamais conceberam: doces recheados com cremes alquímicos... tortas de canela com glacê de conhaque de Austershalin de Emberlane... De fato, maravilhas. Tinha um jantar marcado com nossos possíveis clientes para garantir que eles ficassem adequadamente assoberbados de entusiasmo pelas artes dos meus patrões. As simples quantias envolvidas no fornecimento de doces para banquetes de festivais são, bem... É uma encomenda muito importante.

– Não duvido – comentou Magris. – Parece um trabalho muito agradável.

– E seria mesmo, não fosse por um detalhe infeliz. O navio que me trouxe até aqui, embora tenha sido tão veloz quanto o prometido, estava totalmente infestado por ratos.

– Ai, ai... Não me diga que...

– Sim – interrompeu Locke. – Minhas mercadorias. Minhas excelentes mercadorias estavam acondicionadas em embrulhos um tanto leves. Eu as guardei fora do compartimento de carga e, infelizmente, isso parece apenas ter facilitado o trabalho dos ratos. Eles se atiraram com ganas sobre os meus doces e tudo o que eu trazia foi destruído.

– Fico triste em saber da sua perda. Como posso ajudá-lo?

– Minhas mercadorias estavam guardadas com as minhas roupas. E esse é o constrangimento que vem coroar minha situação. Com os estragos causados pelos dentes dos roedores e por seus, ahn, rejeitos, se me permite a indelicadeza... meu guarda-roupa ficou inteiramente arruinado. Eu usei roupas simples na viagem e agora este é o único conjunto completo que possuo.

– Pelo amor dos Doze, que situação! Seu patrão tem conta aqui na Meraggio? O senhor tem algum crédito que deseje sacar para comprar roupas?

– Infelizmente não – respondeu Locke. – Nós temos cogitado abrir uma conta; eu defendo isso há tempos. Mas o fato é que não temos uma conta dessas para me ajudar agora e meu compromisso de jantar esta noite é muito urgente, muito urgente mesmo. Embora eu não possa apresentar os doces, posso pelo menos apresentar a mim mesmo como desculpa... Não desejo causar ofensa. Um de nossos clientes em potencial é, ahn, um homem muito exigente e cheio de manias. *Muito* exigente e cheio de manias. Não aparecer seria uma desfeita. Ele sem dúvida espalharia entre os seus conhecidos a notícia de que a Strollo e Filhos não é uma empresa digna de confiança. Haveria consequências não apenas para nossas mercadorias, mas para nossa própria reputação, entende?

– Sim, alguns Dons podem ser... muito rígidos em seus costumes. Mas ainda não consigo entender onde entra a minha ajuda nessa história.

– Nós temos um tamanho parecido, meu senhor, um tamanho por sorte parecido. E o seu gosto, ora, mestre Magris, o seu gosto é estupendo. Nossa preferência em matéria de corte e estilo é tão

parecida que poderíamos ser dois irmãos que não se veem há tempos. O senhor é um pouco mais alto do que eu, mas certamente poderei suportar isso pelas poucas horas necessárias. Eu lhe pediria, meu senhor, ou melhor, lhe *imploraria*... que me ajudasse emprestando-me um conjunto de roupas adequado. Preciso jantar com os Dons hoje à noite; ajude-me a ficar apresentável para que meus patrões consigam salvar seu nome nessa história.

– O senhor deseja... deseja pegar emprestados um casaco e uma calça, meias e sapatos, e todos os adornos e adereços?

– Isso mesmo, e prometo sinceramente tomar cuidado com cada costura como se fosse a última do mundo. Além do mais, proponho lhe deixar como garantia 5 coroas de ferro branco. Guarde-as até eu devolver cada fio das suas roupas e depois pode ficar com elas. Decerto isso representa um mês ou dois de pagamento, por tão pouco trabalho.

– Isso é, é... é uma soma muito generosa. Entretanto, é também... um tanto estranho, como estou certo de que o senhor sabe – disse Magris, que parecia tentar reprimir um sorriso.

– Sei perfeitamente, meu senhor. Será que não posso inspirá-lo a sentir alguma pena de mim? Meu orgulho não é tanto que me impeça de implorar, mestre Magris. O que está em jogo é mais do que o meu emprego: é a reputação de meus patrões.

– Sem dúvida, sem dúvida. Uma pena os ratos não falarem terim, pois aposto que eles dariam um excelente depoimento.

– Seis coroas de ferro branco. Eu posso abrir minha bolsa esse tanto. Imploro ao senhor...

– Cuin cuin, diriam eles, cuin cuin. E que ratinhos mais gordinhos iriam ficar depois disso, que patifes mais roliços. Dariam seu depoimento e implorariam para serem postos em um navio de volta a Talisham para prosseguir seu banquete. A sua Strollo e Filhos poderia ter empregados leais para a vida inteira, embora sejam pequeninos.

– Mestre Magris, isso é muito...

– O senhor na verdade não é de Talisham, é?

– Mestre Magris, *por favor*.

– É um daqueles testes da Meraggio, não é? Igual àquele que enganou a pobre Willa no mês passado. – Magris não conseguiu mais conter a própria alegria; era evidente que estava de fato muito satisfeito consigo mesmo. – Pode avisar ao caro mestre Meraggio que a minha dignidade não desaparece diante da visão de um pouco de ferro branco; eu jamais desonraria este estabelecimento participando de uma brincadeira assim. Pode transmitir a ele os meus melhores cumprimentos?

Locke já experimentara a frustração em várias ocasiões na vida, logo foi bastante fácil reprimir o impulso de pular em cima da mesa de Magris e esganá-lo. Contendo um suspiro, deixou os olhos passearem pelo recinto por uma fração de segundo... e eis que ali estava Meraggio em pessoa, observando o térreo de uma das galerias do primeiro andar.

Giancana Meraggio usava um casaco comprido no estilo elegante mais atual, largo e aberto, com punhos largos e botões de prata polida em lugares desnecessários. O casaco, a calça e os lenços de pescoço tinham o mesmo agradável tom de azul que o céu adquiria logo antes da Falsaluz. Apesar de pouca ostentação superficial, eram roupas de qualidade, luxuosas e sutis de uma forma que tornava aparente o seu custo sem ofender os sentidos. Aquele tinha de ser Meraggio, pois havia uma orquídea presa à lapela direita de seu casaco: a única afetação dele era enfeitar as roupas todos os

dias com uma flor daquelas recém-colhida.

A julgar pelos consultores e ajudantes em pé ao seu lado, Locke calculou que Meraggio era muito próximo da sua própria altura e corpulência.

O plano pareceu surgir do nada: varreu sua mente como um bando de invasores que aborda um navio. Em um piscar de olhos, viu-se subjugado por ele e pôde visualizá-lo diante de si com bastante nitidez. Abandonou o sotaque talishani e retribuiu o sorriso de Magris.

– Ah, mestre Magris, o senhor é esperto demais. Meus parabéns, teve plena razão em recusar. E não tenha medo: eu mesmo irei relatar a Meraggio o ocorrido, agorinha mesmo e sem demora. Sua perspicácia não passará despercebida aos olhos dele. Agora, se me dá licença...

4

NOS FUNDOS DA MERAGGIO FICAVA uma entrada de serviço localizada em um beco largo, por onde chegavam as entregas destinadas às despensas e cozinhas. Era ali também que os garçons faziam suas pausas no trabalho: os recém-chegados tinham direito a poucos minutos enquanto os funcionários mais antigos da casa podiam gozar de até meia hora para relaxar e comer entre um turno e outro no salão. Um único segurança entediado estava encostado na parede junto à porta de serviço, com os braços cruzados. Ao ver Locke se aproximar, ficou mais alerta.

– O que deseja?

– Só queria falar com alguns dos garçons ou talvez um dos intendentess da cozinha.

– Isto aqui não é um parque público. É melhor ir passear em outro lugar.

– Seja camarada – pediu Locke. Um sólon surgiu em uma de suas mãos e foi erguido a uma distância conveniente para o segurança alcançar. – Estou procurando emprego, só isso. Quero apenas conversar com alguns dos garçons e intendentess, pode ser? Os que estiverem no intervalo. Não vou atrapalhar mais ninguém.

– Bem, é bom não atrapalhar mesmo. – O segurança fez a moeda de prata desaparecer no bolso. – E não demore.

Logo depois da entrada de serviço, a sala de recebimento era simples, malcheirosa e com um pé-direito baixo. Meia dúzia de garçons silenciosos estavam recostados nas paredes ou andavam de um lado para outro; um ou dois bebericavam chá enquanto o restante parecia apenas saborear o prazer frugal de não fazer nada. Locke os avaliou rapidamente, escolheu o mais próximo de sua altura e corpulência e se aproximou de um homem de 30 e poucos anos com uma cara de buldogue e a cabeça já meio calva.

– Preciso da sua ajuda. Valendo 5 coroas, e vai levar só alguns minutos.

– Quem diabos é você?

Locke segurou a mão do garçom e depositou ali com um estalo uma moeda de ferro branco. O homem se retraiu antes de olhar para o que havia na palma. Seus olhos pareceram querer saltar das órbitas.

– Lá no beco – disse Locke. – Precisamos conversar.

– Pelos deuses, precisamos com certeza – concordou o garçom.

Locke o conduziu pela porta de serviço e pelo beco lá fora até chegarem a 12 metros de segurança, além do alcance de seus ouvidos.

– Eu trabalho para o Duque. Preciso mandar um recado para Meraggio, mas não posso ser visto dentro da casa de contabilidade vestido como eu próprio. Existem... complicações.

Ele acenou para o garçom com as páginas de pergaminho enroladas em um cilindro apertado.

– Eu, ahn, posso entregar isso para o senhor.

– Eu tenho ordens – retrucou Locke. – Deve ser entregue impreterivelmente em mãos. Preciso entrar despercebido naquele salão. Vai levar só cinco minutos. Como eu disse, está valendo 5 coroas. Dinheiro vivo e legítimo, hoje à tarde mesmo. Preciso me vestir de garçom.

– Que merda. Em geral temos alguns uniformes sobressalentes disponíveis... casacos pretos e alguns aventais. Você poderia vestir um desses, mas hoje é dia de lavanderia. Não há roupa nenhuma por aqui.

– É claro que há. Você está usando exatamente aquilo de que eu preciso.

– Espere um instante. Não vai ser possível...

Locke tornou a segurar a mão do homem e depositou ali mais 4 coroas de ferro branco.

– Você algum dia já teve tanto dinheiro assim na vida?

– Pelos doze deuses, não – sussurrou o garçom. Ele passou a língua pelos lábios, encarou Locke por um ou dois segundos e meneou a cabeça de leve. – O que tenho de fazer?

– Basta me seguir. Vamos tornar tudo fácil e rápido.

– Eu tenho uns vinte minutos até precisar voltar para o salão.

– Depois que eu acabar, isso não vai ter importância. Vou dizer a Meraggio que você ajudou a nós dois. Não haverá problema algum para o seu lado.

– Ahn, está bem. Para onde vamos?

– Vamos só dobrar aquela esquina ali... Precisamos de uma hospedaria.

A Sombra Acolhedora ficava em frente à Meraggio, do outro lado do quarteirão. Era razoavelmente limpa, barata e sem luxos, o tipo de lugar que hospedava mensageiros, estudiosos, escreventes, ajudantes e funcionários menos graduados. Era um quadrado de dois andares construído em volta de um espaço aberto no meio, em estilo semelhante a uma chácara da época do Trono Terim. No meio desse pátio ficava uma oliveira alta cujas folhas farfalhavam agradavelmente sob o sol.

– Um quarto com janela, só por hoje – pediu Locke, depositando algumas moedas sobre o balcão.

O dono da hospedaria se adiantou depressa, com a chave na mão, para mostrar a Locke e ao garçom um quarto no primeiro andar com o número “9” na porta.

O cômodo tinha dois catres dobráveis, uma janela de papel impermeável, um pequeno armário e só. O dono da Sombra Acolhedora se curvou ao sair e manteve a boca fechada. Assim como a maioria dos donos de hospedarias em Camorr, qualquer pergunta que ele pudesse ter em relação aos hóspedes ou às suas atividades tendia a desaparecer assim que a prata encostava no balcão.

– Qual é o seu nome?

Locke fechou a porta e passou o trinco.

– Benjavier – respondeu o garçom. – O senhor, ahn, tem certeza... de que isso vai funcionar como está dizendo que vai?

A resposta de Locke foi sacar uma bolsinha de moedas e depositá-la na mão de Benjavier.

– Aí dentro tem mais 2 coroas inteiras, além do que você vai receber. Isso e mais um pouco de ouro e prata. Minha palavra vale tanto quanto meu dinheiro e você pode guardar essa bolsinha como garantia aqui até eu voltar.

– Pelos deuses. Isso tudo... isso tudo é muito estranho. Pergunto-me o que terei feito para merecer uma sorte incrível dessas.

– A maioria dos homens não faz nada para merecer o que os deuses lhes enviam. Vamos cuidar de nosso assunto?

– Sim, sim.

Benjavier desamarrou o avental e o jogou para Locke, então começou a tirar o casaco e a calça. Locke retirou a boina de veludo.

– Cabelos grisalhos, ora, ora. O senhor não aparenta a idade que tem... no rosto, quero dizer.

– Sempre fui abençoado com traços juvenis – explicou Locke. – Isso me trouxe algumas vantagens no serviço ao Duque. Vou precisar dos seus sapatos também... Os meus ficariam bem deslocados com este uniforme elegante.

Os dois homens tiraram depressa as roupas e Locke se vestiu até ficar em pé no meio do quarto paramentado da cabeça aos pés como um garçom da Meraggio, com o avental bordô amarrado na cintura. Benjavier se reclinou sobre um dos catres de dormir usando apenas a túnica interior e um tapa-sexo e ficou fazendo a bolsinha de moedas tilintar de mão em mão.

– Então? Como estou?

– Muito chique – respondeu o garçom. – Não vai chamar atenção nenhuma.

– Ótimo. Você, por sua vez, está parecendo um homem rico. Espere aqui com a porta trancada, não vou demorar. Baterei na porta exatamente cinco vezes, entendeu?

– Ótimo.

Locke fechou a porta atrás de si, desceu a escada às pressas, atravessou o pátio e saiu para a rua outra vez. Pegou o caminho mais comprido para voltar à Meraggio a fim de entrar pela frente e evitar o segurança junto à porta dos fundos.

– Você não deve entrar e sair por aqui – disse o segurança da lista quando ele irrompeu saguão adentro, corado e suando.

– Eu sei, me desculpe. – Locke lhe acenou com o rolo de pergaminho. – Mandaram-me buscar isto aqui para um dos escreventes... um dos membros particulares da galeria, devo dizer.

– Ah, sinto muito. Não vamos atrasá-lo, pode passar.

Locke se juntou pela terceira vez à multidão no salão térreo da Meraggio, satisfeito com os poucos olhares que atraiu enquanto seguia apressado. Serpenteou com habilidade entre homens e mulheres bem-vestidos e esquivou-se do caminho de garçons que carregavam bandejas de prata cobertas. Tomou cuidado para menear a cabeça de modo amigável e familiar para esses homens que passavam. Em poucos instantes, achou o que estava procurando: dois seguranças recostados em uma parede dos fundos, conversando, com as cabeças próximas.

– Senhores, depressa – falou Locke, aproximando-se deles; cada um devia ultrapassar seu peso em pelo menos 30 quilos. – Algum de vocês conhece um sujeito chamado Benjavier? É um dos meus colegas garçons.

– Conheço de vista – respondeu um dos seguranças.

– Ele está na merda até o pescoço. Está lá na Sombra Acolhedora e acaba de fracassar em um dos testes de Meraggio. Preciso ir buscá-lo e me disseram para chamar vocês dois para me ajudar.

– Um dos testes de Meraggio?

– Vocês sabem, como o que ele fez com Willa.

– Ah, sim, aquela ajudante de escritório da seção pública. Benjavier, você disse? O que ele fez?

– Entregou Meraggio, que não está nada contente. Nós precisamos mesmo fazer isso depressa.

– Ahn... claro, claro.

– Pelo lado, pela entrada de serviço.

Locke se posicionou com muito cuidado de modo a fazer parecer que estava caminhando confiante com os seguranças, porém, na realidade, os seguia pelas cozinhas, corredores de serviço e, por fim, pela sala de recebimento de mercadorias. Assumiu a dianteira e os dois seguiram em seu encalço quando ele saiu para o beco e acenou casualmente para o segurança ali recostado, que não deu qualquer sinal de o ter reconhecido. O próprio Locke já tinha visto dezenas de garçons e, sem dúvida, um desconhecido poderia se fazer passar por garçom por algum tempo.

Poucos minutos depois, bateu com força cinco vezes na porta do quarto 9 da Sombra Acolhedora. Benjavier abriu uma fresta da porta que Locke escancarou com um empurrão, assumindo alguns dos trejeitos que usara ao se fazer passar por Meia-Noite para dar um sermão em Salvara.

– Era um teste de lealdade, Benjavier – falou, adentrando o quarto a passos firmes e com o olhar frio. – Um teste de *lealdade*. E você não passou. Levem-no e prendam-no, rapazes.

Os dois seguranças avançaram para segurar o garçom seminu que os encarava, chocado.

– Mas eu... mas eu não... Mas você disse...

– O seu trabalho é servir aos clientes de Meraggio e fazer jus à sua confiança. O meu é encontrar e lidar com homens que *não* são dignos da sua confiança. Você me vendeu seu maldito uniforme. – Locke recolheu da cama a bolsinha de moedas, guardando dentro as coroas de ferro branco. – Eu poderia ser um ladrão. Poderia ser um assassino. E você teria me deixado ir até mestre Meraggio com o disfarce perfeito.

– Mas você... Ah, pelos deuses, você não pode estar falando sério, isso não pode estar acontecendo!

– Estes homens por acaso não estão lhe parecendo sérios? Sinto muito, Benjavier. Não é nada pessoal... mas você tomou uma péssima decisão. – Locke segurou a porta aberta. – Certo, levem-no daqui. Voltem para a Meraggio o mais rápido que puderem.

Benjavier pôs-se a chutar, rosnar e gritar.

– Não, não, vocês não podem, eu fui leal durante toda...

Locke segurou seu queixo e o fitou nos olhos.

– Se você revidar, se chutar, gritar ou continuar a fazer esse escarcéu, essa questão vai sair da alçada da Meraggio, entendeu? Nós vamos chamar a guarda. Vamos levá-lo a ferros para o Palácio da Paciência. Mestre Meraggio tem muitos amigos no palácio... O seu caso talvez passe alguns meses esquecido. Você talvez tenha que ficar sentado dentro de uma gaiola refletindo sobre os próprios erros até as chuvas do inverno começarem a cair. Estou sendo claro?

– Sim. – Benjavier soluçou. – Ai, meus deuses, eu sinto muito, sinto muito...

– Não é comigo que você precisa se desculpar. Agora, como falei, vamos levá-lo depressa. Mestre

Meraggio vai querer dar uma palavrinha com ele.

Locke seguiu na frente de volta até a casa de contabilidade; apesar dos soluços, Benjavier estava dócil. Locke adentrou a sala de recebimento, passou direto pelo espantado segurança junto à porta de serviço e bradou:

– Esvaziem este recinto! *Agora.*

Alguns dos garçons que descansavam fizeram cara de quem talvez fosse discutir, mas a visão de Benjavier em trajes sumários e seguro com firmeza pelos dois seguranças pareceu convencê-los de que algo estava muito errado. Eles se retiraram depressa e Locke se virou para os seguranças.

– Segurem-no aqui. Vou chamar mestre Meraggio e voltaremos daqui a pouco. Este recinto deve ficar vazio até voltarmos. Os garçons que descansam em outro lugar.

– Ei, o que está acontecendo? – O segurança da porta de serviço espichou a cabeça para dentro da sala.

– Se der valor ao seu emprego, fique de olho nesse beco e não deixe ninguém mais entrar. Meraggio vai descer daqui a pouco e deve estar de mau humor. Seria melhor não atrair sua atenção.

– Acho que ele tem razão, Laval – disse um dos seguranças que segurava Benjavier.

– Ahn... claro, claro. – O segurança da porta de serviço desapareceu.

– Quanto a você – continuou Locke, chegando mais perto de Benjavier –, como já falei, não é nada pessoal. Posso lhe dar um conselho? Não faça joguinhos. Não invente histórias: não se pode mentir para Meraggio. Nenhum de nós poderia, nem em nosso dia mais inspirado. Confesse logo e pronto. Seja totalmente franco. Entendeu bem?

– Sim, sim, por favor, eu farei qualquer coisa... – respondeu Benjavier, fungando.

– Não precisa fazer *nada*. Mas se quiser que mestre Meraggio seja leniente ou compreensivo, confesse, pelo amor dos deuses, e confesse logo. Sem joguinhos, lembra?

– Es-está bem, sim, qualquer coisa...

– Volto daqui a pouquinho – arrematou Locke, girando nos calcanhares e seguindo em direção à porta.

Ao sair da sala, permitiu-se um breve sorriso de ironia e prazer; os dois seguranças agora pareciam sentir tanto medo dele quanto o garçom. Estranho como era fácil criar autoridade a partir do nada, a não ser de um pouco de atrevimento e imaginação. Ele passou pelos corredores de serviço e pelas cozinhas e tornou a adentrar o salão principal.

– Com licença – falou ao primeiro segurança com quem cruzou –, mestre Meraggio está na galeria de sócios? – Acenou com o pergaminho como se fosse um assunto urgente.

– Até onde sei, ele está no terceiro andar ouvindo relatórios.

– Muito grato.

Com um meneio de cabeça para a dupla de seguranças no pé da escada, Locke subiu os largos degraus de ferro preto que conduziam até a primeira galeria de sócios. Embora seu uniforme parecesse funcionar como garantia suficiente do privilégio de estar ali, ele manteve o pergaminho seguro de forma visível com as duas mãos, por vias das dúvidas. Correu os olhos pela galeria do primeiro andar e, como não viu sinal de sua presa, continuou a subir.

Encontrou Giancana Meraggio no terceiro andar, exatamente como o segurança dissera. Distraído, o magnata observava a galeria pública, escutando dois esmiuçadores às suas costas lerem

em tabuletas de cera números que pouco significavam para Locke. Meraggio não parecia ter um guarda-costas consigo; aparentemente, sentia-se seguro o suficiente dentro dos limites de seu reino comercial. Melhor ainda. Deliciando-se com a arrogância daquele gesto, Locke chegou bem perto dele e ficou parado aguardando ser notado.

Os esmiuçadores e vários sócios ali perto na galeria começaram a murmurar entre si. Alguns segundos depois, Meraggio se virou e deixou repousar sobre Locke a total potência de seu olhar que parecia um lampião de tormenta. Em instantes, sua irritação se transformou em desconfiança.

– Você não trabalha para mim – afirmou Meraggio.

– Trago os cumprimentos de Capa Raza, de Camorr – explicou Locke em voz baixa e respeitosa. – Tenho um assunto muito sério para trazer à sua atenção, mestre Meraggio.

O dono da casa de contabilidade o encarou alguns segundos, em seguida tirou os ópticos e os guardou em um dos bolsos do casaco.

– Quer dizer então que é verdade. Tinha ouvido dizer que Barsavi levava o fim que acomete toda carne... e agora seu patrão me manda um lacaio. Quanta gentileza a dele. Qual é o seu assunto?

– O assunto dele é bastante congruente com o seu, mestre Meraggio. Estou aqui para salvar a sua vida.

Meraggio deu um muxoxo.

– Minha vida está longe de correr perigo, meu amigo de trajes inadequados. Isto aqui é a minha casa e bastaria eu dizer duas palavras para qualquer segurança aqui cortar fora o seu saco. Se eu fosse você, começaria a explicar onde arrumou esse uniforme.

– Comprei de um de seus garçons, um rapaz chamado Benjavier – respondeu Locke. – Sabia que ele aceitaria vender porque já está participando da conspiração contra a sua vida.

– Ben? Malditos sejam os deuses... Que provas você tem?

– Tenho vários dos seus homens segurando-o lá embaixo junto à sua porta de serviço, seminu.

– Como assim você *tem* vários dos *meus* homens segurando-o? Quem diabos você pensa que é?

– Capa Raza me incumbiu da tarefa de salvar sua vida, mestre Meraggio. Eu estava falando totalmente sério. Quando à minha identidade, eu por acaso sou seu *salvador*.

– Meus seguranças e meus garçons...

– Não são dignos de confiança – sibilou Locke. – O senhor por acaso é cego? Eu não comprei este traje de um vendedor de roupas de segunda mão. Entrei direto pela sua porta de serviço, ofereci algumas coroas e o seu empregado Benjavier tirou o uniforme assim. – Locke estalou os dedos. – Seu segurança da porta de serviço me deixou entrar por bem menos: 1 sólon apenas. Os seus homens não são de pedra, mestre Meraggio; o senhor pressupõe muitas coisas em relação à sua fidelidade.

Meraggio o encarou e sentiu a cor lhe subir às faces, parecendo prestes a agredir Locke. Em vez disso, tossiu e estendeu as mãos com as palmas para cima.

– Diga-me o que veio me dizer. Com base nisso, eu mesmo decidirei o que fazer.

– Seus esmiuçadores estão me sufocando. Dispense-os para podermos ter um pouco de privacidade.

– Não me diga o que devo fazer na minha própria...

– Eu direi, sim, o que o senhor deve fazer, caramba! – cuspiu Locke. – A porra do seu guarda-

costas sou eu, mestre Meraggio. O senhor está correndo perigo de morte, cada minuto conta. Já sabe de pelo menos um garçom comprometido e um segurança desleixado. Por quanto tempo mais vai me impedir de mantê-lo vivo?

– Por que Capa Raza está tão preocupado assim com a minha segurança?

– O seu conforto pessoal decerto não significa nada para ele. A segurança *da* Meraggio, contudo, é de suma importância. Um contrato de assassinato foi firmado contra a sua pessoa por interesses comerciais verraris que desejam ver diminuídas as riquezas de Camorr. Raza está no poder há quatro dias e o seu assassinato poderia sacudir os alicerces da cidade. O Aranha e a guarda cidadina iriam arrasar os homens de Raza à procura de respostas. Ele simplesmente não pode deixar nada de mau lhe acontecer. Precisa tanto manter esta cidade estável quanto o Duque precisa.

– E como seu patrão sabe de tudo isso?

– Uma dádiva divina – respondeu Locke. – Cartas foram interceptadas enquanto os agentes do meu patrão investigavam outra questão. Por favor, dispense os seus esmiuçadores.

Meraggio refletiu por alguns segundos, então grunhiu e dispensou os auxiliares com um gesto irritado. Os dois homens recuaram, de olhos arregalados.

– Alguém muito perigoso está atrás do senhor – prosseguiu Locke. – É um serviço com balestra e o assassino é lashani. Dizem que as armas dele foram alteradas por um Mago-Servidor kartani e ele é tremendamente escorregadio e quase sempre acerta o alvo. Sinta-se lisonjeado: pelo que sabemos, a tarifa dele é 10 mil coroas.

– É uma história e tanto para engolir, mestre...?

– Meu nome não importa. Desça comigo até a sala de recebimento atrás das cozinhas. O senhor mesmo poderá falar com Benjavier.

– A sala de recebimento atrás das cozinhas? – Meraggio franziu a testa. – Até agora, não tenho motivo algum para pensar que o senhor mesmo não está tentando me atrair até lá por algum motivo escuso.

– Mestre Meraggio, o senhor está vestindo seda e algodão, não cota de malha. Há vários minutos eu o tenho ao alcance de uma adaga; se meu patrão o quisesse morto, suas vísceras já teriam sujado o tapete. Não precisa me agradecer nem gostar de mim, mas pelo amor dos deuses, por favor aceite o fato de que recebi uma ordem para protegê-lo, e uma ordem do Capa de Camorr não se recusa.

– Humm. Verdade. Esse Capa Raza é tão formidável quanto Barsavi?

– Barsavi morreu chorando aos pés dele. Barsavi e todos os seus filhos. Tire suas próprias conclusões.

Meraggio tornou a pôr os ópticos, ajeitou a orquídea na lapela e levou as mãos às costas.

– Vamos até a sala de recebimento. Siga na frente.

TANTO BENJAVIER QUANTO OS SEGURANÇAS fizeram cara de apavorados quando Meraggio adentrou o recinto a passos firmes atrás de Locke. Ficou claro que estavam mais acostumados com os humores do patrão do que o Nobre Vigarista e o que viram em seu rosto deve ter sido algo realmente

desagradável.

– Benjavier, Benjavier, não acredito no que estou ouvindo – começou Meraggio. – Depois de tudo o que eu fiz por você... depois de ter lhe dado um emprego e resolvido toda aquela confusão com o capitão do seu antigo navio... Não tenho palavras!

– Sinto muito, mestre Meraggio – disse o garçom, com as faces mais molhadas do que um telhado em dia de tempestade. Eu sinto muito, não quis fazer mal nenhum...

– Não quis fazer *mal nenhum*? É verdade o que esse homem está me dizendo?

– Ah, sim, mestre Meraggio, que os deuses me perdoem, é verdade! É tudo verdade. Eu sinto muito, sinto muitíssimo... Por favor, acredite em mim...

– Calado! Que os deuses amaldiçoem seus olhos!

Imóvel, com a boca escancarada, Meraggio parecia um homem que acabara de levar uma bofetada. Olhou em volta como se estivesse vendo a sala pela primeira vez e como se os seguranças de libré fossem seres alienígenas. Parecia prestes a cambalear e cair para trás, porém conseguiu se virar para Locke com os punhos cerrados.

– Conte-me tudo o que sabe – rosnou. – Pelos deuses, juro que todos os envolvidos nessa história vão conhecer o alcance da minha influência.

– Vamos começar pelo início. O senhor precisa sobreviver à tarde do dia de hoje. Tem aposentos particulares acima da galeria do quarto andar, não tem?

– É claro.

– Vamos para lá agora mesmo. Mande jogar esse pobre coitado dentro de alguma despensa; com certeza aqui deve ter uma grande o suficiente. O senhor poderá cuidar dele quando tudo isso terminar. Agora o tempo está contra nós.

Benjavier explodiu outra vez em soluços e Meraggio aquiesceu com um ar de repulsa.

– Ponham Benjavier na despensa seca e tranquem a porta. Vocês dois, fiquem de guarda. E *ocê*...

O segurança da porta de serviço estava espichando a cabeça pela porta outra vez. Seu rosto ficou muito vermelho.

– Se deixar mais alguma pessoa desautorizada entrar por essa porta hoje à tarde, ainda que seja uma criança pequena, eu mando cortar seu saco e pôr carvão em brasa no lugar. Está claro?

– P-perfeitamente, m-mestre Meraggio. Sim, senhor.

Meraggio virou-se e saiu da sala. Dessa vez, foi Locke quem teve de apressar o passo para acompanhá-lo.

6

OS APOSENTOS PARTICULARES FORTIFICADOS DE Giancana Meraggio seguiam o padrão de suas roupas e eram ricamente mobiliados no mais discreto estilo. O homem parecia se contentar em deixar que os materiais e a qualidade dos objetos fossem seus principais ornamentos.

A porta reforçada com aço se fechou com um clique depois de eles entrarem e ouviu-se os dentes da fechadura verrari se encaixando dentro da madeira. Meraggio e Locke ficaram sozinhos. A elegante clepsidra em miniatura sobre a mesa laqueada estava acabando de encher o recipiente que

correspondia à primeira hora da tarde.

- Mestre Meraggio, o senhor não pode mais descer até nosso assassino ser capturado. Não é seguro. Calculamos que o ataque vá acontecer entre a primeira e a quarta hora da tarde.
- Isso vai causar problemas. Tenho negócios a resolver, minha ausência será notada lá embaixo.
- Não necessariamente – rebateu Locke. – Não lhe ocorreu que temos uma constituição muito parecida? E que um homem nas sombras de uma das galerias dos andares superiores pode se parecer muito com outro?
- Está... está propondo se fazer passar por mim?
- Nas cartas que interceptamos, havia uma informação que nos dá muita vantagem: o assassino não recebeu uma descrição detalhada da sua aparência. Na realidade, foi instruído a atingir com uma flecha o único homem na casa que estivesse usando *uma orquídea bastante grande* na lapela do casaco. Se eu me vestisse como o senhor e assumisse o seu lugar habitual na galeria com uma orquídea presa ao casaco... bom, a flecha viria na minha direção, e não na sua.
- Se esse assassino for mesmo tão perigoso quanto diz, custo a acreditar que o senhor seja tão santo a ponto de estar disposto a assumir o meu lugar.
- Mestre Meraggio, com todo o respeito, não pareço ter sido claro. Se eu não fizer isso pelo senhor, meu patrão vai me matar de toda forma. Além do mais, eu talvez tenha mais habilidade para me esquivar do abraço da Senhora do Longo Silêncio do que o senhor pode imaginar. Por fim, a recompensa que me prometeram caso eu consiga dar a este assunto um desfecho satisfatório... bem, se o senhor estivesse no meu lugar, também estaria disposto a enfrentar uma flecha.
- E o que deseja que eu faça enquanto isso?
- Fique à vontade aqui nestes aposentos – respondeu Locke. – Mantenha as portas bem fechadas. Divirta-se por algumas horas. Desconfio que não precisaremos esperar muito.
- E o que vai acontecer quando o assassino disparar sua flecha?
- Envergonha-me ter de admitir que meu patrão tem pelo menos mais meia dúzia de homens no térreo da sua casa de contabilidade. Alguns dos seus clientes são, na verdade, os homens mais argutos, mais duros de Capa Raza, experientes em serviços rápidos e discretos. Quando o assassino disparar, eles vão pegá-lo. Ele nunca saberá o que o atingiu, se os nossos homens ou os seus seguranças.
- E se o senhor não for tão rápido quanto pensa ser? E se a flecha o acertar?
- Nesse caso, eu estarei morto e o senhor, vivo, e meu patrão ficará contente. No meu ramo profissional, nós também prestamos juramentos, mestre Meraggio. Eu sirvo a Raza até a morte. Então, qual é a sua decisão?

À UMA E MEIA, LOCKE Lamora saiu dos aposentos de Meraggio usando um casaco, um colete e uma calça da melhor qualidade que vestira na vida. Todas as peças tinham o mesmo azul-escuro do céu logo antes da Falsaluz e ele pensou que a cor lhe caía particularmente bem. A túnica de seda branca contra sua pele era fresca como a água de um rio no outono e, assim como as meias, sapatos, lenços

de pescoço e luvas, acabara de sair do armário de Meraggio. Seus cabelos estavam penteados para trás com óleo de rosas; em seu bolso havia uma garrafinha desse líquido e uma bolsa de tirinos de ouro que ele surrupiara de gavetas. A orquídea deste, presa à sua lapela direita, ainda exalava um forte perfume agradavelmente parecido com framboesas.

Os esmiuçadores de Meraggio tinham sido avisados sobre a farsa, bem como uns poucos seguranças selecionados que menearam a cabeça para Locke quando ele passou pela galeria dos sócios do quarto andar pondo os ópticos de Meraggio sobre o nariz. Isso foi um erro: o mundo ficou todo borrado. Locke praguejou pela própria distração e tornou a guardá-los no bolso do casaco. Os antigos ópticos de Fehrwight eram falsos, com lentes sem grau, mas os de Meraggio de fato funcionavam. Um detalhe a não esquecer.

Casualmente, como se aquilo fizesse parte do plano, Locke pegou a escada de ferro preto e começou a descer. De longe, com certeza se parecia o bastante com Meraggio para não provocar nenhum comentário. Ao chegar à galeria pública no térreo, pôs-se a caminhar depressa o suficiente para atrair apenas uns poucos olhares de estranheza. Entrou na cozinha, retirou a orquídea do peito e a enfiou dentro de um bolso.

Na entrada da despensa seca, acenou para os dois seguranças e apontou por cima do ombro com o polegar.

– Mestre Meraggio quer que vocês dois vigiem a porta dos fundos. Deem uma ajudinha a Laval. Ninguém entra, justo como ele falou. Sob o risco de, ahn, carvões em brasa. Vocês o ouviram. Preciso dar uma palavrinha com Benjavier.

Os seguranças se entreolharam e aquiesceram. A autoridade que Locke tinha sobre eles parecia agora tão sólida que ele pensou que poderia ter chegado ali usando roupas íntimas femininas e recebido o mesmo tratamento. Meraggio decerto já havia usado alguns agentes especiais para firmar suas operações e Locke estava sem dúvida pegando carona na sua reputação.

No momento em que ele adentrou a despensa e fechou a porta atrás de si, Benjavier ergueu os olhos. Ele ficou tão surpreso quando Locke lhe jogou uma bolsa de moedas que o objeto o acertou no olho. O garçom gritou e caiu para trás contra a parede, com as mãos no rosto.

– Ai, merda – praguejou Locke. – Desculpe. Era para você pegar.

– O que você quer agora?

– Vim pedir desculpas. Não tenho tempo para explicar. Sinto muito ter envolvido você nesta história, mas tenho os meus motivos e necessidades que precisam ser atendidas.

– Sente muito ter me envolvido nisso? – Benjavier engasgou, deu uma fungada e cuspiu. – Como assim, porra? O que está acontecendo? O que mestre Meraggio acha que eu fiz?

– Não tenho tempo de contar tudo a você. Pus 6 coroas nessa bolsinha; parte está em tirinos, para você poder trocar com mais facilidade. Se ficar em Camorr, sua vida não vai valer nada, logo saia pelos portões do lado terrestre. Pegue minhas roupas velhas na Sombra Acolhedora, tome aqui a chave.

Dessa vez Benjavier pegou o objeto lançado.

– Agora chega de perguntas. Vou segurá-lo pela orelha e jogá-lo no beco e você vai fingir que está morrendo de medo. Quando tivermos virado a esquina e ninguém mais puder nos ver, vou soltá-lo. Se tiver algum amor pela vida, você vai correr desvairadamente até a Sombra Acolhedora, vestir

minhas roupas e dar o fora da cidade. Vá para Talisham ou Ashmira. Nessa bolsinha tem mais de um ano do seu salário; você deve conseguir fazer alguma coisa com isso.

– Eu não...

– Ou nós vamos agora ou eu o deixo aqui para morrer. A compreensão é um luxo que você não vai ter. Sinto muito.

Instantes depois, Locke entrou na sala de recebimento arrastando o garçom pelo lóbulo da orelha, manobra velha conhecida de qualquer segurança ou guarda cidadão para obrigar alguém a segui-lo. Benjavier se saiu bastante bem nos lamentos, soluços e súplicas pela vida e os três seguranças junto à porta de serviço só fizeram olhar sem empatia enquanto Locke arrastava o garçom diante deles.

– Volto daqui a alguns minutos – avisou Locke. – Mestre Meraggio quer que eu dê mais algumas palavrinhas em particular com este pobre-diabo.

– Ai, deuses, não deixem ele me levar! – gritou Benjavier. – Ele vai me machucar... Por favor!

Os seguranças deram risadinhas, embora o que havia aceitado o sólon de Locke não tenha soado tão alegre quanto os outros dois. Locke arrastou Benjavier pelo beco e pela esquina; assim que saíram do campo de visão dos três seguranças, empurrou-o para longe.

– Vá. Corra quanto puder. Eu lhes dou quem sabe uns vinte minutos para descobrir que bando de imbecis eles todos foram e, depois disso, uns homens bem duros vão sair atrás de você em bandos. Não fique aí parado, porra, *vá!*

Benjavier o encarou, sacudiu a cabeça e saiu cambaleando na direção da Sombra Acolhedora. Locke brincou com uma das pontas do bigode postiço, observando-o se afastar, em seguida virou as costas e se enfiou entre as pessoas. O dia estava bem claro e quente como de hábito e ele suava em bicas dentro das roupas novas, mas por alguns segundos permitiu que um sorriso satisfeito se insinuasse em seu rosto.

Caminhou rumo ao norte, em direção ao Bosque Duas Pratas. Junto ao portão sul do parque havia uma loja de utilidades para cavaleiros, além de alquimistas negros em vários bairros que não o conheciam de vista. Com um pouco de dissolvente de adesivo para se livrar do bigode e algo para recuperar o tom natural dos cabelos, ele voltaria outra vez a ser Lukas Fehrwight e poderia visitar os Salvaras para lhes roubar mais alguns milhares de coroas.

CAPÍTULO CATORZE

Três convites

1

– AH, LUKAS!

O sorriso de Dona Sofia iluminou seu rosto quando ela o recebeu na porta da chácara dos Salvaras. Uma luz amarela se derramou por trás dele para a noite lá fora; era pouco depois das onze da noite. Após o golpe na Meraggio, Locke havia passado a maior parte do dia escondido e despachara um recado por mensageiro para avisar ao Dom e à Dona que Fehrwight iria lhes fazer uma visita tardia.

– Já faz muitos dias! Nós recebemos o recado de Graumann, mas estávamos começando a nos preocupar com nossos negócios... e por sua causa, é claro. O senhor está bem?

– Milady Salvara, que prazer revê-la. Sim, sim, estou muito bem, obrigado por perguntar. Esbarrei com algumas pessoas de má reputação na última semana, mas tudo acabará bem. Um dos navios está providenciado, assim como a carga, e poderemos começar nossa viagem nele já na próxima semana. Quanto ao segundo, estamos quase conseguindo.

– Bem, não fique aí na escada como um mensageiro: entre! Conté, traga refrescos para nós. Eu sei... Colha algumas das minhas laranjas, as novas. Estaremos na câmara íntima.

– Pois não, milady. – Conté encarou Locke com olhos estreitados e um meio sorriso relutante. – Mestre Fehrwight. Espero que esteja em boa saúde hoje à noite.

– Bastante boa, Conté.

– Esplêndido. Voltarei daqui a pouco.

Quase todas as chácaras camorris tinham duas salas de estar próximas ao saguão de entrada. Uma delas era conhecida como “câmara do dever”, onde ocorriam os encontros com desconhecidos e outros negócios formais. A mobília era composta por peças imaculadas e caras; até os tapetes, de tão limpos, permitiam que se comesse no chão. A “câmara íntima”, por sua vez, servia para conhecidos próximos, de confiança, e era tradicionalmente mobiliada, tendo em vista o conforto de uma forma que refletisse a personalidade dos donos.

Dona Sofia conduziu Locke até a câmara íntima, que tinha quatro poltronas fartamente acolchoadas com espaldares pretos altos que pareciam caricaturas de tronos. Enquanto a maioria das salas de estar costumava ter mesinhas junto às poltronas, aquela continha quatro árvores em vasos, um pouco mais altas do que a cadeira ao seu lado, recendendo a cardamomo. O cheiro dominava o recinto.

Locke observou as árvores com atenção; ao contrário do que pensara inicialmente, não eram

mudas, mas alguma espécie de miniatura: tinham as folhas pouco maiores do que a unha de seu polegar; os troncos, da circunferência de um antebraço humano; os galhos, estreitados até a largura de dedos. Dentro de seus sinuosos recessos, cada planta sustentava uma pequena prateleira de madeira e um lampião alquímico. Com um toque, Sofia os fez se acender e a sala foi tomada por uma luz âmbar e sombras esverdeadas; as formas que as folhas projetavam nas paredes eram ao mesmo tempo fantasiosas e relaxantes. Locke correu um dos dedos pelas folhas macias e finas da árvore mais próxima.

– Obra sua, Dona Sofia? Mesmo para quem conhece bem o trabalho de nossos Mestres Plantadores, isto aqui é notável... Nós só nos preocupamos com negócios, solos e safras de uvas. A senhora, por sua vez, tem talento de sobra.

– Obrigada, Lukas. Sente-se. Reduzir alquimicamente a escala de plantas é uma arte antiga, pela qual eu tenho grande apreço: é um tipo de hobby. Como pode ver, estas árvores são também peças funcionais. Mas elas estão longe de ser a maior das maravilhas desta sala... Vejo que o senhor adotou nossas modas camorris.

– Isto aqui? Bem, um de seus alfaiates deve ter se apiedado de mim; ofereceu-me tamanha pechincha que teria sido impossível recusar. Já que esta é de longe minha mais longa estadia em Camorr, decidi tentar me adaptar.

– Esplêndido!

– É mesmo – falou Dom Salvara, que entrou fechando os botões dos próprios punhos. – Muito melhor do que aquelas suas roupas pretas de prisioneiro vadrã. Não me leve a mal: elas são muito adaptadas a um clima setentrional, mas por aqui parece que estão tentando estrangular quem as usa. Mas diga-me, Lukas, o que está acontecendo com todo o dinheiro que temos gastado?

– Um dos galeões está garantido – respondeu Locke. – Já tenho a tripulação e uma carga verossímil; eu próprio supervisionarei o carregamento ao longo dos próximos dias. Ele estará pronto para partir na próxima semana. Já tenho uma pista promissora para conseguir um segundo que irá acompanhá-lo e ficará pronto ao mesmo tempo.

– A menos que eu esteja muito enganada, uma “pista promissora” não é a mesma coisa que “garantido” – disse Dona Sofia.

– Não, Dona Sofia, a senhora não está enganada. – Locke suspirou e tentou parecer envergonhado por abordar o assunto mais uma vez. – Há uma pequena questão... Quer dizer, o capitão da segunda embarcação está se sentindo tentado por uma proposta de levar uma carga especial até Balinel, viagem relativamente longa, mas por um preço muito decente. Ele ainda não aceitou a minha proposta.

– E imagino que talvez seja preciso jogar mais alguns milhares de coroas a seus pés para fazê-lo ver a razão – falou Dom Lorenzo, sentando-se ao lado da esposa.

– Temo de fato, meu bom Dom Salvara, que seja isso mesmo.

– Humm. Bem, podemos falar sobre isso daqui a pouco. Conté chegou e eu gostaria muito de exibir as recentes realizações da minha dama.

Conté entrou trazendo três tigelas de prata sobre uma travessa de bronze, cada uma com meia laranja já fatiada de modo que os pedaços de polpa pudessem ser espetados com um pequeno garfo de dois dentes. Conté pousou uma tigela, um garfo e um guardanapo de linho sobre a prateleira da

árvore à direita de Locke. Os Salvaras o encararam com um ar de expectativa enquanto suas próprias metades da fruta eram servidas.

Locke se esforçou muito para esconder qualquer ansiedade que pudesse estar sentindo. Pegou a tigela e pescou um gomo com o garfo. Quando o pousou sobre a língua, ficou surpreso com o calor e a ardência que se espalharam por sua boca. A fruta estava embebida em algum líquido alcoólico.

– Ora, mas esta fruta foi embebida – comentou. – Algo muito agradável... Um conhaque de laranja? Uma pitada de limão?

– Embebida, não, Lukas – corrigiu Dom Lorenzo com um sorriso juvenil que tinha de ser genuíno. – Essas laranjas estão servidas em seu estado natural. A árvore de Sofia fabrica seu próprio álcool e o mistura com a fruta.

– Pelos Tutanos Sagrados, que híbrido mais intrigante! – exclamou Locke. – Até onde sei, isso ainda não tinha sido feito com cítricos...

– Eu só cheguei à fórmula correta poucos meses atrás e algumas das primeira frutas não eram adequadas para ir à mesa – revelou Sofia. – Mas estas parecem ter saído da forma correta. Com mais algumas gerações de testes, terei total segurança quanto à sua comercialização.

– Eu gostaria de chamá-la de Sofia – falou Lorenzo. – A laranja Sofia de Camorr. Um prodígio alquímico que fará os viticultores de Tal Verrar chorarem chamando pela mãe.

– Já eu gostaria de chamá-las por outro nome – retrucou Sofia, dando um tapinha brincalhão no pulso do marido.

– Os Mestres Plantadores vão considerá-la tão maravilhosa quanto as suas laranjas, milady – disse Locke. – É como eu disse... Talvez haja mais oportunidades em nossa parceria do que qualquer um de nós previu. O seu, ahn, o seu faro... a forma como a senhora parece tornar maleável tudo o que é verde à sua volta... Ouso dizer que, no próximo século, o caráter da Casa de bel Auster poderia ser moldado mais pelo seu toque do que por nossas velhas tradições de Emberlane.

– Quanta lisonja, mestre Fehrwight. Mas não contemos nossos navios antes de eles aportarem.

– De fato – concordou Dom Lorenzo. – A propósito, devo tornar a falar de negócios... Lukas, infelizmente acho que tenho más notícias para você, um tanto constrangedoras. Eu tive... vários reveses nestes últimos dias. Um de meus devedores mais acima no rio deixou de pagar uma conta considerável e várias de minhas outras projeções se revelaram excessivamente otimistas. Resumindo, não temos tanta disponibilidade no momento quanto qualquer um de nós poderia desejar. Nossa capacidade para investir mais alguns milhares de coroas em nosso projeto mútuo está em cheque.

– Ah – fez Locke. – Mas que... como o senhor diz, que má notícia.

Ele pôs outro pedaço de laranja na boca e chupou a bebida adocicada, usando-a como estímulo artificial para curvar para cima os cantos dos lábios, contrariando em muito sua inclinação natural.

2

NO CAIS DA BORRA, UM sacerdote de Aza Guilla se esgueirava de uma sombra para outra, movendo-se com uma graça lenta e paciente que não condizia com seu tamanho.

A névoa estava fina e o calor úmido da noite de verão era especialmente opressivo. Filetes de suor

escorriam pelo rosto de Jean por trás de seu Semblante Pesaroso. De acordo com o folclore camorri, as semanas anteriores ao auge do verão e ao Dia das Transformações eram sempre as mais quentes do ano. Na água, os lampiões amarelos agora familiares cintilavam; gritos e ruídos de mergulho se faziam ouvir conforme os tripulantes do *Satisfação* transportavam mais um carregamento de “provisões de caridade”.

Jean duvidava que conseguisse descobrir algo mais sobre as mercadorias transportadas naqueles botes, a menos que fizesse algo mais óbvio, como atacar um dos carregadores – o que com certeza não daria certo. Naquela noite, portanto, decidiu concentrar sua atenção em um determinado armazém situado a cerca de um quarteirão do cais.

A Borra não estava tão destruída quanto Cinzacai, mas sua decadência já era adiantada. Prédios caíam ou tombavam de lado em todas as direções; o bairro inteiro parecia estar afundando em uma espécie de pântano de madeira podre e tijolo desmoronado. A cada ano, a umidade devorava um pouco mais da argamassa que havia entre as pedras do bairro, os comércios legítimos fugiam para outro lugar e mais cadáveres apareciam, mal escondidos – ou nem isso – sob as pilhas de detritos.

Em suas andanças disfarçado com as vestes negras, Jean tinha reparado em bandos de homens de Raza indo e vindo daquele armazém por várias noites seguidas. Embora abandonada, e ao contrário de suas vizinhas desmoronadas, a estrutura ainda não estava inabitável. Observou luzes acesas atrás das janelas quase até o raiar do dia, grupos de trabalhadores com sacos pesados sobre os ombros e até mesmo uma ou duas carroças puxadas a cavalo.

Antes um atropelo de atividade, o armazém estava nesse momento escuro e silencioso. O lugar parecia convidar sua curiosidade e, enquanto Locke tomava chá com a nobreza, Jean pretendia bisbilhotar os assuntos de Capa Raza.

Havia maneiras de fazer isso, que envolviam paciência, vigilância e uma boa quantidade de caminhadas vagarosas. Ele já dera a volta várias vezes no quarteirão do armazém, evitando todo contato com as pessoas na rua e se escondendo em qualquer canto escuro disponível. Com sombra suficiente, até mesmo um homem do tamanho de Jean podia ser discreto e ele com certeza sabia ter o passo leve.

Rodear e observar, rodear e observar... Ele já tinha confirmado de maneira satisfatória que nenhum dos telhados das construções próximas abrigava olheiros escondidos e que tampouco ninguém na rua o estava espiando. *É claro que eles podem ser melhores do que eu*, pensou, pressionando as costas contra a parede sul do armazém.

– Aza Guilla, cuidado – murmurou, avançando lentamente em direção a uma das portas do armazém. – Se não me favorecer hoje à noite, nunca poderei devolver estas belas vestes e esta máscara aos seus criados. É apenas uma consideração que menciono com toda a humildade.

A porta estava ligeiramente entreaberta. Jean segurou suas machadinhas na mão direita e as enfiou dentro da manga da roupa. Queria que estivessem prontas para ser usadas, mas não de todo visíveis, só para o caso de ele encontrar alguém ainda capaz de se assombrar com a visão de suas vestes.

A porta rangeu de leve e ele entrou no armazém, encostando-se na parede ao lado da entrada para observar e escutar. A densa escuridão aparecia quadriculada pela trama de sua máscara e um cheiro estranho pairava no ar além daquele esperado de poeira e madeira podre – parecia metal queimado.

Ficou imóvel, esforçando-se para detectar algum som. Nada se ouvia, a não ser os rangidos e

suspiros distantes das embarcações ancoradas e o uivo do Vento do Carrasco soprando em direção ao mar. Levando a mão esquerda até debaixo da túnica, Jean pegou um globo de luz alquímica muito parecido com aquele que tinha levado para baixo do Vão do Eco. Deu-lhe uma série de sacudidas rápidas e a luz incandescente se acendeu.

À claridade branca e fraca do globo, viu que o armazém era um espaço inteiriço, amplo e aberto, com uma pilha de divisórias quebradas e podres encostadas na parede mais afastada, que talvez tivessem algum dia pertencido a um escritório. O chão era de terra batida compacta e, nos cantos ou encostados nas paredes, havia pilhas de entulho, algumas cobertas por oleados.

Jean ajustou com cuidado a posição do globo, mantendo-o colado ao corpo de modo que lançasse luz apenas em um arco para a frente. Isso ajudaria a manter discretas suas atividades; ele não pretendia passar mais do que alguns minutos vasculhando aquele lugar.

Conforme avançava devagar em direção à extremidade norte do armazém, tomou consciência de outro cheiro, que o deixou arrepiado – algo fora jogado naquele lugar e abandonado para apodrecer. Carne talvez... mas o cheiro era adocicado e enjoativo. Jean temeu saber do que se tratava antes mesmo de encontrar os cadáveres.

Eram três homens e uma mulher jogados debaixo de um pesado oleado no canto nordeste do prédio. Bastante musculosos, vestiam túnicas internas e calças, pesadas botas e luvas. Jean ficou confuso, até notar as tatuagens nos braços. Os artesãos de ofício de Camorr seguiam a tradição de marcar as próprias mãos ou braços com algum símbolo. Respirando pela boca para evitar o fedor, Jean moveu os corpos até conseguir distinguir os desenhos com clareza.

Alguém havia assassinado dois fabricantes de vidro e dois ourives. Três dos cadáveres exibiam ferimentos de faca evidentes e o quarto, o da mulher... tinha um par de riscas roxas e salientes em uma das faces do rosto pálido e exangue.

Jean suspirou e deixou o oleado recair outra vez sobre os corpos. Seu olhar captou uma centelha de luz refletida no chão. Ele se ajoelhou e catou um caco de vidro, uma espécie de gota achatada que parecia ter caído no chão em estado líquido e endurecido ali. Um breve movimento do globo de luz lhe permitiu ver dezenas de pequenos cacos de vidro no chão de terra em volta do oleado.

– Aza Guilla, eu roubei estas vestes, mas não tenho nada contra estas pessoas – sussurrou. – Se eu for a única prece fúnebre que jamais terão, por favor, seja clemente com elas pela dor de seu falecimento e pela indignidade de seu local de descanso. Guardiã Torto, se o senhor de alguma forma pudesse dar uma ajudinha nisso, eu ficaria muito grato.

Um rangido soou e as portas na parede norte do prédio foram abertas para dentro. Jean se preparou para pular para trás, mas mudou de ideia: sua luz sem dúvida já fora vista e o melhor seria bancar o digno sacerdote de Aza Guilla. Suas machadinhas continuavam dentro da manga direita da roupa.

As últimas pessoas que ele esperava ver entrar pela porta norte do armazém eram as Irmãs Berangias.

Cheryn e Raiza usavam capas impermeáveis, mas os capuzes estavam abaixados e seus penduricalhos de dente de tubarão cintilaram à luz do globo de Jean. As duas seguravam globos de luz, que foram sacudidos, e uma forte claridade vermelha iluminou o interior do armazém como se cada irmã estivesse segurando uma fogueira na palma das mãos.

– Boa noite, sacerdote curioso – disse uma delas.

– Este não é o tipo de lugar que a sua ordem em geral frequenta sem ser convidada – comentou a outra.

– Minha ordem se interessa pela morte sob todas as formas e em todos os lugares. – Jean moveu o globo de luz na direção do oleado. – Um ato criminoso foi cometido aqui e eu estava fazendo uma prece fúnebre, direito de toda alma antes de adentrar o Longo Silêncio.

– Ah, um ato criminoso. Vamos deixá-lo cuidar de seus assuntos, Cheryn?

– Não – respondeu Raiza –, pois os assuntos dele parecem estar curiosamente ligados aos nossos nestas últimas noites, não é?

– Tem razão, irmã. Uma ou outra bisbilhotada nós poderíamos aliviar. Mas esse sacerdote anda insistente, não é?

– Uma insistência fora do normal. – As Berangias se aproximavam dele devagar, sorrindo como dois gatos que avançam para cima de um camundongo aleijado. – Uma insistência irritante. No nosso cais e no nosso armazém.

– Vocês ousam sugerir que pretendem interferir com um enviado da Senhora do Longo Silêncio? – indagou Jean, com o coração aos pulos. – Um enviado de Aza Guilla, a própria Deusa da Morte?

– Infelizmente, interferir é a nossa profissão – disse a irmã à sua direita. – Nós deixamos a porta aberta só para o caso de você querer meter o bedelho.

– Estávamos torcendo para que não conseguisse resistir.

– E nós também sabemos uma ou duas coisinhas sobre a Gentilíssima Senhora.

– O serviço que prestamos a ela é um pouco mais direto do que o seu.

Nessa hora, a luz vermelha se refletiu no aço: cada uma das irmãs havia sacado uma lâmina curva do mesmo comprimento de um braço: dentes de ladrão, iguaizinhos aos que Dom Maranzalla tinha mostrado a Jean tantos anos antes. As gêmeas continuaram sua aproximação regular.

– Bem, senhoras, se a hora das gentilezas já passou, permitam-me deixar este disfarce de lado – falou Jean.

Lançando o globo de luz no chão, ele ergueu as mãos, afastou o capuz preto e tirou a máscara.

– *Tannen* – disse a irmã à sua direita. – Puta merda! Quer dizer que no final das contas você não foi embora pelo Portão do Visconde.

As irmãs estacaram e cravaram os olhos nele. Começaram a rodeá-lo pela esquerda, movendo-se graciosamente no mesmo ritmo para ganhar mais espaço.

– Que atrevimento o seu, fazer-se passar por um sacerdote de Aza Guilla – comentou a outra.

– Como é? Vocês estavam prestes a *matar* um sacerdote de Aza Guilla.

– Sim, bem, você parece ter nos poupado dessa blasfêmia, não é mesmo?

– Que prático – emendou uma das Berangias. – Nunca sonhei que seria tão fácil.

– Pode ser qualquer coisa, mas garanto que fácil não vai ser – rebateu Jean.

– Gostou do nosso trabalho naquele seu porãozinho de vidro? – Dessa vez foi a irmã da esquerda quem perguntou. – Os Sanzas... Gêmeos mortos por gêmeas com cortes idênticos na garganta, na mesma pose no chão. Pareceu adequado.

– Adequado? – Jean sentiu uma raiva renovada pressionar a parte de trás da cabeça. Ele trincou os dentes. – Escute bem o que vou dizer, sua piranha. Eu estava pensando em como iria me sentir

quando esta hora finalmente chegasse, e porra, preciso dizer que vou me sentir muitíssimo bem.

As irmãs se livraram das capas com movimentos quase idênticos. Enquanto as roupas flutuavam até o chão, soltaram os globos de luz e sacaram as outras armas. Duas irmãs, quatro lâminas. Encararam Jean com firmeza em meio à luz vermelha e branca e se agacharam como tinham feito uma centena de vezes diante das multidões aos gritos nos Festejos Cambiantes e das vítimas suplicantes na corte de Capa Barsavi.

– Irmãs malvadas, gostaria de lhes apresentar as Irmãs Malvadas – disse Jean, deixando as machadinhas caírem da manga direita da roupa para dentro da mão.

3

– MAS, LUKAS, NÃO FIQUE muito chateado – continuou Dona Sofia, pousando sua laranja agora oca sobre a prateleira. – Temos alguns remédios possíveis.

– Pode ser que os recursos necessários só nos falem por alguns dias – completou Dom Lorenzo. – Eu tenho outras fontes às quais posso recorrer, tenho pares que poderiam me emprestar milhares de coroas. Tenho até alguns velhos favores que posso cobrar.

– Que... que alívio, milorde e milady Salvara, que grande alívio. Fico feliz em saber que a sua... situação não estragará nossos planos. E eu não falaria em constrangimento, de forma alguma... Se alguém sabe o que é passar por dificuldades financeiras, ora, é a Casa de bel Auster.

– Falarei com várias das minhas fontes prováveis de empréstimo no próximo Dia do Ocioso... que, naturalmente, é o Dia das Transformações. Já estive em alguma comemoração formal desse festival, Lukas?

– Temo que não, Dom Lorenzo. É a primeira vez que venho a Camorr no auge do verão.

– É mesmo? – Dona Sofia arqueou as sobrancelhas para o marido. – Por que não levamos Lukas conosco ao banquete do Duque?

– Que excelente ideia! – Radiante, Dom Lorenzo olhou para Locke. – Lukas, como não podemos mesmo ir embora antes de eu ter conseguido milhares de coroas, por que não aceita ser o nosso convidado? Todos os nobres de Camorr estarão presentes, todos os homens e mulheres importantes da cidade baixa...

– Ou pelo menos os que gozam atualmente dos favores do Duque – emendou Dona Sofia.

– É claro – concordou Dom Lorenzo. – Mas venha, venha conosco. O banquete será em Pontacorvo; o Duque só abre sua torre uma vez por ano, nessa ocasião.

– Milorde e milady Salvara, é... é uma honra muito inesperada. Mas embora eu tema muito recusar sua hospitalidade, temo também que talvez... talvez isso possa interferir com o trabalho que estou fazendo para os senhores.

– Ah, Lukas, vamos – insistiu Lorenzo. – O banquete é daqui a cinco dias e o senhor disse que passaria os próximos dias supervisionando o carregamento do primeiro galeão. Descanse um pouco... Venha gozar de uma oportunidade singular. Sofia pode lhe servir de guia enquanto eu pressionar alguns dos nobres para obter os empréstimos de que preciso. Com esse dinheiro em mãos, devemos poder partir em poucos dias, certo? Supondo que o senhor tenha nos revelado todas as

possíveis complicações?

– Sim, milorde Salvara, a questão do segundo galeão é a única complicação que temos com exceção da sua, ahn, perda de fluidez. De toda forma, mesmo o carregamento de Balinel só vai chegar à cidade na semana que vem... Talvez a Fortuna e os Tutanos estejam nos favorecendo mais uma vez.

– Então está combinado? – Dona Sofia deu as mãos ao marido e sorriu. – O senhor será nosso convidado em Pontacorvo?

– Considera-se que é uma espécie de honra levar à celebração do Duque um convidado incomum e interessante – confidenciou o Dom. – Logo, estamos ansiosos por tê-lo conosco por vários motivos.

– Se isso lhes daria prazer... – disse Locke. – Ora, eu não sou muito chegado a comemorações, mas posso deixar o trabalho de lado por uma noite para comparecer.

– Não se preocupe, Lukas – falou Dona Sofia. – Estou certa de que todos nós recordaremos com muito carinho esse banquete quando começarmos nossa viagem.

4

SOB MUITOS ASPECTOS, DOIS ERA o pior número possível de oponentes em uma briga em lugares fechados: era quase impossível fazê-los se esbarrar e atrapalhar uns aos outros, sobretudo se forem experientes em agir juntos. E se havia duas pessoas em Camorr boas em lutar juntas, eram as Irmãs Berangias.

Enquanto girava as machadinhas e esperava uma das irmãs dar o primeiro golpe, Jean avaliou sua única vantagem: ele já as vira em ação pelo menos dez vezes, durante o Festejo Cambiante e na Tumba Flutuante. Talvez isso não adiantasse muito, visto que ele não era um tubarão, mas já era algo a se considerar.

– Parece que você é bom, ouvimos dizer – falou a irmã à sua esquerda e, na mesma hora, a da direita se atirou para a frente, segurando uma das facas em posição de defesa e a outra mais baixo, para apunhalar.

Jean se esquivou, bloqueou a faca de ataque com a machadinha esquerda e desferiu a outra em direção aos olhos dela. A segunda lâmina da irmã já estava ali e a machadinha ricocheteou no cabo cravejado de tachinhas. Ela era tão incredivelmente rápida quanto ele temia. Jean deu um chute em seu joelho esquerdo, truque fácil que já usara para quebrar uma dezena de patelas ao longo dos anos.

De alguma forma, ela pressentiu o golpe e dobrou a perna para desviá-lo. O chute a atingiu na panturrilha e apenas a desequilibrou. Jean separou as machadinhas para golpear o ponto em que ela deveria ter caído, mas a Berangias conseguiu desferir um chute em espiral: girou sobre o quadril esquerdo mais depressa do que os olhos dele puderam acompanhar e, com o pé direito, traçou um arco borrado no ar, acertando Jean na testa, logo acima dos olhos, e o mundo inteiro estremeceu.

Chasson. Claro. Era fácil detestar aquela arte.

Jean cambaleou para trás. Somente um instinto adquirido à custa de muito treino o salvou do golpe seguinte: uma punhalada que deveria ter atingido seu plexo solar e enterrado a faca ali até o

cabo. Ele moveu as machadinhas para baixo e em sua própria direção, manobra que Dom Maranzalla chamava brincando de “garras de caranguejo”, agarrou a faca dela com sua machadinha direita e a puxou de lado. Isso de fato a surpreendeu e Jean tirou vantagem da fração de segundo que a irmã hesitou para arremeter a ponta da outra machadinha contra a base de seu pescoço. Não tinha tempo para um golpe de verdade, mas podia dar um cutucão relativamente forte. Ela oscilou para trás, tossindo, e Jean de repente se viu outra vez com alguns metros de espaço. Recuou mais um pouco, a parede do armazém bem próxima. Com poucos centímetros de margem de manobra, aquelas facas eram muito mais eficazes do que as suas machadinhas. Ele precisava de espaço para brandi-las.

A Berangias da esquerda se jogou para a frente enquanto a da direita se afastava e Jean soltou um palavrão entre os dentes. Como estava de costas para a parede, elas não podiam tentar atacá-lo por lados opostos, mas ele tampouco podia correr. Além disso, as duas poderiam alternar ataques, uma recuando ao mesmo tempo que a outra continuava a cansá-lo, até o Nobre Vigarista cometer um erro.

Jean sentiu a raiva aumentar outra vez; com um berro, brandiu as machadinhas em direção à sua nova oponente. O golpe a pegou de surpresa, mas ela se esquivou com uma velocidade comparável à da irmã. As armas passaram chispando de um lado e outro de seu corpo e uma delas atingiu seus cabelos. Jean avançou para cima dela com as mãos estendidas – mãos nuas eram mais eficazes contra dentes de ladrão quando um oponente estava perto o suficiente para um beijo. A irmã à sua frente tornou a separar as duas facas, segura de que conseguiria uma morte rápida, mas era fácil subestimar a velocidade de Jean. Ele segurou os antebraços da Berangias como duas prensas e usou sua massa corporal e seus músculos para abrir os braços dela à força. Conforme previsto, a gêmea ergueu uma das pernas e se preparou para chutá-lo.

Cravando os dedos na musculatura rija de seus antebraços para manter as facas dela bem longe de si, Jean puxou com o máximo de força de que foi capaz. Ela voou para a frente e seu nariz bateu na testa de Jean com um *crack* que ecoou pelo armazém. Sangue quente espirrou e manchou suas vestes, mas ele torceu para Aza Guilla um dia o perdoar por essa pequena indignidade. Antes de sua oponente poder se recuperar, Jean soltou seus braços, segurou seu rosto com as duas mãos e deu um impulso a partir dos quadris com toda sua força, como um lançador de peso nos antigos jogos do Trono Terim. Ela voou para cima da irmã, que mal conseguiu tirar as facas do caminho a tempo de evitar empalar a própria gêmea, e as duas caíram sobre a pilha de cadáveres coberta pelo oleado.

Jean correu para o centro do armazém, onde suas machadinhas estavam caídas no chão. Pegou-as, girou-as uma vez, então abriu depressa o pequeno fecho que prendia suas vestes abaixo da gola. Enquanto as irmãs se recuperavam, livrou-se da roupa e a deixou cair no chão.

As gêmeas partiram para cima dele outra vez, a 3 metros de distância uma da outra, e agora pareciam claramente alteradas. *Pelos deuses*, pensou Jean, *a maioria dos homens interpretaria um nariz quebrado como um sinal para sair correndo feito um louco*. As irmãs, porém, continuaram a avançar com os olhos escuros brilhando de maldade; a sinistra luz vermelha e branca estava totalmente atrás delas e parecia delineá-las com um fogo fantasmagórico enquanto elas separavam as facas para atacá-lo outra vez.

Pelo menos ele agora tinha espaço para se movimentar.

Sem trocar uma só palavra, as Berangias correram com as quatro facas brilhando. Dessa vez, o que salvou Jean foi o profissionalismo delas: ele sabia que uma das gêmeas simularia um ataque e a outra atacaria para valer. A irmã à sua esquerda, a do nariz quebrado, investiu uma fração de segundo antes da outra. Com a machadinha esquerda erguida como proteção, ele avançou direto para cima dela. A outra, com os olhos arregalados de surpresa, esticou-se para preencher o espaço do qual ele acabara de sair, e Jean desferiu a machadinha da mão direita em um arco para trás, com a bola para a frente, acertando o cocuruto da cabeça dela. Um barulho de algo rachando soou e ela caiu no chão com força, soltando as facas.

A irmã remanescente gritou e foi nessa hora que o próprio Jean cometeu um erro: uma finta pode se transformar em um ataque de verdade com muito pouco esforço. Ela brandiu as facas no mesmo instante que ele tornava a erguer a machadinha da mão direita. Jean interceptou e desviou uma delas com a machadinha erguida, mas a outra abriu um lanho dolorido em suas costelas, logo abaixo do peito direito, rasgando pele, gordura e músculo. Ele arquejou e a Berangias lhe deu um chute na barriga que o fez cambalear. Jean desabou de costas.

A irmã se jogou em cima dele, com sangue escorrendo pelo rosto e pescoço e os olhos tomados por um ódio incandescente. Quando ela se abaixou, ele chutou para cima com as duas pernas. O ar explodiu para fora dos pulmões da gêmea, que saiu voando para trás, mas Jean sentiu uma dor aguda no bíceps direito e teve a sensação de que uma linha de fogo brotava de sua coxa esquerda. Maldição: ela o atingira com as facas no momento em que ele a empurrara para trás – havia aberto uma linha serrilhada no alto de sua coxa com a sua própria ajuda! Ele grunhiu. Aquilo tinha que terminar logo, caso contrário a perda de sangue causaria o seu fim com tanta certeza quanto as facas da irmã sobrevivente.

A Berangias ainda de pé já tornara a se levantar. Pelos deuses, como ela era rápida! Jean se ergueu até ficar ajoelhado e uma dor lancinante varou suas costelas direitas. Ele sentiu algo morno e molhado escorrer pela barriga e pelas pernas, o que significava que o tempo estava se esgotando. A irmã tornou a atacá-lo; a luz vermelha refletiu no aço e Jean deu seu derradeiro golpe.

Como o braço direito não lhe parecia forte o suficiente, ele apenas lançou a machadinha desse lado de cima para baixo em cheio no rosto dela. O golpe não foi veloz o suficiente para ferir, quanto menos para matar, mas a irmã se retraiu por um segundo e isso bastou. Jean brandiu a machadinha da mão esquerda na diagonal bem no joelho direito dela, que se partiu com o barulho mais agradável que ele se lembrava de ter escutado na vida. A gêmea cambaleou e, com um puxão rápido e um giro com as costas da mão, a lâmina da machadinha penetrou fundo na frente do outro joelho. Ela o atacou com as duas facas e ele se jogou para o lado; o aço zuniu bem junto a seus ouvidos enquanto a Berangias despencava para a frente, já sem conseguir suportar o próprio peso com as pernas, e voltou a gritar.

Jean rolou o corpo para a direita várias vezes – sábia decisão. Quando se levantou, cambaleante e segurando o lado direito do tronco, viu a irmã sobrevivente se arrastando na sua direção, ainda empunhando bem alto uma das facas.

– Você está sangrando muito, Tannen. Não vai passar desta noite, seu vigarista escroto.

– Nobre Vigarista, você quer dizer. Pode até ser que não passe, mas sabe de uma coisa? Calo e Galdo Sanza agora estão *rindo* de você, sua piranha.

Ele ergueu o braço esquerdo e fez voar a machadinha que ainda estava segurando. Dessa vez o golpe foi certo, desferido com toda a força e ódio de que ele foi capaz. A lâmina se enterrou bem no meio dos olhos da irmã Berangias que, com a mais incrível expressão de surpresa no rosto, desabou para a frente, esparramada feito uma boneca de pano rasgada.

Jean não perdeu tempo pensando. Ajoelhou-se para verificar o pulso da primeira irmã que abatera: o sangue escuro que escorria de seus ouvidos e nariz lhe informou que o golpe havia cumprido a sua função. Então, recolheu as machadinhas, vestiu um dos oleados das irmãs e subiu o capuz. Estava tonto; reconheceu todos os sintomas da hemorragia, experiência que já tivera o infortúnio de vivenciar.

Deixando os cadáveres das duas irmãs iluminados pelos globos alquímicos caídos, ele cambaleou para dentro da noite. Evitaria o Caldeirão, onde com certeza iria encontrar algum tipo de problema, e atravessaria correndo a parte norte do Madeira-Velha. Se conseguisse chegar ao antro de Cinzakai, Ibelius estaria lá e teria alguma carta na manga.

Mas se aquele sanguessuga de cachorro tentasse usar algum emplastro nele, Jean seria capaz de lhe quebrar os dedos.

5

NO SOLÁRIO NO ALTO DE Vidrâmbar, Dona Vorchenza varou a madrugada sentada em sua cadeira favorita, lendo as observações daquela noite. Havia relatos sobre os distúrbios ainda em curso decorrentes da ascensão do Rei Cinza ao trono de Barsavi: mais ladrões encontrados em prédios abandonados com o pescoço cortado. Vorchenza balançou a cabeça; aquela confusão realmente era a última coisa de que ela precisava bem na hora em que o caso do Espinho estava enfim chegando a uma conclusão. Raza identificara e exilara meia dúzia dos espiões que trabalhavam para ela infiltrados nas gangues – isso por si só já era muito preocupante. Nenhum dos agentes sabia da existência dos outros. Portanto, ou todos os seus agentes eram mais canhestros do que ela suspeitava... ou Raza tinha um poder de observação fantástico... ou sua segurança tinha uma falha em algum nível acima dos espiões nas ruas.

Maldição. Além disso, por que Raza os exilara em vez de matá-los de uma vez? Será que tentava não antagonizá-la? Com certeza não tivera sucesso. Já estava na hora de lhe mandar um recado bem claro da sua parte... de convocar aquele Capa Raza para um encontro com Stephen, mais quarenta ou cinquenta casacas-negras só para enfatizar o que precisava lhe dizer.

As complexas trancas em seu solário fizeram clique e a porta se abriu. Ela não esperava que Stephen voltasse nessa noite. Que feliz coincidência. Assim poderia lhe dizer o que pensava sobre aquela situação de Raza...

Mas não foi Stephen Reynart que entrou no seu solário.

Era um homem de aspecto vigoroso, faces encovadas e olhos escuros; tinha os cabelos pretos estriados de cinza nas têmporas e adentrou o recinto mais exclusivo dela como se ali fosse o seu lugar. Usava tudo cinza: casaco, colete, calça, luvas, meias e sapatos. Só os panos de seda amarrados casualmente no pescoço se diferenciavam: eram vermelho-sangue.

Dona Vorchenza sentiu o coração disparar, levou a mão ao peito e o encarou, incrédula. Não apenas o intruso conseguira abrir a porta sem levar uma flechada de balestra nas costas, como havia um segundo homem atrás dele, mais jovem, de olhos brilhantes e já meio calvo, trajando roupas cinzentas no mesmo estilo, os punhos escarlate se destacando.

– Quem são vocês? – bradou, e por um instante aquela voz enfraquecida pelos anos se avultou até atingir uma potência estrondosa que lembrava a de outrora. Ela se levantou da cadeira com os punhos cerrados. – Como conseguiram entrar aqui?

– Somos os seus criados, milady Vorchenza, seus criados que vieram enfim lhe prestar as devidas homenagens. Queira nos perdoar a descortesia do atraso: as coisas têm andado muito agitadas no meu pequeno reino.

– O senhor fala como se eu devesse conhecê-lo. Eu perguntei o seu nome.

– Tenho vários nomes – respondeu o homem mais velho –, mas hoje me chamam de Capa Raza. Este é meu associado, que responde à alcunha de Falcoeiro. Quanto à maneira como nos introduzimos neste seu encantador solário...

Ele fez um gesto para o Falcoeiro, que ergueu a mão esquerda com a palma aberta em direção a Dona Vorchenza. A manga de seu casaco se afastou até revelar três grossas linhas pretas tatuadas no pulso.

– Pelos deuses, um Mago-Servidor – sussurrou Vorchenza.

– De fato – disse Capa Raza. – Queira me perdoar, mas as artes dele pareciam o único jeito de garantir que os seus criados nos trouxessem até aqui e entrássemos no seu santuário sem incomodá-la antes.

– Agora incomodaram – cuspiu ela. – O que querem aqui?

– Já está mais do que na hora de meu sócio e eu termos uma conversa com o Aranha do Duque – falou Raza.

– Que conversa é essa, pelo amor dos deuses? Esta torre é minha; tirando meus criados, não há mais ninguém aqui.

– Verdade. E tampouco há motivo para manter sua pequena farsa conosco, milady.

– O senhor está muito enganado – disse a velha senhora com uma voz fria e neutra.

– E esses documentos atrás da senhora, o que são? Receitas? Essas anotações ao lado da sua cadeira, o que são? Stephen Reynart por acaso lhe entrega relatórios periódicos sobre os cortes e cores dos vestidos novos do ano que acabaram de aportar no cais? Ora, milady, eu tenho meios muito incomuns de obter informações e também não sou nenhum imbecil. Interpretarei qualquer nova dissimulação da sua parte como um insulto proposital.

– Considero a sua presença nada menos do que isso – retrucou Dona Vorchenza após alguns segundos de reflexão.

– Eu a desagradei, e por isso peço desculpas. Mas a senhora por acaso tem a possibilidade de sustentar esse desagrado com alguma demonstração de força? Seus criados estão dormindo tranquilamente e Reynart e todos os seus Meias-Noites estão longe, xeretando os meus assuntos. A senhora está sozinha conosco, Dona Vorchenza. Que tal conversarmos civilizadamente? Vim aqui ser cortês e falar com sinceridade.

Ela o encarou com frieza por vários instantes, então acenou em direção a uma das poltronas do

solário.

– Sente-se, mestre Vingança. Infelizmente não há nenhuma cadeira confortável para o seu associado...

– Não faz mal – interveio o Falcoeiro. – Gosto muito de escrivainhas.

Ele se acomodou atrás da pequena escrivainha junto à porta enquanto Raza atravessava o recinto para se sentar em frente a Dona Vorchenza.

– Humm. Vingança, de fato. Já conseguiu se vingar?

– Já – respondeu Raza, jovial. – É tão bom quanto eu imaginava.

– O senhor guardava algum rancor de Capa Barsavi?

– Ah! Algum rancor, sim. Pode-se dizer que foi por isso que mandei seus filhos serem assassinados na sua frente, depois o joguei para os tubarões que ele tanto amava.

– Alguma velha história entre vocês dois?

– Há vinte anos eu sonho com a ruína de Vencarlo Barsavi. Agora eu a causei e assumi seu lugar. Lamento que esse fato tenha sido... inconveniente para a senhora. Mas é só o que eu lamento.

– Barsavi não era um homem gentil – comentou Vorchenza. – Era um criminoso implacável. Mas era também observador e entendia muitas coisas que os Capas menores não entendiam. Meu acordo com ele rendeu frutos para ambas as partes.

– E seria uma pena desfazer esse acordo. Eu admiro muito a Paz Secreta, Dona Vorchenza. Essa admiração nada tem a ver com meu ódio por Barsavi e me agradaria que o acordo fosse perpetuado tal como está. Dei ordens nesse sentido na mesma noite que assumi o seu lugar.

– É o que dizem meus agentes. Mas devo confessar que eu esperava ouvir isso da sua própria boca antes desta noite.

– Meu atraso foi inevitável – retrucou Raza. – Mas aqui estamos. Minhas boas maneiras deixam muito a desejar, reconheço. Permita que eu me redima.

– Como?

– Eu apreciaria muito a oportunidade de comparecer ao banquete do Duque no Dia das Transformações. Sei me disfarçar e atuar bastante bem. Poderia ser apresentado como um cavalheiro de fortuna independente... Garanto-lhe que ninguém em Pontacorvo iria me reconhecer. Passei minha infância em Camorr admirando essas torres e gostaria de prestar minhas homenagens aos nobres da cidade pelo menos uma vez. É claro que eu levaria presentes; tenho em mente algo realmente luxuoso.

– Talvez isso seja pedir demais – falou Vorchenza, devagar. – Nossos mundos não foram feitos para se encontrar, Capa Raza. Eu mesma não frequento as suas festas de ladrões.

– Mas os seus agentes, sim – replicou ele, com bom humor.

– Não mais. Diga-me, por que os exilou? No seu mundo, a traição é punida com morte, então por que eles não mereceram uma faca no pescoço?

– A senhora preferiria que eles estivessem mortos, Dona Vorchenza?

– De forma alguma, mas estou curiosa quanto aos seus motivos.

– Já eu pensava que eles fossem óbvios. Eu preciso ter alguma segurança, assim não posso deixar os seus agentes espalhados por aí como fazia Barsavi. Naturalmente não queria antagonizá-la mais do que o necessário, logo calculei que deixá-los vivos seria um gesto de amizade.

– Humm.

– Dona Vorchenza, tenho plena convicção de que a senhora vai iniciar o trabalho de infiltrar novos agentes entre os meus subordinados quase de imediato. Assim seja. Que vença aquele cujas artimanhas forem mais sutis. Mas nós deixamos de lado o tema principal desta conversa.

– Capa Raza, o senhor não me parece um homem que necessite de delicadezas para poupar seus sentimentos, então permita que eu seja clara. Uma coisa é nós dois termos um relacionamento de trabalho para preservar a Paz Secreta pelo bem de toda Camorr. Terei inclusive prazer em recebê-lo aqui, contanto que devidamente convidado e acompanhado. Mas não posso apresentá-lo ao Duque. Não posso conduzir um homem do seu status até ele.

– Fico decepcionado. Mas ele pode receber Giancana Meraggio como convidado, não pode? Um homem que usou os serviços de meu predecessor em muitas ocasiões. Bem como muitos outros capitães de comércio e das finanças que se beneficiaram de acordos com as gangues de Barsavi. A Paz Secreta enriquece todos os nobres de Camorr; na realidade, eu sirvo a eles. A minha leniência mantém seus bolsos cheios. Será que sou mesmo uma criatura tão vil que não posso sequer passar algum tempo junto à mesa do bufê, manter-me discreto e apenas observar o banquete? Apenas passear pelo Jardim Celestial e matar minha curiosidade?

– Capa Raza, o senhor está tentando tanger as cordas de uma consciência que não emitirá som algum. Não é por ter o coração mole que eu sou o Aranha do Duque. Longe de mim querer ofendê-lo, mas permita que eu exponha os fatos da seguinte forma: não faz nem uma semana que o senhor se tornou Capa. Eu apenas comecei a formar uma opinião a seu respeito; o senhor continua sendo um desconhecido para mim. Se ainda estiver no poder daqui a um ano, se conseguir manter a paz entre as Pessoas Certas e preservar a Paz Secreta, nesse caso... talvez a sua proposta possa ser levada em consideração.

– E é assim que tem de ser?

– Por enquanto, é assim que tem de ser.

– Que pena. Essa recusa me causa mais dor do que a senhora pode imaginar. Tenho presentes que não posso esperar até o ano que vem para revelar a todos os nobres desta agradável cidade. Com todas as minhas desculpas, terei de recusar sua recusa.

– Que raios isso quer dizer?

– Falcoeiro...

O Mago-Servidor se levantou da escrivaninha de Dona Vorchenza, empunhando uma pena de escrever. À sua frente, havia uma folha de pergaminho.

– Dona Vorchenza – falou, escrevendo com letras grandes e rebuscadas. – Angiavesta Vorchenza, não é? Bonito nome... muito bonito, muito autêntico...

O fio de prata em sua mão esquerda se moveu para lá e para cá, seus dedos chisparam e, sobre o pergaminho, uma estranha luz azul-prateada começou a surgir. O nome ANGIAVESTA VORCHENZA se destacou em meio ao brilho e, do outro lado da sala, Vorchenza gemeu e levou a mão à cabeça.

– Sinto muito ter que insistir usando meios não muito amigáveis, Dona Vorchenza – falou Raza. – Mas será que a senhora não vê que o Duque obteria grandes vantagens do fato de me receber como convidado? Com todo o respeito, a senhora com certeza não quer lhe negar os presentes que eu depositaria aos seus pés.

– Eu... eu não sei dizer...

– Sim – interveio o Falcoeiro. – Ah, sim, a senhora teria grande prazer em aceitar essa ideia, em garantir que Capa Raza fosse convidado para o banquete do Dia das Transformações no mais cordial espírito de boa amizade.

As palavras escritas no pergaminho que ele segurava brilharam com mais intensidade.

– Capa Raza – respondeu Vorchenza, devagar. – O senhor deve... naturalmente... aceitar a hospitalidade do Duque.

– A senhora fará questão – disse o Falcoeiro. – Capa Raza *tem* de aceitar o seu convite; a senhora não se contentará com uma recusa.

– Eu não... não vou aceitar... uma recusa.

– E eu não vou recusar – falou Raza. – É muita gentileza sua, Dona Vorchenza. Muita mesmo. E os meus presentes? Tenho quatro lindas esculturas que adoraria dar de presente ao Duque, mas não tenho a intenção de atrapalhar sua festa. Meus homens podem simplesmente deixá-las em algum lugar no banquete, com a sua cooperação. E nós poderemos mostrá-las ao Duque quando ele estiver com mais tempo.

– Esplêndido – comentou o Falcoeiro. – A senhora gostou muito dessa sugestão.

– Nada... nada me daria mais prazer... Capa Raza. Quanta gentileza sua.

– Sim, é muita gentileza minha. Nada mais justo.

Com uma risadinha, ele se levantou da cadeira e acenou para o Falcoeiro.

– Dona Vorchenza, essa conversa lhe agradou muitíssimo – continuou o Mago-Servidor. – A senhora está ansiosa para encontrar Capa Raza no Dia das Transformações e lhe prestar qualquer ajuda necessária para levar seus importantes presentes até Pontacorvo.

Ele dobrou o pergaminho e o guardou em um dos bolsos do colete, em seguida fez mais alguns gestos com o fio de prata.

Dona Vorchenza piscou várias vezes e respirou fundo.

– Capa Raza, o senhor precisa mesmo ir? Nossa conversa hoje foi muito agradável.

– Eu, por minha parte, a considerarei a mais encantadora das anfitriãs, milady Vorchenza. – Ele fez uma mesura com o pé direito para a frente, uma perfeita reverência ao estilo da corte. – Mas os negócios chamam: preciso ir cuidar dos meus e deixar a senhora cuidar dos seus.

– Que seja, meu caro rapaz. – Ela começou a se levantar, mas ele a impediu com um gesto.

– Não, não precisa se importar conosco, podemos descer sozinhos da sua linda torre. Por favor, volte ao que estava fazendo antes de eu a interromper.

– O senhor não interrompeu nada. Nós nos vemos então no Dia das Transformações? O senhor aceita o convite?

– Sim – respondeu Raza, virando-se para lhe dar um sorriso antes de sair pela porta do solário. – Aceito seu convite de bom grado. Nós nos vemos no Dia das Transformações, em Pontacorvo.

As filhas de Camorr

A PRIMEIRA VERDADEIRA REVOLUÇÃO NO mundo do crime de Camorr aconteceu antes de Capa Barsavi. Na realidade, ela precedeu sua ascensão em quase cinquenta anos e sua ocorrência resultou exclusivamente de certa falta de autocontrole por parte de um cafetão chamado Trevor Rude Vargas.

Trevor Rude tinha muitos outros apelidos, a maioria usada na privacidade dos seus pequenos plantéis de putas. Dizer a um louco destemperado e assassino que ele era isso mesmo feriria seus sentimentos. Como costuma acontecer nesses casos, Trevor representava um perigo maior para as próprias putas do que a profissão que elas exerciam em troca de moedas de cobre e prata; a única proteção que de fato lhes oferecia era a dos próprios punhos, que podia ser obtida em troca de quase todo o dinheiro que elas ganhavam.

Certa noite, uma puta particularmente vitimizada se mostrou pouco disposta a participar de sua diversão noturna preferida: obter prazer de sua boca enquanto lhe puxava os cabelos até ela gritar de dor. Antes de ela dar por si, já tinha sacado a adaga que levava no corpete e plantado a lâmina logo à esquerda do sexo de Trevor, bem na articulação da coxa, antes de desferir um golpe para a direita. Houve muito sangue, isso sem falar nos gritos, mas as tentativas de Trevor de revidar e de fugir foram prejudicadas pela velocidade com a qual a vida lhe jorrava por entre as pernas. A mulher o puxou para o chão e sentou-se nas suas costas para impedi-lo de engatinhar para fora do quarto. A força do homem se extinguiu, ele morreu em bem pouco tempo e não foi pranteado por ninguém.

Na noite seguinte, o Capa de Trevor despachou outro homem para assumir suas obrigações. As mulheres do antigo plantel de Trevor o acolheram sorridentes e lhe propuseram experimentar gratuitamente os seus serviços. Como esse homem tinha uma pequena pilha de tijolos quebrados no lugar em que a maioria das pessoas possui um cérebro, aceitou. Uma vez despido e separado de suas armas, foi apunhalado de várias direções ao mesmo tempo. Isso chamou a atenção do antigo Capa de Trevor, que na noite seguinte mandou cinco ou seis homens para resolver a situação.

Só que algo curioso havia acontecido: mais dois ou três grupos de putas tinham se livrado de seus cafetões e esse núcleo feminino cada vez mais numeroso tomou posse de um armazém na parte norte da Arapuca e montou ali seu quartel-general. Em vez de encontrar seis ou sete putas assustadas como haviam sido informados, os homens do Capa encontraram mais de vinte mulheres iradas, que tinham tomado a decisão de comprar armas com todo o dinheiro que puderam juntar.

Balestras são um poderoso fator de equilíbrio, sobretudo a curto alcance e com a vantagem da surpresa. Os tais cinco ou seis homens não tornaram a ser vistos.

E assim a guerra começou para valer: os Capas que tinham perdido cafetões e putas tentavam corrigir a situação enquanto, a cada dia que passava, o número de mulheres que se juntava à rebelião aumentava. Elas contrataram várias outras gangues para protegê-las, fundaram casas de prazer segundo seus próprios padrões e começaram a trabalhar. Os serviços que ofereciam em quartos confortáveis e bem equipados era muito superior ao que se podia obter das gangues de putas ainda administradas por homens e os clientes em potencial começaram a passar para o lado das mulheres junto com seu dinheiro.

As putas de Camorr haviam conseguido formar uma guilda. Menos de um ano após à morte de Trevor Rude, os poucos cafetões que restavam, ainda agarrados com brutalidade ao seu ganha-pão, foram convencidos (muitas vezes convencidos até a morte) a encontrar novas formas de sustentar seu corpo e sua alma.

Houve muito sangue: dezenas de prostitutas foram brutalmente assassinadas e vários de seus bordéis incendiados. No entanto, para cada uma dessas damas da noite abatida, algum homem do Capa encontrava o mesmo destino; as mulheres aplicavam o olho por olho, dente por dente com tanta crueldade quanto qualquer Capa da história de Camorr. Com o tempo, uma trégua frágil acabou se transformando em um acordo estável e lucrativo.

As putas da cidade se dividiram de maneira amigável em dois grupos definidos por territórios: as Doqueiras ficaram com a parte ocidental de Camorr e as do Lis Dourado dominavam a parte oriental, ambas se misturando sem problemas na Arapuca, onde o movimento era maior. Elas continuaram a prosperar; contrataram os próprios capangas recrutados localmente e pararam de arrendar assassinos de outras gangues. Embora a vida delas não pudesse ser considerada de todo agradável devido à sua ocupação, pelo menos passaram a ter pleno controle sobre os próprios negócios e estavam livres para impor aos clientes determinadas regras do decoro.

Essas mulheres construíram e preservaram um duopólio: em troca da promessa de não se envolver em nenhum outro tipo de crime, conquistaram e passaram a exercer o direito de esmagar sem dó qualquer tentativa de explorar mulheres fora de seus dois grupos. Naturalmente, alguns homens não davam muita importância às regras estabelecidas: tentavam bater em suas putas, recusar pagamento por seus serviços ou ignorar os padrões por elas acordados em relação à higiene e ao abuso do álcool. Lições difíceis foram ministradas e, como muitos homens aprenderam a duras penas, é impossível se mostrar intimidador quando uma mulher zangada está com seu pau entre os dentes e outra está segurando um punhal.

Vencarlo Barsavi esmagou a concorrência e ascendeu ao comando como o único Capa de Camorr, mas não se atreveu a perturbar o equilíbrio estabelecido entre as gangues tradicionais e as duas guildas de prostitutas. Reuniu-se com representantes das Doqueiras e do Lis Dourado ostentando um ar de grande civilidade e concordou em deixar as mulheres preservarem seu status de quase autonomia. Elas concordaram em pagar com regularidade pela sua ajuda – uma porcentagem de seus lucros, significativamente menor do que quaisquer outros tributos pagos ao Capa pelas Pessoas Certas de Camorr.

Barsavi entendeu algo que um número excessivo de homens na cidade demorou a compreender, uma ideia que reforçou anos depois ao adotar as Irmãs Berangias como suas principais agentes. Ele foi inteligente o bastante para entender que só é possível subestimar as mulheres de Camorr colocando em sério risco a própria saúde.

CAPÍTULO QUINZE

Picada de Aranha

1

– PODE ME GARANTIR QUE vai se cuidar melhor do que se cuidou antes, e melhor do que seu amigo Jean se cuidou nesta última semana? – indagou Ibelius.

– Mestre Ibelius, o senhor é nosso galeno, não nossa mãe, e como já lhe repeti dez vezes agora à tarde estou pronto, de corpo e mente, para esse evento em Pontacorvo – respondeu Locke. – Eu sou a personificação da cautela.

– Ora, senhor, se for assim espero mesmo nunca encontrar a personificação da imprudência.

– Deixe-o em paz, Ibelius – grunhiu Jean. – Pare de importuná-lo sem antes ter tido a decência de se casar com ele.

Jean se sentou sobre o catre, abatido e um tanto sujo; a sombra escura dos pelos que lhe cobriam o rosto só fazia realçar sua extrema palidez. Os ferimentos tinham sido bem graves: uma grande tira de pano estava amarrada em volta de seu peito nu e ataduras semelhantes envolviam-lhe as pernas por baixo da calça e o braço direito junto ao ombro.

– Esses galenos são bem úteis, mas acho que da próxima vez devemos pagar um pouco mais pela versão silenciosa, Jean – falou Locke, ajeitando os punhos do casaco que antes pertencia a Meraggio.

– Nesse caso, o senhor poderá também fazer os próprios curativos e aplicar os próprios emplastros, embora eu ouse dizer que seria mais rápido e fácil para vocês dois simplesmente cavar as próprias covas e ficar deitados nelas até a sua inevitável transição para um estado mais tranquilo!

– Mestre Ibelius – disse Locke, segurando o velho pelos braços. – Jean e eu estamos mais gratos pela sua ajuda do que conseguimos expressar; desconfio que ambos estaríamos mortos sem a sua intervenção. Pretendo recompensá-lo pelo tempo que teve de suportar aqui conosco neste antro, pois espero ganhar milhares de coroas muito em breve. Parte delas será sua e o senhor poderá ter uma nova vida longe daqui, com os bolsos recheados. O resto será usado para pôr Capa Raza debaixo da terra. Anime-se, veja o que Jean já fez com as suas duas irmãs.

– Feito que não estou em condições de repetir – comentou Jean. – Cuidado, Locke, não vou poder acudi-lo se algo sair errado hoje à noite.

– Embora eu não duvide que ele fosse tentar – emendou Ibelius.

– Não se preocupe, Jean. Será apenas um evento de rotina com o Duque e a porra da sua corte inteira reunidos em uma torre de vidro a 200 metros de altura. *O que* poderia sair errado?

– Esse seu sarcasmo está me soando chocho. Você está mesmo ansioso para ir a essa festa, não está?

– É claro que estou, Jean. Se estivesse vivo, Correntes ficaria fora de si de tanta alegria: eu vou fazer o papel de Lukas Fehrwight diante do maldito Duque, sem falar em todos os outros nobres nossos conhecidos, os de Marres, os Feluccias, o velho Javarriz... Glória ao Guardião Torto, vai ser *um espetáculo e tanto*. Supondo que eu esteja na minha melhor forma. E depois... dinheiro em nossos bolsos. E depois, vingança.

– A que horas você tem de estar na chácara dos Salvaras?

– Na terceira hora da tarde, ou seja, não tenho mais tempo a perder. Jean, Ibelius... como estou?

– Eu não seria capaz de reconhecer o homem que deitamos naquela cama de enfermo poucos dias atrás – respondeu Ibelius. – Confesso que o senhor tem uma habilidade profissional surpreendente; eu jamais teria concebido algo como essa sua farsa.

– Essa é a nossa vantagem, mestre Ibelius – disse Jean. – Pouca gente algum dia concebeu. Mestre Fehrwight, o senhor parece pronto para a noite. Vai pegar o caminho mais longo até Isla Durona, certo?

– Pelos deuses, sim – confirmou Locke. – Sou louco só até certo ponto. Vou seguir para o norte, passar pelos cemitérios e subir pelo Tranquilo. Calculo que não verei viva alma depois de sair de Cinzacai.

Enquanto ia falando, e apesar do calor escaldante, ele se enrolou no oleado que Jean trouxera de seu encontro com as Berangias, que ocultaria suas roupas elegantes até a chegada ao Morro dos Sussurros. Não seria bom um homem em trajes de gala atrair demasiada atenção dos indivíduos que vagavam pelos cantos escuros de Cinzacai.

– Então estou indo para Pontacorvo – anunciou Locke. – Até bem mais tarde. Jean, descanse. Mestre Ibelius, dispense a Jean seus cuidados maternos. Espero voltar com muito boas notícias.

– Se o senhor voltar, já ficarei grato – retrucou Ibelius.

2

SOLSTÍCIO DE VERÃO, DIA DAS Transformações, décimo sétimo dia do mês de Partis do Septuagésimo Oitavo Ano de Aza Guilla segundo o calendário terim. No Dia das Transformações, a cidade de Camorr enlouquecia.

Um Festejo Cambiante ocupava o amplo lago circular do mercado, mas a festa desse dia era menor e mais irregular do que os festejos mensais oficiais; sua principal atração era um campo de handebol flutuante feito com várias barcaças de fundo chato amarradas. Os times haviam escolhido uniformes dentro de um barril e, formados de maneira aleatória, aleijavam uns aos outros completamente embriagados ao som dos vivas de uma multidão composta por plebeus. Quando um time marcava, um pequeno barco com um barril de cerveja amarrado na metade da amurada aproximava-se do campo e distribuía uma dose para cada integrante do time. As partidas, é claro, iam ficando mais descontroladas e mais sujas à medida que avançavam. Vários jogadores eram atirados na água, de onde eram pescados por um destacamento de casacas-amarelas zelosos que, em outras circunstâncias, não teriam sonhado em intervir.

No Dia das Transformações, os plebeus dominavam as ruas da parte baixa de Camorr: organizavam

piqueniques itinerantes e carregavam barris de cerveja e odres de vinho. Grupos se cruzavam, provocavam-se, uniam-se e tornavam a se separar; uma boa vista geral do evento teria revelado homens e mulheres desordenados circulando pelas ruas da cidade feito sangue a correr pelas veias de um ébrio.

Na Arapuca, o movimento era grande: a celebração atraía marinheiros e visitantes de outros lugares, que acorriam como a maré cheia. Bastavam algumas horas de hospitalidade camorri para os celebrantes terem poucas chances de distinguir os traseiros dos ouvidos. A maré cheia de bebedeira, jogatina e gastação os submergia; eles se afogavam na orgia por vontade própria. Poucos navios zarpariam do porto no dia seguinte e poucos teriam a tripulação necessária para erguer nem que fosse um galhardete, que dirá uma vela.

No Caldeirão, nos Estreitos e na Borra, homens e mulheres leais a Capa Raza comemoravam a generosidade do seu líder: por ordem sua, dezenas e mais dezenas de barris de vinho tinto barato tinham sido trazidos em pequenas charretes. As gangues demasiado pobres ou preguiçosas para ir até a encruzilhada de maldade que era a Arapuca se contentavam em beber até cair em frente às próprias casas. Os *garristas* de Raza percorriam os bairros que ele havia reivindicado para si com cestos de pão que distribuía para quem pedisse. Acabou-se descobrindo que cada um deles tinha uma moeda de cobre ou prata dentro da massa e, quando esses presentes escondidos foram revelados – à custa de alguns desafortunados dentes quebrados –, nenhum pão ao sul do Bairro dos Templos ficou mais seguro.

A Tumba Flutuante de Raza foi aberta para visitas e vários de seus *garristas* e gangues se divertiram com um jogo de cartas que adquiriu proporções descomunais: no auge, 45 pessoas brigavam, embaralhavam, bebiam e gritavam uns com os outros no convés acima das águas escuras do Madeira-Velha, as mesmas que haviam devorado Capa Barsavi e toda a sua família.

Raza não pôde ser encontrado, pois tinha um compromisso nessa noite na parte norte da cidade, e não revelara a ninguém fora de seu círculo mais íntimo de subordinados originais que estaria na corte do Duque, olhando para eles lá de cima da torre de Pontacorvo.

No Bairro dos Templos, o Dia das Transformações era celebrado com mais moderação: o grupo de sacerdotes e iniciados de cada templo trocava de lugares com outro e depois com um terceiro, criando um ciclo em constante movimento. As vestes negras de Aza Guilla e os servos de Iono executavam solenes rituais um no santuário do outro. Dama Elliza e Azri, Morgante e Nara, Gandolo e Sendovani: todas as delegações divinas acendiam velas e entoavam cantos para o céu ante um altar diferente do seu, então seguiam em frente após uns minutos. Algumas bênçãos suplementares foram oferecidas na incendiada Casa de Perelandro, onde um solitário velho trajando as vestes brancas do Senhor dos Enjeitados, recentemente convocado de Ashmira, avaliava a destruição do templo confiado a seus cuidados. Ele não soube nem por onde começar a redigir seu relatório ao Sumo Sacerdote de Perelandro sobre a ruína que havia encontrado no porão de Vidrantigo, de cuja existência não fora informado antes da viagem.

No Canto Norte e na Curva da Fonte, casais abastados rumavam para o Bosque Duas Pratas, onde era considerado sinal de boa sorte fazer amor logo na véspera do solstício. Dizia-se que uma união consumada ali antes da Falsaluz daria ao casal tudo o que ele mais desejasse em um filho. Era um bônus agradável, caso fosse verdade, mas por ora a maioria dos homens e mulheres escondidos

entre os caminhos de pedra triturada e os muros farfalhantes de vegetação desejavam apenas uns aos outros.

Nas águas do Porto Velho, a fragata *Satisfação* boiava ancorada, com as bandeiras amarelas tremulando nos mastros e os lampiões amarelos acesos mesmo durante o dia. Uma dezena de silhuetas se movia no convés, dando conta, calma e sorratamente, do trabalho de preparar a embarcação para sua atividade noturna. Balestras foram empilhadas nos mastros e cobertas com lonas impermeáveis. Redes para impedir abordagens foram arrastadas até debaixo das amuradas no convés superior do navio e deixadas ali, ocultas, de modo a serem armadas às pressas, em caso de necessidade. Baldes de areia foram providenciados para apagar chamas; se as catapultas da costa disparassem, algumas delas sem dúvida lançariam fogo alquímico, contra o qual a água era inútil.

Nos escuros compartimentos de carga abaixo do convés superior da embarcação, outros homens e mulheres, quase quarenta, faziam uma lauta refeição, para estarem de barriga cheia quando chegasse a hora da ação. Não havia um só inválido entre eles – ninguém estava sequer com febre.

Ao pé de Pontacorvo, lar e palácio do Duque Nicovante de Camorr, uma centena de carruagens estacionadas formavam uma espiral em volta da base da torre e quatrocentos condutores de libré e guardas saboreavam os comes e bebes trazidos por atarefados criados trajando as cores do Duque. Passariam a noite inteira ali, aguardando a descida de seus patrões e patroas – o Dia das Transformações era o único do ano em que quase todos os fidalgos de Camorr, toda a pequena nobreza das ilhas de Alcegrante e cada um dos membros das Cinco Famílias residentes nas torres de vidro estariam espremidos em um mesmo lugar, bebendo e comemorando, tramando e intrigando, elogiando e insultando, enquanto o Duque os observava com seus olhos remelentos. A cada ano, a futura geração dos governantes de Camorr via a velha guarda se tornar um pouco mais grisalha diante de seus olhos, seus cumprimentos e medidas se tornavam um pouco mais exagerados, as palavras que eles sussurravam por trás das mãos ficavam mais venenosas. Talvez Nicovante já estivesse no poder há tempo demais.

Seis elevadores acionados por correntes davam acesso a Pontacorvo, subindo e descendo sem parar. A cada nova gaiola que se abria com um rangido no alto da torre, uma nova leva de pessoas de casacos coloridos e ornamentados vestidos era descarregada no terraço de embarque e se misturava à ruidosa maré de nobres e aduladores, traficantes de influência e farsantes, comerciantes, vagabundos, bêbados e predadores da corte. Bandos de aves voavam em lentos e trêmulos círculos e o sol castigava a festa com toda a sua potência; os cavalheiros e damas de Camorr pareciam estar pisando um lago de prata derretida no topo de uma coluna de fogo branco.

O ar tremeluzia com ondas de calor quando a gaiola que transportava Locke Lamora e o casal Salvara se encaixou com um clangor no mecanismo que a prendia à borda do terraço do Duque.

– PELOS TUTANOS SAGRADOS, NUNCA vi nada igual – comentou Locke. – Nunca estive tão alto assim na vida; pelas Mãos Sob as Águas, nunca estive tão alto assim *na sociedade!* Milorde Salvara, milady Salvara, perdoem-me se eu me agarrar a vocês dois como um afogado.

– Sofia e eu frequentamos este lugar desde a infância – disse Lorenzo. – Todos os anos, neste mesmo dia. Só é impressionante nas primeiras dez ou onze vezes, acredite.

– Vou ter que acreditar na sua palavra, milorde!

Criados trajando libré preto e prata, com fileiras de botões prateados polidos reluzindo ao sol, seguraram a porta da gaiola para eles quando Locke desceu atrás dos Salvaras e pisou o terraço de embarque. Um esquadrão de casacas-negras passou marchando em uniforme de gala, com floretes carregados sobre os ombros em bainhas entalhadas em prata e altos chapéus de pele preta com medalhões que exibiam o brasão do Ducado de Camorr logo acima dos olhos. Locke fez uma careta ao pensar no calor que deviam estar sentindo ao marchar para lá e para cá sob o sol inclemente durante horas a fio. Já estava suando em bicas com as roupas que usava, mas tanto ele quanto o casal tinham a possibilidade de entrar na torre.

– Dom Lorenzo e Dona Sofia? Milorde e milady Salvara?

O homem que se destacou dos convidados e veio na sua direção era muito alto e tinha os ombros largos. Sua estatura superava em uma cabeça inteira a da maioria dos camorris ali presentes e seus traços angulosos e cabelos mais claros do que de costume eram sinais da linhagem vadrã mais antiga e mais pura. Aquele homem era originário do extremo nordeste, de Astrath ou Vintila, bem no coração do Reino dos Sete Tutanos. Curiosamente, porém, estava usando um uniforme negro da Companhia Vidronoite com as estrelas de prata de um capitão na lapela e sua voz era pura aristocracia de Camorr, sem qualquer indício de outro sotaque.

– Ora, sim – respondeu Lorenzo.

– Seu criado, milorde, milady. Meu nome é Stephen Reynart; acho que Dona Vorchenza deve ter falado de mim para os senhores.

– Ah, claro! – Dona Sofia estendeu a mão; com o pé direito à frente do esquerdo, Reynart fez uma reverência, segurou sua mão e beijou o ar logo acima. – Que prazer conhecê-lo finalmente, capitão Reynart. Como está passando nossa cara Dona Vorchenza esta tarde?

– Ela está *tricotando*, milady – respondeu Reynart com um sorriso maroto que deu a entender alguma brincadeira particular. – Solicitou para si uma das salas de estar do Duque... A senhora sabe o que ela pensa de reuniões grandes e barulhentas.

– Preciso ir procurá-la, é claro – falou Sofia. – Adoraria vê-la.

– Tenho certeza de que ela também, milady. Mas posso fazer uma suposição? Este por acaso é mestre Fehrwight, o comerciante de Emberlane que fiquei sabendo que trariam? – Reynart fez outra medida, dessa vez apenas com o pescoço, e quando tornou a falar foi em um vadrã carregado. – Que os Tutanos fluam bem e os mares estejam calmos, mestre Fehrwight.

– Que as Mãos Sob as Águas o conduzam à boa fortuna – respondeu Locke em seu vadrã muito mais fluente, genuinamente surpreso. Por educação, passou ao terim: – Um conterrâneo, capitão Reynart? A serviço do Duque de Camorr? Fascinante!

– Eu com certeza tenho sangue vadrã, mas os meus pais morreram na minha infância, durante uma missão comercial nesta cidade. Fui adotado e criado por Dona Vorchenza, Condessa de Vidrâmbar,

daquela torre dourada brilhante. Ela não teve filhos. Embora eu não possa herdar seu título nem suas posses, fui autorizado a servir na Companhia Vidronoite do Duque.

– Incrível! Devo dizer que o senhor tem um aspecto dos mais formidáveis... É a imagem perfeita dos próprios Reis dos Tutanos. Aposto que o Duque está muito satisfeito em tê-lo a seu serviço.

– Torço de todo coração para isso ser verdade, mestre Fehrwight. Mas venham, eu os estou atrasando. Peço perdão, milorde e milady Salvara, eu não sou um assunto de conversa muito interessante. Com sua licença, deixem-me conduzi-los para dentro da torre.

– Pois não – disse Sofia. Ela se inclinou até junto do ouvido de Locke para cochichar: – Dona Vorchenza é uma velhinha muito querida, como uma avó para todas nós, as damas de Alcegrante. É a juíza de todas as nossas fofocas, por assim dizer. Ela não anda muito bem de saúde e, a cada mês que passa, fica mais avoadada, porém ainda é muito próxima de nós. Espero que o senhor tenha a oportunidade de conhecê-la.

– Aguardarei ansiosamente essa ocasião, milady Salvara.

Reynart os conduziu para dentro da torre em si e a visão com que Locke deparou arrancou de sua boca um arquejo involuntário.

Vista de fora, Pontacorvo tinha uma cor prateada opaca; por dentro, pelo menos nos andares que ele podia ver, era quase transparente. O vidro parecia conter em seu âmago uma névoa ou fumaça que absorvia a claridade do sol e a reduzia a um simples círculo branco lá em cima que o olho não suportava encarar sem problemas, mas sob todos os outros aspectos permitia que se visse o lado de fora como se não existisse. Ao norte se estendiam os campos cheios de morros e o largo curso do Angevino e, ao sul, todas as ilhas da cidade baixa jaziam espalhadas como as ilustrações de um mapa. Ao olhar com atenção, Locke conseguiu distinguir até mesmo as formas negras dos mastros dos navios flutuando pelo extremo sul da cidade. A vertigem lhe deu um frio na barriga.

Logo acima deles começava o Jardim Celestial, cujos vasos e canteiros deviam conter cem toneladas de terra fértil. Trepadeiras cascadeavam pelas laterais e arbustos bem-cuidados e árvores em tamanho natural brotavam do cume da torre, uma verdadeira floresta redonda em miniatura. Nos galhos de uma dessas árvores, virada para o sul de frente para o Mar de Ferro, havia uma cadeira de madeira considerada o ponto mais alto em toda Camorr ao qual uma pessoa sã era capaz de chegar. O Jardim Celestial devia estar repleto de crianças, pois era lá que os nobres mais jovens eram soltos para se divertir enquanto seus pais cuidavam dos assuntos da corte mais abaixo.

O chão que eles pisavam não se estendia por todos os 30 metros de diâmetro da torre: tratava-se de um semicírculo que ocupava apenas a metade norte. Locke se agarrou a um guarda-corpo na extremidade sul e olhou para baixo, vendo que quatro outras galerias semicirculares se sucediam, de 5 em 5 metros, todas repletas de gente. A vertigem ameaçou tornar a engoli-lo; ao olhar para os quase 25 metros que o separavam do nível do mar, com a lateral transparente da torre e aquela estonteante vista do sul estendida à sua frente, ele quase teve a sensação de que o mundo estava se inclinando no eixo. A mão de Dom Salvara em seu ombro o trouxe de volta ao momento presente.

– Você está acometido pelo mal de Pontacorvo, Lukas. – Lorenzo riu. – Está segurando esse guarda-corpo como se fosse sua namorada. Venha beber alguma coisa. Com o tempo seus olhos vão se acostumar com a vista e tudo isto vai parecer perfeitamente normal.

– Ah, milorde Salvara, tomara que isso aconteça mesmo. Eu adoraria poder visitar as mesas do

banquete.

O Dom o conduziu por entre a aglomeração de sedas, algodões, caxemiras e peles raras, meneando a cabeça e acenando de vez em quando. Sofia tinha sumido junto com Reynart.

As mesas do banquete tinham 15 metros de comprimento e estavam postas com toalhas de linho debruadas com fio de prata. Bom, talvez aquelas fossem apenas as mesas das entradas: em uma festa como aquela, as comidinhas leves servidas durante a tarde podiam competir com os pratos principais de qualquer evento menos importante. Membros da guilda dos chefes de cozinha, os Mestres das Oito Lindas Artes de Camorr, usavam suas vestes cerimoniais amarelo-creme e seus capelos pretos com cordões de ouro pendurados atrás das orelhas, ladeando as mesas em postura de atenção. Todos tinham complexas tatuagens pretas em cada um dos quatro dedos das mãos, com exceção dos polegares; os desenhos representavam o domínio de cada uma das Oito Formas Gastronômicas.

Em uma das pontas das mesas ficavam as sobremesas (a Quinta Linda Arte): bolos de creme de cereja envoltos em folhas de ouro comestíveis e tortas de canela minuciosamente montadas com cola de pasta de mel no formato de embarcações – toda uma frota de pequenos barcos com velas de marzipã branco, e passas fazendo as vezes de tripulantes. Havia peras recheadas por cilindros de polpa de melão-do-rio e o exterior verde raspado para expor a carne rosada da fruta, onde fora esculpido o brasão de Camorr em alto-relevo. Além disso, globos alquímicos posicionados dentro dos melões os faziam emitir uma luz rosada convidativa.

Na outra ponta da mesa ficavam as carnes; cada uma das travessas de prata continha um *phantasmavola* – um Prato Impossível, um animal formado pela união das metades de duas criaturas diferentes durante a preparação e o cozimento. Locke viu um javali assado com cabeça de salmão pousado sobre uma pilha de caviar preto. Ao seu lado havia uma cabeça de porco, com uma maçã-do-brejo na boca, cujo corpo era o de um capão assado. As carnes estavam todas cobertas por um molho castanho de caramelo e figos e Locke cedeu aos roncões na sua barriga. Deixou um dos mestre-cucas lhe servir uma generosa porção do porco-capão, que comeu em um prato com um garfinho, ambos de prata. A carne se desfez em sua boca feito manteiga e os sabores o deixaram tonto. Há semanas ele não comia nada tão delicioso: sabia que teria sido preciso lançar mão de todos os seus dons, com o auxílio dos Sanzas em sua melhor forma, para preparar algo tão refinado em seu velho porão de vidro. Pensar isso roubou um pouco do sabor da comida e ele terminou depressa.

Ficou feliz em evitar a cabeça de boi com corpo de lula.

Bem no centro das mesas estava a glória que coroava o banquete – pelo menos naquele andar. Era uma imensa iguaria nada sutil, com 2,5 metros de comprimento: uma escultura comestível da cidade de Camorr. As ilhas eram feitas de pão doce posicionado sobre pequenas plataformas elevadas de metal e, nos canais entre as plataformas, corria algum líquido azul que um chef à esquerda da maquete servia em xícaras com o auxílio de uma concha. Cada uma das principais pontes da cidade era representada por uma réplica feita em açúcar cristalizado; cada um dos principais marcos de Vidrantigo estava reproduzido em miniatura, da Torre Partida ao sul até a Casa das Rosas de Vidro e as Cinco Torres se erguendo mais altas do que tudo à sua volta. Locke examinou todo aquele trabalho com muita atenção: havia até mesmo um pequeno galeão com

cobertura de chocolate, pouco maior do que uma amêndoa, flutuando em um Madeira-Velha feito de pudim marrom.

– Como vai, Lukas?

Dom Salvara surgiu outra vez ao seu lado, com uma taça de vinho na mão. Um garçom de casaco preto recolheu das mãos de Locke o prato usado na mesma hora em que ele se virou para falar com Lorenzo.

– Estou impressionado – respondeu ele sem muito exagero. – Não fazia ideia do que esperar... Pelos Tutanos, talvez tenha sido melhor vir sem expectativa nenhuma. A corte do Rei dos Tutanos deve ser assim; não consigo pensar em nenhum outro lugar que possa se comparar.

– Seus generosos pensamentos são uma honra para nossa cidade – disse o Dom. – Estou muito contente que tenha decidido vir conosco. Estava agora mesmo conversando com alguns dos meus colegas nobres. Daqui a mais ou menos uma hora terei uma conversa séria com um deles: acho que ele vai contribuir com pelo 3 mil coroas. Detesto dizer isto, mas ele é bastante maleável e gosta muito de mim.

– Lukas! – exclamou Dona Sofia, reaparecendo com Reynart em seu encaço. – Lorenzo está lhe fazendo as honras como deve?

– Milady Salvara, estou deveras assombrado com o espetáculo deste banquete. Ouso dizer que o seu marido poderia me deixar sentado em um canto chupando o dedo e, mesmo assim, eu passaria a noite inteira entretido.

– É claro que eu jamais faria uma coisa dessas. – Dom Salvara riu. – Estava só ali conversando com Bellarigio, amor. Ele veio com aquele escultor que tem patrocinado nos últimos meses, aquele lashani caolho.

Um grupo de quatro carregadores de libré passou transportando algo pesado sobre uma tábua de madeira. Era uma espécie de escultura de ouro e vidro, uma pirâmide reluzente encimada pelas armas de Camorr. Devia conter lampiões alquímicos, pois o vidro irradiava um lindo tom alaranjado. Enquanto Locke observava, a cor se transformou em verde, depois em azul, em seguida em branco, antes de voltar ao laranja.

– Ah, que lindo! – Dona Sofia visivelmente adorava tudo o que fosse alquímico. – Essas cores cambiantes! Ah, como os ajustes devem ser precisos... Adoraria ver como funciona por dentro! Diga-me, esse lashani de Bellarigio consegue esculpir uma coisa *assim*?

Outros três grupos de homens passaram carregando mais três esculturas, cada uma com seu próprio padrão um pouco diferente de cores.

– Não sei – respondeu Reynart. – São presentes para o Duque dados por um de nossos convidados mais... peculiares. Foram verificados por meus superiores. São lindos, de fato.

Tornando a se virar para a mesa de banquete, Locke de repente deparou com Giancana Meraggio a 2 metros de distância, com uma orquídea na lapela, um prato de prata cheio de frutas em uma das mãos e uma deslumbrante jovem de vestido vermelho no outro braço. Meraggio passou os olhos por Locke, em seguida girou nos calcanhares. Seu olhar penetrante se cravou nele e nas roupas que ele vestia. O mestre cambista abriu a boca, pareceu mudar de ideia, mas então tornou a abri-la.

– Meu senhor – falou, com uma voz fria. – Queira me desculpar, mas...

– Ora, mas é mestre Meraggio!

Lorenzo chegou até o seu lado e, ao se ver diante de um Dom, Meraggio tornou a fechar a boca e fez uma mesura com educação, embora não tenha se curvado tanto.

– Dom Salvara e a formosa Dona Sofia – falou Meraggio. – Que prazer em vê-los! Saudações ao senhor também, capitão Reynart.

Ele dispensou o vadrã alto com um leve movimento de cabeça e tornou a olhar para Locke.

– Mestre Meraggio, ora, mas que feliz coincidência! É um prazer enfim conhecê-lo. Fui procurá-lo muitas vezes em sua casa de contabilidade, mas infelizmente nunca tive a chance de prestar minhas devidas homenagens.

– É mesmo? Ora, eu ia mesmo perguntar... Quem é o senhor?

– Mestre Meraggio – interveio Dom Salvara –, permita-me apresentar Lukas Fehrwight, comerciante de Emberlane, funcionário da Casa de bel Auster. Ele veio aqui negociar a importação de uma determinada quantidade de cerveja de baixo teor alcoólico e eu gostaria de ver como essas bebidas se comparam às melhores cervejas que fabricamos aqui. Lukas, este é o Honorável Giancana Meraggio, dono da casa de contabilidade que leva seu nome, conhecido por muitos como Duque do Ferro Branco, e não sem motivo. As finanças orbitam à sua volta como as constelações no céu.

– Ao seu dispor – disse Locke.

– De Emberlane? Da Casa de bel Auster?

– Ora, sim – falou Dona Sofia. – Ele veio ao banquete como nosso convidado especial.

– Mestre Meraggio, espero não estar sendo muito ousado, mas gostou do corte do meu casaco? – perguntou Locke. – E do tecido?

– São perguntas bem peculiares, pois ambos me parecem estranhamente conhecidos – respondeu Meraggio com a cara feia.

– E deveriam parecer mesmo – retrucou Locke. – Seguindo o conselho dos Salvaras, mandei fazer um traje completo cortado ao estilo camorri. Pedi ao alfaiate que escolhesse um corte que fosse especialmente apreciado pela pessoa de mais bom gosto de toda a cidade. E adivinhe quem ele mencionou? O senhor mesmo! Esta roupa foi feita de acordo com as *suas próprias preferências!* Espero que não me ache atrevido se eu disser que a considero bastante confortável.

– Ah, não – falou Meraggio, parecendo extremamente constrangido. – Ah, não. Nem um pouco atrevido... Isso é muito lisonjeiro, meu senhor, muito lisonjeiro. Eu, ahn... não estou me sentindo muito bem. É o calor, sabem? Acho que vou tomar um pouco do ponche daquela iguaria ali. Foi um prazer conhecê-lo, mestre Fehrwight. Se me dão licença, Dona Sofia, Dom Lorenzo.

Meraggio se afastou, virando-se para espiar Locke por cima do ombro e balançar a cabeça. *Ah, Guardião Torto, você é mesmo um filho da puta engraçadinho, não é?*, pensou Locke.

– Lukas, já comeu o suficiente por enquanto? – perguntou Dona Sofia.

– Acho que vou aguentar sem problemas, milady Salvara.

– Ótimo! Por que não vem procurar Dona Vorchenza comigo? Ela está escondida em uma das outras galerias, tricotando. Se estiver lúcida hoje, o senhor vai adorá-la, eu lhe garanto.

– Dona Vorchenza está nos aposentos do extremo norte na galeria oeste, dois pisos mais abaixo – informou Reynart. – Conhece o lugar de que estou falando?

– Conheço, sim – respondeu Sofia. – O que me diz, Lukas? Vamos lá prestar nossa homenagem. Lorenzo pode ficar circulando e trabalhar nos importantes negócios dos quais deveríamos estar

cuidando.

– Não me esqueci, querida – disse Dom Lorenzo, fingindo irritação. – Quanto a mim, mestre Fehrwight, eu desejo apenas que a velha Dona esteja falando terim hoje. Talvez o senhor se veja apresentado ao equivalente de uma estátua de pedra. Ou talvez ela apenas se comporte assim quando estou presente.

– Quisera eu poder dizer que se trata somente de afetação, milorde Salvara – replicou Reynart. – Mas eu deveria circular um pouco para fazer parecer que estou de fato trabalhando. Queira transmitir meu afeto a Dona Vorchenza, milady Sofia.

– Claro, capitão. Vamos, Lukas?

A Dona o fez descer uma das escadas de Vidrantigo ladeada por corrimões de madeira laqueada. Lampiões alquímicos em nichos ornamentados lançavam uma luz suave ao pé da escada; deviam ficar lindos depois de escurecer. A planta daquele piso era igual à do andar de cima e havia outra mesa de banquete com 15 metros de comprimento repleta de iguarias e maravilhas e uma das belas e estranhas pirâmides de vidro e ouro fora posicionada ao seu lado. *Curioso*, pensou Locke.

– Milady Salvara – falou ele, sorrindo e apontando. – Quem sabe algum dos criados pode ser convencido a pegar emprestada uma dessas esculturas para a senhora ao sairmos, para que possa dar uma espiada no interior?

– Ah, Lukas, quem me dera... mas pegar emprestadas as suas decorações por um capricho não é retribuição que se dê para a hospitalidade do Duque. Vamos, temos que descer mais um andar. Lukas? Lukas, o que houve?

Locke estava petrificado, com os olhos cravados na escada que levava ao piso inferior. Alguém vinha subindo os degraus: um homem esguio, atlético, vestido com casaco e calças cinzentas. Seu colete e chapéu de quatro pontas eram pretos e os lenços no pescoço eram vermelho vivo. Na mão esquerda, por cima da luva de couro cinza, havia um anel bem conhecido: o anel de Barsavi, a pérola negra do Capa de Camorr.

Locke cruzou olhares com Capa Raza; seu coração batia mais do que os tambores de uma galé de guerra. O senhor do submundo de Camorr parou, estarecido e o puro assombro percorreu seu semblante, expressão que fez a alegria brotar do fundo da alma de Locke. Então, por um brevíssimo instante, sua expressão denotou ódio: os traços de seu rosto se contraíram, os dentes foram trincados. Por fim, ele pareceu se resignar e controlou-se, fazendo rodopiar uma bengala de madeira-bruxa preta laqueada com cabo de ouro. Enfiou-a debaixo do braço esquerdo e avançou casualmente em direção a Locke e Dona Sofia.

4

– A SENHORA COM CERTEZA deve ser uma Dona de Camorr – falou Capa Raza. – Não acho que eu tenha tido o prazer de lhe ser apresentado, graciosa dama.

Ele tirou o chapéu e fez a reverência no ângulo perfeito, com o pé direito em frente ao esquerdo.

– Dona Sofia Salvara, da Isla Duroa – disse ela, estendendo a mão que Capa Raza segurou para beijar o ar logo acima.

– Seu criado, milady Salvara. Meu nome é Luciano Anatolius. Encantado, milady, de fato encantado. E o cavalheiro que a acompanha? Já nos conhecemos?

– Acredito que não – respondeu Locke. – O senhor me parece estranhamente familiar, mas tenho certeza de que me lembraria se já tivéssemos nos encontrado.

– Mestre Anatolius, este é Lukas Fehrwight, comerciante de Emberlane que trabalha para a Casa de bel Auster – apresentou Sofia. – Ele é meu convidado pessoal aqui no banquete do Duque.

– Um comerciante de Emberlane? Saudações. Ora, o senhor deve ter muitos *contatos* para conseguir ingressar nestes círculos tão reservados.

– Eu faço o que preciso, meu senhor, faço o que preciso. Tenho amigos particularmente bons aqui em Camorr. Eles muitas vezes me proporcionam vantagens inesperadas.

– Não duvido. Casa de bel Auster, pois não? Os famosos comerciantes de bebidas? Excelente. Como todo mundo, eu aprecio uma boa cerveja. Na realidade, quando adquiro bebidas, prefiro comprar o barril inteiro.

– É mesmo, meu senhor? – Locke sorriu. – Ora, essa é justamente a especialidade da minha empresa: muitas coisas maravilhosas e surpreendentes saem dos nossos barris. Temos orgulho de sempre satisfazer o cliente, de sempre conceder a retribuição certa e condizente com o que recebemos, sem tirar nem pôr... se é que me entende.

– Entendo, sim – respondeu Capa Raza, também sorrindo. – Uma prática profissional admirável, que eu próprio também respeito.

– Sem dúvida – concordou Locke. – Agora me recordo por que o senhor me parece familiar, mestre Anatolius. Não teria por acaso uma irmã? Ou quem sabe duas? Parece que me lembro de tê-las encontrado em algum momento... A semelhança me parece *muito* notável.

– Não, temo que o senhor esteja muito enganado: eu não tenho irmãs – retrucou Capa Raza, irritado. – Dona Sofia, mestre Fehrwight, foi um grande prazer conhecê-los, mas infelizmente tenho outros assuntos urgentes a resolver. Desejo a ambos muito bom proveito do banquete desta noite.

Locke estendeu a mão e estampou um sorriso simpático e inocente.

– É sempre um prazer conhecer novas pessoas, mestre Anatolius. Quem sabe tornaremos a nos encontrar?

Capa Raza encarou com raiva a mão estendida de Locke, então pareceu se conter: não poderia recusar uma cortesia daquelas sem causar grande rebuliço. Segurou o antebraço de Locke com a mão forte e Locke retribuiu o cumprimento. Os dedos de sua outra mão comicharam; se o seu punhal não estivesse escondido de forma inconveniente dentro de uma das botas, nesse momento a tentação superaria qualquer pensamento racional.

– É muita bondade sua, mestre Fehrwight, mas duvido muito que isso vá acontecer – respondeu Capa Raza com uma expressão plácida.

– Se aprendi alguma coisa sobre esta cidade, mestre Anatolius, é que ela é cheia de surpresas. Tenha uma excelente noite.

– O senhor também, comerciante de Emberlane.

Raza se afastou rapidamente para o meio da multidão enquanto Locke o fitava. O Capa se virou uma vez, cruzou olhares com ele de novo e desapareceu escada acima em direção ao andar seguinte,

com o casaco cinza esvoaçando em seu encaço.

– Lukas, por acaso eu deixei passar alguma coisa? – indagou Dona Sofia.

– Deixou passar alguma coisa? – Locke a presenteou com mais um sorriso inocente de Fehrwight.

– Não creio, milady. É que o cavalheiro se parecia muitíssimo com um antigo conhecido meu.

– Um amigo de Emberlane?

– Não, não. Amigo, não. E o cavalheiro em questão já morreu há muitos anos... Está mortinho da silva. – Percebendo que estava trincando os dentes, deixou que sua postura tornasse a ficar tranquila. – Vamos encontrar Dona Vorchenza, milady?

– Vamos, ora. Sim, vamos lá, me acompanhe.

Ela o fez descer a escada pela qual Raza havia subido até mais uma galeria abarrotada por pessoas de alta estirpe, “sangues-azuis e sangues-dourados”, como teria dito Padre Correntes. Em vez de mesa de banquete, esse andar tinha um balcão de bar: 12 metros de madeira-bruxa encerada atrás da qual mais de vinte pessoas vestidas com o libré do Duque serviam os convidados. Atrás deles, sobre mesas e prateleiras, estavam milhares de garrafas e lampiões alquímicos, que banhavam a galeria com uma cascata de fitas coloridas. Imensas pirâmides de copos de vinho e cerveja protegidos por cordões de veludo ocupavam as laterais do balcão; bastaria um gesto pouco profissional para fazer centenas de coroas em cristais finos se espatifarem no chão. Casacas-negras parados em rígida postura de atenção ladeavam as estruturas como garantia suplementar. Além disso, mais uma das lindas esculturas piramidais fora posta ali, poucos metros à direita do bar, atrás de um dos cordões.

Dona Sofia o conduziu pelo balcão e pela comprida fila de nobres que aguardavam para ingerir a coragem líquida de sua preferência; alguns já se encontravam claramente prejudicados na valiosa arte de se manter ereto. Na parede oeste da galeria, havia uma pesada porta de madeira-bruxa ornada com um selo de prata no qual se podia distinguir as armas pessoais do Duque Nicovante. Dona Sofia a abriu e o levou por um corredor curvo iluminado pela suave luz prateada de lampiões alquímicos. O corredor tinha três portas e Dona Sofia o orientou até aquela que ficava bem no final, perto do que Locke supunha ser a parede norte da torre.

– Então, ou vamos encontrar Dona Vorchenza ou um casal jovem fazendo algo que não deve – comentou Dona Sofia com um sorriso maroto.

Ela fez a porta deslizar, espiou lá dentro, em seguida puxou a manga de Locke.

– Está tudo bem – sussurrou. – É ela.

Locke e Sofia adentraram um recinto quase quadrado cuja parede externa tinha uma leve curva; ao contrário das galerias públicas, o Vidrantigo daquela parte da torre era opaco. A única janela ficava na parede norte e sua persiana de madeira entreaberta deixava entrar a claridade do sol e o vento morno do fim de tarde.

O cômodo continha apenas uma cadeira de encosto alto feita de madeira, onde estava sentada uma velha senhora meio corcunda. Curvada por cima de um par de reluzentes agulhas, se entretinha com um objeto tricotado que produzira, impossível de identificar, derramando-se até seu colo. Alguns novelos de fio de lã preto jaziam a seus pés. Ela trajava roupas excêntricas: um casaco preto masculino e pantalonas roxo-escuras como aquelas tradicionalmente usadas pelos oficiais de cavalaria; seus chinelinhos pretos tinham as pontas curvas como sapatos de contos de fadas. Ela parecia ter os olhos límpidos por trás dos ópticos em formato de meia-lua, mas não os

ergueu do tricô quando Dona Sofia conduziu Locke até o meio do recinto.

– Dona Vorchenza? – Sofia pigarreou e levantou a voz. – Dona Vorchenza? Sou eu, milady, Sofia... trouxe alguém para lhe apresentar.

Tlec-tlec, fizeram as agulhas da velha senhora, *tlec-tlec*, mas seus olhos não se ergueram.

– Dona Angiavesta Vorchenza é a Condessa Viúva de Vidrâmbar – explicou Sofia a Locke. – Ela, ahn... ela vai e vem. – Sofia deu um suspiro. – Posso lhe pedir para ficar com ela aqui só um instante? Vou dar um pulo no bar; ela costuma tomar vinho branco. Talvez uma taça a traga de volta para nós.

– Claro, Dona Sofia – respondeu Locke, animado. – Seria uma honra fazer companhia à condessa. Pode ir buscar o que achar adequado.

– Trago algo para o senhor também, Lukas?

– Ah, não, não. Quanta gentileza sua, milady Salvara. Talvez mais tarde.

Sofia aquiesceu, saiu do recinto e fechou a porta com um clique. Locke começou a andar de um lado para outro, com as mãos nas costas.

Tlec-tlec, faziam as agulhas, *tlec-tlec*. Locke arqueou uma das sobrancelhas: o objeto que aquelas agulhas produziam permanecia um total mistério. Talvez estivesse longe de estar pronto. Ele suspirou, andou mais um pouco e se virou para olhar pela janela.

Os morros verdes e marrons se estendem pelo horizonte curvo ao norte da cidade e ele podia ver as linhas das estradas, os telhados multicoloridos das pequenas construções e o azul-acinzentado das águas do Angevino, tudo enevoadado por causa do mormaço e da distância. O sol inundava a paisagem com uma luz quente e branca; não havia uma só nuvem no céu.

Foi então que ele sentiu uma dor súbita e terrível no lado esquerdo da nuca.

Locke se virou e levou uma das mãos ao local da dor, sentindo certa umidade. Em pé à sua frente, Dona Vorchenza segurava a agulha de tricô que acabara de enfiar no seu pescoço. Tinha os olhos agora acesos por trás dos ópticos em formato de meia-lua e um sorriso se destacava no conjunto de rugas que cobria seu rosto magro.

– Aaaaaiiii! – Ele esfregou o pescoço e só com grande dificuldade conseguiu manter o sotaque vadrã. – Que *porcaria* foi isso?

– Salgueiro-triste, mestre Espinho – respondeu Dona Vorchenza. – Veneno de salgueiro-triste; tenho certeza de que já ouviu falar. Só lhe restam alguns minutos de vida... e eu gostaria muito que nós os passássemos conversando.

5

– A SENHORA... A SENHORA...

– Eu o apunhalei no pescoço. Devo confessar que tive grande prazer em fazê-lo, meu caro rapaz. O que posso dizer? O senhor nos obrigou a conduzir uma árdua perseguição.

– Mas... mas... Dona Vorchenza, não estou entendendo. Como eu a ofendi?

– Não precisa se importar com o sotaque vadrã. É excelente, mas eu acho que desta vez o senhor

não vai conseguir escapar com um sorriso e um blefe, mestre Espinho.

Locke suspirou e esfregou os olhos.

– Dona Vorchenza, se essa agulha estava mesmo envenenada, por que eu deveria me dar o trabalho de lhe contar alguma coisa?

– Boa pergunta. – Ela enfiou a mão pela frente da túnica e de lá retirou um frasquinho de vidro com tampa de prata. – Em troca da sua cooperação, estou disposta a lhe dar o antídoto. O senhor virá comigo sem resistir, é claro. Estamos a centenas de metros de altura e todos os meus Meias-Noites estão aqui presentes vestidos de criados. O senhor será tratado de forma ignominiosa caso tente correr.

– Os seus... os seus Meias-Noites... Quer dizer que... Porra, isso deve ser brincadeira. *A senhora* é o Aranha?

– Sim, e pelos deuses, como é bom finalmente poder dizer isso na cara de alguém que sabe dar o devido valor.

– Mas o Aranha é... ou pelo menos eu achei que o Aranha fosse...

– Homem? O senhor e o resto da cidade, mestre Espinho. Sempre considerei as pressuposições alheias os melhores disfarces possíveis... não concorda?

– Humm. – Locke chegou a dar uma risadinha. A dormência que fazia a ferida arder já estava se espalhando; com certeza não era apenas a sua imaginação. – Eu me enforquei na minha própria corda, Dona Vorchenza.

– O senhor deve ter uma inteligência brilhante, mestre Espinho. Isso eu reconheço. Fazer o que fez, manter meus subordinados no escuro durante tantos anos... Pelos deuses, queria não ter de prendê-lo dentro de uma gaiola. Quem sabe daqui a um tempo, depois de alguns anos de reflexão de sua parte, possamos chegar a algum acordo. Deve ser uma novidade muito estranha ver enfim alguém pegar *o senhor* em uma armadilha assim.

– Ah, não. – Locke suspirou e segurou o rosto com as mãos. – Ah, Dona Vorchenza, lamento muito desapontá-la, mas a lista de pessoas que foram mais espertas do que eu parece aumentar a cada instante.

– Bem, isso não deve ser nada agradável. Mas diga-me, o senhor agora já deve estar se sentindo bem estranho, deve estar perdendo o equilíbrio. Se me disser onde está o dinheiro que roubou, talvez esses anos no Palácio da Paciência possam ser reduzidos. Se me der o nome de seus cúmplices, tenho certeza de que poderemos chegar a um acordo.

– Dona Vorchenza, eu não tenho cúmplices, e mesmo que tivesse não lhe diria quem são – replicou Locke, firme.

– E Graumann?

– Graumann foi contratado. Ele pensa que eu sou realmente um comerciante de Emberlane.

– E os tais agressores no beco ao lado do Templo das Águas da Fortuna?

– Contratados, e já voltaram para Talisham faz tempo.

– E os falsos Meias-Noites que foram à casa dos Salvaras?

– Homúnculos. Eles surgem do meu cu sempre que a lua fica cheia; têm sido um problema há anos.

– Ah, mestre Espinho... o salgueiro-triste vai segurar essa sua língua de forma permanente. Não

precisa me contar seus segredos agora: basta se render para eu lhe entregar este frasco e podemos continuar esta conversa em um local mais agradável.

Locke a encarou longamente por vários segundos, observando seu olhar de satisfação evidente, e sua mão direita se fechou por conta própria. Talvez Dona Vorchenza estivesse tão acostumada ao seu status privilegiado que tivesse esquecido a diferença de idade que os separava ou quem sabe nunca houvesse concebido que um homem de aparência refinada ou mesmo um marginal pudesse lhe agredir.

Locke lhe deu um soco bem no meio da boca, um direito curvo que teria sido cômico se desferido contra uma mulher mais jovem e mais atlética. Mas o soco fez a cabeça de Dona Vorchenza voar para trás, seus olhos se reviraram e seus joelhos fraquejaram. Locke a segurou antes de ela cair e pegou com cuidado o frasquinho de sua mão. Acomodou-a de volta na cadeira, abriu o frasco e despejou o conteúdo goela abaixo. O líquido morno tinha gosto de frutas cítricas e ele o engoliu com avidez, descartando depois o frasco. Bem depressa, tirou o casaco e o usou para amarrar Dona Vorchenza à cadeira, dando vários nós com as mangas em suas costas.

A cabeça da velha pendeu para a frente e ela suspirou. Locke lhe deu um tapinha no ombro e, por impulso, correu as mãos às pressas, e o mais educadamente possível, por seu colete. Grunhiu satisfeito ao encontrar uma bolsinha de seda com diversas moedas tilintando.

– Não é o que eu esperava, mas digamos que é uma remuneração justa por essa maldita agulha no pescoço, ahn?

Ele se levantou e deu alguns passos pelo recinto. Tornou a se virar para Dona Vorchenza e ajoelhou-se na sua frente.

– Milady, consterna-me o fato de ter que tratar alguém como a senhora de forma tão rude. A verdade é que eu a admiro muito e em qualquer outra ocasião teria grande curiosidade em saber o ponto exato onde fiz cagada e permiti que me desmascarasse. Mas a senhora há de reconhecer que eu teria de ser doido para acompanhá-la: o Palácio da Paciência simplesmente não me convém. Grato por uma tarde muito interessante e meus cumprimentos aos Salvaras.

Locke abriu o máximo possível as persianas e saiu pela janela.

Visto de perto, o exterior de Pontacorvo na verdade era coberto de irregularidades, pequenas reentrâncias e saliências em quase todos os níveis. Locke pisou em uma fina saliência com uns 15 centímetros de comprimento, pressionou a barriga contra o vidro aquecido da torre e aguardou o sangue que bombeava em suas têmporas parar de soar como os socos do punho de um homenzarrão. Isso não ocorreu e ele deu um suspiro.

– Porra, eu sou o rei de todos os idiotas do mundo – murmurou.

O vento morno empurrou suas costas quando Locke avançou devagar para a direita. Instantes depois, a saliência se alargou e ele encontrou uma reentrância na qual se segurar. Certo de que não corria nenhum risco iminente de cair, olhou para baixo por cima do ombro e se arrependeu na mesma hora.

A torre de vidro proporcionava uma camada de isolamento entre quem olhava e a vista lá fora; ali, porém, o mundo inteiro parecia se estender em um imenso arco. Ele não estava a 200 metros de altura, mas a 300, 3 mil, 300 mil... algum número inconcebível de metros que somente os deuses eram capazes de enfrentar. Fechou os olhos com força e se agarrou à parede de vidro como se

pudesse penetrá-la. Estremeceu. O porco e o capão em sua barriga sugeriram com entusiasmo voltar em uma golfada de náusea e sua garganta pareceu prestes a aceitar o pedido.

Pelos deuses, pensou ele, será que estou de novo em uma das partes transparentes da torre? Porra, deve estar bem engraçado.

Um rangido soou mais acima e ele ergueu os olhos e arquejou.

Uma das gaiolas-elevadores vinha descendo na sua direção; alinhada com Locke, iria passar a cerca de um metro do ponto em que ele se agarrava.

E estava vazia.

– Guardião Torto, tudo bem, eu vou fazer isso, mas a única coisa que lhe peço, *a única*, é que, quando isso tiver acabado, o senhor me faça esquecer. Roube essa lembrança da minha mente. E nunca mais, enquanto eu viver, irei subir a mais de um metro do chão. Louvado seja.

A gaiola desceu rangendo: estava três metros acima dele, depois um e meio, então seu fundo chegou à mesma altura de seus olhos. Com inspirações entrecortadas, em pânico, Locke se virou junto à torre até ficar de costas para o vidro. O céu e o mundo lá embaixo pareciam grandes demais para caber nos seus olhos. Pelos deuses, ele não queria nem pensar naquilo. A gaiola foi passando, as barras chegaram bem perto, a um metro de distância, a cinquenta e poucos andares do chão.

Com um grito, ele se projetou para a frente. Ao bater no ferro escurecido da gaiola, cravou nela as mãos e os pés com mais desespero do que qualquer gato jamais se agarrou a um tronco de árvore. O elevador se sacudiu e Locke fez o possível para ignorar os efeitos incríveis que isso provocou no céu e no horizonte. A porta... Ele tinha que chegar até a porta, que ficava bem fechada para garantir a segurança, mas as trancas não eram muito difíceis de arrombar.

Com as mãos bastante trêmulas, Locke soltou o trinco da porta e a deixou se abrir. Então, deu a volta com cuidado pelo exterior, entrou e, com uma última explosão de uma tenebrosa vertigem, esticou o braço para fora e fechou a porta com um puxão bem forte. Sentou-se no chão da gaiola arquejando fundo, trêmulo de alívio e ainda sentindo os resquícios de efeito do veneno.

– Ufa – murmurou. – Bom. Porra, que experiência medonha.

Uma gaiola-elevador cheia de convidados nobres cruzou com a de Locke, 5 metros à sua direita. Os passageiros o fitaram com grande curiosidade e ele acenou.

Aterrorizado, achando que a gaiola fosse parar e recomeçar a subir, decidiu que, caso isso acontecesse, iria tentar suas chances no Palácio da Paciência. Mas o elevador seguiu descendo até o fim; Vorchenza ainda devia estar amarrada à cadeira, sem ação. Quando chegou ao chão, Locke já estava em pé e os homens de libré que abriram a porta o encararam com olhos arregalados.

– Perdão, mas... mas o senhor... o senhor estava dentro dessa gaiola no momento em que ela deixou a plataforma de embarque? – indagou um deles.

– É claro – respondeu Locke. – Sabe aquela forma que o senhor viu disparando da torre? Foi um pássaro. O maior pássaro que eu já vi na vida. Me deixou apavorado. Uma pergunta: alguma dessas carruagens está para alugar?

– Vá até a última fileira – informou o lacaio. – Procure as que tiverem bandeirolas brancas e lampiões.

– Muito agradecido. – Locke averiguou rapidamente o conteúdo da bolsinha de moedas de Dona Vorchenza e constatou que ela continha uma quantidade satisfatória de ouro e prata. Lançou 1

sólton para cada um dos homens de libré junto à gaiola e saltou. – Era um pássaro, certo?

– Sim, senhor – respondeu o outro criado, levando a mão à boina preta. – O maior pássaro que já vimos na vida.

6

A CARRUAGEM ALUGADA O DEIXOU no Morro dos Sussurros. Ele pagou muito bem, dizendo “esqueça que fez essa corrida”, em seguida atravessou Cinzakai rumo ao sul, sozinho. Devia ser a sexta hora da tarde quando chegou novamente ao antro e irrompeu pela cortina da porta aos gritos:

– Jean, estamos com um puta problema...

Em pé no centro do pequeno aposento, o Falcoeiro sorria para Locke com ironia, mãos unidas à frente do corpo. Bastou uma fração de segundo para Locke processar a cena: Ibelius caído sem se mexer contra a parede dos fundos e Jean aos pés do Mago-Servidor, contorcendo-se de dor.

Empoleirada no ombro de seu dono, Vestris o encarou com seus olhos negros e dourados, abriu o bico e soltou um guincho triunfante. Locke fez uma careta.

– Ah, sim, mestre Lamora – falou o Falcoeiro. – Sim, eu diria mesmo que o senhor está com um puta problema, enorme.

INTERLÚDIO

O trono reduzido a cinzas

TERIM PEL JÁ FORA CONHECIDA como a Joia dos Ancestres: era a maior e mais grandiosa das cidades deixada pela raça perdida dos antigos para os homens que se apossaram de suas terras muito depois de seu desaparecimento.

Ficava na foz do Angevino, onde as águas brotavam em uma torrente branca das montanhas sob cuja escarpada majestade a cidade se erguia, cercada em todas as direções por férteis campos que só terminavam após dois dias de viagem no lombo de um cavalo veloz. No outono, eles ondulavam com as hastes de cereais cor de âmbar, paisagem condizente com a sede de um império que Terim Pel de fato era.

Todas as cidades do sul se curvavam diante do Trono Terim; os engenheiros imperiais construíram dezenas de milhares de quilômetros de estradas para interligar todas essas cidades. Os generais do império as guarneceram com patrulhas para reprimir a bandidagem e, nas cidades menores e aldeias, mantinham casernas para garantir o fluxo ininterrupto de comércio e correspondência de uma ponta a outra, do Mar de Ferro ao Mar de Bronze.

Kartane e Lashane, Nessek e Talisham, Espara e Ashmira, Iridane e Camorr, Balinel e Issara: todas essas poderosas cidades-estado eram governadas por Duques que recebiam suas coroas de prata das mãos do próprio imperador. Os poucos que restavam atualmente podiam exercer um grande poder,

mas eram autodeclarados: as altivas linhagens que remontavam à época do Trono Terim já tinham se rompido havia tempos.

O Trono Terim entrou em declínio com a chegada dos vadrãs vindos do norte. Povo de navegantes saqueadores, eles invadiram os protetorados do Trono na metade norte do continente, batizaram de Sete Tutanos Sagrados os sete grandes rios que iam desaguar no mar setentrional e frustraram os esforços do Trono para recuperar seus territórios derrotando todos os exércitos enviados para o norte. Enfraquecido, o Trono Terim não conseguiu sustentar a ofensiva e, assim, seu poder diminuiu – mas não se extinguiu.

Para isso acontecer, foi preciso a intervenção dos Magos-Servidores de Kartane.

Eles haviam acabado de formar sua associação na cidade de Kartane e começavam a expandir o alcance de sua guilda única e mortal para outras cidades, dando poucos sinais de se curvar às iradas exigências feitas pelo imperador em Terim Pel, que insistia para que cessassem suas atividades. Dizia-se que eles tinham respondido com uma carta sucinta listando os preços que Sua Augusta Majestade precisaria pagar para contratar seus serviços. O imperador ordenou a intervenção de seu próprio círculo real de magos, que foram todos mortos. Ele então convocou suas legiões e marchou sobre Kartane jurando matar todos os feiticeiros que reivindicassem o título de Mago-Servidor.

A declaração de guerra do imperador foi um teste para a solidez da nova guilda, que jurou publicamente impor represálias terríveis a qualquer um que se atrevesse a ferir um dos seus.

Durante a marcha até Kartane, os soldados do imperador conseguiram matar pouco mais de dez.

Quatrocentos Magos-Servidores estavam à espera das legiões do imperador logo ao leste de Kartane; os feiticeiros aceitaram uma batalha campal. Em menos de duas horas, um terço das forças do imperador foi dizimado. Estranhas brumas brotadas do chão confundiram suas manobras, ilusões e fantasmas os atormentaram. Saraivadas de flechas paravam no ar e caíam ou eram arremessadas de volta até os arqueiros que as haviam disparado. Soldados se voltavam contra os próprios companheiros, enlouquecidos e confusos por uma feitiçaria capaz de manipular as ações de um homem como se fossem as de uma marionete. O próprio imperador foi esquartejado por seu guarda pessoal; dizem que não sobrou nenhum pedaço maior do que um dedo para ser queimado em uma pira depois. Morto o governante, os generais que sobreviveram se dispersaram e os soldados remanescentes fugiram como coelhos de Terim Pel.

Mas o caso não terminou por aí: os Magos-Servidores reunidos em conclave decidiram aplicar suas regras, e de tal maneira que o mundo inteiro fosse estremecer ao cogitar violá-las enquanto durasse a memória dos homens.

Eles tramaram sua vingança contra a cidade de Terim Pel.

A tempestade de fogo por eles conjurada foi assombrosa e sobrenatural; quatrocentos magos trabalhando juntos acenderam algo no coração do império que os historiadores ainda temem descrever. Dizem que as chamas eram brancas feito o núcleo das próprias estrelas e que a coluna de fumaça preta subiu tanto que pôde ser vista das profundezas do Mar de Ferro, do extremo leste de Camorr e de Vintila, capital do jovem Reino dos Sete Tutanos, na extremidade norte.

Mas nem mesmo essa medonha conjuração conseguiu tocar o Vidrantigo: todas as estruturas da cidade construídas pela arte dos Ancestres sobreviveram intactas. Tudo o mais que o fogo tocou, porém, foi devorado: madeira, pedra, metal, argamassa, papel e seres vivos, todas as construções,

toda a cultura e todos os habitantes da cidade que não conseguiram fugir antes de os magos começarem seu trabalho foram transformados em um deserto de cinzas que assentou, com quase meio metro de profundidade, dentro de uma cicatriz negra calcinada no chão.

As cinzas rodopiaram com o vento quente aos pés do único objeto de fabricação humana que os magos preservaram: o trono do império. Até hoje, essa cadeira continua na cidade assombrada de Terim Pel, cercada por um mar de cinzas que o tempo e as chuvas transformaram em uma espécie de concreto negro. Nada vinga em Terim Pel; nenhum homem ou mulher com a cabeça no lugar ousa pisar esse monumento negro à determinação dos Magos-Servidores de Kartane.

Foram eles que derrubaram o Trono Terim com seu fogo sobrenatural e lançaram as cidades-estado do sul em centenas de anos de guerras e disputas enquanto, ao norte, o Reino dos Sete Tutanos aumentava seu poder.

É essa a imagem que vem à mente da maioria dos homens quando eles cogitam enraivecer um Mago-Servidor: uma cadeira vazia sozinha no meio de um mar seco e deserto.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A justiça é vermelha

1

O FALCOEIRO MOVEU OS DEDOS e Locke caiu ajoelhado, possuído por uma dor já velha conhecida que ardeu até os ossos. Ele desabou no chão do antro ao lado de Jean.

– Mas que *prazer* ver que você sobreviveu ao nosso encontrozinho no Vão do Eco – disse o feiticeiro. – Apesar da sua reputação, estou impressionado; imaginei que fôssemos espertos demais para você. Até hoje à tarde eu pensei que estivesse buscando apenas Jean Tannen, mas isto é ainda melhor, muito melhor.

– Você é a porra de um animal pervertido – cuspiu Locke.

– Não, eu obedeco às ordens do cliente que me paga. E minhas ordens são para garantir que o assassino das irmãs do meu cliente tenha uma morte lenta. – O Falcoeiro estalou os dedos. – Já você eu considero um golpe de sorte.

Locke gritou e estendeu a mão na direção do Mago-Servidor, forçando-se a avançar através da dor, mas o Falcoeiro murmurou algo entre os dentes e as dores e pontadas cruciantes pareceram se multiplicar por dez. Locke arqueou as costas e tentou respirar, mas os músculos ao redor de seus pulmões estavam duros como pedras.

Quando o Falcoeiro o libertou de seu tormento, ele desabou no chão, aos arquejos, e o recinto girou à sua volta.

– Estranho como as provas de nossas vitórias podem se transformar nos instrumentos de nossa derrota – comentou o feiticeiro. – Jean Tannen, por exemplo... você deve ser um lutador fantástico para ter vencido as irmãs do meu cliente, embora eu veja que sofreu fazendo isso. E agora elas revidaram lá do mundo das sombras. Muitas adivinhações se tornam possíveis quando alguém da minha espécie consegue se apoderar dos resíduos físicos de outro homem... aparas de unhas, por exemplo. Mechas de cabelos. *Sangue no fio de uma faca.*

Sem conseguir dizer nada, Jean apenas grunhiu.

– Ah, sim. Fiquei de fato surpreso ao ver a quem esse sangue me conduzia. Se eu fosse você, teria partido na primeira caravana para o outro extremo do continente. Lá quem sabe poderia até ter sido deixado em paz.

– Os Nobres Vigaristas não abandonam uns aos outros e não fugimos quando devemos nos vingar – sibilou Locke.

– É mesmo, e é por isso também que eles sucumbem aos meus pés em antros imundos feito este aqui.

Vestris voou de seu ombro e foi pousar em uma prateleira bem alta num canto do recinto, de onde se pôs a fitar Locke com um olhar mau, movendo a cabeça de um lado para outro de tanta animação. O Falcoeiro enfiou a mão dentro do casaco e sacou um pedaço de pergaminho, uma pena e um pequeno tinteiro. Retirou a tampa e a pousou sobre o catre, molhou a pena e sorriu para Locke.

– Jean Tannen. Que nome simples: fácil de escrever, mais fácil ainda do que foi de bordar.

A pena zuniu pelo pergaminho; sua caligrafia era composta por grandes arabescos rebuscados e seu sorriso aumentava a cada letra. Ao término, o fio de prata surgiu por entre os dedos de sua mão esquerda e ele passou a movê-los em um ritmo quase hipnótico. Um débil brilho prateado emanou da página à sua frente e destacou as curvas de seu rosto.

– Jean Tannen – disse o Falcoeiro. – Levante-se, Jean Tannen. Levante-se. Tenho uma tarefa para você.

Tremendo, Jean primeiro se ajoelhou, em seguida pôs-se de pé e ficou parado diante do Falcoeiro. Locke, por sua vez, ainda não conseguia se mexer.

– Jean Tannen, pegue suas machadinhas – ordenou o Mago-Servidor. – Nada o deixaria mais feliz neste momento do que pegar suas machadinhas.

Jean levou a mão até debaixo do catre e pegou as Irmãs Malvadas, que segurou uma em cada mão, os cantos de sua boca se erguendo.

– Você gosta de usá-las, não é, Jean? – O Falcoeiro moveu os fios de prata na mão esquerda. – Gosta de sentir quando elas penetram a carne... Gosta de ver o sangue espirrar. Ah, sim... Não se preocupe: tenho uma tarefa na qual poderá usá-las.

Ele apontou para Locke com a folha de papel que segurava na mão direita.

– Mate Locke Lamora.

Jean estremeceu e deu um passo na direção de Locke, mas então hesitou. Franziu a testa e fechou os olhos.

– Estou pronunciando o nome que lhe foi dado, Jean Tannen – continuou o Mago-Servidor. – Estou pronunciando seu nome, o nome verdadeiro, o nome do espírito. Estou pronunciando seu nome. Mate Locke Lamora. Pegue suas machadinhas e *mate Locke Lamora*.

Jean avançou hesitante em direção a Locke e ergueu as machadinhas devagar; parecia estar contraindo o maxilar. Uma lágrima escorreu de seu olho direito, ele respirou fundo e deu mais um passo. Soluçou e ergueu as Irmãs Malvadas acima dos ombros.

– Não – mandou o Falcoeiro. – Ah, não. Espere. Recue um pouco.

Jean obedeceu e afastou-se um metro de Locke, que fez uma prece silenciosa de alívio misturada com temor do que pudesse acontecer a seguir.

– Jean tem o coração meio mole, mas o verdadeiro fraco é você, não é? – indagou o Falcoeiro. – Foi *você* quem me implorou para lhe fazer qualquer coisa, contanto que deixasse os seus amigos em paz. Foi você quem entrou no barril de boca fechada quando poderia ter traído seus amigos e quem sabe vivido... Ah, não. Eu sei como fazer as coisas do jeito certo. Jean Tannen, largue as machadinhas.

As Irmãs Malvadas caíram no chão com um baque alto bem ao lado dos pés do feiticeiro. Instantes depois, o Mago-Servidor começou a falar em um idioma sinistro e moveu os fios da mão esquerda.

Jean Tannen gritou e caiu no chão, trêmulo e fraco.

– Seria bem melhor, acho eu, se *você* matasse Jean, mestre Lamora – falou o Falcoeiro.

Vestris guinchou para Locke; o barulho continha um estranho tom de humor zombeteiro.

Puta que pariu, pensou Locke. *Ai, meus deuses.*

– É claro que já sabemos que o seu último nome é uma farsa. Mas eu não preciso de um nome completo: o simples fragmento de um nome verdadeiro já basta. Você vai ver só, Locke. Prometo que vai ver. – Os fios de prata sumiram, ele tornou a mergulhar a pena no tinteiro e escreveu algo no pergaminho às pressas. – Sim. Sim. Pode se mexer outra vez.

E foi o que de fato aconteceu: a paralisia cedeu e Locke moveu os dedos com dificuldade. O Mago-Servidor tornou a agitar seu fio de prata e Locke sentiu *algo* se formar no ar à sua volta, uma espécie de pressão, e o pergaminho tornou a brilhar.

– Agora – prosseguiu o feiticeiro. – Estou pronunciando seu nome, Locke. Estou pronunciando o nome que lhe foi dado, o nome verdadeiro, o nome do espírito. Estou pronunciando seu nome, Locke. – Ele chutou as Irmãs Malvadas pelo chão em direção a Locke. – Levante-se. Levante-se e pegue as machadinhas de Jean Tannen. Levante-se e mate Jean Tannen.

Locke ficou de joelhos e passou alguns segundos de quatro no chão.

– *Mate Jean Tannen.*

Tremendo, estendeu a mão para uma das machadinhas de Jean, a fez deslizar na sua direção e rastejou para a frente segurando-a bem firme na mão direita. Sua respiração saía entrecortada; Jean estava deitado aos pés do Mago-Servidor, a apenas um metro de distância, com a cara na poeira de gesso do chão.

– *Mate Jean Tannen.*

Locke se deteve aos pés do Falcoeiro e virou a cabeça devagar para encarar Jean. Um dos olhos do homem grandalhão estava aberto, sem piscar; nele se estampava uma expressão de genuíno terror. Os lábios de Jean tremeram, impotentes, sem conseguir formar palavras.

Locke acabou de se levantar, ergueu a machadinha e gritou.

Então, deu um golpe com a pesada bola da machadinha, acertando em cheio bem entre as pernas do Falcoeiro. O fio de prata e o pergaminho saíram voando das mãos do Mago-Servidor enquanto ele arquejava e caía para a frente segurando as partes íntimas.

Locke girou para a direita, prevendo um ataque instantâneo do falcão-lacrau, mas para sua surpresa a ave tinha caído de onde estava empoleirada e se contorcia no chão do antro, batendo as asas no ar inutilmente e emitindo uma série de guinchos meio engasgados.

Locke abriu o mais cruel sorriso de toda a sua vida e se levantou.

– Ah, é assim? – Continuou sorrindo para o feiticeiro e ergueu a machadinha devagar, com a bola para baixo. – Você vê o que ela vê e cada um sente o que o outro sente, é?

As palavras lhe causaram uma onda quente de exultação, mas quase lhe custaram a briga: o Falcoeiro conseguiu reunir concentração suficiente para articular uma sílaba e curvar os dedos até a forma de garras. Locke arquejou e cambaleou para trás, quase deixando cair a machadinha. Parecia-lhe que uma adaga incandescente havia traspassado seus rins; a dor ardente tornou impossível qualquer ação ou mesmo pensamento.

O Falcoeiro tentou se levantar, mas de repente Jean rolou na sua direção e ergueu a mão para

segurá-lo pela lapela. O homenzarrão puxou com força e o feiticeiro tornou a desabar com a testa no chão do antro. A dor nas entranhas de Locke sumiu e Vestris tornou a guinchar no chão junto a seus pés. Ele não perdeu mais tempo.

Desferiu a machadinha em um violento golpe e quebrou a asa esquerda de Vestris com um *crec* seco.

O Falcoeiro gritou e se contorceu, debatendo-se o suficiente para conseguir se soltar de Jean por um instante. Segurou o próprio braço esquerdo e pôs-se a uivar de dor com os olhos arregalados de choque. Locke lhe deu um forte chute na cara e o Mago-Servidor rolou pelo chão empoeirado, cuspidando o sangue que de repente lhe saía do nariz.

– Só uma pergunta, seu filho da puta arrogante e *escroto* – xingou Locke. – Reconheço que a parte do Lamora é fácil de adivinhar; a verdade é que eu não sabia sobre a tradução tão apropriada quando escolhi esse nome. Peguei-o emprestado de um velho vendedor de linguças que se mostrou bondoso comigo um dia lá no Pegafogo, antes da peste. Gostei da sonoridade. Mas por que caralho você foi pensar que *Locke* era mesmo o primeiro nome que eu recebi ao nascer?

Ele tornou a erguer a machadinha, inverteu-a até deixar o lado do fio virado para o chão, e então a abaixou com toda sua força, separando a cabeça de Vestris do pescoço por completo.

O som do guincho da ave interrompido de súbito ecoou e se misturou aos gritos do Falcoeiro, que levou as mãos à cabeça e pôs-se a chutar descontroladamente o vazio. Seus berros eram ensandecidos. Locke e Jean ficaram bastante aliviados quando enfim se fez silêncio e o feiticeiro, aos soluços, perdeu os sentidos.

2

QUANDO O FALCOEIRO DE KARTANE acordou, viu que estava deitado no chão do antro com as pernas e os braços abertos. Um cheiro de sangue pairava no ar: era o sangue de Vestris. Ele fechou os olhos e começou a chorar.

– Ele está bem preso, mestre Lamora – garantiu Ibelius.

Depois de acordar de sabe-se lá que feitiço o Mago-Servidor lhe lançara, o sanguessuga de cachorro se mostrara mais do que disposto a ajudar a amarrar o kartani. Ele e Jean haviam recolhido estacas de metal de algum lugar, que foram pregadas no chão, servindo de sustentação para as compridas tiras de lençol amarradas com força aos pulsos e tornozelos do Falcoeiro. O feiticeiro mal conseguia movê-los.

– Ótimo – elogiou Locke.

Sentado no catre, Jean olhava para o Mago-Servidor com olhos baços e uma expressão para lá de sombria. Postado junto a seus pés, Locke o fitava com um ódio que não se dava o trabalho de disfarçar.

Uma pequena chama de óleo de fogo queimava dentro de um vidro; Ibelius se agachou junto a ela para aquecer uma adaga lentamente. A fina fumaça marrom rodopiou em direção ao teto.

– Vocês são uns tolos se estiverem pensando em me matar – disse o Falcoeiro, entre soluços. – Meus companheiros virão pedir satisfações; pensem nas consequências.

– Não vou matá-lo – rebateu Locke. – Vou fazer um joguinho que gosto de chamar de “pode gritar de dor até responder às porras das minhas perguntas”.

– Façam o que quiserem. O código da minha ordem me impede de trair meu cliente.

– Ah, você não está mais trabalhando para o seu cliente, cuzão. Nunca mais na vida vai trabalhar para o seu cliente.

– Está pronta, mestre Lamora – avisou Ibelius.

O Mago-Servidor espichou o pescoço a fim de olhar para o velho, engoliu em seco e passou a língua pelos lábios, seus olhos chispando pelo aposento.

– Qual é o problema? – Locke estendeu o braço e pegou a adaga com cuidado da mão do sanguessuga de cachorro; a lâmina estava em brasa. – Tem medo de fogo? Mas por quê? – Ele deu um sorriso sem humor nenhum. – O fogo é a única coisa que vai impedi-lo de *sangrar até morrer*.

Jean se levantou do catre e foi se ajoelhar junto ao braço esquerdo do Falcoeiro. Segurou-o no chão pelo pulso enquanto Locke se aproximava até ficar ao seu lado, com a machadinha em uma das mãos e a faca em brasa na outra.

– Aprovo inteiramente, em teoria – falou Ibelius. – Mas na prática acho que vou... me ausentar.

– Fique à vontade, mestre Ibelius – comentou Locke.

A cortina farfalhou e o galeno desapareceu.

– Reconheço que matá-lo seria má ideia – começou Locke. – Entretanto, quando eu finalmente deixar você se arrastar de volta até Kartane, será como uma lição viva. Você vai servir de lembrete àqueles filhos da puta dos seus companheiros mimados, pervertidos e arrogantes sobre o que pode acontecer se eles tentarem se meter com os amigos de alguém em Camorr.

A lâmina da machadinha de Jean desceu com um zunido e decepou o mindinho da mão esquerda do Mago-Servidor, que deu um grito.

– Esse é por Nazca – explicou Locke. – Está lembrado de Nazca?

Jean desferiu outro golpe; o anular saiu rolando pelo chão e o sangue esguichou.

– Esse é por Calo – disse Locke.

Depois, foi a vez do dedo médio voar longe. O Falcoeiro se contorceu e puxou os lençóis que o prendiam, balançando a cabeça violentamente para um lado e para o outro, em agonia.

– E por Galdo. Esses nomes lhe soam conhecidos, mestre Mago-Servidor? Essas pequenas *notas de rodapé* da porra do seu contrato? Para mim eles eram muito reais. E esse dedo que vem agora... esse é por Pulga. Na verdade, Pulga deveria ter sido o mindinho, mas pouco importa.

A machadinha tornou a ser brandida e o indicador da mão esquerda do feiticeiro foi se juntar aos companheiros em seu sangrento exílio.

– Agora o resto, todos os seus outros dedos, são por mim e por Jean – concluiu Locke.

3

FOI UM SERVIÇO MAÇANTE: ELES tiveram que reaquecer a adaga várias vezes para cauterizar todas as feridas. Quando terminaram, o Falcoeiro estava quase ensandecido de tanta dor, com os olhos fechados e os dentes cerrados. O ar no recinto fechado fedia a carne queimada e sangue quente.

– Agora chegou a hora de falar – anunciou Locke, sentando-se sobre o peito do feiticeiro.

– Eu não posso – replicou o Mago-Servidor. – Não posso... não posso trair os segredos do meu cliente.

– Você não tem mais cliente – retrucou Locke. – Não está mais a serviço de Capa Raza. Ele contratou um Mago-Servidor, não uma aberração sem dedos cuja melhor amiga é uma ave morta. Ao eliminar seus dedos, eu eliminei suas obrigações para com Raza... pelo menos no meu entender.

– Vá para o inferno! – cuspiu o Falcoeiro.

– Ah, ótimo. Você decidiu trilhar o caminho mais árduo. – Locke tornou a sorrir e lançou a adaga para Jean, que a posicionou sobre a chama e começou a aquecê-la outra vez. – Se você fosse qualquer outro homem, eu agora iria ameaçar seu saco. Faria várias piadas sobre eunucos, mas acho que isso você conseguiria aguentar. Você *não é* qualquer outro homem. Acho que a única coisa que eu poderia lhe tirar que verdadeiramente fosse feri-lo até o fundo da alma seria a sua língua.

O Mago-Servidor o encarou com os lábios trêmulos.

– Por favor – sussurrou ele por fim. – Tenha piedade, pelo amor dos deuses, tenha piedade; minha ordem existe para servir... Eu estava executando um contrato.

– Quando esse contrato passou a incluir meus amigos, você ultrapassou o limite das suas atribuições – rebateu Locke.

– Por favor – implorou o Falcoeiro.

– Não. Eu vou cortar sua língua fora e vou cauterizá-la enquanto você estiver se contorcendo. Vou transformar você em um mudo... Imagino que consiga fazer algum tipo de magia sem dedos, mas sem língua?

– Por favor!

– Fale – ordenou Locke. – Diga-me o que eu quero saber.

– Meus deuses. – O Falcoeiro soluçou. – Meus deuses, me perdoem. Pode perguntar. Faça suas perguntas.

– Se eu o pegar mentindo vai ser primeiro o saco e depois a língua. Não superestime a minha paciência. Por que Capa Raza queria todos nós mortos?

– Por dinheiro – respondeu o Falcoeiro. – Vil metal. Por causa daquele seu tesouro: fui eu que o descobri ao começar a observá-los. Ele pretendia apenas usá-lo para distrair Capa Barsavi, mas quando descobriu o montante de dinheiro roubado, quis ficar com tudo para si... para pagar por quase outro mês inteiro dos meus serviços, para ajudá-lo a concluir suas tarefas aqui na cidade.

– Porra, você matou meus amigos, tentou me matar e matar Jean por causa do dinheiro do nosso cofre?

– Você me pareceu do tipo que não iria esquecer uma ofensa – sussurrou o Falcoeiro. – Não é engraçado? Calculamos que estaríamos mais seguros com todos vocês bem mortos.

– Pois calcularam certo. Agora me fale sobre Capa Raza, o Rei Cinza, ou qualquer porra de nome que ele tenha.

– Anatolius.

– É esse o verdadeiro nome dele? Luciano Anatolius?

– É. Como você sabia?

– Vá se foder, Falcoeiro, quem responde às perguntas é *você*. Anatolius. Qual era a história dele

com Barsavi?

– A Paz Secreta. Só foi possível à custa de muito derramamento de sangue e dificuldade. Havia um comerciante muito poderoso, com recursos suficientes para descobrir o que Barsavi e o Aranha tramaram. Como ele não tinha sangue nobre, ficou irritado por ter sido excluído.

– E Barsavi o matou – completou Locke.

– Isso. Avram Anatolius era um comerciante da Curva da Fonte. Barsavi o assassinou e matou a mulher e os três filhos menores, Lavin, Ariana e Maurin. Mas os três mais velhos fugiram com uma das criadas do patrão, que os protegeu fingindo que eram seus filhos e os levou até a segurança de Talisham.

– Luciano, Cheryn e Raiza.

– Isso... O filho mais velho e duas irmãs gêmeas. Eles ficaram totalmente obcecados com a ideia da vingança, mestre Lamora... Esse seu flerte amador com o sentimento para eles não significaria nada. Eles passaram 22 anos se preparando para os acontecimentos dos últimos dois meses. Cheryn e Raiza voltaram a Camorr oito anos atrás, com nomes falsos, construíram uma reputação como *contrarequiallas* e se tornaram as capangas mais leais de Barsavi. Luciano, por sua vez, ganhou o mar para aprender as artes da guerra e do comando e fazer fortuna. Uma fortuna que bastasse para contratar os serviços de um Mago-Servidor.

– Capa Raza era capitão de navio mercante?

– Não, era bucaneiro. Mas não daquele tipo grosseiro e burro que se pode encontrar no Mar de Bronze; era discreto, eficiente e profissional. Seus ataques eram raros e certos: ele roubava carregamentos de galeões de Emberlane, afundava os navios e não deixava ninguém vivo para dizer seu nome.

– Que os deuses o maldigam! – exclamou Jean. – Que os deuses o maldigam, é ele o capitão do *Satisfação*.

– Sim, o suposto navio da peste – confirmou o Falcoeiro. – Estranho como é fácil manter as pessoas afastadas da sua embarcação quando você realmente quer, não é mesmo?

– Ele tem mandado sua fortuna para lá disfarçada de “provisões de caridade” – falou Jean. – Deve ser o dinheiro que nos roubou e tudo o que pegou de Capa Barsavi.

– Sim – confirmou o Mago-Servidor com uma voz triste. – O dinheiro pertence à minha ordem por serviços prestados.

– Isso nós veremos daqui a pouco. E agora? Eu cruzei com seu patrão Anatolius em Pontacorvo algumas horas atrás. Que porra ele pensa que vai fazer agora?

– Humm. – O Falcoeiro passou um bom tempo calado. Locke o cutucou no pescoço com a machadinha de Jean e ele deu um estranho sorriso. – Você pretende matá-lo, Lamora?

– *Ila justiccia vei cala* – respondeu Locke.

– Seu terim do trono é razoável, mas a sua pronúncia é uma bosta – comentou o Mago-Servidor. – De fato, “a justiça é vermelha”. Quer dizer então que o que mais quer é pegá-lo? Quer ouvi-lo gritar sob a sua faca?

– Isso serve para começar.

Inesperadamente, o feiticeiro jogou a cabeça para trás e começou a rir, um som agudo permeado de loucura. Seu peito se sacudia de tanto rir e seus olhos começaram de novo a verter lágrimas.

– O que é isso? – Locke tornou a cutucá-lo com a machadinha. – Pare de se fazer de louco e responda à porra da pergunta.

– Vou lhe dar duas respostas e uma escolha que com certeza vai lhe causar dor – disse o Falcoeiro.

– Que horas são?

– Que importância isso tem?

– Vou lhe contar tudo, mas por favor, me digam apenas que horas são.

– Calculo que passe das sete – falou Jean.

O Mago-Servidor recomeçou a rir. Um sorriso se abriu em seu semblante pálido, plácido demais para um homem que acabara de perder todos os dedos.

– O que foi? Que porra está acontecendo? Ou você cospe logo uma resposta ou nós vamos cortar mais alguma coisa.

– Anatolius agora deve estar na Tumba Flutuante – informou o Falcoeiro. – Vai ter posto um barco atrás do galeão, no qual poderá entrar por um dos alçapões de emergência de Barsavi. Quando a Falsaluz cair, o *Satisfação* vai puxar a âncora e zarpar; primeiro vai seguir para o leste e passar pela ponta sul do Madeira-Velha, aberta para o mar. Os membros da tripulação que ele contratou na cidade vêm embarcando às escondidas, sozinhos ou em pares, no bote de provisões. Como ratos abandonando uma embarcação que naufraga. Ele vai ficar até o último instante: é o seu estilo. Vai ser o último a fugir do perigo. Eles irão pegá-lo ao sul do Madeira.

– “Os membros da tripulação que ele contratou na cidade” – repetiu Locke. – Está se referindo aos “homens do Rei Cinza”, àqueles que o vêm ajudando esse tempo todo?

– Isso. Basta calcular com cuidado a hora em que vai chegar... e deve conseguir pegá-lo sozinho, ou quase sozinho, antes de ele embarcar no navio.

– Isso não me causa dor alguma. Essa ideia me causa é prazer.

– Mas tem uma segunda coisa. O *Satisfação* vai zarpar na mesma hora em que a parte mais importante do plano de Anatolius será executada.

– A parte mais importante?

– Pense, Lamora, você não é tão estúpido assim. Barsavi matou Avram Anatolius, mas quem *permitiu* que isso acontecesse?

– Vorchenza – respondeu Locke, devagar. – Dona Vorchenza, o Aranha.

– Isso. E acima dela, quem foi o homem que lhe deu autoridade para tomar esse tipo de decisão?

– O Duque Nicovante.

– Ah, sim – sussurrou o feiticeiro, apreciando verdadeiramente aquele tema. – Isso mesmo. Mas não foi só ele. Quem se beneficiou com a Paz Secreta? Quem foi protegido por esse acordo à custa de homens como Avram Anatolius?

– A nobreza.

– Isso. Os nobres de Camorr. E Anatolius quer todos eles.

– “Todos”? Como assim?

– Ora, mestre Lamora, todos os nobres.

– Como é que isso vai ser possível, porra?

– Com esculturas, mestre Lamora, quatro singulares esculturas dadas de presente ao Duque. E atualmente posicionadas em vários locais de Pontacorvo.

– Esculturas... Sim, eu as vi: são feitas de ouro e vidro, com luzes alquímicas que mudam de cor.

Uma obra sua?

– Não, minha não – negou o Falcoeiro. – Elas não são nem um pouco o meu tipo de coisa. As luzes alquímicas são só uma distração... Devem ser lindas, imagino. Mas dentro das esculturas há espaço de sobra para a verdadeira surpresa.

– Que surpresa?

– Fusíveis alquímicos. Marcados para acender pequenas tigelas de barro cheias de óleo de fogo em uma hora precisa.

– Mas não pode ser só isso.

– Ah, não, mestre Lamora. – O feiticeiro deu um sorriso genuíno. – Antes de me contratar, Anatolius gastou parte da sua considerável fortuna para adquirir grandes quantidades de uma substância rara.

– Chega de joguinhos, Falcoeiro... Que droga existe dentro das esculturas?

– Pedra-Fantasma.

Locke passou um bom tempo em silêncio, então balançou a cabeça como se quisesse clarear os pensamentos.

– Porra, você não pode estar falando sério.

– Centenas de quilos de Pedra-Fantasma distribuídos pelas quatro esculturas – continuou o Falcoeiro. – Todos os nobres de Camorr vão estar espremidos naquelas galerias na hora da Falsaluz... o Duque, o Aranha e todos os seus parentes, amigos, criados e herdeiros. Você sabe alguma coisa sobre a fumaça de Pedra-Fantasma, mestre Lamora? Ela é um pouco mais leve do que o ar. Vai subir até encher todos os andares do banquete do Duque, passar pelos dutos de ventilação do telhado e tomar o Jardim Celestial, onde todos os filhos da nobreza estão brincando neste exato momento. Quem estiver na plataforma de embarque *talvez* consiga escapar... – Ele riu. – Mas eu duvido muito.

– Na hora da Falsaluz – repetiu Locke bem baixinho, tapando a boca com a mão.

– Isso – sibilou o feiticeiro. – Na hora da Falsaluz. Assim, agora, mestre Lamora, a escolha é sua. Na hora da Falsaluz, o homem que deseja matar mais do que qualquer outra pessoa no mundo estará sozinho na Tumba Flutuante. Na hora da Falsaluz, seiscentas pessoas no alto de Pontacorvo terão um destino pior do que a morte. Seu amigo Jean parece estar com a saúde muito debilitada; duvido que consiga ajudá-lo em uma dessas duas tarefas. Portanto, a decisão é sua. Desejo que faça dela bom proveito.

Locke se levantou e lançou a machadinha para Jean.

– Não há decisão nenhuma a tomar. Que os deuses o maldigam, Falcoeiro, não há decisão nenhuma a tomar.

– Você vai até Pontacorvo – falou Jean.

– É claro que vou.

– Divirta-se tentando persuadir os guardas e os nobres quanto à sua sinceridade. A própria Dona Vorchenza está convencida de que as esculturas são totalmente inofensivas.

– Bem, eu sou bastante popular em Pontacorvo neste momento; talvez eles fiquem felizes em me ver – replicou Locke, sorrindo com ironia e coçando a parte de trás da cabeça.

– Como você pretende sair de lá depois? – quis saber Jean.

– Não sei – confessou Locke. – Não faço a menor ideia e essa situação já me favoreceu antes. Preciso correr. Jean, pelo amor dos deuses, vá se esconder perto da Tumba Flutuante se quiser, mas não se atreva a entrar lá: você não está em condições de lutar. – Locke se virou para o Mago-Servidor. – Capa Raza... qual é o talento dele com armas brancas?

– Mortal – respondeu o Falcoeiro com um sorriso.

– Bem, Jean, farei o que puder lá em Pontacorvo e tentarei dar um jeito de chegar à Tumba Flutuante. Se eu me atrasar, paciência: nós seguimos Raza e o pegamos em algum outro lugar. Mas se eu não me atrasar... se ele ainda estiver lá...

– Locke, você não pode estar falando sério. Pelo menos me deixe ir com você. Se Raza tiver qualquer talento que seja com uma arma branca, vai dar uma surra em você.

– Chega de discutir, Jean, você está ferido demais para ter qualquer utilidade. Já eu estou em boas condições, estou furioso e sou claramente maluco. Qualquer coisa pode acontecer. Mas agora preciso ir. – Locke apertou a mão de Jean, aproximou-se da porta e se virou. – E corte a língua desse filho da mãe.

– Você prometeu! – berrou o Falcoeiro. – Você *prometeu!*

– Não prometi merda nenhuma. Meus amigos mortos, por outro lado... fiz algumas promessas a eles.

Dando meia-volta, ele atravessou a cortina; do outro lado, Jean já estava posicionando a faca outra vez sobre a chama gerada pelo óleo. Os gritos do Falcoeiro acompanharam Locke até a rua coalhada de lixo, depois sumiram ao longe quando ele virou para o norte e começou a correr em direção ao Morro dos Sussurros.

4

A OITAVA HORA DA NOITE já estava bastante avançada no momento em que Locke pisou outra vez as pedras do calçamento em frente às Cinco Torres de Camorr, após um trajeto bem complicado. Sentia-se afortunado por ter conseguido chegar. Passara por bandos de festeiros embriagados, com o raciocínio (e a sensibilidade) embotado, e pelos guardas dos postos de controle de Alcegrante. Locke conseguira convencê-los que era um escrevente jurídico a caminho do norte para encontrar um conhecido na saída do banquete do Duque. Além disso, lhes dera um “presente do solstício de verão”: tirinos de ouro retirados de um pequeno estoque escondido na manga. Faltava menos de uma hora e quinze para a Falsaluz; o céu já estava ficando vermelho a oeste e azul-escuro no leste.

Ele passou pelas inúmeras fileiras de carruagens dispostas umas bem juntas das outras. Cavalos batiam os cascos no chão e relinchavam; muitos haviam feito suas necessidades sobre as belas pedras do maior pátio de Camorr. Lacaios, guardas e criados reunidos em grupos comiam e admiravam as Cinco Torres lá em cima, onde a glória do poente próximo pintava de cores estranhas e novas as paredes de Vidrantigo.

Locke estava tão ocupado pensando no que dizer aos homens que acionavam os elevadores que só viu Conté quando o homenzarrão já plantara uma das mãos na sua nuca e encostara uma das

compridas facas em suas costas.

– Ora, ora, mestre Fehrwight. Como os deuses são bondosos. Não diga nada e venha comigo.

Conté meio que o conduziu, meio que o arrastou até uma carruagem próxima; Locke reconheceu a condução em que chegara ao banquete com Sofia e Lorenzo. Era uma caixa preta laqueada com uma janela no lado oposto ao da porta, cujas cortinas e venezianas estavam bem fechadas.

Locke foi jogado sobre um dos bancos acolchoados da carruagem. Conté entrou, trancou a porta e sentou-se no banco em frente, com a faca em riste.

– Conté, por favor – suplicou Locke, nem sequer se dando ao trabalho de fingir o sotaque de Fehrwight. – Preciso subir de novo até o alto de Pontacorvo: todo mundo lá dentro está correndo um perigo terrível.

Ele não sabia que alguém sentado podia desferir um chute violento; Conté se apoiou no banco com a mão que não estava segurando a faca e lhe mostrou que era possível. A pesada bota do guarda-costas o lançou para o canto da carruagem. Locke mordeu a língua e sentiu gosto de sangue; sua cabeça bateu nas paredes de madeira.

– Cadê o dinheiro, seu merdinha?

– Foi roubado.

– Até parece, porra! Dezesseis mil e quinhentas coroas inteiras?

– Não chega a tanto: você está esquecendo o custo das refeições e dos divertimentos nos Festejos...

Conté deu outro chute e Locke novamente caiu.

– Conté, porra, por favor! O dinheiro não está comigo! Não está comigo! Ele foi roubado! E o dinheiro agora não importa!

– Vou lhe dizer uma coisa, mestre Lukas Fehrwight de merda. Eu lutei no Morro do Portão Divino; era mais jovem do que você é agora.

– Parabéns, mas estou cag... – começou Locke, e isso lhe rendeu outro chute.

– Lutei no Morro do Portão Divino e era jovem demais, o lanceiro mascote mais apavorado de todo o exército do Duque Nicovante. O baronete estava enfiado até o pescoço na merda e nas cavalarias de Tal Verrar e do Conde Louco. Nosso cavalos tinham recuado, minha posição estava sendo tomada. Os nobres de Camorr recuaram e foram cuidar da própria segurança... com uma exceção.

– Isso é a coisa mais irrelevante que eu já... – disse Locke, avançando em direção à porta, mas Conté ergueu a faca e o convenceu a se sentar de novo.

– O barão Ilandro Salvara – continuou Conté. – Ele lutou até seu cavalo desabar debaixo dele, lutou até receber quatro ferimentos e ter de ser arrastado pelas pernas do campo de batalha. Todos os outros nobres nos tratavam feito lixo, mas Salvara quase morreu tentando nos salvar. Depois de sair do exército do Duque, tentei trabalhar na guarda cidadina por alguns anos. Como isso não deu certo, implorei por uma audiência com o velho Dom Salvara e lhe disse que o tinha visto no Morro do Portão Divino, que ele tinha salvado a porra da minha vida e que, se ele aceitasse, eu o serviria pelo resto da vida dele. Salvara me acolheu. Após sua morte, decidi ficar servindo Lorenzo. Se tentar avançar para essa porta outra vez, eu juro que faço você *sangrar* entusiasmo pelo que estou dizendo. Lorenzo é mais ligado aos negócios do que o pai, mas é feito do mesmo estofado – prosseguiu Conté, sem disfarçar o orgulho. – Mesmo sem conhecer você, ele entrou naquele beco

de faca em punho quando pensou que você estivesse de fato sendo atacado por bandidos de verdade que queriam lhe fazer mal. Está *orgulhoso*, seu inútil de merda? Está orgulhoso do que fez com esse homem que tentou salvar a porra da sua vida?

– Conté, eu faço o que tenho de fazer – respondeu Locke com uma amargura que espantou a si mesmo. – Eu faço o que tenho de fazer. Lorenzo por acaso é um santo de Perelandro? Ele é um nobre de Camorr que lucra com a Paz Secreta. O tataravô dele decerto cortou a garganta de alguém para virar nobre e Lorenzo se beneficia disso diariamente. Enquanto ele e Sofia mandam você descascar as uvas que eles comem e limpar seus queixos, tem gente lá no Caldeirão que faz chá com cinzas e mijo. Não venha me falar sobre o que eu fiz. Preciso subir em Pontacorvo *agora*.

– Pode ir me dizendo onde o dinheiro está – replicou Conté. – Se não disser, vou chutar sua bunda com tanta força que pelo resto da vida todo pedaço de merda que sair dela vai estar impresso com a marca do meu calcanhar.

– Conté, todo mundo lá em Pontacorvo está correndo perigo. Eu preciso subir lá outra vez.

– Não acredito. Não acreditaria nem se você falasse que eu me chamo Conté. Não acreditaria nem que me falasse que o fogo é quente e a água é molhada! Pode querer o que for, não vai conseguir.

– Conté, por favor, lá em cima eu não tenho como fugir. Todos os malditos Meias-Noites da cidade estão no alto daquela torre. O Aranha está no alto daquela torre, a Companhia Vidronoite, trezentos nobres de Camorr estão lá no alto! Eu estou desarmado. Pode me levar lá para cima você mesmo, mas pelo amor dos deuses, me leve até lá, porra! Se eu não subir antes da Falsaluz vai ser tarde demais.

– Tarde demais para quê?

– Não tenho tempo para explicar; basta escutar minha conversa com Vorchenza e você vai entender.

– Por que cargas-d’água você precisa conversar com aquela velha gagá?

– Desculpe, mas parece que eu estou mais por dentro das coisas do que você. Escute, não posso mais ficar de papo furado. Por favor, *por favor*, estou implorando a você. Eu não sou Lukas Fehrwight; sou um maldito ladrão. Pode amarrar minhas mãos, pode encostar sua faca nas minhas costas, estou pouco ligando para quais forem as suas condições, mas por favor me leve de novo até o alto de Pontacorvo, independentemente da forma. Você decide como faremos.

– Qual é o seu nome de verdade?

– Que importância isso tem?

– Diga logo, e talvez eu amarre suas mãos, vá chamar uns guardas e tente fazer você subir lá.

– Meu nome é Tavrín Callas – respondeu Locke com um suspiro resignado.

Conté o encarou por alguns instantes com um olhar duro, em seguida grunhiu.

– Está bem, Mestre Callas. Estenda as mãos e não se mexa; vou amarrá-lo tão apertado que garanto que vai doer. Aí nós vamos dar uma volta.

elevadores já haviam sido informados da sua descrição e naturalmente ficaram encantados ao ver Conté arrastando-o com as mãos amarradas em frente ao corpo. Eles tornaram a subir, Locke ladeado por dois casacas-negras segurando cada um de seus braços e Conté logo atrás.

– Por favor, me levem até Dona Vorchenza – pediu Locke. – Se não conseguirem encontrá-la, procurem um dos Salvaras. Ou até mesmo um capitão da sua companhia chamado Reynart.

– Cale essa boca! – ordenou um dos casacas-negras. – Você vai aonde nós o levarmos.

A gaiola se encaixou nos mecanismos que a prendiam ao terraço de embarque. Um grupo de nobres e convidados reuniu sua atenção para Locke quando ele foi escoltado no meio dos três homens. Assim que eles entraram na primeira galeria dentro da torre, o capitão Reynart por acaso estava por perto, segurando um prato de pequenos doces em formato de navio. Ele arregalou os olhos, deu uma última mordida na vela de marzipã, limpou a boca e jogou o prato nas mãos de um garçom que passava, quase fazendo-o cair no chão de tanta surpresa.

– Pelos deuses, onde vocês o acharam?

– Não achamos, capitão – respondeu um dos casacas-negras. – Esse homem atrás de nós diz que trabalha para o senhor e a senhora Salvara.

– Eu o capturei perto das carruagens – explicou Conté.

– Fantástico – comentou Reynart. – Levem-no para a ala leste no andar aqui abaixo. Lá existe um depósito vazio sem janelas. Revistem-no, tirem suas roupas até deixá-lo só de calção e joguem-no lá dentro. Mantenham dois guardas vigiando-o o tempo todo. Iremos buscá-lo depois da meia-noite, quando os convivas começarem a se dispersar.

– Reynart, vocês não podem fazer isso! – gritou Locke, tentando inutilmente se desvencilhar dos homens que o seguravam. – Eu voltei sozinho. Sozinho, estão entendendo? Todo mundo aqui está correndo perigo. Você está a par das atividades da sua mãe adotiva? Preciso falar com Vorchenza!

– Fui alertado a ter uma escuta seletiva quando se tratasse de você. – O capitão gesticulou para os casacas-negras. – Para o depósito, agora!

– Reynart, não! As esculturas, Reynart! Olhe dentro das esculturas, porra!

Convidados e nobres começaram a demonstrar um vivo interesse e Reynart tapou sua boca com uma das mãos. Outros casacas-negras surgiram do meio das pessoas.

– Continue provocando confusão e esses lordes e damas verão sangue – ameaçou Reynart, retirando a mão.

– Eu sei quem ela é, Reynart! Sei quem Vorchenza é e vou gritar por todas essas galerias! Se vocês me prenderem eu vou chutar e gritar e, antes de eu entrar no tal depósito, todo mundo vai saber. Por favor, verifique essas malditas esculturas!

– O que têm as esculturas?

– Tem alguma coisa dentro delas, caramba! É um complô. Quem as mandou para cá foi Capa Raza.

– Elas foram dadas de presente para o Duque. Meus superiores as verificaram pessoalmente.

– Seus superiores não estão gozando do seu pleno juízo. Capa Raza contratou os serviços de um Mago-Servidor. Eu vi o que ele é capaz de fazer com a mente de uma pessoa.

– Ridículo – desdenhou Reynart. – Não acredito que o estou deixando inventar mais uma história sem pé nem cabeça. Levem-no lá para baixo, mas primeiro me deixem amordaçá-lo.

Ele pegou um guardanapo de linho na bandeja de outro garçom que passava e começou a arrumá-

lo.

– Reynart, por favor, me leve até Vorchenza. Por que eu voltaria aqui se não fosse importante, porra? Todo mundo aqui vai morrer se vocês me jogarem nesse tal depósito. *Por favor*, me leve até Vorchenza.

Stephen o encarou com frieza, então pousou o guardanapo outra vez. Pôs o dedo na cara de Locke.

– Vou levá-lo para falar com a Dona. Se você pronunciar uma palavra que seja enquanto o conduzimos até lá, vou amordaçá-lo, lhe dar uma surra de fazer perder os sentidos e jogá-lo no depósito. Está claro?

Locke assentiu com vigor.

Reynart gesticulou para outros casacas-negras virem se juntar a eles. Locke atravessou a galeria e desceu dois andares escoltado por seis soldados; Conté seguia logo atrás, de cara amarrada. Levaram-no para o mesmo corredor e para o mesmo recinto em que ele havia encontrado Dona Vorchenza da última vez. A velha senhora estava sentada em sua cadeira, com o tricô abandonado no chão, segurando um pano úmido junto à boca, Dona Salvara se achava ajoelhada ao seu lado e Lorenzo olhava pela janela com uma das pernas sobre o peitoril. Todos os três pareceram de fato muito surpresos quando Reynart chegou empurrando Locke para dentro da sala.

– Esta sala está fechada – avisou Reynart para os guardas. – Desculpe, para você também – emendou, na hora em que Conté tentou passar.

– Stephen, deixe entrar o guarda-costas dos Salvaras – ordenou Dona Vorchenza. – Ele já sabe a maior parte do que há para saber; não fará muita diferença se souber o resto.

Conté entrou, fez uma mesura para Vorchenza e segurou Locke pelo braço direito enquanto Reynart trancava a porta atrás deles. Os Salvaras receberam Locke com duas caras feias idênticas e mal disfarçadas.

– Olá, Sofia. Oi, Lorenzo. É um prazer revê-los – cumprimentou Locke com sua voz normal.

Dona Vorchenza se levantou da cadeira, percorreu com dois passos a distância que a separava de Locke e lhe deu um sopapo na boca com a palma da mão e o braço esticado. A cabeça dele foi projetada para a direita e pontadas de dor vararam seu pescoço.

– Ai! – gritou ele. – Qual é o seu problema, afinal?

– Eu tinha uma dívida a saldar, mestre Espinho.

– A senhora cravou uma maldita agulha envenenada no meu pescoço!

– Que o senhor mais do que mereceu.

– Bom, eu por minha parte dis...

Reynart o agarrou pelo ombro esquerdo, girou-o e lhe deu um soco na boca. Vorchenza era bem impressionante para alguém da sua idade e porte, mas *Reynart* sabia bater. O cômodo pareceu sumir por alguns segundos; quando tornou a aparecer, Locke se viu caído de lado em um canto. Pequenos ferreiros pareciam estar batendo em bigornas desagradavelmente situadas bem acima dos seus olhos e ele se perguntou como teriam ido parar ali.

– Eu lhe disse que Dona Vorchenza era minha mãe adotiva – explicou Reynart.

– Ai, ai – comentou Conté com uma risadinha. – Esse é bem o meu tipo de reunião particular.

– Já ocorreu a algum de vocês perguntar que porra eu vim fazer aqui em Pontacorvo depois de ter

conseguido escapar? – perguntou Locke, levantando-se com dificuldade.

– O senhor pulou de uma das saliências da parede e entrou em uma das gaiolas-elevadores que estava descendo, não foi? – indagou Dona Vorchenza.

– Isso mesmo. Todas as outras formas de chegar lá embaixo eram perigosas demais para serem cogitadas.

– Está vendo, Stephen? Eu disse a você.

– Eu até achava que fosse possível, mas simplesmente não queria pensar que tinha mesmo sido feito – comentou o vadrã.

– Stephen não gosta de alturas – explicou Vorchenza.

– Ele é um homem sensato, mas por favor, agora me escutem – suplicou Locke. – Eu voltei para avisá-los... sobre as tais esculturas. Capa Raza mandou quatro esculturas de presente. Todo mundo aqui nesta torre está correndo um perigo enorme por causa delas.

– Esculturas? – Dona Vorchenza o encarou com curiosidade. – Um cavalheiro mandou quatro esculturas de ouro e vidro de presente para o Duque. – Ela olhou para Stephen. – Tenho certeza de que os responsáveis pela segurança do Duque as verificaram e aprovaram. Eu não poderia saber; só estou dando minha opinião sobre esse assunto como um favor para alguns dos meus pares.

– Assim me disseram meus superiores – completou Reynart.

– Ah, parem com isso – disse Locke. – A senhora é o Aranha. E eu sou o Espinho de Camorr. Já conheceu Capa Raza? Já conheceu um Mago-Servidor que é chamado de Falcoeiro? Eles lhe falaram sobre as esculturas?

Os Salvaras encaravam Vorchenza, que gaguejou e tossiu.

– Ops! – fez Locke. – A senhora não tinha contado a Sofia e Lorenzo? Estava bancando a amiga de um amigo... Me desculpe, mas eu preciso falar com a senhora como o Aranha. Quando a Falsaluz chegar, todo mundo aqui em Pontacorvo vai estar fodido.

– Eu sabia! – exclamou Sofia. – Eu sabia! – Ela segurou o marido pelo braço com tanta força que ele fez uma careta. – Não disse a você?

– Ainda não tenho tanta certeza – retrucou Lorenzo.

– Não – falou Dona Vorchenza com um suspiro. – Sofia tem razão: eu *sou mesmo* o Aranha. Pronto, está dito. Se essa informação sair desta sala, pescoços serão cortados.

Conté a encarou com surpresa e uma estranha expressão de aprovação. Locke se levantou, cambaleando.

– Quanto à questão das esculturas, eu as liberei pessoalmente – continuou a velha senhora. – Elas são um presente para o Duque.

– Elas são um complô, uma armadilha – afirmou Locke. – Abram uma delas e vão ver! Capa Raza quer acabar com todos os homens, mulheres e crianças desta torre... Vai ser pior do que assassinato.

– Capa Raza foi um perfeito cavalheiro – garantiu Dona Vorchenza. – Mostrou-se quase recatado demais na hora de aceitar meu convite para se juntar a nós por um breve instante hoje à noite. Essa é mais uma daquelas suas fabulações destinadas a lhe trazer algum benefício.

– Ah, porra, claro – zombou Locke. – Eu voltei para cá depois de ter fugido e tive a esperteza de me deixar amarrar e arrastar até aqui pela Companhia Vidronoite inteira de propósito. Agora consegui pegar vocês exatamente onde queria. Vorchenza, as esculturas estão cheias de Pedra-

Fantasma! *Pedra-Fantasma!*

– Pedra-Fantasma – repetiu Dona Sofia, consternada. – Como o senhor sabe?

– Ele não sabe – interveio Vorchenza. – Está mentindo. As esculturas são inofensivas.

– Abram uma delas – rebateu Locke. – A solução para esse dilema é simples. Por favor, a Falsaluz está chegando. Abram uma das esculturas. Elas vão se acender na Falsaluz.

– Aquelas esculturas são uma propriedade do Duque e valem milhares de coroas – falou Vorchenza. – Não vão ser danificadas por causa do capricho de um marginal notório.

– Milhares de coroas contra centenas de vidas – rebateu Locke. – Todos os nobres de Camorr vão ser transformados em imbecis babões, está me entendendo? A senhora consegue imaginar todas as crianças lá naquele jardim com os olhos brancos feito os de um cavalo neutralizado? É assim que todos nós vamos ficar! – gritou ele. – *Neutralizados*. Aquela merda vai *devorar a porra da nossa alma*.

– Será que não custa verificar?

Locke olhou para Reynart com gratidão estampada no rosto.

– Não, Reynart, não custa. Por favor. Por favor, verifiquem.

Dona Vorchenza massageou as têmporas.

– Esta situação está fugindo ao controle – disse ela. – Stephen, por favor, jogue esse homem em algum lugar seguro até depois do banquete. Algum lugar sem janelas, por favor.

– Dona Vorchenza, o que o nome Avram Anatolius significa para a senhora? – disparou Locke.

Os olhos dela ficaram frios.

– Não tenho a mais remota ideia. O que significa para o senhor?

– Vinte e dois anos atrás, Capa Barsavi mandou matar Avram Anatolius e a senhora sabia – respondeu Locke. – Sabia que ele era uma ameaça à Paz Secreta.

– Não entendo que relevância isso pode ter – retrucou Dona Vorchenza. – Agora cale-se ou mandarei que o calem.

– Anatolius tinha um filho – continuou Locke depressa, em desespero, enquanto Stephen dava um passo na sua direção. – Um filho que sobreviveu, Dona Vorchenza. Luciano Anatolius. Luciano é Capa Raza. Ele se vingou de Barsavi pela morte dos pais e irmãos e agora vai se vingar da senhora! Da senhora e de todos os seus pares!

– Não – negou ela, tornando a levar a mão à cabeça. – Não, não foi assim que aconteceu. Eu apreciei os momentos que passei na companhia de Capa Raza. Não consigo imaginar por que ele faria algo assim.

– O Falcoeiro – prosseguiu Locke. – A senhora se lembra do Falcoeiro?

– Ele trabalha com Capa Raza – respondeu ela, distante. – Eu... eu também apreciei o tempo que passei na sua companhia. Um jovem muito discreto e educado.

– Ele fez algo com a senhora, Dona Vorchenza. Já o vi fazer isso com meus próprios olhos. Ele pronunciou seu nome verdadeiro? Escreveu alguma coisa em um pedaço de pergaminho?

– Eu... eu... não consigo... Isso é... – Dona Vorchenza torceu o nariz e as rugas de seu rosto se curvaram para dentro como se ela estivesse com alguma dor. – Devo convidar Capa Raza... Seria falta de educação não convidá-lo para o... Para o banquete... – Ela se afundou na cadeira e deu um grito.

Lorenzo e Sofia a acudiram; Reynart suspendeu Locke pela frente do colete e o bateu com força

contra a parede. Os pés de Locke ficaram suspensos no ar enquanto o capitão perguntava, aos berros:

– O que você fez com ela?

– Nada – assegurou Locke, arquejando. – Um Mago-Servidor a enfeitiçou. Pense, homem... Ela por acaso está sendo racional em relação às esculturas? Aquele filho da mãe fez alguma coisa com a sua mente.

– Stephen, ponha o Espinho no chão – mandou Dona Vorchenza com a voz rouca. – Ele tem razão. Ele tem razão... Raza e o Falcoeiro... Não sei por quê, mas é como se eu tivesse esquecido. Eu não queria aceitar o pedido de Raza... O Falcoeiro fez alguma coisa ali na mesa e eu... eu...

Amparada por Sofia, ela tornou a se levantar.

– Luciano Anatolius, o senhor disse. Capa Raza é filho de Avram Anatolius? E como o senhor sabe disso?

– Porque eu imobilizei o tal Mago-Servidor no chão uma ou duas horas atrás – explicou Locke enquanto Reynart o deixava deslizar pela parede até o chão. – Cortei os dedos dele para obrigá-lo a falar e, depois de ele confessar tudo o que eu queria saber, mandei cortar sua língua e cauterizar a cicatriz.

Todos no recinto o encararam.

– Também o chamei de cuzão. Disso ele não gostou.

– Matar um Mago-Servidor é pior do que a morte – falou Dona Vorchenza.

– Ele não está morto; só está para lá de arrependido.

A velha balançou a cabeça.

– Stephen, as esculturas. Tem uma neste andar, não é? Ao lado do bar.

– Sim – respondeu Reynart, avançando em direção à porta. – O que mais você sabe sobre as esculturas, Espinho?

– Sei que elas contêm fusíveis alquímicos e tigelas de cerâmica cheias de óleo de fogo. Na hora da Falsaluz, o óleo vai se acender e esta torre inteira vai se encher de fumaça de Pedra-Fantasma. E Anatolius vai zarpar no seu navio gargalhando.

– Esse tal de Luciano Anatolius foi aquele que encontramos na escada? – quis saber Sofia.

– O próprio. Luciano Anatolius, também conhecido como Capa Raza ou Rei Cinza.

– Se essas coisas forem alquímicas, é melhor eu dar uma olhada – prontificou-se Sofia.

– Se for perigoso, eu vou também – emendou Lorenzo.

– Eu também – falou Conté.

– Ótimo! Podemos ir todos! Vai ser uma diversão! – Locke acenou em direção à porta com as mãos amarradas. – Mas, porra, pelo amor dos deuses, vamos logo com isso.

Conté o segurou pelo braço e o empurrou atrás dos outros; Reynart e Vorchenza foram na frente e passaram pelos casacas-negras espantados. Reynart acenou para que eles os seguissem. Todos saíram do corredor e voltaram à galeria principal.

A multidão de convidados de rosto vermelho se afastou quando a procissão passou. Reynart foi até o casaca-negra postado junto à cintilante pirâmide de taças de vinho.

– Esta parte do bar está temporariamente fechada. Garanta que fique assim – ordenou. Virando-se para os outros soldados, ele acrescentou: – Façam um círculo de isolamento de 5 ou 6 metros de

raio. Em nome do Duque, não deixem ninguém se aproximar.

Sofia passou por baixo do cordão de veludo e se agachou junto à pirâmide esculpida, com quase um metro de largura na base e um metro de altura. As luzes suaves ainda acesas piscavam atrás das janelinhas de vidro abertas em suas fachadas.

– Capitão Reynart, acho que me lembro de ter visto um par de luvas no seu cinto – disse ela. – Pode me emprestar?

Ele lhe passou um par de luvas de couro preto que Dona Salvara calçou.

– Quase nunca é prudente ser muito confiante: venenos de contato são brincadeira de criança – comentou ela, distraída, antes de correr os dedos pela superfície da escultura e examiná-la de perto. Mudou de posição várias vezes e, a cada novo ângulo, sua testa se franzia mais um pouco. – Não estou vendo abertura nenhuma no exterior – falou, tornando a se levantar. – Não há sequer uma emenda; a fabricação é excelente. Se este artefato foi feito para exalar fumaça, não consigo imaginar como ela iria sair. – Ela bateu com um dedo enluvado em uma das janelas de vidro. – A menos que... – Tornou a bater na janela. – Isto aqui é o que chamamos de vidro ornamental, uma substância fina e frágil. Em geral não é usada em esculturas e nós nunca a usamos no laboratório porque ela não aguenta o calor... – Ela girou a cabeça na direção de Locke, seus cachos louro-claros rodopiando feito um halo. – O senhor falou que este artefato continha tigelas de óleo de fogo?

– Foi o que me contou um homem muito ansioso para não perder a língua – respondeu ele.

– Pode ser isso, então. Dentro de um recipiente fechado de metal, o óleo produziria um calor intenso. O calor faria o vidro estourar... e liberar a fumaça! Capitão, por favor, saque seu florete: eu gostaria de usá-lo.

Disfarçando qualquer hesitação, Reynart sacou a arma e a passou com cuidado. Sofia examinou o cabo de prata, aquiesceu e o usou para quebrar o vidro, que se partiu com um tilintar agudo. Ela inverteu o florete e com a ponta limpou os cacos das bordas da janelinha, em seguida tornou a entregá-lo a Reynart. A multidão em volta – que o fino círculo de casacas-negras de Reynart mal conseguia conter – emitiu murmúrios e exclamações.

– Cuidado, Sofia – advertiu Lorenzo.

– Não tente ensinar um marinheiro a cagar no mar – resmungou a esposa.

Ela espiou pela janelinha, que tinha uns 20 centímetros na base e se afunilava ligeiramente em direção ao alto. Inseriu uma das mãos, tocou uma das luzes alquímicas que mudavam de cor, girou o pulso e a removeu.

– Não está nem presa a nada – comentou ao pousá-la no chão ao seu lado. – Ah, meus deuses – sussurrou ela ao tornar a espiar pela janelinha sem a luz atrapalhando. Levou a mão à boca e se levantou, cambaleante e trêmula.

Dona Vorchenza foi até o seu lado.

– Então?

– É Pedra-Fantasma – garantiu Dona Salvara, horrorizada. – Está toda recheada de Pedra-Fantasma. Dá para ver aí dentro e dá para sentir o cheiro do pó. – Ela estremeceu como algumas pessoas fazem quando uma aranha grande cruza o seu caminho. – Só esta escultura já contém uma quantidade suficiente para acabar com a torre inteira. Parece que o seu Capa Raza queria ter certeza.

Através do vidro, a Condessa de Vidrâmbar encarou a vista ao norte de Camorr: o céu estava consideravelmente mais escuro em relação ao momento em que Locke fora arrastado pela frente do bar.

– Sofia, o que você pode fazer com essas esculturas? Consegue impedir a ignição?

– Acho que não – respondeu Dona Salvara. – Não consegui ver os fusíveis alquímicos, que devem estar por baixo da Pedra-Fantasma. Além disso, também é possível que eles se acendam caso alguém tente manuseá-los; eu mesma poderia facilmente ter criado um mecanismo parecido em meu laboratório. Tentar desativá-lo pode ser tão ruim quanto deixá-lo se acionar.

– Precisamos tirá-las da torre – ponderou Reynart.

– Não – discordou Sofia. – A fumaça de Pedra-Fantasma sobe, pois é mais leve do que o ar à nossa volta. Duvido que consigamos afastar as esculturas o suficiente antes da Falsaluz e, se elas forem acionadas ao pé de Pontacorvo, mesmo assim ainda estaremos no caminho da coluna de fumaça que vai se erguer. A melhor coisa a fazer seria imergi-las; depois de alguns minutos, o contato da água neutraliza a Pedra-Fantasma. O óleo de fogo ainda queimaria, mas a fumaça branca não iria se erguer. Se ao menos pudéssemos jogá-las no Angevino!

– Isso é impossível, mas podemos jogá-las na cisterna do Jardim Celestial: o poço tem 3 metros de profundidade e 5 de largura. Adiantaria?

– Sim! Agora só precisamos levá-las lá para cima.

– Stephen... – começou Dona Vorchenza, mas Reynart já estava em ação.

– Lordes e damas, em nome do Duque Nicovante, precisamos da sua ajuda urgente! – berrou ele o mais alto que conseguiu. – Vidronoite, venham comigo. Preciso de um caminho livre até a escada, senhores e senhoras. Peço-lhes mil desculpas, mas não seremos delicados com quem estiver no caminho. Precisamos tirar essas porcarias das galerias e levá-las até o Jardim Celestial. – Ele agarrou um de seus homens pelo ombro. – Corra até o terraço de embarque e encontre o tenente Razelin. Diga a ele que dei ordem para evacuar o Jardim Celestial. Diga que daqui a cinco minutos não quero que tenha sobrado uma só criança lá em cima. Ele sabe o que fazer. Aja agora, desculpe-se depois.

– Soltem minhas mãos – pediu Locke. – Esses negócios são pesados; eu não sou muito forte, mas posso ajudar.

Dona Vorchenza o fitou com um ar curioso.

– Por que o senhor voltou para nos avisar, mestre Espinho? Por que não aproveitou e fugiu?

– Dona Vorchenza, eu sou um ladrão – respondeu ele em voz baixa. – Sou um ladrão e talvez até um assassino, mas isso seria demais. Sem falar que pretendo matar Raza. Se ele queria que isso acontecesse, eu precisava frustrá-lo. Simples assim.

Locke estendeu as mãos e ela assentiu devagar.

– Pode ajudar, mas depois temos que conversar.

– Temos, sim, mas espero que dessa vez seja sem agulhas. Conté, seja camarada, tire estas cordas de mim.

Com uma de suas facas, o guarda-costas cortou as cordas que prendiam Locke.

– Se tentar alguma gracinha, eu jogo você na caixa-d'água e mando atirar as esculturas por cima – vociferou.

Locke, Conté, Reynart, Dom Salvara e vários casacas-negras se ajoelharam para erguer a escultura. Sofia observou por um ou dois segundos, com a testa franzida, em seguida abriu caminho até junto do marido aos empurrões para sustentar parte do peso que ele carregava.

– Vou procurar o Duque – avisou Vorchenza. – Para garantir que ele saiba o que está acontecendo. Ela se afastou depressa pela galeria.

– Bem, com oito pessoas carregando não é tão difícil, mas vai ser um trabalho desajeitado – comentou Reynart. – Ainda é preciso subir um bocado de degraus.

Cambaleando juntos, eles galgaram um lance de escadas carregando a escultura. Outros casacas-negras aguardavam na galeria desse andar.

– Encontrem todas essas esculturas! – berrou Reynart. – Oito homens para cada uma! Encontrem-nas e levem-nas até o Jardim Celestial! Em nome do Duque, deem um bom empurrão em quem quer que esteja no seu caminho! E pelo amor dos deuses, não as deixem cair!

Em pouco tempo, grupos de soldados se extenuavam e xingavam ao carregar as esculturas no encaixe do grupo de Reynart. Locke ofegava e suava e os outros à sua volta não estavam em condição muito melhor.

– E se esse negócio detonar nas nossas mãos? – murmurou um dos casacas-negras.

– Primeiro vamos queimar as mãos – respondeu Sofia, corada por causa do esforço. – Depois desmaiariamos antes de conseguirmos dar cinco passos e estaríamos neutralizados. E aí nos sentiríamos bem bobos, não é mesmo?

Eles chegaram à última galeria e continuaram a subir, deixando o banquete para trás. Guardas e criados pularam de lado quando eles avançaram cambaleando por corredores de serviço. Bem lá no alto de Pontacorvo, por dentro das paredes externas de vidro fosco, uma larga e sinuosa escadaria de mármore subia em espiral até o Jardim Celestial. Toda Camorr rodopiava lá embaixo conforme eles subiam girando, girando, e o sol agora era apenas metade de um medalhão descorado que afundava pela curva do horizonte a oeste. Estranhas formas escuras pendiam do céu; Locke teve de encará-las por vários segundos antes de compreender que eram as trepadeiras do jardim, que ondulavam com o vento vindo de fora.

Dezenas de crianças passaram correndo por eles descendo a escada, aos gritos, perseguidas por casacas-negras e repreendidas por criados. A escada se abriu para o jardim do terraço, na realidade uma floresta em miniatura: oliveiras, laranjeiras e híbridos alquímicos com folhas esmeralda farfalhantes oscilavam ao vento morno sob um céu roxo sem nuvem alguma.

– Onde fica a droga da caixa-d'água? – perguntou Locke. – Eu nunca subi neste jardim.

– No extremo leste – respondeu Lorenzo. – Já brinquei muito aqui.

Por baixo dos galhos dependurados de um salgueiro-chorão, eles acharam o reservatório, um poço circular com 2,5 metros de diâmetro conforme Dona Vorchenza prometera. Sem qualquer preâmbulo, jogaram a escultura dentro da água; um esguicho forte se ergueu da superfície e encharcou dois dos casacas-negras. O artefato afundou depressa, deixando um rastro branco leitoso, e bateu no fundo da caixa-d'água com um baque forte.

Uma a uma, as outras três esculturas foram jogadas por cima da primeira até todas as quatro ficarem sob a superfície da água agora toda leitosa e o Jardim Celestial se encher de casacas-negras.

– E agora? – indagou Locke, ofegante.

– Agora devemos esvaziar o terraço – respondeu Dona Sofia. – Ainda há uma quantidade enorme de Pedra-Fantasma lá dentro. Mesmo submersa, não recomendo que ninguém fique por perto. Não antes de transcorridas algumas horas.

Todas as outras pessoas presentes no terraço não precisaram escutar a sugestão duas vezes para acatá-la.

6

A FALSALUZ COMEÇAVA APENAS A surgir quando Dona Vorchenza os encontrou outra vez na galeria mais alta de Pontacorvo. As serpentinas cintilantes de cores espectrais lançadas pelas torres de Vidrantigo podiam ser discernidas debilmente pela porta alta que conduzia à plataforma de embarque. À sua volta, o banquete estava em polvorosa; casacas-negras corriam para lá e para cá murmurando desculpas para Dons e Donas ao esbarrar neles.

– É como se fosse uma guerra – comentou ela, rodeada pelos Salvaras e por Locke, Conté e Reynart. – Tentar uma coisa dessas é pior até do que um assassinato em massa. Pelos deuses! Stephen, Nicovante convocou a Companhia Vidronoite; sua noite vai ser movimentada.

– E os Meias-Noites? – indagou ele.

– Tire todos eles daqui de maneira rápida e discreta – respondeu Vorchenza. – Reúna-os no Palácio da Paciência e prepare-os para um confronto. Eu os mobilizarei assim que Nicovante decidir qual pode ser a sua melhor contribuição. Mestre Espinho, estamos gratos pelo que o senhor fez; sua atitude lhe valerá uma grande consideração. Mas agora a sua participação neste caso chegou ao fim e vou ordenar que seja levado até Vidrâmbar sob escolta. O senhor é nosso prisioneiro, mas merece algumas regalias.

– Porra nenhuma! – disparou Locke. – Vocês me devem mais do que isso. Raza é meu.

– Raza é agora o homem mais procurado de toda Camorr. O Duque pretende esmagá-lo como um inseto. Seus domínios serão invadidos e a Tumba Flutuante destruída.

– Seus *idiotas*! Raza não está comandando as Pessoas Certas, porra, ele as está usando! A Tumba Flutuante está vazia e ele está fugindo neste exato momento. Ele nunca quis ser Capa, só desejava usar esse posto para eliminar Barsavi e aniquilar a nobreza de Camorr.

– Como sabe tanto sobre os assuntos de Raza, mestre Espinho?

– Na época em que ainda se fazia chamar de Rei Cinza, Raza me obrigou a ajudá-lo a tapear Capa Barsavi. O acordo era que eu seria liberado depois, mas ele me traiu também. Matou três dos meus amigos e roubou meu dinheiro.

– O *seu* dinheiro? – repetiu Dom Lorenzo, cerrando um dos punhos. – O nosso dinheiro, o senhor quer dizer!

– Sim. Mais tudo o que eu roubei de Dona de Marre, de Dom Javarriz e dos Feluccias. Mais de 40 mil coroas... uma fortuna. Raza roubou tudo. Eu não estava mentindo quando disse que o dinheiro não estava mais comigo.

– Ou seja, o senhor agora não tem mais nada de valor com que negociar – resumiu Dona Vorchenza.

– Eu disse que não estava mais comigo, não que não sabia onde estava. Raza juntou o dinheiro à fortuna de Barsavi e está prestes a fugir com ele da cidade. O dinheiro era para pagar pelos serviços do seu Mago-Servidor.

– Então nos diga onde o dinheiro está.

– Raza é meu – afirmou Locke de novo. – Vocês vão me deixar descer e vão me libertar. Raza matou três dos meus amigos e eu pretendo arrancar a porra do seu coração. Daria todo o ferro branco de Camorr em troca dessa oportunidade.

– Nesta cidade, homens são enforcados por roubarem algumas moedas de prata e o senhor sugere que o libertemos após roubar dezenas de milhares de coroas inteiras? Não mesmo.

– Dona Vorchenza, chegou a hora da verdade: a senhora quer o dinheiro de volta? Eu posso lhe dizer onde encontrá-lo junto com a considerável fortuna de Barsavi. Em troca, tudo o que eu quero é Raza. Eu fico livre para matar o homem que tentou me eliminar e aniquilar os seus pares. Seja sensata... Agora que vocês conhecem meu rosto e minha voz, vai ser difícil eu voltar à minha antiga carreira, pelo menos aqui em Camorr.

– O senhor está fazendo suposições demais.

– O Aranha de Camorr impediu Capa Raza de encher Pontacorvo com Pedra-Fantasma o bastante para neutralizar a porra da cidade inteira? Não, quem fez isso foi o *Espinho* de Camorr, muito obrigado. Todas as pessoas aqui hoje só estão com saúde porque *eu* tenho a porra de um coração de manteiga, não porque a senhora estava fazendo o seu trabalho. A senhora me deve isso, Vorchenza. Me deve isso, pela sua honra. Se me der Raza, pode ficar com o dinheiro todinho.

Ela o encarou com um olhar capaz de transformar água em gelo e, por fim, falou:

– Pela minha honra, mestre Espinho, por serviços prestados ao Duque e a meus pares, o senhor está livre para ir embora e, se conseguir encontrar Raza antes de nós, pode ficar com ele, embora eu não vá pedir desculpas se isso não acontecer. E se o senhor retomar suas atividades e nossos caminhos voltarem a se cruzar, mandarei executá-lo sem julgamento.

– Me parece justo. Preciso de uma espada. Quase me esqueci.

Para sua surpresa, o capitão Reynart desafivelou o cinto de seu florete e lhe jogou os dois juntos.

– Pode encharcar o fio. Com meus cumprimentos.

– Muito bem – disse Dona Vorchenza enquanto Locke prendia o cinto por cima da excelente calça azul de Meraggio. – E o dinheiro, onde está?

– A norte dos Dentes de Camorr, no cais particular, ficam atracadas as barcaças de fezes – explicou Locke. – Vocês sabem quais são: aquelas que transportam todos os resíduos e excrementos da cidade e os levam até os campos ao norte.

– Claro – confirmou a condessa.

– Raza vem escondendo sua fortuna dentro de um deles. Dentro de baús de madeira forrados por camadas de oleado, por motivos óbvios. Depois de sair de Camorr, o plano dele era interceptar a barcaça lá no norte e descarregar o tesouro. Está tudo lá, debaixo dos montes de merda.

– Que coisa mais ridícula – rebateu Dona Vorchenza.

– Eu não disse que a minha resposta seria agradável – disparou Locke. – Pense um pouco. Qual é o último lugar em que alguém iria querer procurar um tesouro escondido?

– Humm. Qual das barcaças?

– Isso eu não sei. Só sei que é uma das três.

Vorchenza olhou para Reynart.

– Bem, por algum motivo os deuses decidiram inventar o alistamento obrigatório – disse o capitão.

– Ai, merda! – praguejou Locke, com um nó na garganta. *É melhor que isso funcione*, pensou. – Dona Vorchenza, não é só isso.

– Como assim?

– Barcos, barcaças, fugas. Estive pensando... O Falcoeiro fez várias piadas estranhas quando estava sob o fio da minha faca. Ficou me provocando com alguma coisa, mas só agora consegui atinar o que era. Aquele navio da peste, o *Satisfação*... Vocês têm que afundá-lo.

– Por que faríamos isso?

– Porque ele pertence a Anatolius. Segundo o Falcoeiro, Anatolius era um pirata do Mar de Ferro Branco que juntou fortuna para poder contratar um Mago-Servidor e voltar a Camorr para se vingar. Seu navio é o *Satisfação*. Só que Anatolius não está planejando fugir nele... Vai deixar a cidade rumo ao norte, subindo o Angevino.

– Ou seja?

– O Falcoeiro ficou dando indiretas sobre um plano de contingência, que seria aquele navio da peste. Ele não está cheio de cadáveres, Dona Vorchenza. Tem uma tripulação formada por homens que sobreviveram à exposição ao Sussurro Negro, como os Espectros do Duque. Uma tripulação falsa e um compartimento de carga repleto de animais: cabras, ovelhas, jumentos. Achei que o Falcoeiro só estivesse tentando ser irreverente... mas pense bem.

– Animais podem transmitir o Sussurro – falou Reynart.

– Sim – concordou Locke. – Eles não morrem, mas com certeza podem passar a doença para nós. Afunde aquele maldito navio, Dona Vorchenza. Ele é a segunda arma de Raza. Se ele descobrir que não conseguiu eliminar os nobres, talvez tente se vingar da cidade inteira. Seria a sua última chance.

– Que loucura – sussurrou Dona Vorchenza, mas parecia quase convencida.

– Anatolius já tentou eliminar todos os nobres de Camorr, inclusive as crianças. Ele *é mesmo* louco, Condessa de Vidrâmbar. Como acha que reagirá à frustração? Tudo o que os seus homens precisam fazer é aproximar o navio do cais e deixar os animais desembarcarem. Ou talvez eles lancem algumas ovelhas na cidade com uma catapulta. *Afundem o maldito navio*.

– Mestre Espinho, o senhor tem o coração curiosamente mole para um ladrão tão ganancioso – comentou a velha senhora.

– Eu sou irmão jurado do Treze Sem Nome, o Guardião Torto, o Benfeitor. Sou um *sacerdote*. Não salvei todo mundo nesta torre para ver minha cidade inteira morrer. Como é justo e adequado, Dona Vorchenza, como é justo e adequado: afunde o maldito navio. Eu lhe imploro.

Ela o encarou por cima dos ópticos em meia-lua, então virou-se para Reynart.

– Capitão – falou, devagar. – Vá até a estação do farol na plataforma de embarque. Mande mensagens para o Arsenal e para a Borra.

Ela uniu as mãos sobre a barriga e deu um suspiro.

– Pela minha autoridade, em nome do Duque Nicovante, afundem o *Satisfação* e abatam qualquer sobrevivente que tente alcançar a terra firme.

Locke deu um suspiro de alívio.

– Obrigado, Dona Vorchenza. E agora, meu elevador...?

– Seu elevador, mestre Espinho... Pela minha honra, mandarei aprontá-lo sem demora. E se os deuses lhe entregarem Capa Raza antes de os meus homens conseguirem encontrá-lo... que eles lhe deem força.

– Vou sentir sua falta, Dona Vorchenza. E dos senhores também, milorde e milady Salvara... minhas sinceras desculpas por ter enterrado em fezes a maior parte da sua fortuna. Espero que ainda possamos ser amigos.

– Se tornar a pôr os pés na minha casa, eu transformo o senhor em um aparelho permanente do meu laboratório – foi a resposta de Sofia.

7

UM CLARÃO AZUL BRILHOU NA plataforma de embarque de Pontacorvo. Mesmo com o cintilar inconstante da Falsaluz, destacou-se o suficiente para ser visto na estação intermediária no alto do Palácio da Paciência. Em segundos, as venezianas começaram a se abrir e fechar rapidamente em frente a lampiões sinalizadores. A mensagem atravessou os ares por cima das cabeças dos milhares de pessoas que festejavam e chegou ao seu destino: o Arsenal, a Agulha Sul, a Borra.

– Puta que pariu! – exclamou o sargento da guarda na torre situada bem na ponta da Agulha Sul, piscando para clarear a vista e se perguntando se havia contado direito os clarões.

Com uma pontada de culpa, escondeu o odre clandestino de vinho do Dia das Transformações debaixo da cadeira.

– Sargento, aquele navio está fazendo alguma coisa muito estranha – disse o seu colega mais jovem.

Nas águas do Porto Velho, o *Satisfação* virava lentamente para bombordo. Nos conveses do mastro principal e do mastro de proa era possível vislumbrar marinheiros se preparando para desfraldar as velas de mezena. Dezenas de pequenas formas escuras se moviam no convés, iluminadas pelo brilho de lampiões amarelos e pela Falsaluz ofuscante.

– Ele está abrindo as velas, sargento, está saindo para o mar. De onde saiu essa gente toda? – indagou o guarda novo.

– Não sei, mas o sinal acabou de chegar – respondeu o sargento. – Pela misericórdia dos deuses, eles vão afundar aquele navio.

Pontinhos de luz laranja brilhante começaram a surgir em volta da Borra; cada uma das pequenas torres de artilharia tinha lampiões a óleo de emergência que serviam para comunicar quando estavam ocupadas e prontas para atacar. Tambores rufaram dentro do Arsenal e apitos soaram do outro lado da cidade, superando o burburinho grave e ressonante das multidões do Dia das Transformações.

Uma das peças de artilharia do cais disparou com um estrondo ensurdecador. A pedra varou o ar, errou por poucos metros e ergueu um chafariz branco a estibordo da fragata.

A peça seguinte a disparar arremessou um arco de fogo laranja e branco que pareceu ficar

dependurado no céu, uma hipnótica flâmula de luz incandescente. Os guardas da Agulha Sul ficaram olhando assombrados enquanto a luz acertava o convés do *Satisfação* e espalhava filamentos de fogo em todas as direções. Homens corriam desesperados de um lado para outro, alguns claramente em chamas. Um deles pulou pela amurada do navio e mergulhou na água como uma brasa jogada dentro de uma poça.

– Meus deuses, aquilo é óleo de fogo – comentou o guarda novo. – Não vai parar de queimar nem debaixo d’água.

– Bom, os tubarões também gostam de carne cozida – retrucou o sargento com uma risadinha. – Pobres coitados.

Uma pedra acertou a lateral da fragata, estilhaçando os guarda-corpos de madeira e fazendo chover farpas; homens rodopiavam, gritavam, desabavam no convés. Apesar das tentativas desesperadas da tripulação de controlá-lo com areia, o fogo já subia em direção às velas e ao cordame. Outro barril de fogo explodiu no tombadilho superior e os que manejavam o leme foram engolfados por uma chuva raivosa de chamas brancas, sem tempo sequer para gritar.

Pedras castigaram o navio e rasgaram as poucas velas desfraldadas e incêndios fugiram ao controle na proa, na popa e no meio da embarcação. Os conveses foram tomados por laranja, vermelho e branco, uma explosão de cores que subiu em direção ao céu com fumaça multicolorida. Em pleno raio de alcance de mais de uma dezena de catapultas, a fragata desarmada e quase imóvel não teve a menor chance. Cinco minutos depois do sinal enviado de Pontacorvo, o *Satisfação* era uma verdadeira pira: uma montanha de labaredas vermelhas e brancas erguendo-se de uma água que parecia um espelho vermelho e encrespado sob o casco da moribunda embarcação.

Arqueiros se posicionaram no cais, prontos para abater qualquer sobrevivente que tentasse escapar a nado, mas não houve nenhum. Com o fogo, a água e as criaturas que espreitavam nas profundezas do porto, as flechas eram supérfluas.

8

EM PÉ SOZINHO NO CONVÉS superior da Tumba Flutuante sob os toldos de seda que balançavam ao Vento do Carrasco e um céu escuro que refletia o tremeluzir fantasmagórico da Falsaluz, Luciano Anatolius, o Rei Cinza, Capa de Camorr, último sobrevivente de sua linhagem, viu seu navio se incendiar.

Encarou o oeste com o fogo vermelho refletido em sua retina e não piscou. Encarou o norte e a torre reluzente de Pontacorvo, na qual se podia ver luzes azuis e vermelhas e onde nenhuma nuvem de fumaça branca se erguia em direção ao céu.

Sozinho no convés da Tumba Flutuante, ele não chorou, embora no fundo de seu coração não houvesse nada que desejasse mais fazer nesse momento.

Cheryn e Raiza não teriam chorado, pensou. Minha mãe e meu pai não teriam chorado, não *tinham* chorado, quando os homens de Barsavi arrombaram sua porta a chutes no meio da noite, quando seu pai morrera tentando defender a família por tempo suficiente para Gisella pegar os três irmãos e fugir pela porta dos fundos.

O *Satisfação* ardeu diante de seus olhos, mas em sua mente Anatolius estava correndo outra vez pela escuridão dos jardins, aos 13 anos, tropeçando em caminhos conhecidos e sentindo galhos arranharem seu rosto e lágrimas quentes escorrerem pelas faces. Na chácara atrás deles, facas subiam e desciam, uma criança pequena chorou pela mãe e foi subitamente silenciada.

– Nós nunca vamos esquecer – dissera Raiza no compartimento escuro de carga do navio que os levara para Talisham. – Nunca vamos esquecer, não é, Luciano?

A mãozinha dela se fechara com força dentro da sua; de seu outro lado, Cheryn dormia um sono agitado, cheio de murmúrios e prantos.

– Nós nunca vamos esquecer – respondera ele. – E vamos voltar. Prometo a vocês: um dia nós vamos voltar.

No convés da fortaleza de Barsavi, ele não podia fazer absolutamente nada enquanto a morte do seu navio tingia de vermelho-sangue as águas do Porto Velho.

– Capa Raza?

A voz hesitante tinha vindo de trás dele e um homem surgiu pela passagem que vinha das galerias mais abaixo. Era um dos Sabujos do Rum, saído do exuberante círculo de apostas que se formara em sua sala do trono. Luciano se virou devagar.

– Capa Raza, isto aqui acabou de chegar... Foi um dos Cortadores da Falsaluz, excelência. Segundo ele, um homem lhe deu um tirino e disse para entregar isto ao senhor imediatamente.

O homem estendeu um saco de aniagem no qual estava escrito “raza” em letras pretas grosseiras. A tinta parecia ainda fresca.

Luciano pegou o saco e acenou para dispensar o sujeito. O Sabujo do Rum correu em direção à passagem e sumiu por ali, sem gostar do que tinha visto nos olhos do patrão.

O Capa de Camorr abriu o saco e se viu olhando para o cadáver de um falcão-lacrau acéfalo. Virou o saco e deixou seu conteúdo cair sobre o convés: a cabeça e o corpo de Vestris emitiram um baque ao bater nas tábuas de madeira. Um pedaço de pergaminho dobrado e sujo de sangue caiu por cima. Ele o pegou e abriu.

ESTAMOS CHEGANDO.

Luciano passou algum tempo encarando o recado; podiam ter sido cinco segundos ou cinco minutos. Amassou-o com as duas mãos e largou-o no chão, fazendo-o rolar até se imobilizar ao lado dos olhos fixos e opacos de Vestris.

Se eles estavam chegando, então era isso. Haveria tempo de sobra para fugir depois de saldar sua última dívida pessoal.

Ele desceu a passagem até a galeria mais abaixo e adentrou a luz e o barulho da festa que acontecia ali. Um cheiro de fumaça e bebida dominava o ambiente; suas botas fizeram ranger as tábuas quando ele desceu depressa a escada.

Homens e mulheres ergueram os olhos das cartas e dados na hora em que ele passou, alguns acenando e gritando saudações ou títulos honoríficos, mas nenhum recebeu resposta. Capa Raza abriu com violência a porta que conduzia a seus aposentos particulares, antes pertencentes a Barsavi, e desapareceu lá dentro por vários minutos.

Ao surgir novamente, estava vestido como o Rei Cinza: os antigos colete e calça cinza-névoa, as

botas cinza de couro de tubarão com as fivelas de prata escurecida, as luvas cinza de espadachim vincadas nas articulações por causa do uso, a capa e o manto cinza com o capuz sobre a cabeça. A capa esvoaçava às suas costas enquanto ele avançava e as luzes da Tumba Flutuante reluziram no aço nu de seu florete em riste.

A festa acabou no mesmo instante.

– Saiam daqui – ordenou ele. – Saiam e não voltem. Deixem as portas abertas. Sem guardas. Saiam enquanto ainda é possível.

Cartas caíram rodopiando no chão do convés e dados chacoalharam pelas tábuas de madeira. As pessoas se levantaram e arrastaram consigo os companheiros embriagados; com a debandada geral, garrafas rolaram e o vinho entornou, formando poças. Em menos de um minuto, o Rei Cinza se viu sozinho no coração da Tumba Flutuante.

Ele caminhou devagar até uma série de cordas de prata que pendiam do teto no lado estibordo do velho galeão. Puxou uma delas e as luzes brancas dos lustres se apagaram; puxou outra e as cortinas que protegiam as altas janelas do aposento se abriram, expondo a sala do trono à noite lá fora. Puxou uma terceira e globos alquímicos vermelhos ganharam vida em nichos escuros nas paredes: o coração da fortaleza de madeira se transformou em uma caverna de luz carmim.

Luciano se sentou no trono, equilibrou o florete em cima das pernas e a luz vermelha transformou em brasas seus olhos escondidos nas sombras do capuz.

Esperou os dois Nobres Vigaristas remanescentes o encontrarem.

9

QUANDO A DÉCIMA HORA DA noite já ia pela metade, Locke adentrou a sala do trono, parou com uma das mãos no florete e encarou o Rei Cinza sentado a 10 metros no salão silencioso. Estava ofegante, e não apenas devido ao percurso que tivera de fazer até ali, mas também porque percorrera a maior parte da distância no lombo de um cavalo roubado.

A sensação do cabo da arma de Reynart em sua mão era ao mesmo tempo estimulante e apavorante. Ele sabia que decerto estaria em desvantagem no caso de uma luta direta, mas estava com o sangue quente. Ousava imaginar que a raiva, a velocidade e a esperança pudessem ampará-lo no confronto por vir. Pigarreou e falou:

– Rei Cinza.

– Espinho de Camorr.

– Que satisfação. Pensei que você já tivesse ido embora. Mas me desculpe... você precisava daquela fragata, não é mesmo? Mandei minha boa amiga, a Condessa de Vidrâmbar, despachá-la para o fundo da baía.

– Esse feito irá perder o sabor daqui a poucos minutos, eu lhe garanto – retrucou o Rei Cinza com uma voz cansada. – Onde está Jean Tannen?

– A caminho. Está a caminho.

Ele avançou devagar, diminuindo pela metade a distância que os separava.

– Eu avisei ao Falcoeiro para não brincar com Tannen – disse o Rei Cinza. – Parece que ele não

deu ouvidos ao meu aviso. Parablenzo aos dois por seu improvável poder de recuperação, mas agora acho que estarei lhe fazendo um favor se o matar antes de os Magos-Servidores poderem se vingar.

– Você está partindo do princípio de que o Falcoeiro morreu. Ele ainda respira, porém nunca mais, ahn, nunca mais vai poder tocar nenhum instrumento musical.

– Que interessante. E como vocês conseguiram fazer tudo isso, pergunto-me? Por que a Deusa da Morte se recusa a apagá-lo feito uma vela? Gostaria de saber.

– Foda-se o que você gostaria. Por que fez tudo desse jeito, Luciano? Por que não tentou um acordo honesto conosco? Poderíamos ter chegado a um consenso.

– “Poderíamos” – repetiu o Rei Cinza. – Não havia lugar para meras possibilidades, mestre Lamora. Havia apenas as minhas necessidades. Você tinha o que eu precisava e era perigoso demais para permanecer vivo depois de eu obter sucesso... como deixou mais do que claro.

– Mas você poderia ter se contentado com um simples roubo. Eu teria dado tudo em troca da vida de Calo, Galdo e Pulga. Teria lhe dado *tudo* se você tivesse me deixado optar.

– Que ladrão não tenta conservar aquilo que já tem?

– O ladrão que tem algo ainda melhor – respondeu Locke. – Roubar era mais importante para nós do que manter. Se acumular fosse tão bom assim, nós teríamos arrumado algo para fazer com aquela porra toda.

– Agora é fácil falar isso. – O Rei Cinza deu um suspiro. – Quando eles ainda estavam vivos, suas palavras teriam sido outras.

– Nós roubamos dos *nobres*, seu babaca. Só deles. De todas as pessoas que poderia ter traído... Ao tentar nos eliminar, foi a nobreza que você ajudou. Deu um maldito presente àqueles que odeia.

– Quer dizer então, mestre Lamora, que você os privou de seu dinheiro evitando escrupulosamente lhes tirar a vida... Eu deveria aplaudi-lo, é isso? Declará-lo meu companheiro de luta? Eles sempre conseguem mais dinheiro. O roubo em si não lhes ensina a lição que merecem.

– Como pôde fazer uma coisa dessas, Luciano? Como um homem que perdeu o que você perdeu, que sentia por Barsavi o que você sentia, pode ter feito a mesma coisa comigo?

– A mesma coisa? – O Rei Cinza se levantou, florete em riste. – A mesma coisa? Seus pais por acaso foram assassinados na própria cama para que uma mentira fosse protegida, mestre Lamora? Seus irmãos pequenos foram mortos para nunca crescerem o suficiente a ponto de poderem se vingar?

– Você me tirou três irmãos, quase quatro. Não precisava ter feito isso. Quando pensou que havia acabado comigo, tentou matar centenas de pessoas. Crianças, Luciano, *crianças*... nascidas muitos e muitos anos depois de Barsavi assassinar seus pais. Deve ser bom julgar o que é certo e errado, mas na minha opinião isso parece uma loucura.

– Eles eram protegidos pela Paz Secreta. Eram parasitas, culpados pelo próprio nascimento. Poupe sua argumentação, sacerdote. Não acha que eu já não pensei nisso nos últimos 22 *anos* em tantas noites que nem é possível contar?

O Rei Cinza deu um passo à frente e ergueu a ponta do florete na direção de Locke.

– Se eu pudesse, poria esta cidade inteira abaixo e escreveria o nome da minha família nas cinzas.

– *Ila justicca vei cala* – sussurrou Locke.

Deu outro passo à frente até os dois ficarem a apenas 2 metros um do outro. Desembainhou o

florete de Reynart e adotou uma posição de ataque.

– A justiça é vermelha. – O Rei Cinza encarou Locke com os joelhos flexionados e o lado cortante do florete virado para o chão, na posição que os esgrimistas camorris chamavam de “lobo à espera”.
– De fato.

Locke atacou antes mesmo de o Rei Cinza terminar de falar; por uma fração de segundo, um clarão de aço cortou uma imagem remanescente no ar entre os dois homens. Anatolius desviou o golpe com a base de seu florete contra a ponta do de Locke e rebateu com uma velocidade mais do que condizente com a do adversário. Lamora só escapou de ser empalado à custa de um indigno pulo para trás. Aterrissou de cócoras, com a mão esquerda espalmada para evitar cair de bunda.

Com cautela, andou em círculos na mesma direção que o salto o havia projetado, ainda meio agachado. Como por magia, uma adaga se materializou em sua mão esquerda e ele a girou várias vezes no ar.

– Humm – fez o Rei Cinza. – Diga-me que não pretende lutar ao estilo verrari. Acho essa escola de luta muito sem graça.

– Pode achar o que quiser. – Locke girou a adaga de maneira sugestiva. – Vou tentar não derramar muito sangue na sua capa.

Com um suspiro teatral, o Rei Cinza sacou uma adaga de cabo estreito do próprio cinto que continha duas e a projetou adiante, fazendo suas duas armas se abrirem no ar como dentes. Então deu dois pulinhos exagerados para a frente.

Locke desviou o olhar para seus pés por uma fração de segundo e percebeu, quase tarde demais, que a intenção era levá-lo a fazer justamente isso. Esquivou-se para a direita e mal conseguiu se defender com a própria adaga: o golpe do Rei Cinza resvalou e rasgou o ar a apenas dois centímetros de seu ombro esquerdo. Sua riposta acertou a adaga do Rei como se este a houvesse previsto. Anatolius tinha sido mais rápido outra vez.

Durante alguns segundos desesperados, os dois se enfrentaram para valer: os gumes de suas armas desenhavam no ar fantasmas prateados, cruzando-se e descruzando-se em fintas e falsas fintas, golpes e contragolpes. De forma canhestra, Locke conseguiu se manter a salvo dos golpes mais longos e mais potentes do Rei Cinza, que aparava e revertia cada uma de suas investidas com uma precisão desenvolta. Apartando-se por fim, ofegantes, eles se encararam com o ódio resignado e implacável de dois cães de briga.

– Humm, que movimento interessante – comentou Anatolius.

Ele desferiu um golpe quase casual da adaga e Locke pulou para trás outra vez e desviou a arma com um movimento fraco, ponta contra ponta, como um menino na primeira semana de treinamento. Os olhos do Rei Cinza brilharam.

– Muito interessante. – Mais um golpe casual e novamente Locke saltou para trás. – Você na verdade não é muito bom nisso, é?

– Seria uma vantagem para mim se você pensasse assim, não seria?

A resposta fez Anatolius rir.

– Ah, não. Não, não *mesmo*. – Com um gesto decidido, ele atirou no chão a capa e o manto. Um sorriso cruel havia cavado fundas rugas de expectativa em seu rosto magro. – Chega de blefes. Chega de brincadeira.

Ele partiu para cima de Locke; os movimentos de seus pés eram um borrão e sua brutalidade superava qualquer coisa que Lamora conseguisse recordar. Por trás daquela sua adaga havia vinte anos de experiência e vinte anos do mais negro ódio. Uma parte ínfima e distante da mente de Locke registrou com calma a própria inadequação enquanto ele executava desesperadamente defesa após defesa, perseguindo com os olhos e as mãos o fantasma de cada golpe ao mesmo tempo que o aço do Rei Cinza rasgava suas roupas e sua carne.

Uma, duas, três vezes – entre cada respiração, o fio da arma de Anatolius zunia e penetrava o pulso, o antebraço e o bíceps esquerdos de Locke.

Uma fria surpresa atingiu Locke com mais força do que a dor dos cortes. O sangue quente começou a escorrer por sua pele escorregadia de suor, causando cócegas, e uma onda de náusea lhe subiu do fundo do estômago. A adaga caiu de sua mão esquerda, rubra com o sangue do homem errado.

– Finalmente chegamos a uma situação da qual você não pode escapar *fingindo*, mestre Lamora. – O Rei Cinza fez o sangue de Locke espirrar da ponta de seu florete e observou as gotas caírem sobre o convés de madeira. – Adeus.

Ele recomeçou a se mover e, à luz vinho dos globos alquímicos, a extensão inteira de sua arma pareceu vermelho-viva.

– Aza Guilla – sussurrou Locke. – Dê-me justiça pela morte dos meus amigos. Dê-me sangue pela morte dos meus irmãos!

Erguendo a voz até transformá-la em grito, ele golpeou, errou e tornou a golpear, imprimindo em cada golpe todo seu ódio e medo desesperados, mas ainda assim o Rei Cinza aparou e desviou cada investida sua e se esquivou dos golpes como se estivesse lutando contra uma criança.

– Parece, mestre Lamora, que a última diferença entre nós dois é que eu sabia o que estava fazendo quando fiquei aqui para ter com você um último encontro – comentou Anatolius entre um movimento e outro.

– Não – arquejou Locke. – A diferença entre nós é que eu terei minha vingança.

Uma dor fria explodiu em seu ombro esquerdo e ele fitou horrorizado o florete do Rei Cinza, enterrado mais de 7 centímetros logo acima de seu coração. Anatolius girou a arma com crueldade e raspou o osso ao retirá-la e a sensação fez Locke cair de joelhos e esticar instintivamente o braço esquerdo inútil para aparar a queda.

Só que o instinto, nesse caso, também o traiu: sua mão bateu no convés duro com a palma para cima, dobrada de um jeito esquisito sob todo o peso do braço, e com um estalo terrível o pulso esquerdo se partiu. De tão chocado, ele nem conseguiu gritar. Uma fração de segundo depois, o Rei Cinza acertou-lhe um violento chute na lateral da cabeça e seu mundo se transformou em um caleidoscópio de agonia que pôs-se a girar enquanto lágrimas enchiam seus olhos e os faziam arder. O florete de Reynart caiu no convés com estardalhaço.

Locke teve consciência da madeira fazendo pressão em suas costas. Do sangue e do sal que enevoavam sua visão. Dos anéis brilhantes e quentes de dor que se irradiavam de seu pulso quebrado e da agonia molhada do buraco na articulação de seu ombro. Acima de tudo, porém, teve consciência da própria vergonha, do terror de ter fracassado e do imenso peso de três amigos mortos e não vingados, que não podiam repousar porque Locke Lamora tinha *perdido*.

Ele inspirou fundo, arquejante, o que avivou novos lampejos de dor pelo seu peito e pelas suas costas, mas agora era tudo uma dor só, tudo uma única sensação vermelha que o fez se levantar do chão. Berrando, já sem nenhum pingo de razão na voz, ele encolheu as pernas e impulsionou o corpo para cima, tentando agarrar o Rei Cinza pela barriga.

O golpe mortal que vinha na direção do coração de Locke errou o alvo e acertou seu braço esquerdo. Movida por cada parcela de ferocidade de Anatolius, a lâmina penetrou fundo na carne do fino antebraço de Lamora e saiu pelo outro lado. Enlouquecido de dor, Locke projetou o braço para cima ao mesmo tempo que o Rei lutava para puxar a lâmina de volta. Os fios de seu florete dilaceraram a carne de Locke, mas não se soltaram, se deslocando para lá e para cá, fatiando o músculo, enquanto os dois se engalfinhavam.

A adaga de Anatolius então surgiu diante dos olhos de Locke e o instinto animal o levou a usar a única arma disponível. Ele cravou os dentes nos primeiros três dedos da mão do Rei que segurava o cabo e sentiu gosto de sangue e a dureza do osso sob os dentes. O adversário gritou e a arma caiu, quicando no ombro esquerdo de Locke antes de se chocar contra o convés com grande ruído. O Rei libertou a mão com um puxão e Locke cuspiu em cima dele sua própria pele e sangue.

– Desista! – gritou Anatolius, dando um soco no cocuruto de Locke e outro em seu nariz.

Com o braço direito ainda capaz, Locke tentou alcançar a outra adaga embainhada do inimigo, que lhe deu um tapa na mão e riu.

– Lamora, você não consegue vencer! Você não consegue vencer!

A cada grito, ele desferia uma chuva de golpes em Locke, que se agarrava ao adversário em desespero, como um náufrago se agarraria a um pedaço de madeira. Rindo feito um louco, o Rei esmurrava a cabeça de Locke, seus ouvidos, testa e ombros, chegando a penetrar a ferida que sangrava.

– Você... não consegue... me vencer!

– Eu não preciso vencer você – sussurrou Locke com um sorriso ensandecido e o rosto riscado de sangue e lágrimas, nariz quebrado, lábios rachados, a visão turva e já preta nos cantos. – Não preciso vencer, seu filho da puta. Só tenho que manter você aqui... até Jean aparecer.

Ao ouvir isso, o Rei Cinza ficou ainda mais inflamado e intensificou os golpes, mas Locke não ligou e continuou a soltar as gargalhadas descontroladas de um louco varrido.

– Só tenho que manter você aqui... até Jean... aparecer!

Sibilando de fúria, Anatolius afastou Locke o suficiente para tentar pegar sua adaga embainhada, retirando a mão esquerda da direita de seu rival. Lamora deixou um tirino de ouro cair de dentro da manga até a palma da mão e um desesperado e rápido gesto do pulso fez a moeda ricochetear na parede atrás do Rei Cinza com um eco bem alto.

– Pronto, seu escroto, ele chegou! – berrou Locke, fazendo espirrar sangue em toda a frente da camisa de Anatolius. – Jean! Socorro!

O Rei Cinza se virou, puxando Locke até fazê-lo girar pela metade consigo, com medo de Jean Tannen, antes de entender que o rival devia estar mentindo; virou-se apenas pelo meio segundo durante o qual Locke teria implorado a qualquer deus que escutasse a sua prece e que valeu a vida inteira de Lamora.

Foi o tempo suficiente para Locke passar o braço direito em volta de sua cintura, sacar a adaga ali

embainhada e enterrá-la, com um derradeiro grito de dor e triunfo, em suas costas, logo à direita da coluna vertebral.

O Rei Cinza arqueou as costas e sua boca se escancarou com um arquejo provocado pelas gélidas tenazes do choque. Com os braços, empurrou a cabeça de Locke, como se afastando o homem menor de si pudesse desfazer o ferimento, mas Lamora segurou firme e, com uma voz sobrenatural de tão calma, sussurrou:

– Calo Sanza. Meu irmão e meu amigo.

O Rei Cinza caiu para trás e Locke puxou a adaga logo antes de ele atingir o convés. Caiu por cima dele, tornou a erguer a adaga e com ela acertou Anatolius no meio do peito, logo abaixo da caixa torácica. O sangue esguichou e o Rei se debateu como um besouro espetado dentro de uma caixa de colecionador. Enquanto enfiava a lâmina mais fundo, Locke falou mais alto:

– Galdo Sanza, meu irmão e meu amigo!

Com um último esforço convulso, Anatolius cuspiu na cara de Locke um sangue morno cor de cobre e segurou a adaga que lhe atravessava o peito. Locke revidou fazendo peso com o lado esquerdo inutilizado e afastando as mãos do Rei. Aos soluços, arrancou a arma do peito do adversário, ergueu-a com um braço direito dominado por violentos tremores e a desferiu contra a garganta do Rei. Martelou a traqueia até o pescoço ficar quase seccionado e caudalosos rios de sangue correrem no convés debaixo deles. Anatolius estremeceu uma última vez e morreu, com os olhos brancos e arregalados ainda cravados em Locke.

– Pulga – sussurrou Locke. – O verdadeiro nome dele era Bertilion Gadek. Meu aprendiz. Meu irmão. E meu amigo.

A força lhe falhou e ele deslizou por cima do cadáver do Rei Cinza.

– Meu amigo.

Mas o homem debaixo dele nada respondeu e Locke, consciente da imobilidade daquele peito sob suas orelhas, do coração que deveria estar batendo contra sua bochecha, começou a chorar, soluços longos e descontrolados que fizeram seu corpo todo se convulsionar e despertaram em seus nervos e músculos torturados novas correntes de agonia. Desvairado com a dor, com o triunfo, com a névoa rubra da dor e uma centena de outras sensações que era incapaz de nomear, ficou deitado por cima do cadáver de seu maior inimigo e chorou feito um bebê, somando água salgada ao sangue morno que cobria o corpo do Rei Cinza.

Ficou ali deitado tremendo à luz dos lampiões vermelhos em um recinto silencioso, sozinho com sua vitória, incapaz de se mover e sangrando rumo à morte.

10

JEAN O ENCONTROU NO MESMO lugar apenas um ou dois minutos depois. O homenzarrão puxou Locke e o retirou de cima do cadáver, despertando no amigo semiconsciente um sincero uivo de dor.

– Ai, meus deuses! – exclamou Jean. – Ai, meus deuses, porra, seu imbecil, seu tremendo idiota, cacete! – Começou a pressionar o peito e o pescoço de Locke com as mãos, como se assim pudesse simplesmente forçar o sangue a retornar para dentro do corpo. – Por que você não esperou? Por

que não esperou por mim?

Locke encarou o amigo com um ar embriagado e sua boca formou um pequeno “O” de preocupação.

– Jean – sussurrou ele, grave. – Você... você correu. Não estava... não estava em condições de lutar. O Rei Cinza... foi tão receptivo. Eu não pude recusar.

Jean deu um muxoxo involuntário.

– Que os deuses o maldigam, Locke Lamora. Eu mandei um recado para ele. Pensei que assim pudesse fazê-lo esperar um pouco.

– Que os deuses o abençoem. Mas eu... eu o peguei. E incendiei seu navio.

– Então foi isso que aconteceu – disse Jean com a voz muito branda. – Eu vi. Estava assistindo ao incêndio do outro lado do Madeira-Velha, vi você entrar na Tumba Flutuante como se fosse o dono do lugar e vim para cá o mais depressa que pude. Só que você nem precisou de mim.

– Ah, não. – Locke engoliu em seco e o gosto do próprio sangue lhe causou uma careta. – Eu fiz um uso excelente... da sua reputação.

Jean não respondeu nada e a expressão perdida de seus olhos fez Locke gelar mais do que tudo.

– Quer dizer que vingança é isso – balbuciou ele.

– É, sim – murmurou Jean.

Alguns segundos depois, novas lágrimas brotaram nos olhos de Locke e ele os fechou e sacudiu a cabeça.

– Que merda.

– Pois é.

– Você precisa... me deixar aqui.

Ao ouvir isso, Jean se projetou para trás sobre os joelhos como se tivesse levado um tapa.

– Como é?

– Me deixe aqui, Jean. Eu vou morrer... faltam só alguns minutos. Eles não vão conseguir nada de mim. Você ainda pode escapar. Por favor... me deixe aqui.

O rosto de Jean ficou muito vermelho, de um vermelho aparente até mesmo à luz dos globos alquímicos. Ele arqueou as sobrancelhas e todas as rugas de seu rosto ficaram tão tesas que Locke conseguiu mobilizar energia suficiente para se alarmar. Jean cerrou o maxilar, trincou os dentes e as bochechas inflaram.

– Que coisa mais estranha para você me dizer – sibilou ele por fim, com a voz mais sem entonação e mais cruel que Locke já escutara.

– Eu cometi um erro, Jean! – grasnou ele, desesperado. – Na verdade, não conseguia enfrentá-lo. Ele tinha me vencido antes de eu conseguir escapar com uma trapaça. Só prometa... prometa que se um dia encontrar Sabeta você vai...

– Você mesmo vai encontrá-la, seu retardado, depois que nós dois dermos o fora daqui!

– Jean! – Locke usou a mão boa para agarrar sem força a lapela do casaco do amigo. – Desculpe, eu fiz uma cagada. Por favor, não fique aqui para ser capturado: os casacas-negras não vão demorar a chegar. Eu não suportaria ver você cair nas mãos deles. Por favor, me deixe aqui. Eu não consigo andar.

– Seu idiota – sussurrou Jean, enxugando lágrimas quentes com a mão boa. – Não vai ser preciso.

Com gestos canhestros, porém velozes, Jean pegou a capa do Rei Cinza e a amarrou em volta do pescoço, criando uma tipoia improvisada para o braço direito. Passou o braço por baixo dos joelhos de Locke e, fazendo um esforço imenso, conseguiu suspendê-lo e segurá-lo encolhido em frente ao peito. Locke gemeu.

– Pare de soluçar, seu bebeção – sibilou Jean, começando a refazer pelo cais o caminho que usara para chegar até ali. – Você ainda deve ter pelo menos meio copo de sangue aí dentro.

Mas Locke agora havia perdido inteiramente os sentidos, embora Jean não soubesse dizer se era por causa da dor ou da hemorragia; de tão pálida, sua pele parecia quase vítrea. Apesar de abertos, os olhos nada viam e a boca aberta babava sangue e saliva.

Ofegante e trêmulo, ignorando a dor lancinante dos próprios ferimentos, Jean começou a correr o mais depressa que conseguiu.

O cadáver do Rei Cinza ficou esquecido no convés atrás dele e a luz vermelha seguiu iluminando o salão vazio.

INTERLÚDIO

Uma pequena profecia

SENTADO NO TERRAÇO DA CASA de Perelandro, Padre Correntes encarava o menino de 14 anos incredivelmente arrogante em que havia se transformado o orfãozinho comprado anos antes do Aliciador do Morro das Sombras.

– Algum dia, Locke Lamora, algum dia você vai fazer uma cagada tão gigantesca, tão ambiciosa, tão *avassaladora*, que o céu vai se acender, as luas vão girar e os próprios deuses vão fazer chover cometas de tanta alegria. Só espero ainda estar por perto para assistir.

– Ah, faça-me o favor – retrucou Locke. – Isso nunca vai acontecer.

EPÍLOGO

Falsaluz

1

ERA O DÉCIMO OITAVO DIA de Partis do Septuagésimo Oitavo Ano de Aza Guilla, um dia de verão úmido em Camorr. A cidade inteira estava de ressaca e o céu, também.

Caía uma chuva morna e grossa, ruidosa e fumegante. A água refletia o brilho da Falsaluz como se fosse várias camadas de espelhos móveis e translúcidos, formando no ar efêmeras obras de arte, mas os homens ainda assim maldiziam a chuva que lhes molhava a cabeça.

– Sargento! Sargento Vidrik!

O homem que gritava em frente ao posto na ponta sul dos Estreitos era um guarda. Vidrik espichou o rosto magro e marcado pela janela ao lado da porta do barracão e foi recompensado por um filete de chuva na testa. Uma trovoada rugiu no céu.

– O que foi, meu filho?

O guarda era Constanzo, o rapaz recém-transferido do Canto Norte. Vinha conduzindo um jumento neutralizado que puxava uma carroça aberta seguida por mais dois casacas-amarelas encolhidos dentro das capas impermeáveis com um ar cabisbaixo, o que significava que eram homens sensatos.

– Encontrei uma coisa, sargento – respondeu Constanzo. – Uma coisa bem esquisita.

Desde a noite anterior, destacamentos de casacas-amarelas e casacas-negras vinham passando o pente fino no sul de Camorr; corriam boatos sobre algum tipo de tentativa de assassinato em Pontacorvo. Só os deuses sabiam por que o Aranha mandara homens revirarem tudo na Borra e em Cinzacai, mas Vidrik estava acostumado a jamais saber os comos e porquês.

– Defina “bem esquisita”! – berrou ele enquanto vestia sua própria capa impermeável e subia o capuz.

Saiu para a chuva e se aproximou da carroça com um aceno para os dois guardas postados atrás dela. Um daqueles homens lhe devia 2 barões perdidos nos dados na semana anterior.

– Dê uma olhada – falou Constanzo, erguendo o cobertor molhado que protegia o carregamento. Era um homem mais para jovem e muito pálido, já meio calvo e com as bochechas cobertas por uma penugem de barba por fazer. Estava razoavelmente bem-vestido com um casaco cinza de punhos vermelhos, só que o casaco se achava todo salpicado de sangue.

Apesar de vivo, o homem deitado na carroça e apertando com força o próprio rosto com as mãos sem dedos encarou Vidrik sem qualquer indício de tino racional nos olhos.

– Maaaahhh – gemeu enquanto a chuva lhe caía sobre a cabeça. – Mmmuaaaaaahhhh!

O coto no fundo de sua boca que um dia fora sua língua terminava em uma cicatriz escura que vertia sangue.

– MAAAAAAAHHH!

– Porra, doce Perelandro, me acuda... – praguejou Vidrik. – Digam que eu não estou vendo isso nos pulsos dele.

– É um Mago-Servidor, sargento – informou Constanzo. – Ou era, sei lá.

Ele tornou a jogar o cobertor encharcado sobre o rosto do sujeito e enfiou a mão na capa impermeável que vestia.

– E tem mais. Posso lhe mostrar lá dentro?

Vidrik conduziu Constanzo até o interior do barracão. Os dois baixaram os capuzes, mas não se deram o trabalho de tirar as capas. Constanzo sacou um pedaço de pergaminho dobrado.

– Encontramos esse sujeito amarrado ao chão lá em Cinzakai – explicou. – Tudo muito estranho. Este pergaminho estava em cima do peito dele.

Vidrik o pegou, desdobrou-o e leu:

*ENTREGA ESPECIAL DO ARANHA DO DUQUE
A SER DEVOLVIDA A KARTANE*

– Pelo amor dos deuses! Um verdadeiro Mago-Servidor de Kartane... Não me parece que ele vai recomendar Camorr aos amigos.

– O que fazemos com ele, sargento?

Vidrik deu um suspiro, dobrou a carta e a devolveu a Constanzo.

– Vamos passar a porra dessa bola para os nossos superiores, rapaz, e esquecer que um dia vimos esse homem. Levem-no até o Palácio da Paciência e deixem outra pessoa quebrar a cabeça com isso.

2

A FALSALUZ CINTILAVA NAS ÁGUAS encrespadas pela chuva da Baía de Camorr. Dona Angiavesta Vorchenza estava em pé no cais envolta em uma capa impermeável forrada de pele e observava equipes de homens com varas de madeira nas mãos vasculharem uma barcaça cheia de fezes encharcadas de chuva. O cheiro era bem forte.

– Perdão, milady – disse o sargento da guarda cidadina à sua esquerda. – Temos certeza de que não há nada nas outras duas barcaças e já faz seis horas que estamos examinando esta aqui. Duvido muito que algo vá aparecer, embora nós naturalmente vamos continuar procurando.

Dona Vorchenza deu um profundo suspiro e virou-se para olhar a carruagem parada no cais atrás dela, atrelada a quatro corcéis negros e emoldurada por fieiras de luzes alquímicas nas cores da família Vorchenza. Pela porta aberta, os Salvaras, sentados lá dentro, espiavam-na junto com o capitão Reynart. Ela os chamou com um aceno.

Reynart foi o primeiro a alcançá-la, como de hábito sem capa impermeável e suportando a chuva forte com estoicismo e de cabeça erguida. Os Salvaras estavam cobertos com grande bom senso para

se proteger do aguaceiro e Lorenzo segurava uma sombrinha de seda para abrigar ainda mais a esposa.

– Deixe-me adivinhar – falou o capitão. – Só tem merda aí dentro.

– Infelizmente, acho que sim – confirmou Dona Vorchenza. – Grata pela disponibilidade, sargento, o senhor está dispensado. Pode chamar seus homens lá da barcaça também. Não acredito que vamos precisar mais deles.

Enquanto os casacas-amarelas aliviados se afastavam pelo cais segurando as varas de madeira com muito cuidado sobre os ombros, Dona Vorchenza pareceu estremecer e arquejar. Levando as mãos ao rosto, ela se curvou para a frente.

– Dona Vorchenza! – exclamou Sofia, correndo para acudi-la.

Todos se reuniram à sua volta e ela de repente se endireitou e soltou uma gargalhada que mais pareceu um cacarejo, inspirando entre cada acesso de riso. Com o corpo sacudindo, ela socou o ar à sua frente com os punhos diminutos.

– Ai, meus deuses, ai, não, isso é demais.

– Como assim? O que houve, Dona Vorchenza? – Reynart a segurou pelo braço e a observou com atenção.

– O dinheiro, Stephen. – Ela deu uma risadinha. – O dinheiro nunca chegou nem perto daqui. Aquele vigarista nos fez cavoucar essas barcaças cheias de fezes só para se divertir. O dinheiro estava a bordo do *Satisfação*.

– Como chegou a essa conclusão?

– Não é óbvio? Várias peças estão se encaixando ao mesmo tempo. Que os deuses abençoem e maldigam a clareza da visão retrospectiva. Capa Raza andou ajudando o navio da peste com algumas provisões, certo?

– Sim.

– Mas não devido a nenhum sentimento caridoso, e sim porque precisava de um jeito de transferir sua fortuna para a fragata!

– Para dentro de um navio da peste? – estranhou Dona Sofia. – Isso de nada lhe serviria.

– Serviria, sim, contanto que não houvesse peste – respondeu a condessa. – A peste era mentira.

– Mas por que Lukas fez tanta questão de afundar o tal navio? – indagou Lorenzo. – Só por capricho? Se não podia ficar com o dinheiro, ninguém mais podia?

– O nome dele era Callas, Lorenzo querido. Tavrín Callas.

– Pouco importa, meu amor. Quarenta e cinco mil coroas mais a fortuna de Barsavi, fosse ela qual fosse. É muito dinheiro para tirar do alcance de *todos* para sempre.

– Sim – concordou Dona Vorchenza. – E ele nos disse lá mesmo em Pontacorvo por que estava fazendo isso. Como eu fui boba!

– Acho que posso falar em nome de nós todos e afirmar que não estamos entendendo – disse Dona Sofia.

– O Espinho falou que era um sacerdote do Treze, do Guardião Torto, deus dos ladrões e malfeitores. “Como é justo e adequado”, ele disse, “justo e *adequado*”. Não foi à toa.

Ela tornou a rir e mordeu os nós dos dedos para se conter.

– Ai, meus deuses. Anatolius matou três amigos dele. Será que vocês não entendem? Não havia

perigo nenhum naquele navio; ele não quis afundá-lo para salvar Camorr. Foi uma oferenda de morte, Stephen, uma *oferenda de morte*.

Reynart bateu na testa com a mão espalmada e a água da chuva espirrou.

– Sim – continuou Dona Vorchenza. – Uma oferenda de morte. E eu a afundei para ele direitinho a 100 metros de profundidade em águas infestadas por tubarões.

– Quer dizer... que todo o nosso dinheiro está no fundo do Porto Velho a 100 metros de profundidade?

– Infelizmente, acho que sim.

– Ahn... e o que fazemos agora?

Dona Vorchenza deu um suspiro e passou alguns segundos pensando.

– Em primeiro lugar, todas as verdades relativas a este caso serão declaradas segredos de Estado do Ducado de Camorr – respondeu ela ao erguer os olhos outra vez para os Salvaras. – Ordeno a vocês todos que guardem silêncio. O Espinho de Camorr é um mito, o dinheiro que ele supostamente roubou nunca existiu, o Aranha do Duque nunca demonstrou qualquer interesse oficial pelo caso.

– Mas eles disseram a Lorenzo que é assim que o Espinho garante seu próprio sigilo... quando invadiram a nossa casa disfarçados de Meias-Noites! – exclamou Dona Sofia.

– É – concordou seu marido. – Um dos falsos Meias-Noites falou que o Espinho se aproveitava do constrangimento das vítimas para que outros nobres não ouvissem falar nos seus roubos, e não acho que essa parte tenha sido mentira.

– Sem dúvida não foi – garantiu Dona Vorchenza. – No entanto, é exatamente o que nós vamos fazer. Com o tempo, vocês acabarão entendendo que um Estado como o nosso não pode se dar ao luxo de demonstrar fraqueza em nome da honestidade: o Duque Nicovante me incumbe de cuidar da sua segurança, não da sua consciência.

Os Salvaras a encararam calados.

– Ah, não façam essa cara tão desanimada – disse a velha senhora. – A sua verdadeira punição por terem se envolvido nesta confusão toda ainda nem começou. Acompanhem-me até Vidrâmbar para podermos conversar sobre a penalidade.

– Punição, Dona Vorchenza? – indagou Lorenzo, alterado. – Nossa punição foram quase 17 mil coroas! Não é suficiente?

– Não chega nem perto. Cabe a mim decidir quem vai herdar o título de Condessa de Vidrâmbar quando chegar a minha hora. – Ela fez uma pausa antes de prosseguir: – Ou será que eu deveria dizer Conde e Condessa de Vidrâmbar?

– O quê? – guinchou Sofia como uma menina de 8 anos de voz particularmente aguda e muito acostuada a guinchar alto.

– Não se trata de nenhuma bênção. O título vem atrelado a um serviço.

– A senhora não pode estar falando sério – replicou Dom Lorenzo. – Há mais de vinte outras famílias em Alcegrante mais importantes e mais honradas do que nós. O Duque jamais nos nomearia para Vidrâmbar antes delas.

– Acho que conheço Nicovante um pouco melhor do que você, meu rapaz. E acredito que a herança é minha para dar a quem quiser.

– Mas... O serviço – disse Dona Salvara. – Isso significa que...

– É claro que sim, Sofia. Não vou viver para sempre. Toda vez que algo como essa situação cai no meu colo, de repente me lembro que não *quero* viver para sempre. Outra pessoa deve fazer o papel de Aranha. Nós já enganamos todo mundo por tantos anos fazendo pensar que um homem ocupava o cargo... Vamos agora enganar mais ainda transferindo-o para *dois* indivíduos.

Ela deu o braço a Reynart e deixou que ele a ajudasse a voltar para a carruagem.

– Vocês terão a ajuda de Stephen para conduzir as operações; ele será seu vínculo com os Meias-Noites. Vocês dois têm intelectos razoavelmente maleáveis. Com mais uns poucos anos, tenho certeza de que conseguirei transformá-los em algo próximo daquilo que preciso.

– E depois? – indagou Dona Sofia.

– Depois, minha querida, todas essas malditas crises serão responsabilidade *sua*. – Dona Vorchenza suspirou. – Velhos pecados nunca são enterrados tão fundo que não possam tornar a surgir quando menos se espera. Portanto, pelo bem de Camorr, vocês irão pagar com a moeda de sua própria consciência em numerosas parcelas, ano após ano, até essa bolsa finalmente se esvaziar.

3

– MESTRE LAMORA! – EXCLAMOU Ibelius. – Isso é totalmente inaceitável!

Sob a Falsaluz, o mar era um campo cinza e verde agitado; ondas subiam e quebravam em volta do galeão *Ganho Dourado*, que navegava a caminho de Talisham e de lá para Tal Verrar, uma das duas embarcações que haviam zarpado de Camorr naquela noite. O vento uivava nos panos e velas do velho navio e marinheiros de capa impermeável corriam de um lado para outro murmurando preces pessoais para Iono, Senhor das Águas Revoltas.

Locke estava deitado sobre uma pilha de caixotes cobertos de lona no castelo de popa do galeão, enrolado em incontáveis cobertores, tecidos impermeáveis e lonas como um pão recheado de linguiça. Não se via nenhuma parte do seu corpo, exceto o rosto mais pálido do que o normal – e seriamente machucado – despontando das camadas que o envolviam. Sentado ao seu lado, Jean estava coberto para se proteger da chuva, mas não a ponto de não conseguir se mexer.

– Mestre Ibelius – começou Locke com uma voz fraca e anasalada por causa do nariz quebrado. – Sempre que saí de Camorr foi por terra. Isto aqui é novidade para mim... e eu queria ver a cidade uma última vez.

– O senhor está muito próximo da morte, mestre Lamora – pontificou Ibelius. – É uma tolice ficar saracoteando pelo convés com essa chuva.

– Ibelius, se Locke estivesse saracoteando aqui, cadáveres poderiam arrumar trabalho como acrobatas – rebateu Jean. – Será que o senhor pode nos deixar em paz um instante?

– E privá-lo dos cuidados que o mantiveram vivo nos últimos dias? Pois não, meus jovens patrões... aproveitem a vista do mar e assumam as consequências!

Ibelius saiu batendo o pé pelo convés balouçante, escorregando para lá e para cá, nada acostumado à vida no mar.

Camorr ia diminuindo à sua frente, apagando-se aos poucos em meio às cortinas ondulantes de

chuva. A Falsaluz subia da cidade baixa feito uma aura acima das ondas; fantasmagóricas, as Cinco Torres reluziam sob o céu revolto. A esteira do galeão parecia emitir um brilho fosforescente, sua própria Falsaluz espumante.

Os dois amigos ficaram vendo o horizonte escuro engolir a cidade ao longe.

– Desculpe, Locke – disse Jean. – Desculpe não ter sido mais útil para você no final.

– Que droga de conversa é essa? Você matou Cheryn e Raiza; disso eu nunca teria sido capaz. Depois me tirou da Tumba Flutuante, me levou de volta até Ibelius e conseguiu que ele esfregasse em mim outro daqueles emplastos fedidos. Qual o motivo para pedir desculpas, além do emplastro?

– Eu sou um risco. Meu nome... Passei a vida inteira usando meu nome de verdade e nunca pensei que isso pudesse fazer algum mal.

– Está se referindo ao Mago-Servidor? Ah, Jean, pelo amor dos deuses. Arrume um nome falso quando chegarmos ao nosso destino, seja ele qual for. Tavrín Callas é bom. Vamos deixar o vigarista aparecer por toda parte: a ordem de Aza Guilla vai ter uma porção de milagres para reivindicar.

– Eu tentei matar você, Locke. Me desculpe... não consegui me controlar.

– Não foi você que tentou me matar, Jean. Foi o Falcoeiro. Você não *podia* se controlar. Pelos deuses, quem está com o braço dilacerado e o ombro esmagado sou eu e é você que fica choramingando. Chega!

Um trovão rugiu e as ordens gritadas no convés de proa do navio chegaram até seus ouvidos.

– Jean, você é um amigo melhor do que eu jamais poderia ter imaginado antes de conhecê-lo. Eu lhe devo a minha vida tantas vezes que nem consigo contar. Preferiria morrer a perder você. E não só porque você é tudo que me resta.

Jean passou um bom tempo em silêncio. Os dois ficaram encarando o horizonte ao norte, por sobre o Mar de Ferro, enquanto as ondas de crista branca se sucediam em um ritmo cada vez mais veloz.

– Desculpe – disse ele por fim. – Eu meio que fiquei sem palavras. Obrigado, Locke.

– Bom, anime-se. Pelo menos você tem mais mobilidade do que a porra de um girino em terra firme. Olhe só para o meu castelo de lona impermeável.

Locke suspirou.

– Quer dizer que isso é a vitória – comentou.

– Pois é.

– A vitória pode ir se foder.

Eles passaram mais alguns minutos em silêncio na chuva.

– Locke – chamou Jean por fim, hesitante.

– Hum?

– Se me permite perguntar... *Qual é* o seu nome de verdade?

– Ai, meus deuses. – Locke deu um sorriso fraco. – Será que não posso ter nenhum segredo?

– Você conhece os meus.

– Mas você só tem um.

– Que argumento injusto.

– Ah, tudo bem. Venha cá.

Jean cambaleou até a pilha de caixotes sobre a qual o amigo estava deitado e se curvou. Locke sussurrou cinco sílabas em seu ouvido e Jean arregalou os olhos.

– Se fosse eu, teria preferido Locke – comentou.

– Nem me fale.

O galeão singrou rumo ao sul frente aos ventos da tempestade e os últimos poucos raios de Falsaluz se dissiparam atrás deles. As luzes afundaram na escuridão antes de sumir por completo e a chuva engolfou tudo qual uma parede acima da superfície do mar.

AGRADECIMENTOS

UMA INACREDITÁVEL DOSE DE SORTE caiu direto do céu sobre a minha cabeça quando este romance foi selecionado para a publicação. Devo agradecer muito a Simon Spanton, Gillian Redfearn, Krystyna Kujawinska, Hannah Whitaker e Susan Howe, da Orion Books, sem falar em Anne Groell, da Bantam, e Deanna Hoak, claro.

É preciso muita gente para reconfortar (ou manter sob controle, dependendo da ocasião) o ego de um autor estreante. Eu não poderia ter pedido um apoio mais generoso e paciente do que o de meus pais, Jill e Tom Lynch, e nada tampouco teria sido igual sem um enérgico time de eruditos descrentes e internéticos: Gabe Chouinard, Matthew Woodring Stover, Kage Baker, Bob Urell, Summer Brooks, M. Lynn Booker, Chris Billett, Gabriel Mesa, Alex Berman, Clucky, Nate Blumenfeld, Ilya Popov, Ariel e todos os outros – inclusive os leitores e jogadores do RPG *Deeds Not Words*.

Obrigado também aos amigos, próximos e distantes: Jason McCray, Darren Wieland, Cleo McAdams, Jayson Stevens, Peg Kerr, Philip Shill, Bradford Walker, J. H. Frank, Jason Sartin, Abra Staffin-Wiebe, Sammi e Louis, Mike e Becky, Bridget e Joe, Annie e Josiah, Erik e Aman, Mike e Laura, Paul, Adrian, Ben e Jenny Rose, Aaron, Jesse, Chris e Ren, Andy Nelson, e por último, mas não menos importante, Rose Miller, que ainda não tem altura suficiente para entrar na brincadeira, mas nós a deixamos participar mesmo assim.

New Richmond, Wisconsin
16 de setembro de 2005

LEIA UM TRECHO DA PRÓXIMA AVENTURA DOS NOBRES VIGARISTAS:
MARES DE SANGUE

PRÓLOGO

Uma conversa tensa

LOCKE LAMORA ESTAVA PARADO NO píer de Tal Verrar, com o vento quente de um navio em chamas às costas e a picada fria de uma flecha de balestra no pescoço.

Deu um sorriso torto e se concentrou em manter sua própria balestra ao nível do olho esquerdo do oponente. Os dois se achavam próximos o bastante para se suarem com o sangue um do outro caso disparassem ao mesmo tempo.

– Seja razoável – disse o homem que o encarava. Gotas de suor deixavam riscas visíveis, escorrendo pela testa e pelas bochechas cobertas de sujeira. – Considere as desvantagens da sua situação.

Locke fungou.

– A não ser que seus globos oculares sejam feitos de ferro, a desvantagem é mútua. Não acha, Jean?

Estavam parados dois a dois: Locke e Jean frente a frente com seus rivais. Eram quatro flechas de metal frio nas armas retesadas, a poucos centímetros da cabeça de quatro homens compreensivelmente nervosos. A essa distância nenhum poderia errar, nem se todos os deuses acima ou abaixo do céu quisessem o contrário.

– Parece que nós quatro estamos enfiados em areia movediça até os bagos – comentou Jean.

Na água atrás deles, o velho galeão gemia e estalava à medida que as chamas violentas o consumiam de fora para dentro. A noite virava dia num raio de centenas de metros ao redor e o casco era entrecruzado por riscas de um laranja esbranquiçado nos pontos em que as tábuas se separavam. A fumaça saía daquelas rachaduras infernais em pequenas erupções negras, os últimos suspiros trêmulos de uma enorme fera de madeira morrendo em agonia. Os quatro homens estavam no píer, estranhamente sozinhos no meio da luz e do barulho que atraíam a atenção de toda a cidade.

– Baixe a arma, pelo amor dos deuses – pediu o oponente de Locke. – Fomos instruídos a não matá-los se não fosse necessário.

– E tenho certeza de que você seria honesto caso a ordem fosse outra, claro – replicou Locke. Seu sorriso se alargou. – Faça questão de jamais confiar em homens com armas encostadas no meu pescoço. Desculpe.

– Sua mão vai começar a tremer muito antes da minha.

– Vou apoiar a ponta do meu quadrelo no seu nariz quando me cansar. Quem mandou vocês atrás de nós? Quanto estão pagando? Não estamos desprovidos de fundos; poderíamos chegar a um acordo satisfatório.

– Na verdade – interveio Jean –, eu sei quem os mandou.

– Verdade?

Locke lançou um olhar para Jean antes de encarar o adversário outra vez.

– E foi feito um acordo, mas eu não diria que é satisfatório.

– Ah... Jean, acho que não estou acompanhando você.

– Não.

Jean levantou uma das mãos para o homem à sua frente, com a palma para fora. Depois virou a mira devagar, com cuidado, para a esquerda, até apontar a balestra contra a cabeça de Locke. O homem que ele estivera ameaçando anteriormente piscou, surpreso.

– Sou *eu* que não estou acompanhando você, Locke.

– Jean. – O sorriso de Locke desapareceu. – Isso não é engraçado.

– Concordo. Me entregue sua arma.

– Jean...

– Entregue agora. Depressa. E você aí, por acaso é imbecil? Tire essa coisa da minha cara e aponte para ele.

O antigo oponente de Jean lambeu os lábios, nervoso, mas não se mexeu. Jean trincou os dentes.

– Olhe, seu macaco de cais com cérebro de esponja, estou fazendo o serviço para vocês. Aponte a balestra para a droga do meu ex-parceiro para podermos sair deste píer!

– Jean, eu descreveria esta reviravolta como *muito pouco favorável* – disse Locke, e parecia a ponto de falar mais, só que o oponente de Jean escolheu esse momento para aceitar o conselho.

Agora Locke sentia o suor descendo numa cascata pelo rosto, como se sua própria umidade traiçoeira estivesse abandonando o recinto antes que algo pior acontecesse.

– Pronto. Três contra um. – Jean cuspiu no cais. – Você não me deu escolha, a não ser fazer um acordo com o patrão desses cavalheiros antes de partirmos. Maldição, *você* me obrigou. Desculpe, achei que eles fariam contato antes de partirem para cima de nós. Agora entregue sua arma.

– Jean, que diabo você acha que está...

– Não. Não diga mais porra nenhuma. Não tente vir com artimanhas para cima de mim; conheço você muito bem não para deixá-lo falar. Silêncio, Locke. Dedo fora do gatilho e *entregue a arma*.

Locke olhou a ponta de aço do quadrelo de Jean com a boca aberta, incrédulo. O mundo ao redor se dissipou até restar apenas aquela ponta minúscula, reluzente, viva com o reflexo laranja do inferno que chamejava no ancoradouro atrás dele.

– Não acredito – disse Locke. – Eu só...

– É a última vez que vou mandar, Locke. – Jean cerrou os dentes e manteve a mira firme, diretamente no meio dos olhos de Locke. – Tire o dedo do gatilho e entregue a porcaria da arma.

Agora.

LIVRO I

CARTAS NA MÃO

*“Se for preciso jogar, decida três coisas
primeiro: as regras do jogo,
os riscos e a hora de desistir.”*

Provérbio chinês

CAPÍTULO UM

Joguinhos

1

O JOGO ERA CARROSSEL DA Sorte, as apostas representavam mais ou menos metade de toda a riqueza que eles possuíam e a verdade era que Locke Lamora e Jean Tannen estavam levando uma sova como se fossem dois tapetes empoeirados.

– Última oferta para a quinta mão – anunciou o funcionário com casaca de veludo em seu pódio ao lado da mesa circular. – Os cavalheiros desejam receber novas cartas?

– Não, não, os cavalheiros desejam confabular – respondeu Locke, inclinando-se à esquerda para aproximar a boca do ouvido de Jean, e acrescentou em um sussurro: – Como estão suas cartas?

– Um deserto terrível – murmurou Jean, movendo casualmente a mão direita para cobrir a boca. – E as suas?

– Um ermo de frustração amarga.

– Merda.

– Será que estivemos negligenciando as orações esta semana? Será que algum de nós peidou num templo ou algo assim?

– Achei que a expectativa de perder fazia parte do plano.

– E faz. Eu só esperava que pudéssemos lutar com mais honra.

O funcionário tossiu recatadamente na mão esquerda – numa mesa de jogo, isso era o equivalente a dar um tapa na nuca dos Nobres Vigaristas. Locke se afastou de Jean, bateu com as cartas de leve na superfície laqueada da mesa e sorriu, como se dissesse “sei o que estou fazendo”. Suspirou por dentro, olhando a pilha considerável de fichas de madeira que fariam a curta viagem do centro da mesa para os montes dos oponentes.

– Claro, estamos preparados para encontrar nosso destino com um estoicismo heroico, digno de ser mencionado por historiadores e poetas.

O crupiê assentiu.

– As damas e os cavalheiros recusam a última oferta. A casa pede que baixem as cartas pela última vez.

Houve um farfalhar de cartas sendo embaralhadas e descartadas enquanto os quatro jogadores formavam as últimas sequências e as baixavam, viradas para baixo.

– Muito bem – disse o funcionário. – Virem e revelem.

Os sessenta ou setenta ociosos mais ricos de Tal Verrar, que haviam se apinhado na sala atrás deles para assistir ao desdobramento de cada estágio da humilhação de Locke e Jean, agora se inclinaram

como se fossem um só, ansiosos para ver como eles ficariam embaraçados.

2

TAL VERRAR, A ROSA DOS Deuses, fica na borda oeste do que o povo terim chama de mundo civilizado.

Se você pudesse ficar parado a mil metros acima das torres verraris mais altas ou sobrevoá-la como as gaiotas que infestam as frestas e telhados da cidade, veria por que suas ilhas vastas e escuras deram o antigo apelido a esse lugar. Elas formam um redemoinho a partir do coração de Tal Verrar: uma série de crescentes em tamanho cada vez maior, como as pétalas estilizadas de uma rosa no mosaico de um artista.

Não são naturais como o continente que se ergue alguns quilômetros a nordeste e se racha diante do vento e do clima, revelando a própria idade. As ilhas verraris não estão desgastadas e talvez sejam impossíveis de se desgastar, pois são formadas por quantidades inimagináveis do vidro preto dos Ancestres, em camadas intermináveis cobertas por camadas de pedra e terra, de onde brota uma cidade de homens e mulheres.

Essa Rosa dos Deuses é cercada por um recife artificial, um círculo partido com 5 quilômetros de diâmetro, sombras sob águas sombreadas. Contra essa muralha escondida, o inquieto Mar de Bronze acaba se acalmado para permitir a travessia de embarcações com bandeiras de uma centena de reinos e domínios. Seus mastros e vergas erguem-se numa floresta, brancos com as velas enfunadas.

Se você pudesse virar os olhos para a ilha mais a oeste da cidade, veria, em seu interior, paredes pretas e íngremes, mergulhando por muitas dezenas de metros até as ondas suaves do porto, onde uma teia de docas de madeira se agarra à base do penhasco. O lado voltado para o mar é formado por seis lajes grandes e chatas, como enormes degraus, com escarpas lisas de 15 metros.

O bairro mais ao sul dessa ilha chama-se Degraus de Ouro e seus seis níveis são repletos de cervejarias, antros de jogatina, clubes particulares, bordéis e ringues de luta. Ele é alardeado como a capital do jogo das cidades-estado terins, um lugar onde as pessoas perdem dinheiro com qualquer coisa, desde os vícios mais corriqueiros até os crimes mais perversos. As autoridades de Tal Verrar, num magnânimo gesto de hospitalidade, decretaram que nenhum estrangeiro que esteja nos Degraus de Ouro pode ser escravizado. Como resultado, há poucos lugares a oeste de Camorr onde seja mais seguro para os estrangeiros tomar um porre e cair no sono nas sarjetas e praças.

Há uma estratificação rígida nos Degraus de Ouro: a cada camada mais alta aumenta a qualidade dos estabelecimentos, assim como o tamanho, o número e a veemência dos guardas junto às portas. Coroando o bairro, há uma dúzia de mansões barrocas feitas de pedra antiga e madeira-bruxa engastadas no verde úmido e luxuriante de jardins bem cuidados e florestas em miniatura.

Essas são as “casas de tavolagem de qualidade”, clubes seletos onde endinheirados podem jogar no estilo permitido por suas cartas de crédito. Durante séculos, elas têm sido centros informais de poder, onde nobres, burocratas, mercadores, capitães de navios, emissários e espiões se reúnem para apostar fortunas, tanto pessoais quanto políticas.

Todas as comodidades possíveis existem nessas casas. Visitantes notáveis embarcam em caixas-

carruagens nas docas particulares na base do penhasco interior e são içados por reluzentes motores de latão acionados a água, com isso evitando as rampas estreitas, sinuosas e apinhadas que sobem pelos cinco Degraus mais baixos, no lado voltado para o mar aberto. Existe inclusive uma área pública de duelos, um amplo espaço de grama aparada exatamente no centro do nível superior, de modo que as cabeças mais frias não prevaleçam quando alguém fez seu sangue esquentar.

As casas de qualidade são sacrossantas. Um costume mais antigo e mais firme do que a lei proíbe que soldados ou guardas ponham os pés dentro delas, a não ser para reagir aos crimes mais hediondos. Elas são a inveja de todo um continente: nenhum clube estrangeiro, por mais luxuoso e seletivo que seja, pode ao menos imitar a atmosfera característica de uma genuína casa de tavolagem verrari. E todas, absolutamente todas, são superadas de longe pela Agulha do Pecado.

Com quase 45 metros de altura, a Agulha do Pecado se projeta em direção ao céu na extremidade sul do último Degrau, que já fica a mais de 75 metros acima do porto. É uma torre de Vidrântigo, reluzindo com um brilho preto e perolado, e uma ampla sacada cheia de lampiões alquímicos envolve cada um dos nove andares. À noite, o edifício é uma constelação de luzes em escarlate e azul-crepúsculo, as cores heráldicas de Tal Verrar.

A casa de tavolagem mais exclusiva, mais famosa e mais bem-guardada do mundo, está aberta do nascer ao pôr do sol para quem for suficientemente poderoso, rico ou belo para passar pelos caprichos dos porteiros. Cada andar supera o de baixo em luxo, exclusividade e risco. O acesso a cada nível superior precisa ser obtido através de bom crédito, comportamento divertido e jogo impecável. Alguns aspirantes passam anos da vida e gastam milhares de solaris tentando atrair a atenção do senhor da Agulha do Pecado, cujo apego implacável ao seu posto especial tornou-o o mais poderoso árbitro dos favores sociais na história da cidade.

O código de conduta na Agulha do Pecado não está escrito, mas é tão rígido quanto o de um culto religioso: se é pega trapaceando, a pessoa é condenada à morte. Se o próprio Arcon de Tal Verrar fosse detectado com uma carta na manga, não receberia ajuda nem mesmo dos deuses para se livrar das consequências. A intervalos de poucos meses, os funcionários da torre encontram algum aspirante a escapar da regra e mais uma pessoa morre discretamente de overdose alquímica em sua carruagem ou “escorrega” tragicamente de sua sacada, nove andares acima das pedras duras e chatas do pátio da Agulha do Pecado.

Locke Lamora e Jean Tannen precisaram de dois anos e um conjunto de identidades falsas para subir trapaceando até o quinto andar.

Na verdade, estão trapaceando agora mesmo, esforçando-se ao máximo para rivalizar com seus oponentes.

SOBRE O AUTOR



Scott Lynch já foi escritor freelance de RPG e teve uma série de empregos até seu primeiro livro ser publicado. Recebeu o prêmio de Melhor Revelação do British Fantasy Award e foi finalista do World Fantasy Award com *As mentiras de Locke Lamora*. A série dos Nobres Vigaristas já foi vendida para 28 países. Ele vive atualmente em New Richmond, Wisconsin.

www.scottlynch.us

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Capa

Créditos

Prólogo: O menino que roubava demais

Livro I: Ambição

Capítulo Um: O golpe contra Dom Salvara

Interlúdio: A explicação de Locke

Capítulo Dois: Segundo round no Espetáculo dos Dentes

Interlúdio: Locke fica para jantar

Capítulo Três: Homens imaginários

Interlúdio: O Último Erro

Livro II: Complicação

Capítulo Quatro: Na corte de Capa Barsavi

Interlúdio: O menino que chorou por causa de um cadáver

Capítulo Cinco: O Rei Cinza

Interlúdio: Jean Tannen

Capítulo Seis: Limitações

Interlúdio: Obras-primas em forma de pirralhos

Capítulo Sete: Pela janela

Interlúdio: Rio acima

Capítulo Oito: O barril fúnebre

Interlúdio: A Guerra dos Meias-Coroas

Livro III: Revelação

Capítulo Nove: Uma curiosa história para a Condessa de Vidrâmbar

Interlúdio: O professor das Rosas

Capítulo Dez: Aulas de dentes

Interlúdio: História dos velhos jogadores de handebol

Capítulo Onze: Na corte do Capa Raza

Interlúdio: A Senhora do Longo Silêncio

Livro IV: Desesperado improvisado

Capítulo Doze: O sacerdote gordo de Tal Verrar

Interlúdio: O conjurador de ferro branco

Capítulo Treze: Orquídeas e assassinos

Capítulo Catorze: Três convites

[Interlúdio: As filhas de Camorr](#)

[Capítulo Quinze: Picada de Aranha](#)

[Interlúdio: O trono reduzido a cinzas](#)

[Capítulo Dezesseis: A justiça é vermelha](#)

[Interlúdio: Uma pequena profecia](#)

[Epílogo: Falsaluz](#)

[Agradecimentos](#)

[Leia um trecho da próxima aventura dos Nobres Vigaristas: Mares de sangue](#)

[Prólogo: Uma conversa tensa](#)

[Livro I: Cartas na mão](#)

[Capítulo Um: Joguinhos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)